

Operação
Cavalo de Tróia II

J.J. Benitez

PDL
Projeto Democratização da Leitura
www.portaldetonando.com.br
Visite nossa biblioteca! Centenas de obras grátis a um clique!
www.portaldetonando.com.br

OPERAÇÃO CAVALO DE TRÓIA 2

J. J. Benítez

Operação Cavalo de Tróia

J. J. Benites

Tradução de

ARTUR GUERRA

Título original: Caballo de Troya II

Copyright (C) J. J. Benítez, 1989

Publicado originalmente por Editorial Planeta, S. A.

Direitos exclusivos reservados para Portugal por DIFUSÃO CULTURAL – Sociedade Editorial e Livreira, Lda.

Rua Luís de Freitas Branco, 3 A/B – 1600 Lisboa

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, por qualquer meio, sem autorização do Editor

Capa Original: António Diogo

Ilustração: Zé Paulo

Revisão e Conversão em PDF

Edu Lopes

Imagem de Capa Edição Virtual

Salvador Dalli

SUMÁRIO

DiáRIo (Segunda Parte).

9 de Abril, domingo (ano 30)... 11

10 de Abril, segunda-feira

de 11 de Abril, terça-feira, a 14, sexta-feira de 14 Abril, sexta-feira a 16 de Abril, domingo

Para Pedro Valverde Tort,

que acreditou em mim,

como eu em Jesus de Nazaré.

E pelas três horas e trinta minutos, depois de beijar o solo rochoso da cripta, deixei o horto de José de Arimateia. Os soldados da Fortaleza Antónia ali continuavam, desmaiados, como testemunhas mudas da mais formidável notícia: a Ressurreição do Filho do Homem.

Pelas cinco horas e quarenta e dois minutos daquele domingo de glória, 9 de Abril do ano 30 da nossa Era, o módulo descolou ao nascer do Sol. Ao elevarmo-nos para o futuro, uma parte do meu coração ficou para sempre naquele tempo e naquele Homem, a quem chamam Jesus de Nazaré

Assim acaba com estas frases, o primeiro volume desta obra.

Aqueles que o leram talvez recordem que no relato do major norte-americano se avançava já com aquilo a que o próprio Jasão chamou uma segunda viagem no tempo. Pois bem, neste segundo volume ele descreve essa nova e não menos fascinante aventura, interrompida nas linhas anteriores por razões puramente técnicas: era tanta a quantidade de documentação que se tornou necessário dividi-la, pelo menos, em duas partes.

Feito este esclarecimento e antes de passar à transcrição dessa segunda fase do diário, entendo também ser meu dever esclarecer mais dois pontos.

Primeiro: não seria honesto animar o leitor a continuar a leitura do presente trabalho sem antes ter tido a oportunidade de ler o volume anterior.

Eu explico. Dado que o que aqui se vai expor faz parte de um todo – o diário do Major -, com um enredo que, em grande parte, depende do já exposto nesse primeiro volume, o leitor que enfrentasse este volume ignorando o já publicado situar-se-ia – sem querer – em inferioridade de condições para compreender muitos dos pormenores técnicos, situações, objectivos e acontecimentos registados na chamada Operação Cavalo de Tróia.

Tudo isso me obriga, em suma, a sugerir ao leitor que, se não conhecer a minha obra anterior, adie para depois a leitura do livro que tem na mão.

Segundo: dada a natureza dos factos e das afirmações contidas nas páginas que constituem esta segunda parte do diário, atrevo-me a recomendar aos leitores cujos princípios religiosos se encontram irremediavelmente cristalizados na mais pura ortodoxia que, do mesmo modo, renunciem à presente informação.

Apesar de tais acontecimentos e apreciações sobre a infância de Jesus de Nazaré bem como as aparições do Mestre da Galileia após a sua morte e ressurreição terem sido tratados pelo autor do diário com absoluto respeito, algumas das revelações são – na minha humilde opinião – de tal magnitude que os espíritos pouco evoluídos ou de visão estreita poder-se-ão sentir ofendidos ou, pelo menos, desorientados.

Em contrapartida, para aqueles que permanecem na difícil senda da busca da Verdade, as sucessivas descobertas que irão surgindo à sua frente – estou firmemente convencido – contribuirão para enriquecer a sua alma e compreender melhor a figura, o contexto e a mensagem do Filho de Deus.

Estes, e não outros, foram e continuam a ser os meus objectivos ao escrever os dois livros.

Feitos estes esclarecimentos, entremos já plenamente nesta última parte do diário do Major.

O diário

(Segunda Parte)

Cinco horas e quarenta e três minutos.

Sessenta segundos depois da descolagem, o computador central - o nosso querido Pai Natal – respondeu com a sua habitual eficácia e minuciosidade, estabilizando o berço na cota prevista (oitocentos pés) para o imediato e delicado processo de inversão de massa da nave que deveria transportar-nos de volta ao nosso tempo: ao século xx. Mais exactamente, a 12 de Fevereiro de 1973.

Eliseu e eu trocámos um olhar significativo. Absortos nos preparativos para a descolagem, o meu irmão naquela primeira grande viagem e eu, que escrevo estas linhas, quase não tínhamos tido ocasião de comentar as minhas últimas e dilacerantes experiências ao pé da cruz e durante as tensas horas que precederam o amanhecer de domingo, 9 de Abril do ano 30.

Quando, finalmente, por volta das quatro horas, abordei o módulo, a minha expressão devia ser tão reveladora que Eliseu se manteve num respeitoso e prolongado silêncio. E mais uma vez me senti aliviado e agradecido pela sua extrema delicadeza. Recordo-me de, enquanto me desenvencilhava das roupas suadas e já malcheirosas que me tinham ajudado no meu papel de mercador grego, o meu companheiro, por iniciativa própria, ter ouvido a gravação efectuada durante a chamada última ceia. (Como já indiquei noutro ponto deste diário, eu ainda não tivera a oportunidade de a ouvir) E ambos, em silêncio, até às cinco

horas, nos deixámos arrastar pela voz do Rabi da Galileia: doce, firme e magnificente.

Conhecendo como conhecíamos toda a dimensão da tragédia que acabara de acontecer, os conselhos e as recomendações de Jesus aos seus íntimos surgiram perante mim com uma força e luminosidade indescritíveis. Como creio que já indiquei na devida altura, exceptuando João, o Evangelista, os outros escritores sagrados não conseguiram transcrever com fidelidade nem os factos nem o sentido daquela memorável ceia de despedida. Devo, porém, dominar-me. É necessário que eu saiba controlar as minhas emoções e a torrente de acontecimentos que se amontoam no meu cérebro e, em prol de uma maior clareza, prosseguir o meu relato sob a mais estrita ordem cronológica.

Espero que aqueles que chegarem a ler o meu legado saibam compreender e perdoar as minhas contínuas debilidades e faltas de jeito. A partir das cinco horas – a quarenta e dois minutos do alvorecer Eliseu e eu, enfiados nos fatos espaciais regulamentares, entregámo-nos de corpo e alma a uma exaustiva revisão dos equipamentos, prestando uma especialíssima atenção à fase crítica da descolagem.

Embora, como já frisei na devida altura, os técnicos do projecto tivessem programado a descolagem, o posterior estacionário da nave e o retorno dos eixos do tempo dos swivels de forma automática, uma pungente e lógica dúvida mantinha-nos tensos. E se falhasse qualquer uma das delicadas manobras já citadas? O que seria de nós? Provavelmente, foi esta passageira mas crescente excitação que, naqueles momentos, me libertou da profunda angústia que se aninhara no meu coração, provocada pelos onze dias agitados que vivera no Israel do ano 30.

Uma angústia – adianto já – que me marcaria para sempre.

Cinco horas e quarenta e um minutos.

O computador central, de acordo com o programado, accionou electronicamente o dispositivo de incandescência da membrana exterior da nave, eliminando assim qualquer germe vivo que pudesse ter aderido à blindagem do berço.

Esta precaução – como já expliquei – era de vital importância para evitar a posterior inversão tridimensional dos referidos germes num outro tempo ou enquadramento tridimensional. As consequências de uma entrada involuntária de tais organismos num outro mundo poderiam ter sido nefastas.

Cinco horas. Quarenta e um minutos. Trinta segundos.

O meu companheiro e eu – atentos ao Pai Natal – captámos a rápida aceleração das nossas respectivas frequências cardíacas: cento e vinte pulsações!. Cento e trinta!.

Estávamos a quinze segundos da ignição. Cinco horas.

Quarenta e dois minutos.

Oh, meu Deus!

As nossas frequências cardíacas alcançaram o limiar das 150 pulsações. O motor principal não respondia.

Cinco horas. Quarenta e dois minutos. Três segundos.

Vamos!. Vamos! Estamos prontos!

Eliseu e eu, com a voz entrecortada, começámos a animar o preguiçoso J85. Foram os segundos mais longos e dramáticos daquela última fase da operação.

Cinco horas. Quarenta e dois minutos. Seis segundos.

Uma vibração familiar sacudiu o módulo, ao mesmo tempo que o meu irmão e eu contínhamos a respiração. Por fim, a turbina a jacto CF-200-2V foi activada, elevando a nave com um impulso de mil quinhentos e oitenta e cinco quilos. Cinco horas.

Quarenta e três minutos.

Sessenta e seis segundos depois da descolagem, uma vez alcançados os oitocentos pés de altitude, os foguetes auxiliares, também de peróxido de hidrogénio e com quinhentas libras de potência máxima cada um, estabilizaram o módulo, controlando a sua posição. Embora a primeira fase de retorno - além dos angustiantes seis segundos de atraso na ignição do motor principal – se tivesse concluído sem grandes dificuldades, Eliseu e eu observámos com alguma preocupação que os tanques de combustível fixavam o tempo máximo de funcionamento, a partir do início do estacionário, em novecentos e dez segundos.

Era preciso agir com extrema diligência.

E o Pai Natal consciente, como nós, da perigosa escassez das nossas reservas de peróxido de hidrogénio, não se demorou na execução da seguinte e não menos delicada operação. Às cinco horas e quarenta e cinco minutos daquele 9 de Abril do ano 30, quando a orla superior do Sol já despontava por detrás da cinzenta linha do horizonte de Moab, na costa oriental do mar Morto, o nosso fiel computador central, que continuava a manter a incandescência da membrana exterior, accionou o sistema de inversão axial das partículas subatómicas da totalidade do berço, fazendo recuar os eixos do tempo dos swivels aos ângulos previamente estabelecidos pelos homens do Cavalo de Tróia, que correspondiam às sete horas do dia doze de Fevereiro de 1973.

No total, um salto de 709 612 dias, uma hora e quinze minutos. É de supor que, tal como acontecera na noite daquele histórico 30 de Janeiro de 1973, data do início da nossa primeira viagem no tempo, uma fortíssima explosão se fizesse sentir no cimo do monte das Oliveiras no momento exacto da inversão de massa. Mas, obviamente, desta vez não houve forma de confirmar este facto. Instantes após a substituição do nosso primitivo sistema referencial de três

dimensões pelo novo tempo – pelo nosso verdadeiro tempo – uma súbita claridade penetrou pelas escotilhas do módulo.

Eliseu e eu permanecíamos com o coração apertado e os olhos fixos nos dois pares de monitores dos cronómetros moniónicos, directamente ligados – graças ao Pai Natal – ao mecanismo de inversão axial dos swivels. A dança vertiginosa dos dígitos concluía com uma sequência que nos devolveu a calma e que, por sua vez, explicava aquela diferença substancial de luminosidade entre o momento da nossa partida do monte das Oliveiras e a que agora inundava a nave.

(O nascer do Sol naquele nove de Abril do ano 30 da nossa Era, tinha ocorrido, como referi anteriormente, às cinco horas e quarenta e dois minutos. Agora – mil novecentos e quarenta e três anos depois -, a aurora dera-se às seis horas e vinte e quatro minutos. A nossa súbita aparição sobre a Jerusalém moderna foi portanto, calculámos, trinta e seis minutos depois do nascer do Sol)

Antes de procedermos a uma comprovação visual – e de acordo com o plano de voo – foi preciso uma nova revisão dos sistemas que garantiam o estacionário do berço e, muito em especial, do mecanismo de emissão de luz infravermelha, vital para a camuflagem da nave. Tudo parecia funcionar perfeitamente.

Durante o processo de inversão de massa, a pilha nuclear SNAP-10A continuara a alimentar o motor principal, e tanto a nossa altitude como a posição no espaço não tinham variado.

Curtiss e o resto da tripulação de Cavalo de Tróia deviam encontrar-se a oitocentos pés, tão ansiosos e expectantes como nós. Eliseu chamou a minha atenção para o nível de combustível – limitado a seiscentos segundos – e assenti, tentando tranquilizar-me e tranquilizar o meu irmão com um leve sorriso. Ambos sabíamos que não podíamos demorar a

descida sobre a mesquita da Ascensão. O menor erro, a mais pequena dúvida ou qualquer variação que efectuássemos do estrito programa previsto para a aterragem podia ser fatal.

Alguns segundos antes de fazermos a ligação à base em terra, digitámos novamente o computador central, solicitando informação sobre o grau de absorção das ondas decimétricas pela membrana exterior. Se esta falhasse, os radares militares israelitas não tardariam a detectar-nos.

O Pai Natal tranquilizou-nos. Para começar, supondo que uma estação de rastreio – em especial a situada no monte Hérmon – tivesse captado algo de anormal a oitocentos pés sobre o monte das Oliveiras, o possível eco, por não ter retorno, teria sido identificado pelos operadores de radar como uma zona de silêncio, relativamente habitual neste tipo de operações.

Não tínhamos tempo a perder. E, após uma rápida localização visual do octógono e dos hangares levantados no recinto interior da mesquita, Eliseu e eu iniciámos a última fase do Programa Apolo XI. Visto que aqueles últimos minutos da grande viagem tornavam absolutamente necessária a comunicação por rádio entre o módulo e o novo ponto de contacto, os homens de Cavalo de Tróia tinham inventado um código idêntico ao utilizado por Armstrong e Aldrin para contactar Houston no memorável 20 de Julho de 1969, quando o homem pôs o pé na Lua pela primeira vez. Desta forma, qualquer infiltração estranha ao projecto na banda de emissão= só serviria para confundir o hipotético intruso. Uma vez introduzida a banda integrada S, Eliseu pegou no microfone e, sem conseguir disfarçar a sua emoção, perguntou:

- Aqui águia. Está alguém aí?.

Segundos depois, a voz de CAPCOM – o suposto Houston – retumbava nos nossos ouvidos e nos nossos corações – porquê ocultá-lo?como a mais doce das melodias.

- Aqui Houston. Bem-vindos a casa. Estamos a receber-vos cinco por cinco.

Eliseu, responsável pelas comunicações, respirou fundo e, depois de comprovar de novo o nível do peróxido de hidrogénio, anunciou: - Roger, escuta. Estamos a oito por cento de combustível. A advertência deve ter soado como um trovão entre os homens de Curtiss.

- Aqui CAPCOM. Entendi: oito por cento.

- Afirmativo – respondeu Eliseu, adoptando uma falsa tranquilidade. - Estamos prontos para aterrar. Câmbio. - Roger, entendido. Altitude: oitocentos pés. Podem ligar o pára-brisas monitorizado 3.

* Naquela época, as ondas utilizadas habitualmente pelos radares militares de Israel oscilavam entre os 1347 e os 2402 megaciclos. (Nota do Major)

2 As comunicações entre o módulo e os equipamentos situados em terra tinham sido estabelecidas na chamada banda integrada S, que se encontra no sector das ondas de rádio ultracurtas.

Abrangendo frequências desde 1550 até 5200 megaciclos, correspondentes a comprimentos de onda de 58 a 19 centímetros.

Por razões de segurança não estou autorizado a revelar a frequência específica utilizada neste caso. (N. Do M)

Este revolucionário sistema de navegação às cegas, que algum dia será largamente utilizado na aviação comercial, consiste, em síntese, num pára-brisas monitor no qual são projectados todos os dados necessários para a aterragem, perfeitamente sobrepostos à paisagem ou a um desenho informático que reproduz fielmente o ponto de aterragem. No nosso caso, Cavalo de Tróia desenhou um sistema modificado MLS O Pai Natal, que já considerávamos da família, respondeu à minha ordem desenhando no monitor um túnel

sintético e quadrangular em cujo centro estava igualmente digitalizada a imagem da nave. Agora tudo era apenas questão de dirigir a descida do módulo pelo interior do túnel. O fundo deste túnel mais não era do que o reduzido hangar onde devíamos pousar o berço.

- Roger – interveio Eliseu -, Águia a postos. Túnel no ecrã. - Aqui CAPCOM. Agora só têm de deixar-se conduzir pela mamã Curtiss. Câmbio.

- Aqui Águia. Lá vamos nós. Setecentos e cinquenta pés.

Oscilação nula e continuamos a descer. - Águia, muito bem.

Altitude: setecentos pés. Descendo a vinte e três pés por segundo. Podem reduzir para vinte? Câmbio.

- Roger, entendido. Reduzimos para vinte. Seiscentos e oitenta pés e vinte abaixo. Seiscentos e dez pés. Quinhentos e oitenta. Quinhentos e quarenta pés. A voz de CAPCOM interveio subitamente, cortando Eliseu:

- Atenção, Águia!. Detectámos rajadas de vento a quinhentos pés. Quarenta e cinco graus e quinze nós.

- Repita, Houston.

Tanto Eliseu como eu sabíamos que, naquelas circunstâncias críticas, um dos piores contratempos podia ser justamente este. Uma rajada de vento de trinta quilómetros por hora, como a anunciada pela estação em terra, era capaz de deslocar o frágil módulo, tirando-nos do túnel sintético que nos servia de guia electrónico. Se isso chegasse a acontecer e não fôssemos suficientemente hábeis para fazer regressar a nave a tão particular túnel de descida, a aterragem podia fracassar.

- Repita Houston – insistiu o meu companheiro.

- Aqui CAPCOM. Estamos a ler: vento a quinhentos. Direcção: quarenta e cinco graus e quinze.

- Aqui águia. Entendi quarenta e cinco graus e quinze nós.

- Afirmativo, Águia. Afirmativo. Reduzir ao máximo. Reduzir a nove e segurem-se com força até ter passado.

- Roger, Houston – indicou Eliseu, fazendo-me sinal para que aumentasse a potência dos retrofoguetes auxiliares -, quinhentos e dez pés e descendo a nove. Quinhentos pés.

Quatrocentos e oitenta pés e mantendo nove pés por segundo.

Tal como temíamos, as rajadas de vento noroeste fizeram oscilar o Hberço. E, apesar dos meus esforços para controlar

* (Microwave Landing System) que, localizado em terra, simplificava a operação de aterragem, projectando, para o módulo um sinal que o computador central descodificava sob a forma de túnel sintético, com efeito de perspectiva.

Permitindo assim uma aproximação cómoda e automática.

Estruturalmente, um sistema deste tipo é formado por quatro elementos básicos: um gerador de símbolos (um tubo de raios catódis que visualiza as informações de pilotagem recebidas do MLS); um sistema de focalização; um espelho plano que recebe as informações projectadas pelo sistema de focalização e as dirige para a óptica de colimação e a própria óptica de colimação. (N do M)

Direcção do vento: quarenta e cinco graus (Nordeste). com uma velocidade de vinte e cinco nós (cerca de trinta quilómetros por hora). (N. Do M)

os oito pequenos motores de posição, a imagem digitalizada do módulo acabou por atravessar as linhas amarelas que configuravam o túnel de descida, fazendo disparar todos os alarmes acústicos e luminosos.

- Aqui Houston. Perda de contacto com MLS. Desvio a duzentos e vinte e cinco graus. Calma, rapazes.

- Aqui Águia – respondeu Eliseu, com os olhos fixos no pára-brisas monitorizado, onde o módulo aparecia, de facto, desviado horizontalmente uns noventa pés. - Jasão luta com essas malditas válvulas. Estamos estabilizados a quatrocentos e cinquenta pés.

- Roger, Águia. Escutamos. Câmbio.

- Aqui Águia. Motores na máxima potência. Inclinação do

módulo trinta e três graus. Repito: estabilizados horizontal-mente a quatrocen tos e cinquenta pés e recuando para MLS. Quarenta pés atrás. Já estamos quase.

- Roger, Águia. - a voz de CAPCOM soou repousada, numa tentativa de acalmar os nossos ânimos. - Um pouco mais.

- CAPCOM, estamos a tentar mas este maldito vento, Inclinação trinta graus e continuamos a quatrocentos e cinquenta pés... Raios! Só faltava isto!...

- Aqui CAPCOM. O que é que está a acontecer agora? Câmbio Sujeitos a uma força máxima, os motores estavam a dar boa conta das reservas de peróxido de hidrogénio cada vez mais reduzidas. E nesse instante, quando a nave recuara oitenta pés no seu voo horizontal, em busca do interior do túnel de descida, o nível de combustível – reduzido a cinco por cento – fez soar um novo alarme.

- CAPCOM, aqui águia. Temos luz quantitativa. Alarme m duzentos e um. Leitura de combustível: cinco por cento. Vamos activar a última reserva. Câmbio.

- Roger, Águia. Autorizado tanques onze.

- Okay. Tanques onze.

- Águia, diz-me o combustível. Câmbio.

- Com a reserva, tempo máximo de funcionamento, cento e oitenta segundos. Que Deus nos ajude! Mas o módulo, obediente tinha vencido a força do vento, colocando-se de novo no centro do túnel. E a voz de Houston soou cinco por cinco: - Aqui CAPCOM. Adiante, Águia.

Restabelecida a ligação MLS. Comece a descer.

- Roger, graças aos céus. Lá vamos de novo. Quatrocentos pés e continuamos a descer. Trezentos e setenta pés e descendo a nove pés por segundo. Inclinação nula ainda que continue a oscilar.

- Roger. Parece que as coisas agora estão a ir bem.

Informação sobre o combustível. Câmbio.

** Como já descrevi anteriormente, o berço dispunha de oito pequenos motores -foguetes. Cada um deles era accionado por uma válvula selenóide individual com in tervalos. Como um avião pequeno, o piloto controlava o movimento de levantar e bai xar por meio do movimento proa-popa e a oscilação pelo movimento direita-esquerda de uma alavanca. O controlo da guinada e os referidos movimentos estavam ligados electricamente às válvulas. (N. Do M)*

2 Tanques on: o módulo tinha praticamente esgotadas as reservas exteriores de combustível e procedeu à ignição dos tanques interiores. O volume total de peróxido de hidrogénio era então de, apenas, sete por cento. (N. Do M)

- Okay, CAPCOM. Leio cento e vinte segundos e descendo para

- Aqui CAPCOM. Entendi cento e vinte segundos. Câmbio.

- Afirmativo. Altitude: duzentos e vinte pés e reduzimos a quatro e meio. Cento e sessenta pés e quatro pés e meio por segundo. - Okay, Águia. Vamos, mais um pouco. Ó Mamã Curtiss está já a ouvir o seu assobio. Câmbio.

O controlo em terra referia-se ao ruído dos motores, amortecido pelos potentes silenciadores. Aqueles últimos metros foram para mim – responsável pela aterragem – os mais ingratos e penosos. As rajadas de vento – oscilando entre os quinze e vinte nós – empurravam constantemente o berço contra as paredes do túnel, electrónico, obrigando o computador central e eu próprio a uma contínua correcção da trajectória.

Quando, por fim, Eliseu anunciou os últimos noventa pés, as minhas mãos e a minha testa estavam banhadas de abundante suor.

- CAPCOM. Aqui Águia. Descendo, descendo. Noventa pés de altitude. Já podemos ver a plataforma no interior do hangar.

Descemos para metade. Quarenta e cinco pés e mantendo os três pés por segundo. Câmbio. - Roger, Águia. Tudo em ordem. Qual é a leitura do combustível? - Aqui águia. Tempo

máximo de funcionamento: sessenta segundos. Quarenta pés. Adiante, adiante. Trinta pés e descendo a três por segundo. Parece que apanhamos alguma poeira. Para baixo metade. Trinta segundos.

- Roger, Águia. Quase vos podemos tocar com a mão. Câmbio.

- Aqui Águia. Vinte pés. Quinze. Nove pés. Luz de contacto.

Graças a Deus! Quando os apoios amortecedores de choque dos quatro pés do módulo estabeleceram contacto com a plataforma da mamã Curtiss, o computador central desligou automaticamente os motores. A leitura do tempo máximo de funcionamento deixou-nos sem fala: Dez segundos.

Eliseu suspirou, aliviado, ao mesmo tempo que esperava a ordem de desactivação do escudo protector de infravermelhos.

- Aqui CAPCOM. Bem-vindos. Registámos paragem de máquina.

Câmbio.

- Okay, CAPCOM. Autorizados anulação ordem de subida? Câmbio. - Afirmativo, águia. Proceder à desactivação camuflagem radiação infravermelha e incandescência membrana exterior. Têm aqui um grupo de rapazes à beira do desmaio.

Respiramos de novo. Muito obrigado. Câmbio. - Aqui Águia.

Obrigado nós.

- CAPCOM. Estão bem? Câmbio.

* O arrefecimento da membrana que cobria a blindagem exterior do berço" - cuja espessura era de 00329 metros – requeria, no mínimo, três minutos. Este revestimento poroso da nave, de cerâmica, tinha um elevado ponto de fusão: 726064 graus centígrados, sendo o seu poder de emissão externa igualmente muito alto. A sua condutividade térmica, em contrapartida, era muito baixa: 207113x106 Col/em/s/oC. (N. Do M)

- Perfeitamente. Vamos estar ocupados durante alguns minutos. E o silêncio reinou no interior do nosso querido berço, e apenas foi quebrado pelo crescente repicar dos interruptores que iam sendo desligados.

Às sete horas e dezassete minutos daquele dia 12 de Fevereiro de 1973, ao abandonar o módulo, Eliseu e eu concluíamos assim a primeira e mais fascinante viagem jamais feita antes por algum ser humano – Que longe estávamos de imaginar que em breve – muito antes do que alguém poderia supor – o meu irmão e eu nos veríamos envolvidos nu ma segunda e não menos incrível aventura!

Quando descemos do módulo, uma salva de aplausos devolveu-nos à realidade. Os técnicos da Operação Cavalo de Tróia, com o general Curtiss à frente, lançaram-se literalmente para cima de nós, abraçando -nos. Durante alguns minutos, tal como acontecera onze dias antes por ocasião da nossa partida, formou-se um nó em todas as gargantas. E os olhos do veterano Curtiss apesar de todo o seu esforço, humedeceram-se. Mas aquela alegria duraria pouco.

Nessa mesma manhã, enquanto os engenheiros se dedicavam à vertiginosa desmontagem do berço, Curtiss e os directores do Projecto, sentados diante das respectivas e fumegantes chávenas de café, estavam prestes a receber duas notícias que mudariam o rumo da operação.

De acordo com o estabelecido, uma vez concluída a missão, o trabalho dos homens de Curtiss deveria centrar-se em dois objectivos fundamentais: a já referida desmontagem do módulo, permitindo a entrada dos técnicos israelitas na estação receptora de fotografias procedentes do satélite artificial Big Bird e, juntamente com o berço e os instrumentos utilizados na grande viagem, o nosso regresso imediato aos Estados Unidos.

Concretamente, à Base Edwards, onde, sempre em segredo,

tinha sido prevista uma análise exaustiva da informação e do material trazido pelos exploradores. A primeira notícia – a minha notificação ao chefe do projecto sobre a perda do microfone, camuflado na noite de Quinta-Feira Santa na base do candeeiro que iluminava a cháma da última ceia, no andar superior da casa de Elias Marcos – caiu como um balde de água fria.

Umà das regras de ouro da operação estabelecia precisamente que nenhum dos exploradores de outro tempo podia regressar com objectos, manuscritos ou materiais próprios da tal época. Isto era sagrado. E, da mesma forma, os membros de cada expedição estavam obrigados a zelar pelos seus próprios instrumentos e equipamentos, não permitindo, sob qualquer circunstância, que caíssem em mãos alheias ou, simplesmente se perdessem.

A rigidez do nosso código moral chegava a tais extremos que, em caso de máxima emergência, qualquer um dos dispositivos tecnológicos manipulados na missão que ficasse gravemente comprometido devia ser destruído. Só as peças ou objectos que se pudessem associar ao momento histórico que motivou a exploração – como era o caso das esmeraldas por mim oferecidas a Pôncio Pilatos e ao comandante da Fortaleza Antónia Civilis, ou o ouro destinado à obtenção de moeda em circulação legal na Palestina do ano 30 – estavam autorizados e podiam ser incorporados no fluxo rotineiro da referida sociedade.

Daí que o extravio involuntário do diminuto e sofisticado microfone – desenhado e construído pelos especialistas da ATT (American Telecone and Telegraph) para esta missão – perturbasse o ânimo de Curtiss e do resto da equipa.

E, embora compreendessem que as consequências do triplo sismo registado nas primeiras horas da tarde de sexta-feira, 7 de Abril do mesmo ano 30, em Jerusalém, eram totalmente imprevisíveis para mim e para qualquer outro explorador, só a ideia de ter lá deixado uma peça tão específica do século

xx num contexto histórico-geográfico – remoto e alheio a tal tecnologia, começou a obcecar o director da operação. (Sinceramente, agora dou graças aos céus pelo meu erro involuntário e, sobretudo, pela ideia obsessiva que então brotou no cérebro do general) E foi ao longo daquele primeiro exame superficial da nossa exploração e, quase sem querer e como consequência do comentário acerca do triplo abalo sísmico, alguns directores do projecto se mostraram especialmente interessados na natureza de tais tremores.

Logicamente, enquanto sismogramas ou registos permanentes instalados no berço não fossem enviados para os Estados Unidos e decifrados por pessoal qualificado, as nossas apreciações tinham o valor de simples hipóteses. No entanto, havia algo que estava claro naqueles primeiros momentos: o terceiro estremecimento do módulo – quando os sismógrafos já se tinham detido – só poderia ter sido o efeito da presença de uma onda expansiva. Esta firme convicção de Eliseu, que sofrera os dramáticos sessenta e três segundos de duração estimada de ambos os sismos – a bordo do módulo, foi confirmada pela inconfundível presença nos sismogramas das ondas P, características das explosões nucleares subterrâneas 1.

A surpresa e o embaraço dos homens de Cavalo de Tróia, como disse, foram tais que, nesse mesmo instante, Curtiss saiu do hangar onde fora montada a estação de recepção de imagens e que servia de quartel-general improvisado, regressando poucos minutos depois com os registos dialógicos e digitais. Estes últimos só podiam ser descodificados por conputador.

Por isso Curtiss, ajudado pelos directores e pelo próprio Eliseu, examinou as oscilações registadas no papel térmico. Lá estava, efectivamente, a série de ziguezagues provocada pelas mencionadas ondas P ou primárias. No segundo abalo – avaliado depois pelos especialistas como tendo uma magnitude situada entre 60 e 69 -, este grau de ondas

aparecia em primeiro lugar e com extraordinária clareza. Curtiss, encerrado num profundo mutismo, deixou-se cair na cadeira. Suponho que os seus pensamentos eram muito semelhantes aos do resto da equipa: uma explosão nuclear subterrânea em pleno século I? E justamente no momento crítico em que morria o Filho do Homem? Como entender aquele absurdo?

* energia libertada num terramoto propaga-se na rocha sob a forma de ondas. Embora os seus padrões sejam muito complexos, constantemente modificados pelas variedades de reflexão, difracção, refracção e dispersão das ondas, internacionalmente foram divididas em três grupos: P, S e L. As P" ou primárias, de impulsão, compressão ou longitudinais, propagam-se no interior da Terra a uma velocidade média entre 6 e 113 quilómetros por segundo. Sendo as primeiras a chegar à estação de registo. Nas explosões nucleares subterrâneas, este tipo de ondas P, é característico e muito forte, comparado com as L ou superficiais. (N. Do M)

- A não ser que estejamos perante outro tipo de fenómeno.

Murmurou o general, quase para si mesmo.

- De qualquer forma – interveio acertadamente outro membro do Programa -, é preciso aguardar os resultados definitivos.

Todos estivemos de acordo. No entanto, o velho general, em cuja mente rondava já uma nova e audaciosa ideia, sugeriu que tais análises fossem feitas sem demora.

Agora, com o passar do tempo, não parece tão estranho ou casual que nesse momento em que Curtiss ia guardar os preciosos sismogramas, decididamente disposto a enviá-los para os Estados Unidos no mesmo dia 12 de Fevereiro de 1973, um dos seus ajudantes irrompesse no hangar para entregar ao general um sobrescrito fechado. Quando pegou nele, todos pudemos distinguir no verso o emblema da embaixada do nosso país em Israel.

Após alguns segundos de leitura atenta, o seu rosto ficou sombrio e os seus olhos de falcão acabaram por se fixar nos meus, passando depois a fulminar os de Eliseu. O meu irmão e eu entreolhámo-nos, sem compreendermos. Não houve

tempo para mais nada. Curtiss guardou o documento e levantando-se pediu licença para se ausentar.

Que tinha acontecido? A que se devia aquela alteração no semblante do general? Por que motivos o seu olhar se fixara em nós?

Aquela carta, procedente da embaixada dos Estados Unidos em Israel, continha a segunda notícia que, como observei anteriormente, contribuiria – e de que forma! - para a alteração dos planos da aparentemente concluída Operação Cavalo de Tróia.

Alguns dias mais tarde. Agora ao redigir este diário, estremeço ao pensar no que podia ter acontecido se essas análises médicas tivessem sido feitas na data inicialmente prevista. Mas o destino, uma vez mais, tinha outros planos.

Foi então, ao ficar sozinho no meu quarto do Hotel Ramada Shalom, a discreta zona de Beit Vegan, que toda a angústia acumulada no meu coração começou a aflorar, fazendo-me mergulhar num confuso mar de sensações, recordações e sentimentos. Não podia enganar-me a mim mesmo. Apesar do meu cepticismo inicial e de todo o meu treino, o meu contacto com Jesus de Nazaré e,sobretudo, a sua terrível morte, tinham-me marcado para sempre.

Eu sabia que nada na minha vida ficaria igual depois daquele encontro com o Mestre da Galileia. A minha condição humana, as minhas debilidades e os meus múltiplos erros não iriam mudar. No entanto, a minha forma de ver a vida e os meus sentimentos mais íntimos já não eram como dantes.

Que se passava comigo? Porque se sentia a minha alma tão abatida? Porque me importunavam a figura, as palavras e até os silêncios daquele Homem? Eu era somente um explorador. Um simples observador. Porque pareciam fraquejar toda a minha inteligência e pragmatismo? Durante várias horas, no silêncio do meu quarto, procurei uma

solução. Tentei chegar a conclusões. Foi inútil.

No centro da minha existência, e para sempre, instalara-se um nome: Jesus de Nazaré. E ao descobri-lo chorei desesperadamente. Chorei como nunca tinha chorado antes: com medo, alegria, raiva e a amargura daquele que sabe que nunca mais poderá voltar a ter uma experiência tão singular. Uma vez mais eu me enganava.

Nas primeiras horas da tarde – graças aos céus – um telefonema libertou-me de tão sombrios e atormentados pensamentos. Era Curtiss. O tom da sua voz tranquilizou-me.

Queria jantar connosco.

E às dezanove horas e trinta minutos um táxi parava em frente do restaurante Shahrazad na estrada de Jerusalém para Belém, muito perto do famoso túmulo de Raquel. Curtiss apresentou-nos ao proprietário, Michael Klair, um árabe tão discreto quanto excelente cozinheiro. O general já tinha provado as especialidades da casa e desejava compartilhar com Eliseu e comigo umas horas de sossegado e relaxante convívio.

Pouco a pouco iríamos descobrindo que eram outras as intenções do chefe do Projecto.

Enquanto saboreávamos os primeiros pratos – à base de saladas árabe e turca -, a velha raposa mostrou-se interessada na nossa saúde, insistindo, o que era suspeito em aspectos e pormenores muito concretos. Mas, nem Eliseu nem eu tínhamos notado nos nossos respectivos organismos alterações semelhantes às insinuadas por Curtiss. Era a segunda vez que o veterano oficial, com as suas veladas interrogações, deixava entrever que aquele salto no tempo talvez provocasse sérios transtornos psíquicos ou fisiológicos. Desta vez não pude ou não soube conter-me.

E supliquei-lhe abertamente que falasse com clareza. Que estava ele a ocultar? Que espécie de repercussões podia ter a nossa grande viagem? Mas o general, arrependendo-se do

passo dado, adoptou um tom falsamente jovial, pedindo-nos que desculpássemos aquele enorme desmancha-prazeres. A operação – segundo as suas palavras -

* Aquela segunda-feira, 12 de Fevereiro, foi especialmente intensa Mas tentarei organizar as minhas lembranças e sensações.

Nessa mesma manhã, uma vez interrompida a reunião com o general. Os directores do Programa consideraram que a nossa presença na mesquita da Ascensão já não era necessária e que, em boa lógica, depois de efectuados os obrigatórios e rotineiros exames médicos, podíamos dispor do resto do dia como muito bem entendêssemos.

Se tudo corresse como até àquele momento, na quinta-feira, 15, ou o mais tardar no dia 16 desse mês de Fevereiro, o módulo e os equipamentos auxiliares encontrar-se-iam totalmente embalados e prontos para serem transferidos para o coração do deserto de Mojave. Nós, e grande parte dos sessenta e um integrantes do Projecto, viajaríamos com o material que, supostamente, tinha servido para instalar e pôr em funcionamento a estação receptora de fotografias. Os Israelitas que continuavam a vigiar o exterior do octógono, não se mostravam nada inquietos ou nervosos.

Tudo, enfim parecia decorrer na mais perfeita tranquilidade.

Os check-ups médicos, não muito rigorosos dada a precaridade das instalações, quase não chamaram a atenção dos médicos. Eu acusava um grau de esgotamento ligeiramente superior ao de Eliseu, mas dentro dos limites previsíveis numa operação daquela natureza. E, embora o meu aspecto físico não fosse nada animador – fruto sem dúvida, da tensão e das vigílias -, os especialistas despediram-se de mim com um grande sorriso.

Na realidade, segundo o programado por Cavalo de Tróia, os exames médicos em profundidade só teriam lugar na Base

Edwards, tinha sido um êxito e o próprio doutor Kissinger, então conselheiro do presidente Nixon, lhe telefonara mostrando interesse pelo Projecto e dando-lhe parabéns pelos resultados. Esse foi um novo erro do nosso bom amigo – Kissinger? - encurralou-o Eliseu com o seu proverbial descaramento. - Pelo que sei ele foi para Hanói no dia 22 de dez.

Curtiss hesitou.

- Diga-nos, general – pressionou o meu companheiro – o que que está a acontecer? Que relação existe entre esse telefonema e a carta que o senhor recebeu ainda esta manhã? Antes que o chefe do Programa, todo atrapalhado, pudesse reagir, apoiei as perguntas de Eliseu com um comentário que até a mim l surpreendeu:

- Olhe, general, além de contar com a nossa absoluta discrição, de saber que, tanto o meu companheiro como eu, estamos dispostos a regressar.

Eliseu olhou para mim fixamente, adivinhando as minhas intenções . - Não me pergunte como, mas desde a reunião desta manhã no hangar que sei que o senhor acalenta uma ideia. Uma ideia – insisti com toda a convicção de que fui capaz – que aplaudimos e fazem nossa. É preciso voltar e recuperar esse microfone.

Curtiss, gratamente surpreendido, limitou-se a esboçar um amplo so riso, concordando com um movimento de cabeça.

- E agora, por favor, responda às perguntas do meu companheiro: O que é que está a acontecer?

- Está bem – suspirou o general -, talvez a vossa intuição facilite as coisas. Eu explico. Durante o desenvolvimento da operação aconteceram certos factos, digamos, preocupantes. Nos primeiros dias de Janeiro, como devem recordar, vi-me obrigado a ir a Washington em busca de uma solução para a difícil situação criada pela DIA 1 e pelo então director da CIA Helms.

Os serviços secretos tinham detectado a existência do nosso Projecto e exigiam, a todo o custo, que os mantivésse mos informados. Por sugestão expressa do doutor Kissinger, o próprio Nixon aconselhou a demissão de Helms, que foi substituído por James Schlesinger. Este homem de confiança de Nixon tomou posse da direc ção da CIA no passado dia seis.

Justamente quando vocês se encontravam do outro lado. Pois bem, Schlesinger, que vem do Gabinete de Orçamentos do Presidente Nixon, decidiu agilizar a maldita Agência Central de Informação, multiplicando os seus homens e meios no Médio Oriente 2.

- Não vemos que relação.

O general pediu-nos que tivéssemos calma.

- Infelizmente, existe – prosseguiu num tom grave. -

* DIA: Agência de Informação da Defesa. (Nota do Tradutor) 2 Durante a Guerra do Vietname, entre 1967 e 1969 o Governo dos Estados Unidos dedicou seis mil milhões de dólares anuais a actividades de espionagem, empregando cento e cinquenta mil pessoas em tais tarefas. A CIA, neste caso, teve o maior quinhão. De facto, a partir da tomada de posse de Schlesinger, a CIA desviou a sua acção do Sudeste Asiático, passando a considerar o Médio Oriente como a área geográfica do próximo campo de fricção dos Estados Unidos. (N. Do M)

Schelesinger, homem frio e astuto. Para começar, pediu calma a esse ninho de incompetentes, e a CIA, aparentemente, parece ter-se esquecido de nós. A realidade é outra. Desde há umas horas que

duplicou o número de agentes ao serviço dessa ratazana, tanto em Israel e Amã como em Saidan. Esta manhã, como sabem, recebi, através do nosso embaixador, um comunicado urgente.

Devia apresentar-me imediatamente na sede da embaixada. Lá, para minha surpresa, puseram-me em contacto com Kissinger.

Justamente para hoje, doze de Fevereiro, e como medida Complementar de distracção que contribuísse para um retorno mais confortável e seguro do módulo, Kissinger tinha orquestrado a tão esperada troca de prisioneiros da guerra do Vietname.

E assim foi. Durante horas, a atenção mundial esteve concentrada em três locais diferentes e foram libertados cento e quinze norte-americanos. O doutor Kissinger parte esta mesma noite da Base Clark, nas Filipinas, rumo a Washington. Antes, porém, amanhã mesmo, para ser mais exacto, fará escala em Atenas. E ali terei com ele uma entrevista que, não vos escondo, poderá ser decisiva. Enquanto Curtiss bebia a sua segunda taça de vinho do Hébron, aproveitei para lhe fazer umas perguntas sobre algo que eu não conseguia compreender.

- Porque é que o senhor, meu general, diz que o cerco da CIA não é o pior?

- A minha conversa telefónica foi breve. Depois de voltar de Atenas talvez possa responder a essa pergunta com precisão. No entanto, a julgar pelo que insinuou o conselheiro presidencial, estou realmente autorizado a comunicar-lhes que a estação receptora de imagens do monte das Oliveiras se encontra gravemente ameaçada.

O general adiantou-se aos nossos pensamentos e acrescentou:

- Ameaçada porquê e por quem? Só lhes digo uma coisa: o tema é suficientemente sério e urgente para que Kissinger, que deveria permanecer quatro dias em Hanói, antecipasse o seu regresso aos Estados Unidos.

- O Governo de Golda Meir sabe isso?

- Ignoro-o – respondeu Curtiss com um gesto de impotência. - Essa será outra das questões a tratar em Atenas. Longe de nos acalmarem, as revelações do director do Projecto acrescentaram novas dúvidas aos nossos corações. Que tipo de ameaça pairava sobre a estação receptora de imagens do Big Bird? Mas, sobretudo, como conjugar aquele marasmo de intrigas com a ideia, implicitamente aceite pelo general, de regressar ao tempo de Cristo?

Naquela madrugada, enquanto o acompanhávamos ao aeroporto internacional Ben Gurion, em Lod, uma sensação muito familiar me percorreu o ventre. Era o prelúdio – quase me atreveria a afirmar que era um aviso – de uma iminente cadeia de acontecimentos.

Curtiss, com a sua proverbial prudência, escolheu um voo regular da companhia judaica El Al para voltar à Grécia. E antes de partir, levado quem sabe se por uma força oculta ou misteriosa, deixou no ar um pedido que a mim, pessoalmente, me fez alimentar certas esperanças. - Não sei se deva. - sussurrou, detendo-se diante da pequena escultura erguida em memória do piloto Dan Heymann -, mas mesmo que seja só por uma vez na minha vida, quero seguir a minha intuição.

Acariciou a delicada estatueta que representava um ser humano com asas, ligeiramente inclinado para trás e em atitude de levantar voo, comovido, sem dúvida, perante o curioso encontro com uma imagem tão próxima dos nossos mais íntimos desejos.

-. Se não acontecer um milagre – acrescentou – o nosso regresso a Edwards pode atrasar-se indefinidamente.

Aceitando em princípio tal circunstância e contando com a vossa absoluta discrição, posso pedir-vos uma coisa?.

Aquela inegável demonstração de confiança encheu-nos de satisfação E, como um só homem, incentivámo-lo a continuar.

- Quero que façam um plano de trabalho. - o general parecia arrepender-se daquela decisão espontânea, mas, após alguns segundos de ansioso silêncio, concluiu: - para a recuperação desse microfone. É claro que tudo isto é tão provisório como confidencial. Ah, e esqueçam -se da fase de lançamento! Quero unicamente – sublinhou com ênfa se – as linhas mestras de uma possível segunda exploração. Boa sorte! Ver-nos-emos quando eu voltar.

Mudos e imóveis como estátuas, vimos desaparecer aquele homem imprevisível. Já não havia tempo para lhe fazermos qualquer das muitas perguntas que começavam a brotar nos nossos desconcertados cérebros. A viagem de volta a Jerusalém foi muito significativa. Nenhum de nós pronunciou qualquer palavra. No entanto os nossos pensamentos – assim mo confirmaria Eliseu nessa mesma manhã do dia 13 de Fevereiro - giraram em torno da mesma preocupação: a incrível possibilidade de uma segunda grande viagem.

Procurando acalmar os nossos próprios ânimos, concedemo-nos um tempo de repouso. Às treze horas voltaríamos a reunir-nos e trocaríamos impressões. Pretensão inútil. Meia hora depois de me ter metido na cama, voltei a vestir-me, presa de uma crescente excitação, e fui bater à porta do quarto do meu irmão. Eliseu, tão alterado como eu, nem sequer tinha tentado adormecer. Naquele momento não conseguia compreender por que motivo o meu organismo – depois de mais de quarenta e oito horas de vigilia – não acusava qualquer cansaço.

O facto é que, com um entusiasmo febril nos embrenhámos

na elaboração de uma série de possíveis planos de trabalho. Ao fim de duas horas intensas de trabalho acabámos por claudicar. Apesar da infinidade de parâmetros manipulados, os esquemas e rascunhos chocavam-se sempre com duas incógnitas fundamentais. Por um lado, de quanto tempo real iríamos dispor na hipótese de que a segunda exploração fosse, de facto executada? Por outro, quais deveriam ser os pontos de lançamento e de contacto? Sem esta informação prévia, as nossas ideias e a nossa boa vontade eram quase estéreis.

- Além disso – lembrou Eliseu com razão -, porquê forjarmos esperanças quando não há nenhuma certeza? Seria melhor esquecermos este assunto.

Permaneci em silêncio durante algum tempo analisando a lógica esmagadora do meu companheiro. Mas graças a Deus, acabei por me revelar contra o senso comum, animando Eliseu a prosseguir naquele aparente absurdo.

- Se nós – fiz-lhe ver com todo o meu entusiasmo -, que vivemos uma experiência tão extraordinária, não conseguirmos avivar o desejo de Curtiss, quem é que tu pensas que estará em condições de o fazer?

E, após uma pausa estudada, colocando as minhas mãos sobre os seus ombros e encarando-o fixamente, acrescentei:

- Temos de conseguir. Eu quero, preciso de voltar.

Um calafrio percorreu-me o corpo, ao aperceber-me de que imitara inconscientemente uma das atitudes de Jesus de Nazaré quando falava ou se dirigia a alguém que apreciava. Eliseu deve ter reparado e, pela primeira vez, abriu o seu coração, confessando-me uma coisa em que eu não tinha reparado durante a nossa permanência na Palestina do ano 30. - Sim, essa é também a minha obsessão. E não te esqueças de que eu não tive a oportunidade de o ver.

Fiquei paralisado e, ao mesmo tempo, humilhado pelo meu evidente egoísmo. Durante os onze dias de exploração, o

meu fiel e querido companheiro não tinha, de facto, abandonado o módulo um só instante. A partir daquela inesperada confissão, uma ideia louca começou a amadurecer no meu coração.

Mas teremos tempo de falar sobre ela. O entusiasmo, finalmente, surgiu de novo em Eliseu, e, ultrapassando as dificuldades já mencionadas, concentrámo-nos no único plano aparentemente viável. Dado que o objectivo básico desta segunda exploração era a recuperação da peça perdida – esse foi, pelo menos, o nosso ponto de vista inicial -, o novo salto no tempo deveria situar-se, necessariamente, nas horas mais próximas do dia 6 de Abril, Quinta-Feira Santa.

Contudo, ao fixar o instante preciso para a inversão de massa, ambos estivemos de acordo que seria muito mais prático e interessante retomar a exploração nas primeiras horas do amanhecer de domingo, 9 de Abril do ano 30. Além disso, nem ele nem eu nos sentíamos com forças para reviver os amargos dias da Paixão e Morte do Filho do Homem.

Depois de um estudo pormenorizado, concordámos, portanto, que o salto deveria acontecer por volta das três horas da madrugada do domingo da Ressurreição e, se possível, localizar o ponto de contacto da nave nas coordenadas utilizadas na missão anterior. Isto é, na cota máxima do monte das Oliveiras.

Isso facilitaria um rápido acesso ao lugar onde supúnhamos estar o candeeiro: um dos bairros de artesãos – talvez na cidade alta – de Jerusalém. Depois, de acordo com o tempo estipulado para a missão, havia a possibilidade de investigar outro fascinante e obscuro capítulo da vida de Cristo: as suas aparições depois de morto e ressuscitado.

Aquele dia de trabalho e o seguinte foram decisivos. Muito mais do que poderíamos imaginar então.

Absortos na preparação pormenorizada do audacioso projecto, do equipamento e de uma infinidade de

pormenores técnicos necessários, quase nem tivemos consciência das horas que se passaram.

E finalmente chegou o dia 15 de Fevereiro.

Naquela manhã de quinta-feira, uma chamada do recepcionista do Ramada Shalom precipitaria os acontecimentos. Alguns minutos mais tarde, às dez horas, um veículo oficial da Embaixada dos Estados Unidos deixava-nos defronte ao número cinquenta e três da Rua Rabiah Adawieh, a trinta passos da mesquita da Ascensão.

Ao sairmos do carro um grande aparato de segurança, montado pelo exército israelita, responsável, como já referi, pela vigilância do exterior

da praceta onde se encontrava o octógono e os improvisados hangares, chamou-nos a atenção. Aquele súbito reforço do dispositivo de cerco do nosso quartel-general alarmou-nos.

Alguma coisa grave devia estar a acontecer para que em questão de horas – nós tínhamos abandonado o recinto na manhã de segunda-feira – o número de soldados tivesse triplicado. Por um momento, enquanto atravessávamos os controlos, cheguei a pensar no pior: teriam os Israelitas descoberto a existência doberço?

Logo recuperámos o ânimo quando, ao subirmos os oito degraus de pedra que conduziam à antecâmara do templo, vislumbrámos Curtiss junto à porta de acesso. Tinha um ar abatido, como se não tivesse dormido desde o nosso último encontro em Lod. E assim era. Enquanto percorríamos os doze metros que separavam a referida porta do centro da praceta, confessou-nos que – dada a gravidade da situação – regressara de Atenas na mesma noite de segunda-feira, 12 de Fevereiro.

Eliseu e eu trocámos um olhar de dúvida. Mas o general. Com voz cansada, pediu para entrarmos com ele no hangar onde acontecera a primeira e não concluída reunião. Ali,

entre os sofisticados painéis Thompsom-CSF, destinados à recepção de imagens do Big Bird, aguardavam os directores do Programa, silenciosos e expectantes.

Quando nos sentámos à volta da pequena mesa central, ninguém fez qualquer comentário. Todos os olhares estavam fixos em Curtiss.

- Bem, meus senhores – decidiu-se ele por fim. Depois de tirar uma pequena pasta de pele negra de uma malinha que colocara à sua frente e que, se não me falhava a memória, tinha sido a única bagagem do seu último voo à Grécia -, imagino que devem estar a fazer algumas perguntas a vós próprios. Vou tentar ir por partes.

E, sem pressa, reviu uma série de notas manuscritas. Ao levantar de novo os olhos. Curtiss captou de imediato a crescente inquietação geral.

Forçando um sorriso, exclamou:

- Não se assustem! O que viram lá fora – o seu dedo indicador esquerdo apontou para o exterior do octógono – não tem nada a ver com os reais objectivos do Programa. Pelo menos, é o que eu acho.

E, voltando aos seus documentos, fez uma nova e desesperante pausa.

- Não importa como – prosseguiu finalmente -, mas o caso é que chegou à Agência Central de Informação e Segurança de Israel, o Mossad, uma informação alarmante: o movimento guerrilheiro palestiniano tem conhecimento da operação que estamos a levar a cabo juntamente com o Governo de Golda Meir. Refiro-me à instalação da estação receptora de imagens via satélite.

Os rostos de todos os presentes reflectiram uma extrema gravidade.

Os serviços secretos militares de Israel, em especial a partir da Guerra dos Seis Dias, em 1967, eram considerados

como os mais eficientes e desenvolvidos do Mundo, sobretudo em assuntos relacionados com o Médio Oriente. Nenhum dos assistentes punha em dúvida tal revelação.

É mais do que certo – continuou Curtiss – que. por esta altura, tanto a OLP como os serviços secretos egípcios, sírios e, naturalmente soviéticos também estejam a par e já tenham tomado as medidas oportunas.

Naqueles momentos dramáticos ninguém se apercebeu de uma subtil e, suponho, involuntária, revelação do general. Porquê, ao referir-se aos serviços secretos, tinha mencionado, única e exclusivamente o Egipto, a Síria e a URSS? Dias mais tarde, teríamos a oportunidade de conhecer a razão desta tríplice alusão.

- Durante a passada terça-feira, e no mais estrito sigilo, tive a oportunidade de me encontrar com o doutor Kissinger.

Os directores do Projecto entreolharam-se, atónitos, sem dúvida associando aquela reunião à súbita partida do general daquele mesmo hangar. Mas ninguém comentou o facto, deixando que Curtiss prosseguisse.

- O conselheiro presidencial dispunha de informação em primeira mão. As suas ordens tinham sido taxativas: por nada do mundo devemos arriscar a vida dos nossos homens nem o instrumental que nos foi confiado.

Não havia necessidade de mais explicações. Ao referir-se à palavra instrumental, todos sabíamos do que estava realmente a falar.

Pois bem, por expresso desejo de Kissinger, e contando sempre com o beneplácito do Governo de Israel, a estação receptora de imagens tem de ser desmontada imediatamente.

Curtiss pegou de novo nos documentos guardados na sua pasta e, dirigindo-nos um olhar de cumplicidade, esclareceu:

- Isto implica uma mudança substancial nos nossos planos

originais.

Para já. A não ser que os chefões de Washington disponham de outra alternativa, o regresso à Base Edwards fica adiado.

Ontem mesmo, quando do meu regresso de Atenas, tive uma reunião urgente com o gabinete de cozinha de Golda. O único assunto em discussão, como já devem ter intuído, foi este: que fazer com a estação receptora? Estiveram presentes a primeira-ministra, Golda, o vice-primeiro ministro, Alon, o ministro da Defesa, o nosso sempre hesitante Moshe Dayan, o chefe do estado-maior. Tenente-general David Eleazar, o chefe do Departamento de Investigação dos Serviços Secretos, general de brigada Arie Shalev, e o chefe dos Serviços Secretos, general Zeíra. Depois de hora e meia de intenso debate e por razões que de momento não estou autorizado a revelar, o Governo de Israel mostrou-se de acordo com a referida e imediata desmontagem das instalações, concordando com a sua transferência para outro local secreto.

* OLP: Organização para a Libertação da Palestina. Dirigida então por Yasser Arafat. (IN. Do M)

Assim era chamada pelo povo de Israel a equipa de confiança de Golda, A senhora Meir, com a sua forte personalidade. Tinha desenvolvido um estilo próprio e muito peculiar de governo. Ultrapassando em numerosas ocasiões a mecânica burocrática e institucional. Ela preferia trabalhar em estreita colaboração com os seus mais próximos, formando um sistema ad-hoc que se tornou célebre e que era conhecido como a cozinha de Golda. (In do t)

(Como já relatei nas primeiras páginas deste diário, num minucioso

estudo elaborado em Washington pelo CIRVIS, em estreita colaboração com o Departamento Cartográfico do Ministério da Guerra de Israel, tinha-se estabelecido que a instalação da rede receptora de imagens do satélite artificial Big Bird, devia ser efectuada num prazo máximo de seis meses, a partir da data de chegada dos instrumentos à cidade de Telavive. Isto aconteceu em Janeiro de 1973. Os especialistas, numa primeira fase, procurariam uma base segura e definitiva. Para isso, os militares israelitas tinham designado três lugares possíveis: o cume do monte das Oliveiras, os montes do Golã – em mãos israelitas desde a guerra de 1967 – e os maciços graníticos do Sinai) Os directores do Projecto quebraram o seu mutismo lançando sobre o general uma torrente de perguntas: Quando se efectuaria a desmontagem, Qual dos pontos alternativos – montes do Golã e Sinai – tinha sido escolhido?, Que acontecerá com o berço e com todos nós? Curtiss recuperou o seu sorriso e pediu ordem e calma.

- Isto é o que posso adiantar-vos. Por agora: as previsões e avaliações dos serviços secretos israelitas consideram que a situação geral no Médio Oriente tende para um perigoso agravamento. E rogo-lhes que não me perguntem porquê. O importante, o que nos importa a nós, é que, por decisão do Governo de Golda, a estação receptora é agora mais vital do que nunca e os militares israelitas já andam à procura de outro local, diferente dos previstos inicialmente. Tanto eles como nós dispomos de um prazo máximo de três dias para encontrar esse lugar e fazer a mudança. O doutor Kissinger considera que a nossa presença nesta nova etapa do Projecto é absolutamente necessária. Não podemos nem devemos despertar suspeitas. Para os Israelitas nós somos os proprietários dos equipamentos e os responsáveis por eles,

e assim vai continuar a ser. Mas há mais qualquer coisa – anunciou Curtiss, adoptando um tom solene. - Uma coisa com que não tínhamos contado e que, vendo bem, poderemos qualificar como um novo e apaixonante desafio.

O meu coração deu um pulo. E, instintivamente, procurei o olhar de Eliseu. Não sei como, mas eu sabia o que o general nos ia comunicar.

Pela primeira vez nos anos em que estávamos juntos percebi um ligeiro tremor nas mãos de Curtiss. E a sua voz ficou embargada pela emoção.

Nunca me esquecerei daquela rotunda afirmação:

- Senhores, regressaremos!

Obviamente, os directores do Projecto não compreenderam o significado daquelas duas simples palavras. E um deles, interrompendo-o, lembrou-lhe que, se não tinha entendido mal, o regresso a casa fora adiado.

Os olhos de Curtiss faiscaram maliciosamente.

- Senhores – insistiu, enfatizando cada uma das sílabas re-gres-sa-re-mos.

Em poucos segundos, os membros da equipa aperceberam-se do que ele acabara de dizer e, levantando-se, aplaudiram-no calorosamente.

Todos sabiam do extravio do microfone e todos, no mais íntimo dos seus corações, tinham previsto e desejado uma segunda oportunidade.

** CIRVIS: Organismo dedicado a Instruções de Comunicação para Detecções Vitais de Informação Estratégica.*

Contudo, passados os primeiros minutos de lógico entusiasmo, os frios e racionais directores do Programa despertaram para a crua realidade, levantando uma série interminável de dúvidas.

Alguns daqueles obstáculos técnicos já tinham sido avaliados por nós nas horas de profunda reflexão e enclausuramento no hotel.

Curtiss ouviu pacientemente. Por último, olhando para nós fixamente, fez uma pergunta concisa:

- O que é que tem para dizer?

- Há uma possibilidade.

Mas, antes de continuarmos com o plano traçado no Ramada Shalom, o general deu a reunião por concluída.

- Disso – atalhou ele perante a curiosidade geral falaremos a seu devido tempo. Agora é urgente desmontar totalmente o módulo e embalar todos os equipamentos. Senhores, mãos à obra! A partir dessa reunião decisiva. Os homens do Cavalo de Tróia empenharam-se no esgotante trabalho de desmontagem geral. A maioria dos técnicos, alheia aos factos que acabávamos de conhecer, interrogou-se reiteradamente acerca do porquê daquela estranha pressa e do reforço das medidas de vigilância e segurança exteriores. Foi o próprio general, em mangas de camisa e a trabalhar freneticamente como qualquer um, quem lhes insinuou discretamente que existia o risco de um possível atentado terrorista contra a estação e que nos preparávamos para a sua mudança de lugar imediata.

Durante um dos breves períodos de descanso, Curtiss pôs-nos a par de outros acontecimentos intimamente relacionados – sempre segundo o Mossad – com a grave ameaça que pairava sobre a estação receptora de imagens.

Os agentes israelitas infiltrados em Beirute, Amã e Roma, tinham descoberto um plano para assassinar o rei Hussein da

Jordânia, que naquela altura - primeiros dias de Fevereiro – realizava uma visita semioficial aos Estados Unidos. O grupo guerrilheiro palestiniano Setembro Negro planeava apoderar-se de diversos edifícios governamentais de Amám fazendo prisioneiros vários ministros jordanos. Segundo parecia, as intenções de Hussein de negociar a paz com Israel não agradavam aos palestinianos, os quais, aproveitando a ausência do monarca, tinham conseguido infiltrar-se em território jordano fazendo-se passar por turistas dos Estados do golfo Pérsico. Alertados pelo Mossad, os serviços de contra-espionagem da Jordânia detiveram um grande número de activistas, apreendendo um total de vinte automóveis. Entre os guerrilheiros que tinham entrado por via aérea, vindos da Europa, encontravam-se dois indivíduos recentemente libertados pelas autoridades italianas – Ahmed Zaid, estudante do Iraque. E Adnah Hasem, jordano – acusados de tentarem derrubar um avião da companhia * O rei Hussein chegara a WashinQton no dia 6 de Fevereiro.

Mantendo no dia seguinte uma entrevista com o presidente Nixon. Naquela data esperava-se um ofensiva diplomática do meu país no Médio Oriente. Antes de partir de Amã. Hussein declarara que o conflito entre os países árabes e Israel teria de ser resolvido globalmente e não em tratados separados.

Desta forma, evitou os rumores existentes sobre um acordo de paz secreto entre o seu país e Israel. Em relação ao futuro estatuto de Jerusalém e dos refugiados palestinianos.

Israelita El Al. Nos interrogatórios que se seguiram a estas detenções, os jordanos foram informados de alguns dos projectos imediatos das diferentes facções guerrilheiras palestinianas. Entre os mais importantes destacavam-se o assalto a uma embaixada árabe num determinado país do continente africano, a criação de um arsenal e uma infra-estrutura para o ataque a aviões comerciais israelitas na Europa e o assalto de um comando suicida à mesquita da Ascensão. Era óbvio que este último plano terrorista só podia

basear-se numa informação exacta do que os Estados Unidos e Israel estavam a fazer em relação ao Big Bird.

Tão graves acontecimentos – totalmente alheios à nossa verdadeira missão – só vieram perturbar os corações dos membros da equipa, que se entregou até ao limite da sua capacidade à delicada operação de limpeza dos barracões. Dois dias depois – no sábado, 17 de Fevereiro, com pouco mais de vinte e quatro horas de avanço em relação ao previsto, o berço tinha sido desmontado e protegido em três contentores blindados.

Por coincidir com o dia sagrado dos judeus. Curtiss, astutamente, apressou-se a comunicar-lhes que podiam abrir caminho pelo recinto da mesquita. Mas, como era de esperar, declinaram a oferta, demorando a sua participação nos últimos trabalhos de evacuação até ao pôr do Sol.

Aquela providencial coincidência proporcionar-nos-ia uma preciosa margem de quase seis horas, durante as quais quase todas as consolas e equipamentos electrónicos da estação propriamente dita foram deitados abaixo, misturados e escondidos entre as caixas metálicas que continham o módulo e os restantes instrumentos auxiliares. Minutos depois do ocaso – por volta das dezassete horas e quarenta e cinco minutos -. os técnicos e oficiais israelitas entravam na praceta, já iluminada por potentes reflectores, colaborando com os nossos homens na desmontagem final.

* A libertação destes guerrilheiros levou Israel a pedir explicações ao Ministério dos Negócios Estrangeiros de Itália.

Segundo os Serviços secretos israelitas, Zaid e Iiasem, encarcerados em Roma desde Agosto de 1967?, eram dois destacados e perigosos terroristas. (fN. Dn 19.) As informações da serviços secretos jordanos e israelitas eram correctas. Algumas semanas mais tarde – no dia 1 de Março guerrilheiros do Setembro Negro faziam reféns na Embaixada da Arábia Saudita em Cartum (Sudão). Entre as exigências dos terroristas estava a libertação de quarenta guerrilheiros palestinianos encarcerados em Israel e de outra meia centena de guerrilheiros presos na Alemanha Ocidental, Jordánia e Israel. Assim como do assassino do senador Robert Kennedy, Sirhan Bishara Sirham.

Para grande espanto nosso – e supomos que para os serviços de espionagem

israelitas e jordanos, que naquela data não conseguiram uma informação mais pormenorizada -, os oito guerrilheiros do Setembro Negro matariam três dos diplomatas retidos na embaixada: Aleo A. Noel, nosso embaixador no Sudão: Guv Eid, funcionário belga e Curtiss iloore, também diplomata norte-Americano. (I. Dn11)

Este arsenal seria descoberto pela Polícia italiana a 11 de Setembro desse mesmo ano de 1973. em Óstia, perto de Roma. Na casa escondiam-se nove palestinianos, membros de um Qrupo terrorista. Entre as numerosas armas foram encontrados dois lança-mísseis Srrela, de fabrico russo, que podiam ter sido utilizados para derrubar aviões comerciais em pleno voo. O temível Strela possui um cano de 10 metros, com um peso de treze quilos, podendo ser disparado como uma espingarda: quer dizer, apoiando-o num ombro e apontando com uma teleobjectiva de reduzidas dimensões.

Alcança facilmente o motor de um avião, graças ao sistema de guia por raios infravermelhos. (N. Do N)

Ao amanhecer, a operação estava concluída. Tudo estava preparado para a mudança. Mas, para onde? Qual era o ponto escolhido? Por razões básicas de prudência – e seguindo as ordens do general de brigada Arié Shalev, chefe do Departamento de Investigação dos serviços secretos israelitas -, os arqueólogos (ou supostos arqueólogos) deveriam permanecer no interior da mesquita da Ascensão até quarenta e oito horas depois da saída definitiva do material. Os árabes, proprietários e guardiões do santuário, atentos a todos os nossos movimentos, podiam ter desconfiado de alguma coisa se os referidos peritos da Universidade de Jerusalém, da Escola Bíblica e Arqueológica Francesa da Cidade Santa e do Museu de Antiguidades de Amã – integrantes da divisão especial encarregue pelo Governo de Golda Meir das escavações e reparação das fundações da fachada oriental da inesquecível mesquita, supostamente danificadas pelo simulacro de atentado protagonizado pelos agentes de Dayan – tivessem evacuado a zona ao mesmo tempo que retiravam a carga. Esta carga, segundo as poucas informações que chegaram até nós naqueles dias, desapareceria do local durante a noite e aos poucos, a fim de levantar o mínimo de suspeitas. A grande pergunta que nos fizemos durante aqueles tensos dias de trabalho.

E que Curtiss não conseguiu ou não soube esclarecer, tinha uma importância decisiva para a planificação da primeira fase da aventura que nos aguardava: Qual era o local escolhido para a estação receptora do Big Bird? Como já levemente referi, essa nova e tão esperada descolagem do módulo, e talvez grande parte da segunda exploração, dependiam de um conhecimento exaustivo do lugar onde deveria ser instalada a estação receptora.

Logicamente, ao abandonar o monte das Oliveiras, esse misterioso local tinha de ser longe

** Embora já tenha sido pormenorizadamente explicado no primeiro volume desta obra, talvez seja conveniente recordar a natureza deste tipo de satélites artificiais. Que desempenharam um papel decisivo nos dias dramáticos que precederam a Guerra do Yom Kippur, em Outubro de 1973. A série de satélites Big Bird. Ou Grande Pássaro consta numa das notas do Major – e, em especial, o protótipo KH II, pode voar a uma velocidade de vinte e cinco mil quilómetros por hora, demorando noventa minutos a dar uma volta completa ao Planeta. Como esta oscila ligeiramente durante esse lapso de tempo (22 graus e 30 minutos), o Big Bird sobrevoa durante a volta seguinte uma faixa diferente da Terra e volta à sua trajectória original ao fim de vinte e quatro horas.*

Quando o Pentágono descobre alguma coisa com interesse, pode modificar a órbita do satélite, aumentando o tempo de revolução durante alguns minutos e fazendo-o descer a órbitas que podem ir até 190 quilómetros de altitude. Por exemplo, uma diferença de um grau e trinta minutos por dia permite cobrir em dez dias uma zona de conflito, sobrevoando todas as cidades e zonas de interesse militar. Posteriormente, o Big Bird é impelido para uma órbita superior" Com a instalação em Israel de uma destas sofisticadas estações receptoras de imagens – para além de materializar os propósitos da Operação Cavalo de Tróia – os Judeus dispunham de um rápido e fiel sistema de controlo dos seus inimigos, e os Estados Unidos de uma estação estratégica que lhes permitia poupar tempo e grande parte da manobra sempre complicada de recuperação das oito cápsulas descartáveis que cada satélite transportava e que eram resgatadas cada quinze dias nas proximidades de Havai. Militarmente, a operação era de grande interesse para os Estados Unidos, que assim podiam fotografar à vontade faixas tão instáveis" como as fronteiras da URSS com o Irão e Afeganistão, Paquistão e Golfo Pérsico, recebendo centenas de negativos após três minutos de sobrevoo.

(N. de J. J. Benites)

daquele que, em princípio, já era para nós o ponto de contacto da nave: o referido cume do monte que agora estávamos prestes a deixar.

Para superar este inconveniente, os directores do Projecto reunidos com Eliseu e comigo durante todo o domingo. A fim de planificarmos todos os pormenores do segundo grande salto – estabeleceram só duas soluções. Se a distância entre a nova instalação e o monte das Oliveiras fosse considerável, o berço, uma vez efectuada a descolagem e a imediata inversão de massa, deveria fazer essas milhas num voo horizontal.

Isto complicava ainda mais as coisas. Entre outras razões, pelo evidente consumo adicional de combustível. Uma quantidade de peróxido de hidrogénio que, aliás, tinha de vir, e secretamente, dos Estados Unidos.

Se, pelo contrário, não fossem muitos os quilómetros que nos separavam do ponto de contacto, talvez o mais prudente fosse mudar a zona de descida, fazendo a pé o caminho até Jerusalém. Nesse caso, dado o indubitável risco que representaria uma caminhada com essas características, a estratégia deveria ser radicalmente alterada. Por expresso desejo de Curtiss, que praticamente não vimos antes de terça-feira, 20 de Fevereiro, a reduzida equipa que dirigia o Cavalo de Tróia viveu aqueles dias única e exclusivamente para a segunda aventura.

No nosso afã de acertar até ao último pormenor tão apaixonante e porquê negá-lo? - perigosa missão, comprovámos até, nos primeiros momentos, a possibilidade de os montes Golã ou os maciços do Sinai serem reconsiderados pelo Governo israelita como uma das plataformas para a instalação definitiva da estação. O general tinha-nos avisado que, dada a situação no Médio Oriente, o estado-maior israelita pusera de lado esses dois locais. E não tivemos outro remédio senão rendermo-nos à evidência quando, nesses dias, a imprensa de Jerusalém

ventilou duas notícias de acontecimentos registados na última quinta-feira, e justamente nas áreas de litígio. No golfo do Suez, muito próximo do Sinai. Um avião egípcio e outro israelita tinham sido atingidos num duelo aéreo entre aparelhos de ambos os países. Quanto aos montes Golã, tropas sírias tinham destruído dois tanques e uma escavadora israelitas, quando estes atravessaram a linha de cessar-fogo para construírem uma estrada na zona desmilitarizada.

A tensão entre Israel e os seus vizinhos árabes continuava a crescer de forma alarmante, pondo mesmo em perigo os nossos objectivos.

Mas as horas mais amargas ainda não tinham chegado.

Na manhã de segunda-feira, 19 de Fevereiro, aproveitando uma interrupção forçada nas nossas sessões de trabalho, e quase sem querer, os meus passos levaram-me a um lugar que eu tinha evitado até àquele momento: a Cidade Velha de Jerusalém.

Enquanto Eliseu e os directores estavam ocupados na sede da embaixada norte-americana nos trâmites do envio por mala diplomática dos sismogramas obtidos na primeira exploração e que deviam ser estudados, com prioridade absoluta, pelo Centro Geológico do Colorado e pela Administração Nacional do Oceano e da Atmosfera (NOSA), ambos no meu país, eu deixei-me levar por uma necessidade quase imperiosa: caminhar lenta e pausadamente pelos mesmos (?) lugares da Cidade Santa onde – séculos antes tinha vivido tão incríveis e traumatizantes experiências.

Talvez não o devesse ter feito. No fundo, eu sabia o que me esperava. Mas o meu espírito queria encontrá-lo ou encontrar algum vestígio queme recordasse a sua presença.

Agora, depois de tanto tempo, tenho a certeza de que fiz bem em ocultar a Curtiss e à direcção do Projecto a minha

profunda angústia e o desejo de voltar, fruto de uma complexa mistura de admiração por Ele e de uma ardente necessidade de o conhecer melhor. Ninguém, nos meus longos anos de vida, tinha atingido tão certeira e profundamente o meu atormentado coração. E constantemente fazia a mim próprio a mesma pergunta: porquê eu? Por que é que um indivíduo ruim, impuro e eternamente em dúvida, como eu, se tinha envolvido em semelhante situação? Que tinha aquele Homem para conseguir transformar tão violentamente uma vida – a minha – cheia de vazio

E assim, se tivesse dado a conhecer ao Cavalo de Tróia a minha fraqueza por Jesus de Nazaré – porque era disso que realmente se tratava – tão flagrante parcialidade e entusiasmo pela personagem que era motivo da segunda expedição ter-me-iam desqualificado irremediavelmente. A objectividade e frieza, nos exploradores, eram condições básicas para o desempenho de uma missão daquela natureza. E, embora o meu companheiro e eu compartilhássemos estes sentimentos, creio que no momento da verdade – como se verá mais à frente – soubemos respeitar esta regra-de-ouro da operação, mantendo sempre, e por vezes com sérias dificuldades, uma posição distante e à margem do curso dos acontecimentos.

Ao passar por baixo do arco da Porta de Jafa, no extremo ocidental da Cidade Velha de Jerusalém, o frio inicial daquela manhã tinha começado a diminuir. Uns tépidos raios de sol amenizaram a minha intensa palidez e alegraram o ocre das pedras da Cidadela. Uma multidão variegada dava vida à pequena rua que separava os bairros arménio e judeu, a norte, do cristão e muçulmano, a sul. Apesar de eu ter passeado em muitas ocasiões – antes da grande viagem – por aquele mesmo sector da Cidade Santa, agora era diferente. Muito diferente. Ao chegar ao fim da Street of the Chain, hesitei.

Para onde me dirigia? À minha direita, a curta distância, encontrava-se o Muro das Lamentações: último e único vestígio do imponente Templo construído por Herodes, o Grande. E instintivamente caminhei nessa direcção.

Ao chegar ao grande terreiro que existe junto ao muro ocidental do antigo Templo, centenas de pessoas, na maioria turistas, andavam de um lado para o outro, bisbilhotando e tirando fotografias.

Aproximei-me a pouco e pouco da muralha. Era incrível que daquela monumental construção que eu vira no nosso primeiro salto só restasse de pé um pequeno troço de parede de doze escassos metros de altura e pouco mais de setenta de comprimento 1. Numerosos rabinos e fiéis judeus,

* Este muro. Chamado das Lamentações, é o lugar mais venerado pelo povo judeu. Trata-se da única relíquia do que foi o grande Templo edificado pelo rei Herodes, o Grande, no ano I a. C. O imperador romano Tito, ao destruir Jerusalém no ano 70 da nossa Era, deu ordens para que aquela parte da muralha que rodeava o Templo permanecesse em pé, como demonstração do poder de Roma e dos seus legionários, capazes de destruir tão sólida construção. No período bizantino, os Judeus foram finalmente autorizados a visitar a Cidade Santa, podendo aproximar-se do Muro das Lamentações uma vez por ano, precisamente na data do aniversário da destruição de Jerusalém. E ali passaram a lamentar a destruição, rezando pela reunificação do povo de Israel. Este costume entre os quais se destacavam crianças e jovens, rezavam ou liam os rolos da Lei, com os rostos completamente encostados aos gigantescos e gastos blocos acinzentados. A devoção e o respeito daqueles israelitas, cobertos com os seus mantos brancos e os típicos chapéus pretos e com os filactérios colados à testa, eram impressionantes.

Levantei os olhos, percorrendo minuciosamente as onze fileiras de pedra que ainda resistiam ao passar dos séculos,

descobrindo como algumas coisas não tinham mudado no venerável muro. Entre os buracos e fendas dos imponentes blocos continuavam a florescer tufos de ervas silvestres que abrigavam uma grande quantidade de pombos e passarinhos.

E por entre o sussurro daquelas preces vieram-me à memória as palavras que pronunciara Jesus de Nazaré ao entardecer da terça-feira, dia

4 de Abril do ano 30:

«Vistes estas pedras e este Templo maciço? Pois em verdade, em verdade vos digo que dias virão, muito próximos, em que não ficará pedra sobre pedra. Todas serão derrubadas».

Levado por uma estranha força, aproximei-me de uma das moles de pedra. As minhas mãos acariciaram a superfície rugosa e o meu rosto, lenta e suavemente, foi tocar na segunda fileira. Fechei os olhos, tentando captar a extraordinária energia que, sem dúvida alguma, estava armazenada naquela relíquia. A minha alma precisava desesperadamente de um sinal, uma simples lembrança, talvez o fugaz perfume de uma das pedras que tinham sido testemunhas mudas da presença de Cristo. Um pranto doce e calmo foi a única resposta.

Quando aquela dilacerante tristeza estava quase a sufocar-me, uma mão pousou no meu ombro direito. Por uns instantes neguei-me a abrir os olhos, imaginando que aquele gesto – tão típico de Jesus estava a acontecer noutro tempo.

Contudo, ao dirigir a vista para o homem que estava ao meu lado, um reflexo esverdeado me devolveu à trágica realidade. Era um páraquedista do exército israelita, com o seu camuflado e uma metralhadora no ombro esquerdo, com o cano apontando para o chão. Em volta do seu pescoço tinha o mais singular manto de oração que eu já vira diante do Muro das Lamentações: duas cartucheiras, com um brilhante enxame de balas que cintilavam aos fracos raios do sol da

manhã.

O jovem – talvez fosse um judeu ortodoxo que cumpria o seu serviço militar – olhou para mim em silêncio. E, depois de um breve sorriso, fez um único comentário:

- Irmão, o espírito divino está sempre presente nestas pedras. Mesmo que não seja judeu, reze, peça a Deus. E os seus desejos serão satisfeitos.

Não sei ao certo se correspondi ao seu sorriso. O facto é que me senti aliviado e, seguindo o seu conselho. Rezei em silêncio e com toda a força do meu coração oprimido. Ao fazê-lo, outras inesquecíveis palavras do Mestre brotaram no meu cérebro:

«Nenhuma súplica recebe resposta, a não ser que proceda do espírito. Em verdade, em verdade te digo que o homem se

* perduraria durante séculos. Entre os anos 1948 e 1967, esta parte de Jerusalém foi proibida novamente aos Israelitas, por se encontrar no sector conquistado pela Jordânia. Mas durante a Guerra dos Seis Dias, o muro ocidental foi tomado pelos Judeus e, desde então, constituiu-se em ponto de exaltação nacional e de culto. (N. Do M)

engana quando tenta canalizar a sua oração e os seus pedidos para o benefício material, próprio ou alheio. Essa comunicação com o reino divino dos seres de Meu Pai, só obtém a devida resposta quando obedece a uma ânsia de conhecimento ou consolo espiritual. O restante – as necessidades materiais que tanto vos preocupam – não são consequência da oração, mas sim do amor de meu Pai 1».

Nesse momento compreendi que grande parte da minha angústia nascia de um desejo egoísta: só pretendia satisfazer a minha curiosidade e os meus instintos mais profundos. E ali mesmo pedi perdão, suplicando ao Pai que, se a nossa segunda aventura chegasse a materializar-se, me desse luz e força para a viver e aproveitar com o único fim de beneficiar as gerações futuras. Um pouco mais calmo, afastei-me daquele sítio, dirigindo-me para a extrema direita do muro: o local destinado às mulheres. Dei a volta à barreira

metálica que separa os dois sectores e, pegando no meu velho caderno de apontamentos, escrevi três palavras: «Voltar a Ele»

Aquele era, e é, um dos costumes mais comuns entre as pessoas que visitam o Muro das Lamentações: escrever num papel uma oração ou um desejo particular e, depois de dobrar o papel, introduzi-lo numa das ranhuras que existem entre os grandes blocos de pedraz. A tradição popular assegura que essas petições sempre se cumprem. Dado que nenhum homem pode entrar no sector feminino, pedi a uma turista que colocasse a minha mensagem na muralha. A mulher, muito amável, fê-lo logo. E ali ficou – e ali suponho que estará ainda – o breve, sincero e intenso rogo. Hoje posso garantir que, pelo menos no meu caso, a crença popular está certa.

O resto do meu passeio pela Cidade Velha não contribuiria em nada para me animar. Todos os lugares por onde calhou eu passar estavam irreconhecíveis. Não mantinham praticamente nenhuma semelhança com aquela Cidade Santa do ano 30. Era lógico. Se não me falha a memória, desde o ano 587 a. C, data da destruição de Jerusalém e do Templo por Nabucodonosor, a Cidade Santa tinha sofrido dezasseis invasões, sendo arrasada e de novo edificada mais de uma dezena de vezes 3.

** Estas e outras palavras de Jesus de Nazaré sobre a oração aparecem no primeiro volume desta obra (pág. 249 e seguintes).*

(N. de J. J. Benitez)

2 Antigamente, antes de fazerem uma viagem, os Israelitas colocavam um prego de ferro entre as fendas do muro ocidental, em sinal de apego à sua pátria. (N. Do M) 3 Eis aqui, como exemplo do que afirmo, alguns dos mais notáveis episódios vividos por Israel – e por Jerusalém em particular – a partir do citado ano 587 a. C: No ano 539 a. C, o rei persa Ciro conquista a Babilónia, permitindo a volta dos Judeus a Jerusalém. O Templo seria reconstruído por Zorobabel. Em

334 a. C, Israel é novamente conquistada. Desta vez, por Alexandre Magno. Após a sua morte, é controlada pelos Ptolomeus, do Egipto. Em 198 a.

C, Antíoco III da Síria vence os Egípcios e Israel passa para as mãos dos Selêucidas. Em 175 a. C, Antíoco IV é coroado rei e ordena a supressão do culto a Deus. Profana o Templo, oferecendo no seu altar sacrifícios pagãos. Em 167 a. C, os Judeus levantam-se contra os Selêucidas e derrotam-nos. No ano 64 a. C, Pompeu conquista Israel. Algum tempo depois, no ano 40 a. C, os Partos derrotam os Romanos e conquistam o país. Em 39 a. C, Herodes, o Grande, vence os Partos e reina até 4 a.

C, sempre sob o poder de Roma. Já no século I da nossa Era, no ano 66, os Judeus revoltam-se contra o Império Romano.

Nada mais absurdo que eu pretendesse ver e reconhecer na actual esplanada do Domo da Rocha o magnífico Segundo Templo ou, no bairro muçulmano, o traçado primitivo das ruelas que eu tinha percorrido.

Ao entrar no gigantesco rectângulo onde outrora se erguera o magnífico templo de Herodes, um guia, a meia voz, explicava a um grupo numeroso de curiosos e respeitosos turistas ingleses como muitos rabinos e judeus de Mea Shearim (o bairro religioso da cidade) só aceitam caminhar descalços ou, então, negam-se a pisar o átrio no qual nos encontrávamos. Segundo estes rigorosos cumpridores da lei judaica, ali encontra-se sepultada a famosa Arca da Aliança, e, portanto, aquele é um lugar sagrado.

Na verdade, enquanto me dirigia para as mesquitas que hoje ocupam o terreno do Segundo Templo – a de El-Aksa e a conhecida como o Domo da Rocha – tive de reconhecer que aquele era um dos escassos lugares onde os humanos não caíram ainda no lamentável tráfico comercial que existe

naqueles a que os cristãos chamam lugares santos. Ali tudo é silêncio e recolhimento. A venda ou o comércio de lembranças mais ou menos santas ou religiosas está terminantemente proibida.

Diante da Mesquita Distante ou de El-Aksa 1, situada a sul do grande rectângulo, o meu espírito voltou a estremecer. Atrás dela e à esquerda da sua cúpula de prata via-se grande parte do monte das Oliveiras e, na encosta ocidental, o Getsémani. A súbita descoberta da colina e da ladeira pela qual eu subira e descera tantas vezes,

* ano 70, Tito reprime a rebelião e destrói a cidade. Nos anos 132-135 dá-se uma nova revolta judaica, dirigida por Bar Kokeba. O imperador Adriano vence, destruindo Jerusalém. A reconstrução dá-se pouco depois e Jerusalém recebe o nome pagão de Aelia Capitolina. Nos anos 330-634 acontece a dominação bizantina. Com a conversão de Constantino ao cristianismo constroem-se numerosas igrejas na Cidade Santa. Em 614, nova invasão. Desta vez protagonizada pelos Persas. Foram destruídas centenas de igrejas. No ano 636. os Muçulmanos conquistam a Palestina, transformando Jerusalém na sua terceira cidade santa, depois de Meca e Medina. No ano 1009, o califa fatímida

Jakem destrói a igreja do Santo Sepulcro e outros santuários cristãos. Dando assim início a duzentos anos de lutas entre o Oriente e o Ocidente, e dando lugar às famosas Cruzadas. No ano 1099, a Cidade Santa cai em poder dos Cruzados. Em 1187, Saladino, príncipe árabe. Derrota os Cruzados nos chamados Cornos de Hittin, pondo fim ao Reino Latino do Oriente. Em 1263, outro sultão. O mameluco Baibars. Do Egipto, conquista as fortalezas do litoral que ainda pertenciam aos Cruzados. Nos 250 anos seguintes, permanecerão sob o domínio mameluco. No ano 1400, tribos mongólicas, dirigidas por Tamerlão, invadem Israel. Em 1517 é a vez de os Turcos entrarem na Palestina a sangue e fogo. Durante quatro séculos, Israel fará parte do Império Otomano.

Em 1917, durante a Primeira Guerra Mundial. A Palestina é ocupada pelas tropas aliadas dirigidas pelo general Allenby.

Esse ano é recordado como o da Declaração Balfour para a criação na Palestina de um Lar Nacional Judaico. Em 1922, o mandato britânico sobre a Palestina é confirmado pela Liga das Nações. Em 1947, a Organização das Nações Unidas estabelece um plano que divide a Palestina num Estado judaico e outro árabe. Em 1948 termina o mandato britânico e, no dia 14 de Maio, o Conselho Nacional Judaico proclama o nascimento do Estado de Israel. Mas o novo Estado é invadido pelos países vizinhos. Ao terminar a guerra, a Palestina fica dividida entre Israel e Jordânia. (N. Do M) 1 Construída entre os anos 709 e 715 pelo califa El-Walid, filho de Abdel Malek,

que mandou construir a outra mesquita: a do Domo da Rocha. A de El-Aksa encontra-se quase exactamente sobre o que foi o Palácio de Salomão. (N. Do M)

desencadeou em mim uma reacção quase violenta. E, dando meia volta, afastei-me a passos largos, em direcção à bela mesquita de Omar, ou Domo da Rocha. Apenas me detive uns instantes junto à Oitava Maravilha do Mundo.

Na minha opinião, aquele é o lugar exacto onde, há dois mil anos, se erguia, majestoso, o Santuário propriamente dito.

Ali, muito perto de algumas das fachadas do octógono de sessenta metros de diâmetro que constitui o exterior da mesquita – talvez nas viradas para sul ou sudoeste -, estiveram outrora as escadarias de acesso ao Templo, onde eu vira e ouvira o Rabi da Galileia. Ali, naquele terreiro, eu assistira ao insólito espectáculo de um Jesus firme e seguro, de látego na mão, abrindo as portas do sector norte do chamado Átrio dos Gentios e provocando a fuga impetuosa dos animais destinados aos sacrifícios sagrados. Durante alguns segundos, no silêncio daquele lugar, pude ouvir os mugidos dos bois, a algazarra dos cambistas de moeda e o estrondo das mesas e barracas ao serem atiradas ao chão pelo gado. Que longe e que perto me parecia tudo! A trinta ou quarenta metros para noroeste, naquilo que é actualmente o limite norte do monte do Templo, imaginei por uns momentos a quase inexpugnável e altiva Fortaleza Antónia. E novas e vivas lembranças me vieram à mente. Do formidável quartel-general romano não resta quase sinal ou vestígio algum. Tudo desapareceu. Melhor dizendo, nem tudo. Eu tivera a oportunidade de visitar, tempos atrás, o convento das Irmãs de Sião, onde é venerado pelos cristãos o famoso litóstrotos ou pátio pavimentado com grandes lajes, parte integrante, ao que parece, da primitiva Fortaleza Antónia3. Para alguns, foi este o lugar onde Cristo

** No ano 135 da nossa Era, o imperador Adriano levantou neste lugar um templo dedicado ao deus Júpiter. Desde então, foi considerado um lugar maldito. No ano 636, após a invasão árabe, o califa Omar retirou os escombros do monte Moriá e construiu uma mesquita que ainda hoje tem o seu nome.*

Os Muçulmanos identificaram a rocha ou cume do monte Moriá com o lugar de onde Maomé subira aos céus num cavalo alado. Segundo outra tradição, esta rocha branca foi o lugar onde Abraão esteve a ponto de sacrificar o seu filho Isaac. Os Árabes, em contrapartida, consideram que o filho em questão era Ismael. No ano 691, Abdel Malek. Da dinastia dos Omíadas, restaurou a primitiva mesquita, transformando-a na que hoje conhecemos. Sob a cúpula.

Construída à base de folhas de alumínio com um banho de ouro que a fazem brilhar ao Sol de Jerusalém, encontra-se a rocha ou cúspide do monte Moriá. Alcança os quarenta e cinco metros de comprimento por onze de largura, elevando-se outros dois acima da superfície circundante. No mundo islâmico, o Domo da Rocha é o terceiro lugar sagrado, depois da Caaba de Meca e do túmulo do Profeta na cidade de Medina. (N. Do I)

2 A Fortaleza Antónia foi totalmente arrasada pelo general romano Tito. Ao romper o cerco dos Judeus no ano 70. Durante séculos, foi apenas um monte de escombros sobre o qual se ergueram diversas construções. Pouco a pouco, nos tempos modernos, a arqueologia foi fixando a sua posição exacta. Na actualidade, o que foi a fortaleza reconstruída também por Herodes, o Grande, abriga uma escola muçulmana, um mosteiro da Ordem Franciscana e o referido convento das Irmãs de Sião. É neste último lugar onde se encontra, na minha opinião. O vestígio mais claro de uma das instalações do quartel-general" romano durante as festas da Páscoa dos Judeus. (N. Do M)

3 O litóstrotos, que em grego significa pátio pavimentado com grandes lajes, foi descoberto a ocidente do lugar onde supostamente se localizava a Fortaleza Antónia. Com base no texto de João, o Evangelista (1913) - «Então, Pilatos, tendo ouvido estas palavras, conduziu Jesus para fora, e sentou-se no tribunal. No lugar chamado litóstrotos». alguns especialistas bíblicos acreditaram ser aquele recinto o cenário de parte do julgamento do procurador romano de Jesus de Nazaré e da sua apresentação ao povo judeu.

foi julgado por Pôncio Pilatos e apresentado à multidão depois da flagelação. Outros arqueólogos e exegetas, mais prudentes, não têm tanta certeza. Depois de descer por umas pequenas escadas situadas na esquina noroeste do monte Moriá e de deixar à minha direita – no que fora o coração da Fortaleza Antónia – um passeio semiescondido com ciprestes novos, entrei sem mais demora no convento das Irmãs de Sião, em pleno bairro árabe. O meu espírito voltou a inquietar-se. Embora eu compreenda que, às vezes, estas

coisas são necessárias ou irremediáveis, não pude evitar um sentimento de aversão. Assim que atravessei a pequena porta do santuário apareceu diante de mim uma brilhante loja, repleta até ao topo de todo o tipo de lembranças da capela da Flagelação ou do venerado litóstrotos: desde medalhas e escapulários até camisolas, cinzeiros, artesanato, postais, bustos policromados de gesso de Maria ou do seu Filho, réplicas da coluna da flagelação e um interminável etcétera, para não falar dos brinquedos japoneses ou dos refrescos.

Aquele lugar, como muitos outros, para não dizer a maioria, tinha-se convertido num excelente negócio. À custa de Jesus de Nazaré e dos seus sofrimentos.

E outras frases de Cristo, pronunciadas na madrugada de segunda-feira, 3 de Abril, em casa de Lázaro, em Betânia, voltaram à minha mente: «A minha alma sofre pelos filhos dos homens, porque estão cegos de coração; não vêem que chegaram vazios ao mundo e tentam sair vazios do mundo. Agora estão bêbedos. Quando vomitarem o vinho, arrepender-se-ão».

Talvez o mais doloroso daquele mercado seja que, tal como acontecera com Anás e os outros sacerdotes – proprietários do negócio dos intermediários no átrio do Templo -, agora, dois mil anos depois, os que se dizem sacerdotes ou religiosos ao serviço do Filho de Deus, continuem a consentir ou a participar em transacções comerciais que nada têm a ver com o que Ele desejava e pretendia. E isto, precisamente ali, no cenário de tão trágicos momentos, está a denegrir consideravelmente a grandeza do lugar. Enquanto caminhava em direcção à sala abobadada onde está o litóstrotos, perguntei a mim próprio que teria acontecido se o Rabi da Galileia tivesse expressado o menor desejo de que as suas vestes, objectos pessoais, etc, fossem conservados e reverenciados.

Felizmente, Ele conhecia bem a debilidade da natureza

humana e teve o máximo cuidado em não cometer semelhante erro. Apesar disso, os cristãos, longe de praticarem os ensinamentos ou a religião de Jesus, caíram desde os primeiros momentos naquilo que, justamente, não desejava o Mestre: uma religião, uma forma de ser e uns ritos a pretexto de Jesus.

Ao ver as pedras rectangulares, que se supõe serem as mesmas a que João se refere no seu Evangelho, senti um calafrio.

* Outros, pelo contrário, pensam que o litóstrotos talvez tenha sido o pátio principal da Fortaleza Antónia, onde Cristo foi flagelado e de onde sairia com o madeiro ou patibulum, rumo ao Gólgota. O convento das Irmãs de Sião foi fundado por um judeu convertido, o padre Ratisbone. Entre 1931 e 1937, a madre Godeleise e o padre Vicente, da Escola Bíblica de Jerusalém, escavaram o lugar e descobriram o pavimento em questão.

Recentemente, arqueólogos ingleses e o professor judeu Kaufman levantaram uma terceira hipótese: o litóstrotos poderá datar do ano 135 d. C. (do tempo de Adriano). (N. Do M)

Algumas das enormes e desgastadas pedras – estriadas, para evitar que os cavalos escorregassem – eram parecidas com as de calcário duro que eu vira e pisara no pátio central da Fortaleza Antónia. O esmero das religiosas responsáveis pelo litóstrotos e a passagem dos séculos tinham-nas transformado em parte, emprestando-lhes um brilho especial. Mas aquele pavimento não correspondia ao do grande pátio empedrado, à base de seixos rolados, e situado no sector norte da fortaleza, onde se juntara a multidão na manhã de Sexta-Feira Santa. Só o empedrado do terraço em frente do terreiro, onde se deu o debate entre Pôncio Pilatos e os sacerdotes judeus, tinha alguma semelhança com o que agora estava diante de mim.

A bem da verdade, João Evangelista não cometeu nenhum erro ao comentar que o Mestre fora levado ante Pilatos no tribunal, no sítio chamado litóstrotos. O que pode ser um erro imperdoável é associar este pavimento do convento das

Irmãs de Sião com o tribunal onde se sentava o procurador romano. A prova, à margem do meu próprio testemunho, e que os exegetas e arqueólogos bíblicos deviam ter em conta, está gravada nalgumas daquelas pedras. Nelas se pode ver um conjunto de riscos, traçados por espadas ou objectos pontiagudos, que todos os especialistas identificaram como uma espécie de jogo da macaca ou jogo do círculo – citado por Plauto -, e que era muito apreciado pelos legionários romanos. Como já referi noutra parte do meu diário, sobre uma das lajes do pátio central pude observar um círculo e uma linha sinuosa que passava entre várias figuras (uma coroa real e um B).

Os soldados, um após outro, lançavam quatro dados marcados com letras e números, cantando jogadas que identificavam como jogada de Alexandre, de Dario, de Efebo, ou, a que rematava a partida, do Rei.

Logicamente, um divertimento desta natureza – que obrigava a marcar e a danificar um empedrado – dificilmente teria como cenário um lugar tão solene como o litóstrotos, onde Pôncio ditava justiça; mas sim, em contrapartida, no pátio com arcadas do quartel romano, ponto de encontro dos homens dispensados do serviço, e onde não se realizavam muitos actos oficiais.

Quando me preparava para sair da câmara, o sussurro de outro guia-turístico, comentando as minúcias e os pormenores do jogo do Rei, deteve-me. Segundo a tradição, explicou o hebreu, se um réu aceitava jogar e ganhava, podia salvar a vida. No caso de Jesus, concluiu o bom homem com um sorriso, os legionários romanos não aceitaram porque sabiam que o Galileu podia ganhar Um pouco reconfortado pela ingenuidade daquele guia, deixei para trás o convento das Irmãs de Sião e entrei na chamada, pelos cristãos, Via Dolorosa (Tario A1-Mujahedeen), que faz parte de um intrincado labirinto de vielas estreitas, mal-cheirosas e, por vezes, cobertas, em pleno mercado oriental. Tal como na

Jerusalém do ano 30, aquele sector hoje ocupado pelos muçulmanos – conservava ainda alguma semelhança com o que eu tinha conhecido: passadiços e ruas, qual delas a mais apertada, e na maioria dos casos precariamente empedradas, percorridas por valetas pestilentas e, de ambos os lados, um sem-fim de barracas de feira e diminutos estabelecimentos infestados onde se cozinhava, se vendia e comercializava de tudo.

Confuso, abrindo caminho com dificuldade entre aquela maré humana mistura de turistas, árabes puxando asnos carregados de volumosos fardos, mulheres de rosto coberto com véus e equilibrando grandes cântaros de barro na cabeça, religiosos de todas as confissões e um ou outro rabino apressado, exibindo as suas tradicionais vestes: levita comprida e negra como a noite e chapéu de abas largas de veludo igualmente azeviche, barbas longas e suíças encaracoladas caindo das têmporas – finalmente consegui chegar a outro dos santuários da Cidade Velha. Sem dúvida, o mais santo para o cristianismo: a Igreja do Santo Sepulcro.

Não foi fácil desembaraçar-me da criançada, que, desde o instante em que pisei a suposta Via Dolorosa, praticamente assaltou os transeuntes estrangeiros ou com aspecto de turistas, impingindo-lhes todo o tipo de mercadorias. Lembro-me com tristeza de numa sexta-feira, às três horas da tarde, durante um treino, ter passado por acaso na Via Dolorosa quando havia uma procissão tradicional organizada todas as semanas pelos padres franciscanos. Aquele espectáculo comoveu-me.

Enquanto os religiosos e fiéis avançavam lenta e pausadamente pelas ruas, ora de joelhos, ora carregando grandes cruzes, os donos das lojas, de um lado e do outro, continuavam a apregoar os seus produtos e souvenirs, alheios a tudo aquilo e sem o menor respeito para com aqueles devotos cristãos.

Mas aquele descarado e irritante negócio fica obscurecido

perante o que, para mim, constitui uma das mais negras e frias afrontas que se possa conceber num lugar tão sagrado e especial como o Santo Sepulcro.

Agora interrogo-me se não deveria ter omitido estas experiências nada edificantes. Mas eu tenho que ser fiel aos meus próprios sentimentos e absolutamente claro e sincero.

De facto, também não tem maior transcendência que a rocha do Gólgota – quase oculta sob a basílica do chamado Santo Sepulcro estivesse ou não uns metros mais a norte ou a sul da sua actual e suposta localização. O que interessa é ter sido este o lugar real e concreto onde se desenrolaram as dramáticas horas finais do Nazareno. Nem mesmo a circunstância de o túmulo de Cristo ter sido marcado pela religião e pelas tradições a tão pouca distância do lugar da execução deveria levantar qualquer problema. (Como também já expliquei, a propriedade de José de Arimateia – uma pequena quinta de retiro e repouso – ficava relativamente afastada do Gólgota) Não era habitual, nem lógico, que este tipo de propriedade se situasse praticamente ao lado de um lugar tão tétrico como o das execuções públicas. Depois do meu regresso da Jerusalém do ano 30, e após consultar mapas e percorrer a zona, estou convencido de que a gruta que abrigou o cadáver de Jesus se encontra

* Digo suposta Via Dolorosa porque, como já disse em páginas anteriores deste diário, o caminho que Jesus de Nazaré seguiu desde o interior da Fortaleza Antónia até ao Gólgota, na manhã de sexta-feira, 7 de Abril do ano 30, não foi o que tradicionalmente os cristãos veneram. As circunstâncias políticas, como já expliquei, aconselhavam que o oficial romano escolhesse outra via: a que ia pelo exterior da muralha norte da Jerusalém daquele tempo. Como aconteceu com outros lugares santos" a tradição não foi muito feliz no momento de fixar com exactidão onde ocorreram tão importantes acontecimentos. (N. Do N.)

nalgum lugar da ponta nordeste do actual bairro árabe.

Concretamente, entre a Igreja de SantAna e o Museu Rockefeller; este último, fora do bairro árabe.

Talvez algum dia, se se fizerem escavações nesse sector, o mundo possa descobri-lo.

O que realmente me pareceu indigno do lugar que se pretende venerar foi um facto que tive de viver naquela manhã agitada.

Durante um bom bocado errei pelas escuras e sobrecarregadas capelas, absurdamente divididas entre gregos ortodoxos e católicos romanos, descendo até uma das criptas onde, segundo a tradição, Santa Helena encontrou as três cruzes, atiradas para uma espécie de lixeira pelos soldados romanos, depois de concluídas as crucificações. Noutra das dependências voltei a encontrar-me com a coluna da flagelação: um delicado e caro pilar de mármore vermelho de uns cinquenta centímetros de altura e com um fino pedestal. Não pude deixar de sorrir. Aquela espécie de pedra miliária jamais poderia ter sido utilizada para amarrar cavalos. Era demasiado cara e delicada.

* O actual carácter pitoresco dos chamados lugares santos chega ao extremo de, um pouco a norte da Porta de Damasco, o visitante poder encontrar outro Gúlgota.

Tudo começou a partir do ano 1883, quando o general britânico

C. Gordon associou um montículo ali existente com a forma de uma caveira. A existência, na rocha, de um túmulo do século contribuiu – e de que maneira! - para dividir as opiniões. Em 1892, a Sociedade do Jardim do Túmulo comprou o lugar, sendo desde então visitado por numerosos peregrinos. Pessoalmente não compartilho do critério do bom general inglês. Entre outras razões, por que a citada Porta de Damasco e a muralha na qual se encontra não existiam no tempo de Cristo.

O verdadeiro Gólgota ficava muito mais perto, nas proximidades da Porta de Efraim. (N. Do M) 2 A actual Igreja do Santo Sepulcro, construída em grande parte pelos Cruzados no ano 1149. pertence a seis confissões religiosas diferentes, de acordo com um statu quo decretado em 1082 pelos Turcos, perante as constantes brigas e autênticas batalhas campais que travavam, e ainda travam, os diferentes credos que a têm em propriedade.

O que realmente é o Gólgota, ou Calvário, está ocupado por duas capelas que pertencem às seitas mais prósperas e poderosas: a Igreja Ortodoxa e a Igreja Católica Romana.

A primeira – a grega – ocupa o lugar onde se supõe que Cristo foi crucificado. A católica corresponde, segundo a tradição, ao lugar onde Jesus foi despojado das suas vestes. Quase um terço das fundações das duas capelas assentam sobre a rocha do Gólgota propriamente dita. Só uma pequena parte da mesma pode ser observada sob o altar dedicado à Nossa Senhora das Dores, assim como

na parte inferior de outra capela: a de Adão. (iV. Do M)

3 Esta tradição tem pouco fundamento. A realidade é que os legionários romanos não costumavam deitar fora as cruzes das execuções. Mais ainda: o madeiro vertical, ou stipe, permanecia espetado no chão. As peripécias desta atormentada igreja remontam ao século iv. No ano 324, quando foi construída pela primeira vez, ficou quase no centro do que era então a Jerusalém amuralhada. Segundo todos os vestígios arqueológicos, cerca de onze anos depois da morte de Cristo (ano 30), o Gólgota já ficava dentro da cidade, por causa da muralha construída por Herodes Agripa no ano 44. No ano 135, o imperador Adriano, tentando apagar os lugares venerados por cristãos e judeus, ordenou a construção de um templo a Júpiter nos pontos onde, segundo a tradição, se encontravam o Gólgota e o túmulo de Cristo. E o mesmo aconteceria com a gruta da Natividade, em Belém. Tomando como referência estes templos pagãos, a rainha Santa Helena, mãe do imperador Constantino, mandou construir, no ano 326, uma magnífica basílica nos lugares ocupados pelo Calvário e o suposto túmulo de Jesus. No ano

614, os Persas destruíram-na. Mas foi de novo levantada pelo abade Modesto. Em 1009, o califa Hakem arrasou-a, sendo a destruição desta igreja uma das causas das Cruzadas No ano 1048 seria restaurada por Constantino Monómaco. (N. Do M)

E, de repente, encontrei-me diante de um grupo de turistas em fila para visitar o não menos suposto túmulo do Galileu 1.

Aquele era um dos santuários que eu me negara a ver durante a minha etapa de preparação e treino. Acho que já o disse antes: tanto a direcção do Cavalo de Tróia como eu próprio considerávamos que, para determinadas fases da missão, era melhor prescindir das informações já existentes. Isso proporcionava-nos um maior grau de objectividade. Daí que, ao juntar-me ao paciente grupo, eu sentisse uma inevitável curiosidade. Era totalmente impossível que a gruta que serviu de túmulo a Jesus de Nazaré estivesse tão perto do Calvário. (Apenas vinte ou trinta metros no interior da igreja) Mas decidi dar uma vista de olhos.

O monumento que na actualidade cobre e protege essa sepultura, muito decorado e com uma grande cúpula de estilo russo, é tão estreito que só permite a passagem de quatro ou cinco pessoas ao mesmo tempo. A grande velocidade, quase mecanicamente os turistas que me precediam foram

entrando e saindo do túmulo. Quando chegou a minha vez, sinceramente, fiquei horrorizado. Num estreitíssimo cubículo com apenas dois metros de comprimento, um de largura e dois de altura, pode ver-se, à direita, uma pedra mármore que não tem mais de um metro e setenta centímetros de comprimento. Era impossível que o corpo de Cristo, com o seu metro e oitenta e um centímetros de altura, coubesse na posição horizontal sobre aquela pedra. Mas estas considerações, insisto, eram de somenos importância.

O que me exasperou foi a atitude do pope grego, que permanecia de pé ao lado da cabeceira do suposto túmulo. A sua principal, e eu diria única, missão consistia em arrecadar as notas – se fossem divisas, muito melhor – que cada visitante se via quase forçado a dar. A operação dos cobiçosos gregos ortodoxos era perfeita.

Ao entrar na reduzidíssima câmara, os quatro ou cinco fiéis emocionados e trémulos eram abordados por um ajudante do hierático pope que, mostrando-lhes um punhado de finas velas negras e quase sem pronunciar uma palavra, lhes dava a entender que o correcto seria deixar uma boa esmola. Para no caso de que o surpreendido visitante hesitasse ou não soubesse que quantidade devia deixar, os astutos proprietários do túmulo iam depositando as notas de moeda mais forte (dólares, marcos alemães, etc) ao pé de um dos círios situados na cabeceira, junto ao vigilante sacerdote. A abordagem é tão descarada e fulminante que poucas são as pessoas que se negam a participar naquele negócio. E o mais doloroso é que, uma vez consumado o assalto, não há tempo para mais nada. Nem sequer para balbuciar um rápido pai-nosso. (E preciso lembrar que a imensa maioria dos que desfilam diante do túmulo de Cristo está convencida que aquela é a rocha sobre a qual repousou o cadáver do Salvador. Uma coisa tão grandiosa e emocionante como para merecer, pelo menos, que se possa orar ou meditar durante alguns minutos. Mas até isso está subtilmente proibido pelos modernos Anás e Caifás)

** Uma descrição pormenorizada da cripta onde foi sepultado Jesus Cristo aparece no volume anterior desta obra, que corresponde à primeira parte do diário do major norte-americano. Nela, com efeito, se diz que o tecto da gruta estava a um metro e setenta centímetros de altura e que a câmara era quadrada: com cerca de três metros de largura. (Notas do autor)*

Uma vez acesas as velas, o grupo é convidado – quase compelido – a abandonar o lugar, com a desculpa de que são muitos os fiéis que ainda aguardam do lado de fora. Nisso têm razão, se bem que as verdadeiras intenções dos gregos ortodoxos apontem para outra direcção. Se tivermos em conta que ao longo de qualquer Semana Santa a cripta é visitada, em média, por quarenta e seis mil pessoas e que a média do dinheiro doado por pessoa é de cerca de cinco dólares norte-americanos, não é preciso ser muito perspicaz para adivinhar quais as intenções.

Como dizem os Israelitas, o túmulo de Jesus de Nazaré é uma mina de ouro. Que negócio desta natureza arrecada um lucro médio diário de quinze mil dólares?

Foi talvez um momento de fraqueza. Mas, diante de semelhante absurdo, não pude conter-me. É claro que não dei nem um centavo. Encarando o impassível pope, censurei-o pelo que eu considerava um desonesto aluguer do túmulo do Nazareno. O grego acariciou as suas negras e desalinhadas barbas e, olhando para mim com displicência, argumentou:

- Ninguém o obriga, irmão.

- Claro.

Não houve tempo para mais. O ajudante, obedecendo a um significativo e estudado olhar do sacerdote, agarrou no meu braço e, suave mas firmemente, levou-me para a saída.

Entristecido e indignado, não parei até alcançar a muralha sul da Cidade Santa. Cidade Santa? Meu Deus! Como as coisas mudaram tão pouco!.

Uma ligeira brisa recebeu-me sob o arco da Porta de Sião, no final do bairro arménio. Parei, procurando acalmar o meu espírito. No fundo, quem é que pode mudar tão drasticamente as tendências e fraquezas humanas? Talvez algum dia – como profetizou o Mestre - o mundo saia do inverno materialista para entrar na primavera espiritual. Mas isso parece ainda vir longe.

Ao entrar na calçada de Hativat Etzioni, entre as muralhas da Cidade

Velha e o monte Sião, o meu único guia foi o instinto. Ao fim de alguns minutos eu já estava à beira dos profundos barrancos do vale de Hinnom, onde, outrora, se localizara a lixeira da Jerusalém bíblica: a Geena mencionada nos Evangelhos canónicos. Aquela sinuosa depressão, salpicada de rochas e penhascos, não tinha mudado muito. A principal e mais forte lembrança daquele desfiladeiro era a ansiosa busca, na manhã de sábado, 8 de Abril do ano 30, em companhia do jovem João Marcos, do desaparecido Judas. Procurei orientar-me, num absurdo esforço por reconhecer o sítio exacto sobre o qual se atirara o infeliz apóstolo.

Eu lembrava-me muito bem de que o corpo jazia no fundo daquela garganta, a uns quarenta metros de profundidade. Recuei para ocidente, dando a volta à zona onde hoje se levantam o túmulo de David e o Cenáculo. Foi inútil. As sucessivas edificações e as mudanças na ortografia tinham apagado parte da antiga e abrupta depressão. Talvez a Igreja de Santo André, mesmo à beira do Derech Hevron, seja o recanto mais próximo.

Mas não consigo ter a certeza. É triste a cristandade não ter levantado – apesar de Judas ter sido um traidor – um simples e modesto monumento à memória de uma personagem tão importante e porque não? - tão próxima do Mestre. Oxalá estas linhas animem alguém a empreender o caritativo – não sei se justo – empreendimento de colocar uma cruz no fundo ou na orla do vale de Hinnom, em memória do Iscariotes. Quanto a mim, depois de apanhar numa das encostas do barranco um punhado das primeiras margaridas e de as ter envolvido em verdes e brilhantes murtas silvestres, muito abundantes entre aqueles rochedos, lancei o improvisado ramalhete para o coração do desfiladeiro.

Nunca consegui uma explicação satisfatória do porquê daquele sincero gesto.

Talvez, por vezes, me sinta mais atraído pelos homens derrotados ou enganados do que pelos justos ou irrepreensíveis. Ele, apesar de tudo, também tinha amado Judas. E em certa ocasião tinha dito: «Deus é tão liberal que até permite que erres. Quando for o caso, pede explicação ao teu irmão, mas nunca o odeies. Só quando olhardes para os vossos irmãos com caridade é que podereis sentir-vos contentes».

Lancei um último olhar à minha modesta oferenda, confundida entre os abrolhos e arbustos que crescem dolorosamente entre as fendas rochosas do fundo e, reconfortado, voltei pelo caminho que serpenteia paralelamente ao Hinnom, vindo pelas Calçadas de Melchisedek e HaOfel. Sob o famoso pináculo do Templo, no extremo mais oriental da Cidade Velha, dezenas de pombos – como há dois mil anos – aninhavam-se nos buracos da orgulhosa muralha. Mas a minha atenção desviou-se para a encosta ocidental do monte das Oliveiras.

O passar dos séculos e a construção na encosta das conhecidas igrejas e santuários de Getsémani Dominus Flevit, o túmulo da Virgem Maria, o de Santa Maria Madalena e a Igreja das Nações, entre outras, alteraram o perfil primitivo e genuíno do monte sagrado. Exceptuando alguns círculos isolados de oliveiras, o resto é igualmente irreconhecível. Caminhei lentamente, seguindo o curso da muralha oriental do desaparecido Segundo Templo, e fazendo contínuas paragens. Mas, salvo os precipícios que vão configurando o velho leito do Cédron e os quatro monumentos funerários que ainda estão de pé no começo daquela rampa do monte das Oliveiras atribuídos a Absalão, Josafat, Tiago e Zacarias -, nada conserva do seu antigo aspecto.

Os velhos caminhos que iam de uma ponta à outra, atravessando o vale, e que o Galileu tinha palmilhado nas idas e vindas

** Dominus Flevit ou O Senhor Chorou lembra as lágrimas derramadas por Jesus na manhã do Domingo de Ramos. A primitiva igreja, obra dos Cruzados, data do século xll.*

Após a sua destruição, foi reconstruída em 1891 em forma de lágrima. (N. Do M)

2 Também chamada Igreja Russa. Foi construída em 1888 pelo czar Alexandre III, em memória de sua mãe. É propriedade das freiras russas. Na cripta encontra-se sepultada a grã-duquesa Elizabete Feodorovna, irmã da imperatriz Alexandra, morta na Sibéria em 1918 pelos bolcheviques. (N. Do M.)

A actual igreja, uma das mais belas de Jerusalém, foi construída no princípio do século xx. É chamada Igreja das Nações porque os fundos para a sua construção foram doados por dezasseis países. Em cada uma das cúpulas pode admirar-se o escudo, em mosaico. De cada uma das dezasseis nações. Em frente ao altar pude observar os restos daquilo que a tradição cristã considera como uma das rochas da agonia de Jesus de Nazaré. A verdade é que a basílica e o bloco de pedra em questão se encontram praticamente no fundo do vale de Cédron, e a referida oração do horto teve lugar numa cota superior, e um pouco mais a norte, da encosta ocidental do monte das Oliveiras. (N. Do M.)

As tradições judaico-cristãs asseguram que este estreito vale do Cédron será o cenário do Juízo Final. (N. Do M)

de Betânia ou do acampamento de Getsémani, tinham sido apagados ou substituídos por modernas estradas e vias alcatroadas.

Um vento frio começou a soprar de nordeste, arrastando nuvens negras e ameaçadoras sobre Jerusalém. Restariam apenas três horas de luz e, consciente de que a nossa próxima reunião no Ramada Shalom tinha sido programada para as dezoito horas, estuguei o passo.

Também não sabia, naquele momento, o que buscava. Talvez algum oculto ou remoto vestígio do lugar onde o Mestre costumava instalar o Seu acampamento?

Conforme me fui aproximando do jardim do Getsémani, aquele interesse foi-se diluindo. Como já disse, nem mesmo o templo que recorda o lugar onde foi preso o Galileu está correctamente situado.

Durante alguns minutos, fui pela estrada estreita que sobe em direcção ao cimo e vai dar à mesquita da Ascensão. E, tomando como referência a Porta Dourada do muro oriental

do Templo (agora fechada até ao fim dos tempos), virei à esquerda, saindo da calçada. Se não estava enganado, não muito longe dali vivera os intensos momentos da oração do horto, do suor de sangue ou hematidrose de Jesus e, numa cota inferior, no velho e desaparecido caminho, presenciara a chegada das tropas romanas e levitas e a acidentada prisão do Mestre. Não tardei muito a desistir. Depois de uma curta incursão num pequeno campo onde cresciam oliveiras novas, uma série de quintas modernas impediu-me a passagem.

Tudo tinha sido engolido pelo progresso. Mais uma vez, perdido no meu próprio presente, lamentei que os seres humanos não tenham sabido ou querido respeitar um lugar tão íntimo e sagrado como aquele.

Sei que é um sonho impossível; mas não teria sido mais emotivo e autêntico conservar, tal como eram, os lugares onde viveu Cristo, sem igrejas nem santuários? Depois destas vivências decepcionantes, compreendo melhor os seguidores do Rabi da Galileia, que preferem manter a sua lembrança afastando-se dos tradicionais lugares santos e procurando os lugares – montanhas, desertos, praias da Galileia ou campos – que continuam virgens e sem qualquer transformação.

Pouco faltou para que, ao descer em direcção à movimentada estrada de Derech Jericho – a que passa à frente da igreja de Getsémani – continuasse no meu caminho à procura de um táxi que me levasse ao hotel. Mas, algo inexplicável, essa espécie de força interior que me acompanha desde então, me obrigou a parar diante da porta do Holy Place: o jardim onde se conservam e cuidam oito veneráveis oliveiras que, segundo a tradição, foram as mesmas que abrigaram o Mestre. Depois de me livrar dos inevitáveis vendedores ambulantes e dos árabes que se empenhavam em montar os turistas nos seus camelos, entrei no silencioso e sossegado recinto.

Começava a chover e a maioria dos poucos visitantes precipitava-se para a saída. Ao ver as velhas oliveiras

enroscadas, senti um estremecimento. Alguns daqueles vetustos e grossos exemplares eram, de facto, idênticos aos que cresciam na propriedade de Simão, o leproso. Agarrado à cerca de ferro que os separa e protege do público e absorto na contemplação daquelas possíveis testemunhas mudas da passagem de Jesus de Nazaré durante as Suas caminhadas pelas encostas do monte das Oliveiras, não me apercebi da forte chuva que me encharcava. Até que, providencialmente, quase como uma aparição, vi surgir de baixo de uma das frondosas oliveiras, uma personagem pequenina que, rapidamente, se colocou diante de mim. Com um sorriso luminoso, o franciscano fez-me cair na realidade, recordando-me que estava a chover. E, sem mais cerimónias, fez-me atravessar a grade, conduzindo-me para junto da gigantesca árvore de onde eu o vira sair uns segundos antes. Era o padre José Montalverne, por acaso jardineiro excelente e uma das autoridades mundiais no tema das velhas oliveiras do Getsémani. Sob as brilhantes folhas verde-brancas do improvisado guarda-chuva estabeleceu-se entre nós uma viva corrente de simpatia mútua.

Quando lhe perguntei qual a antiguidade real daqueles oito exemplares, o religioso sorriu maliciosamente, como se aquela pergunta fosse habitual entre os peregrinos que as visitam diariamente. O amável e paciente franciscano explicou-me então que tinham submetido uma amostra de um tronco abatido em 1954 às provas do carbono 14. Pois bem, segundo as tabelas de Nieh-Bohr, aquela madeira remontava a duzentos anos antes de Cristo.

Quando retorqui que os romanos tinham mandado cortar todas as árvores que rodeavam Jerusalém 1, Montalverne, sem se alterar, aconselhou-me que, se eu desejasse mais informações sobre as oliveiras, não hesitasse em consultar o professor Shimon Lavee, director do Volcani Agriculture Centre, em Bet-Dagan. Lavee é considerado o maior especialista do mundo em oliveiras. E, segundo este

cientista, qualquer oliveira de Israel que tenha uma base de seis metros de circunferência, tem, pelo menos, dois mil anos. O franciscano indicou-me então o enrugado e tortuoso tronco da árvore que nos resguardava da chuva, acrescentando:

- E esta, meu querido amigo, tem onze metros e oitenta centímetros.

A verdade é que eu não precisava de tantas explicações. Mas foram bem recebidas. Saltava à vista que algumas das veneradas oliveiras do horto do Getsémani tinham dois mil anos ou mais.

E, movido por um íntimo desejo, peguei com os meus dedos num dos ramos e aproximei-o dos lábios. O bom franciscano, talvez comovido por aquele beijo espontâneo, apressou-se então a cortar um raminho com folhas, e deu-mo. Eu sabia que aquilo era proibido. Uma das justificações para a existência da cerca metálica que rodeia as oito oliveiras é precisamente esta: «evitar que o excessivo entusiasmo dos peregrinos destrua as árvores». E agradeci repetidamente a sua generosidade. Hoje, as compridas, ainda verdes e queridas folhas são a única lembrança física da minha passagem por Israel.

** Para muitos historiadores, este ponto não está completamente claro. Flávio Josefo escreveu que Tito mandou cortar todas as árvores existentes à volta da Cidade Santa.*

Isto aconteceu no ano 70. Outros especialistas, por seu lado, opinam o contrário: que o general romano Vespasiano e o seu filho Tito tiveram a máxima preocupação em respeitar os lugares sagrados. E este, Getsémani ou Jardim de Zorobabel", como ainda lhe chamam os Árabes, era considerado uma zona sagrada e monumental. Ao que parece, este jardim" foi plantado por ordem do rei Ciro da Babilónia, por volta dos anos 520-530 a. C. (N. Do M)

2 Durante a minha primeira visita a Israel (1985), ao percorrer o jardim de Getsémani, pude comprovar como alguns turistas chegavam a pagar cinquenta dólares para que os respectivos guias lhes conseguissem – sempre às escondidas – algumas folhas ou ramos daquelas oliveiras. (N. Do A)

Entre as sombras do ocaso, com o meu precioso tesouro nas mãos, regressei finalmente ao nosso quartel-general: o Ramada Shalom. Eliseu estava à minha espera nervoso e impaciente.

Algo de muito grave estava para acontecer.

A preocupação dos meus companheiros era mais do que justificada. Durante a sua permanência na embaixada dos Estados Unidos em Jerusalém

tinha circulado um rumor – confirmado nessa manhã – que podia pôr

em perigo a já complicada situação. As autoridades jordanas tinham prendido o chefe dos serviços secretos da organização guerrilheira palestiniana

Setembro Negro, Abu Daoud, quando se preparava para entrar, de automóvel, na Jordânia, vindo da vizinha Síria. Com ele foram capturados

outros vinte terroristas. A informação, devidamente comprovada pelo

Mossad e pelo Agafl, estava correcta e não demorou a chegar aos serviços secretos norte-americanos destacados em Amã e, quase simultaneamente, aos de Israel. No dia seguinte, 20 de Fevereiro, o jornal Davar confirmaria os factos, prognosticando o recrudescimento da guerra fria entre a Líbia – defensora até às últimas consequências dos movimentos guerrilheiros palestinianos – e a Jordânia. Aquilo, insisto, podia prejudicar-nos seriamente. Era por todos sabido que quando o Mossad Lemodün Vetafkidim Meiujadim (o célebre Instituto de Informações e Operações Especiais ou Mossad) ou o exército israelita davam um golpe na resistência palestiniana, esta respondia com tanta

violência como rapidez, escolhendo – às vezes de maneira suicida – os objectivos mais à mão. E nós – a estação receptora de imagens, desmontada e escondida no interior da mesquita da Ascensão – éramos mais que um hipotético alvo militar das facções palestinianas.

Aquela noite de 19 de Fevereiro foi especialmente tensa.

Receávamos pela segurança do berço, mas, salvo roer as unhas e tentar descobrir onde estava Curtiss, não conseguimos grande coisa. O general, de acordo com as informações que tínhamos em nosso poder, devia encontrar-se – desde a manhã do domingo, 18 de Fevereiro - em plena batalha com o estado-maior do general Eleazar, lutando e pressionando, supúnhamos nós, para descobrir a nova localização da estação e o sistema operacional que permitisse o transporte dos equipamentos.

Por volta das onze horas dessa noite, finalmente, tocou o telefone do quarto de Eliseu, onde estávamos reunidos. Era o director do Projecto.

As suas ordens foram breves e contundentes: tínhamos de pôr em andamento a fase azul do programa. Apesar das nossas

**3 Nesta parte do diário do Major aparece um pequenino sobrescrito de plástico, colado à folha correspondente, contendo três folhas de oliveira de 45 centímetros de comprimento cada uma. Para mim também constituem um inestimável tesouro. (N. Do il) Agaf ou Agaf Hamodün: Serviços Secretos do Exército de Israel. Trabalha paralelamente ao Mossad. Trata-se de um departamento do estado-maior.*

Entre as suas múltiplas funções especiais figuram a estruturação das avaliações na política de segurança nacional, sempre baseadas em informações secretas; a obtenção de informação de carácter militar nos países vizinhos (muito em especial nos árabes); desenvolvimento de metodologias e tecnologias especiais para o trabalho dos Serviços Secretos; cartografia militar; censura e segurança militares, e a supervisão da missão dos adidos militares israelitas no estrangeiro. A sua eficácia era extraordinária, tendo granjeado, do mesmo modo que o Mossad, um reconhecido prestígio mundial. (N. Do M)

insinuações, Curtiss negou-se a falar. «Amanhã em Lod – foi a resposta dele. - Já está tudo preparado. O árabe estará aí às oito horas. Boa sorte».

Eliseu compreendeu que não havia nada a fazer e desligou o telefone.

A fase azul – nome de código só conhecido por Curtiss, os directores e nós – era, na realidade, a primeira das três etapas em que tinha sido dividida a segunda aventura. Mas não irei referir-me, por agora, às fases seguintes: a verde e vermelha. A que devíamos executar no dia seguinte era vital, face à exploração a que nos propúnhamos. Como simples informação antecipada, direi que, segundo o programa previsto pelo Cavalo de Tróia, um dos meus trabalhos do outro lado – supondo que tudo funcionasse correctamente – consistiria na análise da natureza e composição atómica e molecular do chamado, pelos cristãos, corpo glorioso de Cristo. Supondo, naturalmente, que essas aparições, depois da morte e ressurreição, fossem verdadeiras.

Para isso, a minha querida e familiar vara de Moisés tão útil nas comprovações médicas durante a Paixão e Morte de Jesus – tinha de sofrer algumas modificações, às quais me referirei em seu devido tempo.

Um dos dispositivos, em especial, era fundamental para o desempenho dessa missão de investigação do misterioso corpo glorioso.

E, apesar do seu acondicionamento no interior da vara não levantar muitas dificuldades técnicas, a escassez do tempo disponível e o necessário transporte da sofisticada ferramenta para os Estados Unidos preocupava-nos. Nisto, portanto, se baseava a fase azul: enviar para o nosso país os equipamentos susceptíveis de alterações ou mudanças. Dadas as difíceis circunstâncias que atravessávamos – dificultadas ainda mais pela detenção de Abu Daoud -, o que em condições normais teria sido um trâmite sem

complicações, apresentava-se agora como uma operação comprometedora. Eu explico-me. Na sequência dos acontecimentos azarentos vividos nos últimos dias, e por razões de segurança, Curtiss tinha preferido que a vara de Moisés ficasse com o resto dos equipamentos na mesquita. Agora, tinha de a tirar de lá e, devidamente embalada e camuflada, transportá-la o mais segura e rapidamente possível para os Estados Unidos. Com os israelitas, em princípio, não parecia haver muitos problemas.

O general, no decurso dos seus contactos com o estado-maior, tinha-se encarregado de esclarecer que, face a uma segunda montagem da estação receptora de imagens, parte dos instrumentos tinha de ser revista e renovada pelos especialistas da USAF.

Os israelitas compreenderam e aceitaram, oferecendo todo o tipo de facilidades para o transporte. Mas a ameaça palestiniana contra o octógono da Ascensão obrigava à adopção de medidas complementares. Aí entrávamos nós, sempre de mãos dadas e convenientemente protegidos pelos astutos israelitas.

O plano para a retirada da vara era perfeito e sem complicações aparentes.

Na manhã seguinte, terça-feira, 20 de Fevereiro, às oito horas, um potente automóvel – um Subaru, de chapa amarela, com

** Os veículos com este tipo de chapa ou matrícula estão autorizados a circular livremente em todo o Estado de Israel.*

Nas chamadas zonas ocupadas" (habitadas sobretudo por árabes). os turistas particulares usam chapas azuis e os táxis, verdes. (iV. Do M.)

matrícula 22-552-84 – parava em frente da porta do hotel.

Eliseu e eu, de acordo com o estabelecido, ocupámos os bancos de trás e o automóvel arrancou sem perder um segundo. Ao volante e no banco do lado silenciosos como múmias – viajavam dois indivíduos absolutamente desconhecidos para nós.

Vestiam-se à maneira árabe: com os respectivos abba ou albornozes de lã castanha-escura e lenços aos quadradinhos brancos e vermelhos na cabeça, seguros com duas voltas de um grosso cordão negro.

Um deles, o que conduzia, a julgar pelo bigode, pêra e pele escura, devia ser um muçulmano autêntico. Talvez um beduíno. O outro, pelo contrário, mais novo, branco, de nariz proeminente e olhos claros, apresentava características muito típicas dos sabras1.

Ambos deviam ser, sem sombra de dúvida, membros do exército israelita ou, isso nunca o soubemos, talvez de algum dos serviços secretos de Israel. Mas o importante é que estavam ali para nos ajudar.

Vinte minutos depois, o Subaru estacionava em frente do restaurante The Tent. Os controlos montados pelos soldados israelitas em redor da mesquita da Ascensão – situada a vinte metros do referido restaurante, impediam a passagem de qualquer veículo não autorizado. E o nosso, ao que parecia, também não estava.

Estranhei aquilo. Horas depois, Curtiss explicou-nos o porquê de tão anómala e, até certo ponto, absurda situação.

Assim que saímos do carro, o árabe de pele branca dirigiu-se ao oficial responsável, mostrando-lhe um documento do qual apenas consegui decifrar algumas palavras em inglês. O resto estava escrito em caracteres orientais. E de repente comecei a perceber.

Aquele organismo oficial – Santa Custódia – deu-me uma

ideia do que tinham tramado as altas esferas. Desde o início dos trabalhos de restauração dos supostamente danificados alicerces do octógono, os membros da Santa Custódia dos Lugares Sagrados – responsáveis também pela mesquita – vinham controlando o trabalho dos arqueólogos e especialistas.

Aquela visita, por conseguinte, podia ser interpretada como uma rotineira ronda de inspecção por qualquer hipotético observador do recinto.

O que desconhecíamos, então, era que o tenente que se encarregara do documento estava a par da manobra e, obviamente, da verdadeira identidade dos nossos acompanhantes. Isto explicava porque é que em tão delicados momentos – com a ameaça de um atentado palestiniano – o oficial israelita nos dava tão pouca atenção. Depois de simular que revistava a nossa roupa, deu ordem para que nos acompanhassem até ao muro que rodeia a capela. Os supostos árabes foram à nossa frente e, uma vez no interior, fecharam a pequena porta metálica, fazendo-nos um sinal para que avançássemos.

Durante o tempo gasto na localização e recolha dos dois estojos blindados – com pouco mais de um metro de comprimento cada um e nos quais fora colocado um rótulo que dizia: Frágil.

** Assim são chamados os nascidos em Israel. Sabra é o nome do fruto da figueira-da-índia, muito abundante naquele país.*

Tal como os sabras repletos de espinhos por fora, mas doces por dentro -, os Israelitas, à primeira vista, são duros.

Quando os conhecemos. Vemos que são afáveis e agradáveis como o fruto da figueira-da-índia. (N. Do A)

material de laboratório – que continham as diferentes peças desmontadas da vara de Moisés, os nossos protectores não arredaram pé da entrada.

Às nove horas, uma vez arrumada a carga no porta-bagagens do carro, este partia a toda a velocidade na direcção norte.

Vinte minutos depois, no aeroporto de Jerusalém um helicóptero da Força Aérea israelita levava-nos para Telavive.

Às dez horas e cinco minutos, depois de dezasseis minutos de voo, aterrávamos na zona militar do aeroporto internacional de Lod. Ali, no fim da pista, esperava-nos, sorridente, o general Curtiss. Ele próprio tomou conta das caixas metálicas, confiando a sua custódia aos dois membros do Cavalo de Tróia que deveriam levá-las para a Base Edwards, nos Estados Unidos. A meio da manhã, um voo regular da TWA descolava, via Roma com o nosso precioso equipamento. A fase azul estava quase concluída.

Bastante mais calmos, de regresso a Jerusalém, a velha raposa quis saber como terminara a nossa visita à mesquita da Ascensão. Quando lhe perguntei porque é que o Subaru não ia já com a devida autorização para estacionar na praceta, simplificando assim as coisas, Curtiss fez-nos a seguinte observação:

- a farsa, preparada de facto, pelos serviços secretos israelitas, tinha um objectivo primordial: despistar os possíveis informadores da guerrilha palestiniana, muito atenta, segundo o Mossad a todos os movimentos dentro e fora da mesquita. Neste sentido, a subtileza israelita tinha chegado ao extremo de utilizar um automóvel semelhante ao do árabe encarregue de vender os souvenirs no escuro interior do octógono. Falsificando até a matrícula. Em resumo, dada a estreita ligação deste muçulmano – cuj a identidade silencio por razões óbvias – com a Santa Custódia, o serviço secreto aconselhou a substituir, para esta missão, o

encarregado da mesquita, com automóvel e tudo. Se o resgate da vara – concluiu o general – tivesse sido efectuado às claras pelo exército israelita ou pelo pessoal norte-americano, o seu transporte estaria permanentemente ameaçado. O Mossad avisou com toda a clareza, não se responsabilizando pela segurança dos instrumentos se não acatassem o seu plano e os seus métodos.

Uma vez concluídas estas explicações, Curtiss não fez mais comentários, apesar da nossa insistência. O resto dos sessenta e dois quilómetros que separam Telavive de Jerusalém foi feito num profundo silêncio. Sabíamos que o general estava na posse de mais informações. Mas respeitámos o seu silêncio, embora impacientes, isso sim, por conhecermos o desenlace da missão.

Aquilo era novo. Curtiss olhou para nós, divertido, mas não disse nada. Quando finalmente nos sentámos no quarto de Eliseu, o general, referindo-se aos três homens à paisana que havíamos cumprimentado no corredor, junto às portas dos nossos respectivos quartos, esclareceu:

- Não se assustem. São coisas da embaixada. Lá em baixo, no hall, digo-o só para que tenham conhecimento, há mais.

Era a primeira vez que se tomavam medidas de segurança tão excepcionais e, francamente, ficámos alarmados. Evidentemente, alguma coisa não estava a correr bem. Mas o som do telefone obrigar-nos-ia a adiar algumas das muitas perguntas que, na minha opinião, tínhamos direito a fazer. O resto da equipa estava à espera na sala de jantar do hotel.

Quando saiu do quarto, Curtiss trocou umas breves palavras com um dos funcionários, e logo dois deles se juntaram a nós.

Ainda mal tínhamos começado a almoçar – sempre sob a discreta vigilância dos guarda-costas, sentados a uma mesa próxima – e o general adiantou-se aos meus pensamentos e

às minhas intenções.

- Suponho que já sabem da prisão desse guerrilheiro. Como é que se chama?

- Abu Daoud – interveio um dos directores do Projecto.

- É isso – concordou Curtiss com um gesto de preocupação. O Governo de Golda receia uma represália palestiniana. Portanto, não se admirem – comentou baixando o tom da voz e apontando dissimuladamente para os funcionários – das medidas especiais que se adoptaram.

Pessoalmente, creio que este incidente nos pode beneficiar.

Perante a lógica consternação dos presentes, concluiu assim a sua exposição:

- Esse perigo latente obrigou os israelitas a acelerar a mudança dos equipamentos para o novo local.

- Então – interrompeu Eliseu -, já se sabe qual é o local.

Curtiss esboçou um sorriso malicioso. Todos esperávamos a ansiada resposta. Mas isso não aconteceu.

- Há quarenta e oito horas. Exactamente desde a manhã de domingo, pouco depois da rede do Mossad ter sido informada da presença de Daoud na Jordânia.

- E então? - pressionámos.

- Sinto muito. Peço-vos um pouco de paciência. Às sete horas da próxima quinta-feira, dia vinte e dois, talvez eu já esteja autorizado a revelar-vos o local.

Curtiss percebeu o descontentamento e a desilusão nos nossos rostos.

Éramos os seus homens de confiança. Porquê, então, aquela postura absurda?

- Compreendam – insistiu, tentando ultrapassar a evidente decepção colectiva. - São ordens do estado-maior israelita. O que sem dúvida vos posso adiantar é que a Operação

Eleazar terá início amanhã ao anoitecer.

Eleazar? Amanhã? Que diabos teria querido dizer? Curtiss, seguindo o seu costume, deixou-nos falar. Quando os ânimosjá pareciam mais calmos, tomou de novo a palavra, fazendo duas únicas advertências. Primeira: O exército israelita levaria a cabo nessa noite, dia vinte e um, um ataque preventivo que marcaria o começo da Operação Eleazar; Segunda: Às seis horas e quarenta e cinco minutos de quinta-feira, todos nós – juntamente com a nossa bagagem – nos deveríamos encontrar no vestíbulo do hotel

- Ah, já me esquecia! - concluiu Curtiss, retomando o seu sorriso tranquilizador. - E com o aspecto de arqueólogos dedicados.

Nenhum dos presentes insistiu. Conhecíamos o veterano militar e não valia a pena. Algo decisivo – isso estava claro

- fora orquestrado nos gabinetes do estado-maior israelita.

Mas o quê? Até que ponto estava em perigo a segurança da estação receptora de imagens para que o exército tivesse planeado um ataque preventivo? Meu Deus!

Todos conhecíamos a dureza desses ataques-surpresa" israelitas e começávamos a suspeitar que não tardaria a haver sangue.

Aquela funesta ideia – tão estranha ao que eu tinha aprendido com o Mestre – não me abandonaria nas tensas horas seguintes.

Curtiss mudou de tema, interessando-se pelos pormenores do aparentemente próximo salto. Examinou muito superficialmente o relatório redigido pela equipa e, depois de o guardar na pasta, prometeu estudá-lo nessa mesma noite. Vários directores do programa, logicamente preocupados com uma infinidade de problemas técnicos, assaltaram-no com perguntas.

Mas o general só respondeu com alguma precisão a uma delas: a que se referia à necessária reserva de combustível. Sem essa reserva de peróxido de hidrogénio – que deveria chegar dos Estados Unidos – a nova e fascinante aventura no tempo seria inviável.

- Está a caminho – anunciou, ao mesmo tempo que se levantava, dando assim por encerradas a refeição e a reunião. - Amanhã, às oito, voltaremos a ver-nos. Nessa altura talvez já se possam desvendar algumas das incógnitas que me colocaram. Entretanto, por favor, continuem a trabalhar no plano. Pr eocupa-me, sobretudo, o novo equipamento de Jasão e o tempo real de permanência no outro lado. A propósito - acrescentou, fazendo-me um gesto para que o acompanhasse -, tenho um trabalho, extra para ti.

Enquanto nos aproximávamos da porta do hotel, Curtiss abriu de novo a pasta e tirou um pequeno embrulho. E, antes de entrar no veículo oficial que o esperava, sussurrou-me quase ao ouvido:

- Confio na tua total discrição. Quero que estudes isto.

Ser-vos-á de grande utilidade. Mas, por favor, nem uma palavra a ninguém. Pelo menos até eu te autorizar pessoalmente.

Disse que sim com a cabeça. Segundos depois perdia-me na solidão do meu quarto. Aquele misterioso pedido do general tinha aguçado novamente a minha curiosidade.

O embrulho continha quatro livros não muito volumosos. Todos sobre um mesmo tema. Curtiss, ao seleccionar os autores – Flávio Josefo, Adolfo Schulten, Yadin, e a antologia formada por Avi-Yonah, N. Avigad, Y. Aharoni, I. Dunayevski e S. Guttman -, tinha procurado, como sempre, a máxima eficiência.

Ao informar-me, por intermédio daquelas páginas, das sucessivas expedições arqueológicas protagonizadas e dirigidas pelos referidos autores (exceptuando,

naturalmente, o judeu romanizado Flávio Josefo), comecei a compreender. Aquele lugar, descrito com toda a riqueza de pormenores nas obras que o general me tinha dado, tinha de ser o misterioso local da estação receptora de imagens. E do berço. Se assim fosse, a não menos intrigante Operação Eleazar do exército israelita também começava a ter um indubitável e inteligente sentido.

Permaneci absorto no estudo e na leitura daqueles textos, mapas e fotografias até alta noite. Então, a minha máxima preocupação era a distância considerável que existia entre aquele monumento da história de Israel e o ponto de contacto" que tínhamos escolhido, em princípio, para a descida do módulo. Esta circunstância, como já disse, podia multiplicar os riscos da missão.

Mas, é justo dizê-lo, também a suposta futura base de operações reunia consideráveis vantagens. Só quando Eliseu reclamou por telefone a minha presença é que compreendi que me esquecera dos outros companheiros. A equipa estava reunida há horas no quarto ao lado, o do meu irmão. Não demorei a juntar-me a eles para retomar as exaustivas revisões do plano. Ninguém me perguntou nada. No entanto, ao ver a minha expressão grave e preocupada, Eliseu olhou para mim com apreensão.

Dois dias depois – em plena evolução da Operação Eleazar – recordar-me-ia daquele momento e de como ele pressentira que eu estava a par de algo importante.

Pouco faltou para que, ao ir-mo-nos deitar – já bem de madrugada, eu contasse ao meu querido companheiro o que Curtiss tinha colocado nas minhas mãos. Mas, o espírito de disciplina impôs-se e deixei que os acontecimentos seguissem o seu curso natural.

Ao contrário do que deve ter acontecido com os directores do Programa e com Eliseu, a tensão nervosa traiu-me. Foi uma noite difícil. Carregada de presságios. Angustiante. Depois

de me remexer várias vezes na cama, optei por me levantar, mergulhando novamente nos livros do general. Aquela informação obcecou-me. Mas as longas horas de vigília não foram totalmente infrutíferas. Pelo menos, tinha chegado a uma conclusão que seria de indubitável utilidade na resolução da futura exploração: uma vez consumada a inversão axial das partículas subatómicas do módulo, este deveria efectuar um voo horizontal e manual até ao ponto de contacto, no cimo do monte das Oliveiras. Essa seria a minha proposta definitiva.

Às oito da manhã de quarta-feira, 21 de Fevereiro, após um prolongado e relaxante banho de chuveiro, fui ter com os directores e com o pontual Curtiss no hall. E quero salientar um facto que descobri naquela mesma manhã, justamente quando me preparava para o asseio pessoal, e, ao qual, na altura não dei o devido valor. Tratava-se de uma série de sardas em que eu não tinha ainda reparado e que salpicavam grande parte dos meus ombros, tórax, braços, antebraços e costas das mãos.

Mas o que mais me surpreendeu foi a presença de escamas, não muitas, nas pernas (faces anteriores) e nas zonas dorsais dos antebraços. Nunca me tinha acontecido nada que se parecesse, e, na verdade, nesse momento também não lhe dei muita importância. Talvez o prolongado uso da «pele de serpente», pensei, tenha provocado estas alterações na epiderme.

Felizmente, fui-me esquecendo do incidente, sem sequer chegar a comentá-lo com o meu irmão, ou com o resto dos homens do Cavalo de Tróia. Se o tivesse feito, e tendo em conta a fatal descoberta de Curtiss pouco antes do lançamento, a missão talvez tivesse naufragado ali mesmo. Mais uma vez, a sorte esteve do nosso lado. O general, tal como prometera, tinha revisto a fundo o projecto elaborado e redigido pelos directores da operação e por nós próprios. Mas,

** Quem chegar a ler este diário deverá perdoar-me o facto de não citar, por agora, o nome do local que provocou as referidas expedições arqueológicas. É meu propósito tentar respeitar ao máximo a ordem cronológica dos acontecimentos vitais que precederam a nossa partida (n. Do M)*

longe de esclarecer as dúvidas, foi ele quem dedicou grande parte da manhã a interrogar-nos. A discussão centrou-se, como era de prever, no tempo de permanência do módulo e dos seus tripulantes no outro lado. Para alguns chefes do projecto, o ideal seria uma exploração que não ultrapassasse os três dias.

Quer dizer, o necessário para recuperar o microfone. Os restantes, praticamente a maioria, consideraram que se tratava de uma ocasião única para tentar desvendar o que acontecera nos quarenta dias que, segundo os textos evangélicos, se passaram entre a morte e a suposta ascensão aos céus de Jesus de Nazaré. A nova missão fora concebida por forma a que, para além de recuperarem a peça perdida, os exploradores tivessem a oportunidade de verificar algumas das misteriosas aparições do Mestre da Galileia e, sobretudo, como já referi, de analisar a natureza do discutível e discutido corpo glorioso.

De facto, a vara de Moisés seria preparada para isso.

Este último critério – o dos quarenta dias – encerrava, não obstante, um sério inconveniente que todos reconhecemos. Com sorte, esticando ao máximo o período de montagem dos instrumentos secretos da estação receptora de imagens, o Cavalo de Tróia podia contar com uma margem de quinze a vinte dias para o lançamento do berço, o desenrolar da missão e o retorno à base. Um tempo insuficiente, sem dúvida alguma.

A possível solução – que surpreendeu a todos – chegou desta vez pelas mãos de Eliseu. Depois de nos ouvir pacientemente, expôs o que ele chamou uma via intermédia. Basicamente, consistia no seguinte: a ausência física do

módulo, a partir do instante da inversão de massa até ao regresso, podia ser estabelecido nos quinze ou vinte dias já referidos. Mas, uma vez situados no domingo, 9 de Abril do ano 30, os expedicionários executariam o seu trabalho por um período de tempo indefinido. Uma vez concluída a exploração, seria apenas uma questão de manipular os swivels, forçando os seus eixos para o instante escolhido para o retorno e descida. No século xx.

Embora os astronautas vivessem física e realmente esses quarenta dias, ou mais, no passado, essa manipulação dos swivels tornaria viável o salto para o futuro, exactamente no momento cronológico fixado para o final da operação 1.

Nota do Autor: Embora no primeiro volume desta obra se incluam diversas notas explicativas sobre esta intrincada matéria, entendo que talvez seja bom refrescar neste momento a memória do leitor com algumas daquelas surpreendentes revelações. No essencial (escrevia o major], o "sistema básico" que dera impulso à operação consistia na descoberta de uma entidade elementar – generalizada no Cosmos – em que a ciência não reparara até àquele instante, e que foi e seria, no futuro, a «pedra angular» para uma melhor compreensão da formação da matéria e do próprio Universo.

Esta entidade elementar – que foi baptizada com o nome de swivel – pôs em evidência que todos os esforços da ciência para detectar e classificar novas partículas subatómicas não eram mais que uma estéril ilusão. A razão minuciosamente comprovada pelos homens da operação em que trabalhei – era tão simples quanto espectacular:

um swivel tem a propriedade de alterar a posição ou orientação dos seus hipotéticos «eixos», transformando-se, assim, num swivel diferente. Hoje. Ainda, e dado que esta sensacional descoberta não foi dada a conhecer à comunidade científica do Mundo, numerosos investigadores e peritos em física quântica continuam a descobrir e a detectar

uma infinidade de subpartículas (neutrinos, mesões, antiprotões, etc) que só contribuem para obscurecer o intrincado campo da física. No dia em que os cientistas tenham acesso a esta informação compreenderão que todas aquelas partículas elementares que constituem a matéria não são mais que diferentes cadeias de swivels, cada uma delas orientava-se, por conseguinte, com dois termos e realidades aparentemente sobrepostos – o tempo cronológico que fluía em 1973 e o de idêntica natureza que fluíra num outro agora: o do ano 30 da nossa Era -, mas que, graças à nossa tecnologia, se tornavam independentes entre si.

Jogada de forma peculiar em relação às outras. Tanto os especialistas que trabalharam nesta operação como eu próprio tivemos de alterar as nossas velhas concepções do espaço euclidiano. Com a sua rede de pontos e rectas, para assimilar que um swivel é formado por um feixe de eixos ortogonais que "não podem cortar-se entre si". Esta aparente contradição ficou explicada quando os nossos cientistas comprovaram que não se tratava de "eixos" propriamente ditos, mas sim de ângulos (Daí que tenha metido entre aspas a palavra "eixo" e me tenha referido a "hipotéticos eixos"). A chave estava, portanto, em atribuir aos ângulos uma nova propriedade ou carácter: o dimensional.

A descoberta deixou perplexos os poucos iniciados.

Arrastando-os irremediavelmente para uma visão muito diferente do espaço. Da configuração íntima da matéria e do tradicional conceito de tempo. O espaço, por exemplo, já não podia ser considerado como um "contínuo escalar" em todas as direcções. A descoberta do swivel lançava por terra as tradicionais abstracções de "ponto", "plano" e "recta". Estes não são os verdadeiros componentes do Universo.

Cientistas como Gauss, Riemann, Bolyai e Lobatschewsky tinham compreendido genialmente a possibilidade de ampliar os apertados critérios de Euclides, elaborando uma nova geometria para um «n-espaço». Neste caso, o auxílio

das matemáticas evitava o grave escolho da percepção mental de um corpo de mais de três dimensões. Nós tínhamos imaginado um universo em que os átomos, partículas. Etc, formam as galáxias, sistemas solares, planetas.

Campos gravitacionais, magnéticos, etc. Mas a descoberta e posterior comprovação do swivel deu-nos uma visão muito diferente do Cosmos: o Espaço não é mais que um conjunto associado de factores angulares, integrado por cadeias e cadeias de swivels. Segundo este critério, poderíamos representar o Cosmos não como uma recta, mas como um enxame destas entidades elementares. Graças a estas bases, os astrofísicos e matemáticos que tinham sido recrutados pelo general Curtiss para o Projecto Swivel foram verificando, com assombro, como no nosso universo conhecido se registam periodicamente uma série de curvaturas ou ondulações, que oferecem uma imagem geral muito diferente da que sempre tivemos.

Em princípios de 1960, e como consequência de um mais intenso aprofundamento nos swivels, uma das equipas do Projecto materializou outra descoberta que. Em minha opinião, será um marco histórico da Humanidade: mediante uma tecnologia que não posso sequer insinuar, os hipotéticos eixos das unidades elementares foram invertidos na sua posição. O resultado encheu de espanto e alegria, ao mesmo tempo. Todos os cientistas: o minúsculo protótipo com o qual se fizera a experiência desapareceu à vista dos investigadores. No entanto, o instrumental continuava a detectar a sua presença. Ao multiplicarmos os nossos conhecimentos sobre os swivels e dominarmos a técnica da inversão da matéria, apareceu diante da equipa uma fascinante realidade: "mais além" ou do "outro lado" das nossas limitadas percepções físicas existem outros universos tão físicos e tangíveis como o que conhecemos (?).

Em sucessivas experiências, os homens do general Curtiss chegaram à conclusão de que o nosso cosmos goza de uma

infinidade de dimensões desconhecidas. (Matematicamente, foi possível a comprovação de dez) Destas dez dimensões, três são perceptíveis para os nossos sentidos. E uma quarta – o tempo – chega até aos nossos órgãos sensoriais como uma espécie de «fluir», num sentido único, e que poderíamos definir grosseiramente como «flecha ou sentido orientado do tempo». A mim, pessoalmente, o que acabou por me cativar foi o novo conceito de «tempo». Ao manipular os eixos dos swivels, comprovou-se que estas unidades elementares não "sofriam" a passagem do tempo. Elas eram o tempo! Longas e laboriosas investigações puseram em relevo, por exemplo, que aquilo a que chamamos "intervalo infinitesimal de tempo" não era mais do que uma diferença de orientação angular entre dois swivels intimamente ligados.

Aquilo constituiu um autêntico cataclismo nos nossos conceitos do tempo. As verificações seguintes demonstraram.

Outra questão era o tempo biológico. Os cientistas sabem, e já o demonstraram, que este obedece a parâmetros que em muitíssimas ocasiões nada têm a ver com os do tempo cronológico. Um ser humano vê ou sente passar o seu tempo cronológico e, por sua vez, os seus órgãos podem estar a passar por outro tipo de envelhecimento – o

** (continua nota) série de swivels cujos eixos estão orientados ortogonalmente em relação aos raios vectores que implicam distâncias. De acordo com isto, descobrimos que pode dar-se o caso – se a inversão dos eixos for a adequada – que um observador, no seu novo marco*

de referência, considere como distância o que no antigo sistema referencial era avaliado como "intervalo de tempo". É então fácil de compreender porque é que um evento ocorrido longe da Terra (por exemplo, num planeta do cúmulo globular M-13, situado

a vinte e dois mil e quinhentos anos-luz) nunca pode ser simultâneo com outro que se registe no nosso mundo. Isto deu-nos a explicação do motivo por que um objecto que pudesse viajar à velocidade da luz encurtaria a sua distância no eixo de translação, até se reduzir a um par de swivels. Distância que, ainda que tenda para zero, não é nula, como afirma erradamente uma das transformações do matemático Lorentz. E já que mencionei o processo de inversão dos eixos dos swivels, devo assinalar que, no princípio. Muitas das tentativas de inversão da matéria falharam, precisamente por uma falta de precisão na referida operação. Por não se conseguir uma inversão absoluta, o corpo em referência – por exemplo, um átomo de molibdénio – sofria o conhecido fenómeno da conversão da massa em energia. (Ao desorientar no seio do átomo de Mo, um só nucleão – um protão, por exemplo – obtínhamos um isótopo do Nióbio-10) Quando essa inversão foi absoluta, o protão parecia aniquilado, mas sem quebrar o princípio universal da conservação da massa e da energia. Não foi muito difícil detectar que – por um daqueles milagres da Natureza – os eixos do tempo de cada swivel se orientavam segundo uma direcção comum. Para cada um dos instantes que poderíamos definir puerilmente como o «meu agora». No instante seguinte, e no seguinte e no seguinte – e assim sucessivamente – esses eixos imaginários variavam a sua posição, dando passagem a diferentes «agorá». E o mesmo acontecia, obviamente, com os «agora» a que chamamos passado". Aquele potencial simplesmente ao alcance da nossa tecnologia – fez-nos vibrar de emoção, imaginando as mais esplêndidas possibilidades de "viagens" ao futuro e ao passado. Procurarei indicar, ainda que sucintamente, algumas das linhas básicas referentes à nova definição de "intervalo de tempo".

Como já disse, os nossos cientistas entendem um intervalo de tempo "T" como uma sucessão de swivels, cujos ângulos diferem entre si em quantidades constantes. Quer dizer,

consideremos, num swivel, os quatro eixos (que não são mais que uma representação do marco tridimensional de referência), e que não existem, na realidade: por outras palavras, que são tão convencionais como um símbolo, embora sirvam ao matemático para fixar a posição do ângulo real. Se dentro desse marco ideal oscila o ângulo real, imaginemos agora um novo sistema referencial dos ângulos, cada um dos quais faz noventa graus com os quatro anteriores. Este novo marco de acção de um ângulo real e o anteriormente referido definem, respectivamente, espaço e tempo. Observemos que os «eixos vectores», que definem espaço e tempo, possuem graus de liberdade distintos.

O primeiro pode percorrer ângulos-espaço em três orientações diferentes.

Que correspondem às três dimensões típicas do espaço; o segundo está "condenado" a deslocar-se num só plano. Isto leva-nos a crer que dois swivels cujos eixos difiram num ângulo tal que não exista no universo outro swivel cujo ângulo esteja situado entre ambos definirão o mínimo intervalo de tempo. A este imtervalo, repito, chamamos «instante». Como exprimi anteriormente nem sequer posso sugerir a base técnica que conduz à mencionada inversão de todos e cada um dos eixos dos swivels, mas posso adiantar que o processo é instantâneo e que a contribuição de energia necessária para esta transformação física é muito considerável. Essa energia necessária, posta em jogo até ao instante em que todas as subpartículas sofrem a sua inversão, é restituída "integralmente" (sem perdas), transformando-se no novo marco tridimensional em forma de massa. As experiências prévias demonstraram que, imediatamente depois desse salto de marco tridimensional, o módulo se deslocava a uma velocidade superior, sem que a mudança (nota mais adiante).

Biológico – que pode não ter qualquer relação com aquele.

Esta foi a nossa grande incógnita. A sugestão de Eliseu era

tecmicamente viável.

No entanto, nas experiências efectuadas no deserto de Mojave nunca se tinha manipulado o tempo até esse extremo.

Desconhecíamos, portanto, quais as consequências que poderia provocar no organismo humano. E isso, evidentemente, preocupava-nos a todos. Este facto acarretar-me-ia, a mim, que escrevo estas linhas, e ao meu irmão, danos gravíssimos e irreversíveis.

O polémico assunto ficou finalmente em suspenso, à espera de um estudo mais pormenorizado. Curtiss, nervoso perante os acontecimentos que se aproximavam e que, lamentavelmente, eram de uma natureza mais prosaica, tinha pressa de encerrar a reunião.

Antes de sair do Ramada Shalom, deu-nos as últimas instruções: no dia seguinte, às sete horas, um veículo especial, a mando de um oficial israelita, viria buscar-nos. Até esse momento, era aconselhável que não saíssemos do hotel.

- Sobretudo, evitem a mesquita da Ascensão.

(Ao que parece, a Operação Eleazar começaria nessa mesma noite, com o transporte dos contentores ali depositados)

- A hora agá – acrescentou – coincidirá com um ataque israelita preventivo. Esse golpe de força visa uma dupla finalidade: desviar a atenção dos palestinianos e do povo em geral para a direcção oposta à das colunas da Operação Eleazar.

O general fez uma pausa.

-Quanto ao segundo objectivo, amanhã conhecê-lo-ão.

Pelos jornais. Eu não estarei no vosso transporte especial. A minha missão é velar pela integridade dos equipamentos. Irei à frente de um dos dois comboios. Ver-nos-emos na nova

base. Boa sorte.

Mais uma vez nos deixou mergulhados na incerteza. Que quereria ele dizer com conhecê-lo-ão pelos jornais?

Aquele foi um dos poucos momentos divertidos da aventura em que estávamos imersos. Quando, pouco antes das sete da manhã de quinta-feira, 22 de Fevereiro, os directores do Projecto, Eliseu e eu nos encontrámos no hall do hotel, não conseguimos conter uma enorme gargalhada colectiva.

O nosso vestuário podia parecer-se com o de qualquer profissão, menos com a sugerida por Curtiss: a de arqueólogo. Embora, digamos isso em nosso favor, quem diabos podia saber qual é a vestimenta mais usual entre esses esforçados profissionais?

O facto é que deixando-nos levar pelo puro instinto ou pelo que cada um recordava dos romances e filmes relacionados com estes assuntos, vários colegas meus puseram na cabeça rudimentares chapéus de palha (nunca soube onde os conseguiram), grossos blusões – nas cores mais extravagantes e berrantes que se possa imaginar – grandes e pesadas botas militares e, é claro,

* (continua nota) brusca de velocidade (aceleração infinita) no instante da inversão fosse acusada pelo veículo. Este processo de viagem – como é fácil de adivinhar torna inúteis os restantes esforços dos engenheiros e especialistas em foguetes espaciais, empenhados ainda em conseguir aparelhos cada vez mais sofisticados e potentes. Mas sempre impelidos pela força bruta da combustão ou da fissão nuclear máquinas fotográficas e cachimbos de duvidosa utilidade.

(Pouparei a descrição da roupa que eu levava vestida, que não era muito diferente da dos meus companheiros.) O nosso regozijo acabaria em breve. Às sete horas, de acordo com o previsto, uma carrinha branca, com a matrícula amarela (60-609-72) e janelas negras, a uma considerável altura do chão – uns dois metros parava suavemente em frente do

Ramada Shalom.

Imediatamente, um tenente com as insígnias da Divisão de Sapadores do Exército de Israel saiu e cumprimentou-nos. O motorista, outro oficial de Engenharia, encarregou-se da bagagem e, sem mais demora, às sete horas e quinze minutos partíamos rumo ao desconhecido.

Como se tudo tivesse sido meticulosamente planeado, sobre cada um dos assentos que devíamos ocupar encontrava-se um exemplar do jornal matutino Jerusalem Post. E, recordando as palavras do general lançámo-nos com avidez sobre as suas páginas. O tenente, sentado ao lado do motorista, parecia estar à espera desta reacção. Mas não fez qualquer comentário e limitou-se a espiar a nossa expressão.

Meu Deus! Na primeira página, e com letras garrafais, lemos duas notícias que nos fizeram estremecer. A primeira tal como Curtiss tinha prognosticado, correspondia ao ataque preventivo israelita.

Forças de terra, mar e ar, rezava a informação, atacaram na noite passada vários acampamentos palestinianos no Líbano. Foi uma das incursões mais profundas em território libanês.

Segundo parece, há numerosas vítimas. Os objectivos militares foram os campos de guerrilheiros e bases terroristas contra Israel nas proximidades de Trípoli, no Norte do Líbano, a cerca de cento e noventa quilómetros da fronteira israelita mais próxima. Duas unidades da Marinha lançaram um intenso bombardeamento contra o acampamento de Nahar El Bard, a norte da mesma cidade de Trípoli. Simultaneamente, helicópteros israelitas aterraram numa área vizinha do acampamento Badawi.

Não pude evitar um calafrio. Quando li a concisa e trágica informação, senti-me cúmplice daquele morticínio. Dias depois, ao folhear os jornais norte-americanos atrasados que tinham chegado à base, pudemos confirmar as nossas suspeitas iniciais. Segundo um telex da agência palestiniana

Wafa Press, um grande número de mulheres e crianças tinham sido mortas ou feridas naquele golpe, do exército israelita em território libanês.

Segundo os palestinianos, o número de mortos era superior a vinte e um. A orgamização guerrilheira Al Fatah, por seu lado, sustentava que os serviços jordanos e israelitas de espionagem estavam unidos na luta contra a causa palestiniana.

Naturalmente, a imprensa de Jerusalém justificava o ataque preventivo como uma medida necessária face aos planos terroristas dos palestinianos, descobertos a partir das detenções na Jordânia de Abu Daoud e seus seguidores. Este era o segundo objectivo a que se referira o general Curtiss. Em contrapartida, do primeiro – a manobra de diversão para tirar os equipamentos da mesquita – não se dizia uma só palavra.

Como disse, senti-me deprimido. Eliseu e os outros experimentaram uma sensação idêntica. Aqueles não eram os nossos propósitos. Éramos todos cientistas e homens de paz.

Tínhamos a certeza de que deveria haver outros métodos menos violentos para procurar um transporte seguro e eficiente do material.

A segunda notícia, tão desoladora como a que acabava de ler, dizia o seguinte:

Aviões israelitas derrubaram ontem um avião comercial líbio, um Boeing 727, com oitenta e três passageiros, ao ser localizado a sobrevoar a península do Sinai e ao negar-se a acatar as ordens para aterrar.

As primeiras e confusas informações falavam de setenta passageiros mortos e treze sobreviventes.

O avião, continuava o jornal, despenhara-se a cerca de vinte quilómetros a leste do canal do Suez, na zona do Sinai.

Helicópteros israelitas transportaram os feridos para o hospital de Tel Hashomer, em Telavive. O Boeing 727 efectuava um voo regular do Bahrein nos Emirados Árabes – para Alexandria, no Egipto.

A única explicação, naqueles momentos, para tão lamentável acontecimento foi a seguinte: O avião, ao que parecia, errara a rota, devido às péssimas condições meteorológicas, entrando no espaço aéreo de Israel.

Tanto a mim como aos meus companheiros pareceu-nos estranho aquele raciocínio dos jornais israelitas. Teríamos de esperar por novas informações – especialmente dos jornais árabes – para sabermos o que realmente tinha acontecido na península do Sinai. Ninguém do grupo podia então imaginar as gravíssimas repercussões que iria ter o triste e casual (?) incidente líbio-israelita, Tanto para as já tensas relações de Israel com os seus vizinhos como para a nossa própria missão. Curtiss tinha feito veladas insinuações sobre o agravamento da situação de nem guerra nem paz existente entre o Egipto, a Síria e Israel.

No entanto, para dizer a verdade, o plano de paz – em três fases -, apresentado na segunda-feira 19 desse mesmo mês de Fevereiro, por Hafiz Ismail, na altura conselheiro egípcio da Segurança Nacional, tinha despertado em nós a esperança de uma provável e paulatina melhoria das coisas. Mas, de súbito, com o derrube do Boeing 727 da Líbia, tudo se tornava mais sombrio.

A carrinha seguiu pela estrada de Jericó. Nenhum dos elementos da expedição parecia disposto a falar. Em parte, devido à atenta vigilância

* Na data referida, Hafiz Ismail voou até Londres com o fim de se avistar com Sir Alec Douglas Home, na ocasião ministro dos Negócios Estrangeiros inglês. Objectivos? Em primeiro lugar, negociar uma possível abertura do canal de Suez. Assim como um novo plano de paz para o Médio Oriente. Esta proposta compreendia três fases.

Primeira: retirada parcial das tropas israelitas da zona do Sinai. A fim de permitir a reabertura do Suez. Esta etapa só seria aceite pelos Árabes no caso de

Israel se comprometer a passar a uma segunda fase, na qual a retirada fosse completa na zona do canal, golfo de Akaba, Jordânia e Síria.

Segunda: o problema palestiniano entraria então em discussão, embora se ignorasse na altura a fórmula que o Egipto iria propor. Especulou-se então que talvez se estivesse a tentar dar aos palestinianos uma voz nas negociações.

Terceira: negociar-se-ia um acordo que desse por finda a guerra de 1967, e pelo qual os Árabes se comprometeriam a respeitar as fronteiras de Israel.

Ismail, o Kissinger do presidente egípcio Anuar El Sadat.

Efectuaria em Londres a primeira de uma série de reuniões com potências mundiais sobre o plano de paz elaborado pelo Cairo.

Nos círculos pró-judaicos de Londres especulou-se então que o plano não era de paz, mas de não guerra". (N. Do M)

do oficial israelita e, suponho, porque também estavam deprimidos pelos trágicos acontecimentos de que acabávamos de tomar conhecimento.

Durante algum tempo, fiquei com o olhar perdido num céu tempestuoso que fustigava o asfalto e as janelas de vidro fumado do veículo com furiosas bátegas de chuva. (Era admirável. A meticulosidade dos israelitas atingia extremos insuspeitados. Naquela carrinha, por exemplo, os vidros fumados – na realidade tratava-se de vidros semi-reflectores permitiam a visão de dentro para fora, mas não ao contrário.

Isto, unido à considerável e calculada altura das janelas, tornava quase impossível que um hipotético observador distinguisse quem ou o que viajava dentro do veículo).

Durante alguns minutos esforcei-me por afastar da minha mente os negros presságios que pairavam sobre a futura missão, fixando a atenção em pormenores como os da carrinha, a crescente tempestade ou a paisagem. Mas foi inútil. A cada instante, surgiam no meu cérebro como relâmpagos, as cenas sangrentas dos bombardeamentos ou do derrube do avião de passageiros. A velha angústia aflorou então e senti um nó na garganta. Nesse momento, a mão de Eliseu – sentado à minha esquerda – apertou o meu antebraço. Não fizemos qualquer comentário.

O meu rosto devia ser um livro aberto.

Por volta das sete horas e quarenta e cinco minutos, a carrinha deixou para trás o pedregoso deserto da Judeia. E placas amarelas, indicando a distância em hebraico e inglês, começaram a confirmar o que eu já sabia. Nas proximidades de Almog dobrámos à direita, deixando a estreita estrada que conduz à fronteira da Jordânia.

Quando avistámos a plácida e esverdeada superfície do mar Morto, o meu companheiro indicou-me num mapa de estradas que aquela nos conduzia ao Sinai. Estive a ponto de esclarecer as suas dúvidas, desenhando o lugar – mesmo em frente ao famoso mar que agora costeávamos – onde, se eu não estava enganado a viagem deveria terminar. Mas arrependi-me e, com um sorriso forçado, voltei a pôr o lápis na algibeira do meu pesado casaco. Com efeito, aquela estrada ia dar à cidade mais meridional de Israel: Eliat, junto ao golfo do mesmo nome, e às portas do deserto do Sinai.

O motorista reduziu a velocidade. A intervalos, da escarpada encosta avermelhada que se erguia à nossa direita precipitavam-se pequenas e brancas cascatas de água que invadiam a estrada, dificultando a circulação. As torrentes, que iam aumentando em número e volume à medida que nos íamos aproximando do nosso objectivo, terminavam indefectivelmente nas salgadas águas do mar Morto (a quatrocentos metros abaixo do nível do Mediterrâneo).

Às oito horas, quando a contemplação das famosas grutas de Qumrân - onde os Beduínos descobriram os célebres Manuscritos do Mar Morto – tinha conseguido distrair em parte a nossa tristeza, o motor de um helicóptero do exército devolveu-nos à realidade. Vinha do Norte, seguindo a linha da costa, a baixa altitude, sobre os escassos trezentos metros de dunas que nos separavam da margem do grande lago. Todos, instintivamente, dirigimos o olhar para o tenente. Mas o oficial, impassível, limitou-se a olhar para o

aparelho. Este, depois de ter pairado uns segundos diante da carrinha, levantando nuvens de areia e agitando sem piedade os juncos e as giestas, empreendeu de novo o voo em direcção ao Sul. Embora aquela zona, desde o extremo noroeste do mar morto estivesse cercada de arame e repleta de tabuletas que recordavam a proibição de tomar banho e o carácter militar daquela faixa de terra, todos sentimos a mesma coisa: o helicóptero não estava de certeza a fazer um voo rotineiro. E o facto de ter efectuado um voo estacionário em frente ao veículo aumentou as nossas suspeitas. Não havia dúvidas. A viagem da carrinha estava a ser vigiada.

O motorista acelerou, deixando para trás o oásis de Ein Gedi. E às oito horas e vinte minutos, para surpresa geral, abandonava a estrada principal e metia por um desvio à direita. No meio do inesperado cruzamento, um enorme cartaz gritou-nos o nome do nosso iminente destino. Um destino que, efectivamente, já me tinha sido adiantado pelo general Curtiss.

Massada!

Um murmúrio quebrou o silêncio do grupo, fascinado perante a repentina aparição, a ocidente, do histórico e altivo rochedo.

Em pouco mais de oito minutos, a carrinha percorreu os escassos três quilómetros de curvas que unem o sopé do grande monte truncado ao litoral do mar Morto. Com o passar dos séculos, os leitos das correntes como naqueles tempestuosos momentos – tinham vindo a esculpir formas estranhas e quase mágicas entre as dunas e montículos ocres e amarelados que cercam quase por completo a formidável meseta de Massada.

O local não podia ser melhor nem mais adequado. Tanto para a montagem da estação receptora de imagens como para os nossos verdadeiros objectivos. E isto por dois motivos.

O primeiro, pelas características físicas daquela montanha isolada, a qual, na sua vertente oriental, se eleva a mil e trezentos pés sobre a superfície do mar Morto, e segundo, pela sua localização privilegiada: a cerca de cem quilómetros a sul de Jerusalém e a centenas de milhas dos dois focos de atrito (os montes Golã, na fronteira com a Síria, e o Sinai). Aquele colosso de rochedo, dourado pelo ardente sol do vizinho deserto da Judeia, com o seu cume plano e em forma de convés de barco, com mil e novecentos pés de comprimento (de norte a sul) e outros seiscentos e cinquenta (de este a oeste), praticamente cortada a pique em toda a volta, era uma base segura, Quase inacessível, e ideal para uma operação como a que nos propúnhamos levar a cabo.

O segundo motivo era mais íntimo e importante para os israelitas do que para nós, os homens do Cavalo de Tróia. Na extensa documentação que me fornecera o general estava pormenorizada a insólita e emocionante história daquele gigantesco promontório. Massada tinha sido o cenário de um dos mais dramáticos e simbólicos acontecimentos da sempre agitada vida de Israel.

No ano 66 da nossa Era, o povo judaico voltou a pegar em armas contra o Império Romano. Aquela guerra duraria quatro anos. Por fim, no ano 70, o general romano Tito conseguiria vencer a resistência dos defensores de Jerusalém, destruindo a Cidade Santa. Mas um último foco de valentes israelitas refugiar-se-ia no alto de Massada, resistindo ao cerco romano até à Primavera do ano 73. No ano

* No início da rebelião judaica do ano 66 d. C, um grupo de fanáticos tomou de assalto a escassa guarnição romana destacada para Massada. E ali se manteve enquanto durou a guerra. Quando Tito conquistou Jerusalém, um grupo de zelotas, o governador romano Flávio Silva tomou a decisão de esmagar este último e incómodo reduto de judeus insurrectos.

Dirigiu-se a Massada com a Décima Legião, tropas

auxiliares e milhares de prisioneiros israelitas. Ao todo eram cerca de quinze mil homens. Tanto os sitiados como os atacantes se prepararam para um prolongado assédio. Silva mandou construir oito acampamentos em volta da montanha bem como uma muralha que rodeasse Massada, cortando qualquer tentativa de fuga.

Devido às escarpas abruptas que formam as paredes do rochedo, os romanos levaram a cabo uma obra faraónica na face ocidental da grande meseta: uma rampa, à base de pedras e de terra branca batida.

Quando a rampa – que ainda se conserva – ficou pronta, Silva levantou no final da mesma uma torre de ataque provida de um formidável aríete, conseguindo abrir uma brecha na muralha. Naquela noite – a anterior à conquista definitiva de Massada pela legião romana -, os novecentos e sessenta zelotas que integravam o núcleo da resistência judaica tomaram uma decisão heróica. Num discurso memorável – narrado pelo historiador Flávio Josefo 1 -, o chefe dos revolucionários, Eleazar Ben Yair, perante a dificuldade da situação, decidiu que era preferível uma morte com glória a uma vida de infâmia, e que a solução mais digna seria a de rejeitar a ideia de sobreviver à perda da sua liberdade.

Josefo escreve:

Antes de serem feitos escravos do vencedor, os defensores – novecentos e sessenta homens, mulheres, velhos e crianças tiraram ali mesmo a sua própria vida com as suas mãos. Quando, na manhã seguinte, os romanos chegaram ao cimo da montanha, nada mais encontraram que silêncio.

E assim encontraram os romanos, conclui Josefo a sua dramática narração, uma multidão de mortos mas não puderam alegrar-se com isso, embora se tratasse de inimigos. Nem sequer puderam fazer mais do que admirar o valor, a determinação e o imbatível desprezo pela morte que

tantos deles tinham demonstrado ao levarem a cabo uma acção como aquela Só duas mulheres e cinco crianças se salvaram do suicídio colectivo escondendo-se numa gruta. Foram elas que, segundo o historiador judaico romanizado, contaram os factos aos romanos.

Massada, desde então, tem sido e continua a ser um símbolo para o povo de Israel. Um monumento ao heroísmo e aos homens que preferem a morte à perda da honra e da liberdade. Essa heróica resistência

* (continua nota) famílias, e também alguns membros da seita dos Essénios, fugiram para o Sul, refugiando-se em Massada e unindo-se aos patriotas que tinham conquistado a fortaleza.

Durante dois anos lutaram pela sua liberdade, fustigando os romanos a partir daquele lugar estratégico. Segundo Flávio Josefo, o primeiro a fortificar esta defesa natural foi Jónatas, o Grande Sacerdote. Mas, quem verdadeiramente transformou Massada num reduto quase inexpugnável foi o rei Herodes, o Grande.

Entre os anos 36 a. C. E 30 a. C. - seguramente por temer uma possível invasão dos exércitos de Cleópatra -, construiu uma muralha com ameias que rodeava todo o cume, uma torre de vigia, grandes cisternas escavadas na rocha, armazéns, quartéis, palácios e arsenais. Estas construções foram aproveitadas pelos novecentos e sessenta zelotas. (N. Do M) *1 Flávio Josefo: nos seus livros Antiguidades Judaicas (XIV e XV) e A Guerra dos Judeus (I, II, IV e VII). (N. Do M) de Eleazar Ben Yair e dos seus zelotas fez com que um poeta judaico exclamasse: «Massada não voltará a ser conquistada!» Era fácil de perceber por que motivo o Governo de Golda Meir - permanentemente ameaçado pelos seus vizinhos, os árabes escolhera o cume de Massada como localização ideal para uma equipa de técnicos e uma série de instrumentos que devia velar pela segurança e, em última análise, pela liberdade de todo um povo. Ali, a Operação

Eleazar adquiria um profundo e simbólico significado que nós soubemos respeitar.

Por outros motivos, aquele baluarte também iria representar para o Cavalo de Tróia um símbolo histórico e inesquecível.

Ao lado de Massada, na vertente oriental, os israelitas tinham aproveitado as péssimas terras formadas por depósitos de greda sedimentada construindo um incipiente mas lucrativo, complexo turístico virado para a exploração das antiguidades do cume da grande meseta.

Desde que o eminente arqueólogo judeu Yigael Yadin, catedrático de Arqueologia da Universidade Hebraica, concluíra as suas escavações e os trabalhos de restauração (entre os anos 1963 e 1965) na fortaleza rochosa, os curiosos e visitantes tinham vindo a aumentar. Mas só a partir de 1970, quando a companhia suíça Willy Graf, de Meilen, instalou um sistema de funiculares perto da base do rochedo, é que o fluxo de turistas começou a ser considerável. O funicular tornar-se-ia de vital importância para os nossos trabalhos no cume.

Por volta das oito horas e trinta minutos daquela quinta-feira, 22 de Fevereiro, a carrinha parava finalmente num amplo terreiro, muito perto da base do funicular e de umas ainda modestas instalações turísticas.

Um forte vento de sudeste, com rajadas, encharcou-nos de chuva e de um penetrante cheiro a salitre vindo do mar Morto. Curtiss, à civil e protegido por um grosso capote impermeável, deu-nos as boas-vindas, convidando-nos a segui-lo até uma pousada da juventude situada a pouco mais de cem passos. O general parecia satisfeito. E isso deu à equipa muitas esperanças.

Desde o momento em que descemos da carrinha, chamou-nos a atenção a presença naquele lugar de quatro camiões velhíssimos e quase a caírem aos bocados, carregados com

blocos enormes de pedra de uma belíssima tonalidade alaranjada. Em volta, formando um círculo fechado vimos também vários veículos militares e um grande grupo de soldados armados. Sinceramente, ao princípio, não associámos aqueles camiões de carroçaria verde e sem toldo com a Operação Eleazar.

Mas os judeus surpreender-nos-iam novamente.

Quando entrámos na pousada da juventude, dois oficiais do corpo de engenheiros do exército israelita, que, sem dúvida, aguardavam a nossa chegada, puseram-se de pé e fizeram continência. Atrás deles tinham sido colocados vários mapas e grandes fotografias aéreas; todos do cume de Massada.

Curtiss, depois de se livrar do seu encharcado capote verde-azeitona, serviu-nos uma reconfortante chávena de café, dizendo que nos sentássemos diante dos planos.

- Bem senhores – manifestou o general com uma frieza a que nunca cheguei a habituar-me totalmente -, como sabem, a Operação Eleazar está em andamento. Parte dos equipamentos (o primeiro carregamento, para sermos exactos) encontra-se há horas neste mesmo lugar.

Curtiss apontou muito rapidamente com o indicador direito para qualquer coisa que devia estar no exterior. No terreiro. Mas nem eu nem os meus companheiros conseguimos identificar a coluna. Perante os olhares incrédulos de alguns directores do Programa, o general sorriu e, apontando para os silenciosos oficiais israelitas eselareceu:

- Compreendo a vossa surpresa. Os nossos amigos e aliados, com a sua habitual eficácia, descobriram uma forma de transportar esses instrumentos nos camiões que devem ter visto ao descerem da carrinha.

Curtiss, seguindo um velho costume, tratava-nos por tu ou por vocês, segundo o seu estado de espírito ou a gravidade do momento.

- Ora bem, agora não faz sentido continuar a ocultar-vos.

Esse tipo de transporte civil, o único autorizado a atravessar a fronteira jordana e a ir até Amã, foi a camuflagem perfeita para tirar os equipamentos da mesquita da Ascensão e trazê-los para Massada.

- Mas – interveio Eliseu – esses camiões só estão carregados com grandes blocos de pedra alaranjada.

O general não respondeu. Limitou-se a trocar uma piscadela de cumplicidade com os israelitas, prosseguindo a sua exposição nos seguintes termos:

- Como lhes ia dizendo, a Operação Eleazar, em memória de Eleazar Ben Yair, está em andamento. Hoje mesmo se incorporarão os outros homens, e, no sábado, se Deus quiser, chegará o outro carregamento. O transporte dos instrumentos para o cimo da montanha começará às dez horas. Isto é. - Curtiss consultou o relógio – daqui a mais ou menos cinquenta e cinco minutos. As ordens são claras e precisas. Uma vez concluída a transferência de material da base para o topo, instalar-nos-emos no alto do rochedo.

Repito: todos, sem excepção, acamparemos em Massada.

A ênfase colocada naquelas últimas palavras alarmou-nos. Que queria ele dizer? Que nos esperaria naquela nebulosa e desafiante meseta?

- E agora, por favor, prestem atenção.

Curtiss cedeu a palavra a um dos oficiais.

- Chamo-me Bahat. Estou encantado de estar ao vosso serviço como supervisor da Operação Eleazar. Oficialmente somos mais uma expedição arqueológica, patrocinada e dirigida pela Universidade Hebraica de Jerusalém, pela Sociedade de Exploração da Terra Santa e pelo Departamento de Antiguidades do Governo de Israel. O meu camarada, capitão Yefet, é o chefe do acampamento. Quando acabarmos esta breve reunião informativa, ser-vos-

ão fornecidos os documentos que os credenciam como membros dessa operação. Enquanto permanecermos em Massada, os vossos nomes e profissões serão os que figuram nesses documentos.

Alguns minutos depois, quando o capitão Yefet distribuiu os falsos bilhetes de identidade, os meus colegas não se aperceberam de um pormenor que reflectia a subtileza dos serviços secretos israelitas.

Como ignoravam os pormenores das anteriores expedições arqueológicas a Massada – dirigidas pelo general e arqueólogo Yadin entre 1963 e 1965 – os homens do Cavalo de Tróia não descobriram que pelo menos trinta e quatro daquelas filiações e profissões correspondiam a arquitectos, arqueólogos, restauradores, supervisores e pessoal administrativo que, efectivamente, tinham sido membros das expedições dirigidas por Yadin. Os nomes de Bahat e Yefet, por exemplo, aparecem nos relatos dessas expedições históricas como supervisor e chefe de acampamento, respectivamente.

Imagino que os israelitas não sabiam que eu tinha conhecimento disso. Embora também duvide que isso os preocupasse. -. Vou mostrar-vos agora o novo local.

O suposto Bahat – nunca soubemos se era esse o seu verdadeiro apelido – apontou para uma das enormes fotografias aéreas do cume de Massada.

- Observem que se trata de uma enorme meseta, em forma rombóide ou de convés de barco. Mede aproximadamente seiscentos e trinta e três metros, de norte a sul, e duzentos e dezasseis, de leste a oeste. Pouco mais da metade norte desta plataforma natural é ocupada pelas ruínas dos palácios, armazéns, sinagoga, etc. , edificados por Herodes, o Grande, pelos zelotas e pelos monges bizantinos que mais tarde se apoderaram de Massada. O resto, pouco menos da metade sul, não tem quase nenhuma construção, se

exceptuarmos o banho ritual, o acesso a uma cisterna subterrânea, a chamada lagoa grande, e, é claro, as ruínas da muralha que cercava todo o cume.

O oficial ia indicando na fotografia cada uma dessas relíquias arqueológicas.

- Pois bem, depois de estudar o terreno e as nossas necessidades, a zona escolhida para a colocação da estação receptora de imagens do satélite Big Bird foi esta: o sul da meseta.

Bahat dirigiu-se então para junto de um mapa topográfico, o que reproduzia o cume à escala, completando a sua exposição:

- Notarão que o local de assentamento se parece com um triângulo isósceles quase perfeito. Ali nos movimentaremos. A sua dimensão é mais do que suficiente para os nossos objectivos: noventa metros de base e cem de altura. No total, pouco menos de quatro mil e quinhentos metros quadrados, se descontarmos a superfície das ruínas, de que já falei antes.

O oficial dedicou mais alguns minutos a diversos aspectos relacionados com a segurança do Acampamento Eleazar – e aos que em breve me referirei -, passando de imediato às perguntas.

Na realidade, as dúvidas dos presentes centravam-se, sobretudo, em assuntos que nada tinham a ver com toda aquela montagem judaica. Por isso, as perguntas foram poucas e simples. No entanto, uma das perguntas, feita por um dos directores do Projecto, era muito importante para os nossos objectivos secretos:

- Se o cume de Massada continua aberto ao turismo, com que grau de segurança se levará a cabo a Operação Eleazar? O oficial israelita parecia estar à espera desta pergunta.

- Reflectiu-se muito sobre essa questão – explicou. - A

princípio, os responsáveis do nosso Governo admitiram a possibilidade de fechar Massada ao turismo e aos visitantes em geral. Mas o parecer dos serviços secretos mudou essa alternativa. É mais seguro e inteligente que tudo se mantenha no seu curso normal. Nesta época, a afluência de visitantes não é muito alta. Por outro lado, como compreenderão assim que forem lá para cima, adoptámos todas as medidas de segurança passíveis.

Apesar de sermos apenas um esforçado grupo de arqueólogos, entre o pessoal do Acampamento Eleazar haverá um destacamento permanente e secreto encarregue da vigilância interna e externa.

Adoptando um tom tranquilizador, Bahat acrescentou:

- Não devem alarmar-se. Tal como aconteceu com o primeiro local, na mesquita da Ascensão, o nosso Governo não poupará esforços para que o vosso trabalho seja realizado com um mínimo de comodidades e tranquilidade.

Aquela segurança do oficial israelita fez-me tremer. Que teriam preparado no alto da montanha?

- É claro que – concluiu, ao mesmo tempo que Yefet pegava nos bilhetes de identidade, preparando-se para entregá-los assim que o camarada desse por encerradas as informações -, durante estes dias, enquanto os contentores não estiverem todos no acampamento, Massada permanecerá encerrada. Calculamos que no próximo domingo a situação já deve estar normalizada.

De acordo com as nossas previsões, o mau tempo reinante favorece-nos. É mais do que provável que entre hoje e amanhã as violentas correntes de água que vocês já tiveram oportunidade de ver durante a viagem obriguem a sucessivos e lamentáveis cortes da estrada. Isso tornará mais simples o imprescindível encerramento temporário das ruínas arqueológicas. Suponho ter-me exprimido com clareza.

A intenção de algumas das palavras pronunciadas por

Bahat, e que coloquei entre aspas, não deixava lugar para dúvidas. As intensas chuvas de Fevereiro provocavam naquela zona frequentes e habituais desabamentos ou inundações. Não era estranho, portanto, que a estrada para sul do mar Morto, por Ein Hatzeva, Ein Yahav e Elat viesse a ser afectada pelas enchentes de água que descem do deserto escarpado da Judeia.

Acabada a reunião, o chefe do acampamento distribuiu os falsos documentos de identidade, bem como grandes capas impermeáveis, requisitando todas as nossas câmaras fotográficas. E, cumprindo as instruções de Curtiss, nós acompanhámo-lo até à plataforma-base do funicular. A chuva tinha parado momentaneamente, mas o vento não. Eram quase dez da manhã.

Quando atravessámos o terreiro apercebemo-nos de que os camiões já não estavam no mesmo lugar. Também não vimos qualquer movimento de turistas ou visitantes. A explicação para o misterioso desaparecimento dos camiões não tardaria a chegar.

Os responsáveis pela Operação Eleazar tinham-nos estacionado em fila junto ao barracão que servia de abrigo às duas cabinas do funicular. Utilizando um poderoso guindaste instalado num transporte militar, os blocos de pedra alaranjada tinham começado a ser içados e colocados sobre umas pequenas bases quadradas ou rectangulares providas de rodas e que eram rapidamente introduzidas no interior de cada uma das cabinas do funicular.

Previamente, a porta de correr de cada módulo tinha sido desmontada, facilitando assim o acesso dos aparentemente pesados blocos de pedra. O local estava cercado pelo pelotão de soldados que víramos pouco antes junto dos camiões. Os meus companheiros e eu começámos a compreender.

Um após outro uma vez carregados com os blocos, os

funiculares saíam da base, subindo em direcção ao cume de Massada. Esta difícil operação – como pudemos comprovar pessoalmente no transporte do último carregamento – implicava, sem dúvida, um grande risco. Principalmente quando o vento atingia os sessenta quilómetros por hora. Nesse caso, a cabina podia chegar a abanar perigosamente. E uma queda de duzentos e sessenta e dois metros teria sido fatal.

Esta circunstância obrigou a fazer muitas pausas durante o transporte dos blocos de pedra. Os militares israelitas destacados para o alto da montanha estavam constantemente a estabelecer contactos por rádio com os seus colegas na base do funicular, informando sobre as variações dos anemocinemógrafos 1. O conhecimento preciso da intensidade e direcção do vento era vital. Quando a velocidade era nula ou inferior aos sessenta quilómetros por hora, o funicular empreendia a subida.

Às treze horas, aproveitando o transporte dos últimos blocos, o primeiro grupo da equipa do Cavalo de Tróia (doze dos sessenta e um membros) embarcou nas cabinas, rumo ao topo. Eu fui com Curtiss e com três oficiais israelitas. O nosso funicular – o vermelho – estava praticamente ocupado com a última das vinte e seis misteriosas pedras que já tinham sido enviadas para o alto do rochedo. Nunca esquecerei aqueles momentos de tensão.

Após termos feito metade dos setecéntos e noventa e nove metros do percurso, o telefone do guarda-freios tocou. O militar que substituíra o vigilante e o condutor habitual do funicular respondeu com um seco e preocupante «Está bem!. Paramos!» E a cabina ficou imóvel sobre o vazio, a uns setecentos e oitenta pés de altura. Talvez a expressão imóvel não seja correcta, porque as rajadas de vento começaram a assobiar entre os cabos, fazendo-nos oscilar como uma pena.

Os israelitas verificaram a segurança da pedra, e ao repararem na minha palidez, sorriram zombeteiramente.

Agarrado às barras horizontais de segurança, evitei olhar para o abismo, concentrando a minha atenção na escassa decoração da frágil cabina.

Carga máxima: 40 mais 1 pessoa ou 2600 quilos Não fumar

Meu Deus...

Os ganchos resistiriam àquela tensão? O vento sul continuava a fustigar-nos, fazendo ranger o l metálico que unia o tecto do funicular aos grossos cabos de aço.

Instintivamente desviei o olhar do segundo letreiro: 262 metros: queda vertical.

Quem terá tido a ideia de colocar ali um aviso tão macabro? Capacidade por hora: 640 pessoas

A cabina continuava a oscilar, comprometendo o nosso já precário equilíbrio. Tentei dominar o medo – porquê ocultá-lo? Começando a fazer um inútil cálculo mental.

* O anemocinemógrafo é um dos mais completos aparelhos usados na meteorologia para medir a velocidade e a força do vento. Costuma ser constituído por um catavento registador, um anemómetro que regista o percurso do vento e um registador de rajadas que se baseia no chamado "tubo de Pitot. (N. Do M) 66 67

Se a extensão do percurso é de quase oitocentos metros e a capacidade máxima por viagem é de quarenta e uma pessoas. Isso representa um total de quinze viagens por hora ou, o que é a mesma coisa, uma deslocação cada quatro minutos. Se estivermos mais ou menos a metade do caminho, ainda faltam dois minutos ou mais para pisar esse maldito cume Hegeman-Harris C. O. N. York

Esse deve ser o fabricante, pensei. Ou serão os suíços.

Tanto fazia. A única coisa que eu desejava era que o material resistisse. Sem dar por isso, estava a utilizar um dos sistemas de descompressão mental para situações de emergência, que são ensinados a todos os astronautas no

Instituto da Força Aérea norte-americana em Ohio. Tratava-se, sem perder de vista o problema principal, de desviar a atenção do piloto para outros assuntos, evitando assim uma queda emocional.

O general deve ter adivinhado a minha situação e os meus pensamentos. E, apontando para as fotografias de uns rapazes e um pequeno vaso com um cravo – tudo isto sobre o painel de comando do guarda-freios -, brincou com os oficiais perguntando-lhes se aquilo (propriedade, sem dúvida, de algum dos guarda-freios oficiais) também fazia parte da Operação Eleazar.

Os militares israelitas aceitaram com prazer o relaxante comentário, esquecendo por alguns instantes a nossa delicada situação. A verdade é que os meticulosos israelitas corrigiram o pequeno descuido quando chegámos ao cimo, fazendo desaparecer da cabina os retratos e a flor.

Finalmente, o vento amainou e o toque do telefone foi para dar o esperado sinal para continuar a subida.

Por volta das catorze horas – depois de aguentar dez longos minutos de violenta imobilização sobre o abismo – a cabina número dois estacionou na plataforma de embarque da montanha, a sessenta pés abaixo do topo. Poucas vezes na minha vida desejei com tanta vontade pisar terra firme.

Os engenheiros militares israelitas e o resto dos nossos amigos esperavam-nos com impaciência. E, sem qualquer demora, os técmicos desengancharam a pedra alaranjada, fazendo rodar a plataforma até ao estreito passadiço de terra entre o terminal do funicular e a já referida encosta avermelhada de Massada.

As barreiras de ferro que habitualmente indicam os caminhos de entrada e saída dos passageiros das cabinas também tinham sido desmontadas, para facilitar a movimentação dos blocos. Fiquei perplexo. Sobre as nossas cabeças, mesmo na borda do cume, os israelitas tinham

montado uma grua que, em questão de minutos, começou a içar a carga. Desta forma resolvia-se o incómodo desnível que separa o terminal da meseta propriamente dita. Ao percorrer os cento e vinte metros do estreito passadiço que sobe pela vertente oriental de Massada - o único acesso que vai da base do funicular ao cume -, compreendi também que o transporte dos blocos por aquele passadiço de três metros de largura teria sido tão penoso quanto ineficiente. No final desse carreiro havia uma pequena casamata de cimento – que fazia as vezes de local de controlo e de venda de mapas das ruínas – e que teria impedido também a passagem das pedras.

Quando, finalmente, pusemos os nossos pés no cume, um misto de emoção e curiosidade se apoderou de toda a equipa. O vento continuava a fustigar aquela incrível plataforma natural, trazendo do Sul uma neblina que se arrastava lentamente pela poeira e pela terra ressequida do cume. Aquele seria, se não houvesse alterações, o nosso local de lançamento.

A árida e majestosa beleza de Massada cativar-me-ia minuto a minuto. A ocidente recortavam-se os suaves montes arredondados e os alcantilados amarelados do deserto da Judeia, milagrosamente vivos e em movimento, devido às dezenas de cascatas e ribeiros serpenteantes que, transportando a água das chuvas, corriam imparáveis em direcção à margem ocidental do mar Morto.

Durante a minha estada em Massada pude compreender como aqueles wadi tinham alimentado com as suas águas turbulentas as gigantescas cisternas mandadas escavar na rocha viva por Herodes, o Grande. Em frente à montanha, a uns três quilómetros para leste, as águas verde-azuladas do mar Morto reflectiam aqui e ali como um espelho.

Os raios do Sol conseguiam atravessar nalguns sítios as baixas nuvens negras e atingir a superfície do lago salgado em belíssimas celagens. E ao longe, à beira-mar, o oásis de

Ein-Gedi.

Curtiss afastou-me destas primeiras observações. A equipa do Cavalo de Tróia já se dirigia, na companhia do chefe do acampamento e de Bahat, o supervisor, para a zona sul da meseta.

Era espantoso! Junto à grua estavam amontoados grande parte dos blocos de pedra que tinham sido transportados pelo funicular. Vários tractores de lagartas transportavam sem interrupção os blocos pelo centro da meseta em direcção a uma comprida paliçada de madeira que separava a parte sul de Massada do resto da meseta.

Mas, como teriam conseguido colocar aquelas pesadas máquinas no alto do rochedo? Claro que era impossível terem subido sozinhas, e também não cabiam nos funiculares. A explicação seria dada nessa mesma noite. A paliçada – porque era disso que realmente se tratava – fora erguida pelos israelitas com troncos grossos firmemente enterrados.

Tinha a altura suficiente – uns quatro metros – para que nada do que viesse a acontecer do outro lado pudesse ser captado nas ruínas do sector norte. Ao atravessar o largo portão por onde entravam, incansáveis, os tractores, um espectáculo insólito surgiu diante dos meus olhos. À direita desse único acesso, bem junto dos restos da muralha do lado oeste de Massada, o exército israelita instalara dez grandes tendas de campanha, alinhadas em duas fileiras. A seguir a estas, também na linha da casamata herodiana, os israelitas tinham montado dois barracões.

Um, a pouca distância das negras tendas quadradas, já servia de refeitório para os técnicos e militares que, a julgar pelo que via, já deviam estar há algum tempo naquele sítio.

O outro, muito mais pequeno, estava situado a uns vinte metros do primeiro barracão, e praticamente encostado à chamada lagoa grande, uma das poucas ruínas arqueológicas que – como nos informou o oficial – estava dentro do

triângulo isósceles que constituía o Acampamento Eleazar.

Mas o que chamou logo a atenção do grupo foi uma enorme escavação – já concluída – aberta no centro geométrico do triângulo. Tinha cinquenta metros de comprimento por trinta de largura e dez de profundidade. Ficámos atónitos com aquela impressionante piscina.

Naquele momento ainda não sabíamos se o general estava a par da enigmática e audaciosa escavação. Mas, quando nos aproximámos e vimos no fundo alguns dos blocos de pedra alaranjada, começámos a perceber a verdadeira finalidade do fosso.

Outra potente grua, apoiada na borda norte da escavação, recolhia os blocos e depositava-os no leito da piscina. Tanto as paredes como o fundo tinham sido cuidadosamente consolidados e cobertos com camadas de um material isolante. No canto sudoeste, um grupo de trabalhadores iluminava o fundo do tanque com as deslumbrantes chamas azuladas dos maçaricos.

Alguns directores do Programa trocaram comigo e com Eliseu olhares significativos, procurando uma explicação para tal obra. Mas ninguém se atreveu a formular qualquer hipótese. Nas nossas costas, ao pé da paliçada empilhavam-se centenas de sacos que, presumi, deviam conter as toneladas de terra extraídas do enorme buraco.

Os oficiais israelitas, silenciosos e divertidos, deixaram-nos bisbilhotar. Após alguns minutos, Yefet, o chefe de tão estranho acampamento, convidou-nos amavelmente a ir para o refeitório. O almoço estava pronto. Ali, finalmente, tiraríamos as dúvidas.

Embora o barracão não tivesse aquecimento, a comida em abundância e o vinho do Hébron serenaram depressa os ânimos, fazendo com que nos esquecêssemos, momentaneamente, da torrente de interrogações que tinham

vindo a acumular-se nas nossas mentes desde que puséramos os pés em Massada. À hora do café, quando os últimos engenheiros e militares israelitas acabaram de almoçar e se voltaram para os seus trabalhos, Bahat, o supervisor, fechou a porta à chave. Desta vez foi o general Curtiss quem se dirigiu à equipa.

- Sei que querem saber uma infinidade de coisas – disse ele num tom muito calmo. - Parte do material, como lhes disse, já está no acampamento.

A velha raposa fez uma pausa, perscrutando os nossos rostos.

- Suponho que me tomarão por louco – acrescentou, aumentando intencionalmente o ar de mistério que envolvia tudo aquilo e, ao mesmo tempo, a curiosidade geral. - Aqui só há pedras, dirão vocês, grandes blocos de rocha dolomítica alaranjada.

Sim e não. Seguindo um rigoroso plano israelita. Dois terços dos instrumentos da estação de imagens foram transportados para o cimo desta montanha, camuflados no interior dos falsos blocos de pedra.

Como sabem esses camiões e esse tipo de carga são os únicos autorizados a cruzar a fronteira com a Jordânia, chegando habitualmente até Amã. Seria difícil que alguém suspeitasse dos aparentemente maciços cubos pétreos.

Quanto ao resto do equipamento – continuou, dirigindo-se aos dois militares israelitas sentados à nossa mesa -, se não houver inconveniente, estará cá em cima sábado de manhã.

Seguindo outro tipo de via.

Bahat e Yefet concordaram.

- Até essa altura – continuou o chefe do Cavalo de Tróia -, a nossa missão será muito simples: esperar. Amanhã, talvez a esta mesma hora, o grupo do gerador eléctrico entrará em funcionamento.

- E o que está previsto – manifestou-se o chefe do acampamento, como se procurasse a nossa indulgência. - Hoje mesmo será desembarcado. Pedimos-lhes que nos desculpem o atraso.

Desembarcado? A quase mil e quatrocentos pés de altitude. Oh! Os judeus são capazes de tudo. Por isso ninguém se atreveu a perguntar nada.

A imediata e lógica pergunta – continuou Curtiss – é onde e quando será montada a estação receptora.

Por razões de segurança, e seguindo igualmente as instruções do Governo de Golda, desta vez não haverá hangares ao ar livre.

O general apercebeu-se da nossa estranheza. E, pegando na sua inseparável pasta. Tirou um sobrescrito branco com a inconfundível estrela azul de seis pontas, emblema do Estado de Israel. Ao abrir o seu conteúdo, apareceu uma planta do acampamento Eleazar e, nela, um esquema pormenorizado do fosso que tínhamos ido ver uma hora antes. Não foram necessárias muitas explicações.

Curtiss, apontando com o indicador para o centro da piscina – assim a chamaríamos na gíria do Cavalo de Tróia -, convidou-nos a dar uma vista de olhos. A escavação, tal como tínhamos pensado, não era mais do que o local onde ficaria colocada a estação de imagens. Quase toda a metade norte do fosso (vinte dos cinquenta metros disponíveis) receberia o grosso dos equipamentos: consolas autónomas operacionais (números 1 e 2), painéis de comando (de distribuição e alimentação eléctrica), cabos telefónicos e de rádio, armários de telecomunicações e conversão digital de sinais do satélite, receptores especiais, transmissores em frequência S, monitores de televisão, subcontroladores de tempo.

Climatizadores e um longo etcétera. Os restantes trinta metros da piscina estavam divididos em dois sectores: a

todo o comprimento da parede sul (ocupando uma superfície de dois por dez metros) tinham sido colocados os laboratórios de revelação de fotografias e uma secção auxiliar de telemetria, armários para gravadores de fita magnética (para unidades de fita larga ou estreita) e impressoras ultra-rápidas, capazes de ler e imprimir dados à razão de oitenta mil dígitos por minuto. O resto da faixa sul (de vinte por dois metros) aparecia como armazém de hélio.

O espaço existente entre estas baterias de instrumentos encontrava-se praticamente vazio. No total, vinte e oito metros. Aquela era outra das novidades da Operação Eleazar.

Este quase quadrado (vinte e oito por vinte e cinco metros) no centro da piscina seria para uma antena parabólica orientável de vinte e seis metros, capaz de seguir automaticamente o Big Bird e receber os seus sinais à distância de cem quilómetros`.

* Apesar de não pretender pormenorizar aqui a sofisticada tecnologia secreta norte-americana utilizada neste tipo de instalações, posso especificar que os dois amplificadores maser da estaçào – de grande alcance – processam os dados com uma perfeição extraordinária. A baixa temperatura requerida por este tipo de aparelhos (69 graus centígrados abaixo de zero) obrigaria a um isolamento especial dos amplificadores no conjunto da estrutura. Cada maser funcionava em duplo canal. A sua característica fundamental era a grande capacidade do seu canal de informação.

Que lhe permitia uma recepção de dados da ordem dos duzentos quilobits por segundo. (N. Do M)

Esta antena parabólica – construída com base em materiais muito leves – pode trabalhar simultaneamente próximo dos dois Mhz e dos quatrocentos Mhz. Graças a um sub-reflector dicróico, transparente a algumas frequências. Graças ao seu extraordinário alcance, pode aumentar um milhão de vezes a

potência do transmissor, podendo ser orientadas para qualquer ponto do espaço com uma precisão de milésimos de grau. (Iv do 17)

O GSFC tinha recomendado, desde o princípio da operação, a utilização deste tipo de antenas. No entanto, por razões de espaço, não foi possível a sua utilização na mesquita da Ascensão. A verdade é que a inesperada e rapidíssima desmontagem das instalações não permitira sequer a montagem das antenas rastreadoras de varredura de fase, que deveriam substituir a aconselhada pelo Centro de Voos Espaciais Goddard.

Uma vez concluída a montagem da estação a piscina ficava fechada por meio de um engenhoso sistema – activado eléctrica ou manualmente – que ocultava o grande fosso. Os israelitas deram-nos mais pormenores a este respeito. A cobertura, que ficava recolhida no lado norte, fora desenhada como uma lâmina dupla de vidro plastificado, de grande dureza e ductilidade, que permitia a passagem dos sinais radioeléctricos procedentes do Big Bird. Isto, especialmente durante as transmissões diurnas, favorecia a camuflagem da estação.

No caso das recepções nocturnas, a cobertura podia ser retirada, deixando à vista a superfície ocupada pela antena parabólica. Esta, pintada de preto, era praticamente invisível a qualquer hipotético avião de reconhecimento inimigo.

Quando a montagem do material terminou, ficámos muito admirados. A astúcia e a meticulosidade dos israelitas levava-os ao extremo de pintarem a cobertura com a mesma cor amarelada da terra ocre que cobria toda a meseta. Aqui e ali, com uma paciência beneditina, os engenheiros militares foram colando sobre essa cobertura um sem-fim de pedrinhas recolhidas na zona norte do cume. Que proporcionavam à falsa superfície um mimetismo invejável.

Quando os últimos raios de sol tingiam de vermelho o deserto da Judeia, os trabalhos no Acampamento Eleazar eram interrompidos. A falta de energia eléctrica tornava difícil e perigoso o movimento dos tractores e da grua. Ainda por cima, as chuvas e o forte vento continuavam a fustigar o cume de Massada. De forma que, de comum acordo, fomos para as tendas que nos tinham sido atribuídas. Daí em diante, cada um daqueles incómodos abrigos, de dura lona preta, servia de alojamento a dez membros da suposta operação arqueológica. Com muita astúcia, os judeus fizeram com que um ou dois dos seus homens compartilhassem connosco os seus respectivos abrigos de campanha. Desta forma podiam estar a par das nossas conversas e intenções. Esta circunstância provocaria na equipa do Cavalo de Tróia alguns momentos de tensão. Contudo, soubemos resistir a esta subtil espionagem.

À luz ténue da botija de gás que pendia do tecto da tenda, com o fino ulular do vento entre as lonas, os meus pensamentos, mais uma vez, voltaram-se para Ele. Não havia dúvidas: a sua imagem e as suas palavras já faziam parte do meu próprio ser. E uma doce melancolia foi-me invadindo. Só de vez em quando, com muito esforço, conseguia voltar à realidade. Nesses momentos, uma quantidade enorme de dúvidas

** O GSFC, ou Goddard Space Flight Center, localizado em Greenbelt (Maryland), nos Estados Unidos, é um centro destinado à coordenação e realização de projectos espaciais (não tripulados). Uma das missões do GSFC é a vigilância da rede STDN. Ou Rede de Acompanhamento e Aquisição de Dados de Voos Espaciais, constituída por dezasseis estações espalhadas por todo o mundo. N(. dol.)*

obscurecia aquele estranho sentimento. Havia uma, em especial, que não me deixava conciliar o sono: Como faríamos para lançar o berço" de dentro daquele fosso? A antena parabólica – embora pudesse ser desmontada – constituiria

um sério obstáculo.

De repente, por volta das nove horas da noite, um ensurdecedor estrondo tirou o acampamento do seu repouso forçado. Todos ao mesmo tempo os oito norte-americanos e os dois israelitas que dormíamos naquela tenda precipitámo-nos para a saída. Uma inusitada agitação apoderou-se da meia centena de homens que ocupava a base naqueles momentos.

No meio da escuridão e da implacável chuva, a pouco mais de dez ou vinte metros sobre as nossas cabeças, quatro potentes reflectores iluminavam a extremidade sul do Acampamento Eleazar. O ruído dos motores e os piscas vermelhos e verdes fizeram-nos compreender que se tratava de dois poderosos helicópteros. Estavam em voo estacionário entre o fosso e as escadas de pedra que davam para a cisterna subterrânea situada nas proximidades da face sudeste de Massada. Ao aproximarmo-nos, graças à extraordinária potência dos quatro focos instalados na parte de baixo dos aparelhos, vimos que dos CH-47 Chinook – helicópteros de transporte utilizados pela Marinha israelitapendiam uns contentores enormes.

Pouco a pouco, seguindo as indicações do pessoal de terra, as cargas foram colocadas no solo. E, rapidamente, cumprida a missão, os Chinook apagaram os faróis, aumentaram a potência dos motores e desapareceram em direcção a norte, entre as temíveis rajadas de vento e chuva. Na manhã seguinte, quando vi o peso, o volume e a natureza do material transportado, não pude deixar de admirar aqueles audazes pilotos israelitas. Encharcados até aos ossos, voltámos para as tendas, à espera do novo amanhecer com impaciência.

E, na verdade, aquela sexta-feira, 23 de Fevereiro de 1973, seria um dia cheio de surpresas. A primeira surpresa chegou com o alvorecer. Perto das seis horas e quarenta e cinco minutos, depois de uma noite intranquila, em que quase não

consegui conciliar o sono, ao chegar à porta da tenda deparei com um espectáculo inesperado.

Como por milagre, amplas zonas da superfície do acampamento e do resto do cume surgiram atapetadas de flores de todas as cores. Era admirável. Em poucas horas, fruto das chuvas torrenciais, a meseta estava florida, adornada com milhares de brilhantes e aromáticas flores amarelas, verdes e vermelhas.

Nas partes mais baixas – diga-se em abono da verdade – a tempestade deixara imensos charcos transformando o terreno num lamaçal. Apesar da aridez de Massada e dos seus arredores – com o mar Morto à direita e o deserto da Judeia à esquerda -, a realidade que surgira diante dos meus olhos só vinha confirmar as palavras de Flávio Josefo cuando, mil e novecentos anos antes, descreveu estas salvadoras chuvas.

**1 Segundo os dados do Serviço Meteorológico de Israel – que tão valiosas informações prestaria à missão – a média dos dias com sol na região de Massada e Sodoma, ao sul do mar Morto, é de vinte e seis dias para Fevereiro e trinta e um para Março.*

Este facto levara os eruditos a contínuas polémicas em torno das afirmações do historiador F. Josefo em relação às chuvas sobre Massada. Josefo refere, por exemplo, que antes do reinado de Herodes, o Grande, José e outros membros da sua família se refugiaram nesse cume, Resistindo às tropas dos últimos Asmonianos e seus aliados. Os Partos. Estavam a ponto de morrer de sede quando, de repente, os céus se abriram.

A segunda surpresa ocorreu ao entrar no barracão apetrechado para os duches, retretes e higiene em geral. Como já comentei, tinha sido construído quase paredes-meias com a peça rectangular conhecida por lagoa grande. Aquele foi outro dos múltiplos pormenores de que eu não me apercebera durante o primeiro dia no acampamento.

Além da falta de energia eléctrica no alto do rochedo, uma das principais dores de cabeça, no momento de preparar a colocação da estação receptora de imagens, foi a ausência de água. Certamente, segundo nos iriam explicando os técnicos israelitas, ambos os problemas podiam ter sido resó vidos – sempre de forma incompleta – indo buscar a água às instalações situadas no lado oriental da montanha, no local do fumicular.

Mas isso, com as quilométricas extensões de cabos e canalizações, tornava-se tão complicado quanto escandaloso.

Além disso, o fornecimento de energia eléctrica seria claramente insuficiente para o elevado consumo da estação. Daí o Governo israelita ter-se decidido, depois de estudar exaustivamente os dois assuntos, pelo transporte até ao cimo de Massada de um conjunto de geradores resolvendo o segundo obstáculo – o da água – de uma forma semelhante à das expedições de Yadin nos anos de 1963 a 1965. A umas quatro milhas a oeste da montanha existia uma rede de canalizações que tinha sido propriedade da companhia Nafta Oil e que fora utilizada, na época na (Companhia Nacional da Água) também do exército israellita a Mek ha.

Foi instalada uma canalização mais estreita, que resolveu os problemas de Yadin, e agora, oito anos depois, os nossos.

Esta canalização ia até ao alto de Massada, paralelamente à rampa romana. No sítio onde terminava – na extremidade noroeste – os engenheiros ligaram várias centenas de metros de novos tubos, escondidos no piso de terra da casamata ou da muralha de duplo muro que se estende ao longo da face oeste da meseta.

Ao mesmo tempo, o interior da lagoa grande tinha sido aproveitado para a montagem de depósitos com capacidade para cento e vinte mil litros. Por último, os israelitas tinham-nos camuflado cobrindo a lagoa grande com canas. Dessa

forma, o fornecimento de água potável ao acampamento e aos complexos sistemas de refrigeração ou alimentação do equipamentos estava sobejamente assegurado. (Na hipótese de uma avaria, o tanque escondido entre as paredes rectangulares da lagoa podia satisfazer as necessidades da estação – sempre prioritária – durante seis ou sete dias)

Concluído o pequeno-almoço, Curtiss e o resto da equipa ofereceram-se para colaborar com os técnicos israelitas nas tarefas que estes julgassem oportunas. Mas Yefet, depois de agradecer a nossa sincera e excelente disposição, não aceitou argumentando que não eram aquelas as ordens. O Sol pairava, já, sobre as colinas azuis de Moab, rumo a um céu transparente. O vento havia cessado e o dia, finalmente, parecia apresentar-se ameno e aprazível.

Alguns minutos antes do pequeno-almoço, os oficiais destacados para a base do funicular tinham estabelecido contacto pelo rádio com o

* e as cisternas de Massada se encheram de água. E José e os seus, diz Flávio Josefo. Salvaram-se. Mas, como anteriormente Yigael Yadin. Pudemos confirmar a veracidade dos textos do judeu romanizado. (N. Do M)

acampamento, informando o general sobre as razões do atraso da meia centena de homens que completava a expedição do Cavalo de Tróia e que, segundo Curtiss, deveria ter chegado a Massada na noite anterior. Ao que parecia, a camioneta que os transportava desde Jerusalém tinha sido obrigada a regressar, devido aos cortes na estrada.

A sua chegada ao acampamento Eleazar, concluíram os militares, será ainda hoje de manhã

Naquela altura nós ainda não conhecíamos as más novas que nos trariam aqueles compatriotas e companheiros.

Dado que as nossas obrigações eram quase nulas, cada qual dedicou-se ao que achou mais conveniente. Curtiss e vários directores fecharam-se na tenda que fazia as vezes de estação de rádio e os outros optaram por descansar ou andar a ver o cimo do rochedo, sempre sob a discreta vigilância de

alguns israelitas, que se ofereceram, com muito prazer, como improvisados guias turísticos.

Eliseu e eu, de comum acordo, ocupámos grande parte da manhã num minucioso reconhecimento do perfil e da topografia do triângulo que formava a nossa base. Desde o amanhecer que o acampamento tinha recuperado o seu intenso ritmo de trabalho.

Os tractores de lagartas, levados para o alto da meseta pelos helicópteros, continuavam no transporte febril das pedras alaranjadas, que eram colocadas pela grua no fundo da piscina.

Grande parte dos engenheiros e técnicos israelitas dedicava todo o seu esforço e atenção aos dois gigantescos contentores de aço baixados pelos Chinook. Um deles continha um potente equipamento electrógeno, de geração contínua, perfeitamente desmontado. Tratava-se do coração do acampamento. Sem aquele gerador de corrente eléctrica, tudo teria sido inútil.

Os israelitas sabiam-no e apressaram-se a retirá-lo da superfície do rochedo, transportando o motor, o alternador, a base, o painel de comandos, os sistemas de filtragem, etc, para o fundo da cisterna subterrânea. Até nisto tiveram sorte os israelitas e, indirectamente, o Cavalo de Tróia. A localização do gerador tinha sido um problema difícil. Por elementares razões de segurança não podia ficar à vista nem ser colocado na piscina, junto dos delicados instrumentos da estação receptora. As constantes vibrações, bem como o ruído do motor, teriam interferido no equipamento e causado uma série de inconvenientes desnecessários.

Por isso, ao estudar o solo e a configuração da zona sul da meseta, os peritos não hesitaram em escolher a cisterna subterrânea como o esconderijo ideal para o gerador e para o correspondente tanque diário de gasóleo. A gigantesca cisterna – escavada na rocha por Herodes, o Grande – tem

uma capacidade de cento e quarenta mil pés cúbicos. Trata-se de uma formidável sala de oito metros de altura, à qual se tem acesso por umas escadas igualmente conquistadas à rocha. Para lá, enfim foi transportado e montado o flamante gerador – tipo dezasseis cilindros (V), da série 149, fabricado pela General Motors – com uma potência de mil e duzentos KVA ou mil e trezentos HP e uma voltagem de saída de trinta mil volts. (Com semelhante monstro teria sido possível alimentar as principais instalações de um aeroporto de tipo médio)

Foi assombroso. Aquelas dez toneladas – em seco, isto é, sem a água e sem o óleo – ficaram montadas e prontas a entrar em funcionamento em vinte e quatro horas. A perícia dos engenheiros, em especial na altura da operação decisiva de alinhamento do motor e do alternador, foi total.

Por último, um feixe de cabos, enterrados a um metro de profundidade e cuidadosamente isolados, foi estendido ao longo do acampamento, pronto para dar vida aos diferentes serviços.

Aproveitando duas grandes aberturas no tecto da cisterna subterrânea – pelas quais penetrava outrora a água, e visíveis sobre a escarpa sudeste da montanha -, os especialistas israelitas montaram também um poderoso sistema de extractores e ventiladores, proporcionando assim uma contínua e excelente renovação do ar.

Embora o Charlie – assim baptizámos o gerador - quase não deitasse fumo, tanto os tubos de saída de gases como o resto do complexo de ventilação foram apetrechados com finas grelhas de filtragem. Se chegasse a haver uma fuga de vapor ou de qualquer fonte de calor um hipotético inimigo teria sabido que algo anormal estava a acontecer nas entranhas de Massada.

O segundo contentor depositado pelos helicópteros no Acampamento Eleazar era de idêntica importância vital.

Conttnha cerca de trezentas e cinquenta chapas de aço, de um metro de largura cada uma, destinadas à construção dos dois depósitos de combustível do equipamento electrógeno: o do dia e o de armazenamento. O Charlie consumia cerca de cento e sessenta gramas de gasóleo por cavalo-hora.

Isso exigia a presença de um tanque com uma capacidade mínima de 5420 litros por dia. (Este foi o consumo diário médio do gerador) Como era lógico, tornava-se mais prático, rentável e seguro instalar na rocha um tanque de fornecimento ou armazenamento do que efectuar todos os dias o correspondente transvase de combustível. Uma operação que, dada a localização de Massada só podia ser efectuada com rapidez e comodidade pelo ar.

Neste sentido, os helicópteros-cisterna do exército de Israel desempenhariam um papel de destaque. Uma vez por mês, vários daqueles gigantescos Sikorsky S-64 (tipo CH-54 Tarhe), previamente modificados, voavam durante a noite até ao acampamento enchendo o tanque de reserva: 162 600 metros cúbicos. Este segundo depósito – com cinco metros de largura, quinze de comprimento e três de altura – foi montado numa das grutas que se alinhavam no já referido alcantilado sudeste da montanha, muito perto da cisterna subterrânea 2. Com a ajuda da grua e de cordas, os israelitas,

* Este tipo de geradores consome, em média, 14? m de ar por minuto, só para a combustão do motor (este trabalha à razão de sessenta ciclos). Por outro lado, a refrigeração do radiador exige 2349 m de ar, também por minuto. Todo o conjunto emite um calor equivalente a 189 KW por minuto. (N. Do M)

2 Neste alcantilado sudeste de Massada, muito perto da casamata, pode ver-se uma fileira de grutas.

Na que se situa no extremo sul – a mais pequena de todas -, as expedições arqueológicas de Yadin encontraram os esqueletos de vinte e cinco seres humanos. Provavelmente, zelotas auto-imolados naquela histórica noite. Entre os esqueletos havia fragmentos de tecidos e bocados de pano. Segundo o doutor N. Hass, da Faculdade de Medicina da Universidade Hebraica. Aqueles ossos eram de catorze homens, seis mulheres e, o resto, de crianças.

Com quase toda a certeza, defensores de Massada. Esta circunstância, ainda que incrível, condicionou muito a operação. Apesar de os arqueólogos de Yadin terem examinado as outras grutas, não encontrando novos esqueletos, antes de

profanar uma daquelas grutas com o depósito de gasóleo, os israelitas fizeram uma revisão exaustiva da caverna em questão, com o fim de se certificarem de que, de facto, nenhuma guardava ainda vestígios dos seus heróis nacionais.

(N. do M)

numa verdadeira demonstração de alpinismo, foram transportando as peças de aço desde o cimo até à entrada da gruta natural, pondo em risco a própria vida num alcantilado com mais de mil pés de altura. Creio que nunca lhes agradeceremos bastante. Na manhã de sábado, uma vez concluída a operação de junção e soldagem do tanque, os engenheiros deixaram em condições as bombas para a mudança do líquido, unindo os dois depósitos – o de reserva e o diário – com uns tubos que foram colocados e camuflados na parede sudeste de Massada. A conduta penetrava na cisterna subterrânea através de um dos orifícios de ventilação.

Os meus conhecimentos sobre a história de Massada, dos seus edificios e dos castros romanos que a rodeiam – tudo isso fruto da documentação proporcionada pelo general – mostrar-se-iam muito úteis quando, seguindo o nosso plano de reconhecimento do terreno, nos dirigimos para norte da meseta.

O meu irmão e eu ficámos admirados com a audácia e beleza do Palácio do Norte, com os seus três terraços em socalcos. E sentimos uma emoção especial ao percorrer o labirinto formado pelas ruínas dos armazéns mandados construir por Herodes e que serviram de despensa aos heróicos zelotas. Assomando àquela espécie de proa, no ponto mais alto de Massada, compreendi por que motivo o rei Herodes tinha construído, precisamente ali, o seu palácio suspenso.

Aquele vértice do grande rochedo – em especial os terraços central e inferior – é o único ponto resguardado do ardente sol e dos temíveis ventos de sul, que, às vezes, ultrapassam

as sessenta milhas por hora. Se não fosse este compacto complexo de ruínas (palácios, armazéns, balneários, edifícios administrativos, postos de guarda, etc), o Acampamento Eleazar, explicou-nos um dos inseparáveis guias, teria sido instalado aqui mesmo. Os incómodos ventos de sul e sudoeste, tão frequentes em Massada, iriam ser um autêntico pesadelo para os homens do Cavalo de Tróia; sobretudo nos minutos decisivos da descolagem e posterior descida do módulo.

(Espero que Deus me conceda as forças suficientes para chegar a esse ponto deste relato) Nos estudos meteorológicos da estação de Kalya, a norte do mar Morto, as estatísticas elaboradas com base nos dados recolhidos em 1972 pelos três centros de observação indicavam, no entanto, para o mês de Fevereiro, uma frequência e intensidade dos ventos relativamente baixas ou suportáveis: a estação número vinte apontava uma percentagem de 189 para o vento sul e só 40% para o vento sudoeste.

Por seu lado, as estações números vinte e um e vinte e dois fixavam – para os mesmos ventos – índices de 189 e 79 e de 147 e 56, respectivamente. Nos três casos, as velocidades dos referidos ventos oscilavam entre os doze e os dezanove quilómetros por hora. Só as estações vinte e vinte e um é que previam ventos entre cinquenta e sessenta e um quilómetros por hora, mas numa percentagem muito baixa

Naturalmente, a parte mais alta de Massada encontra-se a mais de mil pés de altitude e isso notava-se.

Mas o lugar que mais nos impressionou – talvez por se conservar tal como o deixaram os legionários de Silva – foi a

* Por não existir estação meteorológica em Massada, os dados foram fornecidos pela de Kalya Alef. Os seus três observatóríos situam-se a 395, ?70 e 60 metros abaixo do nível do mar, respectivamente. (N. Do N)

Descrição – Superfície do planalto de Massada. No triângulo sul, o Acampamento Eleazar.

1 – recinto subterrâneo destinado à estação receptora de imagens (a

piscina).

2 – escadas que conduzem à cisterna subterrânea.

3 – a lagoa grande.

4 – barracão destinado aos balneários.

5 – refeitório.

6 – tendas de campanha.

7 – portão da paliçada.

8 – a cidadela ocidental.

9 – o banho ritual.

10 – muralha ou casamata oriental.

11- muralha ou casamata ocidental.

12 – habitações dos zelotas.

13 - pombal.

14 – oficina de mosaicos bizantinos.

15 – aposentos da família real.

16 – habitações dos zelotas.

17 – tanque de natação.

18 – vila.

19 – Palácio Ocidental.

20 – a rampa romana.

21 – igreja bizantina.

22 – edifício dos oficiais.

23 - a torre ocidental.

24 – habitações dos zelotas.

25 – cisterna aberta.

26 – funicular.

27 – porta do caminho ou vereda das árvvoras.

28 – armazéns.

29 – banhos.

30 – Palácio Norte: terraço superior.

31 – terraço intermédio.

32 – terraço inferior.

rampa de terra batida que se eleva desde a base até quase tocar a orla noroeste da meseta. Aquele reduto de assalto é, sem dúvida alguma, uma das estruturas ou fórmulas de assédio do exército romano mais interessante do Mundo. A verdade é que se encontra francamente bem conservada. A brancura da rampa – cuja terra foi extraída do chamado promontório branco, justamente onde ela se inicia – é deslumbrante.

Durante alguns minutos, ficámos ali, pasmados e absortos perante a visão da rampa e do acampamento de Flávio Silva. Agora, mil e novecentos anos depois daquela luta pela soberania e liberdade de um povo, o Estado de Israel tinha voltado a Massada, precisamente, como já observei, para velar por essa segurança.

O nosso passeio pelas ruínas de Massada foi agradavelmente interrompido quando, a meio da manhã os funiculares conduziram para o cimo os últimos cinquenta especialistas do Cavalo de Tróia. Tal como fizera connosco, Curtiss tinha-os posto a par de alguns pormenores da missão secreta. E todos, como era previsível, se mostraram entusiasmados com aquela segunda tentativa. A sua permanência no Acampamento Eleazar foi, por isso mesmo, tão discreta e eficaz como seria de esperar. Mas aqueles amigos não eram precisamente portadores de boas notícias. A pedido de Curtiss tinham reunido uma ampla selecção de jornais internacionais daqueles dias. Tanto o general como o resto do grupo intuiu que o recente derrube do Boeing 727 líbio na península do Sinai podia trazer péssimas consequências para o já deteriorado panorama político do Médio Oriente. Não nos enganámos. Os comentários e as reacções de meio mundo foram unânimes: o metralhamento do avião de passageiros e a morte de cento e quatro ocupantes foram condenados sem atenuantes. Os países árabes manifestaram-se especialmente agressivos, aquecendo ainda mais a atmosfera de pré-guerra para com o seu vizinho Israel. A leitura daqueles jornais ingleses, norte-

americanos e egípcios encheu-nos de confusão e incerteza.

Os jornais do Cairo, por exemplo, qualificavam o facto de assassínio premeditado e de um novo e bárbaro crime contra civis árabes. O jornal egípcio Al Ahram transcrevia também as declarações de um porta-voz do Governo de Sadat, nas quais, entre outras coisas, assegurava que o sionismo israelita, que vive da agressão, da usurpação e do delito, pagará caro esta acção e receberá o justo castigo, das mãos dos Árabes.

* Nos escritos de Flávio Josefo lê-se, em relação a esta rampa: Já que o general romano Silva tinha construído uma muralha no exterior, à volta de todo este lugar, como o dissemos anteriormente, e de tal forma tinha construído uma protecção tão adequada para evitar que qualquer dos sitiados fugisse, que se dedicou ao assédio propriamente dito, embora encontrasse apenas um único lugar onde era possível construir a rampa que projectara, porque por trás daquela torre que protegia o caminho do palácio.

É até ao cimo da colina pela parte ocidental, havia uma grande saliéncia da rocha, muito larga e proeminente, e apenas trezentos côvados (quinhentos pés] sob a parte mais elevada de Massada. Era chamado o "promontório branco". Portanto, fixou-se naquele lugar da rocha e ordenou aos soldados que trouxessem terra, e quando se aplicou a esta tarefa com ardor grande quantidade deles, levantou-se a rampa que era sólida, de duzentos côvados (trezentos pés] de altura e, no entanto, não se considerou essa rampa suficientemente alta para o uso das máquinas de guerra que deviam instalar-se ali e elevou-se sobre esta rampa outra, alta e grande, feita de grandes pedras unidas, medindo cinquenta côvados, tanto de altura como de largura" (N. Do M)

Por seu lado, os mais prestigiados jornais de Nova Iorque e Washington pronunciavam-se nos seguintes termos: A incursão israelita no Líbano e o derrube de um avião de passageiros no Sinai desencadearam no mercado de valores de Nova Iorque o medo de que a situação no Médio Oriente se agrave. O que provocou uma queda brusca dos preços dos títulos.

Nixon e o secretário de Estado norte-americano, William P. Rogers, enviaram mensagens de condolências a Muamar Kadhafi e ao presidente do Egipto di no Sinai, The Times afirmava que Num editorial intitulado Tragédia, o incidente não era só mais um infeliz acto de guerra, mas uma matança

irreflectida de civis. É, como tal, injustificada, senão mesmo premeditada.

O Daily Telegraph qualificava a acção israelita de brutal, garantindo que a matança de civis representava um duro golpe nas tentativas de Nixon para conseguir um acordo sobre o canal do Suez.

Por último, porque a lista seria interminável, o Financial Times escrevia: Depois de um período de cinco anos de "nem paz nem guerra", Israel não quer arriscar-se a negociar um verdadeiro acordo de paz .

Em tudo aquilo, no entanto, havia qualquer coisa estranha.

Por mais que voltássemos a folhear os jornais. Em nenhum encontrámos uma úniqa reacção ou declaração do veemente coronel Kadhafi. O Boeing abatido era do seu país e, além disso, cinquenta e cinco dos cento e quatro passageiros mortos eram líbios. Porque mantinha um mutismo tão invulgar?

Seria que tinha alguma coisa a ocultar da opinião pública? Porque se teria desviado o avião centenas de milhas das duas rotas de voo habituais do Bahrein, nos Emirados Árabes, para o seu aeroporto de destino, em Alexandria». Naquele momento não dispúnhamos dos dados meteorológicos da zona relativos ao dia 21 de Fevereiro – data do acidente -, mas parecia-nos difícil acreditar que as más condições climatéricas (razão alegada a princípio pela imprensa judaica) tivessem forçado o Boeing a violar o espaço aéreo de Israel, e justamente sobre uma zona militar. Era, pelo menos, suspeito.

As tímidas e escassas notícias procedentes de Telavive também não projectaram muita luz sobre o que tinha acontecido na zona central do Sinai. Numa conferência de imprensa realizada no Cairo, os jornalistas garantiram ter ouvido a voz do comandante do Boeing 727 a gritar: Estão a disparar contra nós! Estão a disparar de um caça!

Naturalmente, como era de esperar, a imprensa israelita acusava o piloto de ter desobedecido às ordens dos interceptores. O co-piloto, Jean Pierre Hure, um dos sete sobreviventes, garantiu que estavam aterrorizados e que não seguiram as instruções dos caças israelitas, optando por fugir.

Poucas horas depois do incidente, o chefe supremo da Força Aérea israelita, general Mordekai Hod, e dois pilotos dos Phantom, cujos nomes

* As rotas comerciais do voo de Bahrein para Alexandria, no Egipto, seguem, habitualmente, as seguintes direcções: uma para Damasco. E, dali, sobrevoando o Sul de Beirute e águas internacionais do Mediterrâneo, para Alexandria. A segunda rota atravessa a Arábia Saudita, sobre Buraida e norte de Medina, até entrar no Egipto. Ao norte de Assuão, os aviões giram noventa graus, na direcção de Alexandria. O Sinai encontra-se na bissectriz de ambas as rotas. (N. Do M)

não foram revelados, realizaram outra conferência de imprensa a fim de darem informações sobre o gravíssimo assunto. Segundo estes militares israelitas, fizeram-se esforços desesperados para obrigar o Boeing a aterrar. Um dos caças até se aproximou o suficiente para fazer sinais com as mãos à tripulação do avião líbio para que aterrasse. Mas o 727 fugiu, informaram os oficiais israelitas, para evitar um conflito diplomático.

Mais tarde, a própria imprensa de Israel lançaria outra explicação não menos estranha: Receavam que o Boeing fosse a Telavive em missão de sabotagem E ainda que, de facto, as ameaças dos guerrilheiros de bombardear aquela cidade fossem reais, no fundo, ninguém acreditou em nenhuma das justificações. Nem nas israelitas nem nas árabes. Dias mais tarde, após o seu regresso dos Estados Unidos, Curtiss informar-nos-ia acerca da verdadeira razão daquele lamentável acontecimento. Uma causa que era de facto suficientemente grave para os israelitas e que eles jamais admitiriam oficialmente.

Nada digno de menção aconteceria já naquela sexta-feira, 23 de Fevereiro. A equipa, inquieta devido aos

acontecimentos, fazia a si própria milhares de perguntas. Mas, para já todas continuavam sem resposta. Em que medida o envenenamento das relações israelo-árabes poderia vir a afectar a evolução da nossa missão? Se tudo acabasse em novas hostilidades ou, o que seria pior, numa quarta guerra, que papel iria desempenhar aquela meia centena de norte-americanos, perdida no alto de uma montanha solitária?

Ao entardecer, pouco antes dos funiculares deixarem de funcionar, submetendo-nos assim a um forçado isolamento, Curtiss conseguiu rodear-se de vários dos seus directores do Projecto e, num aprazível passeio pelas ruínas do sector norte - desta vez sem guias nem israelitas intrusos ditou as instruções a ter em conta para o dia seguinte, sábado:

- Devemos estar atentos à chegada do resto dos equipamentos. Uma vez no alto da meseta, o Cavalo de Tróia porá em andamento a fase verde da operação. Esta fase, como já assinalei, consistia, fundamentalmente, no processo de montagem da estação e, a partir de um determinado momento, do berço. Esta última parte da fase verde sofrera substanciais modificações em relação à operação gémea da mesquita da Ascensão, no cimo do monte das Oliveiras.

A especial configuração da piscina e do Acampamento Eleazar exigia outro tipo de táctica para manter os israelitas afastados durante o processo de montagem dos scanners ópticos e dos restantes instrumentos secretos. O pacto inicial de Curtiss com o Governo de Golda Meir, segundo o qual o pessoal israelita deveria abandonar a estação enquanto durassem os trabalhos secretos, continuava em vigor. Mas ninguém estava a par da argúcia planeada por Curtiss.

Quando um dos directores mostrou interesse pela vara de Moisés e pelo imprescindível combustível para o módulo – em especial pela forma escolhida para o levar clandestinamente para Massada -, o general limitou-se a repetir:

- Calma. Tudo está previsto.

O pôr do Sol pôs ponto final no trabalho febril dos israelitas. Excepcionalmente, dada a urgência e natureza da Operação Eleazar, os turnos de montagem do Charlie e do tanque de armazenamento foram libertos da sagrada obrigação de guardar o sábado. Apoiados por grandes holofotes alimentados a gás, os técnicos encerrados na cisterna subterrânea e na gruta prosseguiram nas suas tarefas durante toda a noite. O resto do acampamento ficou mergulhado numa quase total escuridão, apenas interrompida pelos mortiços candeeiros instalados no interior das tendas e do refeitório. Por razões óbvias de segurança o exército tinha proibido a utilização de focos na superfície da meseta. Nem mesmo quando o gerador de electricidade entrou em funcionamento se quebrou esta norma rigorosa.

A integridade física da estação e da centena de homens que cómpunha o acampamento assim o exigia. Éramos uma simples e pacífica expedição arqueológica e, por conseguinte, a presença de focos no triângulo sul de Massada só teria servido para levantar suspeitas.

Na manhã do dia seguinte. Quando nos preparávamos para tomar o pequeno-almoço, notámos a falta de Curtiss e de vários oficiais-chefes do acampamento. Bahat, adivinhando as nossas perguntas, convidou-nos a dar uma vista de olhos à ponta oriental do rochedo. Para lá nos encaminhámos, cheios de uma enorme curiosidade. Sinceramente, naqueles momentos ninguém se lembrava das palavras do general acerca da chegada do último terço do material.

No portão de entrada do chamado caminho de serpente ou das víboras – um sinuoso e estreitíssimo carreiro que sobe até ao alto de Massada pela sua vertente oriental – surgiu diante de nós uma visão difícil de esquecer: muito perto da base do funicular, ocupando praticamente o terreiro contíguo, agrupava-se uma apreciável manada de camelos ou de dromedários (daquela distância era difícil precisar).

O grupo entrou numa acesa polémica acerca das possíveis razões da presença daquela caravana em Massada daqueles animais dO deserto. Seria que pelo o carregamento tinha vindo em cima daqueles animais? E se assim era, porquê? O debate terminou com a chegada de alguns militares israelitas. Reclamavam a nossa presença na estação de rádio.

Alguns minutos mais tarde, cerca de vinte homens do Cavalo de Tróia embarcavam no funicular, rumo às instalações da base.

O insólito espectáculo multicolor que nos aguardava no sopé do rochedo deixou-nos sem fala. Curtiss e várias dezenas de israelitas empenhavam-se na descarga de uma série de enormes volumes, ajudados continuamente pelos membros daquela caravana beduína. Cerca de quarenta ou cinquenta dromedários - os famosos barcos do deserto – encostavam-se, nervosos, à plataforma do funicular. Das suas gibas pendiam – de ambos os flancos – fardos emalhados que continham arcazes.

Utensílios domésticos e até pequenos cordeiros. A alguma distância, entre as dunas, permaneciam outros seis ou oito animais, com grandes baldaquinos descobertos, onde se viam mulheres e crianças.

* Este caminho escarpado nasce praticamente no sopé da montanha, a uns mil e duzentos pés do topo. Caminhando depressa demora-se de quarenta a cinquenta minutos – se não mais – a percorrê-lo. As suas pedras escalonadas foram dramaticamente descritas por Flávio Josefo. Os Israelitas desaconselharam o seu uso para o transporte do material até ao cimo do planalto. (N. Do M)

Os nómadas, vestidos com grandes albornozes negros de lã, sem mangas, e com as cabeças cobertas com gorros de pêlo de camelo e vistosos mantões vermelhos e brancos, desenganchavam os canastros, que eram imediatamente transportados para o interior das cabinas do funicular. Por um momento perguntei-me para que precisaríamos nós no

acampamento de todos aqueles objectos, incluindo os borregos. Os beduínos tinham obrigado os dromedários a ajoelhar-se, mantendo-os nesta posição mais acessível com uma corda que unia as cabeças dos animais a um ou a ambos os joelhos.

Concluída a operação, os dromedários foram desatados e um dos voluntários árabes – o que parecia o xeque ou chefe da tribo – despediu-se do oficial mais graduado com um seco Salaam aleikum (A paz esteja contigo). O israelita correspondeu com outra ligeira inclinação de cabeça, respondendo Aleikum as salaam (Que contigo seja). Beduínos e dromedários tomaram a direcção das dunas, juntando-se ao grupo das mulheres.

Sentia-me tão fascinado por aqueles incríveis exemplares humanos que, de volta ao rochedo, quase nem prestei atenção às explicações do general sobre os fardos que acabavam de ser descarregados e sobre a sua insólita viagem.

Ao que parecia, se bem me lembro, três dias antes, a caravana em questão encarregara-se do último terço do material, perfeitamente camuflado nos fardos. Recolheram o carregamento na noite do dia 21, quarta-feira, num ponto a noroeste de Qumrân, em pleno deserto da Judeia. Aquela zona era frequentada desde tempos imemoriais pelas caravanas de beduínos que iam e vinham da Arábia. Muitas destas tribos traficavam armas ou trocavam vinho por mulheres, atravessando livremente a fronteira da actual Jordânia. Suponho que aquela tribo ou clã dos nobres shammar aceitara por um alto preço a missão de transportar até Massada aquilo que, oficial e aparentemente, era apenas um prosaico conjunto de vasilhas e outros utensílios domésticos. Necessários em qualquer acampamento.

Os beduínos fizeram-se surdos e mudos perante a generosa recompensa dos israelitas. Na verdade, o plano dos serviços secretos judaicos funcionou perfeitamente. Quem podia ter

imaginado que entre os fardos daquela austera caravana viajava um sofisticado equipamento de recepção de imagens via satélite?

Sempre longe das estradas e dos centros populacionais, os shammar tinham caminhado durante a noite – descansando de dia - por uma complicada rede de azinhagas e veredas, em pleno deserto, que conheciam e percorriam desde há séculos. Mas a missão dos beduínos ainda não tinha acabado. Naquele meio dia, correspondendo a um convite do

* Os shammar constituem uma das mais nobres e antigas tribos beduínas da Arábia Setentrional. Subdivide-se em quatro grandes facções tribais: os abde, os singiara, os aslam e os tuman. Os shammar consideram-se qathanitas, isto é.

Descendentes de Qathar. Este, juntamente com o mítico Ismael.

É reconhecido como um dos fundadores de várias estirpes do povo muçulmano. Supõe-se que os slammar se estabeleceram na região compreendida entre o Yébel Aeia e o Yéhel Selma. A sul.

E o terrível deserto do Grande siefud, a norte. (N. Do M)

xeque da tribo para participar no sempre complexo ritual da preparação e degustação do café, Curtiss teria a oportunidade de forjar um novo e astuto plano. Um estratagema que nos cobriria as costas no crítico momento do lançamento do módulo.

Aquele trabalho foi bem-vindo. O isolamento no alto do nosso porta-aviões de pedra, sem energia eléctrica nem distracção alguma e com meia centena de homens, de braços cruzados, começava a preocupar-nos. Por isso, o grupo do Cavalo de Tróia ofereceu-se, espontânea e voluntariamente, para transportar os fardos e os depositar – com o resto dos blocos cor de laranja - no fundo da piscina. Oficialmente, a fase verde acabava de ser inaugurada.

Curtiss, que, como já disse, forjava qualquer coisa no seu cérebro, pediu-nos que separássemos a meia dúzia de borregos.

E o pessoal fê-lo com satisfação, prendendo-os a uma das

cordas da tenda do general. Alguns rapazes, com pena dos lastimosos balidos dos frágeis cordeiros, armaram-se em improvisadas amas-de-leite esgotando as reservas de leite da cozinha. A verdade é que os cozinheiros israelitas não fizeram má cara. Ali, o que menos faltava era comida e aborrecimento.

(Todas as manhãs, pontual e religiosamente, o funicular abastecia-nos de pão fresco, de leite e dos alimentos que começavam a escassear nas despensas do barracão.

Por volta das duas horas da tarde, o general pegou nos seis cordeirinhos e, acompanhado por Bahat o supervisor, cruzou o portão da paliçada em direcção à plataforma do funicular. O paciente Curtiss encaixou com desportivismo as gracinhas de judeus e norte-americanos, divertidos perante a pouco habitual cena de um general da USAF a fazer de pastor de um rebanho.

Quando perguntei a Eliseu qual seria a intenção do chefe da operação, o meu irmão encolheu os ombros. Ninguém no Acampamento Eleazar tinha a menor ideia do motivo que o levara a preocupar-se com os animais. A possível explicação devia estar dentro da grande tenda negra de pele de cabra que naquela mesma manhã os shammar tinham montado nas amarelentas dunas que se estendem a nordeste da montanha à distância de uma pedrada das ruínas do acampamento romano B. Era evidente que os beduínos tinham a intenção de permanecer naquele lugar, pelo menos durante algum tempo.

Mas esta circunstância não parecia inquietar os militares israelitas. De qualquer forma, enganámo-nos quando demos como certo que, ao regressar ao cimo da montanha, Curtiss nos desvendaria o mistério. Entre outras razões, porque o general

* O plano do cerco de Massada pelo general romano Silva, como já referi, compreendia a construção de uma muralha que desse a volta ao monte, assim como o levantamento de oito acampamentos para cerca de quinze mil homens.

Estes castros, conservam-se em tão bom estado que, observados do cimo ou de avião, é como se acabassem de ser abandonados. Foram montados dois acampamentos grandes – o 8, e o F – e outros seis mais pequenos. O primeiro, a leste de Massada, e o F, a oeste.

Ambos se encontram fora da muralha de circunvalação e são quase gémeos, tanto em dimensões – cento e quarenta por cento e oitenta jardas o B" e cento e trinta por cento e sessenta o F, - como na sua planificação. Metade do grosso da X Legião (fretensis) alojou-se no "B, e o resto no F. Este último acampamento, segundo Josefo, foi o quartel-general de Silva durante o cerco. (N. Do M)

não voltaria a Massada. Pelas quatro horas dessa tarde de sábado, o funicular trouxe Bahat para a meseta. Vinha com o encargo de recolher os poucos objectos pessoais do general e levá-los a toda a pressa para a plataforma da base. O supervisor foi muito sóbrio nas explicações. Um carro oficial aguardava Curtiss. Tinha sido chamado com urgência à embaixada dos Estados Unidos. Algumas horas mais tarde, os oficiais encarregados do rádio receberiam uma comunicação do próprio general. Encontrava-se em Telavive pronto para descolar para os Estados Unidos. Tudo aquilo deixou os homens do Cavalo de Tróia abatidos. Nos planos do chefe da operação – pelo menos que nós soubéssemos – não figurava aquela viagem repentina.

Que estaria a acontecer?

As últimas palavras da mensagem de Curtiss, no entanto, pareciam tranquilizadoras: «Comecem sem mim. Regressarei a tempo».

O resto do dia passou quase sem nos apercebermos. Os homens refugiaram-se nas tendas ou no refeitório, discutindo e polemizando sem cessar sobre tão inesperada partida.

Já tinha anoitecido quando as acaloradas tertúlias foram momentaneamente interrompidas pela presença dos Sikorsky no cume.

De acordo com o programa previsto pelos israelitas, uma vez concluída a montagem dos depósitos de combustível, estes seriam enchidos durante duas noites consecutivas: as de sábado e domingo. Para a maior parte do acampamento,

aquele transvase do gasóleo foi um dos piores suplícios de toda a operação. Por razões de segurança, os gigantescos helicópteros-grua israelitas – em cujos bojos tinham sido colocados tanques de dez toneladas cada um – só podiam sobrevoar Massada em plena escuridão e, se possível, sem luzes. O troar dos motores principais, com as suas seis pás, foi, como digo um pesadelo.

De hora a hora, pontuais como relógios, um par de Sikorsky aterrava na orla sudeste do triângulo para esvaziar os seus depósitos. Foi inútil tentar dormir. Impacientes por verificar o bom funcionamento do gerador, os israelitas – depois de atestado o tanque diário com os cinco mil e quinhentos litros – ligaram o Charlie. Os sistemas responderam na perfeição e os técnicos, como é lógico, felicitaram-se mutuamente.

Por volta das cinco da madrugada de segunda-feira, 26 de Fevereiro, o último S-64 descolava do cimo da meseta, afastando-se na direcção sul: para a base de Etzion. O trabalhoso armazenamento de quase cento e setenta mil litros de combustível havia terminado. Um mês depois, se tudo corresse bem, os helicópteros repetiriam a operação de encher o tanque de armazenamento. Mas antes, muito antes, dar-se-iam outros acontecimentos.

Muito antes do amanhecer de domingo, 25 de Fevereiro mais de metade do Acampamento Eleazar já estava de pé, despertado pelo incessante ruído dos helicópteros.

De comum acordo, apesar dos rostos dos homens denotarem um profundo cansaço como consequência de uma noite de vigília, os oficiais israelitas e os directores do Cavalo de Tróia escolheram aquela mesma manhã para o início da montagem da estação receptora de imagens. No entanto, a maior parte do dia foi dedicado a trabalhos preliminares, à abertura dos falsos blocos de pedra e dos fardos e, muito especialmente, a uma série exaustiva de provas do fecho eléctrico que devia cobrir a piscina. Quando os técnicos de ambos os lados se consideraram satisfeitos, o

tecto, da futura estação foi fechado, dando-se início aos trabalhos prévios de desembalagem.

Israelitas e norte-americanos, lado a lado, empenhámo-nos com ardor naquilo que, para as duas partes, significava uma missão de importância vital. Para eles num sentido, para o Cavalo de Tróia, naturalmente, noutro sentido muito diferente.

Só sete dos vinte e seis cubos de pedra cor de laranja – previamente marcados com um círculo negro – foram respeitados.

Para os nossos amigos, aquela parte continha o material secreto, e só podia ser aberta e manipulada por nós. Com prudência, a fim de evitar desagradáveis confusões na altura de mamipular o material, os sete caixotes, em questão foram isolados no centro do fosso e convenientemente atados.

Ao fixarem os turnos de trabalho – o plano previa quatro turnos de seis horas cada um -, os directores norte-americanos designaram três dos dez especialistas norte-americanos (cada turno era formado por duas brigadas – israelita e norte-americana – de dez homens cada – brigavam os turnos, com o velado objectivo de não perderem de vista os blocos. Graças a este método subtil, o berço, ficou protegido de dia e de noite. Todos os dias desde que a estação começou.

À medida que foram passando a adquirir forma, Eliseu e eu apercebemo-nos de outro pormenor, magistralmente planeado pela equipa de directores. Como já disse, uma das nossas muitas preocupações, desde que tínhamos chegado a Massada, havia sido a inevitável antena parabólica, prevista no centro da estação. A nossa estupidez foi imperdoável. Ao colocar os sete blocos de pedra, no meio do fosso, Curtiss. Astutamente, impossibilitou o início da montagem da parabólica, que, em condições normais, podia ser feita simultaneamente com a dos outros equipamentos.

Esta manobra facilitar-nos-ia consideravelmente o trabalho. (A colocação do módulo, como iremos vendo, foi projectada para o sítio que devia ser ocupado pela parabólica de vinte e seis metros de diâmetro). Por outro lado, com uma boa lógica, e com a finalidade de não atrapalhar o trabalho dos técnicos, os israelitas concordaram com a proposta dos seus aliados: a instalação e as provas da parabólica seriam efectuadas em último lugar.

Até terça-feira, 27 de Fevereiro, não se iniciaria a montagem propriamente dita da estação receptora de imagens do Big Bird.

Na segunda-feira, finalizada a operação do armazenamento do gasóleo, os israelitas, sempre minuciosos e desconfiados, colaboraram na desembalagem dos equipamentos, mas os seus esforços e a sua máxima atenção concentraram-se na infra-estrutura que devia mover aquela complexa rede de instrumentos e instalações.

Grande parte dos seus homens permaneceu debaixo de terra, verificando e comprovando constantemente os sistemas de ventilação, fornecimento de combustível, instalação eléctrica, etc.

Lembro-me de que a chegada dos jornais – por volta do meio-dia dessa terça-feira – trouxe uma salutar descontracção ao acampamento. Embora as reacções contra o derrube do 727 líbio continuassem a ser extraordinariamente duras, as tranquilizadoras declarações de Hafiz Is O rei Hassan II de Marrocos chegou a anunciar que enviaria tropas para a Síria no mês de Março. Pelos vistos, estava convencido de que Israel atacaria os seus irmãos.

Mail, conselheiro da Segurança Nacional do Egipto – chamado o Kissinger egípcio – lançaram um pouco de luz sobre a actualidade atormentada do Médio Oriente. Apesar do incidente no Sinai, dizia Ismail em Washington, ainda há esperanças de paz

Ao mesmo tempo, Dayan pedia um telefone-vermelho para unir Israel às outras capitais árabes, a fim de evitar incidentes como o do Boeing. Mas o que causou um impacte especial foi a súbita viagem de Golda aos Estados Unidos. Segundo os jornais israelitas, a primeira-ministra chegaria nessa mesma noite de terça-feira, 27 de Fevereiro, aos Estados Unidos. Fontes oficiais adiantavam que a visita tinha como objectivos prioritários a realização de encontros com o presidente Nixon e outras altas autoridades e, presumivelmente, negociações para a compra de aviões de guerra Phantom.

Se tivéssemos em conta que no sábado, dia 24, o ministro israelita Galili tinha declarado ao Jerusalem Post que a visita de Golda aos Estados Unidos se efectuaria em princípios de Março, como deveríamos interpretar semelhante alteração nos planos? Instintivamente, nós, homens do Cavalo de Tróia, associámos este inesperado voo da primeira-ministra israelita a Washington com a também repentina viagem do nosso chefe, o general Curtiss. Algo muito grave estava a acontecer.

Era curioso e significativo. Por mais que mergulhássemos no emaranhado de notícias não conseguíamos encontrar uma única que se referisse ao pensamento ou às intenções do coronel líbio Kadhafi. Tinham passado seis dias desde o derrube do 727 e, inexplicavelmente para os observadores políticos, o messiânico e polémico líder da revolução líbia continuava mudo. Algumas horas depois, em Bengazi, durante os funerais das vítimas do Boeing, milhares de líbios tinham explodido, gritando: Vingança, Kadhafi, vingança! Levavam cartazes onde se podia ler: As almas dos mártires do Sinai só descansarão com a vingança e Olho por olho e dente por dente. O tumulto alcançou tal grau de histeria e violência que Kadhafi se viu obrigado a escapar da multidão num Land Rover. Mas, como já disse, o dirigente líbio não fez qualquer declaração.

Os egípcios, por seu lado, também tinham saído para as ruas, clamando por vingança e bradando em coro um grito que nos encheu de espanto: Guerra, guerra, Sadat!, Meu Deus! Em que iria acabar tudo aquilo? Talvez a melhor síntese tivesse sido a que fez o então ministro dos Negócios Estrangeiros do Egipto, Mohamed Hassan €1 Zavyat:

O Médio Oriente, declarou na segunda-feira, 26 de Fevereiro, está prestes a explodir. O nosso país deve pôr em acção todos os seus esforços nacionais, quer políticos e militares, quer económicos, para acabar com a situação actual

* interesses sírios pelos montes Golã. (N. Do M) 2 No decurso da visita do Kissinger egípcio aos Estados Unidos – a primeira de um representante do Governo do Egipto desde a Guerra dos Seis Dias (1967) -, a Casa Branca anunciaria também a chegada de Golda Meir aos Estados Unidos nos primeiros dias de Março. (N. Do N)

Estas declarações – proferidas depois da reunião dos embaixadores árabes no Cairo para tratar do incidente do Sinai - abalaram de uma forma muito especial os militares israelitas do Acampamento Eleazar. Mas, prudentemente, mantiveram-se em silêncio, negando-se a fazer comentários. As medidas de segurança em torno da nossa base e das instalações do funicular, essas, sim, foram discretamente reforçadas.

Notícias provenientes de Damasco – onde se efectuara uma reunião de guerrilheiros palestinianos, presidida por Yasser Arafat, líder da OLP (Organização para a Libertação da Palestina) – advertiam para um iminente recrudescimento dos atentados terroristas contra Israel, em todo o mundo e a todos os níveis.

Naquela tarde, a pedido dos israelitas, realizar-se-ia no acampamento uma reunião secreta e urgente com a participação dos nossos directores, na qualidade de representantes de Curtiss. No dia seguinte, os homens teriam

a oportunidade de conhecer e sentir algumas das medidas especiais adoptadas pelos nossos superiores.

Encerrada a reunião, a tenda que abrigava o rádio conheceu uma actividade inusitada. Os oficiais israelitas entravam e saíam ditando instruções ao pessoal às suas ordens. Depois de uma comunicação secreta com a plataforma-base do funicular, a grua e os tractores começaram a ser desmontados a grande velocidade.

Por volta das dez da noite, o eco do motor de um helicóptero, batendo como uma gigantesca maça na parede oeste de Massada, fez-nos sair das tendas. Poucos minutos depois, outro potente Sikorskv (S-64) mantinha-se em voo estacionário a três metros do topo. E ali permaneceu, sem tocar terra, até o contentor, com o material desmontado, ficar devidamente enganchado ao seu bojo. Depois desapareceria como uma sombra entre as estrelas.

De acordo com o estado-maior israelita, as ruínas arqueológicas da montanha foram definitivamente abertas ao público na manhã de quarta-feira, 28 de Fevereiro. O tempo tinha melhorado nos últimos dias e, por recomendação expressa do Mossad, era conveniente não levantar suspeitas, mantendo fechado o acesso ao cume.

Se, como se esperava, as acções de guerrilha voltassem a multiplicar-se, a normalidade parcial em Massada podia ser uma excelente forma de desviar a atenção dos palestinianos. A presença de turistas, ainda que escassos, implicava também alguns riscos. Mas os serviços secretos judaicos e os militares do Acampamento Eleazar souberam resolver isso satisfatoriamente. A partir daquela mesma manhã, tudo retomou o seu ritmo habitual, tanto no funicular como nas ruínas do sector norte.

Os soldados desapareceram, e diante do portão da paliçada foi colocado um enorme cartaz (em hebraico e inglês) que dizia:

«OBRAS DE RESTAURAÇÃO DA CIDADELA OCIDENTAL UNIVERSIDADE HEBRAICA DE JERUSALÉM SOCIEDADE DE EXPLORAÇÃO DA TERRA SANTA DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA DO GOVERNO DE ISRAEL PROIBIDA A PASSAGEM».

Nem é preciso dizer que aquele Proibida a Passagem, na prática, estava a mais. O único acesso ao triângulo sul era por aquele portão.

E este já estava, desde o amanhecer daquela quarta-feira, vigiado permanentemente por dois israelitas cuja missão básica era identificar todos os que entrassem ou saíssem. Na cimeira secreta do dia anterior, os directores e oficiais israelitas tinham chegado a um acordo que, entre outras coisas, estabelecia rigorosos turnos de vigilância interna e externa do acampamento, assim como um curioso sistema de contra-senhas. Eu explico. Todos os dias – enquanto durasse a operação – o chefe da segurança receberia do estado-maior, em código um nome. Esta palavra era transmitida pelo rádio à meia-noite e era válida até à mesma hora do dia seguinte.

Isto deve ter sido invenção de alguém que conhecia bem os pormenores das anteriores escavações arqueológicas de Yadin.

Ao longo desses trabalhos, os membros da expedição – julgo lembrar-me de que foi um dos voluntários, domador de elefantes na sua vida normal – encontraram entre as ruínas onze pequenos e estranhos ostraca, ou pedacinhos de barro com inscrições, e que na Antiguidade eram um material comum e habitual de escrita.

(Convém recordar que o papiro e o pergaminho eram muito caros) Pois bem, nestes onze ostraca – diferentes das setecentas inscrições encontradas em Massada – apareciam vários nomes, todos diferentes, embora, ao que parecia, escritos pelas mesmas mãoz. Eram vocábulos estranhos.

Qualquer coisa como apodos ou epítetos. Por exemplo: Joav ou Joab (um nome pouco frequente na época do Segundo Templo e que significava homem sobremaneira valoroso).

Outro nome era o mítico Ben Yair, que, seguramente, se referia ao caudilho zelota: Eleazar Ben Yair.

As contra-senhas usadas naqueles dias baseavam-se, em última análise, nesses nomes. De acordo com as necessidades do acampamento, cada pessoa que saía dele recebia a senha e a contra-senha do dia. Só o chefe da segurança e os guardas do portão é que tinham conhecimento do nome. Qualquer tentativa, pouco provável para entrar, por parte de um indivíduo alheio à operação, estaria condenada ao fracasso.

Além desta medida, os israelitas indicaram, dentre os seus homens dispensados do serviço na piscina, um turno permanente de dez vigilantes, responsáveis pela segurança geral do acampamento. Nós, de acordo com os planos do exército fomos dispensados de tão ingrata missão. Embora o acesso ao cume de Massada pelos alcantilados oriental e ocidental fosse quase impossível, os israelitas estabeleceram seis pontos de observação (três em cada uma das vertentes referidas),

** Yadin conta que este achado ocorreu num dos lugares estratégicos de Massada: perto da entrada que dá para as condutas de água e próximo da praça que se encontra entre os armazéns e o edifício administrativo, num ponto em que confluem todos os caminhos que vão dar ao cimo. (N. Do M) 2 Os arqueólogos pensam que estes onze ostraca podem ter sido as peças utilizadas no fatídico sorteio realizado pelos zelotas. Josefo escreve a propósito: «Então, eles escolheram por sorteio dez homens, para que matassem todos os outros; todos se estenderam no chão, ao lado da respectiva mulher e filhos, e, pondo o braço por cima deles ofereceram o pescoço para ser cortado por aqueles que, por sorteio, levaram a cabo tão triste tarefa; e quando estes dez homens sem medo acabaram de matar todos os outros, seguiram a mesma regra para sortearem entre eles, pois aquele a quem coubesse a sorte primeiro, mataria os outros nove e depois matar-se-ia» (N. Do M.)*

estrategicamente distribuídos no interior da casamata. Com tanta vigilância, os trabalhos na meseta estavam contínua e perfeitamente protegidos.

Demasiado protegidos, lamentámo-nos nós. Os homens do Cavalo de Tróia, prevendo que aquele férreo controlo do Acampamento Eleazar só nos poderia trazer dores de cabeça, nos momentos decisivos da descolagem do berço.

Mas Curtiss não era fácil de vencer.

A rotina era quase um milagre com aquele homem. E de novo surpreendeu a todos. Às doze horas de quarta-feira 28 de Fevereiro, quando o primeiro turno de trabalho – no qual eu estava incluído – deu por terminada a sua missão na piscina, um rosto sorridente e familiar esperava por nós no alto da pequena escada de acesso ao fosso.

Curtiss!

O general havia regressado tão inesperadamente como tinha partido.

E, como era seu costume, não houve grandes explicações pelo menos nas primeiras horas da sua nova estada no acampamento. O pessoal que não estava de serviço rodeou-o e bombardeou-o com milhares de perguntas. Mas ele, imperturbável, limitou-se a mostrar grande interesse pelo andamento da montagem da estação. A verdade é que os oficiais israelitas, a partir daquele acontecimento no Sinai e do agravamento da situação internacional, tinham imprimido um ritmo acelerado às tarefas de montagem. Era claro que pressentiam qualquer coisa e desejavam concluir a Operação Eleazar em tempo recorde.

Eliseu, os directores e eu próprio quase nem trocámos nenhuma palavra com o general. Bastou-nos observar os olhos dele para compreendermos que ocultava alguma coisa" muito grave. Decidimos esperar. Se ele quisesse, não demoraria a dar-nos conhecimento.

De facto, assim foi. Depois do almoço, com a desculpa de querermos mostrar-lhe o Charlie e as admiráveis instalações levadas a cabo na cisterna subterrânea, os directores, o meu irmão e eu tivemos a oportunidade de conhecer essa coisa.

Sinceramente, hesitei no momento de narrar esta parte da operação. Será que interessa a alguém, agora que já passaram cinco anos, o conhecimento do que aconteceu naqueles primeiros meses de 1973? Talvez não. Do que estou, sim, certo – a razão que em última análise me impeliu a relatá-lo – é de que o mundo tem direito a saber como e até que ponto é manipulado secretamente pelas grandes potências. Meu Deus, como estamos cegos! Ignoramos o que se trama nos gabinetes dos políticos e dos militares. E o pior é que muitas dessas más obras, e operações" confidenciais – como no caso que me disponho a expor – têm levado e continuarão a levar para a morte, para a ruína e para o caos milhões de inocentes.

Sirva, pois, de exemplo o que vou dizer.

O general Curtiss explicou-nos que fora chamado com urgência pelo próprio Kissinger. No mesmo dia da sua chegada a Nova Iorque – domingo 25 – o então conselheiro do presidente Nixon acolhera-o no seu apartamento de luxo do Hotel Waldorf Astoria. No mais rigoroso sigilo, Curtiss receberia duas informações que justificavam sobejamente a sua apressada viagem aos Estados Unidos e que, certamente, o fizeram estremecer.

A primeira referia-se ao derrube do Boeing 727 líbio no coração da península do Sinai. Todos nós – já o manifestei anteriormente – tínhamos intuído que aquele acontecimento obedecia a razões especialmente graves. Não era normal que a Força Aérea de Israel se dedicasse a metralhar aviões de passageiros em pleno voo. Os agentes norte-americanos em Jerusalém e Telavive – sempre em estreita ligação com os serviços secretos israelitas – tinham confirmado um aspecto decisivo que, obviamente, jamais seria admitido, pelo

Governo de Golda: no momento do encontro entre os caças Phantom e o Boeing 727, este sobrevoava a área de Refidim. Nesta zona estava estacionado, naquela altura, parte do arsenal nuclear israelita.

(Em Outubro desse mesmo ano de 1973, no decurso das primeiras e dramáticas horas da Guerra do Yom Kippur – quando o Estado judaico foi surpreendido pelos ataques sírio-egípcios -, o próprio Parlamento de Israel chegou a colocar a hipótese da utilização de uma das suas bombas atómicas sobre a cidade de Damasco. Mas este tenebroso assunto levar-nos-ia para muito longe do verdadeiro objectivo deste diário) A desobediência dos pilotos do avião líbio, em última instância, pôs ao rubro os nervos do estado-maior israelita, que deu a ordem para o neutralizarem. O que nunca se averiguou – Kissinger, pelo menos, parecia não o saber – foi se o 727 chegou a recolher alguma informação à sua passagem sobre Refidim ou se, como opinavam alguns sectores do Mossad, os planos secretos daquela base já estavam no Boeing. Neste caso, o

** Nove meses depois do derrube do Boeing líbio. O prestigiado comentador político Hassanein Heikal, amigo pessoal do presidente egípcio Sadat, daria a conhecer (23 de Novembro) uma informação que ratificava o que tinham dito os serviços de informação israelo-norte-americanos. Segundo Heikal, Israel já dispunha naquela altura de três bombas nucleares e de capacidade para fabricar outras num prazo de seis meses. Os esforços dos israelitas para disporem deste tipo de armas", escrevia o comentarista do Cairo. Remontam a 1957; isto é, depois da Guerra do Suez, na qual Israel, ajudado pela Grã-Bretanha e pela França, atacou o Egipto.*

Naquela ocasião, a França vendeu aos israelitas um reactor atómíco que foi instalado em Dimona. Por seu lado. Os árabes também se tinham esforçado por conseguir bombas atómicas. Que se saiba – prosseguia Heikal – em três ocasiões: a primeira, antes de rebentar a Guerra dos Seis Dias. Em 1967. Mas a falta de meios e de dinheiro obrigou-os a desistir. A segunda, depois de 1967, quando a China começou a estreitar relaçòes com países árabes. Mas Pequim aconselhou-os a que, nesta matéria, aprendessem a depender de si próprios.

A terceira foi protagonizada pelo coronel líbio Muamar Kadafi, em 1970. quando tentou comprar uma bomba nuclear. O «clube atómico» respondeu-lhe que as bombas atómicas não estavam á venda"

Um dia antes destas revelações do comentarista egípcio, outro prestigiado jornal – o New York Times – insistia sobre o tema das armas nucleares. O jornal

norte-americano garantia que a Rússia tinha enviado bombas atómicas para o Egipto, a seguir à Guerra do Yom Kippur, em Outubro de 1973. Essas bombas estariam sob o rígido controlo dos assessores soviéticos.

Estas informações, conseguidas pelos serviços secretos dos Estados Unidos, foram uma das principais causas que levaram Nixon a declarar em estado de alerta máximo as tropas norte-americanas no Mundo durante a chamada quarta guerra" israelo-árabe. (No dia 16 de Outubro desse ano de 1973, o presidente Nixon declarava a esse respeito: «A crise mundial mais difícil e grave desde 1962». aquando do envio de mísseis russos para Cuba, teve lugar durante a Guerra do Yom Kippur, A Rússia estava decidida a enviar para o Egipto uma «força substancial», pelo que os Estados Unidos puseram os seus exércitos em estado de alerta máximo (N. Do N)

desvio do avião podia visar a confirmação de algo que eles já sabiam. De uma forma ou de outra, a verdade é que a queda do 727 cortara pela raiz as duas possibilidades, ambas verosímeis. (Há que recordar que as vítimas – incluindo os sete sobreviventes – e os destroços do aparelho foram controlados desde o primeiro momento pelo exército de Israel) Se isso era certo, então o desacostumado silêncio do coronel Kadhafi estava justificado.

Segundo Kissinger, este incidente era suspeito de mais para ser classificado de casual ou para atribuí-lo a uma infeliz audácia dos líbios, inimigos mortais de Israel. O Mossad estava especialmente preocupado com aquele voo. Como teriam obtido uma informação tão altamente secreta? Quem estaria por trás dos medíocres serviços de espionagem da Líbia? A possível resposta surgia irremediavelmente ligada à segunda informação fornecida pelo conselheiro presidencial a Curtiss. Uma informação que fez empalidecer o nosso chefe, e a nós também.

O roído do Charlie era tão grande que Curtiss convidou-nos a procurar um lugar mais sossegado. Mas antes, abrindo as páginas de um exemplar do New York Times exclamou, apontando para o jornal

- Reparem nisto!. Mao também anda a aprender inglês.

Desconcertados pelo insólito comentário, lançámo-nos

sobre o jornal que o general tinha nas mãos. Na página seis, com efeito, entre outras informações das agências United Press International e Associated Press aparecia uma breve e discreta notícia sobre uma entrevista televisiva nos estúdios da NBC (National Broadcasting Company), em Nova Iorque. Os protagonistas: Henry Kissinger e a temida jornalista Barbara Walters.

Tomando como pretexto a recente viagem que Kissinger efectuara à China e a sua entrevista com Mao Tsé-Tung, Barbara interrogara o conselheiro presidencial acerca do inglês do líder chinês.

- Leiam, leiam! - animou-nos Curtiss. - É um diálogo que não devemos esquecer!

Olhámo-nos, espantados. Que queria ele dizer? Porque é que não devíamos esquecer semelhante trivialidade? Referindo-se a um comentário anterior de Kissinger – no qual afirmava que Mao usava algumas frases em inglês – a jornalista fazia-lhe a seguinte pergunta:

- Podia dizer-nos quais?

- Sente-se, se faz favor – respondeu Kissinger.

- Isso é mais do que aquilo que o senhor consegue dizer em chinês. - Lá isso é verdade

Alguém do grupo perguntou a Curtiss qual o interesse de um diálogo tão intranscendente. O chefe, depois de pigarrear banalmente, lançou um olhar furtivo aos técnicos de manutenção do gerador. Continuavam distantes e alheios à nossa conversa.

- Simplesmente – sentenciou com altivez -, não se esqueçam disto. Pode ser-nos útil na fase vermelha.

Obedecemos sem ripostar. Ao fim de uns minutos quando já tínhamos memorizado o diálogo, o general continuou a folhear o jornal, mostrando-nos outra surpresa. Sobre toda a página dedicada à habitual

secção de Business-Finance tinha sido cuidadosamente colada uma folha de papel dactilografada e com um cabeçalho que, a princípio, não nos disse grande coisa:

«O RAPTO DE EUROPA».

Pelo pouco que conseguimos ler, aquele documento – tão habilmente camuflado – falava de um plano secreto entre a União Soviética e o nosso país, os Estados Unidos. E digo que mal tivemos tempo de passar do primeiro parágrafo porque quando Curtiss calculou que já tinha prendido a nossa atenção, fechou o jornal e deixou-nos na expectativa. Subimos os degraus de pedra e, uma vez no acampamento, o rosto do general sofreu uma drástica transformação. Dias depois, com a chegada dos novos equipamentos, os seus olhos voltaram a obscurecer-se com uma amargura semelhante.

O Sol começava a tingir de violeta o horizonte do deserto, e, sem pressa. Simulando um passeio, fomo-nos aproximando da metade oriental da paliçada. Ali, sentados sobre os sacos de terra, a uma prudente distância dos atarefados israelitas, tomámos conhecimento do mais sujo e inumano projecto que qualquer homem pode imaginar.

Curtiss abriu de novo o jornal e, com voz baixa e alquebrada, leu aquele documento: a segunda informação – altamente confidencialfornecida por Kissinger. Em síntese – porque a exposição do pormenorizado plano poderia ocupar muitas páginas e não é esse o meu verdadeiro objectivo -, e tal como tínhamos lido estávamos perante um acordo secreto dos dois grandes – URSS e EUA – para provocar a destruição moral e económica dos dois perigosos rivais no concerto mundial: a Europa e o Japão. Estes dois blocos estavam a criar graves dificuldades aos programas económicos e expansionistas de soviéticos e norte-americanos.

Ora bem, algumas semanas antes, Moscovo e Washington tinham projectado o chamado Rapto de Europa: título em

código de uma manobra diabólica. Tanto o corrupto Nixon como o frio e impiedoso Brejnev sabiam que a fórmula mais eficaz para atingir os seus propósitos era a utilização de uma nova arma infalível: o petróleo. Se a Europa e o império nipónico vissem cortados os seus respectivos fornecimentos de crude, as suas economias sofreriam uma travagem violenta. Mas, como consegui-lo?

Como fazer com que os poços petrolíferos do Médio Oriente – as principais torneiras de alimentação da pujança do mundo ocidental – fossem fechados? E, sobretudo como conseguir que nenhum dos inspiradores deste macabro projecto fosse descoberto ou envolvido directamente.

** O Rapto de Europa era um título tristemente inspirado na mitologia grega. Europa filha de Fénix, rei da Fenícia, estava um dia à beira-mar, colhendo flores. Nesse momento reparou na presença de um touro de pêlo brilhante e aspecto majestoso, que pastava entre os rebanhos do seu pai. Europa não imaginou tratar-se de Zeus, que adoptara esta forma para a raptar.*

A jovem aproximou-se do animal, para o acariciar. O touro, gentilmente, dobrou os joelhos, permitindo assim que a jovem subisse para o seu lombo. De repente, o touro levantou-se e avançou para a água, levando consigo a infortunada Europa.

Zeus levou-a até Gortina, na costa meridional da ilha de Creta. Da união do deus e de Europa nasceram Ninos, Radamantis e Sarpédon. O rei Astérion, de Creta, adoptou-os e converteu-se no esposo de Europa. (N. Do N)

Nem será preciso dizer que um plano assim só era conhecido pelos mais próximos de Nixon e de Brejnev.

A Operação Rapto de Europa tinha em conta uma solução sinistra: uma quarta guerra no Médio Oriente. Assim tão simples e tão cruel. Para isso - continuou o general com uma voz que parecia falhar por momentos – ssempre de comum acordo, os grandes deviam usar todos os métodos ao seu alcance para estimular e dirigir os maltratados sentimentos patrióticos dos árabes contra o sempre odiado vencedor: Israel.

Essa guerra tinha sido minuciosamente planificada a partir

do Kremlin e do Pentágono.

O documento chegava a estabelecer as possíveis datas para o conflito, a sua duração máxima, os países que deveriam enfrentar o exército israelita, as tácticas a seguir, o tipo de equipamentos bélicos a utilizar, os limites nos apoios logísticos e de material por parte dos Estados Unidos e da União Soviética aos seus respectivos aliados e até o cálculo de número de baixas durante as hostilidades

Ainda que me repugne recordar esta história tão louca. Eis aqui, muito resumidos, alguns dos relatórios da Operação Rapto de Europa:

As datas mais propícias para o ataque a Israel foram fixadas inicialmente para três momentos de 1973: segunda quinzena de Maio, Setembro e Outubro. De facto. Em Janeiro desse ano.

Sadat ordenaria ao chefe do estado-maior egípcio, general Shazli, que estivesse preparado para atravessar o canal de Suez. Com o passar dos dias, os Russos optariam pela terceira data. E o dia "D foi marcado para 6 dess mês de Outubro.

O ódio cego dos Árabes aos Judeus levá-los-ia a escolher essa data, não só porque a maré no canal era mais favorável. Como também, muito especialmente, porque esse dia coincidia com o décimo dia do Ramadão. (Nesse dia, no ano 614, o profeta Maomé iniciou os preparativos para a Batalha do Badir. Que seria o prelúdio da sua triunfante entrada em Meca e do começo da expansão do Islão) Para cúmulo das coincidências, esse dia 6 de Outubro era o Dia do Perdão dos Israelitas: uma solene celebração religiosa em que todo o judeu é obrigado a reconciliar-se e pedir perdão a quem tiver ofendido no decurso do ano. Durante o Yom Kippur, ou Dia do Perdão, tudo paralisa em Israel.

O maquiavelismo árabe e – porquê negá-lo? - russo-norte-americano chegou a estes extremos repugnantes. Um ataque

em massa naquele dia – previa o plano – seria vantajoso para os exércitos atacantes: egípcios, sírios e jordanos Seriam estes – segundo o Rapto de Europa – os países árabes que suportariam o peso da nova guerra.

Outras nações do Médio Oriente figuravam como «forças de apoio e reserva», tanto no envio de tropas como de armamento em geral. Na hora da verdade, o prudente rei jordano não cairia na armadilha, limitando-se a enviar a Brigada 40 quando a guerra lá fosse no sétimo dia e as pressões sobre ele se tornassem insuportáveis.

A duração máxima, permitida, das hostilidades – assim rezava o plano secreto – seria de quarenta dias.

(Efectivamente, o acordo final de cessar-fogo egípcio-israelita foi assinado no domingo, 11 de Novembro.

Pelo general Aron Yariv, anterior chefe dos serviços secretos militares israelitas, e pelo também geeneral egípcio Ismail Jamsi, chefe de operações do exército. Tinham transcorrido trinta e cinco dias desde o 6 de Outubro.) O plano geral de ataque – baptizado com o nome de código de Faísca – baseava-se em duas fases: a primeira, a travessia do canal do Suez e a consolidação dos exércitos egípcios no Sinai; a segunda, uma invasão em massa e simultânea dos montes Golã pelas forças sírio-jordanas. Com o mais frio pragmatismo.

Os artífices da guerra tinham previsto, inclusivamente, o número de baixas de soldados, blindados e aviões, em especial na frente do canal: a mais virulenta. No total, a operação da travessia do canal poderia custar cerca de trinta mil baixas para os egípcios. Incluindo dez mil mortos. O minucioso estudo russo-norte-americano especificava qual podia ser o contingente de forças de ambos os lados antes da guerra.

Israel disporia de trinta mil homens. Embora fosse exequível uma mobilização de trezentos mil reservistas em

setenta e duas (nota interrompida).

Entre os métodos a seguir para elevar a temperatura de pré-guerra na zona, o plano Rapto de Europa especificava uma série de mobilizações graduais dos exércitos árabes. (a partir de Janeiro de 1973, o Egipto mobilizaria as suas reservas vinte vezes), intensas campanhas terroristas, intoxicação da opinião mundial contra Israel, com a difusão de emissões de rádio que apontassem para um ataque iminente dos israelitas em qualquer das suas fronteiras, pistas falsas e comunicados na imprensa estrangeira acerca do deficiente material bélico dos Árabes. E um pormenorizado etcétera que contribuiu ainda mais para aumentar a nossa vergonha.

A operação concluía com uma análise também exaustiva das posições políticas e económicas dos países europeus e do Japão em relação aos Arabes e Judeus, e das quase certas consequências dessa quarta guerra. Consequências que – como fatalmente aconteceria – provocariam a divisão entre os povos e o sombrio colapso das economias. (Nem a Rússia nem os Estados Unidos dependiam do petróleò árabe) No caso do império nipónico, por exemplo, o seu consumo de petróleo desde

** (continua nota) – horas. Quanto ao potencial bélico dos egípcios sírios e jordanos, Rapto de Europa calculava-o em cerca de quinhentos mil homens (298 000 egípcios, 13? 000 sírios e cerca de 70 000 jordanos). Israel contava com mil e setecentos carros de combate, de tipo médio, contra cerca de quatro mil dos seus inimigos. A temida e eficaz Força Aérea israelita dispunha, por sua vez, de 488 aviões de combate (12 bombardeiros ligeiros, 9 caças F-4, 36 Mirage. 16 caças-bombardeiros Skyhwak, modelo A-4, 24 caças Baraks. 18 Super-Ulvstère e 23 Ilstère, entre outros).*

Os atacantes somavam mais de mil e duzentos aparelhos, sem contar os duzentos aviões egípcios de reserva. Esta esmagadora desproporção de forças e o factor surpresa (os

Árabes dispunham de dezasseis preciosos minutos antes que soassem os alarmes electrónicos de Israel) faziam pender a balança da guerra para o lado atacante. No entanto, segundo o documento de Curtiss, a vitória seria parcial. Isto é, as batalhas teriam um único duplo objectivo: reconquistar os montes Golã e parte do Sinai e desferir um golpe mortal em Israel.

A provisão de munições e equipamentos militares aos beligerantes – tanto no caso russo como norte-americano – era calculada num máximo de cem mil toneladas. Com um investimento máximo em armas (antes do conflito) de mil e quinhentos milhões de dólares, respectivamente. O obstáculo representado pela não presença de assessores soviéticos no Egipto – expulsos em Julho de 1972 – foi ultrapassado com o compromisso de sucessivas reuniões russo-egípcias e, durante a guerra, com uma ponte aérea através da Jugoslávia. (Em Janeiro desse ano.

Sadat visitou o marechal Tito. Consolidando o direito de trânsito da URSS sobre o território jugoslavo) (N. Do n) 2 Entre os atentados e operações terroristas perpetrados nos meses anteriores à Guerra do Yom Kippur, cabe destacar – como simples amostra – o assalto, no dia ?9 de Setembro, a um comboio que levava emigrantes judeus de Moscovo para Viena.

No momento em que o comboio chegou à fronteira entre a Checoslováquia e a Áustria, dois guerrilheiros palestinianos apoderaram-se de cinco cidadãos judeus e de um funcionário aduaneiro austríaco. No decurso das tensas negociações, o então primeiro-ministro da Áustria, Bruno Kreiskv, propôs que em troca da liberdade dos reféns se fechasse o acampamento de passagem para os emigrantes judeus da Rússia, instalado no Castelo de Schonau, perto de Viena. A medida causou indignação em Israel, forçando até uma viagem relâmpago de Golda Meir a Viena. (N. Do M.)

3 Entre os enganos árabes, recordo o estranho comunicado

aparecido na imprensa britânica sobre "o pobre estado de manutenção dos mísseis antiaéreos no Egipto. As fontes da informação – russas, é claro – garantiam que tais armas eram praticamente inutilizáveis. Depois da quarta guerra, Sadat declararia, com evidente regozijo, que "os israelitas chegaram a morder no anzol (N. Do N)

1971 representava oito por cento de toda a produção mundial.

Dessa percentagem, setenta e cinco por cento procedia dos poços do Médio Oriente.

A cilada, em suma, era perfeita. No fundo, o resultado do conflito – pré-traçado por Washington e por Moscovo – era pouco importante. A chave da sinistra operação era outra: forçar o mundo muçulmano ao fecho ou redução do fornecimento de crude. O fantasma do aumento dos preços do petróleo pairava há muito tempo sobre os países industrializados. Com esta jogada criminosa, a Europa e o Japão ver-se-iam forçados a tomar posição, ou a favor do dinheiro judeu, ou do fluxo, vital, do crude árabe. A neutralidade perante a guerra era quase impensável. E, no caso de acontecer essa neutralidade, nem uns nem outros a perdoariam.

A sorte do Japão e da Europa estava lançada. (Basta dar uma vista de olhos aos meses que se seguiram à Guerra do Yom Kippur para perceber a dimensão do diabólico plano 1, (Um projecto que mnguém se atreveu a desvendar até hoje) Era grotesco.

Sentados sobre uns prosaicos sacos de terra, acabávamos de conhecer um dos segredos mais ciosamente guardados. Mas o mais paradoxal era que nós estávamos ali, no alto de Massada, em pleno coração de Israel, colaborando na montagem de uma estação receptora de imagens espias e, ao mesmo tempo os que se declaravam amigos dos Judeus –

os Estados Unidos da América do Norte – forjavam e consentiam uma guerra contra o seu aliado.

Não era de enlouquecer? Na opinião de Curtiss o derrube do Boeing Líbio fazia parte da campanha orquestrada por Rapto de Europa para instigar e promover o ódio generalizado aos Israelitas, contribuindo assim para a crescente deterioração da atmosfera política no Médio Oriente. Neste sentido, Kissinger insinuara que, segundo os seus serviços secretos, a informação sobre o arsenal nuclear em Refidim tinha sido fornecida à Líbia seguindo uma

* A grande crise do petróleo – da qual o Mundo ainda não recuperou – foi, em última análise, o resultado do confronto entre seis milhões e quinhentos mil árabes contra seiscentos e cinquenta milhões de europeus e de japoneses. No dia 8 de Novembro desse mesmo ano de 1973, a Arábia Saudita, o maior exportador mundial de crude, reduziria a sua produção de petróleo em cerca de 317 por cento, em relação à produção de Setembro.

A Arábia Saudita planeava para esse Novembro de 1973 uma produção global de 91 milhões de barris diários. Esta quota, como disse, seria reduzida para 344 milhões/dia. O exemplo da Arábia seria seguido pelos restantes países árabes do Médio Oriente, caindo, desse modo, na cilada russo-norte-americana. No dia 13 de Novembro, por exemplo, o primeiro-ministro da Libia, Abdel Salam Jallud, declararia que o embargo de petróleo para a Europa e o Japão continuaria enquanto se negassem a fornecer armas modernas ao mundo árabe.

A Europa veio abaixo e os países do golfo Pérsico aproveitaram a anemia e as disputas do Ocidente para intensificar a pior das guerras: a da energia. Exceptuando o Irão. Os países do Golfo – que representavam sessenta por cento da produção mundial de petróleo – estabeleceram três frentes de batalha : uma, aumentando o preço do ouro negro em dezassete por cento; duas: Abu Dhabi, primeiro, e os restantes países árabes, depois decidiram suspender o envio de petróleo para qualquer nação que se declarasse partidária de Israel.

Além disso, reduziram a sua produção em dez por cento e, mais tarde, em cinco por cento acumulativo; e três: tendendo para a nacionalização dos seus recursos e indústrias derivadas. Se se tivesse dado a nacionalização absoluta, a medida ter-se-ia virado contra os Estados Unidos. Mas isso. Obviamente, nunca chegaria a acontecer. (N. Do M)

típica e tortuosa via que não criasse suspeitas nos receptores de tão grande segredo. A sibilina operação foi desencadeada nos finais de 1972 pela GRUt, serviço secreto soviético, com prévio conhecimento e consentimento da CIA. Os agentes russos expulsos do Egipto em Julho de 1972 pelo

presidente Sadat tinham conseguido apoderar-se de preciosos e precisos pormenores acerca da localização e natureza da bombas atómicas israelitas. O Mukhabarat El Kharbeiyah (serviço de espionagem do Cairo) tinha pressionado os assessores soviéticos para que o informassem sobre tão apetitoso assunto. Mas Moscovo negou-se rotundamente. Como costuma acontecer no tenebroso mundo dos serviços de informação, os egípcios, contrariados, não tiveram escrúpulos em trocar esta pista pelos cada vez mais numerosos homens da CIA em terras egípcias. Em contrapartida, os serviços secretos norte-americanos forneceram-lhes relatórios de segunda categoria e outros, altamente secretos. E falsos.

O facto é que, quando os russos abandonaram o país os serviços secretos egípcios de espionagem – e, quase simultaneamente, os norte-americanos – depararam com várias surpresas. Uma delas, sobretudo, foi muitíssimo grave. Durante a sua estada no Egipto, os agentes do Departamento de Tecnologia e Investigação do Ministério da Defesa da URSS tinham realizado experiências de guerra bacteriológica no interior das pirâmides.

Aquilo provocou um abalo na CIA. Pelo que Kissinger relatou a Curtiss, as surpreendentes alterações de radiação dentro das pirâmides favoreciam em grande medida o desenvolvimento de determinadas bactérias, altamente letais. Os egípcios não souberam o que fazer com aquela perigosa informação. Mas a CIA, sim. Naquele mesmo Verão de 1972, representantes do KGB e da CIA concordaram num encontro em terreno neutro: em Paris.

Ali, uns e outros confirmaram a veracidade das suas respectivas suspeitas: os norte-americanos sabiam das actividades russas nas pirâmides e Moscovo, por sua vez, do arsenal atómico israelita e da assistência técnica de Washington ao referido arsenal. E, como em ocasiões precedentes, estabeleceram um pacto: cada parte arquivaria

o que havia descoberto em relação à outra. Ambos os lados ttnham muito a perder e, por conseguinte, o acordo foi rápido e simples.

Mas, ao nascer o projecto Rapto de Europa, russos e norte-americanos decidiram, de comum acordo, utilizar uma parte daquela informação em benefício mútuo.

* GRU: Glivanoie Rizviedilvatelnoie Upravlenie. (N. Do M) 2 Os serviços secretos norte-americanos multiplicaram-se no Egipto na sequência da referida expulsão dos assessores russos. Substanciais créditos norte-americanos e um paciente trabalho da CIA, intoxicando o hlulhabarat El Kharbeiyah e o Mukhabarat Elasma (serviço secreto de contra-espionagem egípcio), convenceram Sadat de que Moscovo poderia arrebatar-lhe o poder, determinando assim a expulsão. Entre outros argumentos, a CIA utilizou perante os egípcios o facto -totalmente falso – de que os serviços de informação soviéticos tinham entrado em contacto com o partido comunista no Cairo, a fim de levarem a cabo um plano que pusesse o partido comunista no poder. Para isso contaram com a ajuda de um falso agente chinês que, no Quénia, entrou em contacto com um membro dos serviços secretos do Egipto, informando-o sobre as aspirações de hegemonia russa no Egipto. (N. Do N)

Era um segredo conhecido por todos que a França vinha fornecendo armamento – em especial aviões Mirage – a diferentes países árabes. Pois bem, Washington e Moscovo estenderam a sua teia, preparando uma subtil cilada. Quase no final desse ano de 1972, três agentes soviéticos em França

- Alexei Krojin, V. Romanov e Victor Volodin – receberam dos seus superiores um dossier altamente secreto, com a missão específica de o deixarem cair em mãos francesas. O documento continha uma pormenorizada e fidedigna informação sobre a possível base nuclear em Refidim (Sinai). Um dos agentes russos, acima mencionado, tinha organizado uma rede de espionagem dentro da polícia política francesa. A «infiltração»

do dossier, portanto, não deu muito trabalho. O que as autoridades gaulesas desconheciam, naturalmente, era que – paralelamente – Kadhafi recebera também dos próprios russos algumas

insinuações, dando-lhe a entender que Paris dispunha de uma preciosa informação sobre o arsenal atómico de Israel. Nas suas conversas com o coronel líbio, os astutos soviéticos aconselharam-no a pagar as elevadas quantias exigidas pela França para a venda dos Mirage, desde que os franceses – como justa compensação – fizessem com que o valioso dossier "acompanhasse" os caças O temperamental Kadhafi caiu na esparrela esfregando as mãos de contente perante a magnífica oportunidade de obter um segredo que iria beneficiar os seus irmãos árabes. A ambiciosa França cedeu finalmente às pretensões da Líbia, fechando o negócio da venda de vinte e oito aviões Mirage 2. Em princípios de 1973 o documento em questão foi transferido para o chefe da revolução líbia.

É fácil imaginar o resto desta truculenta história. Com uma mais que notável imbecilidade, Kadhafi deve ter pedido aos pilotos do 727 que confirmassem

* Estes espiões russos – o primeiro foi terceiro-secretário da embaixada russa em Paris e chefe de treino do KGB em França; o segundo, adido de imprensa, e o terceiro, membro dos serviços de segurança da embaixada – foram expulsos de França no final de 1972, graças à denúncia de um quarto agente soviético – Fedosseiev -. que se passou para os serviços secretos da NATO na Inglaterra. (N. Do M)

2 Pouco depois da chegada dos Mirage ao território líbio.

Exactamente como esperavam os responsáveis pelo Rapto de Europa, o Mossad, de Israel, descobriu a presença dos caças na Líbia. E a 21 de Março, um avião de transporte norte-americano C-130, preparado para espionagem electrónica e tripulado por pessoal israelita, esteve a ponto de ser derrubado pelos caças líbios.

O C-130, com base em Atenas, pretendia confirmar as suspeitas dos serviços secretos de Israel. Ao ser atacado, a sul da ilha de Malta, teve de fugir precipitadamente. Naqueles momentos, a imprensa internacional associou este novo incidente ao derrube do Boeing líbio no Sinai. O Governo de Golda Meir denunciou a presença de aviões Mirage franceses na Líbia, mas a França, numa

demonstração de cinismo, negou a acusação. Como previam os militares israelitas, os caças foram transferidos para o Egipto. Mas as insistentes reclamações israelitas foram sistematicamente desatendidas. No dia 26 de Abril de 1973, o Conselho de Ministros francês, sob a presidência de Georges Pompidou, chegou a publicar uma nota em que se dizia: «até agora, não há confirmação dos rumores que correm sobre o tema». Horas depois, o comentador Yves Cau, de le Figaro, punha em xeque o Governo de Paris, revelando que, de facto, os Mirage vendidos pela França à Líbia se encontravam nas bases egípcias próximas do canal do Suez.

Dezoito dos caças saíram de Trípoli na primeira semana de Abril. A mudança definitiva foi levada a cabo dias depois, gradualmente, e com voos entre Tobruk e a base egípcia de Nasr. Dali passaram para as bases de Benisueif e Fayum. (N. Do M)

a informação que ele tinha em seu poder. O resultado final – por todos conhecido – elevou a tensão no Médio Oriente, exactamente como os pais da Operação Rapto de Europa desejavam.

Quando Curtiss acabou a sua minuciosa e dramática exposição, um silêncio de morte caiu sobre nós.

Não era preciso que o general nos recordasse o carácter absolutamente confidencial desse plano tão monstruoso, nem mesmo o grave risco que corriam as vidas de todos os presentes, no caso de alguém decidir prevenir os israelitas ou os árabes.

Simplesmente, estávamos prisioneiros da gigantesca envergadura do próprio segredo. Alguém, por fim se decidiu a fazer um comentário lamentando que um presidente dos Estados Unidos fosse capaz de semelhante aberração. E Curtiss, com um olhar fatigado, apressou-se a responder com frases que se revelariam proféticas:

- Nixon pagará por isto. Watergate será o seu verdugo.

Antes de nos retirarmos para as tendas, o general fez um último esforço para nos aconselhar que esquecêssemos aquilo e nos dedicássemos à nossa verdadeira e secreta missão de paz.

Kissinger, ao mostrar-se interessado nos preparativos do Cavalo de Tróia para a segunda grande viagem, tinha-o

incentivado a realizá-la o mais depressa possível Se o plano de Moscovo e de Washington fosse avante, não haveria mais oportunidades. A enlouquecida máquina da guerra estava em marcha. Era preciso, portanto, agir com cautela e diligência.

Na manhã seguinte, quinta-feira, 1 de Março, durante a sobremesa, Bahat. O supervisor, mais excitado do que nunca, embrenhou-se numa polémica acalorada com outros militares israelitas. O motivo não era mais do que a repentina visita a Moscovo do ministro da Guerra egípcio. O general Ahmed Ismail Ali, acompanhado por representantes de todas as armas do seu país, tinha começado na capital soviética uma suspeita ronda de consultas ao mais alto nível.

Embora esta cimeira egípcio-soviética aparecesse envolta num impenetrável secretismo, o facto de Ismail Ali ter ido num avião especial e escoltado por altos oficiais de todos os exércitos egípcios criou em Israel um receio especial. Para alguns técnicos que polemizavam com Bahat, estávamos perante uma perigosa etapa de rearmamento egípcio. O supervisor pelo contrário, ia mais longe: Aquela súbita aproximação do Cairo a Moscovo – expôs ele com tanta veemência como razão – só podia ser o prelúdio da guerra.

Curtiss, em silêncio, deixava-os falar. Ao ouvir a palavra guerra, o general, mantendo um olhar eloquente, deu-nos a entender que Bahat não estava muito enganado nas suas apreciações. Aqueles cinco dias de entrevistas na União Soviética não tinham outra finalidade senão a de pôr os egípcios a par de alguns aspectos essenciais do sinistro plano concebido por Washington e Moscovo.

Naturalmente, durante as cinco horas que durou a reunião entre Ismail e Brejnev, o premier russo pôs um cuidado especial em não levantar suspeitas entre os seus amigos, os egípcios, quanto aos verdadeiros objectivos e inspiradores do projeeto Rapto de Europa. Quando os enviados de Sadat regressaram ao Cairo, a quarta guerra já era irreversível.

Aquele inevitável sentimento de perigo – paradoxos do destino! - beneficiaria os nossos planos secretos. Israel, sempre desconfiado, activou as suas defesas e redes de informação até limites insuspeitados.

É uma das ordens do estado-maior israelita até nos afectou em cheio: A estação recettora de imagens tinha prioridade absoluta. Não se devia poupar homens nem meios para entrar em funcionamento o mais rapidamente possível.

Os militares e técnicos israelitas – e nós juntamente com eles – lançaram-se a um trabalho esgotante. A estação, essa foi a ordem, devia começar as suas primeiras recepções de imagens no dia 1 de Abril. Isto dava-nos uma escassa margem de tempo e, consequentemente, novas preocupações. A mais grave, pelo menos naquele momento era o combustível do berço. Nem os directores do programa, nem Eliseu e eu tínhamos a mais remota ideia de como e quando podia chegar ao alto de Massada.

É claro que as nossas notícias acerca da vara de Moisés eram igualmente nulas. Mas alguma coisa tínhamos aprendido naquela apaixonante aventura: a confiar em Curtiss. E por isso, no decurso da primeira semana de Março, apesar destas interrogações na mente de todos, ninguém exteriorizou qualquer inquietação. Simplesmente, trabalhámos duramente e esperámos.

Naquela quinta-feira, ao tomarmos conhecimento do assalto à embaixada da Arábia Saudita em Cartum (Sudão), por guerrilheiros do Setembro Negro, o acampamento sofreu um novo abalo. As acções terroristas, como o Mossad previra, continuavam a sua imparável espiral, favorecendo, assim, as diabólicas maquinações do Rapto de Europa.

Por fim, ao meio-dia de sábado, 3 de Março o nosso chefe decidiu-se a falar. Depois de usarmos a contra-senha do dia

- Zehohanan (João) -, cruzámos o portão de saída e misturámo-nos como se fôssemos turistas aos escassos

visitantas das ruínas.

O general, os directores, o meu irmão e eu comunicámos a Yefet que desejávamos desentorpecer as pernas e que regressaríamos no último funicular. A tensão e o esforço daqueles dias tinham sido tão grandes que os israelitas compreenderam e não se opuseram ao que se supunha um inofensivo passeio de descontracção pelo chamado caminho das víboras. Deixámos para trás o cume e começámos, com ar bem-disposto, a descer lentamente pelo sinuoso caminho da face oriental de Massada.

Quando nos encontrávamos a uns cem metros do cimo, Curtiss deteve-se. Sentou-se à beira do carreiro e. Com a cabeça inclinada, começou a desenhar estranhos sinais na amarelenta e calcinada terra. O seu espírito parecia mais calmo do que nos dias anteriores. Finalmente, presa de uma contagiosa excitação, deu-nos a conhecer os planos mais imediatos:

- Dada a rapidez com que decorrem os trabalhos no Acampamento Eleazar, é mais que provável que na próxima segunda ou terça-feira nos vejamos obrigados a dar início à fase secreta da montagem da estação. Nesse momento – continuou com uma crescente euforia -. activaremos a última etapa do nosso plano: a etapa vermelha. Como sabem, os israelitas deverão desimpedir a piscina.

O general fez uma pausa, como que à procura das palavras e do tom adequado para o que pretendia dizer-nos.

- Sei qual vai ser a vossa resposta – continuou, ao mesmo tempo que apontava para o alto de Massada -. mas a minha obrigação é perguntar-vos. Os homens do Cavalo de Tróia estão em condições de aguentar um novo e considerável esforço?

- De que tipo? - foi a nossa pergunta obrigatória.

- É preciso que o módulo esteja pronto ao fim da tarde de sexta-feira, nove de Março. Olhámos uns para os outros em

silêncio. Supondo que, de facto, a fase secreta da montagem começasse na segunda ou terça-feira, isso significaria uma margem de três ou quatro dias. Alguns directores abanaram a cabeça, manifestando as suas dúvidas. - Para quando está previsto o lançamento? - interveio Eliseu com o seu habitual pragmatismo.

- Para a noite do dia nove – respondeu o general sem rodeios -, se formos capazes de colocar o berço no centro do fosso.

Creio que nenhum dos presentes duvidava da eficiência e do espírito de dedicação da meia centena de especialistas que nos acompanhava desde o princípio da missão. O que de facto nos preocupava – e foi isso que dissemos a Curtiss – era a falta de notícias acerca do combustível, da vara de Moisés e do resto dos equipamentos projectados para a segunda exploração.

Além de tudo isso, as reservas de hélio – vitais para o funcionamento dos amplificadores maser 1 – também não tinham chegado ao alto do rochedo. O general sabia, como nós, que sem as botijas de gás, os trabalhos eram inviáveis.

Mas o chefe do Cavalo de Tróia, como fizera noutras ocasiões em que lhe manifestáramos esta mesma inquietação, não se alterou. Evidentemente, o que o preocupava naquele momento era saber se podia contar, ou não, com o supremo esforço que exigia dos nossos homens. Quando, por fim, arriscando-nos a assumir o sentimento da maioria, lhe garantimos que o berço estaria pronto no local e momento desejados, Curtiss aliviou a ansiedade geral anunciando-nos que, de acordo com os planos, tanto o hélio como o combustível para o módulo estavam já a caminho.

Ambos chegariam ao acampamento na noite seguinte, domingo. Simultaneamente, Na previsão de uma possível sabotagem palestiniana, o fornecimento de hélio à estação receptora tinha sido planeado – seguindo as recomendações

do serviço de informação militar israelita – tendo em conta uma via dupla. Exceptuando, obviamente, as jazidas russas, o resto das reservas naturais deste gás nobre, localizava-se no Canadá, na Polónia e no meu próprio país: os Estados Unidos.

Esta circunstância, e o facto de os Estados Unidos monopolizarem a sua extracção, manipulação e distribuição por meio mundo, proporcionaram-nos uma vantagem considerável. O abastecimento estava garantido, tanto em volume como em periodicidade.

** Os dois amplificadores maser da estação, como creio já ter explicado antes, processavam os dados com uma precisão extraordinária. Esses sofisticados equipamentos requerem uma temperatura permanente de 269 graus centígrados negativos (quer dizer, apenas quatro graus acima do zero absoluto). Para isso, tinham de ser mergulhados em hélio-60 previamente liquefeito num criogerador que fazia parte do instrumental.*

Este criogerador, ou coldbox, tinha sido comprado a uma importante multinacional suíça. Com a ajuda de turbinas de expansão, gradientes ou etapas de gás e intercomutadores térmicos de placas, alcançava-se a temperatura requerida: - 269x C (42 K), conseguindo assim a liquefacção do heliogás.

Logicamente, sem essas reservas de hélio, o criogerador e os maser não podiam funcionar. (N. Do M)

Quanto à dupla via de fornecimento a Massada, judeus e norte-americanos tinham estabelecido duas pontes aéreas: uma com origem na Polónia e a outra nos Estados Unidos. Aviões de carga, especializados neste tipo de transporte, deviam aterrar em Israel no decurso das primeiras horas do domingo, 4 de Março. Mas um suspeito acidente de aviação, ocorrido na noite do dia 28 de Fevereiro, obrigou a alterar parte dos planos, fazendo com que os responsáveis da Operação Eleazar prescindissem de uma das pontes de abastecimento: a polaca.

Na noite da última quarta-feira, segundo as informações recebidas por Curtiss, por volta das vinte e três horas, um aparelho da Força Aérea polaca tipo AN-24, despenhara-se a uns seis quilómetros do aeroporto de Varsóvia.

Vinha de Golenion, nas proximidades do porto de Sczcecin, no mar Báltico. Apesar da boa visibilidade, o aparelho incendiou-se em pleno voo, provocando a morte dos seus quinze ocupantes. O Mossad não descartava a hipótese de um atentado. O Governo da Polónia tinha sido previamente avisado das intenções de transportar um determinado carregamento de hélio para Israel – com fins puramente industriais – e, casualmente, como gás para a cromatografia.

A pessoa que estava a par dessa transacção comercial, o ministro polaco do Interior, Wieslaw Ocieka, viajava nesse avião.

Como medida de segurança, o estado-maior israelita optou por esquecer a fonte polaca. O fornecimento, portanto, viria unicamente das jazidas dos Estados Unidos. O resto do passeio até à plataforma-base do funicular transcorreu em animada conversa. O general tinha conseguido contagiar-nos com o seu entusiasmo. Quase sem nos apercebermos, estávamos a ponto de iniciar a contagem decrescente da ansiada segunda aventura. Não imaginávamos então que, dois dias mais tarde, as nossas ilusões sofreriam um duro revés.

A ordem de Curtiss foi recebida com euforia pela equipa do Cavalo de Tróia: A descida das botijas de hélio para o fundo da "piscina" marcaria o início da fase "vermelha" E todos nos preparámos para o grande momento. No dia seguinte, domingo, ao cair da noite, um trémulo resplendor avermelhado e o matraquear de motores chamou-nos a atenção para os potentes S-64 que se aproximavam. Os dois primeiros helicópteros-grua depositaram no cume de Massada um total de trezentas e sessenta botijas de hélio-gás (N-60). Duas horas mais tarde, outro par de Sikorsky ultimava o transporte com um carregamento semelhante.

No total, setecentas e vinte botijas de 93 metros cúbicos cada uma. Uma reserva mais que suficiente para garantir o funcionamento permanente (vinte e quatro horas por dia) do

criogerador durante trinta dias. O que os israelitas não podiam suspeitar era que, confundidas entre aquelas botijas de aço de um metro e sessenta de altura e sessenta e oito quilos de peso cada uma, se encontravam também outras botijas -

* O consumo médio de hélio calculado pelos especialistas na liquefacção do gás era de cerca de cinco litros por hora. (De cada garrafa de 93 m obtinha-se, aproximadamente, esse mesmo volume de gás) (N. Do M)

aparentemente idênticas – mas com um conteúdo muito diferente: o combustível para o berço 1! Segundo as explicações que o general nos havia de dar, a direcção do Cavalo de Tróia, devido à maior duração do tempo de voo do módulo neste novo salto, tinha mudado de tipo de carburante, substituindo o peróxido de hidrogénio por uma mistura mais segura e potente.

Existia, aliás, outra razão: o forte carácter oxidante do HOZ desaconselhava o seu transporte por via aérea. Na mesquita da Ascensão, apesar da argúcia utilizada para introduzir o combustível ter sido praticamente a mesma (escondido entre o hélio-gás), o Cavalo de Tróia não precisou na altura de se enfrentar, como agora, com um transporte aéreo dessa carga.

Enfim, o que importava era que o carburante – vital para os nossos propósitos – já se encontrava no Acampamento Eleazar.

Como proprietários e únicos responsáveis pela montagem dos maser, a manipulação do hélio N-60 foi dirigida e executada pelo grupo norte-americano. Isso era o combinado. Os israelitas, respeitosos, deixaram-nos agir. Durante essa noite, sob a vigilância atenta do general, descemos as setecentas e vinte botijas até ao fundo da piscina, depositando-as cuidadosamente, em posição horizontal, no recinto de vinte metros por dois, destinado a armazém.

Ao alvorecer de segunda-feira, 5 de Março, quando as nove filas – de oitenta botijas cada uma – já estavam colocadas,

Curtiss anunciou a Yefet e aos restantes oficiais israelitas que estávamos prontos para iniciar a fase secreta da montagem da estação.

Assim, deu-se início à última etapa prévia ao lançamento do módulo. Mas os problemas, como vou contar a seguir, não haviam acabado.

A equipa da direcção do Cavalo de Tróia soube conjugar as nossas verdadeiras necessidades com as dos israelitas. No protocolo prévio, Curtiss estabelecera, entre outros acordos, um tempo máximo de duas semanas para a montagem completa do material secreto. Durante este período – considerado razoável pelo estado-maior de Israel – a presença dos técnicos e militares israelitas no Acampamento Eleazar seria substancialmente reduzido. Só uma mínima parte dos cinquenta homens permaneceria no cume e, naturalmente, sem possibilidade de acesso ao interior da estação. Mantiveram-se os serviços de vigilância, assim como os de cozinha e supervisão do Charlie e do tanque de reserva de gasóleo. Yefet, como chefe do acampamento, foi o único oficial autorizado a continuar na meseta, ficando responsável pelas comunicações. Naquela manhã de segunda-feira, trinta e quatro israelitas abandonaram temporariamente Massada, dispostos a desfrutar de um merecido descanso. O seu regresso foi fixado para terça-feira, 20 de Março. Esta era, portanto, a margem disponível para pormos o berço em condições para o seu lançamento e posterior regresso.

Se não surgissem inconvenientes, a hora zero – isto é, a descolagem do módulo – efectuar-se-ia na noite

** O novo combustível – tetróxido de azoto (oxidante) e uma mistura de cinquenta por cento de hidracina e dimetil-hidracina assimétrica – tinha sido calculado para um período global de combustão de cinco horas e catorze minutos.*

Com uma disponibilidade máxima de dezasseis mil e quatrocentos quilogramas. (N. Do M)

de sexta-feira, 9 de Março. (Curtiss manteve em segredo a

hora exacta até à manhã desse novo histórico dia) De acordo com estes planos, Eliseu e eu ausentar-nos-íamos durante dez dias.

A missão deveria terminar, impreterivelmente, na madrugada de 19 para 20 desse mesmo mês de Março. No entanto, como sugerira Eliseu numa das múltiplas sessões de trabalho do Cavalo de Tróia, a nossa permanência real no outro lado não seria de dez dias. A manipulação dos swivels dar-nos-ia a oportunidade única de viver um período indefinido (fixado incialmente em quarenta ou cinquenta dias), podendo voltar ao nosso presente cronológico (1973) no instante desejado. Como também sugeri, a ideia tropeçou inicialmente com a lógica resistência de alguns directores do Projecto.

Não havia informações sobre as possíveis repercussões no organismo humano desta exagerada manipulação do tempo. Era provável que nada acontecesse. Mas, baseando-nos nesta mesma lógica, também não podíamos ignorar o contrário. Em última instância, estávamos dispostos a levar a cabo uma experiência singular: viver um tempo – biológico e cronológico -, mais prolongado e teoricamente dissociado do nosso agora real. Apesar dessas compreensíveis dúvidas, a missão afigurava-se tão fascinante, quer do ponto de vista histórico quer científico, que os directores acabaram por ceder, assumindo, como nós, o possível risco. Quem poderia então imaginar que aquela ideia genial de Eliseu nos levaria a uma terceira e maravilhosa experiência. E à morte.

Os homens do Cavalo de Tróia, tal como supúnhamos, aceitaram entusiasmados o novo desafio. Contávamos com quatro dias e algumas horas para instalar o módulo no centro da piscina e efectuar o seu lançamento.

E às doze horas daquela segunda-feira, 5 de Março, com uma certa solenidade, o fecho hidráulico foi activado, sepultando no fosso meia centena de técnicos e engenheiros, absolutamente eufóricos.

Contra a vontade geral, Curtiss estabeleceu um rigoroso sistema de turnos de trabalho. Não convinha despertar suspeitas entre os israelitas que nos acompanhavam no acampamento lançando-nos – como pretendia a equipa – a um trabalho em bloco e sem pausa, durante o qual todos nós, norte-americanos, permanecêssemos debaixo de terra. Por outro lado, além do necessário descanso, os homens de folga deveriam vigiar atentamente os passos e a atitude dos nossos aliados.

Como medida de precaução, a cobertura do fosso só seria retirada nos últimos minutos antes da descolagem do berço.

Até essa altura, as entradas e saídas do pessoal efectuar-se-iam pelas duas escotilhas de emergência, abertas no centro do fecho hidráulico nos lados oriental e ocidental do grande rectângulo, respectivamente. Assim, as nossas manobras no interior da estação ficavam a salvo de qualquer olhar indiscreto.

Enquanto os técnicos desembrulhavam rapidamente os sete grandes cubos de pedra alaranjados colocados no centro da piscina, Curtiss e outros especialistas dedicavam-se a uma exaustiva revisão das botij as de hélio. Ainda que, à primeira vista todas fossem iguais, depressa me apercebi do que distinguia as que tinham combustível. Na parte superior - na zona da ojiva cor de tabaco – estas tinham uma etiqueta de contraste que, habitualmente, se situa no corpo da botija.

E, junto à indicação da pressão (duzentos bares) havia, igualmente, uma análise do falso conteúdo 1.

Seria preciso conhecer muito bem o que constitui uma análise típica do hélio N-60 para detectar que um dos seus componentes - o Oz – aparecia ligeiramente alterado na sua proporção. Em lugar de 015 ppm, Cavalo de Tróia colocara 016. Esta ligeiríssima diferença no índice de oxigénio e a posição das etiquetas nas cabeças das botijas, muito perto das torneiras correspondentes, eram a chave para as

distinguir umas das outras. Mas, subitamente, Eliseu e eu sentimos uma profunda emoção. Ao retirar os painéis cor de laranja – que não eram mais do que grossas pranchas de aço, revestidas exteriormente com uma fina camada de pedra dolomítica -, o módulo, a nossa querida nave, ficou à vista. E, ao acariciarmos as peças, um turbilhão de recordações e sensações invadiu-nos a ambos.

Tudo decorreu com normalidade até pouco depois daquela comunicação da plataforma-base do funicular. Pelas quatro horas da tarde de terça-feira, 6 de Março, Yefet anunciou ao general a chegada dos dois técnicos norte-americanos que, dias antes, tinham ido de avião aos Estados Unidos com os estojos blindados que continham, oficialmente, material de laboratório. O regresso dos nossos companheiros com a vara de Moisés encheu-nos de alegria. Tudo parecia correr sobre rodas.

No entanto, para Curtiss, Eliseu e eu, essa satisfação esfumou-se com uma das notícias trazidas pelos viajantes regressados da Base Edwards.

O próprio chefe do Cavalo de Tróia, acompanhado por alguns homens que estavam de folga, foi ao encontro dos recém-chegados, levando para o interior da piscina as urnas que continham as diferentes peças que deviam integrar a minha saudosa vara e os dois volumosos baús de aço, nos quais estavam escritos rótulos idênticos: «Frágil. Material de laboratório».

Os responsáveis deste transporte entregaram a Curtiss dois sobrescritos lacrados. E ali mesmo, perante a mal dissimulada curiosidade dos técnicos, que se atarefavam na preparação final do módulo, o general abriu um deles. Depois de dar uma vista de olhos aos documentos, acabou por os entregar a um dos directores. A informação – a que me referirei no devido momento – estava relacionada com os novos equipamentos a instalar no berço. E transmitia, igualmente, uma série de instruções sobre as modificações

introduzidas na vara de Moisés e sobre o meu equipamento pessoal. Os novos instrumentos encontravam-se nos contentores metálicos. A leitura da segunda mensagem foi muito diferente. O general, apanhado de surpresa pelos relatórios, foi empalidecendo durante alguns segundos. Um dos documentos, em especial, devia conter qualquer coisa sumamente grave. Não satisfeito com uma primeira leitura, releu-o, ao mesmo tempo que nascia entre os seus dedos um quase imperceptível tremor que o traía. Maquinalmente, entregou o primeiro relatório a outro director, guardando o que o afectara tão profundamente. Então, com o semblante alterado, procurou-me entre os homens lançando-me um olhar penetrante. Nesse instante soube que a informação tinha a ver comigo e, presumivelmente, com o meu irmão de expedição. Mas, em que sentido? Porque alterara ela o frio e veterano militar? A resposta, desoladora, chegaria nessa mesma noite.

A partir desse momento, desculpando-se com uma pertinaz dor de cabeça, o nosso chefe desapareceu do fosso. E, depois de pedir licença para abandonar o acampamento, perdeu-se para norte da meseta. Era evidente que precisava reflectir sobre o nosso sector, Quem poderia suspeitar na altura? - tomar uma decisão crítica.

Eliseu, alguns directores e eu trocámos um olhar cheio de funestos presságios. Mas os trabalhos na estação continuaram no ritmo habitual. Antes de irmos descansar, Eliseu e eu fomos chamados pela equipa de directores, que nos mostrou um dos documentos: o que estava no segundo sobrescrito. Era remetido pelo Centro Geológico do Colorado e era a resposta dos especialistas em terramotos aos sismogramas obtidos no cimo do monte das Oliveiras no inesquecível dia 7 de Abril do ano 30.

Tal como resumia o Cavalo de Tróia, as análises apontavam para uma considerável explosão subterrânea como a explicação mais verosímil do que aparecia nos registos

digitais e analógicos.

Naturalmente, os sismólogosnão tinham sido informados nem do lugar nem da data em que tinham sido captados aqueles movimentos telúricos. Por esta razão, os especialistas em sismologia, - embora determinassem a magnitude dos abalos, a possível energia libertada na suposta explosão e outros parâmetros complementares – insistiam na necessidade de conhecer, sobretudo, as coordenadas da estação sismográfica de onde procediam os misteriosos sismogramas.

Com este dado e com a data exacta dos movimentos sísmicos – esquecimento qualificado de incompreensível por aqueles especialistas do Colorado -, seria possível uma consulta à rede de estações mais próxima completando assim o estudo. É claro que o Cavalo de Tróia nunca lhes forneceria as informações solicitadas e supostamente, para nós era mais do que suficiente a simples ratificação de que estávamos perante uma série de abalos provocada por uma explosão e não por um terramoto vulgar ou habitual. À vista das ondas longitudinais

** Um parâmetro importante para a classificação Édte belelce-sdeea posição resid em determinar a latitude e a longitude do fenómeno desde tempos de chegada das ondas P de período curto a várias estações sismográficas espalhadas pelo mundo. Se undo Lynn R. Sykes e J. F. Everden, o tempo que as ondas «P« demóram a chegar a cada estação está em função da distância e profundidade do foco. A partir dos tempos de chegada, obtém-se com precisão a localização da fonte com uma margem de erro inferior a dez ou vinte e cinco quilómetros, se os dados sísmicos forem de alta qualidade".*

(N. do M)

As actuais redes de instrumentos estão per e esta liberte energia equi r um sismo provocado or explosão subterrânea, mesmo que valente

a um único quilo ón. (Um quiloton é a energia irradiada por uma detonação de mìl toneladas de trinitrotolueno ou TNT) Uma explosão nuclear subterrânea é uma fPonte quase pura

de ondas P ou primárias, porque exerce uma pressão uniforme nas paredes da cavidade que origina. Um terramoto, pelo contrário, produz-se ao deslizarem

Graças a uma conscienciosa análise dos tempos de chegada das ondas P e de outros parâmetros mais complexos, o Cavalo de Tróia tinha a certeza de que a misteriosa explosão ocorrera a várias centenas de milhas es-sudeste de Jerusalém. Talvez num dos domos ou cúpulas salinas ou no interior de uma cavidade natural, nos depósitos estratificados de sal dos desertos de Nafud ou de Dahna. Esta verificação veio confirmar a nossa ideia inicial: o terramoto descrito pelos evangelistas nos instantes que precederam a morte do Filho do Homem não foi casual nem pode ter sido de origem natural. Sobretudo numa zona como Israel, com baixo índice de sismos.

Aquele era mais um motivo para voltarmos, como tínhamos planeado. Curtiss, os directores e nós próprios estávamos de acordo numa coisa: uma prospecção na área da detonação podia lançar muita luz sobre tão incrível acontecimento.

Talvez a vinda de Eliseu à minha tenda tenha sido providencial. Eram nove horas da noite e o general continuava sem dar sinais de vida. Preocupado, o meu companheiro animou-me a sair à sua procura. Não era normal que em plena fase vermelha Curtiss se ausentasse durante tanto tempo.

A amena temperatura daquela terça-feira e o rutilante firmamento de Massada convidavam a passear. De forma que, cada um com a sua lanterna e com a correspondente contra-senha, deixámos a paliçada. Em silêncio, com uma crescente inquietação, como se pressentíssemos alguma coisa, evitámos o labirinto dos armazéns herodianos, dirigindo-nos ao Palácio do Norte. Uma vez na proa do porta-aviões de pedra, vislumbrámos logo o escuro perfil do general. Estava debruçado sobre a balaustrada semicircular

que fecha o terraço superior.

** (continua nota) – rapidamente dois blocos da crusta terrestre ao longo de uma falha. Devido a este movimento em tesoura", um sismo natural emite, sobretudo, ondas do tipo S" ou secundárias. Além disso, uma explosão gera outro tipo de ondas sísmicas – as chamadas Ravleigh -, que provêm de complexos reflexos de parte da energia que as ondas dos estratos superiores da crusta terrestre transportam. Ao contrário dos terramotos, as explosões subterrâneas quase não dão origem a ondas de tipo Love.*

Também a localização da profundidade do foco permite distinguir uma explosão de um sismo normal. De cinquenta e cinco a sessenta por cento dos terramotos que se registam na Terra produzem-se a profundidades superiores a trinta quilómetros. Até hoje, ninguém foi capaz de perfurar a crusta terrestre além dos 10.

As explosões nucleares mais profundas de que se tem notícia foram detonadas a cerca de dois mil metros. (N. Do M) 2 De acordo com a escala de intensidade de Mercalli – modificada e abreviada -, num movimento sísmico de grau VII, todas as pessoas correm para fora das suas casas. Registam-se danos de pouca monta nos edifícios de boa arquitectura e construção, e leves ou moderados em estruturas vulgares mas bem construídas. Pelo contrário os danos são consideráveis em estruturas pobremente construídas ou mal projectadas. Caem algumas chaminés e é sentido por pessoas que conduzem automóveis (VIII da escala Rossi-Forel). (N. Do M)

Ao ouvir os nossos passos voltou-se lentamente.

- Estava à vossa espera – exclamou com voz inflamada.

Uma familiar corrente de fogo – prelúdio sempre de situações graves ou comprometedoras – percorreu-me as entranhas.

- Estava à vossa espera. - repetiu com um fio de voz. E, metendo a mão direita num bolso da sua farda de trabalho, mostrou-nos os documentos que o tinham feito empalidecer no fosso.

Nem Eliseu nem eu nos atrevemos a articular qualquer palavra. O general pegou então na minha lanterna, iluminando o cada vez mais intrigante relatório.

- Tenho más notícias – anunciou por fim com o rosto alterado

- Esta informação, absolutamente confidencial, vem de Edwards.

- E então – A voz do meu irmão surgiu repleta de impaciência.

- Se isto for verdade, talvez tenhamos cometido um erro irreparável.

Visivelmente esgotado, Curtiss deteve-se de novo. Eliseu fez o gesto de lhe tirar os papéis, mas, segurando-o pelo antebraço pedi-lhe calma.

Reagiu o general entregando-me o relatório.

- Será melhor que, como médico – o leias e dês a tua opinião.

Assim fiz. E depois de uma leitura atabalhoada, o meu semblante também se alterou.

Eliseu, sem pestanejar, esperava a minha resposta.

- Bom, Mas isto não parece definitivo. - balbuciei sem muita convicção.

- Por amor de Deus! - explodiu o meu companheiro. - Que raio está a acontecer?

Comecei a minha explicação, buscando termos pouco arrevesados.

- Qualquer coisa anormal nas cobaias do laboratório. Parece que Os rapazes de Mohave – de obiam Qualquer, tem

uma estreita relação com as experiências de inversão de massa dos swivels. Qualquer coisa que pode áo de de €1 seuooptei poroérebros.

Perante o esgar de incredulidade tive que lhe mostrar várias microfotografias que acompanhavam os documentos. Numa delas, marcados com uma flecha, apareciam os pigmentos do envelhecimento (lipofucsina), típicos da passagem do tempo nos neurónios e noutras células fixas osmitóticas ou sumamente diferenciadas dos mamíferos e restantes animais pluricelulares.

A microfotografia em questão apresentava o aspecto característico do referido pigmento num neurónio do cérebro de uma cobaia de oito meses 1. (A imagem tinha sido aumentada quinhentas vezes) – continuei sem muitas esperanças de que captara o sentido dramático das minhas palavras -. A presença destes pigmentos do envelhecimento seria normal se não fosse um pormenor arrepiante: esses neurónios das cobaias estão a morrer ver-ti-gi-no-sa-men-te a partir do momento em que foram submetidos a sucessivos processos de inversão.

** Está demonstrado que o corpo dos mamíferos, incluindo o do homem, contém nos seus tecidos células que envelhecem e outras que, pelo contrário, conservam o seu aspecto juvenil, mesmo em seres velhos. Um exemplo das primeiras são os neurónios do cérebro e as que se alojam nas fossas de Lieberkuhn, no duodeno. As segundas – amebóides – têm uma capacidade inesgotável de crescimento. (N. Do M)*

de massa. O que, num envelhecimento natural, precisaria de meses ou anos, nessas circunstâncias mudou em questão de dias.

Não sei se me explico com suficiente clareza.

- Mas porquê? - interpelou-nos Eliseu, que intuía o alcance daquelas descobertas. - Isso não é claro – retorqui, apontando para o relatório. - Parece que durante o tempo infinitesimal da inversão dos swivels há qualquer coisa que afecta os neurónios, superexcitando-os ou provocando-lhes um cansaço e o subsequente e galopante consumo de

oxigénio. E isso, como deves saber, é uma arma de dois gumes. O homem, na sua dependência aeróbica de ser pluricelular altamente diferenciado, deve ao oxigénio a sua vida e o seu envelhecimento. Estamos, em suma, perante a teoria dos chamados radicais livres, proposta pelos doutores Harman, Nagy, Hosta e outros.

Os radicais livres, para que me compreendas, na minha qualidade de médico, e a partir dessa fatal descoberta, consultei as mais avançadas hipóteses acerca do obscuro problema do envelhecimento humano. Em especial, as formuladas por homens como Harman, da Universidade de Nebraska (pai da teoria dos radicais livres); Warburg, Prémio Nobel.

Que identificou o oxigénio como o grande responsável da diferenciação celular; J. Miyuel, chefe da Secção de Patologia Experimental do Ames Research Center da NASA; Imre Zs-Nagy. E muitos outros. Todos, à sua maneira, coincidiam em que o calcanhar de Aquiles do envelhecimento não está nas células que têm capacidade de divisão, mas nas que, como o neurónio, perderam a virtude da proliferação e que, devido ao seu elevado consumo de oxigénio nas mitocóndrias, sofrem uma desorganização perioxidativa.

Miquel, que pôs à prova a teoria do doutor Harman, explica isso quando diz: «A nossa hipótese está no genoma mitocondrial ser a chave. A sua vulnerabilidade abre o caminho à evolução senil. O envelhecimento celular é o resultado da toxicidade do oxigénio, ou melhor, dos radicais livres» (R-OH). Estes radicais surgem durante a redução univalente do oxigénio na cadeia respiratória mitocondrial (N. Do M)

Dentro da programação genética da duração da vida, como assinala o doutor A. Hosta, a teoria da sua limitação pela toxicidade dos radicais livres ao nível celular está na sequência coerente dos conhecimentos e das experiências dos últimos anos. A escassa divulgação do conceito R-OH

leva-me a considerar, aqui e agora, o que são e como agem. Com isso, o leitor poderá aproximar-se melhor da natureza da nossa tragédia. Os «R-O1» são compostos químicos de génese plural.

Com uma grande capacidade de reacção e alto poder oxidante.

Digo génese plural" porque podem ter origem tanto ao nível celular, resultado forçoso da respiração aeróbica da célula, como pela acção directa ou induzida da contaminação do meio que os rodeia: meio ambiente, radiações, alimentação, etc. Os R-OH actuam interferindo com a sua capacidade reactivo-oxidante nos esquemas de funcionamento metabólico preestabelecidos.

Os R-Ohf são responsáveis pela peroxidação dos ácidos gordos insaturados dos fosfolípidos componentes das membranas biológicas. Ao desorganizarem as membranas celulares e os seus pequenos órgãos, acumulam lipopigmentos (fundamentalmente no cérebro e no coração). incrementam o eross-linking de macromoléculas (especialmente colágenos e elastinas). geram a fibrose arteríolo-capilar e degradam os mucopolissacarídeos.

O microsccipio electrónico mostra-nos as mutações morfológicas que a acção dos R-OH introduz na célula, sobretudo quanto à perda de estrutura (membrants). diminuição do número de mitocôndritis (fonte da energia celular ou ATP) e inclusões no citoplasma de lipopigmentos inertes (lipofucsina. etc).

Do ponto de vista funcional, o panorama anterior implica uma perda de funcionalidade da célula que, na destruição da mitocôndria, alcança o clímax da evolução celular. Já que não pode responder à demanda de energia (noventa por cento da energia celular provém da mitocóndria). e já não só à demanda normal quanto mais aos grandes tiumentos de consumo que o organismo do paciente vai exigir inúmeras

vezes, mais não são do que o oxigénio normal, transformado e activado pelas células. Pois bem, se excitámos um neurónio, o seu consumo de oxigénio multiplica-se e os R-OH (radicais livres) actuam como oxidantes poderosos e corrosivos, acelerando o seu envelhecimento, e até mesmo a paradoxalmente, um consumo anormal de oxigénio por parte dos neurónios leva-nos, definitivamente a uma evolução senil.

Mesmo havendo toda uma gama de factores ambientais e de dieta que contribuam igualmente para a acção oxidante dos R-OH, o stress é, possivelmente, um dos grandes verdugos. Já reparaste como e a que velocidade envelhecem os estadistas ou os executivos?

O meu companheiro caiu num profundo abatimento. Isto

- No entanto – retomei tentando animá-lo e animar-me – não pode ser tomado como definitivo. No fim de contas, os resultados , em animais de laboratório nem sempre são aplicáveis ao homem.

Curtiss e o meu irmão ouviram-me com benevolência. A verdade é que nem eu próprio concedia muita credibilidade a tais raciocínios. No fundo nem eu conseguia compreender o meu próprio comportamento.

Talvez eu, como Eliseu fosse vítima de um erro fatal da Operação Cavalo de Tróia. E, no entanto, em lugar de me mostrar nervoso, estava a lutar por tirar importância ao assunto. Nunca consegui encontrar uma explicação para o porquê daquela serenidade fora do vulgar.

- A verdade – argumentou o general, abandonando o seu mutismo e pegando de novo nos documentos – é que estamos perante uma grave possibilidade. E, para confirmá-la ou não, só há um meio: voltarem a casa de avião e submeterem-se a um minucioso exame médico. Aqui não temos especialistas nem meios adequados. Se o processo de inversão de massa afectou também os vossos cérebros, talvez

ainda estejamos a tempo de evitar uma catástrofe.- suspirou ruidosamEnte o general, levantando os olhos para as estrelas, encerrando-se numa nova e prolongada meditação.

Um estranho tremor invadiu-me dos pés à cabeça. Eu sabia o que significavam as últimas frases do chefe do Projecto. Mas uma súbita e importante pergunta do meu companheiro veio dispersar os meus receios.

- Diz-me, Curtiss: por que motivo não fomos avisados antes do primeiro salto? Será que a falha não foi detectada nas experiências preliminares?

Eliseu, com a sua pergunta, já tinha inconscientemente respondido. O general desenhou nos seus lábios um amargo sorriso.

- Insinuas que, se o tivesse sabido antecipadamente, o Cavalo de Tróia vos teria lançado para essa aventura?

- Não suponho que não. - reconheceu Eliseu, baixando os olhos. -. A única coisa que vos posso dizer – revelou-nos Curtiss, pedindo indulgência – é que, em todos os ensaios prévios com animais de laboratório, o controlo e acompanhamento dos especialistas se concentraram no comportamento das funções vitais das cobaias. E nunca foi detectada uma alteração grave. Certamente, sabemo-lo agora, devíamos ter insistido nas explorações com os scanners, a nível cerebral, exactamente como tinha sugerido o doutor Shock, de Baltimore.

Meu Deus! Aquela confissão trouxe-me à memória a inexplicável obsessão do general pela nossa segurança pouco antes do lançamento do módulo na mesquita da Ascensão. E ainda que nunca chegasse a censurá-lo por isso, naquele momento tive a certeza de que o chefe da operação sabia qualquer coisa, muito antes de Janeiro de 1973. -. Mas quem podia imaginar que se registaria uma alteração desta natureza e num sítio tão oculto como o sistema de neurónios?

Nisso, Curtiss tinha razão. Por outro lado, a má sorte – ou não foi a má sorte? - fez com que a maioria daqueles animais utilizados nas inversões dos swivels fosse esquecida ou sacrificada uma vez concluídas – satisfatoriamente – as experiências. O carácter secreto e militar do Cavalo de Tróia, e a pressa inerente a este tipo de operações, não eram conciliáveis, evidentemente, com uma verdadeira e sensata política de investigação científica. Mas nada disto tinha já solução. Era necessário enfrentar os factos. Agora eu compreendia a razão da palidez do general na piscina e o porquê do seu anormal isolamento na solidão do rochedo.

Sentia-se responsável.

E, de repente, como se fosse uma pancada, anunciou-nos o que, sem dúvida, era fruto de uma prolongada e penosa reflexão:

- Está decidido. Não haverá segunda exploração.

Fiquei paralisado. Praticamente, senti-me pregado ao chão de Massada. E o general, sem mais comentários, fez menção de se retirar. Se não fosse por Eliseu, tudo teria acabado ali mesmo. Mas o meu companheiro, recuperada a sua habitual frieza, interpôs-se no seu caminho. E, pondo as mãos nos ombros de Curtiss – um gesto muito familiar para mim -, falou-lhe nos seguintes termos:

- Um momento. Eu acho que te enganas.

Cansado, o general olhou para ele sem compreender.

- De qualquer forma – acrescentou Eliseu com calor -, nós é que deveríamos tomar essa decisão. Os nossos cérebros é que estão teoricamente lesados. Se a descoberta de Edwards não fosse sobre nós, reconhece que teríamos perdido uma oportunidade única. Se, pelo contrário, não se enganaram e os nossos neurónios estão danificados, esta – repara bem! - é uma ocasião que não podemos nem devemos desperdiçar.

Curtiss moveu a cabeça, aturdido.

Escuta, velho teimoso! Estamos a um passo da descolagem. Tu mesmo o reconheceste: agora é impossível analisar os nossos malditos cérebros. Em contrapartida, se continuarmos com o plano previsto, esta terceira e quarta inversões podem fornecer novos e preciosos dados sobre o problema em questão.

Como compreenderás, tanto eu como Jasão voltaríamos a uma missão fatal ou estimamos** as nossas vidas e não nos parece irreversível. Compreendo que os médicos e especialistas talvez pudessem impedir ou remediar mais eficazmente a hipotética alteração neurónica se contassem com uma série de comprovações.

O meu irmão procurou apoio para o seu duvidoso raciocínio lançando-me um olhar de que jamais me esquecerei. E, deixando-me uiar pela intuição, acabei de encurralar o frágil ânimo do nosso chefe.

- Estou de acordo. Se estimas realmente as nossas vidas, permite-nos que sigamos em frente. E, aí sim – reforcei com toda a autoridade de que fui capaz -, exigimos um controlo minucioso no momento da inversão dos swivels. Como deves ter visto, as condições físicas e mentais dos teus astronautas não podem ser melhores. Mais ainda – acrescentei sem muito convencimento -, duvido muito que os nossos neurónios estejam afectados.

Tudo, quase Aquela meia verdade naufragaria no meu coração. Quase simultaneamente, me lembrei das escamas e das manchas cor de café que tinham aparecido na minha pele. Era mais do que provável que aqueles sintomas de envelhecimento estivessem a dar razão aos cientistas da Base Edwards. Mas, graças a Deus, Curtiss ainda não tinha sido informado. Pelo menos naquela altura.

Eliseu e eu descobrimos um fundo de complacência no ressuscitado olhar do nosso amigo.

- E então? - incitou-o o meu irmão.

O general pigarreou, tentando ganhar tempo.

- Não sei. - murmurou com teimosia.

- Curtiss! Em nome da nossa amizade: confia em nós!

- Não sei. Tenho que pensar nisso.

E, esquivando-se das mãos de Eliseu, voltou-nos as costas.

Rumo ao acampamento. Alguns segundos depois, deteve-se.

Girou sobre os calcanhares e, com os olhos húmidos, sussurrou:

- Deus vos abençoe.

Aquela noite de terça-feira, 6 de Março, foi, simplesmente, um pesadelo. Suponho que Curtiss, como nós, também não conseguiu conciliar o sono. A frio na solidão da minha tenda, a informação procedente do deserto de Mojave instalar-se-ia para sempre na minha vida. Os dados eram escassos e não totalmente comprovados, mas tragicamente correctos. Eu sabia-o, No fundo. Na minha perspectiva actual quero agradecer à Providência o facto de as coisas me terem acontecido senão tivesse chegado aquele sobrescrito lacrado e nem o meu companheiro nem eu teríamos tomado uma decisão que – felizmente tomámos – em plena segunda exploração.

Mas essa é outra história, que terei de contar mais adiante.

Para já – e sobre isso não havíamos mentido – os nossos cérebros continuavam a funcionar normalmente. Mas até quando? Entre as confusas explicações científicas expostas no fatídico documento, havia uma que, intencionalmente, passei por alto na nossa conversa no extremo norte de Massada.

Segundo os neurofisiólogos, a maior parte das mutações observadas nos cérebros das cobaias registava-se no

hipocampo.

E eu sabia que essa área cerebral regula o conceito e a sensação de espaço e de tempo. Em inúmeros casos de demência senil, por exemplo, o envelhecimento do hipocampo é uma realidade clara e indiscutível. O que aconteceria a Eliseu e a mim se os nossos respectivos hipocampos se vissem igualmente lesados? Uma perda de memória em tais circunstâncias, só para dar um exemplo, teria sido o fim.

Assaltado por estes e outros não menos funestos pensamentos, acabei por saltar do divã e sair da tenda. Uma brisa suave começara a soprar de norte, fazendo baixar a temperatura e arraneando trémulas e intermitentes cintilações brancas e azuis das estrelas. E comecei a andar sem rumo. Exceptuando os dez vigilantes israelitas e o correspondente turno ocupado nos trabalhos do fosso, o resto do acampamento dormia placidamente. Contornei o bordo norte da piscina e, procurando um canto solitário, dirigi-me para o sector leste da paliçada.

Quando já estava a poucos metros dos sacos de terra, a inesperada presença de um vulto escuro sobressaltou-me. Ao ver-me, o indivíduo pôs-se de pé, avançando em direcção a mim.

A escuridão era tanta que só quando chegou a um metro de mim é que distingui a robusta silhueta de Eliseu. Tal como eu, também ele não conseguira adormecer. Mas as suas razões eram outras. Sentados sobre os sacos, e sem necessidade de o pressionar, abriu-me o seu coração, confessando-me porque tomara aquela valente e insólita atitude perante o general.

De certo modo, o desejo do meu irmão não era novo para mim. Ele já mo tinha insinuado durante a nossa estada em Jerusalém: Desejava, precisava de ver Jesus de Nazaré. Face a face E aquela segunda oportunidade talvez não voltasse a apresentar-se. Não podia permitir que uns malditos

relatórios, por muito graves que fossem, arruinassem os seus propósitos.

- E mais – acrescentou com veemência -, se for preciso, continuarei a mentir e a fingir. - A mentir? - interrompi-o sem compreender.

- Meu querido amigo – manifestou ele como se lesse os meus pensamentos -, o teu destino e o meu estão unidos. Não nos enganemos. Sabes muito bem que não fui sincero ao antepor o interesse científico da missão à nossa sobrevivência. Não me preocupa mesmo nada saber se, com as novas inversões de massa, se consegue impedir ou não o mal que se instalou no nosso organismo. Foi a primeira coisa que me ocorreu naquele momento crítico e foi como se Deus me tivesse iluminado. Curtiss duvidou. Não achas?

- É claro que não. O general – disse-lhe eu claramente – não é homem fácil de enganar. Mas numa coisa tiveste razão e ele soube captar e agradecer-te por isso: a decisão de levar a cabo a segunda exploração depende, agora mais do que nunca, de nós.

Eliseu já conhecia a minha posição a este respeito, mas, com a sua natural candura, pressionou-me para que eu a expressasse de novo.

- Está bem – tranquilizei-o -, eu também quero voltar. E compartilho os teus sentimentos: não é a procura de um remédio para o nosso mal que me move a isso. É Ele que puxa por mim.

O meu companheiro sorriu, satisfeito. E, embora ambos soubéssemos que era Curtiss quem teria a última palavra, deixámo-nos levar pelo entusiasmo e pela esperança, discutindo e analisando até ao amanhecer os pormenores da nossa segunda e ainda hipotética missão.

E, justamente ao amanhecer, as nossas dúvidas ver-se-iam definitivamente dissipadas.

- Muito bom dia. Rapazes!

Eliseu, perplexo, não conseguiu responder ao general. Quase que tive de o arrastar para a mesa onde, solitariamente, tomava uma fumegante e apetecível chávena de café. O rosto do nosso

chefe estava transfigurado. Aquela cordialíssima saudação e o sorriso franco e prolongado, tão opostos ao semblante sombrio da noite anterior, deixaram-nos estupefactos. Que teria acontecido depois de tomar uns goles, divertido, repetiu os bons dias e foi directamente ao que desejávamos ouvir:

- Vocês ganharam. A missão irá para a frente.

Pouco faltou para que o meu irmão saltasse em cima dele para o abraçar. Curtiss e eu acalmámo-lo, fazendo-lhe ver que não estávamos sozinhos no refeitório. - sentenciou, ao mesmo tempo que apontava para os documentos que guardava numa das algibeiras.

- Sobretudo que ninguém saiba, pelo menos até vocês regressarem, da existência deste relatório.

Aceitámos com um fulminante e afirmativo movimento de cabeça. No entanto, enquanto Eliseu, com o entusiasmo recuperado, despachava vorazmente o seu pequeno-almoço, Curtiss leu no meu olhar: O que o tinha feito mudar??,

- Suponho que têm direito a saber o porquê desta decisão.

O general esfregou a cara suavemente, fechando os olhos cansados e avermelhados. Quando tirou as mãos, o sorriso inicial tinha-se transformado num trejeito solene.

- Como sabem, os graves acontecimentos que se aproximam no Médio Oriente ditaram já a sentença da Operação Cavalo de Tróia. Esta é, portanto, a nossa últìma oportunidade de voltar. E, dado que vocês, meus queridos exploradores, livre e voluntariamente, colocaram o interesse histórico e científico da missão acima da vossa própria segurança e sobrevivência.

Não serei eu a opor-me. Compreendo que há momentos na vida de todo o ser humano em que um ideal pode e deve prevalecer até sobre os interesses individuais ou pessoais. Nenhum de nós, agora, é suficientemente consciente da transcendência do que temos em mãos. Será a História, um dia, a julgar a Operação Cavalo de Tróia.

E, antes de se retirar, comovido, resumiu os seus sentimentos com as mesmas palavras que pronunciara diante do Palácio do Norte:

- Que Deus vos abençoe.

Tal como eu imaginava, apesar de se ter referido ao interesse histórico e científico da missão, o general estava a par das

verdadeiras motivações que nos tinham levado a continuar.

Curiosamente, tínhamo-nos convertido os três em cúmplices de um sonho.

Trinta e seis horas antes do lançamento do berço, a actividade na piscina alcançou níveis inimagináveis. O renovado optimismo de Curtiss foi determinante. Tudo estava pronto. O módulo, definitivamente montado e com os novos equipamentos a bordo, esperava unicamente o atestar dos tanques de combustível. Mas. Por estritas razões de segurança, o carburante não seria introduzido até à manhã do dia seguinte, sexta-feira. O resto daquela quinta-feira, 8 de Março, mesmo arrastando o cansaço de uma tensa e dramática noite de vigília, transcorreu num abrir e fechar de olhos. As reuniões com a equipa de directores sucederam-se até à tardinha.

Os planos da segunda exploração foram revistos várias vezes, prestando uma especial atenção aos voos obrigatórios da nave de Massada ao monte das Oliveiras e vice-versa. Todos estávamos conscientes da transcendência daquela navegação. Qualquer falha, quer na ida quer na volta ao rochedo, podia ser desastrosa. Mas deixarei para depois os

pormenores do nosso plano de voo, assim como a descrição de algumas inovações introduzidas no módulo e nos equipamentos tendo em vista esta fascinante exploração no ano 30 da nossa Era.

O que desejo anotar, aqui e agora, é um facto ocorrido nessa mesma noite de quinta-feira e que, na minha opinião, veio confirmar o que já sabíamos em relação às verdadeiras e profundas motivações do general Curtiss no momento de autorizar aquele segundo lançamento. Por outro lado, acho que - de acordo com a minha intenção de transcrever fiel e escrupulosamente tudo o que vi e ouvi na Palestina de Cristo – é este um momento adequado para introduzir um relato que tinha ficado pendente: o diálogo de Jesus de Nazaré com os amigos mais íntimos na histórica última ceia de quinta-feira, 6 de Abril.

Por razões estritamente éticas, como assinalei em páginas anteriores, não me foi permitido estar presente em tão notável acontecimento. Mas, graças às gravações captadas a partir do módulo e aos meus diálogos com André, o irmão de Simão Pedro, o importantíssimo banquete pôde ser reconstituído pelo Cavalo de Tróia.

Antes de entrar plenamente na transcrição do mesmo, é minha obrigação recordar uma coisa que já indiquei na devida altura: pela enésima vez, como consequência inevitável da passagem do tempo, muitas das palavras do Mestre da Galileia naquela última ceia seriam mutiladas, ignoradas e, o que é pior, adulteradas pelos chamados escritores sagrados", e, em última instância, pelas próprias Igrejas, Com o passar dos séculos.

A maravilhosa mensagem protagonizada por Jesus naquela quinta-feira santa" foi caricaturizada e reduzida a uma mera fórmula matemática".

Foi por volta das dez horas da noite. Eu tinha ido descansar quando, inesperadamente, se apresentou na tenda um dos

vigilantes israelitas. Curtiss reclamava a minha presença. A princípio pensei que se trataria de alguma comprovação técnica. Mas, ao ver que nos dirigíamos para o portão da paliçada, a minha curiosidade voltou a acender-se. Ao dar-me a contra-senha, o israelita indicou-me o Palácio do Norte, explicando-me que o general e outro colega estavam à minha espera ao pé do terraço superior. Um tanto alarmado, dirigi os meus passos para o sector em questão. Ali, de facto, descontraídos e em animada conversa, encontrei o meu irmão e o chefe da operação.

Ao ver-me, Curtiss disse-me que me sentasse ao pé deles, no chão do terraço. E, sob o branco silêncio de milhares de estrelas, num tom doce, quase suplicante, pediu-me que, antes de partir, lhe satisfizesse um íntimo desejo seu, materialmente sufocado até àquele momento pelas circunstâncias:

- Fala-me dEle!

Realmente, os infelizes acontecimentos que nos tinham dominado desde que colocáramos o módulo no hangar da mesquita da Ascensão, as suas viagens e mudança para Massada, não nos tinham permitido uma serena e sossegada troca de impressões sobre a incrível personagem que fora o motivo do nosso primeiro salto. E apesar de me ter sentido feliz por poder falar de Jesus de Nazaré, da Sua impressionante atracção humana, das Suas palavras e da Sua fascinante personalidade, tive um cuidado especial em não mostrar uma veemência excessiva.

A sagacidade do general não tinha limites e um erro nesse sentido, revelando o meu entusiasmo por Ele e pondo em causa a nossa obrigatória objectividade talvez tivesse repercussões como exploradores de outro tempo, mais graves que as da descoberta de Edwards. Mais ainda, Precavendo-me, manifestei algumas dúvidas em torno da Sua suposta

ressurreição, acrescentando com toda a intenção que a nova exploração poderia tornar-se altamente esclarecedora nesse sentido.

Curtiss ouviu durante várias horas a minha exposição quase sem fazer perguntas. Mas, ao chegar a quinta-feira santa e ao lembrar-lhe do burro lazarento e dos seus apóstólos, e que as suas palavras tinham sido gra vada**s no berço, o general, com a voz alquebrada por uma súbita emoção, suplicou-me que esperasse um momento eú envol óoedm papel de rlrou um pequeno embrulho, minu nal.

Pô-lo no chão e, cerimoniosamente, começou a desembrulhá-lo.

Ao vermos do que se tratava, Eliseu e eu olhámos um para o outro, intuindo a intenção dele. E um relâmpago de sensações se propagou dentro de mim turbando-me a mente.

Curtiss ligou o diminuto gravador e uma saudosa voz – doce, profunda e brilhante como aquele firmamento – preencheu o silêncio da montanha, crispando-me a ele. O dedo do general deteve o andamento da fita, fazendo-a retroceder até ao princípio da gravação. Uma gravação que eu conhecia perfeitamente.

- Jasão. Um último favor.

Não consegui responder. Tinha um nó na garganta.

- Quero que me traduzas as suas palavras.

Como não respondi, Curtiss, tendo-se apercebido de que já eram quase duas horas da madrugada e, interpretando o meu silêncio como um lógico sintoma de cansaço pediu-me que entrasse e ofereceu-me um copo de café. Com rapidez, Pegou no termo que o meu companheiro trazia. Mas não era a sede ou o esgotamento o que me paralisava. O meu irmão apercebeu-se logo do delicado momento que eu atravessava e, com reflexos invejáveis, tomou a iniciativa.

Com o pretexto de estirar as pernas doridas, apoiou-se no

meu ombro direito, batendo com o joelho no fumegante café. O café caiu sobre a minha perna e a dor fez-me reagir. O pequeno e intencional incidente devolveu-me à realidade. Preparei uma nova dose de café e, mais calmo, disse-lhe que já estava preparado.

Contudo, antes de ligar o gravador fiz-lhe um resumo de alguns dos acontecimentos anteriores aos diálogos que nos preparávamos para ouvir e que, do meu ponto de vista, eram fundamentais para uma melhor compreensão do que acontecera naquela noite no andar superior da casa dos Marcos.

** A fim de refrescar a memória do leitor – apesar destes acontecimentos a que o Major se refere terem sido narrados pormenorizadamente no primeiro volume desta obra, considerei oportuno recordá-los neste momento.*

Uma vez terminada a última ceia, a narração do Major transcorria nos seguintes termos: «Os onze, pelo menos naqueles instantes, estavam muito menos tensos que durante a manhã. Despediram-se da família e eu acompanhei-os de regresso ao acampamento de Getsémani.

Enquanto atravessávamos as ruas solitárias do Bairro Baixo, em direcção à Porta da Fonte, no extremo sul de Jerusalém.

Consegui que André se separasse do grupo. E, um pouco para trás, interessei-me pela forma como correra a ceia. O chefe dos apóstolos começou a dizer-me que, tanto ele como os seus companheiros, estavam intrigados com o repentino desaparecimento de Judas e muito especialmente, pelo facto de não ter voltado ao cenáculo. "De começo, quando o vimos sair, todos pensámos que vinha ao andar de baixo, talvez à procura de algum dos víveres para a ceia. Outros acreditaram que o Mestre lhe confiara algum encargo».

«Os pensamentos dos discípulos eram correctos, já que ninguém dispunha de verdadeira informação sobre a conjura.

Por outro lado, com excepção de David Zebedeu – que não participara no convite pascal – nem André nem os restantes sabiam ainda que o Iscariotes deixara de ser o administrador e que o dinheiro comum estava desde essa tarde em poder do chefe dos emissários».

«E André continuou com a sua narrativa, destacando um facto que se dera logo à entrada no andar de cima da casa dos Marcos, e que – do meu ponto de vista – esclarecia perfeitamente a razão por que o Nazareno se decidiu a lavar os pés dos discípulos. Os evangelistas tinham dado uma versão correcta: Jesus levou a cabo aquele gesto, manifestando a muito honrosa virtude da humildade. No entanto, qual fora a "chispa" ou a causa final que obrigou o Mestre a proceder à lavagem dos pés? Será que tudo aquilo era devido a uma pura e simples iniciativa de Jesus? Talvez sim e talvez não. Ao visitar a sala onde ia celebrar-se a ceia pascal, eu tinha reparado nos lavatórios, jarros e toalhas, colocados para as abluções obrigatórias de pés e de mãos.

O costume judaico exigia que, antes de se sentar à mesa, o convidado devia ser lavado pelos servos ou pelos próprios anfitriões. Aquela, repito, era a tradição. No entanto, as ordens do Mestre tinham sido terminantes: não haveria criadagem no andar de cima. E a prova é que – segundo pude comprovar – os gémeos desceram a dada altura para virem buscar o cordeiro assado. Pois bem, aí surgiu a discussão entre os doze.

«- Quando entrámos no cenáculo – continuou André -, todos reparámos que estavam ali os jarros e a água para a lavagem dos pés e das mãos. Mas, se o Rabi ordenara que não haveria criadagem na sala, quem se encarregaria da lavagem obrigatória? Tenho de te confessar humildemente que, tanto eu como os restantes, tivemos os mesmos pensamentos. Para já eu não cairia tão baixo que me prestasse a lavar os pés dos outros. Essa era uma missão da criadagem.

"E, todos em silêncio, dissimulámos, evitando qualquer comentário sobre a questão da lavagem. "O ambiente começou a ficar perigosamente pesado e, para cúmulo, o aborrecido assunto da limpeza pessoal viu-se envenenado por outro facto que nos fez irritar, originando uma azeda discussão.

O Mestre tardava em subir e, entretanto, cada um de nós dedicou-se a examinar os divãs. Saltava à vista que o lugar de honra correspondia ao divã mais alto – o colocado ao centro – e novamente caímos na tentação: quem ocuparia os lugares próximos de Jesus? Suponho que quase todos voltámos a pensar o mesmo: «Será o Mestre a escolher os discípulos predilectos»

E nestes pensamentos estávamos quando, inesperadamente, Judas se dirigiu para o assento colocado à esquerda do que fora reservado para o Rabi, manifestando a sua intenção de nele se sentar como convidado preferido. Esta atitude do Iscariotes revoltou-nos a todos, originando-se uma desagradável discussão».

Conforme fui avançando na minha exposição, o rosto do general foi reflectindo a sua surpresa. De certo modo, a situação era absurda. O respponsável máximo do Cavalo de Tróia

- embora eu reconheça que havia razões de sobra para isso – não conhecia ainda muitos dos pormenores da nossa primeira missão nem as circunstâncias que rodearam os onze.

«Mas Judas instalara-se já no divã e João, num dos seus impulsos, fez o mesmo, apoderando-se do lugar da direita».

"Como poderás imaginar, a irritação foi geral. Porém, as ameaças e os protestos de nada serviram. Judas e João não estavam dispostos a ceder. Talvez o mais aborrecido fosse meu irmão Simão. Sentia-se ferido e prejudicado pelo que chamou orgulho indecente dos seus companheiros. E, visivelmente zangado, deu uma volta à mesa, escolhendo

então o último lugar. Justamente no divã mais baixo. A partir desse momento, os restantes foram-se instalando onde podiam. Sabes que Pedro é bom e ama intensamente o Mestre, mas. Naquela altura, a sua fraqueza foi grande. Conheço meu irmão e sei porque fez aquilo.

Perdido pelos ciúmes e pelo desgosto, - animei-o a que fosse sincero comigo.

- Porque. - André precisava de o contar a alguém e desabafou:

«A impertinente iniciativa de Judas e de João, Simão não hesitou em se sentar no último lugar da mesa com uma secreta esperança: que, quando entrasse o Mestre, lhe pedisse publicamente que deixasse aquele divã e fossse para o lugar de Judas ou, até mesmo, do jovem João. Desta forma, ocupando um lugar de honra, seria honrado e deixaria mal os seus orgulhosos companheiros. A, ainda nos encontrávamos em plena batalha dialéctica, recriminando-nos mutuamente pelo sucedido, Quando o Rabi apareceu na abertura da porta.

Vimo-Lo e, bruscamente Jesus permaneceu uns instantes no umbral. O seu rosto fora ficando paulatinamente sério.

Evidentemente, tinha compreendido a situação. Mas, sem fazer comentário algum, dirigiu-se para o seu lugar, ante o olhar desolado de meu irmão Pedro.

Foram minutos difíceis. No entanto, Jesus foi recuperando a habitual e característica doçura e todos nos sentimos um pouco mais calmos. As conversas voltaram a surgir, ainda que alguns dos meus companheiros continuassem empenhados em se atacar por causa do incidente da escolha dos divãs. Bem como da aparente falta de consideração da família Marcos, ao não ter previsto um ou vários servos para a lavagem dos pés Jesus desviou então o seu olhar para os lavatórios.

Verificando que, efectivamente, não tinham sido utilizados.

Mas também nada disse.

Tadeu começou a servir a primeira taça de vinho. Enquanto o Rabi escutava e observava em silêncio. Como sabes. Uma vez bebida esta primeira taça, a tradição estabelece que os hóspedes devem levantar-se e lavar as mãos. Nós sabíamos que o Mestre não apreciava muito estes formalismos e aguardámos em expectativa».

«Ante a surpresa geral, o Rabi levantou-se, caminhando silenciosamente para os jarros de água. Encarámo-nos, surpreendidos. E, sem uma palavra, despiu a túnica, cingindo um dos panos em volta da cintura. Depois, pegando na bacia e na água, deu uma volta completa à mesa, chegando até ao lugar menos honroso: o que meu irmão ocupava, Ajoelhando-se.

Com grande humildade e submissão. Dispós-se a lavar os pés de Pedro. Ao vê-lo, nós os doze levantámo-nos como um só homem. Do espanto, passámos à vergonha. Jesus tomara a si o trabalho de um qualquer criado, recriminando-nos assim pela nossa falta de consideração e de caridade. Judas e João baixaram os olhos, aparentemente mais feridos que os restantes».

- Judas também – interrompi-o. Com alguma incredulidade.

André deteve os seus passos e, olhando-me fixamente, perguntou, por sua vez:

- Jasão, tu sabes alguma coisa. Que se passa com Judas?

Encolhi os ombros. Procurando esquivar-me. Mas o chefe dos apóstolos insistiu e – dada a iminência da prisão – expus-lhe que, efectivamente, também eu duvidava da lealdade do Iscariotes.

** últimos dias da vida de Cristo. Daí que lhe causassem uma grande comoção, por exemplo, o incidente dos divãs e a negativa dos apóstolos em lavarem os pés e as mãos. Nenhum dos evangelistas – como apontou acertadamente –*

tinha feito referência a esses factos. Criando assim uma imperdoável lacuna informativa que deixava incompleta a realidade histórica. A cena da lavagem dos pés aparece nos Evangelhos Canónicos como uma simples iniciativa do Galileu, desligada de qualquer outro acontecimento anterior. No entanto, basta reler os textos que os cristãos consideram sagrados para ver que o Mestre não gostava muito de iniciativas gratuitas. Todos os seus actos e palavras tiveram sempre uma razão de ser.

Contudo, como já contei e continuarei a revelar nas próximas páginas, estes não foram os únicos acontecimentos escamoteados - consciente ou inconscientemente por estes evangelistas. O microfone, dissimulado na base do candeeiro que iluminara a mesa em forma de U da última ceia, tinha respondido perfeitamente. O som foi captado cinco por cinco nos instrumentos do módulo. No meio de um solene silêncio, Curtiss ligou o gravador. E o meu coração voou para a tão histórica noite.

Prosseguimos. E ao atravessarmos o Cédron. O meu companheiro saiu do seu mutismo. Supliquei-lhe que continuasse a sua narrativa e André acabou por aceitar.

- Quando Simão viu Jesus ajoelhado na sua frente. O seu coração inflamou-se de novo e protestou energicamente. Como te disse, meu irmão ama o Mestre acima de tudo e de todos.

Suponho que ao vê-lo assim, como um criado insignificante e disposto a fazer o que nem ele nem nós tínhamos aceitado, compreendeu o seu erro e quis dissuadir o Mestre. Porém. A decisão do Rabi era irrevogável e Pedro consentiu. Um a um, como te dizia, Jesus foi-nos lavando os pés. Depois das palavras de Pedro, nenhum se atreveu a protestar. Num silêncio dramático, o Mestre foi rodeando a mesa até chegar ao último dos convidados.

"Depois vestiu a túnica e voltou ao seu lugar.

- - João e Judas continuavam à direita e à esquerda do Mestre, respectivamente?

- Sim. Ninguém saiu dos seus lugares, com excepção de Judas, que saiu da sala pouco antes de ter sido servida a terceira taça: das bênçãos. A proximidade do acampamento obrigou-me a suspender aquela esclarecedora narrativa. No entanto. Na minha mente ainda se acumulavam muitas interrogações. Como fora a revelação de Jesus a João sobre a identidade do traidor? Como era possível que os outros apóstolos não o tivessem ouvido – Não havia dúvidas de que assim era, - já que nenhum estava a par dos actos do Iscariotes. Só havia suspeitas (N. De J. J. Benítes)

** Este sofisticado microfone, com pouco mais de dez gramas de peso. Media vinte milímetros de comprimento, doze de largura e seis de espessura. Com uma antena de vinte e cinco centímetros de comprimento e um fio de dois milímetros de diâmetro. (A pequena antena, do mesmo modo que o emissor multidireccional, tinha sido perfeitamente camuflada entre as franjas que pendiam do candeeiro)*

Os especialistas de Cavalo de Tróia tinham feito um excelente trabalho ao incorporar no microemissor um conversor A/D (analógico-digital) miniaturizado, que eliminava qualquer ruído estranho, Dado que o som devia atravessar várias paredes antes de se propagar até ao cimo do monte das Oliveiras, dividindo assim por dois o alcance máximo (calculado em cerca de dois quilómetros). a transmissão tinha sido apoiada por um telemicrofone. De tipo unidireccional, montado sobre o berço, e a que apontava directamente para o andar superior da casa de Elias Marcos.

Esta espécie de teleobjectiva sonora – sincronizada na mesma frequência do microfone multidireccional (130 Mhz) – actuava como um zoom, apanhando e facilitando o transporte do som emitido pelo microfone espião. Um receptor Sone, excepcionalmente sensível, alimentado pela pilha SAP-IOA, fazia o resto. (N. do n)

A extrema sensibilidade do microfone tinha registado até o ranger da porta de dupla folha, empurrada pelos companheiros de Jesus quando entraram no aposento, decididos a participarem na ceia.

- O Mestre – fui comentando, enquanto ouvíamos uma série de passos e alguns murmúrios – encontrava-se no andar de baixo a conversar com a família de Elias Marcos.

As vozes – todas num claro aramaico ocidental ou galileu (a língua falada por Jesus – foram-se tornando mais fortes e nítidas, à medida que os doze começaram a distribuir-se em torno do U. Durante quatro ou cinco minutos tudo correu normalmente. Mas, de repente fez-se um brusco silêncio.

Segundos mais tarde, o sinal elevou-se consideravelmente. Numa confusa miscelânea, foram surgindo ameaças protestos e até maldições. Os discípulos, encolerizados, recriminavam Judas por se ter colocado no divã situado à esquerda do lugar de honra. A algazarra aumentou ainda mais quando – a julgar pelos comentários – João Zebedeu fez o mesmo, acomodando-se no divã da direita. A voz de Simão Pedro, mais exaltado do que os outros, distinguia-se facilmente. Mas, também de repente, a voz rouca e poderosa do fogoso Pedro deixou de se ouvir. E entre as acaloradas acusações ouvimos uns passos que, precipitadamente, se afastavam da curvatura da mesa.

- Esse é Pedro – intervim, interrompendo a gravação. - Anda à procura do divã mais baixo e afastado, como me explicou o seu irmão.

- Qual foi a distribuição final em torno da mesa? - perguntou o general.

- Segundo o meu informador, Judas Iscariotes e João ficaram à esquerda e à direita do Mestre respectivamente. Este, como sabes, ocupava o divã de honra, no centro do U. Os outros dispuseram-se na seguinte ordem: Simão, o Zelota, Mateus, Tiago Zebedeu e André, a seguir a Judas. À direita de João, os gémeos Alfeu, Filipe, Bartolomeu, Tomé e Simão Pedro, nesta ponta do U.

Ao ligar o microfone, e durante cinco ou seis minutos, sucederam-se, num tom mais do que vergonhoso, as violentas recriminações mútuas dos discípulos. Provavelmente, anos mais tarde, quando alguns daqueles apóstolos e seguidores do Nazareno decidiram escrever a vida e a mensagem do

Filho do Homem tiveram o máximo cuidado em esquecer um incidente que, embora humano, punha em causa a dignidade do recém-nascido no colégio apostólico.

Subitamente, os doze guardaram silêncio. As gravações do módulo tinham captado o leve ranger de uma porta.

- Aí está Jesus. - exclamei, imaginando o Mestre no umbral do cenáculo.

Cinco segundos depois, sonoros no meio de um denso silêncio, ouviam-se os passos do Gigante em direcção ao centro da mesa.

Um minuto, Dois, O silêncio era geral, apenas interrompido por um ou outro embaraçoso pigarro. Pouco a pouco, as vozes foram surgindo na sala, um pouco mais descontraídas e cordiais. Jesus de Nazaré continuava calado, provavelmente observando os seus amigos. E, por fim, como se não tivesse acontecido nada, a sua voz soou doce e conciliadora, enchendo-nos a todos de uma indescritível emoção:

- Desejei ardentemente – fui traduzindo com um fio de voz – comer esta ceia da Páscoa convosco. Queria fazê-lo mais uma vez antes de sofrer. Chegou a minha hora e, quanto ao amanhã, estamos todos nas mãos do Pai, cuja vontade vim cumprir. Não voltarei a comer convosco até que vos senteis comigo no reino que o meu Pai me entregará quando tiver terminado aquilo para que me enviou a este mundo.

O Mestre calou-se e as conversas recomeçaram. Mas nenhum dos comensais fez referência às proféticas palavras do Rabi.

Pelo contrário, vários dos discípulos retomaram a áspera polémica dos divãs, criticando igualmente a família Marcos por não ter designado um ou dois criados que tivessem evitado o tema desagradável das abluções.

Por um momento imaginei o rosto grave e talvez desiludido do Galileu, atento à polémica. Como André me advertira, os

seus olhos procuravam as jarras destinadas às abluções, verificando que, de facto, não tinham sido usadas.

O ardor da discussão foi decaindo, sendo substituído pelo inconfundível som do vinho ao ser servido nos recipientes de vidro. Era o ritual da primeira taça. Dois minutos depois, cumprida a cerimónia da mistura da água e do vinho, Tadeu voltou para o lugar dele e a voz de Jesus de Nazaré – mais severa do que da vez anterior – encheu novamente o recinto.

Depois de dar graças, exclamou:

- Tomai esta taça e dividi-a entre vós. E quando a tiverdes compartilhado, pensai que já não beberei convosco o fruto da videira. Esta é a nossa última ceia

Eliseu, Curtiss e eu captámos uma sombra de tristeza naquela breve pausa.

- Quando nos sentarmos outra vez – concluiu o Mestre – será no reino que está para vir.

Um novo silêncio caiu sobre a sala. Como já referi, a tradição judaica estabelecia que, uma vez bebida esta primeira taça, os comensais deviam levantar-se, para procederem ao formalismo das abluções. Mas, tal como dissera o chefe dos apóstolos, a gravação sonora não detectou qualquer movimento entre os doze. Melhor dizendo, apenas registou o roçar das vestes de um homem que se levanta do seu assento e uns passos - os do Nazareno – contornando o U em direcção às bacias.

Logo a seguír, vindo daquele canto do aposento, ouvimos o barulho de um líquido – a água de um dos jarros – a ser vertido numa vasilha larga e metálica. Depois, mais três ou quatro passos, o golpe seco de uma bacia a ser colocada no chão e outro impacte – de natureza desconhecida sobre o soalho do aposento.

(Possivelmente o ruído produzido pelo Galileu ao deixar-se cair de joelhos no soalho) Apenas dois segundos depois, o

microfone fazia-nos chegar uma mistura confusa e enorme de sons: taças depositadas na mesa, algumas exclamações de surpresa e corpos que se levantavam precipitadamente. Eram os doze a levantarem-se dos seus bancos, aturdidos ao descobrir as intenções do Mestre. E, durante vários e prolongados minutos, silêncio. Um total e eloquente silêncio. Ninguém parecia disposto a reconhecer a infantil e estúpida atitude geral. O final daquele dramático vazio deveu-se a Pedro. Com voz trémula e insegura, perguntou:

- Mestre, vais realmente lavar-me os pés? Jesus deve ter levantado o rosto para o impetuoso e desiludido pescador, porque, logo a seguir, ouvi-mo-lo a dizer:

- Talvez não compreendais o que me disponho a fazer. Mas, de agora em diante, conhecereis o sentido de todas estas coisas Um suspiro profundo saiu da garganta de Pedro.

- não me lavarás os pés! - Mestre – ouvi-mo-lo de novo a andar.

Um tímido cicio acompanhou esta imperativa resolução do discípulo. Era claro que os onze concordavam com as palavras do companheiro, rejeitando o que qualificavam de penosa humilhação. Como desejei ter presenciado aquela cena e, sobretudo, ter perscrutado o rosto do Iscariotes! Realmente, ele partilharia aquele sentimento?

- Pedro – ripostou Jesus, num tom que não deixava lugar a dúvidas -, em verdade te digo que, se não te lavár os pés, não tomarás parte comigo no que estou a ponto de levar a cabo.

Silêncio. Quinze, vinte, trinta segundos de angustiante silêncio. Não era difícil imaginar o olhar atónito de Simão.

E, finalmente, outra das típicas explosões do bom galileu:

- Então, Mestre, não me laves só os pés. Também as mãos e a cabeça!

Ninguém na sala parecia respirar. Só o barulho da água

revelava que o Rabi tinha iniciado a lavagem.

- Aquele que já está limpo – interveio de novo o Mestre – só precisa de que lhe lavem os pés. Vós, que vos sentais comigo esta noite, estais limpos.

Seguiu-se uma pausa.

- Embora nem todos.

Apurámos o ouvido, tentando captar alguma pergunta relacionada com esta observação de Cristo. Mas talvez aqueles homens não soubessem dar valor à velada acusação do Rabi.

E a voz de Jesus, entremeada com o ruído da água, continuou assim:

- Deveríeis ter lavado o pó dos vossos pés antes de vos sentardes para tomar o alimento comigo. Além disso, quero fazer este serviço para ilustrar um novo mandamento que vos vou dar.

Não houve mais comentários, Durante o tempo que o Galileu permaneceu a lavar os pés dos seus amigos mais íntimos – trinta e seis minutos ao todo -, só os seus passos, o sucessivo ajoelhar-se em volta da mesa em qUe o ruído das mãos na água da bacia foram os únicos registos gravados no módulo.

Concluída a operação, Jesus de Nazaré voltou para o seu divã. O ranger da madeira sob os seus pés foi desta vez, mais lento e suave. Como se as abluções o tivessem acalmado.

Pouco depois, a sua potente voz soou clara e cálida:

- Compreendeis o que vos fiz?

Silêncio. - acrescentou em tom condescendente

- Chamais-me «rabi». dizeis bem pois o sou. Então, se o Mestre vos lavou os pés porque vos negais a lavar-vos uns aos outros? Que lição deveis aprender desta atitude? Que o

mestre vos fez com tanto prazer um serviço que vós vos negastes a fazer mutuamente. Em verdade, em verdade vos digoque o servo não é maior do que o seu senhor. Nem é o enviado maior do que aquele que o enviou. Vistes qual tem sido a forma do meu serviço em vida. Bendito seja quem tiver a graciosa valentia de fazer outru tanto.

Mas, porque sois tão lentos a aprender que o segredo da grandeza no reino do espírito nada tem a ver com os métodos do mundo material? Quando cheguei a esta sala, não só vos recusáveis a lavar os pés uns aos outros, como também, além disso, discutíeis sobre quem deve ocupar os lugares de honra em torno da mesa.

Essas honras são os fariseus, e as crianças, que as buscam. Mas não será assim entre os mensageiros do reino celestial. Será que não sabeis que não pode haver lugar de preferência na minha mesa? Não compreendeis que vos amo a cada um de vós como aos outros? O lugar mais próximo de mim pode não significar nada em relação ao vosso lugar no reino dos céus.

Não ignorais que os reis dos gentios têm poder e majestade sobre os súbditos e que até são chamados benfeitores. No reino dos céus não será assim. Se algum de vós quiser ter a preferência, que saiba renunciar ao privilégio da idade. E se outro deseja ser chefe, que se torne servidor.

Quem é maior: o que se senta a comer ou o que serve? Não é o primeiro que é considerado o mais importante? Mas, no entanto, vede que eu estou entre vós como aquele que serve.

Em verdade, em verdade vos digo que se agirdes assim, fazendo comigo a vontade do Meu Pai, então, sim, tereis um lugar ao Meu lado, no poder.

Quando Jesus acabou, parei o gravador, alertando o absorto general para as cenas que iríamos ouvir e que dão uma nova luz às confusas explicações dos evangelistas acerca de Judas e da sua traição.

Perto das oito horas daquela noite de quinta-feira, 6 de Abril do ano 30 da nossa Era – uma hora, mais ou menos, depois do início da histórica última ceia – os sensíveis receptores instalados no berço registaram uma série de passos e o agudo lamento dos gonzos da porta a abrir-se.

Aqueles sons correspondiam à primeira saída dos discípulos do cenáculo. Eram os gémeos, Tiago e Judas de Alfeu, que iam ao andar de baixo buscar parte da ceia. Lembro-me muito bem dos seus rostos, extraordinariamente tristes.

O regresso à sala foi marcado por um segundo ranger da porta por mais passos sobre o soalho, pelo bater de pratos e pelo alegre ruído da água e do vinho a serem, aqui e ali, novamente servidos.

Durante breves minutos, Curtiss assistiu – entre o divertido e o escandalizado – a uma inconfundível «sinfonia de sons».

Aqueles homens rudes não se distinguiam, precisamente, pela sua delicadeza ao comer ou beber.

Era evidente que os apóstolos tinham fome. Durante cinco ou dez minutos, ninguém fez o menor comentário. Mas, pouco a pouco no meio do segundo prato, começaram a surgir algumas graças acerca do cordeiro assado.

O Galileu, recuperando o seu característico e habitual bom humor, interveio também, fazendo um caloroso elogio da jarôset: uma geleia à base de vinho, vinagre e frutas esmagadas feita pela mãe do pequeno João Marcos e cuja finalidade era aliviar o forte sabor das obrigatórias ervas amargas. Assim, a conversa foi-se tornando, progressivamente, mais alegre e intranscendente. Como se nada tivesse acontecido. Mas o Mestre tinha ainda muitas coisas para dizer. E a sua voz voltou a soar, cinco por cinco, anunciando, pública e oficialmente, a traição do Iscariotes:

- Já vos disse quanto desejava celebrar esta ceia convosco...

Jesus de Nazaré parecia perturbado.

- ... E sabendo de que forma as forças demoníacas das trevas conspiraram para levar à morte o Filho do Homem, tomei a decisão de cear convosco, nesta sala secreta e um dia antes da Páscoa...

Os discípulos, a julgar pelos estalidos esporádicos das suas línguas, pelo barulho dos ossos ao serem atirados para os pratos e por um ou outro generoso arroto, continuavam a comer, mais atentos, ao que parecia, aos deliciosos manjares do que às frases proféticas do Rabi.

- ... dado que amanhã, a esta mesma hora, já não estarei convosco.

O dramático anúncio de Cristo deve ter sido captado por alguns apóstolos porque, de repente, a movimentação da ceia diminuiu. E o silêncio tornou-se mais intenso.

- ... Disse-vos repetidas vezes – continuou o Nazareno – que tenho de voltar para o Pai. Agora é chegada a minha hora, embora não fosse necessário que um de vós me traísse, entregando-me aos meus inimigos.

Depois destas palavras a ausência de sons foi tal que Curtiss quase chegou a perguntar se tinha havido alguma falha na transmissão. Neguei com a cabeça. Pela primeira vez, os amigos do Galileu – alertados pelo próprio Rabi – começavam a tomar consciência da existência de um renegado no seio do grupo. Aquilo foi tão grave e inesperado que precisaram de vários minutos para reagir. Por fim, um após outro, timidamente, fizeram a mesma pergunta:

- Serei eu?

Intencionalmente, a fim de que o general reparasse no que estava prestes a acontecer, fui contando e identificando a origem das sucessivas perguntas. Ao chegar ao décimo primeiro "serei eu?" - todos sem resposta por parte do Nazareno – parei o gravador.

- Terás notado – disse-lhe eu – que Judas foi o único que não perguntou. ...

- óbvio – retorquiu Curtiss. - O Iscariotes, embora traidor, não era néscio.

- Pois observa o que vem a seguir...

Liguei o gravador e, depois do referido décimo primeiro "serei eu?", surgiu a voz de Cristo, repetindo parte do que já expusera antes:

- É preciso que Eu vá ao Pai. Mas, para cumprir a Sua vontade, não era preciso que um de vós se convertesse em traidor. Isto é fruto da maldade de um que não conseguiu amar a Verdade... Que falso é o orgulho que precede a queda espiritual! Um velho amigo, que até agora, come o meu pão, está desejoso de me trair. Até mesmo agora – reiterou o Galileu, dando uma ênfase especial às suas palavras – que mete a sua mão no prato juntamente com a minha...

A esta nova alocução seguiram-se murmúrios e um ou outro repetitivo "serei eu?". Mas o Mestre não respondeu. Os comentários entre os discípulos generalizaram-se e foiesta, com quase toda a certeza, a razão de nenhum dos onze ter prestado atenção a um imediato e lacónico diálogo entre o Iscariotes e Jesus. - No meio daquele marasmo de opiniões, Judas – reclinado à esquerda do Mestre – perguntou, por sua vez, ainda que num tom dificilmente perceptível pelos outros:

- Serei eu?

A meu pedido, durante as horas que antecederam a descolagem do módulo e em que tive a oportunidade de ouvir esta gravação pela primeira vez, Eliseu tinha neutralizado o ruído de fundo, amplificando até ao máximo aquele breve diálogo e os poucos sons que pareciam vir do centro da curvatura do U. Graças a este milagre da técnica foi possível reconstituir um pormenor que, como já disse, não aparece de todo claro na exposição dos evangelistas.

Uma vez feita a pergunta de Judas, o Rabi mergulhou um pedaço de pão no prato de ervas que tinha à sua frente, oferecendo-o ao traidor. Segundos depois de perceber o ranger do pão a partir-se no fundo de madeira do prato Jesus – também a meia voz – respondeu com o seu fatídico... "Tu o disseste!" Não houve silêncio ou qualquer sintoma que, depois da curta conversa entre o Iscariotes e o Rabi, revelassem que os outros onze tinham ouvido a confirmação definitiva da traição.

Normalizada a gravação, esta apenas ofereceu uma continuação dos atropelados e confusos comentários dos apóstolos,-discutindo acaloradamente acerca da identidade do hipotético renegado. É mais do que lógico que bastava que um dos que se sentavam mais perto do Galileu o tivesse ouvido, para que a polémica morresse logo.

A prova disso é que, pouco depois, João Zebedeu – reclinado à direita do Mestre, e num nível de audição sumamente baixo, como se a pergunta tivesse sido feita quase ao ouvido (o próprio João, ao referir-se a este episódio, especifica que (se inclinou sobre o peito de Jesus) – lhe perguntaria:

- Quem é?... Devemos saber quem é infiel à sua crença.

E o Rabi – num tom igualmente confidencial – respondeu:

- Já vo-lo disse: aquele a quem dou pão molhado...

Não houve resposta de João. O costume do anfitrião ou do convidado de honra oferecer pão embebido num molho era tão comum naquelas celebrações que, muito provavelmente, nenhum dos onze – no caso de o ter visto – deve ter dado muita importância a este gesto tão específico.

Naqueles momentos que antecederam a segunda exploração duvidámos até que João, tão próximo da cena em questão, tenha captado o sinal de Jesus. (Este era outro dos muitos pontos a esclarecer no iminente regresso ao ano 30.) Jesus de Nazaré permaneceu calado. Na sala continuava a

batalha dialéctica. E, inesperadamente, de uma das pontas da mesa, uma excitada e inconfundível voz eclipsou as restantes. Era Simão Pedro.

- Pergunta-lhe quem é!... Ou, se já te disse, diz-me quem é o traidor.

Pela direcção do som parecia provável que a sugestão do nervoso galileu se tinha dirigido a João. No entanto, este não teve a oportunidade de satisfazer a curiosidade de Pedro.

(Supondo, é claro, que o soubesse naquele momento.) Os cochichos e as hipóteses peregrinas dos apóstolos foram interrompidos de repente por Jesus.

- Entristece-me – disse-lhes ele – que este mal tenha chegado a prosperar. Esperava, mesmo até esta hora, que o poder da Verdade triunfasse sobre as perversidades do mal.

Mas estas vitórias não se ganham sem fé e sincero amor pela Verdade. Não vos diria isto na nossa última ceia, se não desejasse avisar-vos e preparar-vos acerca do que está agora sobre nós...

Apesar da nitidez das suas palavras, Curtiss, Eliseu e eu estivemos de acordo numa coisa: aqueles onze rudes judeus não pareciam compreender o verdadeiro alcance daquelas revelações.

Como já narrei anteriormente, os acontecimentos ocorridos nas horas que se seguiram ao convite dar-nos-iam a razão.

- Falei-vos disto porque desejo que recordeis, depois da minha partida, que eu sabia de todas estas malvadas conspirações e que vos avisei da traição. E faço-o para que possais ser mais fortes face às tentações e julgamentos que temos justamente pela frente.

Concluídas estas advertências, o Nazareno, num tom imperativo e suficientemente alto para que todos pudessem ouvi-lo, dirigiu-se a Judas, comunicando-lhe:

- O que decidiste fazer... fá-lo depressa.

Eram nove horas da noite. O Iscariotes não abriu a boca.

Levantou-se do assento e o ranger precipitado da madeira sob as suas sandálias de couro revelou-nos que se dirigia para a porta e para o inevitável...

Nessa altura, João Zebedeu tinha razão. Nenhum dos presentes - nem mesmo o próprio evangelista – entendeu o sentido real da ordem de Jesus. Entre outras razões porque, como expliquei em páginas anteriores, supunham que Judas continuava como administrador do grupo. (O Iscariotes, como se sabe, havia horas que transferira a bolsa comum a David Zebedeu, o chefe dos emissários:) Todos acreditaram que a ordem do Mestre – o que decidiste fazer... fá-lo depressa – tinha alguma relação com a sua tarefa diária como "pagador" ou "tesoureiro".

Quando Judas Iscariotes abandonou a sala, Curtiss fez um comentário interessante. Uma observação que provocou rios de tinta e grandes polémicas. Ao longo da História:

- Então é verdade que o traidor não chegou a comungar...

A minha resposta – um imediato e irónico sorriso – deixou-o perplexo.

- Não te compreendo – acrescentou num tom de lógica censura.

- Vais compreender já – retorqui. - Prepara-te para ouvir uma coisa que nada tem a ver com o que escreveram três dos quatro evangelistas e, muitíssimo menos, com a posterior interpretação das Igrejas...

- Queres dizer que não houve instituição da Eucaristia? Neguei-me a responder. Liguei de novo a gravação, convidando-o a que prestasse toda a sua atenção.

Como eu dizia, os discípulos não deram muita importância à saída precipitada do Iscariotes. Mais ainda, a discussão sobre a identidade do traidor prolongar-se-ia durante mais

alguns minutos. É quase certo que Jesus deve ter feito algum sinal, porque, de repente, a polémica cessou.

Ouviram-se uns passos que se aproximavam do divã do Rabi e, logo a seguir o ruído da água e do vinho – em partes iguais – a serem deitados na taça do Mestre. O discípulo encarregado desta cerimónia – conhecida como a terceira taça ou taça da bênção – voltou para o seu lugar: O Galileu pôs-se de pé e todos fizeram imediatamente a mesma coisa.

Depois de uma breve pausa – possivelmente, de acordo com a tradição e com o seu próprio costume, Jesus abençoou a taça -, a sua voz encheu de novo o silêncio de Massada: - Tomai esta taça e bebei todos dela... Esta será a taça da minha recordação. Esta é a taça da bênção de um novo desígnio divino de graça e verdade. Este será o símbolo da outorga e do ministério do divino Espírito da Verdade.

Da solenidade, o Rabi passou à tristeza.

- ... Já não beberei convosco até que o faça numa nova forma no reino eterno do meu Pai.

Os apóstolos pareciam constrangidos. Assim que acabaram de beber, a taça de vidro foi colocada sobre a mesa. Nesse instante, o suave roçar das vestes de Jesus revelou que Ele se inclinava para a mesa em U. Pegou em qualquer coisa e, depois de dar graças, ouviu-se o som do pão a ser partido. O microfone multidireccional captaria igualmente um movimento generalizado. Como se os discípulos distribuíssem os pedaços entre si.

- Tomai este pão e comei-o – disse-lhes o Mestre. - Afirmei-vos que sou o pão da vida, que é a vida unificada do Pai e do Filho num só dom. A palavra do Pai, tal como foi revelada pelo Filho, é realmente o pão da vida.

Quando acabaram de comer reclinaram-se nos divãs, e fez-se de novo o silêncio. Parecia que o Galileu – não sei se os seus homens também – tinha entrado numa profunda reflexão.

Estive a ponto de intervir. Ardia em desejos de comentar aquelas últimas frases sobre o vinho e o pão, tão diferentes das que figuram nos escritos de Mateus, Marcos e Lucas. Mas, suponho que com um bom critério, deixei isso para o fim da gravação.

No fim, Jesus rompeu o seu silêncio:

- Quando fizerdes estas coisas, recordai a vida que vivi na Terra e regozijai-vos porque continuarei a viver convosco. Não luteis por averiguar quem é o maior entre vós. Sede como irmãos. E quando o reino crescer até alcançar numerosos grupos de crentes, não luteis também por essa grandeza ou para procurar subir nesses grupos.

E todas as vezes que fizerdes isto, fazei-o em memória de mim. E quando me recordardes, primeiro olhai para trás: a minha vida na carne. E recordai que uma vez estive convosco. Então, pela fé, percebei que todos ceareis alguma vez, comigo, no reino eterno do Pai. Esta é a nova Páscoa que vos deixo: a palavra da verdade eterna, o meu amor por vós e o derramamento do Espírito sobre a carne...

A um sinal do Mestre, os onze levantaram-se e entoaram o Salmo 118: K – Aleluia! "Dai graças a Javé, porque é bom, porque é eterno o seu amor...!

A voz de Cristo, vigorosa e contida – inveja de qualquer bom barítono – impôs-se desde o princípio, eclipsando e conduzindo as dos seus homens. ... "Javé está comigo, não tenho medo, que pode fazer-me o homem?..."

Senti um novo arrepio. Até as estrofes pareciam especialmente escolhidas para aquele momento...

"... A pedra que os construtores rejeitaram, em pedra angular se converteu, esta foi a obra de Javé... "

Terminado o cântico, alguns discípulos comentaram a necessidade de voltar a Getsémani. A cena terminara e, obviamente, fazia-se tarde.

Mas Jesus disse-lhes que se sentassem.

- Recordais bem quando vos enviei sem bolsa nem bagagem e até vos avisei que não levásseis roupa de muda...

Os apóstolos, com monossílabos, responderam afirmativamente.

- ... Todos recordareis que nada vos faltou. No entanto, agora os tempos são difíceis. Já não podeis depender da boa vontade das multidões. Portanto, doravante, aquele que tiver bolsa, que a leve. Quando sairdes para o mundo a proclamar este evangelho, fazei provisão para o vosso sustento, como melhor vos parecer. Eu vim trazer a paz, mas, por algum tempo, esta não aparecerá.

Chegou o tempo em que o Filho do Homem será glorificado e o Pai, nEle...

A sua voz ficou de novo alquebrada.

- ... Meus amigos, vou estar convosco só mais um pouco. Em breve me buscareis, mas não me encontrareis, pois vou para um lugar para onde, desta vez, não podeis vir. Quando tiverdes terminado o vosso trabalho na Terra, como eu concluí o meu, então vireis até mim da mesma forma que eu me preparo agora para ir até ao Pai.

Os comentários em voz baixa de vários discípulos evidenciavam que não acabavam de entender o mestre. Mas Jesus, como se não os tivesse ouvido, continuou:

- Dentro de muito pouco tempo vou deixar-vos... Já não me vereis na Terra, mas ver-me-eis todos no tempo vindouro, quando subirdes ao reino que o meu Pai me deu.

Ferida pela tristeza, a sua voz fraquejou. E os onze, ainda que sem muita decisão, engalfinharam-se numa nova disputa, esforçando-se por desvendar o misterioso significado daquelas frases.

Jesus de Nazaré deixou-os falar e, ao fim de uns minutos,

erguendo-se, dirigiu-lhes úmas palavras que, tal como muitas outras, foram depois pèssimamente transmitidas.

- Quando vos contei uma parábola mostrando como deveis estar ansiosos por servir uns aos outros, disse-vos também que desejava dar-vos um novo mandamento. Fá-lo-ei agora, já que estou prestes a deixar-vos. Conheceis perfeitamente o mandamento que ordena amar-vos uns aos outros e ao vosso próximo como a vós mesmos...

Jesus fez uma pausa calculada.

- No entanto, não estou totalmente satisfeito, mesmo com esta sincera devoção por parte dos meus filhos. Quero que façais maiores actos de amor no reino da irmandade dos crentes.

Por isso, eis aqui o meu novo mandamento: "que vos ameis uns aos outros como eu vos amei".

A expressão "como eu vos amei" foi reforçada com uma clara elevação do tom da voz.

- Se assim o fizerdes, os homens saberão que sois meus discípulos.

Logo a seguir, o Nazareno referiu-se a outra coisa que também não foi recolhida na sua totalidade. Nem mesmo por João, que estava à sua direita.

- Com este novo mandamento não sobrecarrego as vossas almas com um novo peso. Antes pelo contrário: trago-vos uma nova alegria e torno possível que sintais um novo prazer, ao conhecerdes as delícias da entrega, pelo amor, ao vosso próximo. Eu próprio estou prestes a sentir o supremo regozijo (mesmo suportando uma pena exterior), com a entrega do meu afecto por vós e pelos restantes mortais.

Quando vos convido a amar-vos uns aos outros como eu vos amei, estou a mostrar-vos a suprema medida do verdadeiro afecto. Nenhum homem pode alcançar um amor superior a este: o de dar a vida pelos seus amigos. Vós sois meus

amigos e continuareis a sê-lo se apenas desejardes fazer o que vos ensinei. Chamastes-me Mestre, mas eu não vos chamo servidores.

Se vos amardes uns aos outros como eu vos amo, então sereis meus amigos e eu falar-vos-ei daquilo que o meu Pai me revelou. Não fostes vós que me elegestes, mas, sim, eu. E mandei-vos ir pelo mundo para entregar o fruto do serviço amoroso aos vossos semelhantes, da mesma forma que eu vivi entre vós e vos revelei o Pai.

Ambos trabalharemos convosco e sentireis a divina plenitude da alegria se apenas obedecerdes a este novo mandamento: "amai-vos uns aos outros como eu vos amei".

Se compartilhardes o regozijo do Mestre, deveis compartilhar também o seu amor. E compartilhar o seu amor significa que compartilhastes o seu serviço. Tal experiência de amor não vos liberta das dificuldades deste mundo. Mas, certamente, torna "novo" o velho mundo...

A seguir, Jesus de Nazaré pronunciaria umas frases que – em especial uma delas – se fossem conhecidas, talvez tivessem modificado alguns dos conceitos religiosos incongruentes sobre o sacrifício.

- Recordai: é lealdade o que vos peço. Não sacrifício. A consciência de sacrifício implica a ausência desse afecto incondicional que faria desse serviço amoroso uma suprema alegria. A ideia de dever ou obrigação significa que, mentalmente, vos converteis em servidores, perdendo assim a poderosa sensação de praticar o vosso serviço como amigos e para os amigos.

A amizade transcende o significado do dever e o serviço de um amigo a outro amigo nunca deve ser qualificado como sacrifício. O Mestre ensinou-vos que sois filhos de Deus.

Chamou-vos irmãos e agora, antes de partir, chama-vos amigos.

Cristo optou por abandonar o seu divã. E, enquanto caminhava de um extremo ao outro da sala dirigiu-lhes a seguinte parábola:

- Eu sou a verdadeira videira, e o meu Pai é o agricultor.

Eu sou a videira e vós os ramos. O meu Pai só vos pede que deis muito fruto. A vinha só é podada para aumentar a fertilidade dos seus ramos. Todos os ramos que brotam de mim e que não dão fruto, o meu Pai cortá-los-á. Em compensação, aqueles que trouxerem frutos o Pai limpá-los-á para que multipliquem a sua riqueza. Já estais limpos, através das palavras que vos dirigi, mas deveis continuar limpos. Deveis morar em mim e eu em vós. Se for separado da videira, o ramo secará. Assim como o ramo não pode dar fruto se não morar na videira, assim vós não podeis produzir os frutos do amor se não morardes em mim.

Recordai: eu sou a verdadeira videira e vós os ramos vivos. O que vive em mim, e eu nele, dará muito fruto e sentirá a suprema alegria da colheita espiritual: Se mantiverdes esta ligação viva e espiritual comigo, os vossos frutos serão abundantes. Se morardes em mim e as minhas palavras em vós, podereis comunicar livremente comigo. Então, o meu espírito vivo entrará em vós de tal forma que podereis pedir o que quiserdes. O Pai garantirá a vossa petição.

Assim é glorificado o Pai. Que a videira tenha muitos ramos vivos e que cada ramo produza muito fruto. Quando o mundo conseguir ver esses ramos vivos e carregados de fruto (isto é, os meus amigos que se amam como eu os amei), os homens saberão então que sois na verdade os meus discípulos. Como o meu Pai me amou, assim eu amei. Vivei no meu amor, do mesmo modo que eu vivo no do Pai. Se fizerdes como eu vos ensinei, morareis em mim e, como vos prometi, no seu amor.

Os discípulos continuavam sem compreender. O mestre guardou alguns minutos de silêncio, mas continuou a caminhar pela sala, a ouvir – como nós – as opiniões

díspares dos seus homens acerca da mensagem da videira e dos ramos. Finalmente, detendo-se em frente da porta, pediu silêncio, insistindo mais uma vez na sua iminente partida:

- Quando vos tiver deixado, não fiqueis desalentados perante a hostilidade do mundo. Não vos deixeis abater quando crentes de coração fraco se voltarem até contra vós e juntarem as suas mãos às dos inimigos do reino. Se o mundo vos odeia, recordai que, primeiro do que a vós, me odiou a mim. Se vós fôsseis deste mundo, então o mundo amaria o que era seu. Mas, porque não o sois, o mundo nega-se a amar-vos. Estais neste mundo, mas as vossas vidas não devem ser deste mundo, Escolhi-vos no meio do mundo para representardes o espírito de outro mundo.

Lembrai-vos sempre das minhas palavras: .o servo não é maior do que o seu senhor. Se se atrevem a perseguir-me, também vos hão-de perseguir a vós. Se as minhas palavras ofendem os não crentes, também as vossas ofenderão aos sem Deus. Far-vos-ão tudo isto porque não crêem em mim nem Naquele que me enviou.

Por isso sofrereis muitas coisas em nome do meu Evangelho.

Mas, quando suportardes estas tribulações, recordai que eu também sofri antes de vós em nome deste Evangelho do reino celestial.

Muitos dos que vos atacarem ignoram a luz do céu. Isto, em contrapartida, não é assim para alguns que agora nos perseguem. Se não lhes tivéssemos mostrado a Verdade poderiam fazer coisas estranhas sem cair na condenação. Mas agora, que já conheceram a luz e se atreveram a rejeitá-la, não têm desculpa para a sua atitude. Aquele que me odeia, odeia também o meu Pai. Não pode ser de outro modo. Da mesma forma que a luz vos salvará, se for aceite, assim vos condenará se, conscientemente, for respeitada.

E que fiz eu para que estes homens me odeiem com tanta

pertinácia? Nada, salvo oferecer-lhes a fraternidade na Terra e a salvação no céu. Não lestes na Escritura: "E odiar-me-ão sem uma causa"?

Mas não vos deixarei sós no mundo. Muito em breve, depois de eu ter partido, vos enviarei um Espírito auxiliador. Tereis então convosco alguém que ocupará o meu lugar. Alguém que continuará ensinando o caminho da Verdade, e que até vos consolará.

Não permitais que se perturbem os vossos corações. Credes em Deus.

Continuai a crer também em mim. Apesar de ter de vos deixar, não estarei longe de vós. Já vos disse que no universo do meu Pai há muitos lugares onde ficar. Se não fosse verdade, não vos teria falado repetidamente sobre isso. Vou regressar a esses mundos de luz: paragens no céu do Pai, às quais alguma vez ascendereis. Desses lugares vim a este mundo e agora é chegado o momento em que devo voltar ao trabalho do meu Pai nas esferas do alto.

Portanto, se vou antes de vós para o reino celestial do Pai, tende a certeza de que mandarei buscar-vos para que possais estar comigo nos lugares que foram preparados para os filhos mortais de Deus antes de que existisse este mundo...

- Estranhas palavras – murmurou Curtiss, referindo-se aos «mundos de luz». - Muito estranhas...

- Sobretudo para aqueles homens do ano trinta... - cortei com toda a intenção.

- ... Apesar de ter de vos deixar – continuou Jesus perante a lógica incompreensão dos atentos discípulos – continuarei presente em espírito. Finalmente estareis comigo em pessoa quando tiverdes subido até mim, no meu universo, assim como eu estou prestes a ascender ao meu Pai, ao seu universo maior(1).

E o que vos digo é eterno e verdadeiro, mesmo que agora não o compreendais totalmente. Eu vou para o Pai e, mesmo não podendo seguir-me agora, fá-lo-eis certamente no futuro.

Os passos do Galileu dirigiram-se para o divã. E, depois de se reclinar, um dos apóstolos pôs-se de pé, manifestando o seu peculiar sentido prático. Era o pragmático Tomé:

- Mestre – disse-Lhe ele – nós não sabemos para onde vais.

Não conhecemos o caminho. Mas, se o mostrares, esta mesma noite Te seguiremos...

Aquelas palavras resumiam perfeitamente o desconcerto e o amor dos onze pelo seu Rabi.

A resposta do Mestre não se fez esperar:

- Tomé, eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Nenhum homem vai ao Pai senão por mim. Todos os que encontram o Pai, primeiro encontram-me a mim. Se me conhecerdes, conheceis o caminho para o Pai. E vós conheceis-me porque tendes vivido comigo e agora me estais a ver.

Jesus ficou calado, como que mergulhando nos corações dos seus amigos. Mas, como se verá a seguir, os seus pensamentos eram muito profundos. Tomé sentou-se novamente e, no meio de um significativo silêncio, apenas se ouviu uma longínqua troca de opiniões entre dois discípulos. Eram Filipe e Bartolomeu. O primeiro, talvez atendendo a um pedido do segundo, levantou-se e, dirigindo-se ao Rabi, falou assim:

- Mestre, mostra-nos o Pai e tudo quanto disseste ficará claro.

O Nazareno retorquiu, em tom de evidente decepção:

**1. Ao reler estas frases no Diário do meu amigo o Major, não resisto à tentação de recordar ao leitor um dos meus últimos livros – La rebelión de Lucifer – no qual do meu ponto de vista, se fornece uma apreciável informação sobre esses "universos e esferas do Alto" a que Jesus se refere. (N. De J.*

J. Benitez.)

- Filipe, há tanto tempo que estou contigo e ainda não me conheces? De novo vos declaro: quem me viu, viu o Pai. Como podes então dizer "mostra-nos o Pai"? Não crês que estou no Pai e Ele em mim? Não vos ensinei que as palavras que vos digo não são minhas, mas do Pai? Eu falo pelo Pai e não por mim mesmo. Estou neste mundo para fazer a sua vontade e é isso o que tenho feito. O meu Pai mora em mim e actua através de mim.

Crede em mim quando digo que o Pai está em mim e que eu estou nEle. Ou, então, crede pelo menos em nome da vida que vivi e em nome das minhas obras.

Os onze, mais por boa fé do que por outra coisa, enredaram-se numa nova discussão. E nós percebemos como o mestre se levantava do seu assento e se dirigia ao lugar em que se encontravam as bacias e os jarros de água. Ouvimos então um ruído de água – como se alguém estivesse a refrescar a cara – e, logo a seguir, as passadas do Rabi, voltando para o divã. A polémica foi crescendo e, por entre aquele labirinto de vozes, impôs-se de novo o vozeirão de Simão Pedro. Ao que parecia, estava disposto a lançar-se à aventura de um longo discurso. As suas palavras foram cortadas de um golpe pelo Galileu.

- Quando eu tiver ido para o Pai – interveio de novo Jesus – e depois de Ele aceitar o trabalho que para vós fiz na Terra e eu receber a soberania final do meu próprio domínio, então direi ao meu Pai: - "Tendo deixado os meus filhos sozinhos sobre a Terra, envio-lhes, de acordo com a minha promessa, outro Mestre."

E quando o Pai o aprovar, eu derramarei o Espírito da Verdade sobre toda a carne. O Espírito do meu Pai já está nos vossos corações, e, quando chegar esse dia, também me tereis a mim convosco, do mesmo modo que agora tendes o Pai. Este novo dom é o Espírito vivo da Verdade. Os que não

acreditarem não ouvirão os seus ensinamentos, mas os filhos da luz recebê-lo-ão com agrado e com todo o seu coração. E conhecereis este Espírito quando ele vier, da mesma forma que conhecestes a mim. E recebereis este dom nos vossos corações e Ele morará em vós. Percebeis, portanto, que não vos vou deixar sem ajuda e sem guia? Não vos deixarei na desolação. Hoje só posso estar convosco em pessoa. Nos tempos vindouros estarei convosco e com todos os homens que desejarem a minha presença, onde quer que estejais e com cada um ao mesmo tempo.

Não vedes que é melhor para mim que me vá embora e vos deixe na carne para poder estar convosco em espírito? Dentro de umas poucas horas, o mundo não me verá mais. Mas continuareis a conhecer-me nos vossos corações até eu vos enviar o novo mestre: o Espírito da Verdade. Do mesmo modo que vivi convosco em pessoa, assim viverei então em vós – serei uno com as vossas experiências pessoais no reino do espírito.

E, quando for chegado o momento de isto acontecer, sabereis com toda a certeza que eu estou no Pai e que, enquanto a vossa vida estiver oculta com o Pai em mim, eu também estarei convosco. Eu amei o Pai e mantive a sua palavra. Tendes-me amado e mantereis a minha palavra. Do mesmo modo que o meu Pai me deu o seu Espírito, assim eu vos darei o meu. E este Espírito da Verdade que eu vos outorgarei guiar-vos-á e confortará e, por fim, conduzir-vos-á a toda a Verdade.

Digo-vos estas coisas para que vos possais preparar melhor e suportar as provas que a partir de agora surgirão diante de vós. Quando chegar esse novo dia, sereis habitados pelo Filho e pelo Pai. E estes dons do céu trabalharão sempre um com o outro, do mesmo modo que o Pai e eu construímos sobre a Terra, e diante dos vossos olhos, o Filho do Homem como uma só pessoa. Este Espírito amigo trará à vossa memória tudo o que eu vos ensinei.

Aquelas, sem dúvida, difíceis palavras acabaram por confundir o já perturbado espírito dos discípulos. Ninguém ripostou. Quem poderia associar a profundidade daquela mensagem com as ideias tão enraizadas de um messias político e libertador do jugo romano? Necessitariam de tempo e da vinda desse Espírito da Verdade para começarem a vislumbrar a grandeza do que Jesus acabava de lhes anunciar. Mas não adiantemos os acontecimentos...

O facto é que, no meio de tanto silêncio e confusão, um dos apóstolos mais tímidos – o gémeo Judas de Alfeu – atreveu-se a levantar-se e a perguntar:

- Mestre... sempre viveste entre nós como um amigo. Como te conheceremos quando já não te manifestares a nós senão através desse espírito? Se o mundo não te vir, como estaremos nós certos de ti? Como te mostrarás a nós?

- Meus queridos filhos – a voz de Cristo era sumamente cordial – eu vou partir. Volto ao Pai. Dentro de pouco já não me vereis como agora, como carne e sangue. E em breve vos enviarei o meu Espírito, que é igual a mim, excepto por este corpo material. Este novo Mestre é o Espírito da Verdade, que viverá com cada um de vós, nos vossos corações.

Portanto, todos os filhos da luz serão um. Desta forma, tanto o meu Pai como eu poderemos viver nas almas de cada um de vós e também nos corações dos outros homens que nos amam e que tornam esse amor uma realidade, amando-vos uns aos outros como eu vos amo agora.

Durante alguns minutos, Pedro, os irmãos Zebedeu e Mateus dirigiram-se ao Mestre, fazendo-lhe perguntas sobre esse misterioso Espírito da Verdade e sobre a sua não menos incompreensível partida. Jesus de Nazaré passaria a responder a todas as perguntas naquilo que, com toda a evidência, era o seu discurso de despedida.

- Digo-vos isto – repetiu pela enésima vez – para poderdes estar preparados face ao que vos espera e para não cairdes

no erro. As autoridades não se contentarão em expulsar-vos das sinagogas. Aviso-vos: aproxima-se a hora em que aqueles que vos matarem o farão acreditando que estão a prestar um serviço a Deus.

Far-vos-ão tudo isso porque não conhecem o Pai. E recusaram conhecê-lo porque recusaram receber-me. E eles recusam receber-me porque vos rejeitam. Digo-vos estas coisas antecipadamente para que, quando chegar a vossa hora, como agora é chegada a minha, possais reconfortar-vos ao recordar que tudo era por mim conhecido e que o meu espírito estará convosco em todos os vossos sofrimentos. Tem sido com este fim que eu tenho estado a falar tão claramente desde o princípio.

Até vos avisei de que os inimigos de um homem podem ser os da sua própria casa. Embora este evangelho do reino nunca deixe de trazer grande paz à alma do crente, ele não trará a paz à Terra até que o homem esteja ansioso por acreditar nos meus ensinamentos com todo o seu coração, estabelecendo a prática de fazer a vontade do Pai como o propósito principal de toda a vida mortal.

E agora que vos deixo, vendo que é chegada a hora em que estou prestes a ir para o Pai, estou surpreendido por nenhum de vós me ter perguntado: "Porque nos deixas?" De qualquer forma, sei que fazeis estas perguntas nos vossos corações.

Falar-vos-ei com clareza. Como um amigo a outro...

O silêncio tornou-se mais denso. Sinal inequívoco da expectativa despertada pelo Mestre.

- ... É na verdade proveitoso para vós que eu parta. Se não me fosse embora, o novo Mestre não poderia vir aos vossos corações. Devo ser despojado deste corpo mortal e restituído ao meu lugar, lá no alto, antes de poder enviar esse espírito esclarecedor. E quando o meu Espírito vier morar em vós, ele fará luz sobre a diferença entre o pecado e a rectidão e

tornar-vos-á capazes de julgar com sabedoria.

O cansaço devia estar a fazer estragos entre os seus homens, porque, de repente, Jesus aludiu a ele:

- Ainda tenho muito para vos dizer, embora já veja que não vos tendes em pé. Quando o Espírito vier, ele conduzir-vos-á finalmente a toda a Verdade, fazendo-vos passar por muitas moradas do universo do meu Pai. Este Espírito não falará de si próprio. Mostrar-vos-á o que o Pai revelou ao Filho e, até, as coisas que hão-de vir. Ele glorificar-me-á, assim como eu o fiz com o Pai. Ele vem depois de mim e revelar-vos-á a minha verdade. Tudo o que o Pai tem neste domínio é agora meu.

Portanto, este novo Mestre tomará do que é meu e vo-lo manifestará.

Vou deixar-vos dentro de muito em breve, ainda que por pouco tempo. Depois, quando voltardes a ver-me, eu já irei a caminho do meu Pai. Então, não me vereis por muito tempo.

Como era de esperar, os apóstolos estavam de novo profundamente confundidos. E, aproveitando o silêncio do Mestre, começaram a perguntar-se uns aos outros:

- O que é isso que ele nos disse?... "Em breve vos vou deixar e, quando me virdes, será por pouco tempo, pois irei a caminho do Pai?" O que pode querer dizer com esse "dentro de muito pouco" e com "ainda que por pouco tempo"?... Não conseguimos compreender o que ele nos está a dizer...

As respostas a estas perguntas óbvias – facilmente compreensíveis para os que sabem da ressurreição do Filho do Homem – não tardariam a ser respondidas. Mas os fatigados discípulos precisariam de semanas para as assimilar na sua totalidade.

- Vós perguntais uns aos outros o que é que eu quis dizer quando afirmei que dentro de muito pouco tempo já não estaria convosco e que, quando me vísseis outra vez, iria a caminho do meu Pai? Falei-vos claramente – insistiu Jesus. - O

Filho do Homem deve morrer, mas voltará a levantar-se. Será que não conseguis discernir o significado das minhas palavras?

Primeiro ficareis tristes. Mais tarde, quando estas coisas tiverem acontecido, regozijar-vos-eis com todos aqueles que compreenderem. A mulher fica verdadeiramente aflita na hora do parto. Mas quando deu à luz um filho, esquece imediatamente a sua angústia perante a alegria de saber que trouxe ao mundo um homem. E assim estais vós: quase aflitos por causa da minha partida. Mas em breve voltarei a ver-vos e, nessa altura, a vossa tristeza converter-se-á em regozijo. E recebereis uma nova revelação sobre a salvação de Deus. Uma revelação que nenhum homem vos poderá arrebatar. E todos os mundos serão abençoados nesta mesma revelação de vida, ao levar a cabo a derrota da morte. Até agora fizestes todas as vossas petições em nome do meu Pai. Depois de voltardes a ver-me, também podereis pedir em meu nome, e eu ouvir-vos-ei.

Aqui em baixo ensinei-vos em provérbios e falei-vos em parábolas. Fi-lo assim porque sois apenas crianças no espírito. Mas é chegado o tempo em que vos falarei claramente a respeito do Pai e do seu reino. E fá-lo-ei porque o próprio Pai vos ama e deseja ser plenamente revelado a vós. O homem mortal não pode ver o Pai, que é espírito. Por isso vim ao mundo: para vo-Lo mostrar. Quando o crescimento do espírito vos aperfeiçoar, então vereis o próprio Pai.

Para nosso assombro, alguns discípulos replicaram com frases como estas:

- Olhai, realmente fala-nos com clareza. Certamente, o Mestre veio de Deus. Mas, porque diz que tem de voltar para junto do Pai?

Apesar dos seus reiterados esforços, saltava à vista que não o compreendiam. Aqueles rudes galileus estavam muito longe de captar o glorioso sentido de esperança das suas

palavras. Mas, curiosamente – e convido os cristãos a comprovarem-no por si próprios – nenhum dos evangelistas reconhece esta limitação humana dos seus cérebros naqueles momentos dramáticos...

Acabado o que poderíamos qualificar de discurso de despedida, o Nazareno afastou-se do seu divã. Alguns apóstolos imitaram-no e, durante quinze ou vinte minutos, conversaram amistosamente, rememorando algumas experiências da sua vida em comum. Depois, todos voltaram para os seus respectivos lugares.

- Jesus prepara-se para dar os últimos conselhos – avisei ao não menos fatigado general.

Mas Curtiss fez-me um gesto tranquilizador. Estava disposto a ouvir até ao fim.

Quando os onze voltaram a reclinar-se nos seus divãs, o Mestre, de pé, falou-lhes assim:

- Enquanto permanecer convosco, sob a forma de carne, não posso ser mais do que um indivíduo no meio do mundo. Mas, quando tiver sido libertado desta investidura de natureza mortal, poderei voltar como espírito e morar em cada um de vós e nos outros que crêem neste evangelho do reino. Assim, o Filho do Homem tornar-se-á uma encarnação espiritual nas almas de todos os verdadeiros crentes.

Quando tiver voltado a vós em espírito, poderei guiar-vos melhor através desta vida e das muitas moradas da vida futura, no céu dos céus. A vida na eterna criação do Pai não é um descanso, uma ociosidade sem fim. ...

Ainda não sei porque o fiz. O facto é que interrompi a gravação, rebobinando parte da fita. Curtiss e Eliseu olharam para mim surpreendidos. Mas nada perguntaram.

- ... através desta vida – voltou a ouvir-se a voz de Jesus

- e das muitas moradas da vida futura, no céu dos céus. A

vida na eterna criação do Pai não é um descanso, uma ociosidade sem fim ou uma comodidade egoísta, mas uma incessante progressão em graça, verdade e glória. Cada uma das muitas moradas da casa do meu Pai é um lugar de passagem por uma vida projectada para que vos sirva ãe preparação para a seguinte. E assim, os filhos da luz seguirão de glória em glória até alcançarem o estado divino (no qual serão espiritualmente perfeitos), da mesma forma que o Pai é perfeito em todas as coisas.

- Meu Deus! - explodi sem poder conter-me. - Ouviram o mesmo que eu? É a promessa mais clara e categórica, não de uma, mas de muitas vidas em contínua e progressíva perfeição!... Mas o que poderão ser essas moradas?

- Aí está outra razão maravilhosa para voltar – reforçou o meu companheiro, cravando o seu olhar em Curtiss.

O general assentiu em silêncio.

Logo a seguir, o Mestre faria uma recomendação subtil. Uma insinuação que, quando analisada pormenorizadamente, põe em causa o esforço constante de muitos cristãos por imitar em tudo o Filho do Homem.

- Se me seguirdes quando eu vos deixar, dedicai os vossos mais ardentes esforços a viver de acordo com o espírito dos meus ensinamentos e com o ideal da minha vida: fazer a vontade do meu Pai. Fazei isto em vez de tentar imitar a minha vida natural na carne...

O Pai enviou-me a este mundo, mas só uns poucos escolheram receber-me plenamente. Eu derramarei o meu espírito sobre toda a carne, mas nem todos os homens optarão por receber este novo Mestre como guia e consolo da sua alma. No entanto, os que o receberem serão iluminados, limpos e reconfortados. E este Espírito da Verdade transformar-se-á neles num poço de água viva, jorrando a vida eterna.

E agora, já que vou deixar-vos dentro em pouco, quero

transmitir-vos palavras de consolo. Deixo-vos a paz. Dou-vos a minha paz. E dou-vos estes dons, não como os dá o mundo, por medida.

Dou a cada um de vós tudo o que fordes capazes de receber. Não permitais que o vosso coração se turbe, ou se mostre assustado. Eu venci o mundo e, em mim, todos triunfareis pela fé. Já vos avisei que o Filho do Homem será morto, mas asseguro-vos que voltarei antes de ir ao Pai, mesmo que seja só por um pouco: E depois de ter ido ao Pai, com certeza enviarei o novo Mestre para que habite nos vossos próprios corações. E quando virdes que está a chegar o momento em que tudo isto acontecerá, não fiqueis tristes: Crede. Tanto mais que já o sabíeis antecipadamente. Amei-vos com grande afecto e não vos deixaria, mas é a vontade do Pai. A minha hora chegou.

Não duvideis destas verdades, mesmo que estejais dispersos pelo estrangeiro por causa das perseguições ou abatidos por muitas penas. Quando vos sentirdes sós no mundo, eu saberei da vossa solidão, da mesma forma que vós sabereis da minha quando deixardes o Filho do Homem nas mãos dos seus inimigos. A diferença é que eu nunca estou só. O Pai está sempre comigo.

Até nesses momentos pedirei por vós. Disse-vos estas coisas para que possais ter paz e a tenhais em abundância. Neste mundo tereis aflições, mas conservai o bom humor. Eu triunfei sobre o mundo e mostrei-vos o caminho para a alegria eterna e para o serviço eterno.

Não deixeis que se turbe o vosso coração... nem deixeis que ele tenha medo.

Aquelas belas palavras quase que puseram o ponto final na chamada última ceia. Restava apenas um derradeiro e emocionante capítulo: o das despedidas pessoais...

Um... dois passos. O Mestre foi colocar-se diante do divã ocupado por João Zebedeu. Este levantou-se imediatamente.

E o Galileu, num tom cálido e íntimo, dirigiu-lhe as seguintes palavras de despedida:

- Tu, João, és o mais novo dos meus irmãos. Estiveste muito perto de mim e, embora vos ame a todos com o mesmo afecto que um pai tem pelos seus filhos, foste designado por André como um dos três que deviam estar sempre perto de mim...

Curtiss pediu que parasse a fita.

- Que significa isto? - perguntou-me, dando por certo que eu conhecia a resposta. - De que designação está a falar? É claro que eu também não tinha uma explicação. A enigmática escolha de André, o chefe dos apóstolos, devia ter sido um facto ocorrido muito antes da nossa primeira exploração.

Certamente – como tivera a oportunidade de comprovar na oração do horto de Getsémani -, Jesus de Nazaré parecia mais próximo de três dos seus homens que dos restantes.

Noutras muitas passagens dos textos evangélicos – passagens sempre de uma especialíssima transcendência -, João, o seu irmão Tiago e Simão Pedro encontravam-se sempre muito perto da figura do Rabi. Todos os exegetas e comentadores bíblicos atribuíram este facto a uma predilecção concreta do Mestre por estes homens.

Por não existir nos Evangelhos e outros textos sagrados uma única referência a esta designação específica de André, era lógico supor que a presença contínua dos eleitos junto do Nazareno tivesse uma origem puramente emotiva.

No entanto, quando se conhece e estuda profundamente a vida e o comportamento do Filho do Homem, torna-se difícil aceitar que Cristo fizesse distinções pessoais, provocando assim hipotéticas e nada aconselháveis situações de inveja ou ciúme entre os que o rodeavam diariamente. Embora naquele momento ignorasse tudo sobre aquela designação, a suspeita segundo a qual esta teria sido uma coisa, precisamente, dos apóstolos, e não do Mestre, começou a

ganhar terreno no meu coração. E se a escolha daqueles três galileus obedecesse a uma ânsia pura e simples de proteger a pessoa do Mestre?

Isto, pelo menos em teoria, podia encaixar na forma de agir de Cristo e, sobretudo, na aceitação geral e pacífica dos mencionados guarda-costas por parte do grupo. Da mesma forma que Filipe e Judas Iscariotes tinham sido nomeados, respectivamente, mtendente e administrador dos fundos comuns, os irmãos Zebedeu e Pedro podiam ter assumido também a responsabilidade da segurança do guia.

Com excepção do Iscariotes, os restantes discípulos nunca se tinham mostrado em desacordo com esta permanente escolta, em torno de Jesus. Sintoma inequívoco de que tinham participado naquela designação ou, no mínimo, de que estavam de acordo com a decisão de André. Talvez agora, com o passar dos séculos, quando as figuras dos apóstolos adquiriram uma natural auréola de santidade e elevação espiritual, se torne difícil imaginar estes homens empenhados na tarefa de designar todo um serviço de protecção.

Mas, em prol da verdade, não devemos esquecer que, durante grande parte das suas vidas, as reacções e os pensamentos deles não foram tão santos como hoje nos inclinamos a crer.

Uma boa prova do que digo é, por exemplo, o facto de irem armados...

Naturalmente, tanto Eliseu como eu prometemos ao general que aquele seria outro dos mistérios a desvendar no nosso já iminente salto no tempo. O que não podíamos imaginar, então, eram as circunstâncias em que chegaríamos a obter essa informação. Mas continuemos com o «adeus» de Jesus de Nazaré ao jovem João:

- ... Além disso, actuaste por mim próprio e deves continuar assim, a trabalhar em prol dos assuntos relacionados com a

minha família na Terra. Eu vou para o Pai, João, confiando plenamente em que continuarás velando por aqueles que são meus na carne. Tenta que a sua presente confusão sobre a minha missão de nenhuma maneira te impeça de dar-lhes toda a simpatia, o conselho e a ajuda que, sabes bem, eu lhes daria se tivesse de permanecer na carne.

E agora, enquanto entro nas horas finais da minha carreira na Terra, mantém-te próximo, à mão, para eu poder deixar alguma mensagem à minha família.

Desta vez fui eu que interrompi a gravação. Desejava que o chefe do projecto captasse a especial importância daquela última frase do Rabi.

... mantém-te próximo, à mão, para eu poder deixar alguma mensagem à minha família.

Isto explicava perfeitamente o acompanhamento quase permanente de João Zebedeu durante as horas da prisão, dos interrogatórios e da crucificação e morte do Galileu. Como já comentei noutro lugar deste diário, o jovem e audáz discípulo juntar-se-ia ao pelotão que prendeu o Mestre nos arredores da quinta de Getsémani, não se separando nunca mais dele, exceptuando os trágicos momentos do espancamento durante um dos intervalos do simulacro de julgamento por Caifás, no interior da Fortaleza Antónia, da não menos dramática flagelação e ao longo do caminho para o Gólgota(1).

Embora ainda venha a ter tempo de o comentar, nunca consegui entender porque é que João, ou os outros evangelistas, nunca se referem a estas despedidas nos seus respectivos escritos.

No primeiro caso, a constatação da ordem do Galileu – pedindo a João que não se afastasse do seu lado, - teria poupado múltiplas e peregrinas explicações exegéticas sobre as razões do Zebedeu para permanecer ao lado do Mestre. Como vemos, as coisas quase sempre são mais simples do

que julgamos.

- ... No que diz respeito à minha obra, posta nas minhas mãos pelo Pai – prosseguiu Jesus – ela está concluída, com excepção da minha morte na carne. E estou preparado para beber esta última taça, Quanto ás responsabilidades deixadas por José, o meu pai na Terra, assim como eu as atendi durante a minha vida, agora dependo de ti para que actues no meu lugar, resolvendo estes assuntos. E escolhi-te para fazeres isto por mim, João, porque és o mais novo e, portanto, é provável que sobrevivas aos outros apóstolos.

**1. Veja-se o primeiro volume desta obra. (N. De J. J. Benitez.)*

Esta insólita revelação de Jesus de Nazaré – também omitida pelos evangelistas – vinha corroborar as minhas suspeitas sobre o anteriormente exposto. A designação de João como guardião dos seus assuntos familiares – incluindo o cuidado de Maria, sua mãe – não obedecia a razões sentimentais ou de especial simpatia pelo Zebedeu. Antes pelo contrário. A julgar por estas palavras do Nazareno, eram motivos muito pragmáticos: Jesus sabia ou intuíaH que, ao ser João o mais novo, a sua permanência no mundo dos vivos devia ser mais prolongada. E não se enganaria. João, o Evangelista, deve ter falecido na década de noventa da nossa Era. Talvez perto do ano cem.

- Uma vez chamei-te a ti e ao teu irmão "filhos do trovão".

Começaste connosco com uma mente rude e intolerante. Mas mudaste muito desde que me pediste que fizesse cair fogo do céu contra os ignorantes e irreflectidos não crentes. E ainda deves mudar mais. Tens de chegar a ser o apóstolo do novo mandamento que vos dei esta noite. Dedica a tua vida a ensinar os teus irmãos a amarem-se uns aos outros como eu os amei.

Quando Jesus terminou, um imparável coro de lamentações

quebrou o silêncio dos ali reunidos. João chorava. E, com a voz entrecortada, respondeu:

- E assim o farei, Mestre. Mas como posso aprender a amar os meus irmãos?

- Aprenderás a amar mais os teus irmãos – retorquiu solicitamente Jesus – quando aprenderes a amar primeiro o seu Pai do céu e quando chegares a estar verdadeiramente interessado no bem-estar de todos eles... no tempo e na eternidade. E todo este interesse humano ver-se-á favorecido com o serviço generoso, com a compreensão, com a simpatia e com o perdão ilimitado. Nenhum homem desprezará a tua juventude.

Mas exorto-te a concederes sempre a devida consideração ao facto de a velhice representar, normalmente, experiência. E nada, nos assuntos do homem, pode substituir a autêntica experiência. Esforça-te por viver bem com todos os homens. Em especial, com os teus amigos na irmandade do reino celestial.

E lembra-te sempre, João: não lutes contra as almas que puderes ganhar para o reino.

Sem poder conter o pranto, João sentou-se. Os passos do Galileu contornaram então o seu próprio divã, em direcção ao outro braço do U. Mas ao chegar diante do assento que Judas ocupara, deteve-se. E permaneceu ali, imóvel e em silêncio, durante vinte ou trinta segundos. Não houve comentário ou sinal que nos permitisse reconstituir o semblante ou a atitude de Jesus diante do divã vazio do traidor. (Mais adiante, ao regressar à Palestina do ano 30, André definir-me-á aquele momento crítico como de uma tristeza para o Mestre.

O único pensamento que então perpassou pela mente dos onze foi a inusitada demora do Iscariotes. Tinham acontecido tantas coisas desde que Judas desaparecera da nossa vista – acrescentaria o chefe dos apóstolosque chegámos até a

esquecer-nos dele.) No fim desse breve período de reflexão, Jesus de Nazaré avançou mais um pouco, detendo-se em frente do aguerrido Simão, o Zelota. Uma vez de pé, o provável membro ou simpatizante do grupo guerrilheiro ouviu as seguintes palavras:

- Tu és um verdadeiro filho de Abraão. Mas durante quanto tempo tentei transformar-te num filho do reino celestial!...

Amo-te, e também a todos os teus irmãos. Sei que me amas, Simão, e que amas também o reino, mas continuas a tentar que este reino seja de acordo com o teu gosto. Sei muito bem que, finalmente, compreenderás a natureza espiritual e o significado do meu Evangelho e que realizarás um grande trabalho para a sua proclamação. Mas estou preocupado pelo que te possa acontecer quando eu partir. Alegrar-me-ia saber que não duvidarás. Seria feliz se pudesse saber que, depois de eu partir para o Pai, não deixarás de ser meu apóstolo e que te comportarás aceitavelmente como embaixador do reino celestial.

O ardente patriota não hesitou na sua resposta:

- Mestre, não temas pela minha lealdade. Virei as costas a tudo para poder dedicar a minha vida à implantação do teu reino na Terra e não falharei. Até agora sobrevivi a todas as decepções e não te abandonarei.

Estas frases do Zelota eram de suma importância para entender melhor o grau de frustração de alguns dos seguidores do Galileu, convencidos até ao último momento do papel político e terreno de Jesus. Mas ainda há-de haver tempo para aprofundar este espinhoso assunto, tão escassamente tratado pelos evangelistas...

Ao ouvir tão veemente afirmação, o Mestre retorquiu com alguma crueza.

- É realmente reconfortante ouvir-te falar assim num momento como este. Mas, meu bom amigo, ainda não sabes do que estás a falar. Nem por ùm momento eu duvidaria da

tua lealdade ou devoção. Sei que não vacilarias em seguir em frente na luta e em morrer por mim, como também estes...

Um murmúrio geral de aprovação interrompeu as palavras de Cristo.

- ... Mas não se exigirá isso de vós. Disse-vos repetidamente que o meu reino não é deste mundo e que os meus discípulos não terão de lutar para levar a cabo a sua implantação. Disse-vos isso muitas vezes, Simão, mas não quereis encarar a verdade. Não estou preocupado com a vossa lealdade.para comigo ou para com o reino. Mas o que fareis quando eu partir e por fim vos aperceberdes de que não compreendestes o significado dos meus ensinamentos e que tereis de ajustar os vossos conceitos erróneos a uma outra realidade?

Simão tentou falar. Mas Jesus continuou:

- Nenhum dos meus apóstolos é mais sincero e honesto de coração do que tu, mas nenhum estará tão abatido e perturbado como depois de eu ter partido. No teu desalento, o meu espírito morará em ti e estes teus irmãos não te abandonarão.

Não esqueças o que te ensinei sobre a relação entre os cidadãos do mundo e a "cidadania" dos outros filhos: os do reino do meu Pai. Medita bem sobre tudo o que te disse sobre aquilo de dar a César o que é de César, a Deus o que é de Deus e a mim o que é meu.

Dedica a tua vida, Simão, a mostrar quão aceitavelmente pode o homem mortal cumprir o meu preceito referente ao reconhecimento simultâneo do dever temporal para com os poderes civis e o serviço espiritual na irmandade do reino. Se fores ensinado pelo Espírito da Verdade" nunca haverá conflito entre as obrigações que a cidadania da Terra impõe e as de ser filhos do céu... a não ser que os dirigentes temporais pretendam de vós a homenagem e a adoração que só a Deus pertencem.

E agora, Simão, quando vires finalmente tudo isto, e tiveres sacudido de ti a depressão e caminhares em frente, proclamando com grande poder este evangelho, nunca esqueças que eu estava contigo, até durante todo otempo de desalento e que continuarei contigo mesmo até ao fim.

Sempre serás meu apóstolo e, quando chegares a ver com os olhos do espírito e submeteres plenamente a tua vontade à do Pai do céu, então voltarás a trabalhar como meu embaixador. Apesar da tua lentidão para compreender as verdades que te ensinei, ninguém te tirará a autoridade que te dei. Assim, Simão, aviso-te uma vez mais: os que lutam com a espada, com a espada morrem.

No entanto, os que trabalham no espírito conseguem a vida eterna no reino e a paz e a alegria na Terra.. Quando a missão que te foi encomendada tiver sido concluída no mundo, tu, Simão, sentar-te-ás comigo no meu reino. E verás realmente o reino pelo qual suspiraste. Mas não será nesta vida. Continua a crer em mim e no que te revelei e receberás a recompensa da vida eterna.

A seguir, o Mestre colocou-se diante de Mateus Levi.

- Já não te competirá cuidar da caixa do grupo apostólico.

Em breve, muito em breve todos vos dispersareis. Não vos será permitido desfrutar sequer do reconfortante e contínuo apoio de um só dos vossos irmãos.

Quando fordes pregar este evangelho do reino, tereis de procurar novos companheiros. Enviei-vos dois a dois durante o tempo de preparação, mas agora que vos deixo, depois de terdes recuperado do choque, ireis sozinhos e até aos confins da Terra, proclamando esta boa nova: os mortais vivificados na fé são os filhos de Deus.

Mateus, por sua vez, com a sua habitual calma e sentido prático, perguntou:

- Mas, Mestre, quem nos enviará e como saberemos para

onde ir? Ensinar-nos-á André o caminho?

- Não, Levi – respondeu Jesus, confirmando assim o que eu já sabia e que deixei bem claro em relatos anteriores: a chefia do irmão de Simão Pedro -, André já não vos dirigirá na proclamação do evangelho. Na verdade, continuará como vosso amigo e conselheiro até ao dia em que chegar o novo Mestre.

Então, o Espírito da Verdade guiar-vos-á até ao estrangeiro para trabalhardes pela ampliação do reino. Muitas mudanças se operaram em vós desde aquele dia, na casa aduaneira, quando, pela primeira vez, começastes a seguir-me.

Mas muitas mais virão antes de poderdes contemplar a visão de uma irmandade em que gentios e judeus se sintam em associação fraternal. Mas continuai em frente na vossa pressa por conquistar os vossos irmãos judeus. Quando estiverdes totalmente satisfeitos, voltai então com força para os gentios. De uma coisa podes ter a certeza Levi: ganhaste a confiança e o afecto dos teus irmãos. Todos gostam de ti.

Um novo e colectivo murmúrio de aprovação sublinhou as últimas palavras de Jesus.

- Levi, sei das tuas ansiedades, dos teus sacrifícios e trabalhos para manter cheia a caixa. Os teus irmãos não o souberam. E sinto-me contente, apesar de estar ausente o que leva a bolsa, de estar aqui o embaixador do taverneiro, na minha reunião de despedida, com os mensageiros do reino.

Oro para que possas discernir o significado dos meus ensinamentos com os olhos do espírito. E quando o novo Mestre chegar ao teu coração, segue em frente. Ele te guiará. E mostra aos teus irmãos e a todo o mundo o que o Pai pode fazer com um odiado cobrador de impostos que se atreveu a seguir o Filho do Homem e a crer no evangelho do reino. Amei-te logo desde o princípio, Levi, como amei estes outros galileus.

Sabendo então muito bem que nem o Pai nem o Filho têm em conta as pessoas, procura não fazer essas distinções entre os que vierem a ser crentes no Evangelho através do teu ministério. E assim, Mateus, dedica toda a tua vida de serviço futuro a mostrar aos homens que Deus não tem em conta a posição das pessoas. Que, à vista do Pai e na irmandade do reino, todos os humanos são iguais, todos são filhos de Deus., Tiago Zebedeu, o irmão de João, aguardava em pé o Mestre. Este encaminhou-se para ele, dizendo-lhe:

- Tiago, quando tu e o teu irmão mais novo viestes uma vez ter comigo, pedindo preferências nas honras do céu e eu vos respondi que essas honras eram outorgadas pelo Pai, perguntei-vos se seríeis capazes de beber do meu cálice. Os dois respondestes que sim. Se bem que nem naquela altura nem agora estejais preparados para isso, em breve estareis dispostos para tal serviço, devido à experiência que estais a ponto de atravessar.

Por aquele comportamento zangaste-te com os teus irmãos. Se ainda não te perdoaram totalmente, fá-lo-ão quando virem que bebes do meu cálice. Seja o teu ministério longo ou curto, conserva a tua alma em paz. Quando vier o novo Mestre, deixa que ele te ensine o equilíbrio da compaixão e essa amável tolerância que nasce da sublime confiança em mim e na perfeita submissão à vontade do Pai.

Dedica a tua vida a demonstrar afecto humano e dignidade divina combinados. E todos os que viverem assim revelarão o evangelho, até na forma da sua morte. Tu e o teu irmão João ireis por caminhos diferentes e um de vós talvez se sente comigo no reino eterno muito antes que o outro....

Subtilmente, Jesus de Nazaré estava a anunciar a Tiago que a sua morte ocorreria muito antes que a do seu irmão.

- Ajudar-vos-ia muito saber que a verdadeira sabedoria compreende discrição e coragem ao mesmo tempo. Aprendereis a sagacidade, para acompanhar a vossa

agressividade. Virão momentos supremos em que os meus discípulos não hesitarão em dar as suas vidas por este evangelho. Mas, nas outras circunstâncias, nas ordinárias, será melhor acalmar a ira dos não crentes para poderdes viver e continuar a pregar a boa nova.

Enquanto tiverdes forças, .vivei durante muito tempo para que o vosso trabalho seja frutífero em almas ganhas para o reino celestial.

Terminadas as suas palavras de despedida a Tiago, Jesus foi até ao fimda mesa. Ali encontrava-se André, o seu fiel ajudante. As suas frases relacionadas com a chefia do apóstolo não deixaram lugar a dúvidas:

- André, representaste-me com fidelidade como cabeça dos embaixadores do reino celestial. Apesar de teres duvidado muitas vezes e noutras ocasiões teres manifestado uma clara e perigosa timidez, mesmo assim foste sempre sinceramente justo nas tuas relações com os teus companheiros. Desde a tua nomeação, e a dos teus irmãos, como mensageiros do reino, soubeste governar-te a ti mesmo nos assuntos administrativos do grupo. Em nenhum outro assunto temporal tive de agir para dirigir ou influenciar as tuas decisões.

Só o fiz para te ensinar, tendo em vista as tuas deliberações nos grupos futuros. No meu universo e no universo dos universos do meu Pai, os nossos filhos-irmãos são tratados como indivíduos em todas as suas relações espirituais. Mas nas de grupo procuramos que exista uma direcção. O nosso reino é um reino de ordem e, onde duas ou mais criaturas actuem em cooperação, sempre existe essa autoridade.

E agora, André, dado que és o chefe dos teus irmãos pela autoridade da minha nomeação, e dado que assim tens servido, como meu representante pessoal, já que estou prestes a partir e a ir para o meu Pai, liberto-te de toda a responsabilidade no que diz respeito aos assuntos temporais

e administrativos.

De agora em diante podes não exercer jurisdição sobre os teus irmãos, excepto a que tiveres ganho pela tua capacidade como guia espiritual e que eles reconheçam livremente. A partir deste momento podes não exercer nenhuma autoridade sobre os teus irmãos, a não ser que eles a restaurem. Mas esta libertação como cabeça administrativa do grupo de forma alguma diminui a tua responsabilidade moral para fazeres tudo o que estiver nas tuas mãos com respeito à manutenção da união de todos no período de prova que se avizinha. Daqui em diante apenas exercerei autoridade espiritual sobre e entre vós.

Se os teus irmãos desejarem manter-te como conselheiro, digo-te que deves fazer tudo o que puderes para promover a paz e a harmonia (tanto nos assuntos temporais como espirituais) entre os grupos de sinceros crentes no evangelho. Dedica o resto da tua vida a incentivar os aspectos práticos do amor fraterno. Sê amável com os meus irmãos na carne. Manifesta uma devoção amorosa e imparcial aos gregos, do oeste, e a Abner, do leste. Embora estes, os meus apóstolos, venham a ser dispersos dentro de muito pouco pelos quatro cantos da Terra para proclamarem a boa nova da salvação, deves mantê-los unidos durante o tempo de prova que se avizinha.

Nessa altura tereis de aprender a crer neste Evangelho sem a minha presença pessoal. E assim, André, apesar de não recaírem em ti os grandes trabalhos que os homens vêem, contenta-te em ser o mestre e conselheiro dos que os fazem. Continua com o teu trabalho na Terra (até ao fim) e assim continuarás este ministério no reino eterno. Não te disse muitas vezes que tenho outras ovelhas que não são deste rebanho? A despedida seguinte foi para os gémeos Alfeu. De pé, entre os dois, anunciou-lhes:

- Meus filhos, vós sois um dos grupos de irmãos que escolheram seguir-me..." Como eu não conhecia com

exactidão como fora a escolha dos doze, aquelas palavras confundiram-nos. Será que só metade dos discípulos – os irmãos Alfeu, André e Simão Pedro e os também irmãos João e Tiago de Zebedeu – escolheu seguir o Mestre? E os outros seis? Os motivos que justificavam o nosso regresso continuavam a multiplicar-se...

- ... Os seis – prosseguiu Jesus – tendes trabalhado bem e em paz com a vossa própria carne e sangue. Mas ninguém o fez melhor do que vós. Aproximam-se tempos duros... Talvez não compreendais tudo o que vai acontecer, mas não duvideis de que uma vez fostes chamados para a tarefa do reino. Por algum tempo não haverá multidões para dirigir. Mas não desanimeis.

Quando o vosso trabalho nesta vida estiver concluído, receber-vos-ei no alto, e ali, na glória, falareis da vossa salvação aos exércitos seráficos e às multidões dos altos Filhos de Deus. Dedicai a vossa vida a engrandecer as tarefas triviais. Mostrai a todos os homens e aos anjos como o homem mortal pode ser alegre e forte. E, após o vosso tempo ao serviço de Deus, voltai aos trabalhos dos dias passados. Se, de momento, virdes concluído o vosso trabalho nos assuntos exteriores do reino, voltai às tarefas quotidianas. E fazei-o com a nova luz da experiência de saber-vos filhos de Deus. A vós, que tendes trabalhado comigo, tudo se vos tornou sagrado.

Todo o trabalho terreno se tornou num serviço ao Deus Pai. E quando ouvirdes notícias dos feitos dos vossos anteriores companheiros apostólicos, regozijai-vos com eles e continuai o vosso trabalho diário como os que esperam em Deus e servem enquanto esperam. Tendes sido os meus apóstolos e sempre o sereis e recordar-vos-ei no reino que há-de vir.

Era a primeira vez que Jesus de Nazaré dava por adquirido que vários dos seus homens mais próximos não desempenhariam a tarefa de evangelizadores depois de ele ter desaparecido. A verdade é que, exceptuando uns poucos

discípulos, as actividades apostólicas do resto do grupo quase não ficaram reflectidas nos escritos e nas tradições dos cristãos.

Filipe foi o seguinte. De pé, como os outros, ouviu atentamente o seu Rabi:

- Filipe, fizeste-me muitas perguntas loucas. E eu fiz o possível para responder a todas. Agora vou responder à última que surgiu na tua mente muito honesta, embora pouco espiritual. Estive todo o tempo a ir em tua ajuda, enquanto tu te interrogavas: "Que farei eu se o Mestre se for embora e nos deixar sozinhos no mundo?" Oh, tu, homem de pouca fé! E, mesmo assim, tens quase tanta como muitos dos teus irmãos... Foste um bom servidor, Filipe. Falhaste poucas vezes. E uma dessas falhas, utilizámo-la para manifestar a glória do Pai...

- A que estará a referir-se? - interveio Curtiss.

Também não lhe soube responder. Eu sabia que Filipe era o responsável pela intendência-geral do grupo, mas, naquele momento, não conseguia imaginar de que falava o Galileu. Quem podia supor que eu próprio contemplaria a «falha» em questão? Mas não antecipemos os acontecimentos...

- ... O teu ofício de servidor está prestes a terminar. Em breve deverás fazer o trabalho para que foste chamado: a pregação deste evangelho. Filipe, tu sempre quiseste que te mostrassem as coisas. Em breve vais ver grandes factos. Dado que foste sincero, mesmo na tua visão material, viverás para ver as minhas palavras cumpridas. E nessa altura, quando te for concedida a visão espiritual, continua no teu trabalho, dedicando a tua vida à condução da Humanidade em busca de Deus e das realidades espirituais, mas com os olhos da fé, não com os da mente material. Recorda, Filipe, que tens uma grande missão na Terra.

O mundo está cheio de homens que olham para a vida como tu o fizeste. Tens um grande trabalho para fazer, e,

quando estiver concluído, virás a mim, no meu reino, e terei um grande prazer em mostrar-te o que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram, nem a mente mortal concebeu. Entretanto, sê como uma criança pequena no reino do espírito e permite-me, como espírito do novo Mestre, guiar-te para o reino espiritual. Desta forma poderei fazer muito por ti: o que não pude levar a cabo enquanto permaneci contigo como um mortal.

E recorda sempre, Filipe: quem me viu a mim, viu o Pai.

Ao terminar, Filipe voltou a reclinar-se. E os passos do Mestre dirigiram-se para o divã seguinte: o de Bartolomeu ou Natanael. Este pusera-se de pé, mas Jesus indicou-lhe que se sentasse, fazendo o Rabi outro tanto, acomodando-se ao lado dele. E falou-lhe assim:

- Natanael, aprendeste a viver acima dos preconceitos e a praticar uma tolerância cada vez maior, dado que te fizeste meu apóstolo. Mas ainda há muito para aprender. Foste uma bênção para os teus companheiros, sempre admoestados com a tua sinceridade. Quando me tiver ido embora, talvez a tua franqueza inteira nas relações com os teus irmãos, quer com os antigos quer com os novos.

Deves aprender que até a expressão de um bom pensamento tem de ser modelada de acordo com o nível intelectual e o desenvolvimento espiritual daquele que ouve. A sinceridade é mais útil nas tarefas do reino quando se junta à discrìção.

Se aprendesses a trabalhar com os teus irmãos poderias finalizar muito mais coisas. Mas se te encontrares a ti mesmo na busca daqueles que pensam como tu, nesse caso dedica a tua vida a demonstrar que o discípulo conhecedor de Deus pode chegar a ser um construtor do reino, mesmo quando está só e separado dos seus irmãos crentes. Sei que serás fiel até ao fim. E um dia dar-te-ei as boas-vindas no amplo serviço do meu reino, lá no alto.

Bartolomeu dirigiu-se então ao Rabi, perguntando-lhe:

- Tenho ouvido os teus ensinamentos desde a primeira vez que me chamaste ao serviço deste reino. Mas, honestamente, não consigo compreender todo o significado do que nos dizes. Não sei que mais devemos esperar. E acho que a maioria dos meus irmãos está perplexa, como eu, embora hesitem em confessar a sua confusão. Podes ajudar-me?

- Meu amigo – respondeu Cristo logo a seguir -, não é estranho que estejas perplexo no teu esforço por compreender o significado dos meus ensinamentos espirituais. Carregais com o preconceito da tradição judaica e colocais o empenho todo em interpretar o meu evangelho de acordo com os ensinamentos dos escribas e fariseus. Ensinei-vos com a palavra da minha boca e vivi a minha vida entre vós. Fiz o possível para iluminar as vossas mentes e libertar as vossas almas, mas o que não conseguisteis até agora com os meus ensinamentos, deveis adquiri-lo da mão desse mestre dos mestres: a experiência real. Nesse novo caminho, eu irei à frente e o Espírito da Verdade estará convosco. Não temais. O que agora não podeis compreender, o novo Mestre, quando vier, vo-lo revelará nesta vida e na vossa aprendizagem no tempo eterno.

Jesus dirigiu então a sua voz para o centro da mesa:

- Não fiqueis perturbados por não poderdes assimilar todo o significado do Evangelho. Não sois mais do que homens finitos e mortais e o que eu vos ensinei é infinito, divino e eterno.

Sede pacientes. Tende coragem. Tendes as idades eternas à vossa frente. Nelas continuareis a vossa progressiva perfeição, assim como o vosso Pai do Paraíso é perfeito.

Curtiss, Eliseu e eu olhámos uns para os outros. Nós os três vimo-nos assaltados pelo mesmo sentimento.

Era como se aquelas últimas frases do Mestre – dirigidas para o centro do U, para o lugar onde se encontrava o

microfone – não se destinassem apenas aos seus amigos íntimos...

Jesus levantou-se e foi até ao lugar de Tomé. E ouviu-se que dizia:

- Tomé, muitas vezes a fé te faltou. No entanto, apesar desses momentos de dúvida, nunca te faltou a coragem. Sei muito bem que os falsos profetas e mestres não te enganarão.

Depois de Me ir embora, os teus irmãos apreciarão muito mais a tua forma crítica de ver e julgar os ensinamentos. E quando todos vos dispersardes pelos confins da Terra, lembra-te de que ainda és o meu embaixador. Dedica a tua vida à grande obra de mostrar como a mente crítica material pode triunfar sobre a inércia da dúvida intelectual quando se enfrenta com a demonstração da manifestação da verdade viva.

Tomé, estou contente por te teres juntado a nós. E sei que, após um curto período de perplexidade, seguirás em frente no serviço do reino. As tuas dúvidas confundiram os teus irmãos, mas a mim não. Tenho confiança em ti e irei à tua frente para os lugares mais longínquos da Terra.

E Jesus, lentamente, foi colocar-se diante de um dos homens mais difíceis e queridos: Simão Pedro. Íamos assistir a outra alocução profética...

No caso de Pedro, como se verá, as críticas do Mestre foram mais duras.

- Pedro, sei que me amas. E sei que dedicarás a tua vida à proclamação pública deste evangelho do reino a judeus e gentios. Mas estou triste... Os teus anos de tão firme ligação a mim não te ajudaram o suficiente a pensar antes de falar...

Foi uma pena eu não ter estado presente naquela reunião.

Tenho a certeza de que a expressão de Pedro deve ter sido como um livro aberto.

- Que experiência tens de viver para aprenderes a ser cauteloso com a tua boca? Quantos problemas nos deste pela tua irreflexão e pela tua presunçosa confiança em ti mesmo! E estás destinado a criar muitos mais se não dominares essa tua debilidade. Sabes que, apesar desse defeito, os teus irmãos te amam. E deves também compreender que essa debilidade não diminui em absoluto o meu afecto por ti. Mas retira-te eficácia e multiplica os teus problemas...

O tom de Jesus tornou-se menos severo.

- Sem dúvida, a experiência por que passarás esta noite ser-te-á de grande ajuda. E o que agora te digo, Simão Pedro, serve também para todos os aqui reunidos: esta noite correreis um grave perigo se estiverdes comigo. Sabeis que está escrito: "O Pastor será castigado e as ovelhas dispersas." Quando eu estiver ausente haverá o risco de alguns de vós sucumbirdes perante a dúvida e cairdes por aquilo que me aconteçer a mim.

Mas agora mesmo vos prometo que voltarei durante um espaço curto de tempo e que, nessa altura, entrarei na Galileia.

O fogoso Pedro não tardou a replicar:

- Não importa se todos os meus irmãos sucumbirem perante a dúvida por tua causa. Prometo que não irei contra nada que Tu possas fazer. Irei contigo! E, se for necessário... morrerei por ti!

O exaltado e voluntarioso apóstolo esperou a resposta do Mestre. E esta chegou como um jarro de água fria.

- Pedro, em verdade, em verdade te digo que esta noite, antes de o galo cantar, ter-me-ás negado... três ou quatro vezes.

- Três ou quatro vezes? - exclamou o general que, obviamente, não conhecia ainda a nossa versão sobre o que

aconteceu naquela madrugada de quinta para sexta-feira.

- Afirmativo – apressei-me a responder. - Foram três negações públicas e uma praticamente em privado.

- ... Desta forma – continuou Jesus -, o que não conseguiste aprender com a tua pacífica união comigo assumi-lo-ás entre problemas e sofrimentos. E quando tiveres entendido esta necessária lição, deverás reconfortar os teus irmãos e continuar em frente, levando uma vida dedicada à pregação deste evangelho. Mesmo que possas ir para a prisão e, talvez, seguir-me, pagando o preço supremo pelo serviço amoroso da construção do reino do Pai.

Simão Pedro e os outros não compreenderam na altura o trágico alcance daquelas palavras proféticas.

- Mas lembra-te da minha promessa: quando eu ressuscitar, ficarei convosco algum tempo antes de ir para o Pai. Mesmo esta noite Lhe suplicarei que vos dê forças para o que ireis ter de suportar. Amo-vos a todos com o amor com que o Pai me ama e, portanto, de agora em diante, deveis amar-vos uns aos outros como eu vos amei.

O grupo pôs-se de pé e, dirigido por Jesus de Nazaré, entoou um novo cântico.

Por volta das vinte e duas horas e trinta minutos daquela quinta-feira, 6 de Abril do ano 30, os passos e os murmúrios dos doze perdiam-se em direcção ao andar de baixo da casa de Elias Marcos. A última ceia havia terminado.

Caímos os três num prolongado silêncio. Com efeito, havia muitos pontos sobre os quais meditar. E apesar de deixar ao hipotético leitor deste diário o direito a tirar as suas próprias conclusões, considero que é minha obrigação dar conta de algumas apreciações e comentários expressos naquela madrugada na solidão do cume de Massada.

Para o general – muito mais afectado do que nós pelo que acabávamos de ouvir – era totalmente incompreensível que

os evangelistas não mencionassem, entre outras coisas, os incidentes dos divãs e da lavagem dos pés, bem como das onze últimas despedidas do Galileu. Só um dos escritores sagrados – Lucas – deixa entrever que algo esquisito aconteceu entre os apóstolos: Entre eles houve também uma discussão sobre qual se devia considerar o maior, (22, 24). Porque é que nenhum dos outros três fala dessa estranha discussão? Para Eliseu, como para mim, a possível resposta – sempre a título de hipótese de trabalho – estava justamente no denominador comum das três situações referidas.

Tanto na azeda polémica sobre quem devia ocupar os lugares mais próximos do Rabi como na orgulhosa atitude de não quererem lavar os pés uns aos outros e nas despedidas, os apóstolos não ficavam bem vistos. Como vimos, em cada adeus do Mestre pairava uma considerável carga de censura. Jesus, mais uma vez, chamou as coisas pelo seu nome, pondo a nu os principais defeitos dos seus amigos mais íntimos. E isto, repito, com o passar dos anos, não deve ter sido considerado muito edificante pelo colégio apostólico ou pelos responsáveis das respectivas redacções evangélicas. Nem sequer é o único caso nos Evangelhos Canónicos...

Em abono deste mesmo sentido, é altamente estranho, para não dizer sintomático, que só um dos evangelistas, João, recorde nos seus escritos o belíssimo gesto de Jesus de lavar os pés aos seus discípulos. Porque é que Mateus, Marcos e Lucas se esquecem por completo de um acontecimento tão instrutivo? Não terá acontecido que, à hora de o redigirem, se sentissem na obrigação moral de contar os factos tal como se deram, optando finalmente pelo silêncio em vez de deteriorarem a sua imagem individual e colectiva?

Em defesa da objectividade informativa dos evangelistas – ainda que haja fissuras de mais para acreditarmos nela – cabe alegar também que, talvez, as actuais versões dos textos de Mateus, Marcos e Lucas não correspondam ao

verdadeiro e originariamente escrito. O primeiro documento sobre a vida e ensinamentos de Cristo – pelo menos de que se tem notícia – foi a obra de Mateus. A tradição assegura que este Mateus foi um dos doze. No entanto, os cristãos não dispõem de uma prova irrefutável nesse sentido. Mesmo admitindo que esse Mateus Levi, o autor do referido evangelho, fosse o apóstolo, deparamo-nos com um outro facto irredutível: o texto original, redigido em língua aramaica, perdeu-se.

Resta-nos, isso sim, um evangelho de Mateus, em grego, que não é outra coisa senão uma nova redacção – eivada de possíveis alterações – do Mateus genuíno. Para cúmulo dos males, a versão actual, em grego, .deve ter sido redigida por volta dos anos sessenta da nossa Era. Isto é, uns trinta anos depois da morte do Salvador. Um tempo, embora historicamente curto, longo de mais para se poder recordar com exactidão os extensos e profundos discursos de Jesus.

Eu acrescentaria que os dez ou vinte anos que podem ter decorrido desde o desaparecimento do Galileu até à redacção do primeiro evangelho – o Mateus aramaico – são muito tempo para tentar memorizar e reter devidamente as centenas de milhares de palavras que saíram da boca do Mestre. Quanto aos outros evangelistas – Marcos e Lucas -, a situação ainda se torna mais sombria. O primeiro talvez tenha sido aquele adolescente – João Marcos(1) – que, de facto, conheceu e conviveu com o Galileu. Mas a sua permanência ao lado do Mestre foi muito espaçada e esporádica.

É mais do que certo que à hora de pôr por escrito as suas recordações e investigações sobre Cristo ele tivesse de recorrer às fontes já existentes: Mateus e outros documentos que circulavam nas comunidades cristãs. Por não ter estado presente na última ceia, Marcos teve de confiar em versões alheias. E, ou a discussão dos divãs e o tema da lavagem já teriam sido censurados ou, por acordo com os apóstolos

sobreviventes, considerara mais prudente ignorá-los. O certo é que nunca conheceremos as razões deste tríplice vazio informativo.

O caso de Lucas parece mais lógico. Os especialistas demonstraram que o seu evangelho foi escrito baseando-se – em grande medida – nos textos de Mateus e de Marcos(2). O evangelista copiou, modificou e suprimiu uma infinidade de passagens,

*1. João Marcos,.o filho da família de Élias Marcos, em cuja casa se celebrou a última ceia. NoEvangelho de Marcos (14, 51-53) oferece-se uma subtil pista sobre a sua própria identidade: "Um jovem o seguia coberto apenas com um lençol, e prenderam-no. Mas ele, largando o lençol, escapou-se-lhes".

(N. do M.)

2. Por simples comparação dos textos verifica-se que em Lucas há trezentos e cinquenta versículos comuns a Marcos e Mateus (tradição tríplice) e uns cinquenta em comum com Marcos (tradição dupla). (N. Do M.)

seguindo o seu critério pessoal e, sem dúvida, os dos que o rodeavam. A sua versão, por conseguinte, deixa muito a desejar, ainda que, como já disse, tenha cometido o deslize de insinuar o caso da discussão...

Mas talvez o capítulo mais delicado seja o da instituição da Eucaristia. Não vou andar com rodeios. Do meu ponto de vista, Jesus de Nazaré não instituiu nenhuma Eucaristia, tal como hoje os cristãos entendem este sacramento. E uma prova importante do que afirmo está precisamente na única testemunha que – com toda a certeza – viveu e escreveu sobre aquela ceia: João. Se Cristo tivesse pronunciado realmente as conhecidas palavras - "tomai, este é o meu corpo ou este é o meu sangue" -, o jovem discípulo, que se encontrava à sua direita, não as teria ignorado. O facto, se foi assim, reveste-se de uma importância tal que, por si só, eclipsa muitas outras passagens da vida do Galileu. Porque é que, então, não aparece na narração de João, o Evangelista? Alguns exegetas tentam remendar o

acontecimento, alegando que a missão de João ao escrever o seu evangelho era apenas a de completar as lacunas dos outros três.

A hipótese é muito fraca. Se fosse realmente essa a intenção do Zebedeu, porque é que repetiu tantas passagens que já figuravam nos evangelhos dos seus companheiros? Porque é que insistiu, por exemplo, na morte e ressurreição?

Ao longo de toda a sua vida, o Filho do Homem nunca deixou um só legado ou lema que não fossem mensagem e atitude suas perante a vida. Foi tão subtil que nem nos deixou nada escrito. Nem sequer se conservaram os seus restos mortais. Por que razão se arriscaria a cristalizar em palavras algo que, com o passar do tempo, podia vir a ser motivo de interpretações e definições que limitassem as suas grandes verdades espirituais? Seria mais lógico que, sob o simbolismo do pão e do vinho, falasse aos seus discípulos de uma simples ceia de recordação.

Esta, na minha opinião, pode ter sido a sua verdadeira intenção: que soubéssemos e tivéssemos consciência de que ele está presente sempre que os crentes se reúnem. Mas que o está sempre, sem necessidade de fórmulas mágicas ou matemáticas, que, em última instância, constituem hoje a Eucaristia. Mais uma vez, as suas palavras e intenções foram dominadas e enclausuradas pelos juízos falsos e pueris do homem, que sente uma atracção especial pelos dogmas. Quando acontece uma reunião de fiéis crentes, não é preciso associar a presença divina a um pedaço de pão ou a um cálice de vinho.

O Espírito vivo do Filho de Deus – tal como ele repetiu – torna-se fisicamente presente em cada um dos espíritos dos congregados.

Tomai esta taça e bebei dela. Esta será a taça da minha recordação...

A manipulação do homem, mais uma vez, foi total. Duvido muito que Jesus desejasse destruir o conceito individual da divina comunhão, estabelecendo uma fórmula tão precisa e estranha às suas maneiras habituais como aquela que hoje praticam os cristãos. O seu estilo não foi precisamente o de limitar a imaginação espiritual do crente, aprisionando-a com formalismos.

Tomai este pão e comei-o. Manifestei-vos que sou o pão da vida, que é a vida unificada do Pai e do Filho numa só doação.

A palavra do Pai, tal como foi revelada pelo Filho, é realmente o pão da vida.

Que relação existe entre estas frases e as que nos foram transmitidas pelos três evangelistas? Na minha opinião, nenhuma. Nem na letra, nem no espírito. Infelizmente, de todas as suas parábolas e ensinamentos, esta talvez tenha sido a mais manipulada e estandardizada. Mas, como se verá mais à frente, não é o único acontecimento deformado ou ignorado...

Por conseguinte, tendo em conta que não houve transformação do pão e do vinho no corpo e no sangue do Galileu, como hoje é dita a crença dos cristãos, também não se pode polemizar sobre se Judas chegou ou não a comungar. O bocado de pão embebido no molho foi, simplesmente, um costume e um sinal. Uma pista que também não foi captada pelos discípulos. Tal como vimos, nem mesmo João – que se encontrava reclinado à direita do Rabi – se apercebeu do breve diálogo entre o Mestre e o traidor. É óbvio, portanto, que o chamado anúncio da traição de Judas, de que fala João, foi um facto descoberto pelo Evangelista, não no momento em que se produziu, mas a posteriori.

O certo é que os onze saíram do cenáculo ignorando as maquinações do Iscariotes. Só depois é que souberam.

Por último – já que a análise da última ceia nos levaria

muito longe -, porque é que os textos evangélicos não dizem uma única palavra sobre a chefia de André, o irmão de Simão Pedro? Porque é que não dedicam mais espaço às bèlas e esperançosas revelações de Jesus sobre o seu universo e o universo dos universos do Pai, ou sobre as moradas ou lugares de passagem no além? Será que o universo do Filho do Homem é um e o do seu Pai, outro?(1)

Será que não interessava deixar testemunho de tudo isso ou, simplesmente, não o compreenderam? Suponho que a leitura de algumas destas apreciações pessoais podem ferir ou inquietar o espírito dos cristãos menos evoluídos. Não é essa a minha intenção. Poucas pessoas neste mundo professam uma fé em Cristo como a que me foi dada. Mas isso não tem que significar uma escravizante submissão a dogmas ou rituais que não me satisfazem e que, sobretudo, não foram desejados pelo Mestre...

As nossas discussões terminaram ao amanhecer. E não por falta de temas ou de interesse. Simplesmente por esgotamento.

Curtiss, compreendendo que se tinha excedido, recomendou-nos que fôssemos dormir até nova ordem. E assim fizemos.

Por volta das duas horas da tarde daquela sexta-feira nove de Março de 1973, Eliseu tirou-me de um sono profundo e reparador. O seu rosto parecia feliz. Iluminado.

- Vamos – sussurrou-me sem dissimular a emoção. - Está tudo pronto.

**1. Sobre estas revelações insólitas em torno do universo particular, de Jesus e do «universo dos universos» do Pai, atrevo-me a sugerir ao leitor que se aventure no meu último livro: La rebelión de Lucifer. (N. De J. J. Benitez).*

O tempo mudara bruscamente. Nuvens negras e ameaçadoras levantavam-se a norte, empurradas por um vento forte. O meu companheiro apercebeu-se da minha inquietação e, empurrando-me para o refeitório, pediu-me que ignorasse a meteorologia.

Pouco depois, a seguir a um frugal almoço, descemos ao fosso.

A actividade febril do dia anterior decaíra sensivelmente. O esforço extraordinário dos homens do Cavalo de Tróia começava a dar os seus frutos. No centro da piscina aguardava – reluzente e majestoso – o módulo, com os seus quase vinte e três pés de altura. Naqueles instantes, ao rodeá-lo, um calafrio sacudiu-me dos pés à cabeça. E creio que foi a partir desse momento que intuí que «algo» de extraordinário e inimaginável nos esperava do outro lado.

O carburante – a dimetil-hidrazina e o tetróxido de nitragénio – já tinha sido introduzido nos tanques. No total, dezasseis mil e quatrocentos quilos. Mais do que suficiente para os nossos propósitos. Com aquelas quase dezasseis toneladas e meia dispúnhamos de uma margem máxima de voo de cinco horas e catorze minutos.

Desta vez, como consequência dos novos equipamentos e da maior duração da missão, o peso do berço tinha aumentado consideravelmente, até alcançar as vinte e cinco toneladas.

Destas, como já disse, quase dezassete correspondiam aos depósitos e aos citados propulsantes.

O general fez-nos um sinal, convidando-nos a ir a uma reunião com os directores do projecto. Ali, por fim, tivemos a notícia da hora zero. O lançamento, salvo imprevistos, realizar-se-ia à uma hora da madrugada de sábado, dez de Março.

Quando nos interessámos pelas medidas de segurança para o momento crítico, Curtiss, sem perder o sorriso, desviou a questão.

- Não há problema – limitou-se a responder. - Será como um passeio.

- Mas... e os vigilantes? - insisti, alarmado.

O chefe da operação nem sequer me ouviu. E continuou mergulhado nos pormenores da exploração.

Por unanimidade, a inclinação dos eixos dos swivels tinha sido estabelecida para a uma hora da madrugada de domingo, dia 9 de Abril do ano 30. Deste modo, uma vez efectuada a inversão de massa do módulo, teríamos tempo suficiente para alcançar o cimo do monte das Oliveiras antes das três da madrugada desse mesmo dia. A razão era simples: eu devia estar no jardim, propriedade de José de Arimateia, exactamente no momento em que se produzisse a primeira das supostas aparições do Ressuscitado.

Como já referi, a vara de Moisés sofrera algumas modificações. Uma delas – que descreverei na devida altura – consistia na introdução de um sistema revolucionário baseado em transductores de hélio que, na opinião dos cientistas, podia vir a ser de grande utilidade para analisar o misterioso corpo glorioso de Jesus de Nazaré. Mas as coisas não iriam ser tão simples...

O general e os directores mostravam-se especialmente preocupados com a falta de dados concretos sobre as referidas aparições do Mestre da Galileia. Estas, insisto, constituíam um dos objectivos básicos da missão. Mas, no momento de traçar um plano, as múltiplas contradições dos evangelistas – a nossa principal fonte informativa – só contribuíram para complicar as coisas.

Enquanto Mateus e Lucas, por exemplo, apenas falam de duas aparições, Marcos refere três e João, o mais digno de confiança, quatro.

Um dos poucos pontos em que há coincidência entre os quatro evangelistas era o da data da primeira aparição: no primeiro dia da semana.

Eis aqui os textos evangélicos que nos serviram de suporte inicial. Mateus, no capítulo 28, versículos 1 a 11, escreve: "Passado o sábado, ao amanhecer do primeiro dia da

semana, foi Maria Madalena e a outra Maria visitar o sepulcro. De repente deu-se um grande terramoto, porque o Anjo do Senhor desceu do céu, e, aproximando-se, fez rodar a pedra e sentou-se sobre ela.

O seu aspecto era como um relâmpago, e o seu vestido branco como a neve. Os guardas, atemorizados diante dele, puseram-se a tremer e ficaram como mortos. O Anjo dirigiu-se às mulheres e disse-lhes: "Não temais, porque sei que procurais a Jesus o Crucificado; ele já não está aqui, porque ressuscitou, como tinha dito. Vinde, vede o lugar onde ele estava. E, agora, ide já dizer aos seus discípulos: Ressuscitou de entre os mortos e irá diante de vós para a Galileia; lá o vereis. Eu já vo-lo disse ". Elas partiram a toda a pressa do sepulcro, com medo e grande júbilo, e foram a correr a dar a notícia aos seus discípulos.

Nisto, Jesus saiu-lhes ao encontro e disse-lhes: "Deus vos guarde!" E elas, aproximaram-se dEle e abraçaram os seus pés e adoraram-No. Então disse-lhes Jesus: «Não temais. Ide, avisai os meus irmãos para que vão à Galileia; lá Me verão».

Mais adiante (versículos 16 a 18), diz-se: «Por sua vez os onze discípulos partìram para a Galileia, para o monte que Jesus lhes tinha indicado. E, vendo-O, O adoraram; alguns, porém, duvidaram»

- Quanto a Marcos (16, l-19), eis a sua versão: «Tendo passado o dia de sábado Maria Madalena, e Maria, mãe de Tiago, e Salomé compraram aromas para irem embalsamá-lo. E, de madrugada, no primeiro dia da semana, ao nascer do Sol vão ao sepulcro. Diziam-se umas às outras: "Quem nos há-de retirar a pedra da porta do sepulcro?" E levantando os olhos viram que a pedra já estava retirada, a qual era muito grande.

E, entrando no sepulcro, viram um jovem sentado do lado direito, vestido com uma túnica branca, e ficaram assustadas.

Mas ele disse-lhes: «Não vos assusteis. Buscais Iesus de Nazaré, o Crucificado; ressuscitou, não está aqui. Vede o lugar onde o puseram. Mas ide dizer aos seus discípulos e a Pedro que ele irá adiante de vós para a Galileia; lá O vereis, como Ele vos disse«. Elas saíram fugindo do sepulcro, porque um grande tremor e espanto se tinha apoderado delas, e não disseram nada a ninguém, porque tinham medo».

«Jesus ressuscitou de madrugada, no primeiro dia da semana, e apareceu primeiro a Maria Madalena, da qual tinha expulsado sete demónios. Ela foi levar a notícia aos que tinham vivido com Ele, os quais estavam tristes e chorosos.

Eles ao ouvirem que Ele vivia e que tinha sido visto por ela, não acreditaram. Depois disto, apareceu, sob outra forma, a dois deles, quando estavam a caminho de uma aldeia. Eles voltaram para o comunicar aos outros; mas também não acreditaram nestes».

«Por último, estando à mesa os onze discípulos, apareceu-lhes e censurou-lhes a sua incredulidade e dureza de coração, por não terem acreditado nos que o tinham visto ressuscitado. E disse-lhes: «Ide por todo o mundo e proclamai a Boa Nova a toda a criatura. O que crer e for baptizado, salvar-se-á; o que não crer, condenar-se-á. Estes são os sinais que acompanharão os que crerem: em meu nome expulsarão demónios falarão em línguas novas, agarrarão em serpentes com as suas mãos e, mesmo que bebam veneno, não lhes fará mal; imporão as mãos sobre os enfermos, e estes ficarão curados».

«Com isto, o Senhor Jesus, depois de lhes falar, foi elevado aos céus e sentou-se à direita de Deus» Lucas dedica o último capítulo do seu evangelho, o 24o, a narrar os acontecimentos nos seguintes termos: «No primeiro dia da semana, muito cedo, foram ao sepulcro, levando os aromas que tinham preparado. Mas viram que a pedra tinha sido retirada do sepulcro, e entraram, mas não encontraram o

corpo do Senhor Jesus. Não sabiam que pensar disso quando se apresentaram diante delas dois homens com vestes

* Isto é, no domingo. A mesma coisa não acontecia, em contrapartida, com a hora. Para Mateus, as mulheres que foram ao sepulcro – sobre cuja identidade e número também não estão de acordo os escritores sagrados – fizeram-no ao alvorecer do dia. Marcos, como vimos, fala da saída do Sol. Lucas é mais impreciso: de manhã cedo. Finalmente, resplandecentes. Como elas estivessem com medo e virassem os olhos para o chão, eles disseram-lhes: «Porque buscais entre os mortos O que está vivo? Não está aqui, ressuscitou.

Recordai como Ele vos falou quando ainda estava na Galileia, dizendo: É necessário que o Filho do Homem seja entregue nas mãos dos pecadores, e seja crucificado, e ao terceiro dia ressuscite ». E elas lembraram-se das suas palavras.

Regressando do sepulcro, anunciaram todas estas coisas aos onze e a todos os outros. As que diziam estas coisas aos apóstolos eram Maria Madalena, Joana, Maria, a de Tiago, e as outras que estavam com elas. Mas todas estas palavras lhes pareciam como que desatinos e não acreditavam nelas».

«Pedro levantou-se e foi a correr ao sepulcro. Inclinou-se, mas viu só os panos e voltou para casa, admirado com o sucedido. Naquele mesmo dia iam dois deles a uma aldeia chamada Emaús que ficava à distância de sessenta estádios de Jerusalém, e conversavam entre eles sobre tudo o que se tinha passado. E sucedeu que, enquanto eles iam conversando e discutindo, o próprio Jesus se aproximou deles e caminhou com eles; mas os seus olhos estavam como que fechados para que não O reconhecessem. Disse-lhes Ele: «De que falais entre vós enquanto ides andando?" Eles pararam com ar entristecido.

"Um deles, chamado Cléofas respondeu-lhe: "És tu o único morador de Jerusalém que não sabe as coisas que nestes

dias se tém passado nela?" E Ele disse-lhes: "Que coisas?" Eles disseram: Sobre Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em obras e em palavras diante de Deus e de todo o povo; como os nossos sumos sacerdotes e magistrados O condenaram à morte e O crucificaram. Nós esperávamos que seria Ele quem iria libertar Israel; mas, com todas estas coisas, já lá vão três dias desde que isto se passou. O caso é que algumas mulheres que estavam connosco nos sobressaltaram, porque foram de madrugada ao sepulcro e, não tendo achado o seu corpo, vieram dizer que até tinham visto uma aparição de anjos que diziam que ele estava vivo. Foram também alguns dos nossos ao sepulcro e acharam-no tal como tinham dito as mulheres, mas a Ele não o viram"

"Ele disse-lhes: «Oh, insensatos e lentos de coração para crer tudo o que disseram os profetas! Não era necessário que o Cristo sofresse isso e assim entrasse na sua glória?» E começando por Moisés, e passando por todos os profetas, explicou-lhes o que sobre Ele havia escrito em todas as Escrituras».

«Ao aproximarem-se da aldeia para onde iam, Ele mostrou intenção de seguir em frente. Mas eles retiveram-No, dizendo-lhe: «Fica connosco, porque se faz tarde e o dia já declinou». E entrou para ficar com eles. E aconteceu que quando se sentou à mesa com eles, tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e começou a distribuí-lo. Então abriram-se-lhes os olhos e reconheceram-no mas Ele desapareceu de ao pé deles.

Disseram um para o outro: "Não estava ardendo o nosso coração dentro de nós, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as escrituras?" E, levantando-se logo, voltaram para Jerusalém e encontraram juntos os onze, e os que estavam com eles, e que diziam: "É verdade! O Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!" Eles, por seu lado, contaram o que se tinha passado no caminho e como O tinham reconhecido ao partir o pão. Estavam a falar destas coisas,

quando Ele se apresentou no meio deles e lhes disse: "A paz seja convosco" Surpreendidos e assustados, julgavam estar a ver um espírito.

Mas Ele disse-lhes: "Porque vos perturbais, e porque surgem dúvidas no vosso coração? Olhai para as minhas mãos e para os meus pés; sou Eu mesmo. Apalpai-me e vede que um espírito não tem carne e ossos como vedes que eu tenho E, dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e os pés. Como eles não conseguiam acreditar de tanta alegria e se mostrassem assombrados, disse-lhes: "Tendes aqui alguma coisa que se coma?" Eles ofereceram-lhe parte de um peixe assado. Tomou-o e comeu diante deles».

João, mais minucioso, oferece-nos um dado importante: de madrugada (quando ainda estava escuro.

«Levou-os até perto de Betânia e, levantando as mãos, abençoou-os. E aconteceu que, enquanto os abençoava, se separou deles e foi levado para o céu. Eles, depois de se prostrarem diante dEle, voltaram para Jerusalém com grande júbilo, e estavam sempre no Templo bendizendo a Deus» Por último, João Evangelista (201-31 e 211-25) fala de quatro aparições: «No primeiro dia da semana vai Maria Madalena ao sepulcro, de madrugada, quando ainda estava escuro, e vê a pedra tirada do sepulcro. Desata a correr e vai ter com Simão Pedro e com o outro discípulo, a quem Jesus amava, e disse-lhes: "Levaram o Senhor do sepulcro, e não sabemos onde o puseram". Saíram Pedro e o outro discípulo e dirigiram-se para o sepulcro. Corriam os dois juntos, mas o outro discípulo correu à frente mais rápido que Pedro, e chegou primeiro ao sepulcro. Inclinou-se e viu os panos no chão; mas não entrou.

Chega também Simão Pedro, seguindo-o, entra no sepulcro e vê os panos no chão, e o sudário que cobrira a sua cabeça, não junto aos panos mas dobrado num lugar à parte. Então entrou também o outro discípulo, o que tinha chegado primeiro ao sepulcro viu e acreditou, pois até então não

tinha compreendido que, segundo a Escritura, Jesus devia ressuscitar de entre os mortos. Os discípulos, então, voltaram para casa».

Quanto à aparição a Madalena, João diz: «Estava Maria junto ao sepulcro, fora, chorando. E, enquanto chorava, inclinou-se para o sepulcro e viu dois anjos de branco, sentados onde estivera o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés.

Dizem-lhe eles: "Mulher, porque choras? A quem procuras?" Ela, pensando que era o encarregado do horto, disse-lhe: "Senhor, se tu o levaste, diz-me onde o puseste, e eu o levarei comigo" Disse-lhe Jesus: "Maria" Ela volta-se e diz-lhe em hebraico: "Rabboni" - que quer dizer "Mestre" Diz-lhe Jesus: "Não me toques, que ainda não subi para o meu Pai. Mas vai aos meus irmãos e diz-lhes: subo para o meu Pai, e vosso Pai, para o meu Deus, e vosso Deus". Foi Maria Madalena e disse aos discípulos que tinha visto o Senhor e que tinha dito estas palavras».

«Ao entardecer daquele dia, o primeiro da semana, e estando fechadas com medo dos Judeus as portas do lugar onde se encontravam os discípulos, apresentou-se Jesus no meio deles e disse-lhes: A paz seja convosco". Dito isto, mostrou-lhes as mãos. Os discípulos alegraram-se ao ver o Senhor. Jesus disse-lhes de novo: "A paz seja convosco. Assim como o Pai me enviou, também Eu vos envio". Dito isto, soprou sobre eles, e disse-lhes: "Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes ser-lhes-ão retidos".

Tomé, um dos doze, chamado "o Dídimo não estava com eles quando veio Jesus". Os outros discípulos disseram-lhe: "Vimos o Senhor" Mas ele respondeu: "Se não vir nas suas mãos a abertura dos cravos, e não lhe tocar com a minha mão, não crerei". Oito dias depois, estavam outra vez os seus discípulos dentro e Tomé com eles. Apresentou-se Jesus

no meio deles

estando as portas fechadas, e disse: "A paz seja convosco".

Depois disse a Tomé: "Aproxima aqui o teu dedo e olha as minhas mãos, aproxima a tua mão e toca-me, e não sejas incrédulo, mas crente". Tomé respondeu-lhe: "Senhor meu e Deus meu". Disse-lhe Jesus: "Porque me viste, tu creste. Ditosos os que não viram e creram"".

Finalmente, depois de afirmar que Jesus realizou outros muitos sinais na presença dos seus discípulos, João narra a aparição nas margens do lago de Tiberíade: «Depois disto tornou a manifestar-se Jesus aos seus discípulos, nas margens do mar de Tiberíade. Manifestou-se desta maneira. Estavam juntos Simão Pedro, Tomé, chamado "o Dídimo", Natanael, o de Caná da Galileia, os de Zebedeu e outros dois discípulos. Simão Pedro disse-lhes: "Vou pescar" Responderam-lhe eles: "Também nós vamos contigo". Foram e entraram para a barca, mas naquela noite nada pescaram. Quando amanheceu, estava Jesus na margem; mas os discípulos não sabiam que era Jesus. Disse-lhes Jesus: "Rapazes, não tendes peixe?". Responderam-lhe: "Não".

** Para nós, embora conhecêssemos a hora exacta em que se registaram os enigmáticos acontecimentos que rodearam a suposta ressurreição, o facto de podermos determinar com precisão o momento em que as mulheres entraram na propriedade de José de Arimateia tinha um interesse especial.*

Tendo em conta que o nascer do Sol em Jerusalém ocorrera naquela data às cinco horas e quarenta e dois minutos, a tendência geral entre os homens do Cavalo de Tróia inclinava-se para a versão de João, o Evangelista. Mas seria preciso uma comprovação sobre o terreno. No que se refere ao famoso terramoto citado por Mateus – ignorado pelos outros três evangelistas -, o nosso cepticismo foi quase total. As vibrações e o zunido que acompanharam ou precederam –

pois este ponto não estava de todo claro – o desaparecimento do cadáver do interior da gruta nada tinham a ver com o que hoje interpretamos como um sismo. Quanto à pedra que fechava o sepulcro, as contradições eram igualmente palpáveis.

Mateus culpa o Anjo do Senhor que baixou do céu. Marcos, Lucas e João, prudentemente estão de acordo em que, quando as mulheres chegaram ao lugar, a pedra já tinha sido deslocada. Mas como ou por quem? Possivelmente, como eu próprio tive a oportunidade de ouvir do pombal, o movimento, não de uma, mas das duas lajes foi devido a alguma força ou entidade invisíveis aos olhos humanos. Com respeito aos jovens ou anjos, de vestes brancas e resplandecentes que foram vistos pelas mulheres, o assunto complicava-se até limites insuspeitados. Mateus e Marcos só falam de um. Para o primeiro, fora do sepulcro. O segundo, pelo contrário, coloca-o no interior da cripta. Lucas e João referem-se aos dois, respectivamente.

Com que versão ficávamos?

O primeiro dos evangelistas – Mateus -, quando narra a aparição às mulheres entra de novo em flagrante contradição com João. Enquanto aquele afirma que Jesus saiu ao encontro das mulheres e que estas, aproximando-se, abraçaram os seus pés e adoraram-No, o Zebedeu assegura algo de muito diferente: que Maria Madalena voltou-se – estando ainda junto do sepulcro

- e viu Jesus. Mais ainda: chegou a confundi-lo com o jardineiro, pedindo-lhe que lhe dissesse onde tinha colocado o corpo do Mestre. Quando, finalmente, a de Magdala reconheceu o Galileu, este proibiu-a de lhe tocar, que ainda não subi para o meu Pai.

Enfim, para quê continuar? O estudo e a revisão destas passagens só contribuiu para nos confundir. Era preciso reconstituir, os factos. E fazê-lo desde o princípio. Daí ser

vital a minha presença no jardim. E, se fosse possível, como planeara o Cavalo de Tróia, a partir do momento da suposta ressurreição.

Disse-lhes Ele: "Lançai a rede para o lado direito da barca e encontrareis". Lançaram, pois, e já não podiam arrastá-la, pela grande quantidade de peixes. O discípulo a quem Jesus amava disse então a Pedro: "É o Senhor". Quando Simão Pedro ouviu "É

o Senhor", vestiu a sua roupa – pois estava nu – e lançou-se ao mar. Os outros discípulos vieram na barca, arrastando a rede com os peixes; pois não distavam muito da terra, apenas uns duzentos cóvados. Logo que saltaram em terra, viram umas brasas preparadas e um peixe em cima delas e pão. Disse-lhes Jesus: "Trazei alguns dos peixes que acabais de pescar". Subiu Simão Pedro e tirou a rede para terra, cheia de peixes grandes, cento e cinquenta e três. E, mesmo sendo tantos, não se rompeu a rede. Disse-lhes Jesus: "Vinde e comei". Nenhum dos discípulos se atrevia a perguntar-lhe: "Quem és tu?", sabendo que era o Senhor. Aproximou-se então Jesus, tomou o pão e repartiu-o; e de igual modo o peixe. Foi esta já a terceira vez que Jesus se manifestou aos seus discípulos, depois de ter ressuscitado dos mortos (N. Do M)

Mas o destino tinha outros planos.

Pelo segundo dos livros atribuídos a Lucas – os Actos dos Apóstolos – sabíamos que a última aparição do Mestre aos seus discípulos (denominada entre os cristãos como a Ascensão aos Céus) deve ter-se dado quarenta dias depois da ressurreição.

Isto é mais ou menos no dia 18 de Maio, quinta-feira. Mas, logicamente o dado não era muito seguro. Mesmo assim, embora o tempo atribuído a esta segunda exploração estivesse nas nossas mãos, Cavalo de Tróia teve a preocupação de encher a despensa do módulo com uma

reserva de água e alimentos suficientes para uns doze dias. Embora não tão grande, esta foi outra das preocupações do general. Se a missão, como estava inicialmente previsto, se prolongasse até um total de quarenta ou cinquenta dias, Eliseu e eu tínhamos de resolver a falta de provisões, recorrendo às fontes naturais do próprio meio. Dadas as deficientes condições de higiene da época, a equipa de directores fixara uma série de normas drásticas, de carácter preventivo, que devíamos cumprir com todo o rigor. Mas prefiro deixar este assunto para mais adiante.

A maior parte das reservas alimentícias do berço, tal como acontecera no primeiro salto, tinha sido minuciosamente estudada, seguindo – é claro! - as directrizes e os costumes da NASA. No plano diário de trabalho – que dizia respeito sobretudo ao meu irmão – havia três indicações muito concretas: pequeno-almoço, almoço e jantar. No total, o Cavalo de Tróia tinha seleccionado uma ementa constituída por trinta e cinco manjares diferentes, todos desidratados, isto é, sem água. A dieta diária abrangia desde esparguete com carne picada até cocktail de gambas, passando pelos mais variados sumos de fruta, tarte de maçã, queijo, leite e uma infinidade de hortaliças e legumes e outros alimentos ricos em açúcares ou hidratos de carbono, lípidos, vitaminas e minerais. Este último capítulo recebeu uma atenção especial da parte dos nossos especialistas.

Como se sabe, os minerais, assim como as vitaminas, não fornecem energia, mas são muito importantes para regular todas as funções vitais. O homem pode suportar a falta de vitaminas durante semanas. No entanto, qualquer pequena alteração na concentração de cloreto de sódio no sangue, para dar um exemplo, pode provocar consequências fatais. Daí as provisões ricas em minerais – sobretudo em sódio, potássio, ferro, magnésio, cálcio, fósforo, iodo, cobalto, cloro e flúor – terem merecido um tratamento especial.

Os alimentos, que acabavam por desfazer-se em migalhas,

foram reunidos em porções. Cada uma perfeitamente envolta por uma camada de fécula que evitava que se esboroassem. A preparação do correspondente menu obrigava a um tratamento prévio, à base de água fria ou quente, dependendo dos gostos pessoais e da natureza da refeição. Cada pequeno-almoço, almoço ou jantar fora acondicionado em

* A lista de alimentos ricos em vitaminas abrangia os sete grandes grupos essenciais. I: verduras e hortaliças; II: frutos cítricos (laranjas, tangerinas e limões); III: batatas e frutas diversas; IV: leite e seus derivados; V: carne, peixe e ovos. VI: pão, massa, cereais e seus derivados, e VII: manteiga, margarina enriquecida com vitamina A" e óleos vegetais. (N. Do hl).

Diferentes recipientes cilíndricos e tudo, por sua vez, hermeticamente protegido num compartimento destinado a despensa e situado na popa da nave. Tendo em conta a forma prismática do berço – com pouco mais de sessenta metros cúbicos de capacidade -, tinha sido colocado naquilo a que podíamos chamar a proa, a maior parte dos equipamentos electrónicos, de navegação e o computador central: o nosso serviçal e utilíssimo Pai Natal. À direita e à esquerda dos assentos de pilotagem, ocupando quase a totalidade das paredes laterais, estavam os depósitos de combustível, água e gases auxiliares. Tudo isto, em compartimentos estanques, fabricados com uma liga especial de alumínio. As juntas e outras zonas que podiam vir a ser submetidas a maiores esforços mecânicos eram de titânio.

Sob os nossos pés, como creio que já comentei, o motor principal e os dois reactores auxiliares e reguláveis. Os outros oito foguetes estavam distribuídos estrategicamente nas diferentes faces do módulo. A popa, para além da despensa e dos beliches, abrigava complexos circuitos de rádio de medição ambiental interna e externa e uma bateria atómica – tipo SNAP 27 – capaz de transformar a energia calorífica do plutónio radioactivo em corrente eléctrica (50 W), com uma vida útil de um ano. Esta pilha, especialmente blindada, era o coração do módulo. Todos os circuitos e

instrumentos dependiam dela em maior ou menor grau. Não quero nem pensar no que nos podia ter acontecido se houvesse uma falha no fornecimento de electricidade.

Como medida de precaução, o Cavalo de Tróia acrescentou aos novos equipamentos uma bateria de espelhos metálicos – doze no total

- que podiam ser montados na face externa do berço, aproveitando a radiação solar e podendo gerar até 500 W.

Entre os assentos dos tripulantes encontrava-se o núcleo de controlo dos eixos dos swivels, essencial para a inversão de massa e para o retrocesso no tempo2. Este enxame de equipamentos era controlado pelo computador central – o Pai Natal -, de que já falei e cuja natureza nada tem a ver com a dos seus irmãos, os computadores de válvulas de elevado vácuo ou de estado sólido. A coordenação dos principais sistemas -

* Estes espelhos, de vidro revestido de prata, tinham 293 centímetros de diâmetro. Na parte posterior tinham coladas diversas películas de cobre, podendo ser fixos a um estribo de ferro, em disposição azimutal bìaxial. Inventado pelo professor israelita Tahor, o sistema, graças à fórmula especular assimétrica e ao deslocamento do eixo de giro horizontal no centro da curvatura da imagem permitia que toda a radiação reflectida incidisse num único ponto. Embora a capacidade de reflexão do vidro revestido de prata fosse alta - cerca de oitenta e oito por cento -, Cavalo de Tróia abasteceu-nos também de outras pranchas de reserva, à base de aço maleável prateado e metal electroprateado, com índices de reflexão de noventa e um e noventa e seis por cento, respectivamente. (N. Do rLI).

* Este núcleo de controlo tinha sido colocado numa pequena cúpula cilíndrica. A rede" do sistema de inversão de massa estendia-se, no entanto, a toda a estrutura sólida do berço, incluindo, naturalmente, a membrana" que recobria a blindagem externa e à qual me referi no começo deste diário. Qualquer partícula subatómica ou qrirn energético que se fechasse nesse recinto era invertido automaticamente, incluindo, é claro, as massas dos astronautas, os gases, etc. A inversão simultânea dos eixos orientados dos suivels alcançava também uma pequena área do invólucro cortical clinwe: até uma distância de 1111329 metros. (N. Do M)

* Veja-se o primeiro volume desta obra. (N. Do A)

propulsão, inversão dos eixos, verificação visual para voos, descida do módulo, detecção e emissão, controlo do meio

biológico, alimentação geral dos equipamentos, etc. - era executada através da técnica conhecida como controlo por retroacção com o auxílio de computadores 1.

E apesar de não pretender alongar-me nas sempre difíceis e complexas características técnicas dos instrumentos e dos sistemas utilizados, tanto o meu companheiro de aventuras como eu próprio sentimos um profundo prazer quando, ao revistar o interior do berço, comprovámos que o Cavalo de Tróia tinha contemplado algumas das nossas sugestões, tendo em vista a iminente exploração. Na popa, devidamente acondicionados, encontravam-se, entre outros, os seguintes aparelhos e ferramentas: dois microscópios, um do tipo Ultropack, da casa Leitz, muito útil para a visualização de corpos opacos, e o segundo, mais complexo, que naquela altura iniciava os seus primeiros passos no mundo da investigação científica – o denominado efeito túnel, que procurarei pormenorizar na devida altura e que se mostraria de grande utilidade para os objectivos da missão.

O considerável peso e volume do microscópio electrónico fez-nos desistir da sua instalação no interior da nave. Além disso, havia um microdensitómetro e um sofisticado interpretador de imagens que contribuiriam – e de que forma! - para o que, sem dúvida, foi uma das descobertas mais sensacionais deste segundo salto.

O grosso do novo instrumental era complementado por um laser experimental destinado a comunicações a longa distância; um aparelho mi- niaturizado de raios X de modulações dirigidas; material termográfico de alta velocidade e outros dispositivos que irei revelando quando chegar a ocasião.

Num dos compartimentos da despensa – protegidos a baixa temperatura – foram introduzidos também diversos reagentes e uma ampla amostra dos antibióticos, das sulfamidas e outros fármacos sintéticos, imprescindíveis num clima temperado, em especial para combater possíveis infecções

microbianas2.

Além desta generosa representação da mais moderna quimioterapia – reservada, em princípio, de acordo com o rigoroso código ético da operação, aos ocupantes do módulo – o general Curtiss e alguns directores tinham insistido na necessidade de abastecer a nave de uma extensa reserva de plantas medicinais. No total, 147 espécies altamente benéficas e que, em caso de necessidade, e segundo o nosso critério, podiam ser tiradas do berço. A maior parte delas, segundo os estudos dos nossos especialistas, existia naquele tempo na Palestina e nas regiões circundantes. Portanto, a sua presença não ia contra os esquemas ou o quadro evolutivo do momento. E devo reconhecer que a ideia tornar-se-ia muito útil e frutuosa.

Cada erva, depois de devidamente seca foi introduzida

**1 O Pai Natal, o computador central, operava, numa primeira fase, analisando as funções contínuas ou analógicas.*

Posteriormente por um processo automático de amostragem estatística, seleccionava os parâmetros básicos, efectuando os cálculos digitalmente. Desta forma oferecia-nos uma resposta definitiva e quantificada. O grau de confiança dos resultados era extraordinária: praticamente total. (N. Do M).

** Ainda haverá ocasião para falar disso, mas sirva de antecipação que entre o arsenal de medicamentos figuravam, por exemplo, penicilinas, ammoglicoidios e aminociclitois, cefalosporinas, macrolídeos e lincosamidas, tetraciclinas, peptídios, antibióticos, antimicóticos, clorofenicol, etc. (N. Do M)*

em pequenos frascos de vidro, com o nome da planta e a data em que fora colhida num rótulo. O Pai Natal recebeu também uma informação completíssima sobre a natureza, origem e propriedades curativas de todas elas.

Por último, entre as novidades, contávamos também com valiosas réplicas das tábuas astrológicas utilizadas pelos Egípcios no tempo de Jesus, assim como de uma série de astrolábios assírios – igualmente talhados em tabuinhas de madeira policromada – que deviam ajudar-me na minha tarefa de áugure e adivinho.

Mas o que mais despertou a nossa atenção foi uma caixa de aço quadrada, hermeticamente fechada, colocada também na popa e ligada directamente ao computador central. Por mais que inspeccionássemos por todos os lados – de quarenta centímetros cada um -, fomos incapazes de descobrir uma única inscrição ou pista que revelasse o seu conteúdo. Como estava firmemente aparafusada, foi impossível avaliar o peso ou sequer intuir a razão da sua presença no interior do módulo. Eliseu e eu, de mútuo acordo perguntámos a Curtiss o porquê de tão misterioso recipiente. O general parecia estar à espera da pergunta. O seu rosto ficou fugazmente sombrio e, num tom autoritário pouco comum nele, replicou: ,

- Lamento. Isso é material secreto. Altamente secreto.

E dando meia volta, afastou-se em direcção à escotilha de emergência do fosso. Naturalmente, acatámos a ordem. Mas Curtiss sabia que aquela atitude de sigilo militar só podia contribuir para excitar a nossa curiosidade de modo a mais tarde, tentar desvendar a missão daquela caixa.

Por volta das quatro horas e meia, o general regressou à piscina.

Ocupados em mais uma revisão dos equipamentos de bordo, não nos apercebemos da sua chegada. Um dos engenheiros é que nos disse, assomando a cabeça pela escotilha aberta no chão do berço, que o chefe nos estava a chamar. Ao descer pela escada hidráulica do módulo, aguardava-nos uma outra surpresa: todo o turno de trabalho e outros homens de folga tinham-se juntado diante da nave. Curtiss, na primeira fila, e sorridente, tinha nas mãos um cilindro de vidro. Consultou o relógio e, transbordante de satisfação, exclamou:

- Rapazes, dentro de sete horas e trinta minutos, se tudo correr bem, daremos início à contagem decrescente. Desta vez não estarei fisicamente presente. A vossa segurança, e a

de toda a equipa, dependem, em grande medida, desta minha ausência, temporária. Depressa compreenderão porquê.

Baixou os olhos e, apelando a toda a sua energia resumiu numa única frase os desejos e sentimentos de todos os que ali estávamos:

- Boa sorte. E que Ele vos abençoe de novo! Com os olhos húmidos estendeu as mãos para Eliseu, entregando-lhe uma oliveira pequenina dentro de um estojo.

- Um último pedido – acrescentou. - Levem também este rebento e plantem-no em nome dos que ficam deste lado. Será o símbolo humilde e secreto de uns homens que aPenas buscam a paz. Uma paz sem fronteiras. Uma paz sem limites de espaço, e de tempo. Obrigado! E repito: boa sorte! Antes de podermos reagir abraçou-nos, avançando imediata e rapidamente por entre os comovidos técnicos do Projecto, subindo as escadas rumo à superfície de Massada.

Eliseu e eu, com os corações batendo forte, só tivemos forças para balbuciar um duplo e trémulo obrigado. Tal como acontecera na primeira descolagem, na mesquita da Ascensão, as palavras negaram-se a fluir dos nossos lábios.

Restabelecida a normalidade na estação, os directores explicaram-nos o porquê da inesperada ausência do general nos últimos momentos da fase vermelha.

Dias antes, Curtiss tinha convencido Qasim, o xeque beduíno que erguera a sua tenda à distância de uma pedrada da plataforma-base do funicular, a celebrar uma ceia nómada típica precisamente na noite de sexta-feira, 9 de Março. Os borregos e um substancioso presente – em dólares, claro – tinham sido decisivos. A finalidade não era outra senão manter Yefet, o chefe do Acampamento Eleazar, afastado do cume do rochedo durante a abertura da piscina e o subsequente lançamento do berço".

O capitão israelita e o nosso chefe eram os únicos

convidados. Yefet interpretou o gesto como uma manifestação da tradicional hospitalidade beduína, aceitando, encantado. Por um lado, rejeitar o convite dos shammar teria sido um insulto. Por outro, a festa quebrava a monotonia e o enclausuramento a que se encontrava submetido desde Fevereiro.

Às cinco horas dessa tarde, uma das cabinas do funicular conduziu-os até ao sopé de Massada. Dado que o serviço do funicular terminava com o crepúsculo, ambos teriam de pernoitar na tenda nómada. Como prccaução adicional, o chefe do Cavalo de Tróia havia estabelecido um código secreto para ser utilizado nos casos seguintes: se qualquer coisa falhasse no fosso e a descolagem do módulo fosse anulada, um dos nossos homens deveria transmitir imediatamente para a estação de rádio situada na plataforma-base do funicular uma das frases da conversa que o doutor Kissinger tivera com a jornalista da NBC, Barbara Walters, a propósito do que dissera em inglês Mao Tsé-Tung: «Sente-se, se faz favor».

Se, pelo contrário reclamassem inesperadamente a presença de Yefet no cume, vendo-se obrigado a abandonar a hospitalidade dos shamna antes da uma hora da madrugada de sábado,

Curtiss teria de encontrar uma solução para fazer os duzentos metros que separavam a tenda da estação de rádio e transmitir para o acampamento outra das frases que nos recomendara memorizar durante a visita ao gerador: «Isso é mais do que aquilo que o senhor consegue dizer em chinês».

- Esperemos, para o bem da missão e de todos – concordámos que não seja necessário recorrer a nenhuma dessas ridículas frases.

No entanto, do nosso ponto de vista, nem tudo parecia tão simples. Apesar do perigoso Yefet ter sido afastado da meseta, ainda ali havia mais vinte e cinco israelitas. Como

iríamos iludi-los. Sobretudo como neutralizar os vinte vigilantes? À primeira vista o plano do general era bom. Com os dois técnicos encarregues da manutenção de Charlie não havia problema. Como se encontravam na cisterna subterrânea, era pouco provável que vissem ou ouvissem algo de anormal. Quanto aos restantes – os cozinheiros e os grupos de vigilantes -, as ordens eram drásticas.

Pouco antes do jantar por volta das nove horas da noite, um dos nossos homens devia infiltrar-se na cozinha deitando na comida, na água e no vinho uma pequena dose de nembutal, um sedativo cuja acção – dependendo da quantidade em miligramas – se mantém entre trinta minutos e cinco ou seis horas.

Assim, tanto o turno que iniciava a vigilância nas casamatas oriental e ocidental às dez da noite como o que a deixava e ia para o refeitório, ficariam sob os efeitos do hipnótico no máximo quarenta e cinco a cinquenta minutos depois de o terem ingerido. Com o fim de não levantar suspeitas, os vinte especialistas do Cavalo de Tróia, que terminavam o seu serviço na piscina às vinte e uma horas e trinta minutos, deviam dirigir-se normalmente para o refeitório e compartilhar com os nossos aliados o jantar. E o nembutal. Se no dia seguinte, algum vigilante ousasse confessar que tinha adormecido no seu posto de observação – coisa pouco provável -, descobrindo-se assim que acontecera a mesma coisa aos outros, os militares israelitas ver-se-iam obrigados a reconhecer que também os norte-americanos que não estavam de serviço tinham sido vítimas da mesma anomalia.

A ideia não era má. No entanto, confiámos em que a situação não chegasse a esse extremo. No acampamento todos sabiam, apesar de ser segredo, que em geral e a partir das onze ou doze horas da noite, a maioria dos vigilantes acabava por acomodar-se nos seus improvisados catres e passavam pelas brasas. Se não fosse a inevitável abertura

do fecho hidráulico do fosso e o ruído dos motores do módulo ao descolar talvez tivesse sido desnecessária aquela série de precauções.

Como já referi, o berço dispunha de um sistema de emissão de radiação infravermelha que o tornava invisível aos olhos de qualquer hipotético observador. Esta fonte energética irradiava de toda a membrana, que, como também já expliquei, revestia totalmente a nave.

** As funções básicas desta membrana" eram as seguintes: Em primeiro lugar como ficou dito, a camuflagem do módulo por meio de um escudo ou colchão" de radiação infravermelha (acima dos setecentos nanómetros). Este requisito era imprescindível para as nossas observações, não afectando assim o ritmo natural dos indivíduos que se pretendia estudar ou controlar. Em segundo lugar, procurar a absorção – sem reflexo ou retorno – das ondas decimétricas, fundamentalmente utilizadas nos radares.*

(No caso dos ecrãs militares israelitas estes dispositivos de segurança foram previamente ajustados às ondas utilizadas por tais radares: 1347 e 240 2 megaciclos) Este método anulava a possibilidade de localização electrónica do berço, enquanto era elevado a oitocentos pés, ponto ideal para a seguinte fase de inversão de massa dos swivels. Por último, a membrana" que cobre a blindagem exterior da nave, cuja espessura é de 00329 m, devia provocar uma incandescência artificial que eliminasse qualquer tipo de germe vivo que aderisse à sua superfície. Esta precaução evitava que os germes fossem invertidos tridimensionalmente com a nave. Uma entrada, involuntária desses organismos num outro tempo", ou noutro contexto tridimensional, poderia trazer consequências imprevisíveis de carácter biológico. Como informação puramente descritiva, posso dizer que a membrana" tem propriedades de resistência estrutural muito especiais.

Este revestimento poroso do berço, de cerámica, tem um

elevado ponto de fusão: 726061"C, sendo o seu poder de emissão externa igualmente alto. A sua condutibilidade térmica, em contrapartida, é muito baixa: 2071 13x 10 Col/Cm/s/oC. (Para esta membrana" é muito importante que a ablação se mantenha dentro de uma margem de tolerância muito ampla) Para isso utiliza-se um sistema de arrefecimento por transpiração com base no lítio liquefeito. Além disso, foi envolvida de uma fina camada de platina coloidal colorida posta sobre a superfície externa. (N. Do n.)

Vinte e três horas.

Eliseu fechou a escotilha do módulo.

- Sessenta minutos para o início da contagem decrescente.

- Entendido.

A voz dos técnicos chegava forte e clara. O nosso passo seguinte foi vestirmos os fatos especialmente desenhados para o processo de inversão de massa, comprovando no computador o novo dispositivo de RMN, colocado nos escafandros e que devia fotografar os tecidos neurónicos durante a mudança dos eixos dos swivels. Aquela fora uma das nossas exigências para prosseguirmos com a missão.

Durante o tempo infinitesimal das duas inversões inicialmente previstas, o sistema miniaturizado de RMN, ou ressonância magnética nuclear, permitiria um seguimento fiel e minucioso da actividade dos nossos neurónios, fornecendo, talvez, novas informações sobre o mal que afectava os nossos cérebros, tínhamos a certeza – o Pai Natal verificou e interpretou aqueles primeiros cortes da massa cerebral, marcando a ignição automática seguinte da RMN para as vinte e quatro horas e quarenta e cinco minutos; isto é, um quarto de hora antes da descolagem. - supondo que regressássemos Isso permitiria – uma análise comparativa do comportamento e possíveis alterações dos pigmentos do envelhecimento antes, durante e depois da inversão axial.

Esta espécie de radiografias magnéticas são totalmente inócuas. No entanto, o sistema foi posto de lado na nossa primeira exploração. Em princípio devia ter sido introduzido na vara de Moisés, com a missão básica de estudar o cérebro de Jesus de Nazaré durante a sua Paixão e Morte. Mas, o facto de a RMN provocar a orientação de alguns átomos na direcção do campo magnético foi visto como uma forma de alteração do organismo humano a observar.

E isto, como se disse, estava terminantemente proibido. O sistema, além disso, não foi miniaturizado a tempo e foi preciso deixá-lo de fora. Agora, pelo contrário, as coisas eram diferentes – De um ponto de vista ético não nos pareceu digno de reprovação tentar estudar um corpo glorioso com a ajuda da ressonância magnética nuclear. O objectivo, e nós sabíamos isso, tinha mais de sonho do que de realidade científica. Nem sequer tínhamos a certeza da existência desse organismo ressuscitado. E, no caso de que fosse visível e real, o que é que nos esperava?

Mas apercebo-me de que estou a cair na velha tentação de me antecipar aos factos. Vinte e três horas e trinta minutos.

* O fundamento do RMN baseia-se na característica peculiar do núcleo dos átomos de hidrogénio. Utilizando palavras simples. São como microscópicos ímanes, capazes de provocar um fenómeno de ressonância magnética. Submetendo estes átomos a um campo magnético de alta frequência (01 teslas. Os núcleos de hidrogénio ficam em linha. Ao serem excitados por meio de ondas de rádio. Esses núcleos atómicos giram sobre si mesmos, perdendo a energia inicial sob a forma de radiação. Esta pode ser captada e processada com a ajuda de um computador, e ser traduzida para imagens.

1 – trabalhando num campo, O nosso dispositivo RMN – especialmente miniaturizado magnético de dois teslas, podia explorar a fundo a totalidade das nossas massas cerebrais, interpretando cada órgão e região em trés dimensões simultâneas e reconstruindo os "cortes em forma sagital, axial ou oblíqua. (N. Do M).

Sentados diante do grande painel de instrumentos, o meu irmão começou a fazer a última leitura do computador central.

- Medidores do campo gravitacional.

- Okay.

- Indicadores de velocidade.

- Okay.

- Painel de instrumentos de vigilância de motores: temperatura. - Okay.

A revisão ficou concluída às vinte e três horas e quarenta minutos. Na realidade, tanto a descolagem como o voo e a aterragem, assim como a maioria das funções de fornecimento, pilotagem, etc, estavam controladas pelo Pai Natal. O nosso papel, por conseguinte, era o de meros supervisores ou, em casos extremos, de rectificadores.

- Zero horas.

- Sessenta minutos para levantar voo.

O início da contagem decrescente acelerou a nossa frequência cardíaca. Se temos de ser sinceros, durante grande parte daqueles intermináveis sessenta minutos, apesar de acompanharmos mecanicamente a evolução dos parâmetros de voo que o computador nos dava, os nossos pensamentos estavam fora da nave. Precisamente na tenda que abrigava a estação de rádio. Naquela altura da noite – já madrugada de sábado, 10 de Março -, à julgar pelas indicações dos técnicos que permaneciam em contacto com o interior do módulo, o hipnótico fazia tempo que surtira efeito, mergulhando o acampamento num profundo silêncio. Quanto ao receptor-transmissor de rádio, continuava maravilhosamente mudo. E, instintivamente, imaginámos o velho general rodeado de beduínos e com os olhos fixos no seu cronómetro.

- Zero horas e trinta minutos.

- A trinta da descolagem.

Nervosamente, digitei num dos terminais do computador central, à procura do último boletim meteorológico. Aquelas nuvens e o forte vento que se abatiam sobre Massada nas primeiras horas da tarde continuavam fixos na minha mente.

A resposta do Pai Natal foi tranquilizadora: Temperatura: 718 graus centígrados. Humidade relativa: 81%.

Velocidade do vento: 11 Km/h.

Respirei aliviado.

Direcção do vento: 270 graus.

Havia amainado e rodado para oeste.

. Nebulosidade: 7/8. Cumulonimbos. Altitude: 2100 metros.

Últimas precipitações às vinte horas: 16 mm. Eliseu olhou de soslaio para o monitor e, depois de comparar aqueles dados com as previsões fornecidas pela estação de Kalya, a norte do mar Morto, comentou:

- Já te disse que não te preocupasses. O berço vai subir como uma bala.

- Zero horas e quarenta e cinco minutos.

O Pai Natal ligou o dispositivo de RMN.

- Zero horas e cinquenta e cinco minutos.

- Pronta a absorção de ondas decimétricas e a camuflagem infravermelha.

-. Sinais de alarme: negativo.

- Controlo de graduação de pré-ignição em automático.

- Okay, rapazes – ecoou a voz do controlador no exterior. - O fecho hìdráulico foi retirado. - Zero horas e cinquenta e oito minutos.

- Atenção!. Ignição dentro de cento e vinte segundos!

- Teste de silenciadores?

- Roger. Aí vamos nós!

- Okay. Estamos a ouvir-vos cinco por cinco. Ignição dentro de sessenta segundos e continua a contagem decrescente.

Aquele foi outro minuto interminável. Troquei um olhar com Eliseu. Apesar do vertiginoso ritmo cardíaco – quase cento e

trinta pulsações -, os olhos dele cintilaram com uma luz especial.

Piscou-me um olho e continuou debruçado sobre os comandos electrónicos, absorto, como eu, no medidor de combustível e da perigosa e iminente ignição do motor principal.

. Quarenta e cinco segundos.

Sobre as nossas cabeças, as negras nuvens de evolução vertical tinham começado a fragmentar-se. E a Lua – como um presságio -, na fase de quarto crescente, apareceu por breves instantes, com a sua afiada forma de foice.

- Atenção, rapazes!. Dez, nove, oito, sete, seis, cinco, quatro, três, dois, um!.

Foram as últimas palavras do controlo.

- Ignição!

- Roger!. Aí vamos nós!

E o módulo, envolto numa espessa e branca nuvem, foi catapultado para os céus de Massada.

Os relógios marcavam uma hora de sábado, 10 de Março de 1973. A aventura tinha começado.

- Vamos!. Vamos!. Para cima! Para cima, meu lindo! Os sistemas responderam com uma suavidade quase humana. - Altitude: trezentos pés sobre Massada e elevando-se a zero vírgula um por segundo. Trezentos e cinquenta. Trezentos e setenta e cinco. - Roger, meu lindo, Roger! As nossas vozes misturavam-se, carregadas de emoção e nervosismo. - Leitura do combustível e temperatura do motor?

- Correctas – respondeu Eliseu -, queimando a cinco quilos e duzentos por segundo. O berço prosseguiu a sua ascensão. .

Setecentos pés. Setecentos e cinquenta. A cinquenta para o nível de voo estacionário.

- Okay, vigia a leitura do Pai Natal.

- Foguetes auxiliares prontos!

- Roger. Oitocentos pés. Manobra de travagem!

- Okay, vamos bem.

- Ajustado nível estacionário: estamos a oitocentos pés sobre a Meseta.

- Dá-me combustível e tempo de ascensão.CO(111)IIIIÍVtI (

- Trinta segundos desde a ignição. Consumo calculado até nível oito: cento e cinquenta e seis quilos. Estamos a noventa e nove vírgula um por cento.

Aquilo significava que contávamos com um total de 16 244 quilos de combustível. Mais do que o necessário para os voos de ida e volta e para as manobras de aterragem e descolagem.

Mas, apesar das comunicações com terra terem sido cortadas no próprio instante da ignição e de o módulo estar camuflado não convinha prolongar a situação de imobilidade ou de estacionário. Nessas condições, o consumo de propulsante era sempre brutal.

- Pronta incandescência membrana, blindagem exterior.

- Roger!. Programada a cinco mil graus.

- Atenção! Activação do sistema de inversão axial à uma hora e sessenta segundos. - Dispositivo em automático. Dá-me o WX. Quero saber se vou precisar de guarda-chuva.

Eliseu agradeceu a piada. Os segundos que antecediam a inversão simultânea dos eixos das partículas subatómicas do módulo e de tudo quanto encerrava no seu interior eram sempre de uma tensão fora do normal. Mais ainda quando ambos sabíamos que as novas mudanças de parâmetros tridimensionais podiam acarretar-nos consequências funestas para os neurónios.

- WX a dez milhas: visibilidade seis mil e trezentos BRKN.

Vento: cento e noventa graus. Não há alteração de

velocidade no nível oito. Em altura: por cima dos cumulonimbos, ventos em trinta a vinte e cinco. Nível: dez mil pés. - Okay, amigo – disse para o meu irmão. - Lá vamos nós.

- Uma hora e cinquenta e cinco segundos.

- Boa sorte!

- Uma hora e sessenta segundos.

O computador central despoletou o mecanismo de incandescência da blindagem externa e, ao mesmo tempo, o sistema de inversão de massa, aniquilando todo o tipo de germes que eventualmente tivessem aderido à fuselagem, lançando-os, para o que poderíamos qualificar como outro agora no permanente fluir do tempo2.

* WX" ou condições meteorológicas. Visibilidade seis mil e trezentos BRKN quer dizer seis mil trezentos pés de altitude – base das nuvens – e BRKN", abreviatura de broken (partido, em inglês), significa que as nuvens aparecem partidas nalgumas zonas do céu. Estão cobertos mais de quatro oitavos do céu.

Vento, cento e noventa graus: direcção sudoeste. Nível oito: a oitocentos pés de altitude. Ventos em 030 a 25: que têm direcção nordeste e que atingem uma velocidade de vinte e cinco nós ou cinquenta quilómetros por hora, aproximadamente.

(N. do M).

*2 Não é meu desejo desviar-me agora para as descobertas revolucionárias dos especialistas do Cavalo de Tróia em relação ao Tempo e ao Espaço (parte delas já foram sumariamente descritas). Como simples apontamento complementar, referirei algumas definições do que nós entendemos agora como tempo. No contínuo espaço-tempo" - ainda erradamente concebido por muitos físicos – o homem não é mais que uma espécie de ruga, desse Espaço; uma "depressão, através da quarta dimensão, que poderíamos definir matematicamente em dez dimensões. Em suma, uma massa com volume e tempo associados. Para a maioria dos seres humanos actuais, esse homem é um ser de três dimensões que vive o fluir do tempo através de uma sucessão encadeada de factos ou de acomtecimentos. Para essas pessoas só há lembranças de acontecimentos

E os eixos do tempo dos swivels foram empurrados para um ângulo equivalente ao retrocesso desejado: para a uma hora de domingo, 9 de Abril do ano 30 da nossa Era.

Décimos de segundo depois, o primitivo sistema referencial (1973) era substituído pelo novo tempo. Os cronómetros monoiónicos da nave tinham começado uma contagem esperada e fascinante: 09-04-30,

(nota em continuação).*

Ou situações passadas. O presente é a única realidade e o futuro, naturalmente, não existe. As nossas descobertas demonstraram que essa concepção está errada. Vou dar um exemplo: imaginemos todos os acontecimentos que viveu, vive e viverá um ser humano ao longo da sua existência. E imaginemo-los alinhados sobre um eixo que represente a dimensão tempo". Cada acontecimento aparece com uma data. Pois bem, de acordo com as nossas descobertas, o espaço e o tempo encontram-se tão intimamente ligados que, se fundirmos todos esses acontecimentos formando uma única imagem, resultará uma estranha criatura de quatro dimensões (volume mais tempo), muito semelhante a um cilindro" ouchouriço. Cada rodela" ou secção será a representação de um acontecimento. Poderíamos classificar esse formidável Htubo" como um contínuo e permanente presente". Um para cada indivíduo. E o que é que representa um corte ou secção desse contínuo presente"? Um acontecimento em que o ser humano é o protagonista. Mas esse acontecimento é uma mera ficção. Da mesma forma que seria uma ilusão interpretar ou pensar que a totalidade do cilindro, não pode ser cortada às rodelas, formando um todo inviolável. Vou usar outra imagem. Suponhamos um bosque pelo qual serpenteia um túnel de vidro ou plástìco transparente. O interior desse túnel está cheio de móveis, utensílios e objectos diversos. E imaginemos um homem – a nossa consciência

- que caminha por ele. É de noite e ele traz uma lanterna.

Ao longo da sua caminhada, o indivíduo vai iluminando os objectos que encontra na sua passagem, e até parte das árvores mais próximas das paredes de vidro do sinuoso corredor.

Surpreendido, o nosso protagonista verá outros pontos luminosos (outras lanternas), que não são mais que uma infinidade de homens como ele percorrendo os seus respectivos túneis. Tanto o túnel como o bosque já existiam antes de aparecer cada um dos homens. No entanto, o que caminha pensa que o que está a iluminar nesse instante acaba de ocorrer nesse preciso momento. E chama-lhe presente". O que deixou para trás é tido como passado, e os objectos que ainda não viu, como futuroH. É claro que nem um nem outro – passado" e futuro" - existem para esse ser humano. É evidente que está enganado. Tudo é um permanente presente.

Pode argumentar-se, com razão, que esta situação diminuiria a liberdade. Aí, precisamente, intervém outro factor" - ao qual me referirei mais adiante – e que descobrimos" na nossa segunda exploração: aquilo a que muitos chamam alma. Uma entidade difícil de rotular, adimensional, que goza de uma sublime prerrogativa: poder modelar a conduta do corpo em que se insere. Apesar de, insisto, mais à frente me Ir referir a esta sensacional descoberta – a descoberta científica da «alma» -, talvez um novo exemplo seja, para já, esclarecedor. Imaginemos de novo que esse túnel, longo e " flexível, é adquirido pelo seu Hproprietário" (a alma), que pode encurvá-lo e estendê-lo pelo bosque com inteira liberdade. Obviamente, terá de adaptá-lo à topografia, contornando as árvores e os acidentes geográficos e, muito especialmente, procurar que o percurso não perturbe o dos outros túneis. O verdadeiro «proprietário» só precisa de olhar uma vez para contemplar a totalidade do seu" túnel. O homem que, ao nascer, começa a caminhar por ele, não é o seu autêntico dono. Trata-se

apenas de um corpo e de uma consciência". A Hconsciência real é outra coisa. Mas a diferença entre estas duas consciências" levar-nos-ia muito longe. (N. Do M)

* O cálculo exacto dos dias e horas que devíamos recuar" no tempo não constituiu problema algum para os computadores do Cavalo de Tróia. Os especialistas basearam-se no sistema conhecido como data juliana". Para saber o tempo entre duas datas muito afastadas é necessário ter em conta as correcções dos diferentes calendários, as diferentes Eras, os anos bissextos, etc. A data juliana", que nada tem a ver com o calendário juliano, começa a contar os dias a partir da segunda-feira, dia 1 de Janeiro do ano d713A. C. Esse dia recebe o múmero 1. (N. Do M).

e a hora real da nossa aparição": uma hora da madrugada. E, à nossa frente, um enigma maravilhoso: quarenta ou quarenta e cinco dias de exploração. Tínhamos retrocedido 709 637 dias.

9 DE ABRIL, DOMINGO (ANO 30)

- Tudo operacional?

Eliseu respondeu piscando de novo o olho. E durante alguns segundos dedicámo-nos à obrigatória e rotineira comprovação dos instrumentos. Os altímetros especiais – a que aludirei em breve – não tinham modificado as suas leituras: oitocentos pés sobre o terreno situado por baixo do berço. O passo seguinte foi conferir as nossas coordenadas. O meu companheiro, com a ajuda de um sextante, determinou as novas posições da lua e de algumas estrelas, introduzindo os novos dados no Pai Natal.

O computador efectuou o cálculo e, segundos depois, líamos no monitor o que já supúnhamos: o módulo não havia alterado a sua localização no espaço. - Regulação da plataforma de inércia sem alteração.

Um pouco mais calmos demos uma vista de olhos ao

exterior. A Lua, às três da nossa posição quase cheia, brilhava com força sobre as imóveis águas do mar Morto. Não havia sinais da nebulosidade que cobriria a região. Mil novecentos e quarenta e três anos depois! Aos nossos pés, tremulamente iluminada, a meseta de Massada. O luar cor de prata permitia vislumbrar o perfil dos edifícios herodianos, agora intactos. No sector norte, por trás dos armazéns e junto da torre ocidental, despontavam outras tantas fogueiras. Eram os únicos sinais de vida no alto do rochedo. Possivelmente, acesas pelos guardas de turno da pequena guarnição. - Uma hora e sessenta e cinco segundos.

Depois de consultar o WX – vento calmo, visibilidade ilimitada, baixa humidade e dez graus de temperatura, com tendência para aumentar -, o Pai Natal de acordo com o programado, começou a girar o motor principal (o J85), cujo anel cardan ttnha sido modificado nesta ocasião, permitindo assim uma propulsão horizontal do módulo. - Roger – exclamou Eliseu, mais uma vez surpreendido pela precisão do computador central -, pegeons: dez graus. Distância calculada até ao ponto Gedi? Nove vírgula sete milhas2

* Da mesma forma que os Apofo, o nosso módulo também foi programado para utilizar dois tipos de métodos de navegação e direcção: o inercial e o de orientação óptica. O primeiro assenta numa plataforma orientável situada numa posição constante, quaisquer que fossem os movimentos da nave, graças a três giroscópios. As estrelas e o horizonte podiam servir como sistema de referência. Três dispositivos sensíveis à aceleração mediam todas as mudanças de posição. Esses parâmetros eram transferidos para o Pai Natal que, depois de os comparar com os correspondentes aos da trajectória de voo programada efectuava as correcções oportunas. Qualquer desvio desencadeava um impulso eléctrico que disparava os propulsores de controlo, com o objectivo de alterar a trajectória. Claro que nós podíamos desligar este sistema automático e utilizar os comandos manuais. (N. Do M)

*2 Dar pegeons, em linguagem aeronáutica, é fornecer o rumo e a distância. 10 graus: rumo nordeste. O ponto gedi correspondia à zona situada nas margens do mar morto: o oásis de Ein Gedi, situado a 97 milhas da vertical de Massada. (N. Do M)

- Okay. Leitura do combustível?

- Estamos a noventa e nove por cento.

E o berço iniciou o seu voo para nordeste, em busca do chamado oásis de En Gedi. Uma vez ali, o computador rectificaria automaticamente o rumo, virando para noroeste.

- Oscilação nula. Mantendo o nível.

- Okay, Eliseu. Tempo calculado para o ponto Gedi? O meu companheiro consultou o plano de voo.

- A partir deste instante, dois minutos e seis segundos. À uma hora, dois minutos e cinco segundos – isto é, um minuto depois de ter abandonado a posição estacionária – a nave atingiu a velocidade de cruzeiro prevista: quatrocentos quilómetros por hora. - Nível?

- Dois mil pés.

Os nossos altímetros gravitacionais, bem como os especialistas em engenharia aeronáutica e geofísica do Cavalo de Tróia tinham preparado para esta missão altímetros que, um dia, quando forem conhecidos pela navegação comercial, substituirão os actuais métodos de medição da altitude a que voa uma aeronave. Estes altímetros especiais utilizam medidas que já avaliam a altura em função do valor de g (constante da aceleração da gravidade). O valor de g, como se sabe, varia de acordo com a distância entre o ponto em que se mede e o centro do planeta.

Assim, enquanto na superfície da Terra g" equivale a 98 m/seg2, um astronauta que suba num foguetão a uma velocidade constante aperceber-se-á de uma paulatina redução desse valor inicial de g", que será sentido como uma perda de peso. Embora eu não esteja autorizado a revelar todos os pormenores desta nova tecnologia, não deixarei de apresentar algumas das suas principais características. Para começar, direi que esses altímetros

foram reduzidos a um volume equivalente a alguns milímetros cúbicos, conseguindo, além disso, uma precisão equivalente a um centésimo milésimo de gal. O volume total do instrumento não alcança os vinte e nove milímetros cúbicos. Quase todos os seus elementos estão integrados num minúsculo cristal de boro (isótopo estável de peso atómico onze). Eis aqui um sucinto esquema do seu funcionamento: a célula básica é formada por um espaço cilíndrico, de nove micros de calibre, perfurada verticalmente num módulo miniaturizado de boro cristalizado, quimicamente puro e desidratado.

O interior do espaço cilíndrico capilar não contém uma só molécula de gás e as suas paredes mantêm-se altamente ionizadas com carga electrostática negativa. Na zona superior, um espaço esférico termoestável, i contém uma quantidade infinitesimal de gás rarefeito formado por moléculas ionizadas de tiocianato de mercúrio com cargas negativas. Uma célula discriminadora selecciona sequencialmente moléculas isoladas de tiocianato, libertando-as na extremidade superior do capilar.

Abandonando a molécula com um nível de energia cinética nulo, esta inicia um processo de queda livre no interior do capilar cujo eixo se mantém vertical e tangente às linhas de força do campo gravitacional.

A molécula nunca chega a l aderir às paredes do capilar, devido à força de repulsão que o campo electrostático gerado pela distribuição de carga negativa exerce sobre a própria molécula, também ionizada negativamente. Num espaço circundante próximo – recinto esférico também escavado no cristal de boro – um dipolo magnético (lâmina elíptica microscópica formada por uma liga de cromo e de ferro) é obrigado a girar com uma velocidade angular constante de sessenta radianos por segundo.

O dipolo encontra-se em suspensão numa massa líquida que preenche a cavidade (diâmetro: 0 74 mm. Emulsão

límpida). Consegue-se assim um campo magnético rotatório muito débil, mas suficiente para ser detectado por um transductor de bismuto (valor do campo H: 000002 Oersted). Quando a molécula de tiocianato de mercúrio ionizado desce, gera, por sua vez, um campo magnéticu muito frio que perturba o campo girocírio gerado (*nota interrompida).

Barómetros e os radioaltímetros, mostravam que o berço se deslocava ao longo da margem ocidental do mar Morto.

- Ponto Gedi.

Eliseu continuou a ler no monitor.

- Rectificação para radial trezentos e trinta e cinco. Okay, o Pai (Natal é uma bênção!

Com efeito, a nave tinha virado para noroeste, rumo ao ponto B. - Distância calculada: vinte e quatro vírgula treze milhas. O Pai Natal calcula o tempo de voo em seis minutos e cinco segundos. - Roger. Parece que tudo está a correr sobre rodas.

A verdade é que não tardaria a arrepender-me daquele comentário. - Mantendo dezoito mil pés por minuto.

Três minutos depois de iniciado o novo rumo, os radares detectaram um núcleo humano às oito da nossa posição (aproximadamente, a sudoeste). Ao longe, efectivamente, a pouco mais de novecentos metros de altitude, a ondulante semiobscuridade dos contrafortes do deserto da Judeia surgia quebrada por um tremeluzir cerrado e amarelado. Eram os archotes e os candeeiros de azeite de Hébron.

- O perfil do terreno continua a subir. Mil e noventa e dois pés. Mil duzentos e sessenta e três. Mil quatrocentos e oitenta e cinco. Fazemos a correcção da elevação? Consultei os altímetros gravitacionais:

- Margem de segurança a quinhentos e quinze pés.

- Não, faremos isso por cima do ponto B – respondi, indicando-lhe a nossa altitude: dois mil pés. - Por agora

vamos bem. Dás-me o combustível?

- Noventa e oito vírgula sete por cento.

- Entendido: noventa e oito vírgula sete.

- Afirmativo.

O radar alertou de novo o meu companheiro.

- Atenção!. Vejo o Herodium cinco por cinco. Setenta e dois segundos para a vertical do ponto B. - Roger.

O Herodium com a sua forma cónica, semelhante a um vulcão, estava à vista. Isso significava que nos encontrávamos a uns oito quilómetros a sudeste do ponto B. A especial configuração deste promontório, isolado

(segue a nota).*

Pelo dipolo anterior. Esta perturbação está em função da velocidade momentânea da molécula em análise em cada ponto do seu percurso. Mas, por outro lado, a velocidade momentânea molecular depende do valor de g. Tal perturbação é detectada e avaliada, ainda que o seu nível diferencial seja da ordem de um trilionésimo de milioersted. Um minicomputador recebe três canais de informação:

1. Informação, por via eléctrica, do campo magnético detectado. 2. Informação, por via óptica (filamento de vidro), sobre a velocidade de rotação do dipolo.

3. Informação, por via eléctrica, acerca das acelerações do veículo sobre o qual se monta o altímetro gravitacional".

Esta última informação é muito importante para neutralizar os erros causados por outras forças actuantes sobre a molécula de tiocianato, discriminando-as da gravitacional. O computador de integração fornece directamente por canal a informação sobre a altitude. (N. Do N)

Entre os áridos montes da Judeia, tinha-nos levado a considerá-lo nos momentos iniciais quando planeávamos a presente expedição – como um dos lugares possíveis de

localização da estação receptora de imagens do Big Bird.

Subindo-se ao cimo do Herodium descobre-se uma enorme cratera artificial e, no seu interior, um magnífico palácio fortificado, residências reais, piscinas e jardins em degraus, tudo isso comunicando com uma cidadela superior através de duzentos degraus de mármore. Foi outra das ciclópicas obras do rei Herodes, o Grande. Ao que parece, o sanguinário Herodes morreu em Jericó, mas deixou escrito que queria ser sepultado na fortaleza que tem o seu nome. Na actualidade, apesar das escavações arqueológicas, o esplêndido túmulo de ouro com incrustações de pedras preciosas ainda não foi encontrado. A nossa ideia, como mostro neste diário, não chegou a vingar. Os judeus optaram por Massada.

- Herodium no ecrã e a quinze segundos.

- Recebido.

- Herodium na nossa vertical! Rectificação para radial trezentos e sessenta graus.

- Dá-me nível.

- Mil e quinhentos pés e subindo. Mil e seiscentos.

- Distância calculada para chegada a ponto B?

- Temo-lo a quatro vírgula quatro milhas.

- Okay, vigia o Pai Natal.

Eliseu seguiu as minhas ordens, constatando com satisfação como o computador forçava em vários graus a direcção do jacto do motor principal, elevando a nave para um novo nível de voo.

- Roger. Alcançando os três mil pés. Trinta e cinco graus.

Vinte graus. Módulo estabilizado.

- Atenção!. Ponto B à vista. O radar dá a leitura clara: colinas de pedra. Perfil: dois mil e quatrocentos pés.

- Repete nível de voo.

- Estabilizado em três mil.

- Roger.

A verdade é que, se tivéssemos podido contar com uma margem de tempo mais ampla no momento de planificar esta nova exploração, e se tivéssemos contado, naturalmente, com um conhecimento prévio do lugar da estação, o Cavalo de Tróia teria podido simplificar o plano de voo do berço, introduzindo no computador o sistema SMAC de navegação 1. Mas as coisas eram como eram.

- Contacto com o ponto B!

Senti um estremecimento. Ali em baixo, apenas a seiscentos pés, entre tortuosas colinas e azinhagas salpicadas de enormes e brancas pedras, estava outro dos objectivos da nossa exploração: Belém!

*1 O SMAC (Scene Malching Area Correlarion), um sistema utilizado nas tristemente famosas bombas ou mísseis inteligentes", consiste num dispositivo que regula a trajectória do aparelho, com base nas sucessivas imagens do solo, comparando-as com as previamente armazenadas no computador e que podem ser captadas por aviões de reconhecimento ou satélites artificiais, através da técnica de varrimento televisual. Desta forma, o projéctil vai lendo" o terreno sobre o qual voa, evitando os obstáculos. (N. Do N)

A escuridão não nos permitiu visualizar com precisão a posição exacta da aldeia. Por outro lado, o terreno irregular e pedregoso tornava difícil a leitura do radar.

Quase no topo de um daqueles outeiros, virado para norte, desenhava-se o perfil de um núcleo diminuto de pequenas casas, quase todas térreas. E aqui e ali, dispersas pelos arredores, uma luz ou outra.

- Activada correcção automática de voo. Virando para radial quinze graus Distância à vertical da base-mãe confirmada. - Okay.

Base mãe em quinze e quatro vírgula cinquenta e seis milhas.

- Roger. Reduzindo para nove mil por minuto.

- Diz-me nível.

- Perfil a descer. Dois mil pés. Agora a subir! Dois mil duzentos e vinte pés.

- Roger!. Aí o temos nós!

- Graças a Deus!

O ecrã do radar começava a desenhar-nos o perfil sul do monte das Oliveiras, a nossa base-mãe.

- Confirma redução de velocidade e combustível.

- Afirmativo. Continua a descer: seis mil pés por minuto.

Tanques a noventa e oito vírgula dois.

A tensão daqueles últimos minutos envolveu-nos por completo.

O módulo tinha sido programado para voar até à vertical da cota máxima do monte das Oliveiras – situada a norte e a 2454 pés sobre o nível do mar – e, uma vez ali, efectuar a descida.

O ponto de contacto era praticamente o mesmo do nosso primeiro salto.

- Verifica coordenadas.

- Okay: trinta e um graus, quarenta e cinco minutos norte.

Trinta e cinco graus e quinze minutos leste. Afirmativo: o radar mostra o perfil de uma cidade às nove da nossa posição.

- Jerusalém!

- E o que é que esperavas?. Honolulu? Eliseu não respondeu à piada. De repente, o meu coração deu um salto. Sob a mortiça luz avermelhada da cabina, a sua testa parecia banhada de abundante suor. - Estás bem? Moveu a cabeça afirmativamente e continuou com os olhos fixos no mostrador dos instrumentos.

Ao princípio não dei muita importância àquele suor. Embora

a temperatura ambiente no interior do módulo não ultrapassasse os quinze graus centígrados, tentei acalmar-me atribuindo o suor à grande excitação daqueles últimos instantes. - Activados retrofoguetes. A sessenta segundos para posição estacionário. O computador central, pontual e seguro, reduziu a força do J85, fazendo girar noventa graus. - Dá-me nível de voo.

Eliseu não respondeu.

- Repito: nível de voo.

- Três mil pés. É a trinta para estacionário.

- Tanques?

- A um noven...

- Repete!

Meu Deus! O meu companheiro não conseguiu concluir a leitura. Jazia sobre o encosto do assento, com o rosto pálido e brilhantemente salpicado de suor.

- Eliseu, responde!. Eliseu!

Foi inútil. Comprovei as suas constantes vitais. O ritmo cardíaco tinha baixado bruscamente: de cento e vinte para noventa, provocando uma perda de consciência.

- Oh, meu Deus!

Com os nervos a ponto de explodir, os sinais acústicos e luminosos do painel de alarmes vieram romper o silêncio da cabina fazendo-me voltar à crítica realidade: era preciso fazer descer o módulo.

1 hora, 11 minutos, 41 segundos

A nave tinha percorrido as 3839 milhas de voo (quase setenta quilómetros) e acabava de ficar em voo estacionário a quinhentos e quarenta e seis pés sobre o cimo norte do monte das Oliveiras. Não havia tempo a perder. Se me deixasse arrastar pelo pânico, as nossas vidas e a missão podiam terminar ali mesmo.

Zero graus. Oscilação nula

- Vamos lá!. Para baixo, para baixo, meu lindo!. Isso mesmo!. Descendo a vinte e três pés por minuto.

Em voz alta, animando-me a mim mesmo, fui controlando a descida, atento ao intenso fluxo de leituras do computador central. O Pai Natal tinha colimado, com precisão matemática, a pequena clareira de dura pedra calcária sobre a qual o «berço» já tinha pousado na primeira missão e que – se conseguíssemos chegar sãos e salvosconstituiria a base-mãe na nova expedição. - Roger!. Tanques a noventa e oito vírgula um por cento. Nível: trezentos e vinte pés e descendo a quatro. Roger, meu lindo! Eliseu continuava inconsciente.

- É assim mesmo!. Duzentos pés e a descer. Quatro e meio e para baixo.

Embora tivesse sido previsto para o momento de aterrar liguei o dispositivo de segurança do módulo, projectando a trinta pés do berço um muro de ondas gravitacionais, em forma de cúpula, que nos protegeria perante uma provável presença de pessoas ou animais nos arredores. Os registos electrónicos continuavam a vomitar dados.

. Setenta e cinco pés para contacto. Redução de velocidade para dois pés e meio por minuto. Cinquenta pés. Quarenta e cinco. Redução para dois – Meu Deus! É quase nosso! De repente, uma travagem brusca. Os quatro pés extensíveis da nave chocaram com a rocha, acendendo as luzes de contacto no painel de comandos.

Respirei profundamente. Os cronómetros indicavam a uma hora da madrugada treze minutos e onze segundos.

Enfim, de volta! Mas aquelas não eram as circunstâncias que eu tinha imaginado para o ansiado regresso à Palestina de Cristo. O Pai Natal anunciou uma pequena inclinação do módulo: quinze graus. Calibrei imediatamente as secções telescópicas do trem de aterragem, nivelando a nave. Sem fazer caso do que tinha sido planeado pelo Cavalo de Tróia,

desliguei o J85, anulando a ordem do computador que dizia para manter ligado o motor principal durante um minuto e meio a partir do momento da aterragem. Em caso de emergência, teria bastado uma rápida digitação e o Pai Natal- cumprindo o programa de regresso – teria elevado de novo o berço, executando o plano de voo inverso ao que acabávamos de completar.

Uns segundos mais tarde, silenciada a quase totalidade dos circuitos, comprovei a camuflagem infravermelha, deixando em automático os sensores do segundo cordão de segurança que rodeava o berço. A cento e cinquenta pés do módulo – a toda a nossa volta – qualquer ser vivo que atravessasse este perímetro podia ser visualizado nos monitores, graças às radiações infravermelhas emitidas pelos seus corpos. Como já comentei, se o intruso continuasse a avançar, a membrana exterior estava em condições de emitir um fluxo de ondas gravitacionais que se comportavam a trinta pés da nave – como um furacão, impossibilitando a passagem de pessoas ou animais.

E, completamente arrasado, dediquei-me por inteiro ao meu irmão.

- Responde!. Maldito sejas!

De repente, ao agarrá-lo pelos ombros, descobri que o seu dispositivo RMN ainda estava a funcionar. Desesperado, retirei-o, bem como o escafandro. - Eliseu!. Deus do céu! A palidez, o frio e o abundante suor tinham-me baralhado e angustiado. A que se deveria aquela perda súbita da consciência.

Naqueles minutos dramáticos não consegui associar o desmaio do meu companheiro ao processo de inversão dos eixos dos swivels e por conseguinte, da rede de neurónios. Se pelo menos o tivesse intuído, talvez a minha reacção tivesse sido radicalmente diferente. O mais provável é que tivesse dado por concluída a missão, regressando

imediatamente a Massada e ao nosso tempo. Mas o destino como se verá, tinha outros planos.

Procurei deitá-lo no chão da nave, colocando-lhe as pernas elevadas sobre o seu assento de pilotagem. Se aquele desmaio – pensava eu atabalhoadamente – fosse devido à falta de sono e ao grande stress dos últimos dias, sem deixar de ter em conta a tensão do voo até à base-mãe, era possível que estivéssemos perante uma síncope por insuficiência de irrigação cerebral passageira e nada preocupante.

Ao comprovar as constantes vitais de Eliseu durante aquele período de inconsciência, o computador confirmou o meu primeiro diagnóstico: descida brusca da pulsação cardíaca, problemas respiratórios e de tensão arterial. Conclusão: lipotimia. No entanto, embora o controlo rigoroso do Pai Natal acusasse a noxa como possível responsável pelo desmaio, alguns parâmetros não se encaixavam no quadro clínico deste tipo de síncopes.

Chamaram-me a atenção, sobretudo, as insólitas alterações electrocardiográficas e algumas mudanças patológicas pouco comuns nas artérias carótidas: as que transportam o sangue para a cabeça. Mas a confusão do momento fez com que me esquecesse disso, pelo menos durante algum tempo.

Depois de lhe ter dado umas bofetadas, procurando desesperadamente – alguma reacção, tomei-lhe o pulso.

Continuava baixo. Cada vez mais aturdido, dirigi-me à reserva de fármacos. Poucos minutos depois lutava para que ele bebesse uma mistura de água com vinte gotas de um analéptico respiratório, recomendado especialmente para estes casos de perda de consciência. O estimulante actuou sobre a sua circulação e, dez minutos depois, voltava a si. Pouco a pouco, a pulsação cardíaca, o ritmo arterial e a cor foram-se estabilizando.

** Segundo o eminente professor Seyle – grande estudioso da origem dos estados de tensão ou stress -, os seus estímulos ou causas principais, a que ele pôs o nome «noxa», estão muito interligados. A noxaH, sumariamente, actua assim: estimula as glândulas endócrinas, activando as supra-renais e o sistema adreno-simpático. As glândulas endócrinas enviam glucocorticóides para o sangue; o sistema referido faz o mesmo com quantidades adicionais de adrenalina e noradrenalina. (N. Do M)*

- Jasão!. O módulo!

Aquelas primeiras e titubeantes palavras devolveram-me, em parte, a calma. Tentou levantar-se, mas eu obriguei-o a desistir, pedindo-lhe que ficasse mais alguns minutos na mesma posição.

- Calma! Está tudo sob controlo – tranquilizei-o. - O pior já passou. Estamos em terra. Eliseu fechou os olhos e, depois de respirar profundamente, indicou-me com a cabeça que estava de acordo e que obedecia à minha sugestão.

Obedecendo a um primeiro impulso, digitei o Pai Natal. A memória do computador deu-me imediatamente uma informação completa sobre as plantas medicinais existentes na nave e que podiam aliviar o meu irmão:

Éfedra. Contém alcalóides (efedrina, pseudo-efedrina, etc), taninos, saponinas, tlavina, óleo essencial. Efeito: vasodilatador, aumenta a tensão arterial estimula a circulação, antialérgico Escila. Contém glicose cardíaca escilareno A, glicoescilareno A, proescilaridina, muctna, tanino, um pouco de óleo essencial e gordura. Efeito: diurético, estimula o músculo cardíaco, regula o ritmo cardíaco Ginkgo. Contém óleo clavinóide alcanforado (kamferol), quercetina, luteolina, compostos de catequina, resina, óleo essencial e gorduras. Efeito: aumenta o fluxo sanguíneo por vasodilatação.

A lista começava a tornar-se interminável e optei, sem mais, pelo ginkgo, uma planta extraída da árvore com o mesmo nome e oriunda da China e do Japão.

Meia hora depois, Eliseu, com a sua habitual docilidade, ingeria o extracto preparado com aquele espécime. Não tardou a pôr-se de pé e às duas horas e trinta minutos, completamente recuperado, voltou para o seu lugar, diante dos comandos. As minhas recomendações para que se deitasse no beliche e descansasse não foram aceites. Nesse sentido, Eliseu tinha razão. Havia muita coisa a fazer e o tempo perdido já era preocupante. A minha presença no horto que era propriedade de José de Arimateia tinha sido marcada pelo Cavalo de Tróia para as três horas, aproximadamente.

De comum acordo, antes de iniciar a primeira fase da exploração, efectuámos uma revisão minuciosa dos equipamentos básicos. A pilha atómica continuava a fornecer energia regularmente e os sistemas de infravermelho não detectavam qualquer anormalidade no exterior. A reserva de propulsante estava no nível previamente calculado para o momento da aterragem: a noventa e oito por cento justos. A verdade é que, embora a nossa confiança no Pai Natal fosse quase absoluta e nós soubéssemos que ele teria sido o primeiro a alertar-nos para possíveis falhas ou deterioração dos instrumentos, tanto o meu companheiro como eu ficámos mais sossegados depois daquela última revisão geral.

A disposição de Eliseu estava definitivamente a melhorar e, de acordo com o planeado, enfrentámos os preparativos para a minha imediata descida para terra.

Eram duas horas e quarenta e cinco minutos.

Não tive de deixar muitas coisas no módulo. Como já disse algumas vezes, a operação não permitia, obviamente, que os exploradores de outro tempo transportassem objectos que pudessem ser anacrónicos para a população da época histórica a estudar.

- Cronómetro de pulso, anel de ouro. E a placa de identidade.

Eliseu encarregou-se das minhas coisas. Uma vez nu, tal como mandava o plano, cooperou comigo numa minuciosa revisão do meu corpo. Qualquer descuido podia ser comprometedor.

Foi durante ésta operação, anterior à implantação da chamada pele de serpente que o meu irmão reparou numa coisa de que eu já me tinha esquecido.

- QuE é isto?

Ao apontar para as escamas que cobriam parte das minhas pernas e as zonas dorsais dos antebraços, só pude encolher os ombros.

Eliseu fulminou-me com o olhar. E, perante a sua insistência, não tive outro remédio senão contar-lhe a verdade. De facto, há uns dias que aquelas zonas do meu corpo apresentavam um ressecamento anormal e aquelas escamas. Ao mesmo tempo, pu-lo a par da não menos estranha colónia de sardas ou lentigem senil – cor de café – que salpicava o dorso das minhas mãos, parte do pescoço, braços e antebraços.

- E então.

O meu companheiro, pouco amante de rodeios ou falinhas mansas, foi direito ao que ambos tínhamos em mente.

. Isso poderá ter alguma relação com o hipotético ataque aos neurónios?

Era muito difícil de saber. E foi o que lhe disse. Só era certo que aquela descamação – um fenómeno conhecido como xerose – se devia a uma inegável mudança evolutiva das estruturas epidérmicas e outros anexos cutâneos. Um fenómeno muito bem estudado pela geriatria, ou especialidade que investiga os processos de envelhecimento, tanto nos seus aspectos biológicos e psicológicos como sociais. Havia, portanto, uma probabilidade de essas manifestações da minha pele terem tido uma origem muito

mais profunda e grave: a alteração dos pigmentos do envelhecimento no seio dos neurónios. No entanto, numa tentativa de desanuviar o ambiente que nos envolvia, cada vez mais carregado, coloquei uma ênfase especial noutra possível causa daquelas sardas e escamas:

- Talvez estejamos a ir demasiado longe. Também não podemos descartar a possibilidade de ser um efeito da pele de serpente" sobre a epiderme, ou, até mesmo, na derme. Este ressecamento, em última análise – acrescentei com muito pouco poder de convicção – está directamente relacionado com a diminuição da produção de gordura. E tu deves saber que isso acontece às vezes devido ao uso de sabões não gordurosos ou pelo roçar da roupa de lã e de linho. Quando voltarmos falaremos disso com Curtiss.

Eliseu esboçou um semi-sorriso céptico. A pele de serpente, fora sobejamente experimentada e nunca dera origem a problemas como aquele.

** Creio já ter falado desta segunda pele, de grande utilidade nas minhas correrias. Por meio de uma abertura tubular de aspersão, o corpo era pulverizado com uma substância que formava uma fina película. O elemento básico era um composto de silício em dissolução coloidal num produto volátil. Ao ser borrifado sobre a pele, este líquido evapora rapidamente o diluente e cobre-a com uma delgada camada porosa de carácter electrostático. Esta epiderme artificial e milimétrica protegia o explurador de possíveis ataques bacteriológicos e mecânicos, suportando, por exemplo, impactes equivalentes ao disparo de uma bala (calibre vinte e dois americano) a uma distância de vinte pés. Este eficaz futo" protector permitia, além disso, o processo normal de transpiração. (N. Do M)*

E o meu companheiro inteligentemente, mudou de conversa, deixando de lado o incidente. Isso, pelo menos, foi o que eu pensei naquele momento.

Sem qualquer outra interrupção, submeti-me à pulverização, vestindo a valiosa e necessária armadura. Tal como da primeira exploração, escolhi também uma pele de serpente totalmente transparente, que evitasse perguntas ou situações comprometedoras. Ao contrário da primeira aterragem, e tendo em conta a maior duração da missão

actual e o virtual aumento dos riscos, a pulverização não se limitou às zonas críticas: tronco ventre, órgãos genitais e pescoço. Por desejo expresso dos directores do Projecto, a pele de serpente cobriu também a totalidade dos meus membros superiores e inferiores, excluindo, unicamente, os pés e a cabeça.

Por estritas razões de continuidade, as minhas vestes não foram alteradas. Para as pessoas com as quais me relacionara desde quinta-feira, 30 de Março, até à madrugada de domingo, 9 de Abril do ano 30, tudo – incluindo a roupa – devia continuar a ser o mesmo. A verdade é que para elas, do ponto de vista puramente cronológico, apenas tinham passado algumas horas desde que me tinham visto pela última vez. Os céus quiseram que, ao ajustar a minha tanga, o meu irmão desatasse a rir. O meu aspecto não devia ser muito ortodoxo e aquela situação engraçada veio suavizar os momentos amargos pelos quais acabávamos de passar. Aquela espécie de saq, muito semelhante à usada pela quase totalidade dos homens da Palestina do século I, tinha sido confeccionada e suavizada, na medida do possível, com algodão, tendo como modelos os saq, ou tangas que aparecem nos documentos arqueológicos do Egipto e da Mesopotâmia.

O algodão dado o carácter íntimo da peça, era uma concessão dos especialistas. Na realidade, se tivessem seguido literalmente a informação existente, a minha tanga devia ter sido fabricada num tecido muito mais grosseiro: pano de saco. Por outro lado, o facto de ser um rico comerciante grego de Tessalónica – dedicado ao comércio de vinhos e madeiras – autorizava-me a dispor de roupas mais adequadas ao meu status social.

Quando o saq foi atado à minha cintura, Eliseu ajudou-me a enfiar o saiote castanho-escuro e a túnica simples cor de marfim. Esta última, tecida sem costuras e à base de linho de sequeiro, por hábeis tecelões sírios – herdeiros do antigo

núcleo comercial de Palmira – respeitando o costume grego, era um pouco mais curta do que o chaluk ou túnica judaica.

Tratava-se na realidade de uma réplica do chiton dos meus acompatriotas os Helenos. De acordo com as medidas-padrão dessas túnicas ou chiton, a minha descia alguns centímetros abaixo dos joelhos. Embora o cinto ou cordão pudesse ter sido de melhor qualidade, de acordo com a minha categoria e posição social, o Cavalo de Tróia considerou que não convinha despertar a atenção das pessoas, nem tentar a inveja alheia com uma peça de ouro ou de prata. Para o seu entrançado foram suficientes umas modestas cordas egípcias.

O manto ou Chlamys – ao qual nunca consegui habituar-me – dava mais nas vistas do que o usado mormalmente pelos Judeus: o talith.

Igualmente tecido à mão, com lã dos montes da Judeia, apresentava uma cor azul-celeste, discreta mas aveludada, fruto do glasto utilizado na tintura. Esta peça, que eu estava a tentar enrolar ao pescoço e aos ombros era completamente imprescindível na vida quotidiana daquela sociedade. Além de representar um símbolo de dignidade (para os judeus era de mau tom apresentarem-se sem ele no Templo ou diante de um superior), servia para múltiplas situações: como manta ou cobertor, para se taparem quando dormiam ao relento, para cobrir uma cadei a ou até para colocar aos pés de um herói ou personagem relevante.

Os dois pares de sandálias que me tinham sido entregues, esses, sim, foram modificados, de acordo com a perspectiva da última fase da nossa exploração, a qual como narrarei mais adiante exigia de nós um esforço físico especial. Embora o material utilizado fosse basicamente o mesmo – esparto entrançado nas montanhas turcas de Angora -, as solas foram substituídas por um sólido aglomerado de juncos e casca de palmeira. Parcialmente oco. Os especialistas tinham camuflado os sofisticados sistemas nuns pequenos nichos.

Dado que uma das últimas etapas da nossa estada em Israel previa várias e duras caminhadas, as sandálias tinham sido acondicionadas com um microcontador de passos com o correspondente cronómetro digital e interruptor de programa. O sistema tinha sido experimentado havia algum tempo pelo astronauta Aldrin num dos seus passeios pela superfície lunar.

Os sensores colocados na sola permitiam conhecer as distâncias percorridas, o tempo que se demorava e, até, as calorias gastas em cada deslocação. Além disso, se quiséssemos, podíamos ligar uma célula minúscula que elevava a temperatura do calçado, protegendo os pés em situações de extrema dureza.

Aquelas sandálias electrónicas – como lhes chamávamos entre nós – prestar-nos-iam um serviço notável. Cada exemplar foi perfurado manualmente, incrustando no perímetro de cada sola finas tiras de couro de vaca, devidamente untadas de pez. Cada cordão era tão comprido – cinquenta centímetros – que segurava perfeitamente o calçado, pois podia dar-se quatro voltas à perna.

O segundo dispositivo, também introduzido na sola, tinha um carácter puramente logístico. Consistia num microtransmissor capaz de emitir impulsos electromagnéticos a um ritmo de 0000138 5 segundos. Este sinal era registado na vara de Moisés e logo a seguir, amplificado e transportado a longa distância por um laser muito especial, que procurarei descrever na devida altura. Graças a esta técnica, de uma

* O famoso domingo de Ramos" teve a oportunidade de o comprovar. O talith, ou manto judaico, desempenhava um papel tão vital naquela sociedade que a lei

- Êxodo, XXII, 26, e Deuteronómio, XXIV12 – obrigava o credor que o tivesse recebido em sinal ou garantia de uma dívida a devolvé-lo ao dono antes do cair da tarde. (N. Do N.) *2 Como se sabe, os pés constituem uma das partes mais sensíveis às baixas temperaturas. Num ambiente de 23"C, por exemplo, só atingem um nível de 25oC. As mãos, pelo contrário, podem manter uma média de 30"C. E, apesar de o mês de Abril já não ser um mês rigoroso na Palestina, o Cavalo de Tróia preferiu acrescentar este sistema, numa previsão de possíveis

mudanças climatéricas. (N. Do M)

precisão extraordinária Eliseu podia seguir os meus passos no radar do berço. Esta radioajuda seria ligada unicamente quando me visse obrigado – por exigências da exploração – a afastar-me do módulo para lá dos quinze mil pés. A partir desse limite, a banda de recepção da ligação auditiva, que eu também devia levar no interior do meu ouvido direito, tornava-se inútil.

E, após uma última revisão do meu uniforme, sentei-me, indicando ao meu irmão que estava pronto para receber a correspondente cabeça de fósforo. Assim tínhamos baptizado as cápsulas acústicas miniaturizadas que eram activadas por um equipamento de ondas gravitacionais. Esta ligação auditiva – de incalculável valor, como ficou demonstrado na missão anterior – proporcionar-nos-ia uma comunicação nítida e permanente enquanto eu estivesse no exterior.

A colocação da prótese, embora simples, exigia mãos hábeis.

E, em poucos minutos, ficava encaixada a poucos milímetros do orifício de entrada do canal auditivo externo, entre as paredes cartilaginosas. Eliseu foi então colocar-se diante do receptor-transmissor, fazendo-me um gesto para que fizesse a experiência. Carreguei com os dedos na parte central da orelha, empurrando o trago e o antitrago. Os respectivos alertas – um apito agudo e uma luzinha cor de laranja – confirmaram imediatamente a excelente ligação auditiva. - Okay!. E não te esqueças de que és surdo de nascença 1.

Agradeci o bom humor do meu companheiro. Os cronómetros avançavam inexoravelmente e eu começava a ficar inquieto. A missão devia ter arrancado às duas horas e trinta minutos e já eram quatro horas da madrugada.

Curtiss pôs de lado o terceiro dispositivo de ligação com a nave. Com a cabeça de fósforo e o microtransmissor na sola da minha sandália direita era mais do que suficiente para

garantir uma ligação nítida e contínua. A fivela de bronze da minha capa durante a investigação anterior, que ocultava um emissor para mensagens de curta duração, foi, portanto, anulada. Ficou no berço, preparada para ser utilizada em caso de emergência. No lugar dela, foi colocada na chlamys uma fivela normal de elos, também de bronze, e muito parecida com os nossos alfinetes de segurança.

Finalmente, peguei no saco de borracha impermeabilizada e meti lá dentro os cem denários que tinham sobrado da última exploração, meia libra romana em pepitas de ouro, as incómodas, mas necessárias, lentes de contacto crótalos e o salvo-conduto que ainda conservava e que me fora passado pelo procurador romano na manhã do dia 5 de Abril, quarta-feira.

A primeira fase da missão consistia numa breve incursão, com uma duração máxima de oito horas. Quer dizer, supondo que eu tivesse descido do módulo no momento estipulado – às duas e

*1 Como também já expliquei, embora eu não pudesse receber a voz de Eliseu directamente, as minhas chamadas para o módulo, em contrapartida, exigiam que eu, previamente, pressionasse a parte externa do meu ouvido direito, para activar a cápsula acústica. Com o fim de evitar suspeitas entre os habitantes de Jerusalém e arredores, o Cavalo de Tróia tinha estabelecido que eu fingisse uma ligeira surdez. (N. Do M)

meia da madrugada -, o meu regresso ao módulo devia acontecer às dez horas e trinta minutos. Durante esse tempo, estava encarregue dos primeiros e importantes objeetivos: tentar uma aproximação e análise do suposto corpo glorioso, do Mestre e apoderar-me de um tesouro. Um tesouro científico e arqueológico,

entenda-se. Um tesouro que tinha de ser levado para a nave, submetido a uma exaustiva investigação e, naturalmente, devolvido ao seu lugar de origem no prazo mais breve possível.

Por esta razão, dado que tinha de regressar naquela manhã de domingo, as outras peças do meu equipamento pessoal – a utilizar ao longo da exploração – não seriam retiradas do módulo nesta primeira saída. Esta circunstância aconselhava, também, que os dinheiros a manipular naqueles momentos fossem os estritamente necessários para as primeiras necessidades. O Cavalo de Tróia, por conseguinte, determinou que eram suficientes os cem denários e a meia libra: uns cento e sessenta e três gramas em ouro. Mas, claro, primeiro, tornava-se necessário trocá-los por moedas de circulação legal na Palestina: denários de prata e peças fraccionárias; especialmente siclos, asses e óbolos ou sestércios.

- Quatro horas e quinze minutos.

O meu irmão montou a vara de Moisés e, ao entregar-ma, exclamou com a voz entrecortada pela emoção: - Boa sorte! Embora a minha ausência não fosse longa, obriguei-o a jurar que ao menor sintoma de desmaio ou mal-estar me avisaria imediatamente. Eliseu compreendeu e apreciou a minha preocupação sincera e, depois de verificar que as proximidades do berço continuavam desertos e silenciosos, indicou-me o monitor e a última leitura meteorológica:

- Temperatura na superfície: doze vírgula oito graus centígrados. Vento: calmo. Humidade relativa: abaixo de dezassete por cento.

E com uma pancada seca – sem desviar o olhar dos controlos electrónicos – ligou o mecanismo de descida da escada. Eu não gostava muito das despedidas. Por isso, sem mais demoras, notando que os meus olhos se humedeciam, deixei cair a mão esquerda sobre o ombro do meu irmão. E, girando sobre os calcanhares, enfiei pela escotilha de saída e desapareci.

Eram quatro horas e vinte e oito minutos.

Precisei de uns minutos. As minhas pupilas foram-se

adaptando à escuridão e, pouco depois, a luz oblíqua da lua provocava milhares de cintilações nas copas cinzentas das oliveiras que rodeavam a clareira pelo lado sul. Dei quatro ou cinco passos e parei. Um silêncio pastoso e anormal apoderara-se do lugar. Tal como a primeira descida sobre a Palestina de Cristo, as emissões de ondas e a poeira levantada pelo J85 tinham feito emudecer os insectos e avezinhas que colonizavam aquele segundo cume

* No câmbio, aqueles 163 gramas de ouro equivaliam a cerca de 379 denários. Devo lembrar que o preço de um par de pássaros

era um asse. Por sua vez quatro denários de prata ou dracmas representavam um siclo de prata. Um denário subdividia-se em 16 asses ou 61 quadrantes ou 128 leptas. O denário romano tinha então um sério competidor: o zuz, uma peça de prata de valor senelhante e cunhada pelos joalheiros fenícios de Tiro.

(N. do N)

do monte das Oliveiras. Olhei a toda a minha volta, perscrutando a escuridão azulada que surgia recortada entre os troncos negros das oliveiras. Com efeito, tudo parecia calmo. Mas aquele silêncio. Se pelo menos tivesse ouvido o gorgeio do zamir.

Depois de uns segundos de hesitação recomecei a andar, metendo pelo pequeno monte que fechava pelo lado ocidental o lugar onde se encontrava a nave. Se não me estivesse a faltar o sentido de orientação, eu estava no sopé da ladeira dentro de poucos minutos. Uma vez lá, com Jerusalém do outro lado do desfiladeiro, o meu caminho seria mais cómodo.

Ao contornar os maciços de murtas e de acantos, à medida que me aproximava da beira do cume, o meu coração começou a palpitar e uma imparável excitação fez que as minhas pernas fraquejassem. Não tive outro remédio senão parar.

- Meu Deus!

Eliseu ouviu a minha exclamação. E, ligando o contacto,

perguntou: - Estou a receber-te em cinco por cinco. O que é que está a acontecer?

Antes de responder, inspirei profundamente várias vezes, procurando acalmar a minha pulsação.

- Roger, eu também te recebo alto e claro. Nada! Deve ser da emoção. Estou a ponto de entrar na velha cidade e isso traz-me recordações. Câmbio. - Okay!. Ânimo! Enxuguei o suor das minhas mãos e agarrando a vara com força voltei a respirar profundamente. A intensa e agradável fragrância do matagal, prenúncio da esplêndida Primavera judaica, invadiu-me por completo. E o meu espírito, agradecido e estimulado, recuperou. Quando já me encontrava a meia centena de metros do ponto de contacto, a voz do meu solitário amigo voltou a soar na minha cabeça: - Atenção, Jasão!.

Estás no perímetro da segunda cintura de segurança. O radar está a ver-te a cento e cinquenta pés do berço. Câmbio.

Dei meia volta e, dirigindo o olhar para a plataforma rochosa onde estava pousado o módulo invisível, carreguei no meu ouvido e retorqui a meia voz: - Entendido. Câmbio.

- Acho que, antes de continuar, deves experimentar os crótalos. E dá-me o resultado.

Ele tinha razão. Com os nervos que eu tinha naquela altura, esquecera-me da necessária verificação das lentes de contacto especiais. Tirei-as do pequeno estojo que levava na minha bolsa e, depois de as colocar, levantei o rosto para o centro da clareira. A radiação infravermelha emitida pela nave surgiu perante mim como uma visão vermelha e infernal, pulsando, gigantesca, no meio de um cenário negro e frio. Sob aquela massa cor de grenate cintilava uma faixa de um branco amarelado, consequência do calor acumulado pelo motor principal.

* Ampla informação sobre os crótalos no primeiro volume desta obra. (N. Do A.)

- Vejo-te cinco por cinco. Impressionante! Vou continuar a descer. - Okay!. E de novo boa sorte!

Tal como esperava, alguns minutos depois, já à beira do grande barranco do Cédron, a claridade do luar fez surgir diante de mim o perfil da Cidade Santa.

- Jerusalém!

E uma cascata de calafrios e sensações deixou-me paralisado.

Lá estava ela: majestosa, com as suas altas muralhas tingidas de um azul espectral e a cúpula do Templo sobressaindo branca

- quase cor de neve, em direcção a um céu transparente e pontilhado por uma Via Láctea feita espuma.

A quarta e última vigília da noite aproximava-se já do seu fim e as sinuosas e apertadas vielas dos bairros alto e baixo

- pessimamente iluminadas pelas tochas e lampiões de azeite – estavam desertas. Alheías ao extraordinário acontecimento que se dera uma hora antes e que, em breve, ao alvorecer, faria estremecer os seus habitantes.

Fiz uma nova ligação com o módulo e Eliseu disse-me a hora exacta: - Quatro horas e cinquenta minutos.

Não havia tempo a perder. O nascer do Sol seria às cinco horas e quarenta e dois minutos. E, de acordo com os nossos cálculos, as mulheres surgiriam no jardim de José de Arimateia, preparadas para lavar e amortalhar o cadáver do Galileu, de um momento para o outro. Se é que lá não estavam já.

Aquela lamentável cadeia de imprevistos e contratempos tinha-nos atrasado perigosamente. Já não faltava sequer uma hora para o nascer do Sol. Se já se Uvesse dado a primeira das supostas aparições do Mestre, ver-me-ia obrigado a tentar a sorte com a segunda, citada pelo evangelista Lucas. De acordo com Lucas, nesse mesmo dia – embora sem

precisar a hora – o Ressuscitado tinha acompanhado dois dos discípulos quando iam a caminho da povoação de Emaús. Mas, como disse, o relato evangélico era confuso.

Como e onde localizar esses discípulos? Consolei-me ao pensar que, na pior das situações, se eu fracassasse nas duas tentativas, sempre restaria uma terceira oportunidade: a reunião dos apóstolos no entardecer daquele domingo, primeiro dia da semana, segundo as palavras de João.

Menos de uma hora para o amanhecer! A situação era mais comprometedora do que imagináramos. Era preciso alterar os planos. O Cavalo de Tróia de acordo com as minhas sugestões, tinha previsto o meu acesso ao sepulcro pelo caminho mais longo. É seguro. Uma vez no exterior devia procurar o caminho que, vindo de Betânia, atravessava o cume do monte das Oliveiras para descer até ao extremo sul da cidade. A minha entrada em Jerusalém seria pela Porta da Fonte e, aproveitando as ruas desertas, atravessaria a cidade sem ser notado e iria até ao extremo norte, pela Porta dos Peixes.

O troço entre a muralha setentrional e a propriedade de José podia ser percorrido em poucos minutos.

Uma breve reflexão foi suficiente para me convencer. Era preferível esquecer o itinerário inicial e, com o fim de ganhar tempo, aventurar-me pelo caminho mais curto e perigoso.

Não havia alternativa caso eu, na verdade, quisesse estar presente na primeira aparição.

Para não inquietar inutilmente o meu irmão, não lhe revelei a minha decisão. Era a primeira violação do plano estabelecido por Curtiss e, por sorte ou por infortúnio, não seria a última.

Com o espírito decidido, lancei-me ladeira abaixo, ao encontro do fundo do vale que me separava da muralha

oriental do Templo. Aquele gesto voluntarioso custar-me-ia caro.

A abrupta encosta recebeu-me como era de esperar. Mantendo com dificuldade o equilíbrio, agarrando-me aqui e ali aos lentiscos e giestas e evitando as rochas aguçadas fui ganhando terreno. Amaldiçoei várias vezes a minha estupidez.

A desalinhada chlamys ficava enganchada nos espinhos daquela vegetação agreste. Se não fosse a minha pele de serpente, os meus braços e as minhas pernas teriam ficado com um sangrento e deplorável aspecto.

Cerca de quinze minutos depois galgava o leito seco e pedregoso do barranco.

Detive-me para tomar ar. Compus o meu manto amarrotado, lamentando os rasgões e, com o coração aos saltos deitei um olhar à minha volta. Os cinquenta ou sessenta metros de profundidade do Cédron, naquele ponto, e o já iminente desaparecimento da lua por trás da muralha ocidental tinham sepultado o desfiladeiro em trevas inquietantes. Depois de alguns segundos de nervosa escuta e mais do que difícil observação, decidi atravessar o fundo do vale, dirigindo-me para o muro informe que fechava o Templo e a cidade e que se erguia como uma continuação da nova encosta que tinha diante de mim. Tudo naquele lugar tétrico era silêncio. Um plúmbeo e irritante silêncio.

Muito perto de onde me encontrava, um pouco mais para norte, passava outro caminho que vindo das aldeias próximas de Betânia e Betfagé, subia para o monte das Oliveiras e descendo pela encosta ocidental, ia morrer nas proximidades da Porta Dourada, na muralha oriental do Templo.

Ali mesmo, muito perto da esquina nordeste do recinto sagrado, o caminho ramificava-se e, dobrando a muralha, perdia-se paralelamente ao muro norte e à Fortaleza Antónia, havendo uma nova bifurcação diante da Porta dos Peixes: um

caminho dirigia-se para a costa, para Cesareia, o outro, directamente para norte, para a Samaria e Galileia. A minha intenção era ir ao encontro desse caminho e, contornando Jerusalém, ir dar rapidamente à quinta e ao sepulcro. O caminho escolhido, sensivelmente mais curto, era também muito solitário e por conseguinte, teoricamente pouco aconselhável àquelas horas da noite. Por um momento veio-me à memória o desagradávelencontro com um ladrão na noite de quinta-feira santa.

E tive de reunir todas as minhas energias para poder continuar. Procurando evitar os calhaus que salpicavam o leito do Cédron, avancei alguns metros. Subitamente uma coisa me fez parar. Eram grunhidos.

Uns grunhidos horríveis. Imóvel como uma estátua, esforcei-me por perscrutar a escuridão do barranco. Mas as trevas eram tão densas que os meus olhos se perderam entre as rochas e ilhotas de moitas. De novo caiu o silêncio. Um negro silêncio.

Voltei-me, prescrutando inutilmente o lado sul do desfiladeiro. O coração, em alerta máximo, palpitava com força. E uma inconfundível sensação de medo eriçou-me os cabelos.

Pela segunda vez – agora atrás das costas -, aquele grunhido provocou-me uma descarga de adrenalina, prendendo-me os músculos. Virei-me lentamente. O que quer que fosse, estava a norte e, a julgar pela intensidade do som, bastante mais próximo.

Forcei a vista numa tentativa desesperada de localizar algum vulto ou, pelo menos o movimento da ramagem. Foi inútil.

Com um ligeiro tremor, deslizei a minha mão direita para o alto da vara de Moisés, à procura de um dos pregos com cabeça de cobre. Se os grunhidos fossem de algum animal selvagem, aquela era uma ocasião única para experimentar o

dispositivo de defesa integrado no meu novo equipamento.

Carreguei no prego.

Maldição!

Não trazia os crótalos. Sem as lentes de contacto especiais, a eficácia do sistema diminuía notavelmente.

Aturdido, peguei na bolsa de borracha. Mas, no momento em que ia abri-la, oscilaram com violência várias moitas a cinco ou seis metros de mim. Senti o sangue a gelar-me nas veias.

Algo avançava em direcção a mim. Era uma sombra baixa e alongada. Não, duas!. Recuei uns passos, mas com tanto azar que tropecei numa pedra, estatelando-me estrepitosamente.

Liguei o contacto auditivo.

- Meu Deus!

- Jasão!. O que foi?

Eliseu tinha ouvido a minha exclamação e, assustado, fez também a ligação auditiva.

Os vultos pararam e, quase não houve tempo para uma resposta. Simultaneamente, soltaram uivos agudos e estremecedores.

- Jasão!- insistiu o meu irmão. - O que é que foi? Responde.

Levantei-me de um salto. Um novo calafrio impiedoso pôs-me de pé os cabelos da nuca, eriçando-os como se fossem pregos.

- Não sei! - respondi, quase sem forças. - Parecem chacais!.

Ou talvez cães selvagens!

Eu já tivera a oportunidade de ver, na minha exploração anterior, algumas matilhas de cães selvagens – metade lobos, metade chacais comuns ou canis aureus, tão perigosos como os seus congéneres os africanos de lombo reto ou os listrados – a andar pelos arredores da Cidade Santa e a

devorarem carne de animal morto. Aqueles famélicos, ariscos e perigosos cães-chacais, muito diferentes dos cães domésticos que hoje conhecemos, eram um pesadelo para o infeliz peregrino que viajasse sozinho. E o desfiladeiro, a lixeira localizada a sul – a célebre Geena – constituíam um território muito propício para as suas correrias.

As sombras foram-se aproximando.

- Jasão!.

Quando jáestavam a pouco mais de três ou quatro metros, dois pares de olhos semi-rasgados e de cor de mel relampejaram na escuridão. Levantando as cabeças, intensificaram os uivos, que ecoaram várias vezes por entre as encostas do desfiladeiro.

Logo a seguir, os uivos cessaram e um dos animais, grunhindo surdamente, levantou as orelhas compridas e pontiagudas, mostrando-me uns caninos afiados e húmidos. Lutei por abrir a bolsa.

- Oh, meu Deus!.

A besta retesou os seus robustos jarretes e arremeteu, saltando como um raio para o meu pescoço.

Com um movimento reflexo interpus o meu braço esquerdo, inclinando-me para trás instintivamente. - Jasão. Responde.

As suas fauces cravaram-se no meu pulso, fechando-se como um cepo sobre a minha pele. Melhor dizendo, sobre a pele de serpente. Poucos segundos depois, como um estalido, alguns caninos saltaram pelos ares. O animal, cego no seu ataque selvagem, continuou revolvendo-se no chão, sem soltar a sua presa.

- Maldita seja!. Jasão!

Aterrorizado, com os músculos duros como pedras, resisti tentando libertar-me das mandíbulas. Mas a situação complicou-se quando o segundo chacal ou cão selvagem, talvez intuindo que o irmão dele conseguira imobilizar

parcialmente a vítima, arremeteu contra o meu flanco direito, desferindo todo o tipo de dentadas nas coxas e baixo ventre. Nalguns dos seus ataques furiosos, o último chacal rasgou parte da túnica e do manto. Tentei bater-lhe com a base da vara, mas os ataques e os recuos contínuos e os puxões fortes do primeiro tornavam imprecisas as minhas pancadas e os meus pontapés.

Tinha que arriscar!

Assim, banhado em suor, quase exausto, apontei com a parte superior do bastão para a cabeça daquele que lutava, entre baba abundante e latidos por partir o meu pulso esquerdo. O dispositivo ultra-sónico de defesa falhou nas primeiras tentativas. Então, inclinando-me até sentir o fedor nauseabundo da fera aproximei a faixa negra da vara até a um palmo da base da cabeça.

O segundo animal, num novo e frenético ataque, levantara-se sobre os quartos traseiros, cravando as mandíbulas e as falciformes e aceradas unhas no meu braço e flanco. E os caninos e as garras deste tiveram o mesmo destino que os do primeiro.

Desta vez, sim tive sorte. E o feixe de ondas penetrou por um dos olhos da besta. Ao receber a descarga de 21000 Herz, emitiu um lastimoso e curto latido, soltando o meu braço.

- Jasão. Jasão!.

Cheio de dor, o segundo chacal saltou para trás, fugindo precipitadamente e, tal como o outro que recebera os ultra-sons, ganindo e gemendo com a longa cauda entre as patas. Em menos de um segundo desapareceram na escuridão. E os seus ganidos foram-se distanciando até que, pouco depois, o silêncio voltou a dominar a quebrada.

- Jasão! Responde!

Eliseu, desesperado, insistia mais uma vez. Deixei-me cair

sobre uma pedra e a tremer dos pés à cabeça, carreguei no ouvido, explicando o que acabava de acontecer.

- Pelo amor de Deus!

Teve razão o meu companheiro para desabafar, acusando-me de inconsciente e insensato. Mas o pior já tinha passado. A defesa ultra-sónica e a "pele de serpente" tinham funcionado.

Aquela frequência, que podia ser aumentada até 10". roçando quase os hipersons, tinha resultados fulminantes para determinadas espécies de animais.

Eu disse que o pior já tinha passado?. Sim, isso foi o que eu pensei. Mas as surpresas, naquela madrugada tinham apenas começado.

Não havia tempo para contemplações. Assim, pondo de lado os enormes rasgões que destroçavam o manto e a túnica pus-me a caminhar, ansioso por sair de uma vez para sempre daquele funesto vale.

Só faltavam doze minutos para o amanhecer.

Que teria acontecido entretanto no horto de José?"

** Um dos dispositivos situados no interior do cajado – o de ondas ultra-sónicas, de natureza mecânica, e cuja frequência se situa acima dos limites da audição humana (superior aos dezoito mil Hertz) – tinha sido modificado tendo em vista esta nova missão. O Cavalo de Tróia proibia terminantemente que os seus exploradores ferissem ou matassem os indivíduos objecto das suas investigações. O código moral, como eu já disse, era rigoroso. Mas, prevendo possíveis ataques de animais ou de homens, como meio dissuasório e inofensivo, Curtiss aceitara que os ciclos das referidas ondas fossem intensificados até ultrapassarem mesmo os vinte e um mil Hertz. Em caso de necessidade – como vimos -, o uso dos ultra-sons podia resolver situações de perigo, sem que ninguém chegasse a aperceber-se do sistema utilizado. Como*

também já expliquei, tanto os mecanismos de teletermografia" como os de ultra-sons eram alimentados por um microcomputador nuclear, estrategicamente inserido na base do bastão.

A cabeça emissora", colocada a um metro e setenta centímetros da base da vara", era ligada por um prego de cabeça larga de cobre, trabalhado – como tudo o resto – de acordo com as antiquíssimas técnicas metalúrgicas descobertas por Glueck no vale da Arabá, a sul do mar Morto, e em Esyon-Gucher, o lendário porto de Salomão no mar Vermelho. Os ultra-sons, pelas suas características e natureza inócua, eram apropriados para a exploração do interior do corpo humano.

Com base no efeito piezeléctrico, o Cavalo de Tróia colocou na cabeça emissora, camuflada com uma faixa preta, uma placa de cristal piezeléctrico, formada por titanato de bário. Um gerador de alta frequência alimentava a placa produzindo assim as ondas ultra-sónicas. Com intensidades que oscilavam entre os 25 e os 28 milwatts por centímetro quadrado e com frequências próximas aos 225 megaciclos, o dispositivo de ultra-sons transforma as ondas iniciais em outras audíveis, mediante uma complexa rede de amplificadores controladores de sensibilidade, moduladores e filtros de bandas sonoras.

Com o fim de evitar o árduo problema do vento – inimigo dos ultra-sons -, os especialistas inventaram um sistema capaz de aprisionar e conduzir os ultra-sons através de um finíssimo cilindro ou tubo, de luz laser de baixa energia, cujo fluxo de eleetrões livres ficava congelado no próprio instante da emissão. Ao manter um comprimento de onda superior aos oito mil angstrons (OA micros), o tubo, laser continuava a manter a propriedade essencial do infravermelho, pelo que só podia ser visto com o uso das lentes de contacto especiais (crótalos"). Dessa forma, as ondas ultra-sónicas podiam passar pelo interior do cilindro" ou túnel" formado

pela luz sólida" podendo ser lançadas a distâncias que oscilavam entre os cinco e os vinte e cinco metros.

Chamavam-se crótalos, por se parecerem com o sistema utilizado por este tipo de serpente. As suas fossas infravermelhas" permitem-lhe caçar as vítimas através das emissões de radiação infravermelha dos corpos das presas.

Qualquer corpo cuja temperatura for superior ao zero absoluto (menos 273oC) emite energia de tipo IV, ou infravermelho.

Estas emissões de raios infravermelhos, invisíveis para o olho humano, são provocadas pelas oscilações atómicas no interior das moléculas e estão ligadas, por conseguinte, à temperatura de cada corpo. (N. Do M)

Enredado nessas reflexões, depois de andar outros cem ou cento e cinquenta passos pelo Cédron acima, compreendi que continuava a perder tempo. E, num impulso, renunciei a procurar o camìnho. Virei para a esquerda, enfrentando a suave e curta encosta que conduzia ao muro oriental do Templo.

Ao assomar ao estreito passadiço que se estendia paralelamente à imponente muralha, uma claridade malva ascendia já por trás do monte das Oliveiras, ceifando estrelas e arraneando cantos longínquos entre os galos madrugadores. As trombetas dos levitas não tardariam a soar, anunciando o novo dia. Era preciso estugar o passo. Em poucos minutos, os locais fora de portas da cidade, agora solitários, ficariam paulatinamente animados por homens e animais. E os milhares de peregrinos que tinham celebrado a Páscoa, assim como os habitantes de Jerusalém, dedicar-se-iam às suas ocupações quotidianas. Aquilo podia complicar ainda mais os nossos planos.

Sem pensar duas vezes, lancei-me numa frenética corrida. O bater das minhas sandálias na poeira do caminho e a espalhafatosa ondulação do manto assustaram os pombos

que dormitavam entre os silhares da muralha. E um branco bater de asas elevou-se sobre os torreões. Dobrei a esquina nordeste e, animado pela solidão do lugar, acelerei o andamento, procurando controlar a respiração. Deixei à minha direita o obscuro promontório de Bèzatha e os perfis imprecisos da Piscina dos Cinco Pórticos. Enfrentado o último trecho: o que me separava do bastião norte da Antónia. A Fortaleza Antónia!

Um súbito sentimento de perigo fez-me abrandar o passo. Com o coração catapultado contra as paredes do peito, distingui ao longe os fogos de duas das quatrostationes, ou postos de guarda, situados no ponto mais alto das torres que se erguiam airosas em cada um dos ângulos du formidável castelo.

De repente, quando me faltavam poucos metros para virar à altura do parapeito de pedra que circundava o fosso do quartel-general de Pilatos, ouvi gritos. Sem parar, levantei os olhos. Na torre mais próxima, entre as ameias acinzentadas, alguns legionários gesticulavam, gritando para as uigiliae, ou patrulhas nocturnas, que estavam na torre noroeste. A gritaria não durou muito. Com a forte suspeita de que aqueles gritos de alerta

** O historiador judeu-romano Flávio Josefo assegUra no seu livro – A Guerra dos Judeus (livro sexto) – que três dessas torres tinham cinquenta côvados (uns 2250 m) de altura e a quarta, encostada ao muro norte do Templo, setenta côvados (cerca de 31 50 m). O castelo", sede dos procuradores romanos durante as grandes solenidades, tinha uma forma rectangular, com cerca de cem metros de comprimento e cinquenta de largura.*

Fora cercado por um muro ou parapeito exterior de metro e meio de altura e por um fosso de 2250 metros, mandado escavar por Herodes, o Grande, quando ordenou a reedificação da antiga fortaleza macabeia, e à qual deu o nome de Antónia. Em honra do seu protector, Marco António.

As fundações do castelo eram um penedo gigantesco, liso em cima, e muros. Herodes, na previsão de possíveis ataques, tinha revestido os muros com pranchas de ferro. Umas escadas ligavam a Antónia ao Átrio dos Gentios, facilitando assim o acesso da guarnição ao Templo. No centro, como já ficou dito pormenorizadamente, havia um pátio empedrado, com um tanque central dedicado à deusa Roma. (N. Do M)

tinham muito a ver comigo, forcei as pernas. Já só faltavam cem metros para a bifurcação do caminho.

Esforço vão. Num abrir e fechar de olhos antes que pudesse percorrer uma décima parte do trajecto, três soldados da infantaria romana irromperam no meio do caminho, cortando-me a passagem.

Era evidente que eu tinha cometido dois novos e lamentáveis erros. Primeiro, lançar-me numa corrida tão suspeita, e, segundo ignorar a vigilância nocturna da Fortaleza Antónia, e a abertura ou porta existente no parapeito, permanentemente aberta.

Parei imediatamente. Esperei que se aproximassem. Fugir teria sido um terceiro erro.

Enquanto enchia os pulmões numa fatigante tentativa por me acalmar, um ruído que me era familiar chegou aos meus ouvidos.

Era a moagem diária do grão. Jerusalém despertava. E, como uma confirmação fatal, a repentina claridade do dia caiu sobre a cidade, fazendo reverberar os polidos e esverdeados capacetes de bronze dos legionários.

lutei com o meu cérebro. Tinha de encontrar uma boa desculpa.

Mas qual?

Os soldados detiveram-se. Cautelosamente, sem dizer palavra, olharam-me dos pés à cabeça. Estremeci ao

reconhecer os seus uniformes de campanha. Não pude evitar uma emoção profunda.

Eram os primeiros seres humanos com que me deparava naquele novo e acidentado salto.

E o primeiro toque das trombetas de bronze do Templo a anunciar o amanhecer, retumbou entre as muralhas, agitando o céu azul com dezenas de remoinhos de pombos e o negro planar das andorinhas.

Os levitas, do alto do santuário, seguindo um costume ancestral avisavam os habitantes da Cidade Santa de que o Sol estava a ponto de romper no azulado horizonte dos montes de Moab.

Eram cinco horas e quarenta e dois minutos.

A minha roupa suja e esfrangalhada e o suor que escorria das minhas fontes, banhando-me a barba não deve ter inspirado muita confiança aos soldados. Assim, colocando-se de ambos os lados, continuaram a avançar, apontando-me as compridas lanças ou pilum.

Os três vestiam cotas entrançadas à base de malhas de ferro que usavam como uma túnica curta (até ao meio da coxa).

Estas couraças muito flexíveis e sólidas, recobriam um gibão de couro de comprimento idêntico. Por último, a pesada indumentária envolvia uma túnica vermelha de mangas curtas (até ao cotovelo), que era dez ou quinze centímetros mais comprida que a armadura, caindo sobre os joelhos.

Quando se achavam a três metros, os legionários dos flancos detiveram-se pela segunda vez. E as brilhantes pontas de flecha dos seus pilum ficaram a um metro do meu ventre.

Ao observar os seus rostos fatigados e sonolentos deduzi que se tratava duma patrulha de serviço durante a quarta e

última vigilia da noite 1.

As horas durante a noite era ainda mais vaga do que durante o dia. No tempo de Jesus, tanto os judeus como os romanos dividiam" a noite em vigílias: quatro no total. O nome vigilia, estava associado às horas que a sentinela permanecia a vigiar, ou o pastor a guardar o rebanho. Cada uma somava três horas, aproximadamente. Começavam com o ocaso e findavam com a sombra, de manhã quando o horizonte se iluminava com os primeiros raios do sol. (n. Do N)

Para minha infelicidade, tinha chegado na pior altura:

Justamente no momento em que iam ser rendidos. O seu mal-estar e contrariedade revelavam-se na forte contracção dos maxilares e no olhar, avermelhado e acusador.

Levantei o meu braço esquerdo, com a palma da mão aberta, em sinal de paz e submissão. Nesse mesmo instante, o soldado que estava no centro da formação levou a mão esquerda ao flanco direito, desembainhando a espada: uma hispanicus de cinquenta centímetros e gume duplo. Uma corrente de fogo pareceu devorar as minhas entranhas. Que tencionava fazer aquele soldado? O segundo toque das sete trombetas, avisando da abertura da célebre Porta de Nicanor, no Templo, fez o legionário hesitar. O seu gladius, a um palmo do meu esterno, cintilou por um breve instante, aumentando a minha já copiosa transpiração.

Com voz rouca e levantando a espada até à minha garganta, o soldado pronunciou umas palavras que não compreendi. Devia tratar-se de um dos legionários da tropa auxiliar, integrada por trácios, sírios germanos ou espanhóis. Com um leve gesto de negação da cabeça, dei-lhe a entender que não percebia a língua dele. Mas o soldado, possivelmente alterado, repetiu a pergunta num tom imperativo, cravando a ponta da hispanicus debaixo do meu queixo.

- Jasão.

Eliseu estava à escuta. Mas o que é que ele podia fazer num momento tão crítico. Senti o metal bem afiado a entrar ligeiramente na minha pele, obrigando-me a levantar a cabeça. Era evidente que ao menor movimento suspeito me podia considerar um homem morto. Esforçando-me por manter a cabeça numa posição tão violenta, respondi em grego na esperança de que algum legionário me compreendesse.

- Sou de Tessalómica.

O soldado que estava à minha esquerda pareceu compreender e, na mesma gíria utilizada pelo que mantinha a arma debaixo do meu queixo, comentou qualquer coisa com os seus colegas.

Avançou e, colocando-se junto ao da hispanicus, despejou uma série de perguntas acusadoras:

- Porque é que corrias?. A quem roubaste?. Reconhece que és um bastardo e porco judeu! Fala!

Dificilmente o poderia fazer. Assim apontando com o indicador esquerdo para a ponta da espada, supliquei-lhes que baixassem a arma. A pressão diminuiu, mas o gladius permaneceu a muito poucos centímetros do meu pescoço.

Engoli em seco e, simulando uma comichão inexistente, cocei-me fazendo força no meu ouvido direito, ao mesmo tempo que tentava esclarecer aquele mal-entendido: - Lamento muito!. Não era minha intenção. Sou grego e amigo do procurador. Tenho um salvo-conduto! A dureza do meu sotaque e a menção do salvo-conduto aliviaram a tensão. Mas o improvisado intérprete, desconfiando e levantando os pedaços rasgados da minha túnica com a ponta do seu pilum, insistiu:

- E isto.

Quando eu ia esclarecer a razão do estado lamentável das minhas vestes, o soldado colocou de novo a sua lança em

posição vertical e, num furor súbito, deu-me uma forte e sonora bofetada.

- Mentes!. Porque é que corrias?

O meu rosto endureceu e, pressionando os maxilares num ataque de ira, encarei o jovem soldado de infantaria lançando-lhe em pleno rosto: - Civilis!. Levai-me ao vosso primipilus! O nome do centurião, comandante-chefe das sessenta centúrias e homem de confiança de Pilatos, provocou o efeito desejado. Os lábios do legionário que me tinha esbofeteado tremeram nervosamente e a expressão do seu rosto mudou. Balbuciou palavras ininteligíveis e a hispanicus regressou imediatamente para o seu invólucro de madeira.

Quando me dispunha a mostrar-lhes o rolo com a assinatura e o selo do procurador, o intérprete, sem perder o seu tom autoritário, ordenou-me que os acompanhasse.

Ao franquear o parapeito de pedra e vislumbrar ao fundo, do outro lado da ponte levadiça a monumental porta coroada com um canhão e provida de dois sólidos batentes de madeira, novas e comoventes recordações longínquas e próximas me tes recordações me vieram à memória.

Pareciam aquelas cenas dos interrogatórios de Pilatos e da enfurecida multidão a gritar pela libertação de Barrabás.

Um grupo numeroso de legionários apareceu no portão. Vestiam também o uniforme de campanha e cada um levava o seu escudo rectangular, vermelho, - de uns oitenta centímetros de altura - com a mesma bela águia amarela que eu contemplara em ocasiões precedentes a decorar o umbon, ou pretuberância central. Avançaram com alguma pressa e, mesmo à beira do fosso, juntaram-se aos meus três guardiões. Trocaram algumas palavras entre si e, sem deixarem de me observar, puseram-se novamente em movimento, ordenando-me que atravessasse com eles a ponte de troncos grossos para entrar no interior da fortaleza.

Até àquele momento – quase seis horas da madrugada – Apouca sorte só nos proporcionara desgosto atrás de desgosto.

Resignado, deixei-me conduzir.

Ao cruzar a muralha pensei que a patrulha se dirigia para o terraço onde Pilatos tinha tentado administrar justiça – na cadeira curul – na manhã de sexta-feira. Não foi assim. Mal pusemos os pés no grande pátio e nos brancos seixos que o pavimentavam, os legionários pararam. Dois deles afastaram-se até a um quartito de adobe, encostado ao muro e à esquerda da grande porta aberta na muralha, a qual, ao que parecia, servia de posto de guarda.

Por um momento, no silencioso espreguiçar do amanhecer, vieram-me à memória os gritos da multidão, congregada naquele mesmo recinto, reclamando a liberdade de Barrabás, o revolucionário, e a execução de Jesus.

Uma robusta silhueta, surgindo na penumbra da porta do posto de guarda, dispersou as minhas recordações. Era um optio, uma espécie de ajudante ou homem de confiança dos centuriões, e responsável pela vigilia, ou vigilância nocturna naquele sector.

Segundo autores como Arriano e Vegécio, esta couraça só era usada na perna direita, porque a esquerda era protegida pelo escudo) As caligas, ou sandálias de correias, de sola dura e cravejada, envolviam os tornozelos e o dorso dos pés, completando o uniforme de campanha.

Durante breves instantes, reclinado displicentemente no gonzo da porta e a tamborilar com os dedos dentro de uma escudela de madeira, revistou-me dos pés à cabeça. Concluído o exame, foi-se aproximando com lentidão e ar cansado. Ao chegar ao pé de mim, baixou os olhos, entretendo-se com os rasgões do manto e da túnica. Tirou uma tâmara do fundo da tigela e, com um sorriso malicioso, levou-a à boca. A negra cárie que atacava os poucos dentes

que lhe restavam, era um exacto reflexo dos seus pensamentos. Mastigou o fruto parcimoniosamente e, ante a expectativa dos seus homens, cuspiu o caroço entre as minhas sandálias.

Não pestanejei. E, com idêntica frieza, aguentando o seu olhar desafiador, estendi-lhe o salvo-conduto. A minha firmeza fê-lo hesitar. Com um safanão, tirou-me o rolo. - E porque é que queres ver Civilis? - perguntou, por fim, devolvendo-me o documento. Era preciso arriscar. Supondo que a patrulha de vigilância no sepulcro já tinha regressado à fortaleza e que a notícia do estranho desaparecimento do cadáver do Crucificado já era sobejamente conhecida pelo optio, comuniquei-lhe que tinha acontecido qualquer coisa especial. - Especial – acrescentou com curiosidade. - Onde?

- No túmulo situado na propriedade de José, o membro do Sinédrio, e que, como sabes era vigiado por levitas e homens desta guarnição. Ele franziu o sobrolho.

- Que sabes tu desse assunto?

Mas abanando a cabeça, dei-lhe a entender que só falaria na presença de Civilis ou do procurador. - Sabes que eu podia mandar espancar-te por isso? Quem és tu, miserável maltrapilho, para pretenderes incomodar o governador de toda a Judeia?

Pegou numa segunda tâmara e, antes de eu ter tempo para lhe responder, fez-me uma terceira pergunta: - Não terás sido tu um dos ladrões?.

Sem querer, acabava de confirmar as minhas suspeitas: os dez legionários que faziam parte da escolta de vigilância no sepulcro deviam ter voltado. Não há dúvida que, uma vez recuperados da sua inconsciência momentânea, ao comprovarem que o túmulo estava vazio, deviam ter optado por regressar à fortaleza, relatando o que tinha acontecido. Mas. Porque utilizara ele a palavra ladrões?

Decidido a terminar com um diálogo tão estéril, declarei

com severidade: - Cuidado com as tuas maneiras! Pilatos está a par da minha recente estada na ilha de Capri, junto do divino Tibério. E duvido que ambos aprovem que se espanque um astrólogo ao serviço do velhinho. O nome de César fol decisivo. O optio atónito engoliu a tâmara e, entre os cochichos sarcásticos da tropa, deu as ordens necessárias para que informassem Civilis da minha presença naquele lugar.

Dez minutos depois, perante o assombro de todos os presentes, o próprio comandante-chefe aparecia no alto do terraço, descendo apressadamente a escadaria. Atrás dele, com evidente dificuldade para o seguir, distingui outro centurião e o soldado que tinha feito de mensageiro.

Avancei e, atravessando o pátio, fui ao encontro do salvador primipilus. Civilis, ao ver-me, sorriu. Trajava a sua habitual cota de malha e um fulgurante capacete prateado, encimado por uma crista ou cimeira transversal sobre a qual se destacava um penacho semicircular de penas vermelhas.

As suas grandes passadas faziam flutuar a capa cor grenate, que segurava elegantemente com a mão esquerda. Com a mão direita segurava o emblema dos centuriões, símbolo, ao mesmo tempo, da disciplina do exército romano: a uitis, ou ramo de videira, tão temida entre os soldados. Ao chegar diante de mim, e sem deixar de sorrir, levantou o braço direito, saudando-me:

- Salve, Jasão!. Mas o que te aconteceu? Satisfeito com aquele encontro com o leal e eficaz chefe de centuriões, correspondi-lhe com o mesmo afecto. E, logo a seguir, enquanto iniciávamos um curto passeio perante o olhar desconcertado do optio e dos seus soldados fui improvisando.

Eu já não via Civilis desde sexta-feira de manhã e resumi-lhe como pude os passos que dera durante aquelas setenta e duas horas.

Em parte fui sincero. Mostrei-lhe como depois de ouvir várias vezes a estranha história que circulava em Jerusalém sobre a possível ressurreição do Rabi da Galileia, a minha curiosidade de áugure me levara a esconder-me nos arredores do túmulo e como, por volta das três da madrugada, tinha presenciado um fenómeno lumimoso ímpar e surpreendente que, saindo da entrada da cova sepulcral, se propagara até às árvores mais próximas, deitando ao chão os bravos legionários que faziam a guarda.

Os oficiais ouviam-me atentamente.

- Depois – continuei fingindo estar muito cansado -, da mesma forma que os teus homens, também eu me vi surpreendido por uma força maléfica e caí no chão, perdendo os sentidos.

Quando os deuses quiseram que eu voltasse a mim, o túmulo estava vazio.

E o medo fez-me correr e andar sem rumo certo. Sei que qualquer coisa sobrenatural, obra dos deuses, aconteceu nesse horto. E, ao alvorecer, com o espírito mais sereno, tomei a decisão de vir à Fortaleza Antónia para te contar tudo o que vi e ouvi. O comandante deteve-se. Levou a mão esquerda ao punho da espada e, com um gesto grave, perguntou:

- E porquê a mim? Sabes que não acredito nessas patranhas.

Senti-me apanhado. Mas Eliseu, atento no módulo, ofereceu-me um argumento perfeito. E assim o expus a Civilis.

- É muito simples. Nas minhas caminhadas pelas ruas da cidade – menti -, tive a oportunidade de ouvir uma versão que, alimentada por essas ratas do Sinédrio, começou a circular em Jerusalém. Caifás e os seus sequazes lançaram o boato de que os levitas deles e os teus legionários adormeceram, e que, aproveitando essa circunstância, os discípulos do Galileu foram roubar o cadáver.

O comandante abanou a cabeça afirmativamente.

- Eu, como te digo, fui testemunha privilegiada do que aconteceu e vi como os guardas do Templo, de facto, fugiram como cobardes. Mas a patrulha romana não. Foram os deuses que dominaram os teus bravos soldados.

Desta vez Civilis não ripostou à minha calorosa exposição.

Aquele mutismo levou-me a supor que o centurião estava, de facto, a par dos acontecimentos. E, depois de alguns segundos de reflexão, perguntou-me de novo: - Estarias disposto a repetir isso diante do procurador? Aquela inesperada oportunidade de voltar a encontrar-me com Pilatos deixou-me perplexo. Não estava nos meus planos, mas, intuindo que podia ser altamente benéfico, apressei-me a aceitar, espicaçando a curiosidade dele com uma sentença que – eu tinha a certeza – avivaria a mente supersticiosa do governador.

- Além disso, Pilatos tem de saber que o milagre do sepulcro é só o princípio.

Fiz propositadamente uma pausa.

- de outros fenómenos não menos prodigiosos.

- A que te referes?

À medida que improvisava, uma ideia tinha vindo a germinar no meu cérebro. Decidi utilizá-la.

Sorri e, colocando a mão esquerda no ombro do meu amigo, pedi-lhe que não mo perguntasse.

- Agora tenho de me ir arranjar e meditar. Amanhã, se o procurador o considerar oportuno, terei o maior prazer em vos transmitir o que li nos astros.

Civilis bateu na sua perna com a vara de videira e, dando o assunto por encerrado, propôs-me a hora tércia (nove da manhã) do dia seguinte para a reunião. Quando, finalmente. Deixei para trás o fosso e o parapeito da Antónia, o meu irmão estabeleceu de novo a ligação auditiva, interessado

nos pormenores da minha captura e, sobretudo, na maquinação que eu concebera no pátio da fortaleza. O meu plano, como supunha, só contribuiu para duplicar a sua inquietação.

Senti-me abatido. Os cronómetros do módulo, devorando dígitos, aproximavam-se das seis horas e trinta minutos da manhã. Tinham passado cinco horas, dezasseis minutos e quarenta e nove segundos desde o contacto no monte das Oliveiras.

E estávamos como no princípio! Levávamos, ou, para ser mais correcto, levava mais de cento e oitenta minutos de atraso em relação ao plano do Cavalo de Tróia. A uma centena de passos da bifurcação para Cesareia e Samaria – com a muralha cinzento azulada da Antónia à minha esquerda – hesitei: O que é que adiantava dirigir-me ao horto de José? O mais provável era que ele estivesse deserto. Não seria mais prudente seguir o plano e entrar na Cidade Santa, à procura dos apóstolos e das mulheres? Elas é que deviam estar em condições de me contarem o que tinha acontecido.

Estive a ponto de confessar as minhas inquietações a Eliseu.

Contudo, não querendo tornar mais sombria a sua solidão, fiquei calado. Se as minhas suposições estivessem correctas, há uma hora – ou até maisque os legionários tinham abandonado a quinta do de Arimateia. Pela lógica, as mulheres deviam ter 193

chegado ao sepulcro depois de os guardas se terem ido embora.

Quando muito, ao mesmo tempo que eles – constatado o desaparecimento do motivo da sua vigilância – tomaram a decisão de voltar para o quartel-general. Com os dez romanos no jardim, as amigas do Mestre não se teriam atrevido a passar a cerca de madeira da propriedade.

Que fazer?

E voltei a aperceber-me de um fenómeno curioso. Enquanto a minha lógica e senso comum me ditavam o caminho de Jerusalém, uma outra força que não sei explicar e que cada dia se tem tornado menos subtil, arrastava-me para o sepulcro.

Que podia eu encontrar ali?

Como um autómato, deixei o caminho e entrei num prado que subia para norte e ia morrer nos cumes achatados dos promontórios que em cadeia, rodeavam Jerusalém, do Gareb ao Cédron. Aquele atalho levava-me a trezentos ou quatrocentos metros do horto de José. E decidi averiguar por que motivo o túmulo exercia tanta atracção sobre o meu atormentado espírito.

Diante de mim, desde os oitocentos metros de altitude do Gareb – a oeste – até aos setecentos e trinta e cinco de Betsaida – à minha direita -, aquela suave sucessão de colinas estava semeada de pequenas e médias propriedades, repletas de figueiras, ciprestes de madeira perfumada e compacta, zimbros que atingiam vinte metros de altura, terebintos ramificados e exuberantes, de folhas muito parecidas às da nogueira e de penetrante fragrância e, finalmente, de abundantes e selectos pomares. Perante semelhante jardim, compreendi as grandes dificuldades de Tito quando, trinta e seis anos mais tarde, ao sittar Jerusalém, avançou com o seu exército desde o monte Scopus, um pouco mais a norte de onde me encontrava.

Se eu tivesse continuado pelo caminho inicial, tomando, diante da Porta dos Peixes, o desvio para a Samaria, talvez os meus problemas se tivessem multiplicado. O meu aspecto era horrível e chamativo, e, muito provavelmente, teria despertado a curiosidade dos comerciantes, camponeses e pastores que, muito antes daquela aurora de dedos cor-de-rosa - como havia cantado Homero – tangiam os seus jumentos e rebanhos em direcção ao grande mercado do bairro mais alto da cidade: o súq ha-elyon. (Muitas

hortaliças, grãos e outros produtos do campo vinham, naquele tempo, da Samaria e da planície da fronteira com a Idumeia).

Observada da muralha norte de Jerusalém, bem como da Porta dos Peixes ou dos muros da Fortaleza Antónia, a quinta de José ficava à direita da referida Estrada do Norte – a da Samaria – perdendo-se para leste, num vale escondido no sopé dos montes de Bèzatha. Era um verdadeiro prodígio os Israelitas terem conquistado aqueles solos calcários e pedregósos, transformando cada palmo de terra útil numa bênção.

Apesar disso, entre bosques cerrados e sementeiras despontavam aqui e ali brancas clareiras de pedras. O meu objectivo era, precisamente, uma daquelas formações rochosas. Atraído por aquela força irresistível aventurei-me pela verdejante pradaria. A suave Primavera e as chuvas de Março tinham feito crescer a erva, salpicando-a de gladíolos silvestres e das pequenas flores do vento – as anémonas – com as suas campainhas cor de violeta púrpura.

O orvalho da manhã não tardou a humedecer as minhas sandálias, e dezenas de gotinhas de água foram ficando presas entre os pêlos e a pele de serpente. Das minhas pernas.

Apesar de ter tomado algumas referências na minha primeira visita à quinta do ancião membro do Sinédrio – durante o triste traslado do corpo sem vida do Rabi -, assim que transpus o pequeno prado, um labirinto diabólico de cercas, veredas

serpenteantes e sebes altas de artemísias-amargas atrasaram, como eu já temia, o meu avanço. Orientando-me pelas quatro torres da Fortaleza Antónia (sempre nas minhas costas), pelo forte brilho avermelhado do Sol a nascer (à minha direita) e pelos balidos esporádicos do gado que descia pelo caminho da Samaria (à minha esquerda), fui

avançando por entre os campos, na esperança de me encontrar, de um momento para o outro, com a cerca de estacas pintadas de branco que fechava a propriedade de José. De súbito, à minha esquerda, ouvi a típica saudação judaica.

- Schalom alekh hem!.

Aquele «a paz seja contigo» vinha de um camponês madrugador que, ao ver-me passar à frente do seu campo, saiu de trás de um sicômoro. Vestia o chaluk, ou túnica enrolada na cintura, mostrando as pernas peludas e esqueléticas. Carregava ao ombro direito uma pele de cabra inflada.

- Saúde! - apressei-me a responder, adoptando um tom cordial. - Procuro o horto de José, o de Arimateia.

Ao notar o meu sotaque estrangeiro, o judeu franziu o sobrolho, mostrando a sua contrariedade, Resmungando algumas maldições – entre as quais cheguei a perceber um «maldita seja a tua mãe!» - virou-me as costas, continuando a sua singular rega da terra. Ao destapar o rústico odre, um jorro avermelhado caía nos sulcos. Era sangue. Não se tratava realmente de uma rega propriamente dita, mas de um fertilizante. Grande parte do sangue que corria nos pátios do Templo durante os sacrifícios rituais de animais era aproveitada pela casta sacerdotal, para ser vendida aos agricultores.

Na esplanada do Santuário, perfeitamente empedrada e em declive, tinha sido feita uma rede de pequenos regos por onde se recolhiam os milhares de litros de sangue de bois, borregos, etc. Armazenando-os em cisternas subterrâneas. O sangue que sobejava perdia-se na corrente do Cédron, para onde era sabiamente levado por um canal de desaguamento. Esta era a explicação para a misteriosa água vermelha que tínhamos detectado do módulo na nossa primeira aproximação à Cidade Santa.

Não muito contrariado pelo descaramento do hortelão – afinal de contas, aquelas saudações nunca eram dirigidas aos gentios - continuei no meu lento avançar. Ao contar-lhe o incidente e o curioso sistema de fertilização da terra, Eliseu, depois de consultar o Pai Natal, deu-me mais pormenores sobre esse particular.

* Segundo a informação acumulada no computador central, textos rabínicos como o Middot (III, 2), Pesahim (V, 8), Meila

(III, 3), Tamid (IV1) e Yoma (V, 6 e 8), entre outros, descrevem estes canais de desaguamento, assim como o uso que se fazia do sangue. Os hortelões, por exemplo, compravam o sangue aos tesoureiros do Templo e aquele que o aproveitasse sem pagar cometia um roubo contra o Santuário. O Talmud babilónico (em Pesahim, 65b) diz: «O orgulho dos filhos de Aarão consistia em andar com o sangue das vítimas até aos joelhos». A quantidade do sangue no átrio dos sacerdotes era, portanto, muito considerável. (N. Do M.)

Poucos minutos depois, entre a ramagem de umas amendoeiras ou espreitadores (saqed) – como eram chamados pelos Judeus estes precoces anunciadores da Primavera – julguei ver, semiocultas pelas flores brancas como a neve, as estacas pontiagudas, de um metro de altura, do horto tão desejado.

Corri para elas. De facto, o meu coração palpitou com toda a sua força ao descobrir, ao longe, como uma branca confirmação entre o verde carregado das ameixeiras, macieiras e romãzeiras, a casinha onde, sem dúvida, morava o corpulento jardineiro que ajudara José na tarde de sexta-feira.

Tomando o Sol como referência, caminhei para a minha direita, sem me afastar da cerca. Não tardei a encontrar a cancela de entrada. A porta de tábuas estava aberta.

Misteriosamente aberta.

Desta vez avisei o berço das minhas intenções. Ia entrar na silenciosa quinta. Este é, talvez, outro conceito não muito bem interpretado pelos cristãos. Ao ler os textos evangélicos fica-se com a ideia de que o lugar onde o Mestre foi sepultado era um simples horto, com um sepulcro novo, como

narra João.

Na realidade, mais do que um horto, a propriedade de José podia ser classificada como um pomar. E nada modesto, digamos.

Toda uma quinta de recreio, com dezenas de árvores de fruto e hortaliças, uma casa rústica, um pombal e, é claro, como correspondia à sua elevada posição, um jazigo familiar. Mas continuemos com o que é importante.

Como disse, não era normal que a cancela estivesse aberta de par em par. Aquilo fez-me suspeitar de que algo anormal tinha acontecido – ou estava a acontecer – na herdade.

Lentamente, com os cinco sentidos despertos, fui avançando pelo caminho estreito que começava na cerca e virava para norte, por entre fileiras de bem cuidadas árvores de fruto.

O silêncio era absoluto. Muito significativo.

Parei uma ou duas vezes, à espera de ouvir algum som. Talvez as brincadeiras ou os latidos dos dois cães que guardavam a propriedade. Nada, mesmo nada.

A meia centena de metros da entrada, a vereda dividia-se em duas. O caminho da esquerda, como tivera a oportunidade de comprovar na minha visita anterior, passava ao pé da casa do hortelão, perdendo-se depois entre camoesas carregadas e açofeifeiras, ou açofaifas, brilhantes. Desta vez a lareira parecia apagada. O da direita levava à cripta. A uns vinte passos, coberta com a sombra delicada das árvores que a rodeavam, vislumbrei a clareira rochosa que se erguia pouco mais de um metro e meio sobre o nível do terreno. Estremeci.

E se tudo tivesse sido um sonho? E se o Mestre não tivesse ressuscitado? Estes pensamentos tão absurdos ficaram praticamente desfeitos quando, meio escondido entre os pequenos troncos das árvores de fruta, compreendi que, de

facto, as patrulhas judaica e romana tinham desaparecido. Era lógico que, se nada de anormal tivesse acontecido, continuassem ali, diante dos degraus e do rústico caminho que conduziam à gruta funerária.

Prudentemente, dediquei vários minutos a uma exploração pormenorizada dos arredores. Só descobri restos de comida, armas e algumas capas, espalhados no terreno argiloso em volta da formação calcária. Não havia dúvidas: levitas e legionários tinham abandonado o lugar. E os primeiros, a julgar pelo que fui encontrando, após uma fuga vergonhosa ainda não tinham regressado. Um pouco mais confiante, afastei-me das árvores e aproximei-me cautelosamente dos restos da fogueira que alumiara e aquecera a guarda romana. As cinzas estavam ainda mornas. Soprei e alguns tições reavivaram-se fugazmente. Era provável que a lenha tivesse ardido pouco mais de meia hora antes.

De cócoras, dirigi um olhar rápido para o caminho que ia dar ao sepulcro. O meu coração respondeu com força. Mas, fazendo um esforço, contive-me. Primeiro tinha de examinar aqueles restos.

No bocado de terra que tinha sido ocupado por aquela dezena de levitas ou guardas do Templo, a desordem era total.

Roupões amarelos, tingidos de açafrão, cheios de pegadas da fuga; bastões e c ápas – típicos dos servidores dos sumos sacerdotes betusianos, e temidos pelos seus revestimentos de cravos – semienterrados na vermelha e esponjosa argila; uma aljava de couro, cilíndrica, cheia de flechas de cinquenta centímetros de comprimento e um duplo machado de combate igualmente abandonada durante a fuga, formavam aquele cenário desolador. Por último, tombada na sequência de algum empurrão dos aterrorizados ammarklin, ou guardiões do Santuário, uma bojuda tina de barro conservava no seu

interior parte da ceia: um guisado espesso à base de sémola de trigo cozido, com abundantes pedaços de borrego. E um pouco mais à frente, cuidadosamente embrulhadas num pano Alvo, pequenas e várias rodelas de pão de trigo, e uma coroa ou fogaça redonda.

Perto de uma árvore descobri também um odre de pele de cabra, cuidadosamente curtida e fechado com uma cavilha de madeira.

Pesava uns dez loq (pouco mais de quatro litros e meio) e ao pegá-lo deduzi que servia para armazenar água ou, talvez, vinho. Deitei fora parte do conteúdo e, cheirando-o, comprovei que se tratava de schechar, uma espécie de cerveja - muito fraca – feita à base de milho e cevada e com uma remota semelhança com a cervisia latina. No sector ocupado pelos legionários, em contrapartida, e com excepção das cinzas da fogueira não consegui encontrar um único sinal que indicasse um desonroso abandono do lugar.

Os romanos, como já comentei na devida altura sabiam 1 muito bem que tipo de pena os esperava em caso de fuga ou deserção.

Os levitas, pelo contrário, não estavam submetidos a uma disciplina tão férrea. A esta circunstância nada desprezível é preciso acrescentar que, sem qualquer tipo de dúvidas os soldados do exército romano eram homens física e psicologicamente mais bem preparados para enfrentar o medo e os perigos do combate ou, simplesmente, de uma guarda nocturna. Por conseguinte, não tem sentido as afirmações do evangelista Mateus referindo-se às mulheres 8 6 diz textualmente: «Enquanto elas, alguns membros da guarda foram à cidade contar aos sumos sacerdotes tudo o que tinha acontecido. Estes reunindo com os anciãos, realizaram um conselho e deram uma grande soma de dinheiro aos soldados, dizendo-lhes:

«Dizei: os seus discípulos vieram de noite e roubaram-no

enquanto nós dormíamos. E, se isto chegar aos ouvidos do procurador, nós convencê-lo-emos e evitaremos que vocês tenham complicações» Eles pegaram no dinheiro e fizeram de acordo com as instruções recebidas. E circulou esta versão entre os Judeus até ao dia de hoje.

Se Mateus se refere aos legionários romanos – coisa nada clara – comete, pelo menos, dois erros. Primeiro: estes soldados estavam sujeitos às ordens e à disciplina do exército romano e não à autoridade dos sumos sacerdotes judeus. Porque recorrer então a Caifás e aos seus sequazes no Sinédrio? Se falassem, fá-lo-iam com os seus comandos naturais: o optio ou o centurião respectivo.

Segundo: estes soldados – veteranos na sua maioria – conheciam o preço que teriam de pagar pelo abandono do serviço ou o que vinha a dar no mesmo por adormecerem em plena vigilia, e, cúmulo dos cúmulos, ser roubados eludibriados.

Neste aspecto, as palavras do evangelista não são muito sensatas. É preciso ser-se ingénuo para acreditar que os romanos – aceittariam semelhante trato. Não esqueçamos – que eles odiavam os Judeus – e que uma notícia daquela índole, a suposta ressurreição de um crucificado – era impossível de ocultar. E menos ainda ao procurador. Desde sábado, 8 de Abril, que em Jerusalém só se falava da profecia do Rabi da Galileia sobre o seu regresso à vida.

Milhares de peregrinos e moradores da Cidade Santa estavam pendentes do terceiro dia; isto é, do domingo. Se os soldados da Fortaleza Antónia tivessem aceitado o suborno quanto teria durado a satisfação pelo dinheiro recebido? Mais: de que lhes teria servido, se o castigo imediato e inapelável era a morte? Os legionários podiam ser ambiciosos ou corruptos, mas não eram estúpidos.

Pessoalmente, acho que o evangelista se referia à guarda do Templo: aos levitas e não aos soldados romanos. Aqueles

é que tinham a obrigação de ir aos sumos sacerdotes, seus chefes. E tanto uns como outros eram muito capazes de propor e aceitar este tipo de suborno.

* a expulsão do exército e os chamados Ignominia. Eram impostos pelo general e publicados na contio. Implicavam, além disso, a redução do soldo e dos direitos passivos. Entre os castigos colectivos, o mais grave era dizimar a unidade como referem Suetónio, Dion, Cássio, Tácito e outros. Costumava ser imposta por fuga desonrosa, sedição ou rebelião. Uma décima parte dos soldados, designada por sorteio, era condenada à morte por espancamento.

Os restantes ficavam com a comida racionada à base de cevada – em vez de trigo – e, em caso de guerra, obrigados a pernoitar fora do acampamento ou da fortaleza. Entre as circunstâncias modificadoras da responsabilidade tinh a um relevo especial a reincidência. Se era dupla, determinava a pena capital para qualquer infracção (Polibio, VI, 379). (N. Do M)

Que terá acontecido então com o texto de Mateus? Ter-se-á enganado o escritor sagrado? Foi deformada ou mál interpretada a versão aramaica? Porque será que os outros evangelistas também não se referem a este assunto tão espinhoso? Mas voltemos àquela manhã de domingo, 9 de Abril do ano 30. À medida que me fui aproximando dos degraus que davam para a estreita passagem, antecâmara do túmulo, a minha alma foi ficando mais tensa. A minha respiração agitou-se e, ao ver-me diante da boca da cripta, surgiram inevitavelmente os velhos calafrios.

Durante alguns minutos – quem sabe quantos! - fiquei imóvel e como que hipnotizado diante daquela abertura quadrada, parcialmente tapada pela tosca e pesada roda de moinho que servia de porta. Naqueles instantes – preso de uma angústia e de dúvidas inenarráveis – não me apercebi de um pormenor muito interessante relacionado com esta pedra redonda. O meu espírito racional e científico continuava a sobressair. Apesar do que eu tinha vivido com o Mestre, apesar do inegável poder daquele Homem, apesar da sua misteriosa e atraente natureza, apesar de tudo. Eu continuava a duvidar.

Não é possível, repetia eu para mim vezes sem conta. Não é possível que um cadáver, depois de trinta e seis horas. Uns

saquitos de serapilheira familiares, cuidadosamente colocados em cima do último degrau, vieram tirar-me de tão profunda incerteza. Eram os utilizados por José e Nicodemo durante os minutos agitados que antecederam o fecho do sepulcro.

Lembrei-me de como as mulheres, já de volta a Jerusalém, se tinham encarregado das cem libras de aloés e mirra com que se propunham concluir rapidamente a lavagem e o embalsamamento de Jesus. Desci as escadas e, inclinando-me sobre o saco maior, examinei-o. Estava por abrir. Pareceu-me reconhecê-lo.

Tratava-se dos quinze ou vinte quilos de pó granulado, de um amarelo dourado e sumamente aromático. Devia ser o aloés. .

Ao lado, um pano tapava o mesmo jarro campanudo de cobre que eu vira ser usado pelos amigos do Rabi no sepulcro. Estava cuidadosamente fechado com uma rolha de pano. Deduzi que estava perante aquela substância pastosa, uma goma-resina, que identifiquei como mirra. Num terceiro envoltório, firmemente atado, descobri com o tacto um segundo recipiente de metal.

Agitei-o e pareceu-me ouvir um ruído de água. Talvez fosse uma vasilha trazida para o asseio do cadáver. Por último, num cesto de vime de tamanho regular, apareceram vários rolos de pano, uma esponja dura e enegrecida, um frasquito de vidro com um líquido cor de conhaque – possivelmente nardo – e uma bolsa de couro de uns vinte centímetros, delicadamente fechada com um passador ou fivela de bronze em forma de arco. Fui vencido pela curiosidade. Apalpei o seu conteúdo e senti que era qualquer coisa dura e comprida. Tirei o alfinete de segurança e, muito excitado, retirei o que havia dentro. Era uma chave! Uma dessas chaves curiosas que os judeus utilizavam para as portas e arcas. Tinha um cabo de madeira e um corpo – de bronze – dobrado em forma de l, com cinco dentes, compridos e paralelos, na ponta.

Não pude deixar de sorrir. Aquele símbolo, colocado sobre um defunto, representava o seu celibato, ou estado de solteiro.

Às vezes, em vez de uma chave, colocavam uma pena. Se se tratasse de uma noiva, esta tinha direito – assim o estabelecia a lei – a um pálio.

A delicadeza das mulheres para com o seu querido Rabi comoveu-me. Já não havia dúvida. As fiéis seguidoras do Mestre tinham estado ali. Transmiti ao módulo as minhas descobertas, acrescentando que os sacos pareciam estar abandonados. Era óbvio que não tinham sid utilizados. Mas porquê? Que estranho acontecimento tinha levado as Judias a suspender a lavagem e o embalsamamento do Crucificado? A resposta – eu sabia-o – só podia estar ali: no fundo da gruta sepulcral.

Pus-me de pé e, sentindo que as minhas pernas fraquejavam, dirigi o olhar para a boca da cripta.

Porque duvidava? Não conseguia compreender. Eu tinha visto o sepulcro vazio. No entanto, o meu espírito racional e científico resistia a admitir o seu regresso à vida. Apesar de o ter conhecido, da sua irresistível personalidade, do seu poder e das suas próprias palavras – anunciando a sua ressurreição -, apesar de tudo isso, eu continuava a duvidar.

Não é possível, repetia eu para mim mesmo insistentemente.

Não é possível

Mas, passo a passo, fui percorrendo os dois metros e vinte centímetros que separavam aquele último lanço desde o umbral até àquela boca quadrada de escassos noventa centímetros de lado. Para cá, já surgia a claridade da manhã. Senti a falta de uma tocha. E o medo voltou a assaltar-me.

Entrava?

Tem de ser, disse para mim próprio. Tenho de ter a certeza.

Preciso de confirmar mais uma vez.

Obcecado por esta ideia, não me apercebi então da ausência dos selos do procuradór. Depois da surpreendente deslocação das pedras que tapavam o túmulo, tinham ficado espalhados pelo chão da estreita passagem.

Apoiei a vara de Moisés contra a rocha e enchendo os pulmões de ar, pus-me de cócoras e lancei um olhar tímido para o fundo da cripta Mas as trevas impossibilitavam qualquer observação. Não tinha outro remédio senão entrar.

Fechei os olhos e, obrigando os músculos a obedecerem-me, entrei de repente.

O pavor – mais do que medo – secou-me a garganta. Abri oS olhos e, durante alguns segundos, permaneci na mesma posição: de joelhos sobre o chão áspero e rochoso, esforçando-me por dominar os nervos e vislumbrar alguma coisa naquela câmara de três metros de largura por um metro e setenta de altura. Precisei de vários minutos – intermináveis como séculos – para ver a forma das seiras cheias de entulho e da picareta num canto da sepultura.

Estava frio ou era o terror que tinha gelado as minhas veias?

Lentamente, com a remota esperança de que os meus dedos tropeçassem no corpo do Mestre, estendi os braços. Se bem me recordava, o banco escavado na pedra estava a pouco mais de meio metro do chão.

Entre tremores, os meus dedos chocaram com a parede e uma convulsão percorreu-me as entranhas.

Tacteei o muro. Fui levantando as mãos e senti logo o fio.

Detive-me um pouco mais...

E num impulsoestendi os dedos para a escuridão.

Meu Deus!

Só encontrei o vazio. Um espesso e revelador vazio.

Vasculhei o ar, à direita e à esquerda, numa tentativa inútil de apalpar o cadáver. Nada. Ao colocar as mãos em cima da plataforma rochosa, uma nova e intensa cãibra sacudiu-me até à medula dos ossos. Identifiquei o lençol de linho. Parecia estar na mesma posição em que eu o vira horas atrás. Levantei-me e, inclinando-me sobre a mortalha, comecei a examiná-la. Na cabeceira, por baixo dela, notei que havia uma forma dura, rígida e ovalada.

Não pode ser!

Com toda a delicadeza de que fui capaz, levantei a parte superior do lençol, tentando confirmar as minhas suspeitas.

Mas era tal a escuridão que foi uma tentativa inútil.

Decidido a acabar com as minhas dúvidas, passei a mão direita por entre as duas metades do tecido até tocar naquela forma. Incrível!

Com efeito, tratava-se do xaile ou sudário que Nicodemo tinha dobrado e atado em volta da cabeça de Jesus, levantando assim o maxilar inferior para evitar que ficasse com a boca aberta. - Deus do céu! - exclamei, sem conseguir conter o meu espanto, Como é possível? O desconcertante desaparecimento do corpo não alterara a posição original do sudário, que continuava no mesmo lugar e abraçando uma cabeça inexistente.

A lógica e o meu senso comum ficaram seriamente afectados. E, durante mais de um minuto, continuei ali, totalmente desconcertado. Se o cadáver tinha sido roubado, lutava eu por racionalizar o assunto, porque é que os panos estavam como se ninguém tivesse tocado no Rabi?

O normal teria sido que, ao mexerem no corpo, o lençol que o envolvia caísse para o chão. Ou que fosse juntamente com os restos mortais do Crucificado. Teria sido mais cómodo transportá-lo, aproveitando precisamente aquele grande lençol.

Tive de render-me à evidência. Apesar de saber que, sem a menor consistência científica, aquele cadáver parecia ter-se esfumado ou evaporado. Só assim se podia perceber que o linho que repousava sobre a sua parte frontal tivesse caído docemente sobre a metade dorsal. Emocionado deixei-me levar, antes de abandonar o lugar, por outro impulso irresistível.

Aproximei os meus lábios do lençol e dei-lhe um beijo cheio de fervor. Nesse instante captei algo novo: um cheiro penetrante e, de certo modo, familiar. Mas não soube identificá-lo.

Deitei um último olhar à cripta e, rapidamente, voltei para a radiante claridade.

A minha habitual falta de jeito e o facto da abertura do sepulcro ser tão estreita fizeram com que, ao sair, desse uma pancada enorme no meu ombro direito. A minha intenção era regressar a Jerusalém e localizar as mulheres.

Tinha de reconstituir os acontecimentos na propriedade de José durante os minutos que antecederam o nascer do Sol. Mas aquela pancada que dei na mó foi providencial. Peguei de novo na vara" e, enquanto alçava o meu ombro dorido, reparei noutro pormenor singular.

A pedra que habitualmente servia para tapar o poço e que fora colocada pelos soldados ao pé da pedra redonda para a reforçar, - Ao contrário da segunda pedra -, esta mó de moinho não estava caída no caminho. Tinha rolado para a esquerda, seguindo o rego de vinte centímetros de fundo e trinta de largura que havia ao pé e a toda a largura da entrada.

Como é que foi possível?"

Nem os soldados nem eu próprio tínhamos visto sair ninguém de ddentro do túmulo, que tivesse podido tirar aqueles setecentos quilos, ou talvez mais. Imaginar que alguém pudesse é pouco verosímil. A verdade é que a grande

pedra circular de um metro de diâmetro tinha sido retirada, deixando a entrada praticamente escancarada. Só uma parte da mesma – uns trinta centímetros – continuava

obstruída pela borda direita da mó. Naturalmente, aquele vão era suficiente para permitir a passagem de uma pessoa.

Contudo, contrariamente ao que tinha sido revisto pelo Cavalo de Tróia, o movimento das pedras, a julgar pelo que eu tinha diante dos meus olhos, não pôde ser devido a uma explosão" no interior da cova. É verdade que eu vira sair uma labareda de luz" que se propagara até às árvores mais próximas.

Aquela língua de um branco azulado, no entanto, não foi acompanhada de qualquer detonação e, além disso, fora posterior à deslocação da pedra que fechava o túmulo. Se se tivesse produzido uma onda expansiva, a laje principal teria caído e ter-se-ia partido pela base.

Examinei a pedra sem encontrar qualquer vestígio da hipotética explosão. Era claro que algo" ou alguém – com uma força mais que respeitável – a tinha feito rolar. O mistério, longe de ficar esclarecido, enredava-se de minuto para minuto.

Subi os degraus e, quando cheguei ao cimo, voltei-me para o sepulcro. Era estranho, muito estranho, aquela labareda luminosa" não ter chamuscado os degraus ou as paredes do fosso. Medi com os olhos a distância em linha recta desde a entrada até onde me encontrava. Não chegava a três metros. E logo a seguir guiado pela intuição, dei meia volta e olhei para as árvores de fruto, situádas a pouco mais de quatro metros. A língua" prolongara-se – seguindo uma via de escape natural – em sentido oblíquo e até à ramagem daquelas árvores.

No total, uns sete metros.

Fui andando até à base de um corpulento sicômoro que de acordo com a trajectória da radiação, deveria ter sido o mais

afectado. Eu estava certo.

Parte da folhagem e um grande número de bagas apresentavam um aspecto diferente do resto da árvore. A ramagem estava ressequida e cinzenta. Como se uma súbita onda de calor a tivesse calcinado. Parti uma pequena amostra, apanhando também alguns figos. E ao

cheirá-los, tive a mesma sensação que ao beijar o lençol. As bagas, sobretudo, desconcertaram-me. Estavam consumidas e duras como fósseis. Dei uma volta àquele belo exemplar, mas não consegui descobrir mais nenhum sinal de secura. O sicômoro apresentava uma florescência normal. Talvez uma análise minuciosa no berço" pudessse fornecer alguma luz sobre este enigma tão desconcertante. E, depois de guardar no saco algumas bagas, várias folhas e dois ou três raminhos, dirigi-me para a cancela disposto a procurar as mulheres. Elas – eu tinha a certeza – podiam ajudar-me.

Eram sete horas e trinta minutos.

Dos pequenos montes do norte, Jerusalém aparecia ao caminhante como um veado deitado nas colinas". A luz da manhã branqueava as suas muralhas, pintando de vermelho e amarelo o calcário das suas casas bizarras, quadradas, que galgavam por ambas as encostas do vale do Tiropéon. Nos grandes bairros – o do noroeste e o de Acra ou súq ha-tajtôn – elevavam-se já, preguiçosas, grande número de finas colunas de fumo cinzento.

A vida despertava, pujante e livre. Entre o ocre cúbico daqueles milhares de casebres, separados por outras tantas sombras móveis, os Palácios dos Asmonianos, de Herodes e dos Sumos Sacerdotes, com as suas torres de pináculos dourados e brancas açoteias. Mais além a oeste, o peregrino podia vislumbrar o quebrado perfil da muralha abraçando a cidade e a estender-se, desafiador, até ao cume do cerro do Gareb.

Uma comichão foi-me invadindo à medida que me

aproximava da movimentada Porta dos Peixes, na muralha norte. Desde as primeiras horas que o vaivém de homens, animais e carros era constante. Lancei um olhar para a forma comprometedora como ia vestido e, com uma ponta de receio, agarrei-me com força à vara", caí naquela maré de comerciantes, hortelãos, pastores, peregrinos de mil terras e rebanhos de balidos monótonos.

Jornaleiros tão andrajosos como eu, transportando toda a espécie de ferramentas agrícolas, saíam em bandos ou solitários, rumo aos hortos e campos de lavoura.

Às portas da cidade, aleijados, mendigos e vagabundos estendiam os seus famélicos braços à passagem dos viandantes fazendo soar um ou outro lepton no fundo das suas escudelas, apregoando as suas misérias entre lamentos ou suplicando benevolência e caridade.

Vários traficantes de Alexandria, trajando luxuosas vestes de linho, contemplavam, extasiados, a resplandecente e altiva cúpula do Templo, provocando comentários de admiração entre os judeus menos favorecidos pela fortuna. E entre tanta barafunda, centenas de peregrinos, entrando e saindo do recinto amuralhado, esquivando-se mutuamente ou desculpando-se com gestos exagerados e intermináveis quando tropeçavam uns nos outros.

Havia-os de todas as latitudes: hebreus da Babilónia, de negros mantos até às sandálias, persas de rutilantes sedas recamadas de ouro e prata, judeus das mesetas da Anatólia com as suas típicas opas ou fraldas. De pele de cabra e fenícios de calções multicoloridos. Ao atravessar o arco da Porta dos Peixes um cheiro penetrante a peixe fez-me recordar que ali era o lugar habitual dos Tírios. À sombra da muralha, uma dezena de fenícios – todos eles pagãos – animava a clientela para que provassem as excelências das recentes capturas do lago de Genesaret e da vizinha costa de Tiro". Ao dar uma vista de olhos aos carros pude distinguir alguns belos exemplares de percas, salmões, timalos e lúcios,

cuidadosamente protegidos entre folhas de feto e grosso sal diamantino. Astutamente, punham à vista os peixes considerados puros – todos Os que a lei de Moisés classificava como impuros - eram escondidos debaixo dos carros – os que não tinham escamas ou barbatanas.

Depois de ter suportado doze a quinze horas desde a sua possível saída do litoral mediterrânico a mercadoria não estava muito deteriorada. A neve, embora conhecida e utilizada como meio de conservação de alimentos, ainda era um artigo de luxo, apenas acessível às mesas dos imperadores e dos ricos.

Quando rejeitei a oferta de um dos vendedores, e ao captar o meu sotaque estrangeiro, o tírio piscou-me o olho. Puxou um cesto escondido debaixo daquela improvisada banca e, num tom de cumplicidade, informou-me que as suas raias, lampreias, lagostas, enguias e siluros não tinham por que invejar os peixes «puros».

Correspondi-lhe com um sorriso e, desejando-lhe saúde, afastei-me daquele sítio empestado e enlouquecedor.

Curiosamente, a maior parte dos clientes eram homens – judeus de barbas espessas e bigodes – vestidos com os seus roupões clássicos às riscas verticais, vermelhas e azuis – agarrados aos cestos de palha, que levavam na mão e em que iam colocando as compras.

Fui abrindo passagem para o lado sul, aos tropeções, à procura da muralha que separava o sector noroeste no não menos concorrido bairro ou cidade baixa.

** Tal como narra Josefo em A Guerra dos Judeus, V 42143, esta muralha, conhecida como a primeira, partia do flanco norte, onde está a Torre Hippico, estendia-se do Templo, seguindo depois até à Cúria e terminando no pórtico.*

As vielas de Jerusalém, com a sua desordem infernal sempre foram um tormento. E as que iam dar ao grande mercado do bairro mais alto

- o súq ha-elyon – não o eram menos. As casas e oficinas de adobe, encostadas umas às outras e estas sobre aquelas, fundidas num labirinto de sombras, becos sem saída e centenas de degraus húmidos e pestilentos, devido à urina dos miúdos e dos animais de carga, eram um grande problema para quem quisesse orientar-se. Embora pareça mentira – cada zona da cidade possuia o seu cheiro característico – e foram os ruídos e os cheiros – que mais me ajudaram a descobrir onde diabo estava.

Naqueles momentos, por exemplo, o ruído surdo e monótono dos pisoeiros lavando, impermeabilizando e transformando em feltro a película da lã e os tecidos a saírem dos teares, fez-me recordar que ainda me encontrava no bairro alto; o sector pagão por excelência, onde – segundo os doutores da lei – o cuspo daqueles pisoeiros era tido por impuro.

Conforme fui descendo, tentando não escorregar nas pedras, gastas e redondas, da calçada – em Jerusalém era impossível caminhar mais de quinze minutos seguidos sem descer ou subir escadas – o bater inconfundível e ritmado dos caldeireiros foi abafando a actividade dos pisoeiros.

De vez em quando via-me forçado a colar-me às paredes, para dar passagem a um dos numerosos e dóceis asnos de mascate, de orelhas compridas e altas, de um pêlo quase branco e tangidos sem piedade por crianças, velhos e adultos. Aqueles sofridos animais – carregados com canastos sebentos a gotejarem, nos quais balançavam bojudas ânforas de azeite ou de vinho – eram tão abundantes na Cidade Santa e em toda a Palestina, que os seus excrementos, pisados pelo constante vaivém das pessoas, formavam um todo com o pavimento das ruas.

Na realidade, só algumas praças e as poucas rüas principais – as duas ruas com arcadas dos dois mercados, por exemplo – é que eram varridas todos os dias pelos colectores de lixo e vassoureiros oficiais. (R. Shemaya bar Zeera escreve

que as ruas de Jerusalém eram varridas todos os dias. E era verdade, Mas a limpeza limitava-se a uma parte mínima do centro urbano) À porta das tenebrosas habitações, mulheres com grandes mantos verdes, castanhos e de outras cores indefinidas, de tão sujos que estavam, atarefavam-se debruçadas sobre as panelas de barro cozido, enchendo o ar de cheiro acre da gordura quente e das especiarias e cobrindo o rosto à passagem dos homens.

E entre os degraus e patamares daquela rede de vielas pestilentas dezenas de crianças de cabeça rapada, olhos negros e profundos e pele fustigada por nuvens de moscas e crostas purulentas, tudo consequência da péssima higiene. A criançada, alheia a tanta miséria, enchia a manhã do primeiro dia da semana com os seus gritos, saltos e brincadeiras, sonhando aventuras com leviatãs ou pequenos crocodilos de madeira, passarinhos de barro avermelhado e tosco, matracas trepidantes e uma ou outra carica de pedra, decorada com lindas cores.

Embora a escola tivesse sido instituída havia alguns anos, muitas daquelas crianças e daqueles adolescentes eram instruídos pelos pais – quase unicamente na Tora -, passando a partir dos cinco anos, para a aprendizagem do ofício do seu progenitor.

Na maior parte dos casos, as suas vidas já estavam marcadas pela profissão do pai. Espero poder referir-me mais adiante a este curioso capítulo do ensino, dedicado exclusivamente aos rapazes. Por fim, vislumbrei a larga rua principal, com arcadas, sede do mercado do bairro alto da cidade. Ali, o tumulto ultrapassava tudo quanto se pudesse imaginar.

Sob as colunas e sobre o empedrado central, os grémios empenhavam-se nas suas tarefas, chamando a atenção dos possíveis compradores com os seus gritos, cânticos e estentóreos pregões. Os bufarinheiros ambulantes propunham negócios e trocas: túnicas purpúreas de Sídon,

anéis e meias-luas de ouro, tapetes ou tecidos finos de bysus em troca de plantas medicinais madeiras, frutas, mel ou é claro, denários de prata. Muitos daqueles artesãos – a Bíblia chega a citar vinte e cinco ofícios – eram facilmente reconhecíveis pelos seus emblemas ou distintivos.

Os carpinteiros, por uma apara na orelha. Os alfaiates, por uma agulha grossa de osso espetada na roupa. Um trapo de cor, por exemplo distinguia os tintureiros. Enquanto atravessava aquele mercado, esquivando-me de toda a sorte de trastes velhos de bronze e das mais variegadas exposições de sandálias de couro de vaca ou de pele de camelo mantos da Judeia, xailes e túnicas dos hábeis tecelões galileus, olaria de Hébron, Maresa, Cef e Socob, redomas de vidro, marfim, refinado alabastro ou pedra calcária que continham unguentos e perfumes, chamou-me a atenção o círculo, ocupado pelos médicos. Naqueles tempos, o conceito de médico era muito mais impreciso do que nos nossos dias. Eram considerados artesãos – úmanut – e, como diz uma passagem do tratado rabínico Kidduchin (LXXXII, a), tão pessimamente valorizados como em todos os outros tempos.

O melhor dos médicos, lamentava-se um dos rabinos no referido Kidduchin está destinado à Geena Os seus honorários, como sempre, oscilavam de acordo com a sua categoria. Havia-os tão notáveis que nunca se ocupavam do povo preferindo os presentes e boas graças dos poderosos. Os médicos das tripas, por exemplo, eram os responsáveis pelo cuidado dos sacerdotes do Templo, quase sempre sofrendo de problemas intestinais por causa da excessiva alimentação em carne.

Outros, cujos preços eram muito baixos ou irrisórios, eram tidos por inúteis.

Um dos galenos, Ao aperceber-se da minha curiosidade, pôs-se de pé e, apontando para a minha barba desalinhada, prontificou-se a apará-la por um assep.

Ao recusar, prosseguiu com o resto das suas habilidades: extracção de algum queixal? Circuncisão? Uma sangria?. Uma beberagem?

O homem, empenhado em atender-me no que fosse preciso, convidou-me a ver a sua botica. A verdade é que as suas explicações demonstravam um profundo conhecimento das virtudes curativas das plantas. O hebreu invocou o Livro de Salomão, fazendo-me ver que estava a par da lista pormenorizada de remédios nele contida:

- Óleo, unções suavizantes. Mel para as feridas abertas ou como remédio para as anginas. - Sofres de antraz? Tenho aqui um emplastro de figos prodigioso. Ou preferes o vinho misturado com aloés púrpura?

Mudo e sorridente, deixei que ele explicasse.

- Se tiveres filhos, dá-lhes desta avenca. Acaba com as lombrigas num abrir e fechar de olhos.

O médico indicou então uma colecção de cestinhos de palha descolorida, repletos das mais variadas ervas: alecrim, hissopo, centinódia, arruda, charamela-de-pastor ou bignónia.

- São excelentes contra as doenças da barriga. Também tenho água de Dekarim.

Ao perguntar-lhe sobre aquele remédio, o judeu informou-me que era extraído da raiz de algumas palmeiras. Mas, cioso dos seus conhecimentos, pediu-me que compreendesse a sua curta explicação.

- Sofres de palpitações? Tenho o que há de melhor

E, pegando num cântaro de bico, animou-me a examiná-lo. Um cheiro nauseabundo a leite coalhado obrigou-me a fazer uma careta. O médico sorriu. - É uma mistura de cevada molhada e leite de camela coalhado. Podes provar.

Neguei-me rotundamente.

E o artesão-médico-curandeiro – insensível ao desânimo

prosseguiu na enumeração dos géneros que tinha à vista:

- Cataplasmas de salmoura de peixe para o reumatismo. Alho ou raiz de parietária para a dor de dentes? Sal ou levedura para as gengivas? Ou preferes uma pitada de mandrágora? Piscou-me o olho, acrescentando que aquela solanácea – tão parecida com a beladona – podia estimular a minha potência sexual.

- Tens pai?

Não me deixou responder.

- Este extracto de fígado é o indicado para curar cataratas.

Também tenho ventosas, colírios contra o rigor do sol.

Esgotado o seu repertório, concluiu, mostrando-me uma adaga muito afiada.

- Se ainda não fizeste os quarenta, posso praticar-te uma benéfica sangria cada trinta dias. O que é que dizes? Pelo meu aspecto saltava à vista que já ultrapassara, e bastante, aquela idade. E para não o defraudar pedi meio log do empestado leite coalhado, de duvidosa eficácia como sedativo. Pouco depois, em casa de Élias Marcos, iria ter a oportunidade de comprovar as suas decantadas excelências.

Ao deitar os duzentos e cinquenta gramas da poção numa minúscula redoma de vidro esverdeado, o úmman não deixou de elogiar a minha grande inteligência e bom gosto, garantindo-me que tinha feito uma boa compra. Mas os seus exagerados elogios transformaram-se em gritos de admiração e surpresa quando, obrigado pelas circunstâncias, não tive outro remédio senão colocar nas suas engelhadas mãos um denário de prata. Naquele momento não tinha uma moeda mais pequena e, para minha desgraça, os uivos de alegria do médico, alertaram os outros vendedores, que se precipitaram sobre mim como corvos carniceiros sobre uma suculenta peça.

Saltei como pude por entre aquelas bugigangas e os cestos de frutas e hortaliças, safando-me das garras dos

gesticulantes e charlatões perfumistas, alfaiates, sapateiros e todo o tipo de artesãos, fugindo rua abaixo e confundindo-me entre os peões que entravam e saíam do agitado bazar. Ninguém me seguiu.

Uma vez recomposto da investida atravessei a primeira muralha contornando o mastodôntico Palácio dos Asmonianos na direcção ocidental. O grandioso edifício – que seria restaurado e ampliado por Agripa II – marcava para mim o início da Cidade Baixa. Aquela zona de Jerusalém estava ligeiramente mais bem urbanizada que o território dos tírios, gregos sírios e outros pagãos impuros.

Algumas das suas vielas, com pedras brancas e calcárias, mantinham um simulacro de paralelismo, quase obrigatório devido ao profundo desnível entre os dois extremos do sector sul da Cidade Santa. O que se situava à sombra da muralha ocidental – dominado pelo Palácio de Herodes e pelos jardins reais – erguia-se sobre uma das cotas mais elevadas de Jerusalém: setecentos e sessenta metros.

Dali, os cachos de casas cúbicas, caiadas e com portas e janelas minúsculas, precipitavam-se em sucessivos e intermináveis terraços sobre o lado oposto: o muro oriental.

Neste sítio, como já disse, junto à Piscina de Siloé e à Porta da Fonte, o nível do terreno era muito mais baixo: seiscentos e sessenta metros, aproximadamente. Uma inclinação tão pronunciada tinha obrigado os construtores a uma edificação escalonada, aberta cada cem ou cinquenta metros por ladeiras – mais do que ruas – que, começando no citado palácio de Herodes, o Grande, cobriam os mil metros que separavam aquele lugar do ângulo sul.

Eram estas as artérias mais bem pavimentadas, dispondo até de pequenos regos centrais que escoavam as águas das grandes chuvadas. Havia também outra rua principal – a do mercado sulparalela ao muro ocidental do Templo e da qual partia outra teia de ruas mais pequenas, tão escuras,

estreitas e pestilentas como as que acabava de deixar para trás. O piso da rua com arcadas suportava as aduelas de um arco – hoje conhecido como arco de Robinson – que ligava o Átrio dos Gentios com a parte norte.

Pressionado pelo tempo e sem o menor desejo de repetir a minha agitada experiência anterior, tomei como referência as altas torres de Marianne e Phasael, no Palácio de Herodes, e dirigi os meus passos para poente. Dei a volta ao bairro das tinturarias e, após uns momentos de dúvida, identifiquei o grande casarão de Anás e o murito gradeado que cercava o memorável pátio das negações de Pedro. Mais ou menos um minuto depois, ao dobrar uma das esquinas, surgiu diante dos meus olhos a luxuosa mansão dos Marcos.

Com certa premência, Eliseu recordou-me que faltavam duas horas e meia para o meu regresso obrigatório ao módulo.

Avancei devagar, passeando o olhar pela sólida fachada de pedra trabalhada, transportada pelos pais de Elias Marcos das pedreiras de Beth-Kerem, numa colina próxima de Téqoa. A mansão de dois andares – de tão cálidas recordações – parecia morta.

Silencioso, Pus-me diante da alta e pesada porta de carvalho, a contemplar e a reconhecer a mezuza que enfeitava o seu lado direito: uma fina tira de madeira de sicômoro de dez por três centímetros, incrustada na ombreira e em cuja superfície tinham sido gravados a fogo os mandamentos de Deus. Todo o judeu respeitoso da tradição tinha o especial cuidado de tocar na mezuza com os dedos, levando-os depois aos lábios quando saía e quando voltava ao lar.

Inspirando profundamente, empurrei uma das portas, que girou preguiçosamente nos gonzos.

Transpus o pequeno vestíbulo e, ao assomar no espaçoso pátio a céu aberto, distingui no fundo algumas caras conhecidas. O jovem João Marcos, de cócoras, observava atentamente um dos criados. O criado com um pau comprido

batia com força num odre de pele de cabra inchado que estava pendurado num tripé de madeira. Um segundo criado, ajoelhado diante dos toscos madeiros, segurava dois deles procurando que as certeiras pancadas não os deslocassem do piso de ladrilhos vermelhos.

Era uma forma ancestral e habitual entre os povos do Oriente à hora de fazer manteiga. O odre era enchido com leite azedo – geralmente de cabra ou de ovelha, já que o de camela não tem nata – e, de acordo com os costumes de cada região, golpeado ou agitado, remexendo assim o conteúdo.

- Paz aos desta casa!

Ao ouvir a minha tímida saudação, o filho de Elias voltou o rosto, ao mesmo tempo que o criado suspendia o seu trabalho.

Os olhos negros do audaz adolescente abriram-se de par em par e, de um salto, lançou-se em direcção a mim, abraçando-se ao meu peito.

- Jasão!. Ouviste o que dizem as mulheres?

Tomei o seu rosto entr e as minhas mãos e, agradecendo aquele gesto de afecto, sorri para ele, negando com a cabeça.

- Onde tens estado? Toda a gente fala do Mestre. O seu túmulo está vazio. As mulheres dizem.

Passei o meu braço sobre os seus ombros e, atabalhoadamente, enquanto nos aproximávamos dos criados, foi-me informando de alguns dos pormenores dos acontecimentos ocorridos pouco antes.

- Paz, irmão! - responderam os criados, retomando as pancadas no odre.

O rapaz, cada vez mais entusiasmado, saltava de um tema para outro, multiplicando a minha já considerável confusão.

Pedi-lhe que se sentasse e, acariciando as suas faces

empalidecidas, tomei a iniciativa. - Diz-me, filho. As mulheres estão aqui?

- Estão, sim, amigo Jasão.

O esclarecimento veio da boca de Maria, a mãe, que, com o rosto radiante de felicidade, me contemplava de uma porta que estava por trás dos criados, no extremo oposto ao lugar por onde eu entrara no pátio. Embora não fosse costume entre os Judeus, apressei-me a ir ao seu encontro e aliviá-la do pesado cântaro que trazia à ilharga esquerda.

- Bem-vindo, irmão!

Sem mais comentários, encaminhou-se para um dos cantos do pátio, prestando atenção à cozedura do pão. Segui-a em silêncio. Ardia em desejos de lhe fazer perguntas, mas, prudentemente, esperei que acabasse. A mulher inclinou-se sobre uma prancha de ferro convexa, observando as dez ou doze bolas redondas, que já apresentavam uma apetitosa tonalidade dourada. Aquela espécie de escudo metálico descansava sobre uma lareira igualmente circular, feita de negras pedras basálticas. Junto ao fogo, espalhados pelo chão, contei três alguidares de pedra de diferentes diâmetros e profundidades, um grande caldeirão de bronze e uma tigela, também de metal.

Uma vez moído o grão, as mulheres tinham colocado a massa, feita à base de farinha, água, sal e levedura, distribuindo-a por aqueles recipientes. Depois de amassada à mão, a pasta leitosa era delicadamente cortada em forma de bolas e colocada sobre o ardente e improvisado forno.

Maria tocou num dos pães com a ponta do indicador esquerdo e, suspirando, endireitou-se e levou as mãos aos rins. - Esta dor vai dar cabo de mim.

Antes que eu pudesse perguntar pela sua saúde, Maria perdeu-se pela portazita escura por onde eu a vira aparecer.

Coloquei o cântaro no pavimento de tijolo e reparei que se

tratava de leite quente. João Marcos, de novo ao meu lado, tinha compreendido as minhas verdadeiras intenções. E, disposto a agradar ao pagão que, segundo ele, tinha demonstrado mais coragem do que muitos dos discípulos do seu amado Rabi, fez-me a pergunta-chave:

- Queres falar com elas?

Agradeci a sua boa vontade, insinuando-lhe que talvez devesse aguardar a licença da dona da casa. E estávamos nisso quando se apresentou de novo, tão diligentemente como tinha desaparecido da nossa vista, a mulher de Elias Marcos.

Segurava uma grande bandeja de madeira com duas pilhas de tigelas fundas, igualmente de branca madeira de pinho. Ao ver-me, esboçou um sorriso de cumplicidade. Naquele instante não compreendi a razão da sua transbordante alegria. Mas soube logo a seguir. Ela, como David Zebedeu e muito poucos seguidores mais, recordavam-se e acreditavam na promessa do Galileu. Maria foi das primeiras a conhecer a realidade do sepulcro vazio e não hesitou em associá-la com a prometida ressurreição.

Fraco serviço o dos evangelistas ao não deixarem registo deste núcleo de personagens apagados que, ao contrário dos apóstolos, souberam estar à altura das circunstâncias! Mas não precipitemos os acontecimentos. .

Indicou-me que a ajudasse com a bandeja. E, um a seguir ao outro foi pegando nos pães de trigo e colocando-os uns em cima dos outros ao lado das tigelas. Depois, ajeitando o cântaro no quadril, piscou-me o olho e fez-me sinal para que a acompanhasse. A aguda intuição da hebreia vinha simplificar a minha tarefa.

João Marcos, alvoroçado, correu à frente, desaparecendo na penumbra do vestíbulo. Ao começar a subir os degraus que levavam ao andar de cima, o meu coração acelerou. Se as minhas informações não estivessem erradas, ali mesmo,

na câmara onde se realizara a última ceia estava reunida a maior parte dos amigos íntimos de Jesus de Nazaré. Na tarde anterior – sábado -, como já disse os onze apóstolos e outros discípulos tinham realizado uma espécie de reunião de emergência, na qual analisaram a sua triste situação.

Embora eu intuísse o estado de espírito generalizado, a extraordinária possibilidade de o comprovar por mim mesmo encheu-me de excitação. Que me esperaria do outro lado daquela porta?

Enganei-me. A cena que surgiu diante dos meus olhos foi mais dolorosa e deprimente do que havia imaginado.

Maria entrou em primeiro lugar. E o seu filho, segurando a porta aberta, deu-me passagem.

Recordo que a minha primeira impressão foi um cheiro desagradável. Um característico cheiro acre a lugar fechado e ocupado durante muito tempo por seres humanos. A luz matinal entrava muito reduzida pelas frestas esguias das paredes daquela memorável sala rectangular, de vinte metros de comprimento e seis ou sete de largura. E os candelabros das paredes, com as suas chamazinhas brilhantes e amareladas, não eram suficientes. Em cima da mesa em U, os criados tinham colocado outro par de lâmpadas de azeite, que só contribuíam para endurecer o perfil dos presentes.

Custou-me muito aperceber-me onde estava e começar a distinguir as formas e silhuetas dos ocupantes da escura e carregada sala. A maior parte dos divãs continuava nos mesmos lugares onde eu os vira na noite de quinta-feira: estrategicamente distribuídos em volta da mesa em U. Só um tinha sido retirado e encostado à parede da direita (tomando sempre como referência a porta de entrada da sala). Os meus olhos foram-se adaptando à penumbra e, entre as sombras, enquanto a mãe de João Marcos deixava o leite junto da mesa e me tirava a bandeja pareceu-me ouvir uns gemidos. Ao fundo no canto esquerdo, descobri então a

origem dos velados lamentos. Eram quatro ou cinco vultos.

Avancei um ou dois passos, sentindo o ranger do soalho. João Marcos agarrou-se ao meu braço, puxando-me para aquele canto. Diante de mim, reclinados ou sentados em nove dos doze bancos, encontrava-se a maioria dos apóstolos. O mutismo entre eles era total. Numa primeira e deficiente observação não soube se os que se encontravam recostados estavam a dormir ou, simplesmente, descansavam. Creio que nem olharam para mim.

Deixei-me levar pelo rapaz, caminhando lentamente perto dos abatidos galileus. Sim, talvez seja essa a expressão mais adequada: abatidos, com as cabeças inclinadas e as mãos tensas e crispadas entre as dobras dos mantos multicoloridos. Parei um instante, contando de novo e tentando identificá-los.

Faltavam dois. O Iscariotes, é evidente, e outro. Mas qual? O décimo homem, o que estava reclinado no divã retirado, tinha o rosto colado à parede. Em volta da mesa em U reconheci os irmãos Zebedeu, Mateus Levi, os gémeos – os quais, com a sua habitual presteza, acabaram por se levantar e ajudar Maria a encher as tigelas com o leite quente -, Filipe, o intendente, e Bartolomeu – ambos deitados e com as cabeças semitapadas com os roupões -, o chefe deles todos, André, que não deixava de olhar para o canto donde saíam os intermináveis soluços, e Pedro, sentado e a esfregar a sua cara redonda com as duas mãos. O décimo apóstolo – o que se ocultava à direita da sala

- só podia ser Simão, o Zelota, ou Tomé. João Marcos acabou por me levar até ao sítio onde, de facto, se agrupavam cinco mulheres. Uma delas estava rodeada e assistida pelas outras.

Mas, de repente, quando me dispunha a certificar-me da identidade daquela que gemia, uma voz conhecida, potente e rouca obrigou-me a virar-me para trás.

- Visões!. Isso é o que tivestes! Visões próprias de mulheres assustadiças e malucas! Pedro, de pé, gesticulando e com o pescoço inchado por aquele arrebatamento súbito, continuou num tom de censura. - O túmulo vazio!. O jejum e o choro transtornaram-te. Maldita sejas! Porque não nos deixas em paz com a nossa dor?

André intercedeu, pedindo calma ao seu fogoso irmão. E Simão, resmungando, acedeu a sentar-se de novo, enquanto Judas de Alfeu – um dos gémeos – lhe oferecia uma tigela e um pão de trigo. Mas o pescador, com a mão, atirou a tigela para o chão, esparramando o leite no brilhante soalho de madeira. A típica reacção violenta de Pedro só contribuiu para exaltar ainda mais os ânimos. Vários discípulos criticaram a sua atitude, enredando-se numa áspera troca de insultos e impropérios.

Aquela explosão – como me confirmaria André pouco depois – não era outra coisa senão a consequência lógica e humana da grande pressão a que estavam submetidos desde a prisão e crucificação do Rabi. Não eram as dúvidas ou o desespero que tinham ofuscado a inteligência daqueles homens. Era algo muito pior: o medo do Sinédrio e da guarda do Templo e a vergonha individual e colectiva perante a ignominiosa execução do guia.

O facto de terem permanecido durante tantas horas no andar de cima da casa dos Marcos, com as espadas atadas à cintura e sem forças para regressar aos seus lares, na Galileia, era a melhor e a mais palpável demonstração do terror que os dominava. É claro que esta situação tão tensa tinha-os levado até a esquecerem-se das promessas de Jesus sobre o seu regresso à vida. Por isso, quando as hebreias correram a toda a pressa para o cenáculo, todos, sem excepção, as tomaram por loucas, estúpidas e visionárias.

No meio dos gritos e das maldições, enquanto Maria procurava, silenciosa e pacientemente, limpar o leite derramado e João Marcos, assustado, se agarrava ao meu

braço, umas pancadas secas ecoaram no aposento.

O discípulo que estava deitado no divã encostado à parede, tinha começado a bater com a cabeça. João, o Zebedeu, saltou do seu assento e lançou-se sobre o seu companheiro, segurando-o pelos ombros. Mas o robusto apóstolo, invadido por um ataque de histeria e desespero, continuou a bater com a cabeça na parede. Impotente, o magro e jovem discípulo voltou-se para o grupo a pedir ajuda. André e os gémeos acudiram logo e imobilizaram Simão, o Zelota. Efectivamente, tratava-se do impulsivo simpatizante do grupo revolucionário.

Tal como o Mestre o tinha avisado na última ceia, aquela tragédia lançara-o numa desolação sem paralelo entre os seus irmãos. Todos os seus ideais, os seus sonhos e as suas ânsias de liberdade se tinham desmoronado com a notícia da morte de Jesus.

Desfiz-me repentinamente do cajado e, aproximando-me do agitado galileu, esforcei-me por examiná-lo. Simão, com os olhos fechados, lutava por se libertar dos braços dos seus amigos. Cabeceava constantemente, procurando a parede, emitindo uma série entrecortada de gritos agudos e angustiados. Agarrei-o, como pude, pelo pulso, tentando calcular as suas pulsações. Estava muito acelerado. Peguei na redoma com a cevada e o leite coalhado e, a um sinal meu, André e o jovem Zebedeu obrigaram-no a abrir a boca.

Sem hesitar um segundo, verti parte da poção entre a sua negra e hirsuta barba. Ao sentir a repugnante mistura, os olhos dele abriram-se, espantados. Estavam vermelhos por causa daquelas longas horas de pranto. Pouco a pouco, entre suspiros e estremecimentos esporádicos, foi-se acalmando. Não sei se foi a beberagem ou as palavras de consolo dos seus irmãos, mas Simão, o Zelota, caiu num doce torpor, e, revirando outra vez os olhos, voltou a reclinar-se no divã, completamente alheio a tudo o que acontecia à sua volta.

Os gémeos mantiveram-se ao lado dele enquanto João e André, com o olhar entristecido, voltavam para a mesa. O patético espectáculo de Simão a arremeter contra a parede fizera acabar de repente a discussão. E os abatidos seguidores do Nazareno entregaram-se, impotentes, a obscuras reflexões. Mas o silêncio duraria pouco. Pegando de novo na vara, dei meia volta, disposto a prosseguir as minhas averiguações junto do grupo das mulheres. Não foi preciso.

Uma delas – a que estivera a soluçar – acabava de separar-se das suas companheiras, colocando-se a meio metro de Pedro. Era Maria Madalena, uma das mais destacadas hebreias ao mesmo tempo que temerária e sensata, de todas as que seguiam o Rabi. Ao vê-la, fiquei paralisado. Agora começava a compreender o porquê dos seus lamentos.

E aquela valente mulher, de queixo hipoplásico rosto estreito e triangular, olhos perdidos em órbitas profundas sombreadas por grandes olheiras, encarou com valentia o homem que a havia admoestado. A fúria inflamou as artérias do seu pescoço comprido e grácil e um temível faiscar brilhou no seu olhar de azeviche. Pedro mal teve tempo de levantar os seus apagados olhos claros.

Como um terramoto, a Madalena, colando as suas mãos ossudas e longas sobre o magro peito, jurou pelo nome de Deus vivo que não mentia, que não sofria de alucinação alguma e que – galileu teimoso! -, se quisesse, que fosse com ela mesma comprovar.

Simão Pedro empalideceu perante a justificada cólera da Madalena. Devido à veemência que mostrara, o manto que cobria a sua cabeça acabou por escorregar até ao chão, deixando a descoberto uns cabelos suaves, negros e desordenados. E os finos cordõezinhos dourados que pendiam dos orifícios dos lóbulos das orelhas oscilaram ritmadamente, ao mesmo tempo que naquela sala silenciosa se ouvia o entrechocar do seu colar de conchas.

Uma das mulheres, discretamente recolheu o manto e, entregando-o à furiosa Maria, tentou dissuadi-la. Mas ela – que não fora em vão cortesã na industriosa e dissoluta cidade de Magdala – sabia enfrentar os homens e, com a força que lhe dava a segurança e o conhecimento da verdade, afastou a companheira e acrescentou:

E não só dou testemunho, como estas, de que o túmulo estava vazio. Como também vos juro que o vi e falei com Ele! Pedro, farto de tanto palavreado, pôs-se a coçar a careca, e, encolhendo os ombros, voltou-lhe as costas. João Marcos veio salvar aquela situação embaraçosa.

Antes que a Madalena arremetesse novamente contra o incrédulo apóstolo, o miúdo interpôs-se entre os dois contendores, pedindo à mulher que me contasse o que dizia ter visto e ouvido. Aquele impulso espontâneo do benjamim da casa pareceu acalmar os nervos da hebreia, e, perante a expectativa geral, fui acomodar-me num dos divãs vazios, ratificando o pedido de João Marcos.

A Madalena observou-me com desconfiança. Ao que parecia, era o único homem, entre os ali reunidos, que mostrava interesse pelas suas palavras. Maria, a senhora da casa, contribuiu para distender aquela atmosfera desagradável, enchendo as restantes tigelas e oferecendo – solícita e conciliadora – o pão já frio. Todos aceitaram com prazer, incluindo Pedro, que, com a mesma espontaneidade, pediu perdão à esposa de Marcos.

A de Magdala com um ar cansado, sem conceder muito crédito à minha boa fé, recolheu as pregas da sua túnica verde-erva e sentou-se de pernas abertas no divã de honra. Ao destapar parte das pernas, um leve brilho fez com que eu reparasse num dos seus tornozelos. À trémula luz dos candelabros, vi brilhar um aljôfar – uma pequena pérola – presa numa fina corrente em volta do tornozelo.

Sorri para ela animando-a a começar. Depois de se cobrir

com o manto, suspirou profundamente. Cravou os olhos em mim e, por fim, um sorriso de gratidão revelou uma dentadura impecável.

** Magdala nas margens do lago da Galileia, é hoje conhecida como El-Megdel. Outrora foi famosa pelas suas tinturarias, pelo seu mercado de pombas e borrachos e pelos seus bordéis. (N. Do M)*

Eu estava prestes a conhecer o que – segundo aquelas mulheres

- constituía o primeiro de uma longa cadeia de misteriosos e inquietantes acontecimentos. - e a de Magdala indicou as quatro mulheres.

- Estas que vês aqui – e mais outras dez ou quinze que tinham ido sentar-se a seus pés – passaram a festa do shabbat crentes no reino do nosso Mestre, recolhidas na casa de José de Arimateia. A nossa tristeza era tão grande, e a nossa desolação tão profunda, que muitas de nós julgávamos que íamos morrer.

E, antes do alvorecer do primeiro dia da semana, de acordo com o prometido a José e a Nicodemo, pegámos nos óleos e aromas.

- Então – interrompi-a, tentando encontrar o fio à meada – eram cinco?

- Sim.

E Maria foi apontando e identificando cada uma delas.

- Joana, mulher de Chuzal. Maria, mãe dos gémeos Alfeu.

Salomé, de João e Tiago de Zebedeu, e Susana, a mais nova, filha de Ezra, o de Alexandria.

Só o curtido rosto de Salomé me era familiar. A verdade é que eram tantas as mulheres que tinham seguido habitualmente Jesus e o grupo dos apóstolos que se tornava problemático reter os nomes ou as fisionomias. Mas qualquer dia terei de falar também destas esforçadas, imprescindíveis

e esquecidas discípulas do Rabi da Galileia. Sim, talvez lá mais para a frente, supondo que Deus me continue a iluminar e a sustentar.

- Caminhám, pressurosas. Não tardaria a amanhecer e queríamos concluir o mais depressa possível o doloroso transe de lavar e preparar o corpo de nosso Senhor. Chegámos ao sepulcro e, ao ver a laje.

Maria Madalena ia depressa de mais na sua narração. Eu precisava de mais pormenores. Por exemplo o que sabiam elas das patrulhas de vigilância colocadas no sepulcro? O que pensariam fazer para que as deixassem entrar na cripta? Estava deslocada! Compreendes, Jasão? Confrontava-me de novo com uma situação delicada.

Tinha de proceder com muita delicadeza. Com a máxima. Por nada deste mundo eu poderia sugerir, antecipar ou revelar o que já sabia. Isso iria contra o rígido código moral da operação. Por isso, medindo as minhas palavras e os meus pensamentos, fui conduzindo a veemente Madalena para onde me interessava. .

No caminho – prosseguiu a mulher -, os meus irmãos e eu tínhamos mostrado alguma inquietação por causa da pedra. Tu viste-a e sabes que são precisos quatro ou cinco homens para a moverem. Porém, como eu estava a dizer, ao chegarmos às escadas vimo-la deslocada.

Levantei as mãos indicando que queria intervir. A de Magdala, intrigada, deixou-me falar. - Mas. É a guarda?

A minha pergunta despertou interesse entre alguns dos esmorecidos discípulos.

** Chuza ou Cusa: ao que parece, um dos administradores da casa de Herodes, (segundo o evangelista Lucas 13) e Tanto Joana como Susana, foram curadas por Jesus de Nazaré. Desde essa altura seguiam-no. (N. Do M)*

- Ah, sim! Esses bastardos!.

- Estavam lá? - insisti.

Com a mente confundida por tantas e tão excitantes

emoções, a hebreia – como eu já suspeitava – tinha-se esquecido de qualquer coisa. Foi Salomé quem se encarregou de recordar:

- Quando chegámos à Porta dos Peixes cruzámo-nos com uma patrulha da Fortaleza Antónia. Eram uns dez legionários. E pareciam ter muita pressa. Gritavam uns com os outros e não paravam de olhar para trás. Como se alguém os perseguisse.

Surpreendidas, tentámos averiguar o que estava a acontecer.

Aquela zona, tu sabes, está deserta a essas horas e receámos que houvesse algum perigo. - Qual, por exemplo?

- Não sei. Talvez bandidos ou animais selvagens. Mas os soldados, desfigurados e cheios de suor, ignoraram-nos e prosseguiram na sua precipitada correria para a fortaleza.

Era esquisito. Aqueles soldados da infantaria romana estavam mais do que acostumados a lutar com salteadores de caminhos e com animais. As mulheres deveriam ter tido em conta este facto indiscutível. Se pareciam fugir, a causa tinha de ser de outra natureza. Eu sabia qual era, mas durante alguns minutos, fiquei intrigado pelo facto de as cinco hebreias não se terem posto o problema.

- Um momento – intervim novamente -, então ninguém as avisou da guarda enviada por Pilatos?

- Não, naquele momento não sabíamos que o sepulcro estava a ser guardado por uma patrulha.

Madalena, talvez adivinhando algo de anormal nas minhas perguntas, olhou-me directamente nos olhos.

- E tu, como sabias isso dos guardas?

João Zebedeu, que não perdia nenhum pormenor, livrou-me da explicação: - Ele estava comigo quando no sábado de manhã José nos deu a notícia da suja manobra do Sinédrio. A mulher ficou satisfeita e, retomando o fio da narrativa,

continuou, nos seguintes termos:

- Salomé tem razão. A atitude dos legionários em fuga tranquilizou-nos. Mas não a associámos com a sepultura do Mestre. Como já te dissemos, nem sequer estávamos a par de que havia vigilantes. As minhas suspeitas, portanto, tinham fundamento. José de Arimateia – desconheço por que razão – não as tinha informado acerca das patrulhas.

As mulheres, por conseguinte, partiram de casa do ancião desconhecendo absolutamente o cerco policial em volta do túmulo. Talvez tenha sido melhor assim. Se o soubessem, o mais provável seria que os factos tivessem evoluído de outra forma. Talvez pensassem duas vezes antes de ir e até desistido das suas intenções. Na verdade, os caminhos da Providência são misteriosos.

Madalena, como sempre, foi categórica. A julgar pelas suas palavras, nem ela nem as amigas chegaram a pensar sequer na possibilidade de o Rabi ter ressuscitado. Não me cansarei de insistir neste ponto. Salvo David Zebedeu, os outros discípulos e simpatizantes de Cristo não acreditaram em absoluto nas promessas do Galileu. Caso contrário, aquelas mulheres não se teriam preocupado em preparar os unguentos e demais utensílios necessários para o embalsamamento.

- De modo que, mortas de medo – acrescentou -, atravessámos os hortos e entrámos, por fim, na propriedade de José.

- Já tinha amanhecido?

Madalena, cada vez mais confusa com as minhas perguntas aparentemente superficiais, olhou para os companheiros, tentando lembrar-se.

- Não.

As amigas concordaram.

- Mas não faltava muito. Acho que estávamos no final da

última vigília da noite. Por alguns pormenores que fui obtendo ao longo daquela instrutiva

conversa, e pelas informações que consegui recolher no dia seguinte, no meu diálogo com os legionários da Antónia, estou quase em condições de afirmar que o encontro das mulheres com os soldados romanos os levitas tinham fugido muito antes) deve ter acontecido por volta das cinco ou das cinco horas e quinze minutos daquela madrugada. Isto é, uando faltavam quarenta e cinco ou trinta minutos para o nascer do Sol. Assim sendo, João, o Evangelista, era o que mais se aproximava da verdade: Quando ainda estava escuro (João 20, 1).

. Durante algum tempo, surpreendidas perante a visão do túmulo aberto, não conseguimos mover-nos de ao pé das escadas. Não sabíamos que fazer. E o medo foi-se apoderando de nós todas. Algumas sugeriram que devíamos regressar e informar os homens. Mas eu senti uma curiosidade irresistível. E animei-as a descerem as escadas. Deixámos as coisas no chão e, fazendo das tripas coração aproximei-me da abertura da gruta. Estava tudo escuro e, como não tínhamos nenhuma tocha, não consegui ver nada.

Sorri para comigo. A narração da Madalena começava a ser-me familiar. E compreendi o terror dela.

- As minhas irmãs, especadas ao pé dos degraus, suplicaram-me que deixasse estar e voltasse com elas. No entanto, apesar de todo o meu corpo tremer, tomei a firme decisão de entrar e averiguar o que estava a acontecer. E assim fiz. Sem pensar, desapareci no escuro daquele buraco. E, às apalpadelas, dei por fim com o banco de pedra sobre o qual devia estar deitado o cadáver do Senhor. Ao notar que estava vazio, ia caindo desmaiada. Gritei, horrorizada. Meio enlouquecida pelo susto, com as mãos estendidas, lutei por encontrar a saída. Mas o pânico perturbou-me os sentidos e fui bater numa das paredes da sepultura. Foram momentos angustiantes.

Estremecendo com aquelas recordações fez uma pausa.

- Quando, por fim, toquei nas arestas da abertura e saí para o exterior estas já tinham desaparecido.

Dirigi então o olhar para as quatro atentas mulheres; e uma delas, Susana, confirmou-o:

- Ao ouvir o alarido de Maria, a tensão e o pavor explodiram e precipitámo-nos escada acima. Não sabíamos o que se passava mas corremos. Corremos como loucas tropeçando aqui e ali, até chegarmos às muralhas. Uma vez junto à cidade, enquanto tentávamos recuperar o fôlego, Joana, mais calma do que nós, fez-nos ver que tínhamos abandonado Maria. Discutimos, mas, por último, de mãos dadas e a tremer de medo, voltámos pelo mesmo caminho, entrando de novo no horto.

Madalena desculpou as suas amigas com um sorriso. E acrescentou:

- Quando as vi aparecer lancei-me ao encontro delas, gritando-lhes: , Já não está! Levaram-no! Estas primeiras expressões de Madalena, do meu ponto de vista, tinham especial importância. Reflectiam as suas autênticas convicções e pensamentos naqueles momentos tão críticos. Não disse ressuscitou. Simplesmente, a sua lógica materializou o que lhe parecia evidente: que o tinham levado. Mas, deserto por ouvi-lo dos seus próprios lábios, insisti nos matizes do grito: - Levaram-no? Foi isso a primeira coisa que pensaste?

Humildemente, sem o menor desejo de arrogar-se uma falsa fé na promessa de Jesus, retorquiu com um sim categórico.

Fiquei em silêncio, emocionado com a sinceridade dela.

- Então, quase de rastos, conduzi-as até à entrada do sepulcro, obrigando-as a entrar e a certificarem-se do que eu lhes dizia. - Fizemo-lo – confirmaram todas.

- E qual foi o vosso primeiro pensamento?

- O de Maria: que alguém tinha roubado ou levado o corpo para outro lugar. Pouco me faltou para lhes perguntar se tinham visto mais alguma coisa. Por exemplo os anjos de vestes luminosas citados pelos evangelistas, ou até se tinham visto ou sentido o terramoto de que fala Mateus. Mas optei por esperar e apalpar o terreno um pouco adiante – quando elas tivessem concluído a sua versão – e com a delicadeza suficiente para não levantar suspeitas. De qualquer forma, já era muito revelador que nenhuma daquelas mulheres tivesse feito qualquer referência a um acontecimento tão invulgar como a possível aparição de um anjo do Senhor. A ter-se dado um acontecimento desses, nenhuma o teria omitido. - E que fizeram depois?

- Estávamos tão confusas que durante um bom bocado ninguém disse nada. Fomo-nos sentar na segunda pedra, a que estava atirada no meio do caminho, e começámos a discutir entre nós. Nem José nem Nicodemo nos tinham dito que o corpo tinha de ser transladado. Chegámos até a zangar-nos, magoadas pelo que considerávamos uma falta de delicadeza. Mas rejeitámos logo a seguir essa possibilidade. O furto tinha de ser obra de outras pessoas. De certeza, comentámos, que os responsáveis foram Caifás e as suas ratazanas. Além disso, havia um outro pormenor inexplicável. Quando começou a clarear, com um pouco mais de luz e de calma, entrámos outra vez no túmulo, confirmando a estranha disposição dos panos.

Aquilo interessava-me sobremaneira. Simulando não ter percebido, pedi-lhes que repetissem as suas explicações.

Efectivamente, as mulheres – mais perspicazes para estas questões do que os homens – também tinham reparado na singular disposição do sudário e do lençol.

- Era muito estranho – insistiram. - Se alguém rouba um cadáver, para que há-de estar a perder tempo a deixar o sudário tão bem arrumado?

Naqueles momentos de confusão, apesar da evidência da mortalha, Madalena e as suas companheiras continuaram convencidas de que tudo aquilo era obra humana. Teve de acontecer uma coisa muito especial para que começassem a entender.

- O primeiro toque das trombetas do Templo – avançou a de Magdala – tirou-nos de tão emaranhada discussão. E já nos dispúnhamos a regressar para ir contar estes acontecimentos quando, de repente, ao subirmos as escadas do jazigo, vimos um homem debaixo das árvores.

- E como souberam que era um homem?

A súbita pergunta de Simão Pedro vinha carregada de ironia.

E a maioria dos discípulos riu do aparte. O rosto de Madalena voltou a endurecer. Nesse momento reparei no

jarrão de barro colocado sobre a mesa. Lá continuavam os ramos de alfazema e os lírios brancos e roxos que eu colhera nos arredores de Getsémani e que tinham enfeitado a mesa em U durante a última ceia. Ainda conservavam grande parte da sua fragrância e frescura. Numa tentativa desesperada de aliviar a tensão e demonstrar a minha fé nas palavras da hebreia, estendi o braço para tirar uma daquelas delicadas flores.

Levantei-me, abri as mãos dela e, com um doce sorriso, roguei-lhe que a aceitasse. Maria, comovida, passou da dor e da raiva à gratidão. Voltei para o meu divã e, perante a estupefacção dos mordazes discípulos e o olhar de aprovação de João Marcos, fiz-lhe ver que ardia em desejos de saber o resto.

Fazendo um esforço – e respondendo directamente a Pedro -, Madalena continuou: - A sua túnica e o seu manto eram de homem. Um pouco diferentes, mas de homem.

- Porquê? - perguntei, intrigado.

- Não sei explicar-te.

Olhou para as suas companheiras, como que à procura de apoio.

- Eram de linho e de lã. Disso temos quase a certeza. Mas as cores. As vestes pareciam de neve. Pedro soltou outra inoportuna e sonora gargalhada. Mas desta vez Maria continuou como se não o tivesse ouvido.

- Brilhantes queres dizer? - animei-a.

A cabeça de Madalena oscilou para a direita e para a esquerda, em sinal de hesitação. - Não exactamente. Era mate. Num primeiro momento tive a impressão de que as vestes estavam cobertas de milhares de pequeníssimos flocos de neve. Mas sei que isso é impossível.

- Está bem. Por favor, continua.

- Ficámos quietas. Em silêncio. Observando-o. Estava a certa distância. .

- Quanto?

- Não sei. Debaixo das árvores.

Isso queria dizer a quatro ou cinco metros do primeiro degrau.

- Parecia absorto em qualquer coisa que estava no chão.

Penso que eram uns mantos amarelos e uns bastões com cravos.

- Uns bastões? - perguntei, simulando estranheza.

Mas as mulheres encolheram os ombros. Era evidente que não sabiam o porquê da presença daqueles objectos nas proximidades do sepulcro. E guardei um prudente silêncio.

- Uma das minhas companheiras sussurrou-nos qualquer coisa sobre o jardineiro de José. Mas não tínhamos a certeza. Era tão alto e forte como o hortelão, isso sim, mas vestia-se de forma muito diferente. Além disso, a cara dele.

Ao pronunciar aquela palavra, o silêncio no aposento tornou-se mais denso. Embora alguns tentassem fingir, a verdade é que quase todos os apóstolos seguiam o relato com grande curiosidade.

A cara dele, não te rias, Jasão, era como o cristal.

É claro que não movi um único músculo. E a mulher agradeceu a minha prudente atitude. - É tão difícil de explicar!.

- Queres dizer que a cara era luminosa?

- Não, nenhuma de nós se lembra que aquele homem emitisse luz. Era outra coisa. Apesar de nos termos mantido sempre a uma certa distância, pudemos apreciar os seus traços e os seus cabelos. Não eram como os de um ser humano. Pareciam transparentes!

Um cochicho inevitável de desaprovação espalhou-se pela sala. - Estou a dizer-vos o que eu e estas vimos!. Que Deus me fulmine se não for verdade!

Transparentes? Aquilo sim era novo para mim. E tenho de ser sincero. Ao ouvir aquilo, duvidei. Estava a alvorecer. A luz era ainda difusa. A visão das coisas, muito parcial e limitada. As mulheres estavam sob o efeito de um choque intenso. A imaginação e a vontade de voltar a ver o Mestre bem as podiam ter ludibriado. Era preciso que eu pudesse presenciar alguma daquelas supostas aparições. Assim, lutando por não deixar transparecer as minhas sérias dúvidas, tentei abreviar as descrições, perguntando-lhe sem rodeios:

- E que aconteceu?

- As minhas irmãs não se atreveram a dar um único passo. Mas eu, pensando que aquele homem sabia alguma coisa acerca do desaparecimento do cadáver, dirigi-me a ele. E quando estava a dois ou três metros chamei a atenção dele, perguntando-lhe: Para onde levaste o Mestre? Onde repousa? Diz lá, para irmos buscá-lo. O estrangeiro não

respondeu. Nem sequer olhou para mim. Continuou ali, com os seus compridos braços desmaiados ao longo da túnica e a cabeça baixa, olhando para o chão.

- Estrangeiro? - intervim eu. - Porque é que lhe chamaste estrangeiro? - Porque não o conhecia. Além disso, as suas vestes.

Apesar de agora, na nossa época, o gesto de Maria nos parecer normal, indo ao encontro de um homem e fazer-lhe uma pergunta, naquele tempo não era assim. Antes pelo contrário. A sociedade não via com bons olhos a mulher que tinha a ousadia de dirigir a palavra aos homens ou se detinha na rua a falar com um estranho.

O facto é que Madalena, no limite da sua resistência e ao não conseguir uma resposta da misteriosa personagem, desatou a chorar, deixando-se cair no chão argiloso da quinta.

- No meio do meu desespero – acrescentou Maria com renovada energia – aquele estrangeiro, por fim, levantou a cara e falou-nos. - Lembras-te das palavras dele. Exactamente?

- Uma por uma. Parece-me que o estou a ver e a ouvir.

Maria levou o lírio aos lábios. E as suas narinas tremeram levemente.

- Que buscais?

Fiquei desconcertada. Aquela voz. Enxuguei as lágrimas como pude e olhando para ele, consegui responder: "- Buscamos Jesus. Enterrado no túmulo de José. Mas já lá não está. Tu sabes para onde o levaram?"

A impaciência consumia-me. E, sem deixar que ela acabasse referi-me ao seu comentário sobre a voz do estrangeiro, pedindo-lhe mais pormenores.

Madalena, com os olhos humedecidos, abanou a cabeça afirmativamente. Acho que lhe faltavam as palavras.

Finalmente, num tom mais caloroso, quase confidencial dominou a sua emoção:

- Era Ele. Soube-o então. A sua voz. A sua voz.

Escondeu o rosto entre as mãos e, por uns instantes, julguei que ia começar a chorar outra vez. Todos os que ali estavam reunidos, comovidos, quase nem se atreviam a respirar. - A sua voz. Sim, eu conheço-a. Era Ele.

- Mas, o que é que Ele respondeu?

-Esse Jesus não vos disse, até na Galileia, que morreria, mas, que também ressuscitaria?

- Tens a certeza de que foram essas as palavras do estrangeiro

Maria, cerrando os dentes, sufocada pela emoção só conseguiu responder com vários e consecutivos movimentos de cabeça. No fim, as lágrimas corriam-lhe pelas brancas faces. Algumas mulheres foram logo consolá-la, enquanto o silêncio se fazia violento, pesado.

- Todas nós ficámos comovidas – prosseguiu Salomé. - Todas nós compreendemos. Mas não soubemos reagir. Pouco depois voltou a falar. A sua voz, doce e afectuosa, pronunciou um nome: Maria!

Esperei que Madalena se acalmasse. Enxugou o pranto e, ao comprovar que os meus olhos continuavam fixos nela, pediu desculpa e que eu não fizesse caso da sua fraqueza. Deve ter notado alguma coisa no meu olhar porque, esboçando um sorriso exclamou:

- Obrigada, Jasão!. Tu és diferente de todos estes.

O brilho dos meus olhos foi a melhor resposta. E a corajosa hebreia continuou – então, aó uvir o meu nome, deixei de ter dúvidas. Era o Mestre! Mas estava tão mudado!.

E, presa ao mesmo tempo de alegria surpresa e medo, prostrei o meu rosto no pó do chão, murmurando: "Meu Senhor. Meu Mestre

As minhas irmãs imitaram-me e caíram igualmente de joelhos, atónitas. Sei que te pode parecer uma criancice, mas, ardendo em desejos de o abraçar, e de o beijar, de apertá-lo entre os meus braços, fui-me aproximando dEle. E, quando me dispunha a fazê-lo, retrocedeu, dizendo: "Não me toques, Maria! Não sou o que tu conheceste em carne"

Interrompi-a de novo. E a minha pergunta – eu sei – deve ter-lhe parecido absurda. Mas eu tinha de fazê-la.

- Chegaste a ver os pés?

Maria desconcertada, sem acabar de perceber a minha intenção, franziu o sobrolho.

- Não sei. Acho que sim.

- Como eram? - perguntei sem lhe dar tempo de reflectir. - Bom. Agora me lembro. Espera sim. Eram como o vidro! Sim, meu Deus! Podia ver a terra através deles! Não fiz mais comentários. O pormenor da transparência tinha-me transtornado. Por um lado eu duvidava, mas, por outro, a segurança da testemunha parecia tão sólida.

- É claro que não me atrevia a desobedecer-lhe. E fiquei ali, de joelhos, absorta. - Visões! São tudo visões.

Pedro voltou a insistir, remexendo-se, inquieto, no seu divã e remoendo a sua teoria. - Porque é que achas que Ele te disse que não era o que tu tinhas conhecido na carne? Neste momento, Maria ripostou com uma lógica demolidora:

- Porque, embora tivesse forma humana, não parecia de carne e osso. - Disse mais alguma coisa?

- Sim. Depois de me ordenar que não lhe tocasse, acrescentou: . Sob esta forma permanecerei entre vós antes de ir para junto do Pai.

Sob esta forma? A que estaria a referir-se a mulher? Que tipo de corpo era aquele que asseguravam ter visto? Que novo mistério eu tinha diante de mim?

A de Magdala levantou-se e, com os olhos fixos no teimoso

Pedro, gritou:

- E disse mais!

Deu a volta pelos divãs e, aproximando-se do pescador, explodiu: - Agora ide todas e dizei aos meus apóstolos – e a Pedro! - que ressuscitei e que falastes comigo.

A reacção do rude galileu surpreendeu-nos a todos. Ao ouvir o nome dele, levantou-se e, lívido, sem desviar os olhos de Madalena, gaguejou: - Disse o meu nome?

- Todas o ouvimos – responderam as mulheres em uníssono.

- Tendes. A certeza?

- Agora ide todas e dizei aos meus apóstolos, e a Pedro, que ressuscitei e que falastes comigo.

Maria repetiu as palavras de Jesus, pondo especial ênfase na alusão ao incrédulo galileu.

Compreendi logo. Aqueles homens, com as suas troças e críticas, nem sequer as tinham deixado explicar-se e narrar integralmente o que acontecera. E algo que estava adormecido no coração de Pedro despertou, levando-o a reagir. Pôs o manto sobre os ombros e, noutro dos seus característicos repentes, saiu a correr da sala. Um segundo depois, como que movido por outra mola, João Zebedeu imitava-o. Saltou do assento e correu atrás de Pedro.

Nenhum dos outros discípulos moveu um dedo sequer. A incredulidade continuava desenhada nos seus rostos.

Não pensei duas vezes. Peguei no cajado e, sem dirigir qualquer palavra aos presentes, percorri a distância que me separava da porta e desapareci.

Na minha mente acumulavam-se ainda muitas perguntas. O relato de Madalena estimulou ainda mais a minha curiosidade.

Mas tinha de cumprir o que fora planificado pelo Cavalo de Tróia. Era imprescindível que eu estivesse perto de Pedro e

de João no momento em que descobrissem a demolidora realidade do túmulo vazio. Como iriam reagir? Os factos dar-se-iam como contam alguns dos escritores sagrados?

Neste aspecto, pelo que tinha visto e ouvido, nem mesmo o fidedigno João tinha respeitado a ordem cronológica daqueles primeiros acontecimentos. Mais ainda: essa parte do seu evangelho aparece alterada. No capítulo 20, como é fácil de comprovar a famosa corrida para o sepulcro é intercalada antes da aparição do Rabi a Maria Madalena. Lendo o evangelista em questão, tem-se a impressão de que Madalena foi ao túmulo sozinha, sem as mulheres. E que, assim que descobriu o sepulcro vazio, foi a correr à cidade. Disse-o aos discípulos e Pedro e João saíram disparados para a quinta de José.

Incompreensível.

Como já referi mais de uma vez e como continuarei a demonstrar, a correcção dos evangelistas como historiadores e notários dos factos e ditos de Jesus de Nazaré deixa muito a desejar.

Quando saí da casa fiz uma rápida ligação com o módulo, para anunciar a Eliseu que me dispunha a cobrir outro dos objectivos do plano. Eram oito horas e quarenta e cinco minutos.

O bulício tinha vindo a aumentar nas ruas da cidade e, seguindo a inteligente recomendação do meu irmão, decidi evitar as aglomerações. Perdera de vista os discípulos, mas imaginava qual podia ser a sua rota. Estariam com toda a probabilidade a percorrer – no sentido contrário – o mesmo caminho que eu fizera para ir até à mansão de Elias Marcos. Se agisse com rapidez, talvez chegasse à quinta ao mesmo tempo que eles.

Subi rapidamente a rampa que desembocava na fachada do Palácio de Herodes, deixando o recinto amuralhado pela Porta dos Jardins ou do Ângulo. E dali, sempre a correr ao

lado dos sectores oeste e norte da muralha, não demorei a avistar a dupla corcova rochosa do Gólgota. O meu espírito estremeceu ao reconhecer as stipes verticais, negras e nuas, recortadas sobre o fundo azul do céu. Procurei não olhar e continuei na minha frenética corrida, entre o olhar atónito dos peregrinos que tinham montado as tendas junto dos muros e que sentados nas suas esteiras, se ocupavam a moer o grão, penteavam as barbas e cabeleiras com largos pentes de madeira ou mexiam a comida nos grandes caldeirões comunitários.

Deixei para trás o concorrido caminho que partia da Porta de Efraim em direcção a Jafa, mas antes tive de ouvir as maldições de um aguadeiro indignado em quem eu tropeçara e cujo odre, inevitavelmente rolou por terra. Não estou muito certo, mas acho que a minha descida do cerro do Gareb ao vale do Tiropéon foi acompanhado de algumas pedradas furiosamente atiradas pelo atropelado e pelos guardadores de ovelhas, cujos rebanhos ficaram meio descontrolados à minha passagem.

Ofegante, cruzei o caminho de Cesareia, correndo ladeira abaixo, ao encontro da via que conduzia ao norte. Ao pisar o caminho da Samaria detive-me durante alguns segundos.

Precisava de oxigénio. Fui olhar à vertente oriental da calçada, tentando reconhecer a propriedade de José. Um brilho fez-me virar a cara para o lado esquerdo. E, com muita inquietação, vislumbrei no fim do poeirento caminho uma turmae romana: uma pequena unidade de cavalaria. No total, uns trinta cavaleiros, com as suas reluzentes couraças de ferro entrançado e as características calças vermelhas ajustadas.

Certamente regressavam à Fortaleza Antónia. E, embora os seus cavalos tordilhos fossem a passo e se encontrassem ainda a uns duzentos metros, evitei novo encontro com as longas e pontiagudas lanças dos soldados. Saltei o pronunciado talude e escondi-me entre os zambujeiros e as moitas. Desta vez a sorte esteve do meu lado. Pouco depois,

quando senti que a patrulha se afastava, recomecei a andar, deixando pedaços do manto entre os cardos e as urtigas.

Não tardei a ver a cerca de madeira caiada. Saltei e, procurando fazer o menor ruído possível depois de verificar a posição do Sol, dirigi-me para sudeste. Aquele lado ocidental da plantação estava cheio de hortaliças. Fui-me esquivando como podia às fileiras de escalónias – a cotizada variedade de cebola egípcia -, assim como aos alhos de cavalo ou porros, as belas e cuidadas escarolas e beringelas e, logo a seguir, à minha direita, entre as primeiras filas de árvores de fruto, reconheci as paredes imaculadas da casa do hortelão. O silêncio continuava a reinar na quinta.

Diante de mim surgiam altas videiras – as tamareiras de Beiruteque o velho proprietário importara da costa fenícia e que cuidava com muito esmero. No outro lado da vinha erguia-se o pombal, de angustiante recordação para mim. Que fazer? Escondia-me de novo naquele pombal? Rejeitei esta ideia. A primeira coisa que eu tinha de comprovar era se os discípulos já tinham chegado.

Escolhi o pomar e, sem o menor ruído, como em vezes anteriores, fui avançando entre as árvores. Era muito estranho os cães não darem sinais de vida. Mas atribuí isso à presença prolongada dos guardas e legionários. Rodeei a casinha pelo lado de trás e, deixando a boca do poço à minha direita, acabei por me agachar entre os pequenos troncos das árvores, que começavam a fazer sombra no suave promontório rochoso. Tudo em frente às escadas que davam para o sepulcro continuava inalterável: os mantos, as maças e a marmita continuavam ali, esquecidos. Não havia qualquer sinal de Pedro ou de João. Supus, acertadamente, que a sua passagem pelas vielas de Jerusalém não tinha sido tão rápida como a minha.

Aqueles minutos ajudaram-me a recuperar o fôlego. Confirmei a Eliseu a minha posição e este, prudentemente, recordou-me que eram nove horas e que tinha noventa

minutos para regressar ao berço. Não me esquecera. Mas antes tinha de descortinar uma forma de subtrair temporariamente uma das peças vitais em todo aquele enredo e, é claro, para a nossa nova exploração.

Não tive de esperar muito. Poucos segundos depois da ligação auditiva, João surgiu na bifurcação do caminho que começava na cancela de entrada da quinta. Vinha a suar, muito agitado, respirando pela boca, às escâncaras e com os seus negros e grandes olhos quase fora das órbitas. No seu rosto havia uma mistura de medo e de esperança.

Antes de optar pelo caminho que levava ao sepulcro, dedicou uns instantes a inspeccionar os arredores. O jovem discípulo sabia da guarda e, embora Madalena tivesse dito várias vezes que o lugar estava deserto, optou por se certificar.

Convencido de que a zona estava calma, deu cautelosamente alguns passos, detendo-se ao ver no chão os mantos dos levitas. Aquilo surpreendeu-o. Agachou-se e, pegando num dos bastões, murmurou com raiva:

- Bastardos!

Deitou fora a arma com nojo e, enxugando o suor da testa com a aba da manga esquerda da sua túnica cor de osso, olhou em frente, directamente para os degraus que desciam para o fosso ou antecâmara da gruta funerária. Hesitou. Depois de descer o primeiro degrau ficou imóvel. Voltou a cabeça na direcção do caminho por onde tinha vindo e, com um esgar de impaciência pela demora do amigo, encolheu os ombros. Vi-o descer os pequenos degraus e parar de novo na estreita passagem.

Como estava de costas não consegui ver a reacção dele perante a visão das pedras deslocadas. Continuava indeciso. Colocou-se diante da boca da gruta e, depois de dar uma segunda vista de olhos para trás de si, inclinou-se, tentando perscrutar o interior escuro da cripta. Permaneceu assim, de

cócoras e com a mão esquerda apoiada na borda superior da pedra circular, que tapava metade da entrada, até que uns sonoros e dramáticos arquejos o alertaram e obrigaram a voltar-se pela terceira vez. Era Pedro.

Embora, de facto, eu o tivesse visto sair primeiro da casa dos Marcos, a idade e a nada desprezível gordura que se acumulava no ventre e dorso tinham-no deixado para trás.

Não pude evitar. Tive pena do esgotado pescador. João correu escadas acima e, ao vê-lo, Simão Pedro ficou especado interrogando-o com os olhos. Mas o seu esforço fora excessivo e teve de encostar-se a uma árvore, preenchendo o silêncio daquele lugar com intermináveis inspirações ofegantes. A sua recortada barba branca gotejava um suor abundante, enquanto a túnica ficava encharcada e colada à pele.

Mas a sua curiosidade e inquietação eram mais fortes do que o cansaço. E com um gesto da mão – incapaz de articular palavra – interrogou de novo o companheiro. João, junto do primeiro degrau, negou com a cabeça. Mas não percebi o que ele quis dizer. E imagino que Pedro também não interpretou correctamente aquele gesto de negação.

Estaria o discípulo a referir-se à ausência do cadáver ou a explicar-lhe que não tivera tempo nem a oportunidade de entrar na gruta? Pesadamente, sem deixar de ofegar, com um mal dissimulado desgosto que tornava mais pronunciadas as rugas da cara Simão aproximou-se do amigo e, sem qualquer pergunta ou comentário de qualquer deles, desceu as escadas. A meio do caminho, ao descobrir o negro buraco da entrada, titubeou.

Foi uma fracção de segundo. Como um meteoro, pôs-se de joelhos e entrou como uma bala no sepulcro. João, perplexo e admirado perante a indubitável valentia do seu companheiro, nem se mexeu.

Ainda não tinha passado um minuto quando vi aparecer a

careca do galileu. Desta vez, saiu da gruta, cansada e lentamente. Tanto João como eu estávamos pendentes da sua cara e da sua possível reacção. Levantou-se com dificuldade e, cambaleante, sem abrir os lábios, procurou descanso na rocha que servia de protecção à boca do poço e que, como já disse estava tombada à entrada do sepulcro. Os seus olhos claros estavam fixos em parte nenhuma. Parecia hipnotizado. Pálido e alheio a quanto o circundava.

João, nervoso e impaciente, gritou-lhe da boca do sepulcro.

Então compreendi que o Zebedeu não tivera tempo de distinguir com nitidez a superfície do banco em que repousou o corpo do Mestre. Era lógico. Embora o Sol já tivesse remontado o cimo do monte das Oliveiras, iluminando as terras com uma doce claridade meridiana a luz que irrompia na câmara mortuária era escassa. E suponho que o decidido Pedro, como Madalena e como eu próprio, se havia contentado com apalpar o vazio. - O quê.

Simão Pedro nem pestanejou. E, com um gesto indefinido da mão esquerda, disse-lhe que entrasse. João fez uma careta e, contrariado pelo mutismo do irmão, pôs-se de cócoras. Baixou a cabeça e desapareceu nas trevas do sepulcro. A sua permanência no interior foi um pouco mais prolongada que a de Pedro. Quando saiu, ao contrário de Pedro, a sua cara parecia radiante, transfigurada. .

Durante alguns minutos não disse nada. Deixou-se cair de costas contra a fachada da cripta, e vi-o chorar com os olhos fechados. Foram lágrimas silenciosas, de paz, que diziam mais que todas as palavras do mundo.

Pedro acabou por voltar à realidade e, com um ricto amargo nos lábios, exclamou:

- Filhos de má mãe!Profanaram o túmulo! A reacção do pescador deve ter chocado João, que, abrindo os olhos, foi sentar-se ao lado dele. Visivelmente alterado, apontando para a boca da gruta, o mais novo dos Zebedeus tentou

convencer Pedro de uma coisa em que, ao que parecia, o amigo não tinha reparado: a estranha disposição da mortalha.

Como explicar aquilo? Por que motivo os supostos profanadores não tinham levado o lençol e o sudário?. Os argumentos – tão subtis como sensatos – não afectaram Pedro. Enquanto João discutia, resmungava e lhe chamava teimoso e néscio, Simão, inalterável, limitava-se a dizer que não com a cabeça, repetindo como um papagaio:

- Roubaram-no!. Roubaram-no! O discípulo que parecia convencido da misteriosa ressurreição invocou até a promessa do Rabi de voltar à vida

ao terceiro dia. Foi inútil. A sua alegria e o seu avassalador entusiasmo tropeçavam sempre no cepticismo de Pedro. Numa desesperada e derradeira tentativa por fazer que Pedro entendesse que o sepulcro vazio não podia ser obra de ladrões, João puxou por ele convidando-o a entrar de novo. O galileu aceitou, contrariado. E ambos desapareceram pela segunda vez na escuridão do túmulo. Não sei de que falaram, mas tenho quase a certeza de que os dois tactearam a superfície da plataforma rochosa, encontrando, como eu, o suave lençol de linho e o lenço, misteriosa e inexplicavel-mente lisos. E vazios.

Pouco depois regressaram à luz do dia. Pedro, sem mudança aparente: confuso e aferrado à ideia dos profanadores. João, pelo contrário, exultante. Mais convicto de que o Mestre tinha realmente ressuscitado. Vi-o saltar de júbilo. Bater nas pedras da entrada do sepulcro com as duas mãos e repetir aos gritos:

- Fê-lo!. Cumpriu!. As mulheres tinham razão

Simão, mal-humorado e temeroso tentou fazê-lo calar-se. O seu receio em relação aos do Sinédrio não tinha desaparecido.

O medo de ser também capturado continuava a dominar e a

onentar a sua débil vontade. Ao ver que o seu jovem e impulsivo amigo não cedia, deu meia volta e afastou-se da passagem. A verdade é que, ao rememorar esta passagem, eu não soube o que pensar. João, o Evangelista não se refere em nenhum momento à postura dura e arisca de Simão Pedro. Ao lermos o texto (João, 20 110), vemos que o autor deixa claro que ele, sim, viu e acreditou.

Mas porque não menciona a incredulidade e teimosia do companheiro? Foi por compaixão? Talvez por benevolência? Ou, como já vimos na última ceia, porque não convinha denegrir a imagem daquele que depois seria a cabeça visível da Igreja? As cenas da famosa correria e da entrada no sepulcro tinham acabado. Mas não as surpresas daquela agitada manhã de domingo, 9 de Abril do ano 30.

No fundo, como passarei a relatar, a entrada inesperada daquela mulher na quinta contribuiu – e não pouco – para multiplicar a minha desolação. Isto foi o que presenciei.

Pedro, como eu estava a dizer, subiu os degraus e, gesticulando e resmungando incongruências, dirigiu-se para o caminho. Parecia decidido a deixar ali o seu amigo. Porém, subitamente, uns passos apressados obrigaram-no a deter-se.

Eu, que me tinha levantado e me preparava para ir ao encontro dos apóstolos, fiz a mesma coisa. Aquilo não estava previsto nem figura nos textos evangélicos.

Ao fundo da vereda, por entre a ramagem das árvores, aproximava-se rapidamente uma silhueta. João foi até ao pequeno largo em frente da rócha e, devagarinho, colocou-se junto do seu expectante companheiro. Não falaram. Pedro levou a mão esquerda ao punho da espada e os dois, talvez temendo um encontro desagradável, ficaram à espera.

A figura, alta e esguia, chegou à bifurcação do carreiro e, ao descobrir a presença dos galileus, deteve o seu nervoso caminhar. Era uma mulher. Levava o rosto tapado com um

grande manto verde-erva. Julguei reconhecer o talhe e aquelas vestes delicadas. E foi João a confirmar o meu pressentimento.

- Maria! - exclamou o Zebedeu. E, abrindo os braços precipitou-se em direcção à hebreia. - Maria! Perdoa-me!. É verdade é verdade.

A de Magdala destapou o rosto, acolhendo o feliz discípulo.

Simão tirou a mão da espada e, respirando, aliviado, permaneceu imóvel. João e Madalena tinham desatado a chorar.

E continuaram assim durante alguns minutos, fortemente abraçados. Mas Simão, cuja paciência não era precisamente generosa tentou cortar aquela cena emotiva, censurandolhes a credulidade infantil e instando João a sair quanto antes daquele lugar perigoso. Foi então, ao lançar um olhar inquieto à sua volta, que descobriu a minha presença entre as árvores.

O pescador, sobressaltado, desembainhou a espada. Mas eu, saindo do meu esconderijo, dei-me a conhecer e pedi-lhe que não perdesse a calma. Quando me reconheceu, João enxugou as lágrimas e, perante o gesto contrariado de Simão, veio ter comigo para me relatar – entre soluços e sorrisos convulsivos

- o que eu já sabia. Durante alguns instantes eu não soube o que fazer nem o que dizer. Estava plenamente consciente de que não devia influenciar em nenhum sentido o ânimo ou as decisões daqueles homens. O meu papel era o de mero espectador. No entanto, em situações como aquela, a fria e necessária imparcialidade tornava-se extremamente difícil. E limitei-me a ouvi-lo, acariciando os seus cabelos desgrenhados e sedosos.

Foi Pedro quem, mais sereno, me veio tirar daquela tão embaraçosa situação. Deixando-se levar pela sua lógica e

senso comum, ignorando Maria, deu um curto passeio entre os bastões e a marmita dos guardas do Templo, expondo o que, em princípio, me pareceu uma excelente sugestão:

- Temos de ir comunicar o roubo a José e aos outros.

Ao ouvir a palavra roubo, Madalena desatou em pranto, presa de um novo ataque de desespero. Mas o teimoso galileu nem olhou para ela. Agarrando com pressa no pulso de João, levou-o pela vereda acima, desaparecendo da nossa vista.

Por um lado, alegrei-me. A intransigência do pescador tinha começado a pôr-me os nervos em ponta. A missão obrigava-me a permanecer no horto, atento à sorte dos panos mortuários. Esse era o meu imediato e delicado objectivo: pegar neles e, durante umas horas, submetê-los a uma análise científica exaustiva no interior do módulo. Uma vez trazidos para o berço, começaria a segunda fase daquela, de momento, acidentada aventura. Mas sigamos a ordem cronológica dos factos.

Comovido, aproximei-me de Maria. Tinha-se ajoelhado e, abatida, tapava o rosto com as mãos. Deixei-a chorar e desabafar. Quando vi que os seus soluços e suspiros começavam a espaçar-se, fui retirando delicadamente as suas longas mãos, pedindo-lhe que tivesse paciência. Mas Madalena, com os olhos inchados e vermelhos, abanou a cabeça, revelando-me a sua impotência e profunda angústia. Era triste e desesperante, para mim, não poder ajudar melhor aquela bonita hebreia de vinte ou vinte e dois anos. Teria gostado de lhe antecipar alguma coisa do que eu sabia. Mas o rigoroso código moral que regia o nosso trabalho impôs-se mais uma vez.

De joelhos diante dela, pendente da sua amargura, tive de repente a sensação de que alguém nos observava. Senti um calafrio na nuca. E, de facto, ao voltar-me, deparei com a robusta figura de um homem. Estava descalço. Talvez por isso

não o tenha ouvido chegar. Levantei o olhar e respirei com alívio ao reconhecer o hortelão de José. Vestia um grosseiro chaluk de lã, cinzento e descolorido, cobrindo a cabeça com um não menos gasto chapéu de folha de palma. Na mão esquerda trazia uma antorcha. O am-ha-arez – assim eram chamados os sofridos trabalhadores do campo e a massa do povo – sorriu para mim, deixando ver os dois ou três únicos dentes que continuavam de pé nas suas inflamadas e negras gengivas. Parece-me que aquela foi uma das poucas ocasiões em que o ouvi falar.

O homem, fiel seguidor dos ensinamentos de Jesus de Nazaré, tinha ouvido os rumores que já circulavam na cidade sobre o desaparecimento do cadáver do Mestre e, num quase indecifrável aramaico galileu, perguntou-me se sabia alguma coisa a esse respeito.

Pus-me de pé e improvisei apontando para Maria, explicando-lhe que sim, que tinha ouvido dizer alguma coisa, mas que não estava muito certo.

O hortelão caiu então no seu habitual mutismo. Olhou para a mulher e, direito como um poste afastou-se em direcção ao fosso.

Compreendi que estava decidido a certificar-se por si próprio e, após uns segundos de hesitação, decidi juntar-me a ele. A presença da tocha era importante. Até esse momento, as minhas idas sucessivas à cripta tinham sido sempre em condições precárias de visibilidade. E, sem mais, esquecendo-me por completo de Madalena, apressei-me a seguir os passos decididos do hortelão.

Em má hora.

O cheiro nauseabundo a sebo de vaca que impregnava a tocha invadiu tudo. E a vibrante chama, entre esporádicas chispas, foi arrancando reflexos avermelhados às paredes da gruta, estirando e deformando as nossas sombras. O silencioso hortelão, com a cabeça e o dorso inclinados para

não bater no tecto, ficou com os olhos fixos no banco vazio. Parecia hipnotizado.

Durante alguns segundos fiquei a observá-lo, à espera de algum comentário ou alguma reacção de surpresa. Enganei-me.

Frio como o gelo, limitou-se a passar a tocha por cima da plataforma rochosa, comprovando, como eu, que o tecido estava numa posição anormal.

Passados alguns minutos, fez um gesto de retirar-se daquele lúgubre recinto. Mas – estupidez minha! - fiz-lhe um sinal e o seco mas atencioso servidor de José acedeu ao meu pedido e aproximou a tocha do linho. Obviamente, devido à escuridão, nas vezes anteriores eu não tinha reparado num pormenor que agora, à luz da chama, me deixou atónito – Um pormenor do qual tivera conhecimento no meu tempo mas que, honestamente, nunca valorizei como sério e científico. Refiro-me a manchas estranhas, de tom caramelo que se viam em ambas as faces do pano de linho. Mas vamos por ordem.

Recordo-me que, numa primeira exploração da metade superior do lençol, uma série de coágulos e fiozinhos de sangue me chamara a atenção. Pus o nariz mesmo em cima das manchas, observando com uma perplexidade nada pequena, que estavam intactas. Limpas.

Perfeitamente definidas. Aquilo era incompreensível. Depois de trinta e quatro horas – tempo aproximado de permanência do cadáver na sepultura -, a maioria das feridas e grumos sanguinolentos devia ter ficado colada ao tecido. Se o corpo fora roubado ou transladado, o lógico teria sido que, na mudança, ao despegar-se, os coágulos manchassem o lençol. Pelo contrário, os coágulos de sangue continuavam intactos.

Meu Deus! Que teria acontecido naquele negro lugar na madrugada de domingo?

Levantei a face superior do linho e, à luz da tocha, entre

uma constelação de marcas de sangue igualmente nítidas, descobri aquelas manchas douradas. Ou não seriam manchas? Nervoso e confuso diante de tanto desatino científico, tacteei a superfície da metade inferior da mortalha. As pontas dos dedos roçaram primeiro nalguns grumos de sangue. Sim, não havia dúvida: aquilo era só sangue. Mas ao fazer a mesma coisa nas supostas manchas de cor acastanhada, não senti a rugosidade dos coágulos. A deficiente iluminação e a proibição estabelecida pelo Cavalo de Tróia de manipular ou alterar a posição dos panos – pelo menos enquanto estivessem no sepulcro - não me permitiram chegar a nenhuma conclusão.

Enquanto durou a curta e apressada exploração vieram-me à cabeça várias hipóteses. Tratar-se-iam de manchas provocadas pelos unguentos? Ou estaria perante possíveis fluidos de origem orgânica – resultantes da decomposição do cadáver -, que teriam empapado o tecido?

O assombroso era aquelas manchas reproduzirem o perfil do corpo que tinha sido envolvido naquele lençol.

- Isto é de loucos!

A minha exclamação deve ter abalado o carácter frio do hortelão. Porque, imitando-me, aproximou a cara dos panos.

Cruzámos um olhar de incredulidade. No entanto, não foram as misteriosas manchas cor de ouro ou a desconcertante estrutura dos coágulos que surpreenderam o sagaz hortelão. Suponho que estas subtilezas escaparam ao seu fino instinto. Mas sim, pelo contrário, um outro pormenor que, se não fosse ele, certamente teria passado despercebido.

Sem pronunciar uma palavra, apontou com o dedo para o centro do linho. Ao ver aquilo, o meu coração deu um salto. Quase no centro do banco, no meio das duas partes do lençol e justamente no ponto onde tinham repousado os pulsos do Nazareno, encontrava-se a tira de pano que, uma vez pulverizada com aloés, servira para atar as mãos

destroçadas. O incrível é que a ligadura em questão estava enrolada, como um anel, perfeitamente atada e envolvendo. O vazio!

Fechei os olhos. Estaria também eu a ser vítima de uma alucinação ou da histeria colectiva? Mas não. Ao abri-los, a descoberta do hortelão continuava ali, desafiando a lógica humana.

Tal como acontecera com o lenço que segurara o maxilar inferior do Rabi e que, como já disse, se encontrava firme e no seu lugar, aquela peça de pano – obrigatória nos enterros judaicos da época – não mostrava sinais de ter sido mexida por mãos humanas. Se um hipotético profanador tivesse levado o corpo, por que motivo se iria entreter a soltar as ligaduras para as atar de novo e, para cúmulo do absurdo, as colocar delicada e cuidadosamente no mesmo sítio e na mesma posição em que tinham estado?

Ali acontecera algo extraordinário. Algo que superava a minha capacidade mental. Mas o quê? Tal como tinha imaginado, a faixa que Nicodemos atara à altura dos

tornozelos do Mestre surgiu perante os meus olhos atónitos na mesma posição. Meticulosamente enrolada e com os nós intactos.

Satisfeita a minha curiosidade – mas não as minhas dúvidas – voltei a colocar a metade superior do linho na posição original.

Agora, mais do que nunca, eu tinha de conseguir aquela mortalha e submeter o tecido, os coágulos e as manchas douradas a uma análise médico-científica exaustiva. Como estava eu longe então de imaginar as múltiplas surpresas que nos reservariam esses estudos! Mas antes tinha de resolver um pequeno problema: como e quando tirar os panos? Creio que estávamos para abandonar a cripta quando, de repente,

uma sucessão de gritos fez com que o hortelão e eu

olhássemos um para o outro, alarmados. Que tinha acontecido?

De facto, acho que foi uma estupidez da minha parte. Não devia ter retido o hortelão no túmulo. Mas o destino, como se verá, tem destas coisas. .

Fui o primeiro a sair. Meio cego pela forte claridade da manhã, estive a ponto de tropeçar na segunda pedra.

As vozes vinham do lugar onde, pouco antes, tínhamos deixado a amargurada Maria. Não pareciam gritos de medo ou de dor.

Era difícil explicar. Soavam como invocações. Como se alguém

- sem dúvida uma mulher – reclamasse a atenção ou a presença de outra pessoa.

Ao chegar ao último degrau, fiquei estupefacto. De costas, a Madalena, ajoelhada e com os braços no ar, não cessava de clamar, repetindo uma única e mesma palavra:

- Rabboni!.

O termo – Mestre – referia-se ao falecido Rabi da Galileia.

Disso tenho a certeza. Mas porque invocava ela o seu nome? E, sobretudo, porque o fazia naquele tom tão estranho?

Tive um pressentimento. Olhei à minha volta, mas logo rejeitei uma ideia tão absurda. Ali não havia ninguém. Tudo estava calmo. Além disso, os textos evangélicos consultados pelo Cavalo de Tróia não falam de uma segunda aparição de Jesus a Madalena.

A mulher não se movera, praticamente, do limiar das árvores.

Talvez, pensei, tenha sido vítima de outra depressão.

O encarregado da quinta veio para ao pé de mim e de novo olhámos um para o outro sem compreendermos. E,

devagar, procurando não a assustar aproximámo-nos dela.

- Rabboni!

Aquilo era um apelo.

Detivemo-nos, cada um a um dos lados dela e, durante alguns minutos, contemplámo-la com tanta inquietação quanto curiosidade. Madalena apresentava agora uma expressão diametralmente oposta. O abatimento anterior tinha desaparecido da sua face. Era muito estranho.

Os olhos, muito abertos, sem pestanejar, pareciam presos num ponto invisível do espaço. Havia neles uma sombra de espanto e surpresa. Foi então, ao olhar para as mãos dela, que reparei na direcção e posição dos dedos. Estavam rígidos, crispados e em atitude de querer receber ou agarrar qualquer coisa.

- Rabboni!

Maria, imóvel como uma estátua, não se apercebeu da nossa presença. Apenas repetia o título do Nazareno. E o seu tom, evidentemente, , era de súplica. Eu não sabia o que pensar.

Todos os sintomas indicavam uma nova crise. E comecei a perguntar-me se a saúde e o equilíbrio mentais da antiga cortesã estariam normais.

Se não tivesse sido a fulminante reacção do meu companheiro, talvez aquela situação se tivesse prolongado indefinidamente. Mas o homem, compreendendo que Maria estava fora de si, acabou por se lançar sobre ela e, sacudindo-a pelos ombros, quase a levantou no ar. As secas e violentas sacudidelas produziram o seu efeito. E Madalena pestanejou várias vezes, voltando à realidade. As faces foram recuperando a cor e, baixando a cabeça, suspirou ansiosamente.

- Estás bem? - atrevi-me a perguntar.

Levantou os olhos, e as suas pupilas azeviche falaram em

silêncio e com uma força tal que me fizera recordar o poderoso olhar do Filho do Homem. Estremeci e ela, eu sei, percebeu. Sorriu com íntima satisfação e, levantando a mão esquerda para as árvores do pomar, comentou sem rodeios:

- Eu vi-o!

O hortelão, instintivamente, voltou a cabeça para o sítio indicado pela mulher.

- Sim, já nos tinhas contado. - retorqui em tom conciliatório. - Não! - explodiu a tremer. - Agora!. Foi agora!

Desta vez fui eu quem empalideceu. Mas, logo a seguir, suspeitando que Madalena podia estar a ser vítima das suas próprias emoções, esforcei-me por conservar a calma e fazer-lhe a vontade. - Tem calma. Sabes que acreditei no teu testemunho. Sei que o viste. - Não! - interrompeu-me com violência. A sua face tinha mudado. I Madalena compreendera que, mais uma vez, não acreditavam nela.

- Repito-vos que o vi pela segunda vez!. Aqui! E avançando alguns passos foi colocar-se a um metro das árvores.

O silencioso hortelão torceu o nariz. Voltámos a olhar um para o outro e, prudentemente, não fizemos qualquer comentário. Uma suposta segunda aparição do não menos suposto ressuscitado era de mais. E, sem querer, vi-me arrastado pelo mesmo cepticismo de Pedro que eu, paradoxalmente, criticara no meu íntimo. Era curioso. Apesar da veemência da hebreia, fui incapaz de acreditar nas suas palavras. Ou será que a sensação de frustração que tinha vindo a germinar no meu espírito enevoava a minha mente ao ponto de rejeitar o testemunho dela, procurando assim a minha própria justificação? Agora sei que só a ideia de que aquilo fosse verdade, e de Ele ter estado tão perto, tinha começado a minar as minhas forças.

- Era Ele!.

E Maria, sem ninguém lhe perguntar, repetiu a mesma

descrição do estrangeiro de túnica e manto "da cor da neve".

Deixámo-la falar. Que outra coisa podíamos fazer?

- E falou comigo – prosseguiu com uma crescente emoção – Disse-me: Não fiques na dúvida. Tem coragem. Acredita no que viste e ouviste. Volta para junto dos apóstolos e diz-lhes outra vez que ressuscitei. Que aparecerei diante deles e que em breve, como prometi, os precederei na Galileia.

Ela ficou a examinar os nossos rostos. O significativo silêncio que

se seguiu à sua exposição foi revelador. Mas desta vez Madalena não se alterou. Não houve protestos ou lamentos.

Compreendeu quais eram os pensamentos daqueles homens e, ocultando o rosto com a borda do manto, afastou-se em passos rápidos.

Eram nove horas e quarenta minutos. Supondo que esta segunda manifestação do Mestre foi real, devia ter acontecido três ou quatro minutos antes. Estupefactos, sem saber o que dizer, vimos como a mulher meteu pelo caminho e começou a correr.

Nesse momento, ao mesmo tempo que ela desaparecia em direcção à cancela, surgiram outras duas figuras entre a ramagem. Ao cruzarem-se com Madalena detiveram-se, mas esta aparentemente, nem respondeu à saudação dos dois homens e, sem deixar de correr, desapareceu vereda acima. Os novos visitantes, contrariados visivelmente, hesitaram durante alguns segundos.

Mas, ao descobrirem a nossa presença, retomaram o andamento.

Eram José o de Arimateia e dono do lugar, e o eficiente David, irmão dos Zebedeus e chefe dos mensageiros.

Tanto um como o outro, da mesma forma que a maioria dos seguidores de Jesus que eu tivera a oportunidade de ver até àquele momento, traziam no rosto o esgotante cansaço de

dois dias e duas noites sem dormir, a angústia e o horror da tragédia e sobretudo no caso de David Zebedeu, um brilho de esperança nos olhos.

Ambos se alegraram quando me viram. E José desde o princípio sabedor da existência da férrea vigilância do sepulcro, elogiou a minha presença naquele lugar, comparando-a com a mesquinha e covarde atitude de muitos dos mais íntimos do Mestre. Tentei dissuadi-lo, mas o ancião, mudando de conversa, falou logo sobre aquilo que era o verdadeiro motivo da visita de nós os dois à sua propriedade: o sepulcro.

As mulheres que naquela madrugada tinham acompanhado Maria Madalena – esclareceram-nos -, depois de transmitirem aos apóstolos as notícias do túmulo vazio, do desaparecimento das patrulhas e da suposta presença do Rabi no jardim, tinham ido a casa de José e contado à filha e às outras hebreias tudo o que – segundo elas – tinham visto e ouvido. Pouco depois, a filha de José de Arimateia e as quatro testemunhas em questão apresentaram-se em casa de Nicodemo. Estavam lá David Zebedeu e o ancião membro do Sinédrio.

Repetiram a sua história, mas, segundo as próprias palavras de José, quase todos duvidaram da veracidade de tais factos. Sobretudo da pouco credível ressurreição do Nazareno. Tanto Nicodemo como os discípulos que se ocultavam na casa inclinavam-se a crer que o cadáver podia ter sido roubado. Só David e José recordavam as promessas do Filho do Homem e, movidos pela esperança e pela curiosidade – no caso de José, esta última pesava muito mais do que a primeira -, tomaram a decisão de ir à cripta e tentar esclarecer o enigma.

David quase não abriu a boca. Observou detidamente o terreiro e, logo a seguir, tremendo de impaciência, pediu ao ancião que não perdessem mais tempo e entrasse à frente no sepulcro. José concordou e, a um sinal seu, o hortelão foi à

frente do grupo. Eu, cautelosamente, fiquei para trás e aguardei no meio da escada. Durante os minutos – não muitos – que durou o novo exame, um pensamento, quase uma obsessão, me atormentou sem piedade: E se a segunda aparição tivesse sido real?

Também não figuravam nos Evangelhos os acontecimentos que eu estava a presenciar. Nem a segunda e até então suposta aparição do Mestre a Maria Madalena, nem a visita espontânea de José e David ao túmulo, nem muitíssimo menos o que iria acontecer pouco depois. Não me cansarei de repetir: é uma pena os escritores chamados sagrados não se terem empenhado num relato mais minucioso e completo dos acontecimentos que rodearam a vida e a morte do Filho do Homem! Se o tivessem feito, os cristãos e os não crentes teriam compreendido melhor os protagonistas daquela época.

Quanta razão tem João Evangelista quando, no seu último versículo (21, 25), afirma que «muitas outras coisas há que fez Jesus!» Mas recuso-me a cair em novas elucubrações pessoais. Curiosamente, aqueles dois homens seriam os últimos fiéis seguidores de Cristo a terem acesso à gruta enquanto ela ainda estava intacta; isto é, com os panos mortuários tal como tinham sido vistos depois do enigmático desaparecimento do cadáver.

José de Arimateia não tardou a sair. A sua atitude, a princípio, foi de aspereza. Levou as mãos às costas e, num pequeno vaivém pelo beco, limitava-se a abanar a cabeça, como que a repelir a possibilidade de uma ressurreição. De certo modo fez-me lembrar Simão Pedro:

David Zebedeu, pelo contrário, tal como João, seu irmão mais novo, surgiu como que renascido. Com uma eloquente felicidade nos olhos. Antes que o responsável dos mensageiros emitisse qualquer comentário ou opinião, o euschemon – nome com que naquele tempo se designava um rico proprietário rural – colocou-se a dois palmos do seu

amigo e, olhando-o fixamente, perguntou-lhe sem rodeios:

- Que opinas?

A resposta do galileu, no meu entender, foi perfeita:

- Fiz bem em convocar os meus homens para hoje. Tenho curiosidade em conhecer as reacções dos apóstolos. Vou a casa de Elias e pergunto-lhes. Jesus prometeu ressuscitar ao terceiro dia e cumpriu. Assim que chegar o meu último mensageiro darei as ordens oportunas para divulgarem a boa nova.

- Mas.

A previsível impugnação de José não chegou a ser formulada.

Uma gritaria distante fez com que nos voltássemos para o alto das escadas. David interrogou com o olhar o membro do Sinédrio. Mas este, encolhendo os ombros, consultou o hortelão. Ninguém sabia do que se tratava. Subiram os degraus com todo o cuidado e, uma vez em cima, detiveram-se.

Apressei-me a segui-los. Espalhados entre as árvores – juraria que em posição de combate – aproximavam-se uns vinte homens.

Vestiam de forma bem diferente. Cinco ou seis, com longas túnicas verdes que arrastavam pelo solo argiloso e camisas de escamas metálicas até ao meio da coxa. Cobriam-se com capacetes polidos e em forma de cúpula e traziam arcos de dupla curvatura. Avançavam no centro da formação e um deles – talvez o chefe – vinha ligeiramente adiantado e com uma tocha acesa na mão esquerda.

Outros vestiam roupões amarelos, idênticos aos que tinham sido deixados no chão. Reconheci nas suas mãos e nas faixas alguns daqueles compridos e temíveis bastões cheios de cravos.

Os restantes, pelo menos os que vinham na primeira linha,

vestiam umas peças curiosas – parecidas com as nossas camisolas interiores – de tecido grosseiro e mangas curtas, todas da mesma cor pardo-canela. Sobre uma pequena túnica da mesma cor – talvez se tratasse de uma peça única – cingiam a cintura com uma larga faixa de couro reluzente, de uns trinta centímetros, dividida em três barras, com todas as características de uma couraça abdominal.

Na cabeça traziam turbantes do mesmo tom das vestes. Um dos pendentes daquele simulacro de capacete caía sobre a orelha direita, com franjas compridas que repousavam sobre a clavícula. Uma lança de madeira, com mais de dois metros e uma ponta de ferro triangular, e um grosso escudo ovalado também de madeira de sicômoro (capaz de resistir aos vermes), completavam o armamento. O aspecto dos guardas do Templo – porque deles se tratava – trouxe-me à memória o pormenor de um dos relevos descobertos no Palácio de Senaqueribe em Nínive, no qual está representada a conquista da cidade judaica de Lakis, em 701 antes de Cristo.

Ao ver-nos no alto do caminho, a guarda do Templo deteve a sua marcha. Alguns deles, os que traziam os arcos em forma de jugo, levaram as mãos às costas e tiraram uma flecha da aljava cilíndrica de cor granate. Mas o que vinha à frente fez um sinal com o machado e as flechas voltaram às aljavas. David Zebedeu, percebendo as intenções daqueles ammarkelin ou strategoi, como foram chamados por Flávio Josefo, desembainhou o seu gladius e, frio como o gelo, cobriu o seu amigo ancião. Mas este, consciente da superioridade dos esbirros de Caifás, obrigou o discípulo a guardar a arma.

E, avançando até à orla do pomar, interpelou o que parecia o cabecilha, chamando-o pelo nome. Tratava-se de um tal Eleazar, um sagan ou chefe do Templo. O capitão dos levitas foi logo ter com o dono da plantação e durante uns breves minutos discutiram acaloradamente. Por último, depois

de fazer um sinal ao grupo que se mantinha atento e a curta distância, saiu de detrás dos guardas um hebreu com uma túnica branca comprida, de linho, com um faixa na cintura de tecido da mesma cor, da qual pendia uma pequena caixa de madeira fina. Impressionou-me o seu nobre porte, tranquilo e comedido. Devia ter a mesma idade de José: uns sessenta anos. O recém-chegado cumprimentou José de Arimateia com uma ligeira vénia e metendo a mão na larga manga direita mostrou-lhe um rolo de pele de borrego cuidadosamente atado com um cordel vermelho. José abriu-o e leu-o atentamente. Sem

* Os chefes do Templo gozavam de grande consideração. Além da supervisão do culto, administravam tudo o que se referia à segurança e trabalhos policiais desempenhados pelos levitas.

No ano 66, por exemplo, outro Eleazar chegou a ordenar a eliminação do sacrifício em honra do imperador romano. Foi quase uma declaração oficial de guerra contra Roma. Foi o começo da insurreição. (N. Do M.)

poder resistir à curiosidade, inclinei-me dissimuladamente sobre David, sussurrando-lhe ao ouvido se podia adiantar-me uma explicação. O Zebedeu, sem deixar de olhar para os três homens, disse-me que não tinha bem a certeza:

- Talvez pretendam o encerramento do túmulo.

Mas o chefe dos mensageiros enganava-se. A intenção daqueles indivíduos ou, para ser mais exacto, do sumo sacerdote Caifás e dos saduceus que o secundavam no problema chamado Jesus, era muito mais sibilino.

José de Arimateia devolveu o pergaminho ao ancião e, dando meia volta, veio para junto de nós. O seu rosto, habitualmente sereno, estava congestionado. Indicou-nos com a mão que nos afastássemos para um lado, deixando livre o acesso ao fosso, e, com um conciso e seco comentário, resumiu a situação: - Ordem para revistar.

- Mas porquê?. De quem?

José olhou para David e respondeu com um sorriso cínico.

Foi o Zebedeu quem respondeu a si mesmo, e

correctamente, é claro: - Caifás!. Esse bastardo!

A princípio, tal como os meus companheiros, não compreendi o sentido daquela revista. O sumo sacerdote tinha sido informado pela própria patrulha judaica do desaparecimento do cadáver, e do não menos inquietante fenómeno das pedras a deslocarem-se sozinhas. Que obscuras intenções podiam ocultar-se, portanto, por trás daquela ordem absurda? Não tardaria a saber.

Os levitas cercaram por fim o acesso à gruta e nós, em silêncio, continuámos afastados, atentos àquela surpreendente manobra. O capitão exigiu então a presença de dois indivíduos que não pareciam fazer parte do corpo de vigilantes do Templo.

Vestiam como a maioria dos am-haarez ou plebeus: túnicas gastas e de uma cor debotada pela inseparável imundície. Um deles tinha a cabeça enfaixada à altura das têmporas. A ligadura ocultava-lhe a orelha direita. E, ao olhar com mais atenção, pareceu-me reconhecer o criado do sumo sacerdote que provocara a rixa nas proximidades do horto de Getsémani.

Aquele sírio ou nabateu, que se chamava Malco, e que eu procurara em vão nas últimas horas da minha primeira viagem, parecia bem recuperado da terrível cutilada desferida por Simão Pedro. Se as circunstâncias não fossem tão rígidas, eu teria certamente tentado satisfazer uma grande curiosidade minha: examinar a orelha e o ombro direitos do servo inoportuno. Mas não tive outro remédio senão dominar-me.

Talvez haja uma terceira oportunidade, disse para comigo. De qualquer forma, enquanto Eleazar, o capitão dos guardas, dava instruções aos esfarrapados, pude esclarecer outro ponto interessante. Aqueles indivíduos não eram na realidade criados, no sentido que hoje podemos dar a esse atributo. O ostensivo orifício no lóbulo da orelha direita do

segundo personagem revelava claramente que se tratava de um escravo. Neste caso, escravo pagão.

(Procurarei, mais adiante, penetrar no tenebroso e pouco conhecido mundo da escravatura em Israel no tempo de Cristo e à qual incompreensivelmente, Jesus, não prestou muita atenção) O caso é que, para minha surpresa e espanto o chefe do Templo entregou a tocha a Malco e este, na companhia do segundo escravo e de três levitas de túnicas verdes, desceram os degraus e dirigiram-se para a entrada do sepulcro.

O capitão ordenou que recolhessem os mantos, os bastões e a marmita da patrulha que prestara serviço à entrada do sepulcro, e, logo a seguir, desceu e entrou na cripta. Pelo que pude observar, só os escravos e o chefe daquele novo pelotão é que entraram na gruta. Este último, por acaso, até passou pela estreita abertura com precauções que me pareceram tão absurdas quanto excessivas. Os três levitas restantes mantiveram-se diante da entrada, vigiando o acesso ao interior.

A explicação para a maneira quase teatral de Eleazar entrar no sepulcro – evitando por todos os meios roçar sequer a pedra redonda que servia para o fechar – foi-me dada por David, que, espontaneamente, relembrou uma das frases do Mestre:

- Sepulcros caiados!

Que queria dizer o Zebedeu? Muito simples. A lei mosaica era estrita no que se refria ao contacto e à contaminação com cadáveres. Na Misná, por exemplo, capítulo Ohalotl, ordenam-se, entre outros, os seguintes preceitos, fundamentados no livro dos Números (19 14): A pedra circular que fecha o túmulo, reza o capítulo II, e as pedras de apoio propagam impureza por contacto e sob a tenda, ainda que não por transporte .

As seguintes coisas são puras se forem imperfeitas – quer

dizer, se não alcançarem a medida -: meia azeitona de um cadáver meia azeitona de substância cadavérica putrefacta, uma colherada de podridão, um quarto de 1oq de sangue (um loq equivalia a meio quilograma), um osso do tamanho de um grão de cevada, um membro de um ser vivo a que falta o osso.

Se uma pessoa tocar num morto e depois em objectos ou se projectar a sua sombra sobre um cadáver e depois tocar em objectos, estes tornam-se impuros. Se projectar a sua sombra sobre um morto e depois a projectar em objectos ou se tocar num morto e depois projectar a sua sombra sobre objectos, estes permanecem puros. Mas se a sua mão tiver a extensão de um palmo quadrado, os objectos tornam-se impuros

Todas estas medidas – que no início tiveram sem dúvida um carácter higiénico-sanitário – tinham sido deformadas e manipuladas pelos doutores da lei, transformando-se, com o passar dos séculos, num pesadelo. E embora a maioria do povo não fizesse caso daquelas centenas de regras e prescrições absurdas, o mesmo não acontecia com os sacerdotes e outras castas, directa ou indirectamente ligadas ao Templo ou à lei.

Era esse o caso do chefe de turno dos levitas. E essa era a razão pela qual se tinha feito acompanhar pelos dois desprezíveis escravos pagãos, que não estavam submetidos à força do ritual sobre impurezas. Como viria a ter ocasião de presenciar alguns minutos mais tarde, os sepulcros caiados cumpriam as formalidades ao ponto de se negarem a tocar nos panos mortuários, obrigando Malco e o segundo gentio a pegar neles. O estranho foi Eleazar ter-se dignado ultrapassar a porta da cripta. Mas as ordens que tinha, ao que parecia, obrigavam-no a essa aberração religiosa. Seguindo os costumes de Caifás, e dadas as especiais circunstâncias, a lei, neste caso, tinha sido adaptada aos inconfessáveis interesses da hierarquia. Poucos minutos depois, com efeito, a revista ficou concluída. E vimos

aparecer o capitão e os seus homens. O da orelha perfurada levava debaixo do braço um embrulho. José reconheceu logo o lençol de linho que ele próprio comprara e que servira para o translado e amortalhamento provisório do corpo do seu Rabi. Enfurecido, foi ter com o chefe da patrulha e exigiu-lhe os panos.

Eleazar afastou-o bruscamente. Foram segundos de uma grande tensão. David levou a mão esquerda ao punho da espada, mas, antes que a espada saísse da bainha de madeira, os levitas que nos cercavam encostaram o ferro das suas lanças aos nossos ventres. Os protestos do ancião membro do Sinédrio foram inúteis. E, cumprida a missão, os soldados do sumo sacerdote dispuseram-se a abandonar o horto. Antes disso, aos empurrões e sob a ameaça contínua das lanças, o hortelão, David e eu, fomos obrigados a retirar-nos para o caminho de saída da plantação.

Mas José de Arimateia, que não recuava perante as dificuldades, voltou a enfrentar o capitão, e, apontando para o velho da túnica de linho, recordou-lhe que aquela propriedade era sua e que ele, no mínimo, tinha a obrigação de lavrar a acta do que fora confiscado. Eleazar, desorientado, esperou a resposta do rabino ou escriba. Este, conhecido pelo nome de Johanan ben Zakkai, concordou com parcimónia. O chefe do Templo cedeu e, a um sinal seu, os levitas obrigaram-nos a voltar para a clareira. Íamos servir de testemunhas.

O criado que segurava a trouxa atirou-a para o chão e, depois de consultar Eleazar, apressou-se logo a desembrulhá-la. Tanto o capitão como os esbirros recuaram vários passos, como que impelidos por uma mola. O ancião, depois de se certificar que a sua sombra e as dos levitas não se projectavam sobre o embrulho fúnebre, foi sentar-se à maneira turca diante das peças que estavam a ser confiscadas.

Colocou a caixa sobre as pernas e, em silêncio, recreando-

se no que sem dúvida constituía todo um cerimonial, começou a abri-la. Fiquei fascinado. Tratava-se de uma espécie de módulo, chapeado em madeira fina, com duas concavidades numa das pontas. Nelas se guardavam bolas de tinta solidificada. Uma preta e outra vermelha. Tratava-se, possivelmente, de fuligem e de ocre, misturados com goma, que se diluíam em água no momento de usar. (Algo assim como a nossa tinta-da-china, que permitia lavagem fácil e, naturalmente, todo o tipo de falsificações)

A massa avermelhada obtinha-se também com sikra, um pó que se extraía triturando cochonilhas e que, muitas vezes, era igualmente aproveitado pelas hebreias como cosmético. No centro da caixa tinha sido feito um terceiro buraco, onde se guardavam os utensílios próprios da escrita: os cálamos ou pequenos juncos marítimos, utilizados como penas. Tinham sido aparados numa das extremidades e, na outra, esmagados, para poderem ser utilizados como pincéis.

Por último, noutra concavidade da caixa, o escriba guardava uma série de tabuinhas de madeira – muito finas – cobertas de cera. Junto delas havia um estilete de osso. Uma das pontas tinha a forma de espátula que devia servir para amassar a cera e assim apagar o que se escrevera, aproveitando de novo a tabuinha. A extremidade oposta era muito afiada e pontiaguda.

O tal Zakkai pegou numa daquelas tabuinhas e, com a mão esquerda, dispôs-se a perfurar a cobertura de cera. Deu o sinal com o estilete e o escravo foi levantando as diferentes peças mortuárias e mostrando-as aos presentes.

Da direita para a esquerda, em aramaico – só se utilizava o hebraico em assuntos religiosos -, o rabino foi escrevendo sem pressa e com letras grandes: Um sudário. Duas ligaduras para as mãos e para os pés. E um lençol de linho de Palmira.

Ao levantar parcialmente o longo lençol, todos os ali reunidos, incluindo David e José de Arimateia, puderam

observar algo que nos surpreendeu, sobretudo a mim. À clara luz da manhã, entre os restos sanguinolentos, o lençol apresentava umas insólitas manchas douradas – as que eu descobrira na cripta – que reproduziam parte de uma figura humana. Embora breve, a exposição do tecido permitia distinguir as plantas de uns pés nus e a metade inferior de umas pernas. O incrível desenho – naquele momento não soube defini-lo melhor – não passou despercebido a Eleazar e ao escriba. Este, ao reparar nas manchas, ficou um instante com a pena no ar, atónito. David Zebedeu olhou para mim de soslaio interrogando-me com uma quase imperceptível elevação da cabeça. Limitei-me a arquear as sobrancelhas, dando-lhe a entender que eu também não tinha uma explicação para aquilo.

A repentina reacção do capitão foi muito significativa. Ao aperceber-se de que naquele tecido havia muito mais do que coágulos de sangue, deu por concluído o protocolo, simulando uma súbita pressa e ordenando ao escravo que atasse de novo a trouxa. E o rabino, depois de estampar o selo no final de tão concisa acta, guardou os instrumentos e pôs-se de pé.

A partir daí, tudo se passou com rapidez. Os levitas empurraram-nos com as armas, obrigando-nos a sair da quinta enquanto o resto do pelotão, com Eleazar à frente, nos seguia a curta distância. Transposta a cerca de madeira, os soldados deixaram-nos em paz. Foram juntar-se aos seus colegas, e José e David, indignados pelo que consideravam uma violência, convidaram-me a acompanhá-los até casa de Elias Marcos.

Hesitei. Aquela parte da missão não tinha sido concluída. Eu tinha de conseguir os panos mortuários e levá-los para o berço. Mas como? O criado que os guardava não parecia disposto a perdê-los ou a entregá-los a alguém. E, pedindo desculpa, disse-lhes que nos veríamos mais tarde. Sem mais, os meus amigos desapareceram em direcção à cidade. O

hortelão perguntou ao chefe do Templo se podia voltar ao seu trabalho na plantação e uma vez autorizado, também desapareceu pelo caminho do horto. Quanto a mim, como disse, as coisas voltavam a ficar difíceis. A minha única obsessão era apoderar-me do lençol. Mas a sorte não parecia estar do meu lado. Que deveria eu fazer?

O diálogo de Eleazar com a sua gente foi brevíssimo. Eu tinha de manter os olhos bem abertos e seguir a pista do linho. Não havia outra solução. Assim, simulando um cansaço que não tinha, deixei-me cair ao pé da paliçada, sentindo a agradável e tépida carícia do sol no meu rosto. Semicerrei os olhos, lamentando não ter sido mais rápido a ir buscar a mortalha.

O Cavalo de Tróia, na planificação desta segunda missão, fora taxativo: a análise daquele tecido era vital para a nossa tentativa de esclarecer o hipotético fenómeno a que os cristãos chamam ressurreição. Por conseguinte, eu tinha de o levar para o módulo custasse o que custasse. Mas aquele pensamento foi imediatamente rejeitado. Já não havia remédio.

Além disso, teria ido contra o curso natural dos acontecimentos que, em parte, eu presenciara. Um erro desta índole, confiscando a mortalha antes de tempo, podia ter mudado substancialmente os factos históricos, tal como hoje os conhecemos. Se eu tivesse ficado com o sudário numa das minhas primeiras incursões ao interior do sepulcro, o relatado por João, o Evangelista, por exemplo, não teria sido a mesma coisa.

Nem ele nem Simão Pedro, depois da famosa correria, teriam tido a oportunidade de ver aqueles panos e a sua insólita disposição no banco de pedra. A minha responsabilidade, mais uma vez, era muito grande. Tinha de esperar. Era preciso esperar pelo momento mais propício. Um momento em que o envoltório passasse para segundo plano, historicamente falando. Mas, quando e onde?

E se as intenções do sumo sacerdote fossem no sentido de o destruir? De Caifás e sua gente podia esperar-se qualquer coisa. Se o embrulho que o criado levava acabasse nalgum canto obscuro de Jerusalém ou, simplesmente, fosse incinerado, teríamos de dizer adeus aos nossos objectivos. Mas talvez eu estivesse a sobrevalorizar a agudeza daqueles esbirros. A julgar pelo que tinham feito, não estavam convencidos – longe disso – de que os rumores sobre o regresso à vida do Galileu fossem verdadeiros.

A patrulha, reunida em volta do seu chefe, deu por concluído o conclave e, enquanto a maioria dos seus elementos se punha em movimento para a muralha norte, Eleazar, o escravo que levava o envoltório funerário e dois dos arqueiros deram meia volta e afastaram-se em sentido contrário ao da tropa. E um raio de esperança brilhou no meu abatido coração. O que é que eles pretendiam fazer?

Nem sequer repararam em mim. Os quatro passaram diante daquele estrangeiro esfarrapado e aparentemente adormecido, contornando a vedação da quinta em direcção ao nordeste e dando grandes passadas. Vi-os desaparecerem no interior de umas espessas alfarrobeiras de vistosas flores vermelhas. Foi uma referência excelente.

Levantei-me rapidamente e, depois de me certificar de que o grosso dos levitas prosseguia o seu caminho em direcção à Porta dos Peixes, saltei a sebe de murtas da propriedade que ficava em frente da de José, tentando dar a volta ao pequeno bosque de alfarrobeiras pelo lado leste. Não tive de caminhar muito. Na sua vertente oriental, a pequena mancha de árvores era bruscamente cortada por uma das múltiplas depressões dos contrafortes das colinas e desfiladeiros de Bèzatha. Tratava-se de uma das mil encostas rochosas de marga calcária sinclínica, tão frequentes na tortuosa superfície da Judeia.

Colei-me ao pó avermelhado do terreno e, oculto entre o matagal, vi o capitão e os seus homens na borda do

precipício. Eleazar apontou para o rochedo e o escravo, obedecendo à ordem, atirou o envoltório para o fundo do alcantilado. Cumprida a missão, afastaram-se pelo mesmo caminho por onde tinham vindo. Aguardei uns minutos. Tudo naquele recôndito lugar estava deserto e silencioso.

O sítio escolhido para se desfazerem da mortalha era realmente o melhor. A estrada mais próxima – a da Samaria – ficava muito mais para ocidente e o barranco penhascoso, afastado de qualquer caminho ou azinhaga. Quem poderia aventurar-se por semelhante precipício? Tomando todo o tipo de precauções fui-me aproximando do declive rochoso. Não tardei a vislumbrar o meu objectivo.

Eu ficara meio enganchado nos rebentos de uma alcaparra silvestre. A verdade é que não teria sido muito difícil localizá-lo da orla do pequeno bosque. Qualquer hipotético observador teria visto sem dificuldade o estranho embrulho, salpicado por aquela infinidade de manchas sanguinolentas, já obscurecidas pelo passar das horas.

Estive tentado a desatar o envoltório e satisfazer a minha enorme curiosidade. As manchas de cor torrada intrigavam-me extraordinariamente. Mas não era o momento nem o lugar mais adequados. Haveria tempo para examinar o tecido. E surpreender-me com o seu conteúdo.

Rasguei o meu destroçado manto e atei o farrapo a um ramo tenro da alcaparra. Desta forma, embora recordasse perfeitamente o sítio onde caíra o pano, talvez não tivesse muitos problemas à hora de voltar a pôr a trouxa no primitivo e histórico lugar em que foi escondida e abandonada.

Os evangelistas também não falam deste assunto. Talvez não o considerassem importante. Talvez João, o único dos escritores sagrados que viu os panos dobrados, não tivesse tido a oportunidade de reparar nas manchas misteriosas. Ou, se reparou, não lhes deu importância, como noutros muitos capítulos da vida do Filho do Homem. No entanto, na nossa

opinião, como terei ocasião de demonstrar mais adiante, aqueles panos – em especial o lençol – teriam uma importância decisiva na altura de enfrentar o controverso fenómeno da ressurreição. Estou a referir-me, naturalmente, ao lado científico do tema; não ao da fé.

Como certamente já terá adivinhado o possível leitor destas recordações e anotações apressadas, o grande pano de linho que serviu para envolver o corpo sem vida do Mestre tinha muito a ver com uma relíquia polémica, venerada no século xx na cidade italiana de Turim.

Eu, como já comentei, tomara conhecimento da mesma. Mas não lhe soube dar a devida atenção. Como tantas outras relíquias dos cristãos, pareceu-me uma coisa pouco séria, do ponto de vista da ciência. Como estava enganado!

E, sem poder conter a minha alegria comuniquei a Eliseu a minha descoberta, anunciando-lhe que ia partir imediatamente para a base-mãe e com todas as peças mortuárias. Eram dez horas e quarenta e cinco minutos. Iria entrar no módulo com um atraso considerável em relação ao programa previsto pelo Cavalo de Tróia. Um atraso que provocaria novas frustrações a este péssimo explorador. .

Sem qualquer complacência, rasguei o linho da minha túnica, escondendo o meu tesouro no flanco esquerdo. O Sol corria desafiante para o zénite e, a passos largos, tomando como referência a Piscina dos Cinco Pórticos e o monumento ao pisoeiro, no ângulo nordeste da muralha setentrional, fui desembocar na estrada poeirenta que passava pela garganta do Cédron e que serpenteava pelo sopé ocidental do monte das Oliveiras. Com o auxílio dos crótalos, a localização do berço foi extremamente simples. E às onze e um quarto daquela manhã do domingo de glória, exausto e radiante de satisfação voltava a abraçar o meu irmão.

Não havia tempo a perder. Substituí a minha roupa destroçada por outra túnica e por outro roupão exactamente

iguais, prendendo ao cinto uma segunda bolsa feita à base de estopa grosseira (uma espécie de sarapilheira), quadrada, de vinte e cinco centímetros de largura, que continha os astrolábios assírios e os quadros astrológicos egípcios, tudo em madeira policromada. Eliseu, que parecia totalmente recuperado da sua passageira indisposição, não fez muitas perguntas. Ambos estávamos conscientes do grave atraso no programa e do muito que ainda havia por fazer naquele intenso e memorável domingo, 9 de Abril. Nem tive a preocupação de meter mais pepitas de ouro na bolsa de borracha. Os primeiros 163 gramas-ouro e os cem denários – que eu não tivera tempo de cambiar – continuavam a ser mais do que suficientes para as minhas necessidades.

Apesar de tudo, o meu segundo regresso forçado ao módulo iria ser dentro de poucas horas. De acordo com o plano, depois de examinados, os panos tinham de ser devolvidos, intactos, logicamente, ao sítio de onde os tirara.

Antes de sair da nave, e enquanto colaborava com o meu irmão na abertura da mesa giratória de alumínio e aço inoxidável, expressamente desenhada pelo Cavalo de Tróia para a investigação do grande sudário, Eliseu, morto de curiosidade, não conseguiu resistir à tentação e perguntou-me sobre um dos objectivos fundamentais daquela primeira fase da operação: a suposta ressurreição do Mestre. Não soube o que responder. E, mostrando-lhe a impressionante figura que se destacava no sujo e ensanguentado lençol, comentei:

- Talvez as análises disto te digam muito mais do que eu, por agora, te poderia adiantar. Ao observar a mancha dourada

- réplica fiel de um corpo deitado – o meu companheiro ficou estupefacto.

- Isto.

A surpresa e admiração de Eliseu eram justificadas.

Também ele, como eu identificara a majestosa figura impressa no linho com a do Sudário de Turim, a enigmática relíquia a que já me referi.

- Tu achas que é o mesmo?

Preferi não me pronunciar. A origem e a história daquele Santo Sudário são francamente obscurast. E ali o deixei, entusiasmado com o seu novo trabalho. Um dos mais ambiciosos do projecto.

Às doze horas e quinze minutos, com o ânimo refeito, afastei-me da clareira que nos servia de base. O resto do dia prometia ser especialmente intenso. Desta vez fui pelo caminho que levava ao extremo meridional da cidade, com o propósito de entrar pela Porta da Fonte. Indo pela Baixa da cidade, a casa dos Marcos não ficava muito longe.

E, enquanto passava junto das tendas improvisadas dos peregrinos galileus, muitos dos quais tinham começado a recolher os seus haveres com a evidente intenção de regressar às suas terras do Norte, fui recapitulando o que tinha visto e ouvido naquelas primeiras e agitadas horas. Não me saíam do pensamento as duas supostas aparições de Jesus a Maria Madalena e às outras quatro mulheres. Segundo os textos evangélicos, ainda deveriam ocorrer mais duas ou três materializações do Rabi, para além das que se deram no lago de Tiberíade. Mas esta parte da missão ainda vinha longe.

Era preciso encontrar a forma de estar presente nalgum dos acontecimentos ocorridos em Jerusalém ou no caminho para a aldeia de Emaús. Se os evangelistas diziam a verdade, nesse mesmo entardecer, no andar superior da casa de Elias Marcos, iria acontecer uma dessas pouco credíveis aparições. E digo pouco credíveis porque, tendo em conta o que eu tinha visto até àquele momento, algumas passagens dos quatro escritores sagrados sobre a ressurreição não pareciam ter qualquer fundamento.

Ninguém tinha falado, por exemplo, dos famosos anjos ou jovens com vestes resplandecentes que, dizem, foram vistos no interior do sepulcro, e até mesmo sentados na pedra que servira para tapar a gruta. O bom Mateus deixara-se levar pelo seu entusiasmo e ardente imaginação, fazendo crer aos cristãos que a abertura da cripta fora obra de um anjo do Senhor que, além disso, provocara um terramoto. Nem Madalena nem as outras hebreias viram tais personagens celestes, nem, é claro, houve sismo algum.

Quanto às ligaduras – que Lucas e João referem -, também não é digno de confiança. Para já, não estavam no chão, como diz João. Mesmo que estivessem, porquê acreditar que se tratava de algo sobrenatural? Antes pelo contrário, teria sido um claro sinal de profanação ou roubo do cadáver. Não me cansarei de repetir: os panos estavam dobrados e o lenço e os dois pares de ligaduras utilizadas para atar os pulsos e os tornozelos do Rabi estavam nos respectivos lugares, como se o corpo se tivesse esfumado.

Tanto os tradutores destes textos como o próprio esforço dos evangelistas por enaltecer o acontecimento do túmulo vazio levaram, quase com toda a certeza, a erros e falsas interpretações. A verdade ia ser mais simples e sublime. Mas antes de me defrontar com essa Verdade aguardava-me ainda uma grande corrida de obstáculos e decepções.

Na residência dos Marcos não observei mudanças importantes.

Depois da minha saída precipitada, os discípulos tinham continuado enclausurados e mergulhados no medo e na tristeza.

A primeira a regressar foi Maria, a de Magdala. Contou aos mais íntimos a segunda e suposta aparição de Jesus na quinta de José, mas, pelo que pude deduzir, eles tornaram a não acreditar. Simão Pedro e o jovem João voltaram pouco depois. A tentativa de localizarem José de Arimateia tinha

sido infrutífera. Tal como eu tinha imaginado, o ancião e David, alertados pelas outras mulheres, saíram da casa uns minutos antes de chegar o céptico pescador e Zebedeu. Embora a versão dos dois sobre o sepulcro vazio não fosse muito convincente, a verdade é que os outros apóstolos se riram mais de Madalena.

Algo tinha acontecido na cripta. Isso era claro para todos.

Mas quase todas as opiniões eram coincidentes: esse algo só podia ser devido a um roubo ou a uma astuta manobra de Caifás e seus odiados sequazes. E o medo daqueles galileus aumentou, ao ponto de pedirem à dona da casa madeiras para escorar a porta do cenáculo. E as discussões entre eles recrudesceram de novo.

Entristecido por aquele panorama patético, acabei por descer para o pátio. Ali, na companhia de João Marcos e de Maria, sua mãe, Maria Madalena, que optara por ignorar os teimosos amigos de Jesus, relatou várias vezes a sua segunda visão. E foi ela quem me informou também da visita de José e de David Zebedeu aos discípulos. Ao que parecia, seguindo os desejos expressos pelo chefe dos emissários na plantação, os dois tinham ido directamente da quinta para a casa de Elias Marcos.

A conversa deles com os oito apóstolos começou por girar em torno do sepulcro vazio e da possível ressurreição do Mestre. Mas, apesar dos argumentos e do arrazoado de David, aqueles homens continuavam a defender a hipótese do roubo.

- David não quis discutir – explicou-me Maria Madalena, elogiando a postura do irmão dos Zebedeus -, mas disse-lhes o que pensava. Estas foram as palavras dele: Vocês é que são os apóstolos e deveriam compreender estas coisas. Não vou discutir convosco. Seja como for, vou para casa de Nicodemo, para onde convoquei os mensageiros. Quando chegarem todos, enviá-los-ei a cumprir a última missão:

anunciar a ressurreição do Mestre. Ouvi-o dizer que, depois da sua morte, ressuscitaria ao terceiro dia. E eu acredito.

Pela enésima vez fiquei espantado com a fé inquebrantável daquele discípulo de segunda linha.

Os apóstolos, derrotados e, o que era pior desesperados, não lhe concederam muito crédito. David, depois de se despedir, colocou nos joelhos de Mateus Levi a bolsa que Judas lhe confiara antes dos tristes acontecimentos de quinta-feira. Era o dinheiro do grupo. Não sei se naqueles momentos eles já conheciam a sorte do traidor. Possivelmente não. Mas também não estranharam a transferência dos fundos. A humilhação e o medo de uma rusga dos guardas do Templo eram tais que os seus pensamentos se concentravam só numa obsessão: fugir da cidade.

Essa era a única preocupação deles: a sobrevivência. Alguns planearam até a fuga para assim que se fizesse de noite. Que pouco e quão deficiente se mostraria depois esta dramática e prolongada angústia dos mais próximos de Jesus de Nazaré durante aquele interminável domingo.

O tempo urgia, mas, embora um dos meus trabalhos obrigatórios daquele dia fosse recuperar o microfone que servira para a transmissão da última ceia, a informação de Maria Madalena sobre as intenções do chefe dos emissários pôs-me em alerta. Aquilo também não figurava nos textos dos evangelistas. Pensei que talvez fosse útil e interessante estar presente naquela reunião dos correios. Apesar de tudo, as supostas aparições seguintes de Cristo – sempre segundo os Evangelhos – não deveriam verificar-se até ao entardecer.

O planificado pelo Cavalo de Tróia era tão simples quanto problemático. Se eu fracassasse nas primeiras manifestações do Ressuscitado – como de facto acontecera – tinha de dirigir o meu esforço para a localização dos discípulos citados por Lucas (24 13-15) e que, segundo este relato, habitavam

numa povoação chamada Emaús, a uns sessenta estádios da Cidade Santa. Se falhasse novamente, a operação fixara a minha indispensável presença no que parecia ser o último acontecimento prodigioso daquele domingo: a aparição no cenáculo. Em caso de novo fracasso, eu tinha pela frente outras oportunidades: a que é mencionada por João, oito dias depois e na presença de Tomé, ou os intrigantes acontecimentos da Galileia. Mas estes últimos acontecimentos - que constituíam a nossa fase final – ainda vinham muito longe. De momento, como ia dizendo, a minha preocupação centrava-se nos discípulos de Emaús, e, antes de partir para a casa de Nicodemo, simulando um interesse especial pelos vimeiros que, ao que parecia, cresciam na Ammaus citada por Flávio Josefo (Guerra, VII, 217) 1, fiz algumas perguntas discretas aos criados de Elias Marcos, dirigindo-as fundamentalmente para o que me preocupava: a procura e identificação de alguém próximo do grupo de fiéis do Nazareno que vivesse na referida aldeia e que me pudesse ajudar na falsa missão de comprar vime.

Como comerciante nada havia de estranho que eu mostrasse interesse pelo lucrativo negócio dos vimes. Era-me terminantemente proibido fazer qualquer alusão à suposta aparição no caminho para Ammaus ou Emaús e, por conseguinte, devia levar a cabo as minhas pesquisas com o máximo de cuidado. Mas ninguém na casa – nem mesmo a mãe de João Marcos ou Maria Madalena – me soube informar. Rejeitei a ideia de perguntar aos apóstolos reunidos no andar de cima. E, um pouco preocupado por mais aquela frustração, consolei-me, pensando que talvez David Zebedeu – conhecedor excelente das pessoas que tinham rodeado Jesus – pudesse tirar-me as dúvidas.

Com esta desculpa, e prévia autorização da mãe, o jovem João Marcos e o autor destas páginas dirigiram-se para a casa de Nicodemo, outra notável personagem na vida da Cidade Santa e amigo público – nada secreto, como insinuam

os evangelistas – do Rabi da Galileia. Pelo caminho, enquanto atravessávamos o bairro alto da cidade, o rapaz foi respondendo a algumas das minhas perguntas sobre aquele rico fariseu, membro do Sinédrio e aparentado com o ramo dos Ben Gorion. Alguns anos depois – segundo Josefo (B. J, IV 3, 9) -, um tal Gorion ou Gurion ocuparia um lugar de destaque na Jerusalém do ano 70. Nicodemo ou Naqdemon negociava com trigo e chegou a acumular uma invejável fortuna, calculada pelos seus amigos em mais de um milhão de sestérciosz. Entre os seis mil santos ou separados, como eram chamados os da casta dos fariseus, contabilizados na Palestina do tempo do rei Herodes 3, o nosso homem – como José de Arimateia e outros membros da nobreza, - distinguira-se sempre pelo seu espírito liberal e aberto, mais próximo da escola de Hillel que da de Schammai. Ambas as ideologias ou tendências no seio do farisaísmo da época tendiam para uma espécie de direita e esquerda. Hillel, que foi ganhando terreno, simbolizava a esquerda: mais aberta, prudente e compreensiva que a de Schammai, rígida, reaccionária e mais ritualista. Nicodemo, seguindo o exemplo do próprio Mestre – que teve muito em conta a escola de Hillel -, sentia-se próximo da cada vez mais numerosa ala esquerda.

E, apesar de ainda termos outras oportunidades para penetrarmos no curioso mundo das comunidades de Fariseus ou haburot e dos Essénios, igualmente separados – ambos os ramos partiam de um tronco comum -, penso que não será mau insistir de vez em quando num facto que já referi várias vezes neste diário e que poderá ser útil para distinguirmos uns fariseus de outros. Infelizmente, o mundo moderno meteu-os a todos no mesmo saco.

E não é justo. Houve fariseus que defenderam Jesus, que se distinguiram e se orgulharam da sua amizade com o Galileu e que até, como no caso de alguns dos dezanove membros do Sinédrio já citados, não hesitaram em se demitir do Conselho

quando se aperceberam das irregularidades de Caifás no processo contra o Mestre. As críticas do Rabi da Galileia não eram dirigidas contra esses, quase todos solidários com os ensinamentos de Hillel – As famosas acusações de Mateus (13) - «Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas!» - foram lançadas contra os fariseus de direita.

Toda a gente sabia que aqueles santos eram mentirosos, sepulcros caiados e que deitavam para as costas dos outros a carga que eles se negavam a levar. Eram os popularmente conhecidos como fariseus tingidos e que um antigo apólogo do Talmud retrata na perfeição. O apólogo em questão reza a sim: «Há sete classes de fariseus: o fariseu "onde está o meu benefício.

O fariseu "bem o pareço". O fariseu "a minha cabeça deita sangue", porque caminha com os olhos tão baixos para não ver as mulheres que dá com a cabeça nas paredes. O fariseu malhador, que caminha tão encurvado que parece uma mão de almofariz a esmagar. O fariseu "qual é o meu dever para eu o cumprir?" O fariseu "faço uma boa acção todos os dias" e, finalmente, o único e verdadeiro fariseu: o que o é por temor e amor a Deus.»

Nesta confusão de critérios e posturas, Nicodemo, como já disse, tivera a coragem suficiente para enfrentar não só os de direita, como até muitos dos seus companheiros de esquerda, para quem os ensinamentos do Galileu crucificado eram duvidosos e excessivamente radicais, como de uma espécie de extrema esquerda. Assim foram qualificadas as palavras do Filho do Homem quando defendia as prostitutas e os gentios impuros ou quando aceitava no seu grupo mulheres e, até, um publicano ou cobrador de impostos indirectos, como no caso de Mateus. Meu Deus!

Como parecem ter mudado pouco as coisas depois de dois mil anos! Há tantos membros das igrejas do século xx que se enquadrariam na rigidez e intransigência daqueles fariseus de direita! De bom grado me teria acercado dos numerosos

grupos de judeus que fomos encontrando à medida que nos aproximávamos da muralha norte.

Discutiam, polemizavam e transmitiam uns aos outros as últimas notícias sobre o sepulcro vazio do Rabi da Galileia. O acontecimento, logicamente, acabara por chegar à população, e em Jerusalém era um fervilhar de boatos, havendo até quem fizesse apostas sobre o destino do crucificado. Era o prato do dia. E aquela situação tão excitante e inevitável alarmou-me.

O sumo sacerdote e os que haviam conspirado para que condenassem o Mestre não veriam com bons olhos aqueles rumores incessantes sobre a pretensa ressurreição, e a consequente glorificação, do odiado Galileu. Alguma coisa engendrariam para neutralizar tal movimento. Passei de novo pela Porta dos Peixes e, guiado pelo rapaz, enveredei pela Estrada de Cesareia, para oeste.

A casa de Nicodemo – muito mais luxuosa que a de José – ficava a uns três estádios da cidade (uns quinhentos metros). no cimo das circunvoluções do cerro do Gareb: a 778 metros acima do nível do mar e naquilo que poderemos considerar a zona privilegiada fora dos muros de Jerusalém. Naquele monte, situado entre as calçadas da Cesareia e da Samaria, os judeus abastados tinham construído vivendas sólidas e espaçosas – muitas delas imitando as tendências arquitectónicas romanas e helénicas – à sombra de corpulentos terebintos, azinheiras e ciprestes. Fiquei admirado com a paz do lugar e com as soberbas edificações, que nada tinham a ver com as míseras casitas de adobe e palha triturada dos grandes bairros da Cidade Santa.

O solícito e eficiente João Marcos deteve-se, por fim, diante de um daqueles palacetes de dois andares, totalmente cercado por um muro de pedra rematado por um gradeamento de quase dois metros de altura e meio escondido por uma densa rede de trepadeiras. Um amplo jardim de fina erva muito bem cuidada estendia-se diante da

casa. À direita da cancela de ferro avistei um poço, à sombra de vários carvalhos altos.

Havia-os do tipo velani, com cerca de quinze metros de altura, e os quase eternos de galhos, mais pequenos.

Um caminho estreito de imaculados calhaus de rio – brancos como os muros da casa – conduzia à fachada da casa. Seguindo a moda da época, Nicodemo construíra a sua vivenda de acordo com o mais puro estilo das residências romanas ou domus.

O atrium, ou parte semipública, destacava-se pela sua forma clara de tetrastilo, com um espaçoso pátio quadrado, com arcos em volta sustentados por um pilar em cada um dos ângulos do pátio. No centro do empedrado, tal como eu já tinha visto em casa de Lázaro, abria-se uma cisterna rectangular em que se recolhia a água da chuva. Escadas reluzentes e semicirculares, de mármore branco, davam acesso à habitação propriamente dita. Mas, desta vez, não tive a oportunidade de a visitar.

David Zebedeu, o dono da casa e um grande grupo de pessoas – talvez trinta ou trinta e cinco no totaldialogavam à esquerda do tetrastilo, à sombra daquela parte dos arcos.

Pelo menos uma vez eu tinha chegado a tempo. E ali fui testemunha de outro acontecimento que, embora breve, foi tão emocionante como inesperado.

Quando nos aproximámos, vários daqueles hebreus, na sua maioria jovens, com os típicos mantos às riscas verticais azuis e vermelhas, discutiam à maneira judaica: em voz alta e gesticulando desmesuradamente. Nicodemo, sentado numa cadeira de abrir e fechar, contemplava a cena em silêncio. Ao ver-me chegar sorriu levantando a mão esquerda em sinal de amizade.

A minha presença obrigatória ao pé da cruz granjeara-me a estima de muitos daqueles fiéis seguidores do Mestre. Porque deduzi à medida que me fui aproximando e

compreendendo o motivo da polémica, todos os que ali estavam eram isso mesmo: discípulos do Rabi. David, de pé e à esquerda do anfitrião, seguia o debate com atenção mas com uma sombra de tristeza e decepção nos seus olhos verde-azulados. Uns vinte homens estavam sentados ao pé de Zebedeu pendentes do menor movimento ou palavra do chefe dos emissários. Seriam aqueles os correios convocados pelo irmão de João e de Santiago? A discussão girava – como é óbvio – em torno do sepulcro vazio e da suposta ressurreição de Jesus. A maior parte das opiniões dos discípulos soaram-me muito familiares. Pareciam contagiados pelo cepticismo de Pedro e dos outros apóstolos.

Troçavam descaradamente de Maria Madalena, qualificando-a de cortesã bêbeda, mentirosa como todas as mulheres e visionária transtornada. O tom dos insultos foi adquirindo níveis preocupantes e, com um gesto autoritário o Zebedeu impôs o silêncio, recordando aos mais enfurecidos que entre aquelas mulheres visionárias estava a mãe dele Salomé.

Envergonhados, aqueles hebreus baixaram a cabeça mas continuaram a resmungar a sua ladainha de impossível, incrível e fantástico.

David, a quem não me lembro de ter visto perder a compostura, tirou o manto que cobria a sua cabeça, deixando a descoberto a sua grande cabeleira encaracolada e ligeiramente branqueada por umas cãs prematuras. E, dirigindo-se aos que estavam sentados no empedrado, falou-lhes assim: - Vocês todos, meus irmãos, têm-me servido sempre de acordo com o juramento que fizemos uns aos outros. Agora tomo-os como testemunhas de que nunca dei uma notícia falsa. Não havia dúvida: aqueles vinte ou vinte e cinco homens eram os correios, que tão eficientes serviços tinham prestado ao grupo apostólico de Cristo. Vou confiar-vos a última missão como mensageiros voluntários do reino. Ao fazer isto, liberto-vos do vosso juramento. Amigos: declaro

que terminámos o nosso trabalho. O Mestre já não precisa de mensageiros humanos.

Ressuscitou de entre os mortos! O cálido timbre de voz de David fora aumentando em expressão e solidez, fazendo vibrar o coração dos seus homens. Alguns discípulos negavam com a cabeça.

- Antes de ser preso – prosseguiu sem se alterar com os gestos de desacordo – Ele disse-nos que iria morrer e que ressuscitaria ao terceiro dia.

Fez uma pausa e, cravando os olhos nos que discordavam, exclamou com uma força que não deixava margem para dúvidas:

- Eu vi o túmulo. Está vazio!. Falei com Maria Madalena e com mais quatro mulheres que viram Jesus. Agora despeço-vos e digo-vos adeus, ao mesmo tempo que vos envio para as vossas respectivas missões com a seguinte mensagem, que levareis aos crentes. O silêncio apenas foi quebrado pelos alegres trinados das andorinhas que esvoaçavam sobre o pátio.

- Jesus ressuscitou de entre os mortos. O túmulo está vazio.

Logo a seguir, o Zebedeu fez um sinal e um criado da casa avançou por detrás do grupo, trazendo nas mãos uma pilha de cartuchos cilíndricos, feitos de couro e com um cordel em forma de laçada num dos extremos. Foi colocar-se ao lado de David que, pegando num daqueles tubos castanhos, levantou a tampa e tirou um pequeno rolo de pele de cabra. Leu o conteúdo e, com um gesto de aprovação, recolocou-o no tubo.

Como um só homem, os emissários puseram-se de pé e, um após outro, foram-se aproximando do chefe, que, depois de os abraçar, lhes entregava o cilindro correspondente. Chamou a cada um pelo seu nome. E a cada um desejou sorte. No total, vinte e seis correios. Todos, sem excepção, eram novos: entre os vinte e os trinta anos. Traziam armas e um par de

sandálias a mais que levavam penduradas nas largas e apertadas faixas ou hagorah.

Mas aquela cena emotiva ficou maculada por novas e acres intervenções dos discípulos, que procuravam convencer David Zebedeu a desistir da sua louca intenção: transmitir uma mensagem que – na opinião da maioria – era falsa. No entanto, o imperturbável chefe dos emissários não retorquiu nem se dignou olhar para eles. Continuou a sua entrega, sem deixar de sorrir para os seus homens. Estes, à medida que recebiam o cartucho, punham o cordão ao pescoço e deixavam o cilindro pendurado sobre o peito.

Não tendo qualquer êxito com David, desolados e furiosos, meteram-se com os emissários, tentando dissuadi-los. Mas o resultado foi igualmente desastroso. Aqueles jovens e entusiastas corredores tinham uma fé cega em David. Nunca os defraudara e agora, como em tantas outras ocasiões, dispunham-se a cumprir o seu último trabalho no singular serviço de correio organizado pelo Zebedeu. Os últimos correios saíram de casa de Nicodemo às catorze horas e quinze minutos, rumo aos quatro pontos cardeais: Damasco e Síria, a norte, Bersabé, a sul, Alexandria, a oeste, e Filadelfia e Betânia a leste. Graças àqueles esforçados e valentes emissários, a notícia da ressurreição seria conhecida pela primeira vez a centenas de quilómetros de Jerusalém e por

* Tanto este curioso serviço de correio como os que existiam naquela época se baseavam no que fora inventado pelo rei persa Dario, no século v antes da nossa Era. Depois, o Império Romano viria a copiar este serviço, criando um autêntico ministério, com um complexo quadro de corredores, vigilantes e guardiões de rendição. Previam-se mesmo velocidades diferentes de acordo com a urgência das cartas ou mensagens. Neste sentido é muito ilustrativa a Vita Romana, de Paoli. O sistema, logicamente, não era muito rápido: o correio imperial de Roma a Cesareia, por exemplo, demorava cinquenta e quatro dias. E uma carta da Síria para a capital do Império, cem dias. (N. Do M)

milhares de seguidores do Filho do Homem. No fundo, era triste e paradoxal que, enquanto aqueles vinte e seis hebreus que quase nem tinham conhecido Jesus de Nazaré

corriam pelos caminhos da Palestina com a boa nova, os mais íntimos do Mestre – a quem cabia a responsabilidade da expansão do reino

- continuassem encerrados cheios de medo, incerteza e desespero. Sem querer, eu assistira a toda uma lição de audácia e fé. Uma lição que também não consta nos Evangelhos.

Após a partida dos mensageiros, mal troquei umas palavras com David. Os incrédulos discípulos continuaram a fazer pressão sobre ele, que, desejando afastar-se deles, se despediu de Nicodemo dizendo-lhe o que pensava fazer a seguir. Passaria por casa de José de Arimateia, para ir buscar a mãe, Salomé, e partiria logo de viagem para Betânia, para casa de Lázaro e das irmãs. Nela estava parte da família de Jesus. Pelo que consegui ouvir, o Zebedeu prometera a Marta e a Maria acompanhá-las até Filadelfia, a fim de se juntarem ao irmão, Lázaro, que fugira por causa das ameaças do Sinédrio.

Dito e feito. David saiu do solar de Nicodemo e regressou à cidade. No curto trajecto em que João Marcos e eu o pudemos acompanhar, o chefe dos correios, tal como eu supunha, forneceu-me uma curta mas valiosa informação. Efectivamente, conhecia os famosos discípulos de Emaús. Mas, para surpresa minha, garantiu-me que não eram exactamente discípulos ou crentes no reino. Eram dois irmãos, pastores por sinal, e por conseguinte, de péssima reputação. Um deles, um tal Cléofas, o mais velho, parecia sentir alguma simpatia por Jesus. Mas nada mais. O outro, Jacob, na opinião de David, era uma pessoa inquieta e curiosa que, de vez em quando, ia às assembleias e lições do Galileu.

- Seguramente poderás encontrá-los em casa de José, acrescentou, avisando-me que, como bons pastores que eram – talvez tentassem enganar-me

Não era a primeira vez que ouvia um comentário como

aquele.

Para certos sectores da Palestina do tempo de Cristo, além da pureza de origem, existia uma outra realidade de grande peso social: os chamados ofícios ou profissões desprezíveis, que rebaixavam de forma mais ou menos inexorável aqueles que a exerciam. J. Jeremias fez um estudo magnífico a este respeito. (Zollner und Sunder: ZNW 301931) E chegaram a redigir-se até quatro listas com estes trabalhos repudiados e repudiáveis 1.

A verdade, como sempre, encontrava-se no meio termo. Embora muitos destes ofícios pudessem levar os seus praticantes à tentação do roubo, à picardia ou à mentira, a realidade não era tão dramática. É verdade que para muitos sacerdotes, escribas fariseus e puritanos da lei todos os médicos ou pastores ou bufarinheiros eram uns indesejáveis. Oficialmente, por exemplo, era proibido aos pastores venderem lã, leite ou cabritos. (Supunha-se que podiam ser produtos roubados aos donos legítimos dos rebanhos ou a outros pastores) Mas, em geral, o povo chão convivia encantado com estes artesãos e requeria os seus serviços quando precisava deles. De qualquer forma, a advertência de David – precisamente por proceder de um homem que eu considerava justo e sincero – pôs-me em guarda. E, ao passar a muralha norte, despedimo-nos.

Ele continuou para o extremo meridional de Jerusalém e João Marcos e eu, para leste, em direcção ao Templo.

Se eu tivesse seguido o seu conselho e fosse com ele a casa de José de Arimateia não teria tido de lamentar, mais uma vez, a minha pouca sorte.

Antes de partir de casa de Elias Marcos, eu pedira a Maria, a dona, um pequeno favor. A mulher concordou sem reserva nem receios. Como estrangeiro, eu precisava de um guia que simplificasse as minhas idas e vindas pela cidade. De certo modo assim era. E o jovem João Marcos saltou de alegria ao

receber a autorização da mãe. Durante aquele dia – e todos os que fossem precisos, segundo a senhora – eu poderia encontrar o seu filho mais novo, pronto e encantado, para me servir. E, graças à generosidade de tão afável família, os meus passos em Jerusalém não foram tão estúpidos nem infrutíferos como na primeira aventura. Apesar disso, como é evidente e como irei expondo pouco a pouco, o destino continuaria a zombar de mim.

A razão por que não acompanhei David Zebedeu até casa de José de Arimateia foi quase banal. Mas assim fora estabelecido pelo Cavalo de Tróia e eu tinha de me limitar, sempre que possível, ao programado. Como já referi, as sempre supostas aparições seguintes de Cristo não se dariam até ao entardecer.

O ocaso seria às dezoito horas e vinte e dois minutos.

Aproximava-se a hora nona (quinze horas) e, por conseguinte, ao dispor de uma relativa margem de tempo, devia concentrar todo o meu esforço noutro objectivo-chave da missão: procurar, localizar e resgatar o microfone involuntariamente extraviado.

O candeeiro em cujo interior eu dissimulara a minúscula e sofisticada peça electrónica – que por nada do mundo podia ficar perdida naquele tempo – ficara danificado com os abalos sísmicos registados nas primeiras horas da tarde de sexta-feira, 7 de Abril. E Maria Marcos mandara-o arranjar a um dos artesãos da parte alta da cidade. Esse era, enfim, o meu trabalho obrigatório e imediato. Mas antes eu tinha de cumprir um trâmite necessário e imprescindível: trocar parte da meia libra romana em ouro por moedas fraccionárias. Assim, confiante, deixei-me conduzir pelo rapaz. Sinceramente, se tivesse tentado atravessar outra vez aquele sector do bairro mais alto da cidade sozinho, teria sido um enorme fracasso.

Assim que perdi de vista o mercado dos tírios, João Marcos

virou à esquerda, entrando num labirinto fétido e obscuro de voltas e reviravoltas, passadiços e becos sem saída à vista.

Aquilo não eram ruas. Era uma rede louca de casebres imbricados entre si, formando um labirinto infernal, pestilento, devorado por uma humidade que roía a cal das paredes de adobe e que me fez lembrar as piores zonas da Casbá de Argel. Do interior de muitas casas (?), na sua maioria apenas com uma única e cavernosa assoalhada, saía um vapor agressivo, com um forte cheiro a urina, que me fez lembrar o carbonato de soda ou natrum carbonicum. Ao chegar ao negro umbral de uma porta, avistei a custo dois ou três indivíduos a lavarem e a esfregar uma série de panos dentro de uns alguidares de barro enormes. Num canto, escavado no chão de terra batida, uma lareira rústica fazia ferver a água de um grande caldeirão de bronze do qual, precisamente, se elevava aquele vapor comum a toda a zona. Eram os pisoeiros ou lavadores, autênticos párias da sociedade judaica quase todos pagãos, lutando por fazer espumar as vestes encardidas dos seus conterrâneos.

Utilizavam para isso o natrão, umas pastilhas de carbonato de soda, importado da Síria e do Egipto, e que faziam as vezes do nosso sabão. Depois de lavadas, as túnicas, os roupões, saiotes, etc, eram pendurados em cordas de uma casa a outra, transformando as estreitas e confusas vielas num estendal multicolorido e gotejante. De vez em quando, devido àquele vapor irritante, os pisoeiros escarravam para o meio dos sinuosos e irregulares paralelepípedos. Aquele sujo e repugnante costume forçado, aliás, pelas duras condições do ofício tornara-se, com o passar dos anos, um símbolo de impureza religiosa.

E, embora fosse um hábito generalizado em todas as classes sociais – incluindo as mais refinadas – a subtileza das leis e prescrições religiosas conduzira a situações tão absurdas como esta: o escarro de um pagão do bairro mais alto contaminava, o de um judeu de sector oposto – da parte

alta da cidade – não.

A contaminação, naturalmente, era de carácter ritual ou religioso. No ano 20, por causa de uma cuspidela daquelas, chegou-se até a impor a reclusão nocturna do sumo sacerdote durante a semana anterior ao solene dia da Expiação. Pelos vistos, Simeão, filho de Kamith que exerceu a função de sumo sacerdote entre os anos 17 e 18 depois de Cristo, teve a pouca sorte de receber o cuspo de um árabe na noite anterior ao citado dia da Expiação ficando assim impossibilitado de oficiar.

Evitando a confusão dos estendais, a criançada suja que surgia à nossa passagem, e que não hesitava em abrir as mãos na esperança de conseguir um lepton ou sestércio, e os fogareiros crepitantes que as mulheres colocavam no meio dos passadiços, chegámos por fim ao terreiro arenoso de Xisto, na margem direita do vale do Tiropéon. A altiva muralha ocidental do Templo surgiu diante de mim branca e aquecida pelo sol.

Respirei aliviado. Apesar das centenas de pináculos resplandecentes que coroavam o Santuário central, erguidos para afastar os pássaros, grandes bandos de pombos e de andorinhas faziam das suas sobre o majestoso edifício, ensombrando-o com os seus rápidos e anárquicos voos.

Passámos por uma das pequenas pontes de pedra construída sobre o leito seco que sulcava Jerusalém de norte a sul e subimos pelas escadas do Arco de Robinson. Aquela passagem, em forma de L, dava acesso a uma das treze portas do Templo: a situada no extremo sudoeste do grande rectângulo amuralhado.

Um grande vão, aberto na gigantesca muralha e provido de enormes portas de madeira de ébano recobertas com lâminas de ouro nas duas extremidades, dava directamente para o Átrio dos Gentios: o largo imenso e belo de 225 metros de comprimento, onde se permitia o acesso de todos os goyims

isto é, pagãos, homens e mulheres, e, até, hereges, impuros, gente de luto e excomungados. Como já comentei em ocasiões anteriores aquele largo era uma espécie de praça pública, foro romano ou ágora ateniense, onde se passeava, se discutia, se pronunciavam os mais variados discursos e, é claro, se traficava com todo o tipo de mercadorias. Embora a festa solene da Páscoa daquele ano – duplamente festiva por ter coincidido com um sábado – já tivesse acabado, a animação continuava a ser extraordinária.

Ao longo do Pórtico Real e de Salomão, nas faces sul e oriental do grande rectângulo, respectivamente, os vendedores e cambistas disputavam a atenção dos possíveis compradores, numa confusão diabólica de gritos regateios e acesas polémicas que, na maioria dos casos, não passavam de insultos ou mútuas acusações. Sob os tectos de madeira de cedro, entre a tríplice colunata de onze metros de altura do Pórtico de Salomão muitos hebreus – escribas na sua maioria – passeavam de mãos dadas, detendo-se, às vezes, para contemplar a embriagadora paisagem do monte das Oliveiras. Ao longe, para noroeste, os brilhantes capacetes dos legionários romanos, de guarda nas torres da Fortaleza Antónia, cintilavam constantemente, anunciando a proximidade do pôr do Sol.

Fomos contornando mesas e tendinhas dos vendedores de rolas e de pombas, mais abundantes agora do que os traficantes de especiarias, e que, com as suas monótonas cantilenas, mostravam aos possíveis clientes os excelentes e baratos passarinhos e aves, quase todos destinados às oferendas a que as parturientes e os leprosos curados eram obrigados. A operação do câmbio de moeda era sempre aborrecida e árdua. É claro que eu conhecia a técnica do regateio – obrigatória em qualquer tipo de transacção – e, mesmo sabendo que o cambista procurava sempre enganar o cliente, simulei diante de João Marcos uma escolha cuidadosa da mesa em que devia efectuar a operação.

O adolescente, habituado a estas lides, recomendou-me desde o primeiro momento um velho caldeu, com um turbante cor de grenate na cabeça e umas largas sarabarae ou calças persas de seda púrpura. Concordei e, depois de uma grande vénia, o meu jovem acompanhante apresentou-me como um honrado comerciante grego de passagem por Jerusalém. Os olhinhos do cambista percorreram num relance as minhas esmeradas vestes e, indicando a pequena balança romana que estava sobre o tabuleiro de pinho da sua tenda, correspondeu com outra não menos falsa e pronunciada inclinação de cabeça.

O rapaz, esperto como um esquilo, reparou na minha demora a responder à saudação e, com um dissimulado toque da sua sandália, fez-me compreender que eu estava a ser descortês.

Dobrei a cabeça e, antes de ter tempo de expor o motivo da minha presença, o homem, num grego quase perfeito, e mostrando com orgulho os fios de ouro que lhe sustentavam vários dentes postiços (réplicas em marfim dos naturais), começou uma ladainha em que misturou a sua remota e sagrada origem babilónica com a minha sabedoria em ter escolhido o mais honesto dos cambistas de moedas puras. O monótono preâmbulo fazia parte do cerimonial e, sem a mínima intenção de o contrariar, aguardei pacientemente que ele acabasse. Soube assim que se chamava Serug e que descendia do bisavô do próprio Abraão. Também me fez ver que, desde tempos remotos, um ramo dos Serug se instalara na parte ocidental de Jaran, fundando a cidade de Sarugi. É claro que não acreditei numa só palavra, embora os nomes e os dados fossem correctos.

Por fim, quando se sentiu satisfeito entrámos no assunto.

Entreguei-lhe um dos dois saquinhos em que o Cavalo de Tróia dividira os cento e sessenta e três gramas de ouro e,

depois de deitar o conteúdo na palma da mão, mexeu nas pepitas de ouro com a ponta do dedo mínimo. Pegou numa. Levantou-a à altura dos olhos. Comprovou o brilho e, por último, colocou-a cuidadosamente na mesa. Observou-me com um ar grave e, como se se tratasse de pura rotina, pegou numa pedra de toque.

Esfregou a pepita com muita força, deitou no contraste dourado um líquido (talvez um pouco parecido com a água-forte) e comparou o resultado com uma contraprova de outra pepita que lhe pertencia. Satisfeito, passou à verificação seguinte pegando num martelo de madeira que estava junto da balança.

Ergueu-o uns dois palmos sobre a pepita e deu uma certeira e sonora martelada que, naturalmente, esmagou o nobre e brando metal. À primeira martelada seguiram-se outras duas, que transformaram a pepita numa lâmina. Naturalmente, o ouro era excelente e, dando um grande suspiro, convencido da sua autenticidade, pegou naquele bocado e uniu-o ao resto dos 815 gramas. Perguntou-me que tipo de moeda eu queria e eu disse-lhe que queria sekels e sestércios. Eu sabia que aquele quarto de libra romana de ouro equivalia a 189 denários de prata ou seja, cerca de 47 sekels ou 1134 sestércios.

O problema, em princípio, estava nos pesos utilizados pelo cambista e nos juros que ele estipulasse pela operação.

Despejou o ouro num dos pratinhos de latão da balança e procurou numa gaveta de madeira onde tinha uma bateria de pesos de bronze. Eu fora treinado para estas coisas e reconheci as minas (cujo peso oficial era de 571 gramas), os siclos (de 114 gramas), os meios siclos (de 57 gramas) e os óbolos (de 06 gramas).

Mas, tal como eu suspeitava, nenhuma daquelas peças atingia o peso exigido pela lei. Não demorei a comprová-lo.

Acostumado a este tipo de manipulações, o caldeu foi

directamente aos siclos, pegando em meia dúzia daqueles pesos cúbicos e gastos. Colocou-os com grande teatralidade no prato oposto da balança e, ao chegar ao número seis, a balança ficou equilibrada. Tive de fazer um grande esforço para não sorrir. Era óbvio que devia ter colocado sete, e mesmo assim ainda faltariam algumas décimas de grama. O cambista espertalhão acabava de me roubar mais de 115 gramas de ouro.

Ainda faltava a taxa ou juros fixados como margem do negócio.

E o amigo Serug pegou na tabuinha de madeira encerada que pendia de um cordel encardido atado à sua faixa, rabiscando não sei que estranhas inscrições com um estilete de osso que tirou de baixo do turbante. Foi murmurando para si mesmo uma prolixa e indecifrável cadeia de operações matemáticas e, finalmente, com aquele falso sorriso afivelado no seu escuro rosto, mostrou-me a tabuinha e cantou o resultado final:

- Quarenta sekels e oitocentos e setenta e quatro sestércios. Fiz um rápido cálculo mental e deduzi que, além de me roubar no peso, aquele maldito cambista aplicara-me a mais alta tarifa permitida: meio óbolo e meio querá por cada meio siclo ou meio sekel entregue. Algo assim como dez por cento sobre o valor total.

João Marcos voltou a dar-me outro pontapé, animando-me a rejeitar a oferta, ou pelo menos a regatear. Mas o tempo urgia e, ignorando os justos conselhos do rapaz, aceitei a proposta.

O pagão abriu os olhos de par em par sem compreender, e, mudo diante da inesperada reacção daquele grego supostamente tonto ou excessivamente rico, apressou-se a entregar-me a quantidade combinada. Desta vez a sua vénia quase o levou a bater com a cabeça na mesa de câmbio.

Então, a grandes passadas, com as críticas do meu amigo

atrás de mim, abandonei o agitado Átrio dos Gentios.

João Marcos havia começado a sentir verdadeiro carinho por mim. E eu por ele. E embora o Cavalo de Tróia, nas suas normas rigorosas, proibisse qualquer relação que pudesse fazer surgir laços de carácter sentimental, deixei actuar o destino. Acariciei os seus negros cabelos sedosos e dei-lhe a entender que. Naquilo do cambista, o caldeu é que fora realmente enganado. Enquanto atravessávamos outra vez o Tiropéon, lembrei-lhe os ensinamentos do seu saudoso ídolo: Jesus de Nazaré. A mentira, disse-lhe, parafraseando Chesterfield e Geibel, é a única arte dos medíocres e o refúgio dos vis. E mesmo que seja astuta, sempre acaba por quebrar uma perna.

Embora estas frases não tivessem sido ditas pelo Filho do homem, o rapaz elogiou a minha fidelidade para com o Mestre, e a sua estima pelo velho comerciante de Tessalónica cresceu um pouco mais. Quando me perguntou para onde nos dirigíamos, ficou surpreendido. Pedi-lhe que guardasse segredo e, em voz baixa, disse-lhe que queria dar um pequeno presente à mãe dele.

Os seus olhos vivos iluminaram-se e, pegando-me na mão, levou-me para o sector noroeste da cidade. Eu pedira-lhe que me conduzisse à oficina para onde, ao que parecia, ele próprio levara o candeeiro quadrado de ferro forjado que ficara danificado pelo terramoto. Eu, de facto, queria agradecer as atenções da esposa de Elias Marcos e não me ocorreu melhor coisa que arcar com as despesas da reparação do referido candeeiro. Assim – era essa a minha intenção – o meu acesso ao microfone não se tornaria suspeito. Isso, supondo, naturalmente, que continuava no mesmo sítio.

Caminhámos ao longo de toda a muralha que separava os dois grandes bairros e, quando avistámos as torres do Palácio de Herodes, virámos para a direita e passámos pelo arco da Porta de Ginnot. Distingui imediatamente as marteladas do clã dos ferreiros: um som que, quando parava,

servia para as pessoas das redondezas saberem que acabara o dia de trabalho.

Fiquei espantado com a diferença entre aquela zona do mais alto bairro da cidade – perfeitamente pavimentada, de fachadas caiadas e sem urina nem excrementos de cavalos nas pedras de um cinzento azulado e as míseras vielas que eu percorrera pouco antes, no lado oposto. Talvez a explicação estivesse na relativa proximidade do Palácio de Herodes. Pouco depois, ao entrar numa das fundições e descobrir o que nela se fazia, compreendi as razões do tetrarca para manter contentes aqueles artesãos ou gentes de ofício, como também eram chamados.

O caso é que me vi, de repente, num grande pátio descoberto de uns quinze por dez metros. À minha frente abria-se um espectáculo que os homens da Idade Média, e até os do século XIX, reconheceriam. Meia dúzia de homens musculosos, de pele tisnada e banhados em suor, unicamente cobertos pelos saq ou tangas, trabalhavam debruçados sobre as bigornas. Com a mão esquerda, e com a ajuda de grandes tenazes de ferro, seguravam várias peças incandescentes, rítmica e sistematicamente marteladas com pesados martelos pretos. De vez em quando deixavam de martelar e metiam os rubros metais numas cubas de madeira cheias de água ou areia, provocando uma chiadeira de colunas de fumo branco. O estrondo era tão ensurdecedor que João Marcos, que avançara em direcção a um dos ferreiros, quase teve de falar com ele por gestos. Ao fundo do recinto alinhavam-se três curiosas forjas.

Duas eram semiesféricas, rematadas por altas chaminés em bico. A terceira – também construída com blocos calcários – tinha a forma de um poço. Na base das duas primeiras viam-se, através das janelas abertas na pedra, chamas de fogos rubros e vorazes. Segundo o quenita que dirigia a oficina – descendente de uma antiga família fenícia de ferreiros ambulantes – os fornos fechados destinavam-se

habitualmente à fundição de pequenas quantidades de cobre.

A torrefacção preliminar do mineral, extraído nas minas do wadi Arabá, a sul do mar Morto, era efectuada em fornos das proximidades das respectivas minas. Quanto aos lingotes destinados à exportação eram preparados numa outra grande fundição: Esyon-Gueber, obra de Salomão. O metal chegava, portanto, a Jerusalém pronto para a sua última e definitiva transformação. Um engenhoso sistema subterrâneo em forma de l e recoberto de tijolo fazia de conduta de ar.

Este era insuflado, mais do que por foles, por meio de grandes e não menos artesanais balões, feitos de pele de boi ou de vaca, atados pela cabeça e pelo rabo e cheios de ar a sopro. Uma prancha circular, de madeira de pinho, provida de uma braçadeira e fixa com cordas à parte superior de cada odre, servia para os esvaziar.

Quando as fogueiras começavam a apagar-se, um dos ferreiros colocava a comprida cabeça do balão no orifício de entrada da conduta subterrânea e, com grande habilidade, soltava o nó que não deixava sair o ar, pressionando com todo o peso do seu corpo a tampa superior.

Desta maneira o fole soltava o seu conteúdo, avivando a lenha ou o carvão vegetal depositado no crisol. Depois, lenta e penosamente, o operário tinha de soprar até voltar a encher o odre.

No momento em que o cobre, ou qualquer outro metal, atingia o ponto exacto de moldagem, os sofridos e excelentes artesãos retiravam os crisóis cónicos, de barro, segurando-os com uma das suas longas tenazes.

Tanto o chão de terra como as paredes altas da oficina estavam cheias das mais variadas ferramentas, armas e utensílios domésticos da época. Fiquei fascinado. Havia ali relhas de arado, aguilhões machados simples – muito semelhantes aos actuais - machados duplos, picaretas (uma

espécie de machado e enxadão), freios de cavalos, grandes bocados de armaduras, facas das mais diversas formas e tamanhos, pulseiras, argolas, todo o tipo de vasos, copos e pratos e uma infinidade de pequenos utensílios de uso comum nas casas ou noutras oficinas: cinzéis, espátulas, agulhas, tenazes, fivelas, etc. João Marcos interrompeu a minha observação.

O capataz ou chefe da forja aproximou-se, na companhia dele, do lugar onde eu estava à espera. O rapaz explicara-lhe as minhas intenções e ele, falando mais alto que o frenético martelar dos seus companheiros, deu-me a entender que o candeeiro de Elias ainda não fora reparado.

Compreendi-o. Embora a peça tivesse chegado na tarde de sexta-feira, o sábado e a celebração da Páscoa haviam atrasado o arranjo.

O quenita, convertido à religião judaica, aproveitou aqueles minutos de descanso para desatar a faixa de pano que cingia a sua fronte e cabelos, torcendo-a e escorrendo o abundante suor que a empapava.

Depois convidou-me a segui-lo até ao canto onde guardava o famoso candeeiro.

Habituado a distinguir e manipular todo o tipo de objectos metálicos, identificou logo o motivo da minha presença na forja, retirando-o, sem perder tempo, do meio de um montão de caldeirões e trastes velhos enferrujados. Receei que ele se entretivesse a examiná-lo. E dei graças aos céus pelo providencial dia festivo. Se os artesãos tivessem feito o trabalho, teriam encontrado, quase com toda a certeza, a estranha peça e a antena camuflada entre os pingentes.

Nesse caso eu ficaria numa situação comprometedora. A pancada partira a base que sustentava a caixa de ferro, que também ficou danificada, numa aresta e em três das quatro lâminas de vidro colorido. Com algum nervosismo, simulando um interesse especial pelos pormenores do candeeiro, pedi-

lhe que mo deixasse ver. E o homem, encolhendo os ombros, aproximou-o de mim. Senti fraquejarem-me as pernas. Por entre as fissuras dos cristais, vi a tríplice mecha de cânhamo e a concavidade do azeite. E por baixo, tacteando com os dedos, o microfone, solidamente colado à base do candeeiro com um íman. Agora eu tinha de o descolar e esconder no saco de borracha. Mas o ferreiro e João Marcos continuavam atentos aos meus movimentos e à minha decisão. Tinha de encontrar a forma de os distrair ou afastar de mim durante uns segundos.

Perguntei ao capataz quando calculava ele que estaria pronto e quanto iria custar a reparação. Não soube responder a nenhuma das perguntas. Aquilo, aparentemente tão fácil, começava a ficar complicado. E o chefe da oficina, impaciente pelo que, de facto, parecia uma coisa sem importância, fez o gesto de pegar no candeeiro.

Por um momento senti-me desfalecer. Mas, recordando a minha promessa de dar um presente à mãe do moço, retive a peça e disse ao quenita algo que lhe agradou muito. Aos gritos, aproximando o meu rosto do ouvido dele, disse-lhe que desejava comprar-lhe um objecto que fosse realmente valioso e original. Como não especifiquei que o destinatário era uma mulher, o artesão supôs que era para oferecer a um homem. A verdade é que naquele tempo, e na sociedade judaica, não era frequente os homens oferecerem coisas às mulheres. E menos ainda um pagão e estrangeiro.

O erro involuntário de nós dois levar-me-ia a uma descoberta sensacional, pelo menos do ponto de vista da indústria metalúrgica.

- Valioso e original? - repetiu o ferreiro.

Concordei sem hesitar.

Dando meia volta, dirigiu-se para o terceiro forno: o que tinha forma de poço. O meu guia foi atrás dele e eu, sem pensar duas vezes, meti a mão na base do candeeiro e

desprendi o microfone. Sem me aperceber muito bem do que estava a fazer, atirei a base metálica para cima dos tachos de bronze e apressei-me a guardá-lo. Sem me controlar, fechei os olhos e respirei com todas as minhas forças.

O quenita e João Marcos voltaram logo a seguir. O primeiro trazia nas mãos um tecido fino de algodão preto, que, obviamente, vinha a tapar uma coisa. Mas essa coisa, a julgar pelo tamanho do pano que a cobria, devia ser comprida. O ferreiro, ao ver a minha curiosidade, sorriu, divertido. E, retirando a parte superior do pano deixou a descoberto uma autêntica obra de arte: uma espada de uns sessenta ou setenta centímetros, enfiada numa bainha de marfim, finamente esculpida dos dois lados com um entrançado de estrelas de cinco pontas.

Percebi que havia um erro. Mas, fascinado peguei no punho branco e cilíndrico, também de marfim, desembainhando a arma.

Como o gladius romano, era uma espada de duplo gume e uma ponta pequena mas afiada. Ao brandi-la, notei algo estranho.

Pesava muito pouco. De repente, o reflexo avermelhado das forjas espalhou-se pela lâmina, chamando a minha atenção.

Examinei o suposto ferro e, desconcertado, descobri que ambas as faces eram cruzadas por uma série de belas e suaves marcas ondulantes que lhe davam uma tonalidade branco-azulada.

Levantei os olhos e o sorriso de profunda satisfação do quenita confirmou as minhas suspeitas. Aquilo não era ferro.

Era aço! Mas, como podia ser? As primeiras descrições conhecidas do chamado aço de Damasco datam do ano 540 depois de Cristo. Devia haver confusão. Aproximei-me de uma das aberturas dos crisóis e, à luz do fogo, examinei mais uma vez com os olhos e com os dedos a enigmática superfície da espada.

Tivera a oportunidade de contemplar mais de uma vez o fascinante exemplar existente no Museu Metropolitano de Arte, de Nova Iorque – uma cimitarra persa do século xvII – trabalhada à base de aço com elevadas concentrações de carbono e com as típicas marcas verticais ou escada de Maomé na lâmina.

Sim, não havia dúvida. Aquelas partes esbranquiçadas do aço eram carboneto de ferro ou cementite. E as faixas escuras do fundo eram de ferro, com um índice inferior de carbono.

Certamente, eu sabia que o uso do aço de Damasco já era provavelmente conhecido no tempo de Alexandre Magno (232 anos antes da nossa Era). Mas, até àquele momento, não havia uma constatação fidedigna de ter sido utilizado e manipulado no século I.

* O nome Damasco do aço não provém do seu lugar de origem, mas do ponto onde os Cruzados o descobriram. As melhores espadas deste tipo foram fabricadas na Pérsia e, difundidas pelos Muçulmanos chegaram à Rússia medieval, onde se lhes deu o nome de bulat. A proporção de carbono nestas espadas oscilava entre um e meio e dois por cento. Eram de extraordinária resistência à compressão e, durante séculos, isso foi um segredo de Estado, bem protegido. (N. Do M)

O ferreiro não queria revelar-me o seu segredo. Mas, depois de lhe garantir que eu só pretendia saber qual o lugar de origem do misterioso material que servia para fabricar uma arma assim, levou-me a uma pequena cabana de palha e mostrou-me uma pastilha de uns setenta e cinco milímetros de diâmetro, cor de chumbo e muito semelhante aos discos usados no hóquei sobre o gelo. Era o famoso wootz, ou aço fabricado na Índia, e que – isso ele não mo quis dizer – tinha começado a ser-lhe entregue regularmente por uma caravana mesopotâmica.

No terceiro forno, sempre no maior dos segredos, o ferreiro

mergulhava a peça de wootz em temperaturas que oscilavam entre os seiscentos e cinquenta e os oitocentos e cinquenta graus centígrados, forjando depois o aço. (Os aços com um elevado teor de carbono são dúcteis a estas temperaturas) Como não tinham termómetros, estes engenhosos ferreiros calculavam as diferentes temperaturas por referências antiquíssimas e transmitidas de pais para filhos, como a encontrada no templo de Balgala, na Ásia Menor. Dizia assim: «Aqueça-se o bulat (aço de Damasco) até ele deixar de brilhar, tal como o sol nascente no deserto, arrefeça-se depois até abaixo da cor da púrpura real, e introduza-se no corpo de um escravo musculoso) a força do escravo transfere-se para a lâmina e é a única que confere a sua resistência ao metal».

À margem desta última e fantástica prescrição, a verdade é que as indicações das cores – sol nascente e púrpura real – eram bastante aproximadas. Cerca de mil graus Celsius para o sol nascente e uns oitocentos para a púrpura real. Por último, as peças eram temperadas em salmoura quente, a trinta e sete graus Celsius.

Devo confessar. O meu primeiro pensamento foi adquirir aquele exemplar super-secreto – desconhecido, até, para as legiões romanas – e levá-lo para o módulo. Mas esta acção não teria sido aprovada pelo Cavalo de Tróia e, tal como planeara, optei por obedecer ao meu impulso inicial: oferecê-lo, não a Maria, a mãe do rapaz, mas a Elias, seu pai. No fundo, o meu presente seria igualmente bem recebido pelos dois. Não houve problemas nem regateios na venda. Os cinquenta denários exigidos pelo ferreiro pareceram-me justos. Em compensação, consegui que o arranjo do candeeiro entrasse também naquele preço final. Ao receber as moedas de prata, o quenita encantado com a inesperada e perfeita operação, pegou no amuleto que tinha ao pescoço e beijou-o. Era um cravo de bronze de um supliciado na cruz! Talvez mais à frente surja uma oportunidade para falar também das

incríveis superstições dos judeus e pagãos que povoavam a Palestina de Cristo. Mas, meu Deus, tenho tantas coisas para contar!. Só peço forças para chegar ao fim do relato daquilo que foi a nossa segunda.

E terceira aventuras.

Consultei a posição do Sol. Faltavam cerca de duas horas para se pôr. Devia apressar-me se quisesse localizar os pastores de Emaús. Lucas diz no seu evangelho que entardecia quando se aproximavam da povoação e que os discípulos tentaram convencer o Aparecido a pernoitar em casa deles, já que o dia declinava.

Estas pistas, embora inseguras, eram as únicas de que eu dispunha. Se a aldeia em questão ficasse a sessenta estádios – dado fornecido também por Lucas (24, 13-14) – era lógico supor que os irmãos, bons andarilhos, dada a sua condição de pastores, deveriam partir de Jerusalém por volta das dezassete ou dezassete e trinta; isto é, uma hora ou hora e meia antes do ocaso, nessa data às dezoito horas e vinte e dois minutos, como já referi noutras ocasiões. Com um pouco de sorte, talvez os encontrasse ainda em casa de José. Como ficava em caminho, detivemo-nos uns minutos na residência do jovem João Marcos.

O rapaz, feliz, correu ao encontro da mãe e contou-lhe atabalhoadamente as nossas andanças. Elias, o esposo, ainda não tinha regressado, e, impaciente por ir ao encontro do ancião de Arimateia, coloquei a minha prenda nas mãos de Maria, aproveitando para lhe agradecer as atenções que tivera comigo. Atónita, a mulher não conseguiu pronunciar uma palavra. E, sem lhe dar a hipótese de rejeitar o presente, despedi-me dizendo-lhe que tinha quase a certeza de nos voltarmos a ver ao cair da noite.

O silêncio reinante na casa - em especial no andar de cima – deu-me a entender que tudo continuava igual entre os amigos do Mestre. E, sem esperar por João Marcos, saí a

correr e desci rapidamente uma das rampas semiescalonadas que ia acabar no ângulo sul da cidade.

Atravessei outra pequena ponte sobre o leito do Tiropéon e contornei a alta edificação que cercava a Piscina de Siloé. Os raios do Sol, já muito oblíquos, iluminavam as colunas que rematavam os muros daquele tanque tão popular. O tempo continuava a correr contra mim. Desta vez não podia falhar.

Era vital localizar os pastores e encontrar-me – face a face – com o misterioso ressuscitado. A sólida casa de José, construída ao pé da muralha oriental e muito próxima da sinagoga dos Libertos, foi sempre um dos sítios mais fáceis de localizar. O escudo circular, com uma estrela de David e as cinco letras hebraicas entre as pontas, formando a palavra Jerusalém, primorosamente lavrado no lintel de pedra, era para mim a última e definitiva confirmação.

Antes de entrar fiz uma ligação de rotina com o berço.

Eliseu parecia muito excitado e animadíssimo. Os seus trabalhos sobre o pano mortuário tinham começado a dar frutos surpreendentes. Confirmei a hora - dezasseis horas e cinquenta e cinco minutos – e, depois de nos desejarmos boa sorte, atravessei o umbral com determinação. Mas o meu entusiasmo não tardaria a desvanecer-se.

Logo da porta pude ouvir uma mistura de gritos e cânticos que me alarmou. Atravessei o vestíbulo e, ao pisar as tijoleiras do pátio central, o que vi acabou por me desconcertar. Homens e mulheres, discípulos e seguidores de Jesus na sua maioria, corriam de um lado para o outro, tropeçando uns nos outros e como se fugissem de alguma coisa.

Gritavam, riam ou choravam, abraçando-se e levantando os braços ao céu. Num canto, no claustro em arcadas que rodeava aquele lugar, outro grupo de mulheres batia palmas e dançava numa roda. Não percebia nada. Ao ouvir os lamentos pensei que tivesse acontecido alguma desgraça

repentina em casa do ancião membro do Sinédrio. Mas, por outro lado, as danças e demonstrações de alegria.

Inesperadamente, vi aparecer José por uma porta que dava para o pátio, seguido de um dos criados. O escravo trazia um cântaro e um pano branco no braço direito. Os dois estavam com pressa. Quando me viu, José de Arimateia fez-me um gesto, sem se deter, para que eu o seguisse. E assim fiz, intrigado e confuso.

Entrámos num quarto, fracamente iluminado por quatro ou cinco lâmpadas de azeite. A princípio apenas distingui uns vultos curvados que se agitavam na penumbra. José e o criado passaram entre as sombras, e foi então que reparei que se tratava de outro grupo de mulheres a choramingar. Olhei por cima das mulheres e vi no chão, desmaiada sobre as esteiras, a minha velha amiga: Maria Madalena. Senti um calafrio. Que lhe teria acontecido desta vez? Ajoelhei-me ao lado de José e, enquanto o criado molhava o pano na água do jarro, tomei-lhe o pulso. Não parecia grave. Ao contacto com a frescura do lenço, a extenuada Madalena estremeceu.

- Que aconteceu? - perguntei a José sem fazer ideia do que se passara.

José teve dificuldade em responder. A sua cara apresentava uma palidez tão acentuada como a da mulher. Fazendo um esforço, como se lhe faltassem as palavras, sussurrou, ao mesmo tempo que desenhava um círculo no ar, apontando para o grupo de mulheres:

- Estas. Que dizem terem-No visto.

Eu ouvira-o perfeitamente. Mas, durante alguns segundos, fiquei mudo. Perplexo.

- Outra vez? - consegui balbuciar.

José de Arimateia pôs-se de pé e eu fiz o mesmo. E ambos nos afastámos do grupo que solícito assistia Madalena. Maria começava a recuperar do desmaio. Uma vez

distanciados, pedi-lhe que se explicasse melhor.

- Não sei – hesitou o ancião -, eu não estava aqui. Dizem que voltou a aparecer.

- Mas quem?

O meu interlocutor olhou para mim com uma certa reprovação.

De facto, a pergunta tinha sido totalmente estúpida.

- Ah, compreendo! - rectifiquei, olhando-o fixamente.

Mas José evitou o meu olhar e, antes que eu conseguisse manifestar o meu profundo cepticismo, adiantou-se e disse-me:

- Sei no que pensas. Mas, desta vez, há mais alguma coisa.

Uma coisa que, certamente, ainda não sabes.

Aguardei, expectante. Mas a entrada em cena do criado frustrou o esclarecimento do nervoso dono da casa. O escravo acabara a sua tarefa e perguntou ao patrão se seria preciso chamar um médico. José de Arimateia repetiu-me a pergunta e eu, convencido de que os sintomas reflectiam apenas um mal-estar passageiro e de pouca importância, disse que não com a cabeça. O criado inoportuno retirou-se e José, que parecia ter-se esquecido das suas palavras anteriores, deu meia volta e foi outra vez para junto do grupo. Maria, quase recuperada, estava recostada sobre várias almofadas. Acabavam de lhe dar um copo de vinho e ela, sorvendo-o aos poucos, tentava recuperar as forças.

José de Arimateia pediu silêncio e, dirigindo-se a Madalena, perguntou-lhe: - Queres contar-nos de novo o que aconteceu? A mulher levantou os olhos. Olhou para nós com um cansaço infinito e acedeu, com um movimento de cabeça quase imperceptível. Uma lágrima solitária começara a rolar-lhe pela face direita. Senti compaixão. Três aparições, e ela como testemunha de todas era de mais. Aquela situação começava a preocupar-me seriamente. Estaria Madalena no

seu perfeito juízo? A morte do seu adorado Mestre tê-la-ia perturbado? Naquele momento lamentei não ter investigado os antecedentes de Maria.

Que teria querido dizer o evangelista quando assegura que Madalena foi curada por Jesus, expulsando dela sete demónios? Tratava-se de algum tipo de doença mental? Talvez de uma ninfomania. Ou estaria a referir-se a um contágio venéreo? Não me podia esquecer dos seus anos como prostituta na cidade de Magdala. É claro que essa expressão – sete espíritos malignos ou imundos – podia também ser um código ou uma imagem esotérica ou cabalística de que os orientais tanto gostavam.

E decidi-me a, na primeira oportunidade, falar com ela e tentar reconstruir a sua história clínica. À primeira vista, Maria era uma mulher saudável. Com demasiada experiência para a sua idade – fruto do seu trabalho como cortesã -, valente e sincera.

Revoltava-se contra a odiosa e forte opressão das suas companheiras na sociedade judaica. Sempre me tinham chamado a atenção a sua audácia e lucidez mental. E, pela enésima vez, perguntei a mim próprio se ela não estaria a ser vítima de algum tipo de alucinação ou neurose. Dentro do complexo mundo da psicopatologia da percepção, o estado afectivo do indivíduo pode alterar gravemente a objectividade do que observa ou do que julga observar. E o estado de espírito de Maria, como o de muitos discípulos, encontrava-se alquebrado pelos últimos e funestos acontecimentos 1.

Revi os meus antigos conhecimentos de psiquiatria e psicopatologia, no intuito de racionalizar aquele cada vez mais complicado fenómeno das supostas aparições cristológicas. De acordo com a clássica definição de alucinação dada por Ball, ela é resultado de uma percepção sem objecto, com o pleno convencimento do sujeito da realidade do mesmo. Desta forma, a alucinação verdadeira

ou psico-sensorial é definida por Ey e Claude em função de três parâmetros: projecção objectivante no espaço exterior ao sujeito, cuja personalidade fica inteiramente implicada neste acto perceptivo anómalo; ausência do objecto e juízo de realidade positivo. Para aquela mulher de Magdala e restantes testemunhas o objecto - neste caso Jesus – era algo real e exterior a elas. Com formas físicas claras e, até, com voz. As coisas portanto, complicavam-se extraordinariamente. Esta suposta realidade externa descartava a primeira categoria de alucinações: a que Ey chama pseudo-alucinação ou alucinação psíquica e que é frequentemente um distúrbio comum nas esquizofrenias e outros delírios crónicos. Um dos dados que melhor a definem é o seu aparecimento no interior do indivíduo. Que eu soubesse, nenhuma daquelas mulheres sofria de esquizofrenia.

Quanto ao segundo tipo de alucinação – a alucinose -, também não aparecia com muita clareza. As alucinoses definem-se como percepções sem objecto correctamente criticadas pelo protagonista, que as vive como algo patológico. Que eu recordasse, Maria Madalena sempre rejeitara a possibilidade de que fosse irreal o que vira ou ouvira. Tentou mesmo abraçar os pés transparentes do Mestre. De qualquer forma, tudo aquilo era muito confuso. Eu desconhecia se a mulher havia sofrido, ou sofria nesse momento, de alguma doença somática.

Restava a terceira categoria – a ilusão -, que pressupõe uma deformação de algo real e que costuma aparecer em pessoas saudáveis e em doentes. Se forem frequentes e muito vivas chamam-se pareidolias. É bem conhecido o exemplo de indivíduos que, partindo dos ramos de uma árvore, julgam estar a ver as mais diversas caras ou figuras. Nesta nova hipótese, eu esbarrava com outro problema não menos espinhoso: o que poderia ter sido esse algo real que, tanto Madalena como as outras, haviam forjado nas suas

mentes, transformando-o numa ilusão? Por não dispor de elementos concretos, não quis sequer pôr a hipótese da possível ou possíveis causas das alucinações em questão, supondo, repito, que o fossem. (É claro que algumas teorias patogénicas de alucinações não se adaptavam ao caso de Maria)

E, no capítulo psiquiátrico da classificação dos distúrbios perceptivos, segundo o canal sensorial, as chamadas alucinações visuais também não se adaptavam totalmente ao descrito por aquelas hebreias. As características destas alucinações variam extraordinariamente: aparecem como elementares ou complexas, móveis ou estáticas, a preto e branco ou a cores, agradáveis ou ameaçadoras (que são as mais comuns), de tamanho reduzido ou liliputianas ou gigantes (gulliverianas)

As descrições que eu ouvira – um Jesus estático, nada ameaçador, colorido e de tamanho natural – constituíam uma arrevezada miscelânea que coincidia em parte com os traços típicos das alucinações visuais. Enfim: uma autêntica confusão.

- Por favor. - animei Madalena. - O que é que aconteceu? Suspirou e, entre lamúrias começou:

- Estava eu aqui, com estas, a falar das duas aparições do Rabi em Betânia quando. Não consegui aguentar. Ao ouvir aquilo reagi com brusquidão.

- Betânia? Duas quê?.

Madalena não gostou do tom. E José, conciliador, pediu-me calma. . Estava a meio do que aconteceu em casa de Lázaro – prosseguiu ela – quando, inexplicavelmente sentimos frio. Foi uma sensação muito nítida. Como a de um vento gelado. Olhámos umas para as outras, em silêncio, espantadas. Essa porta estava aberta, sim, mas lá fora não havia vento nem estava frio.

Apesar do evidente cansaço, Maria falava com o seu

habitual domínio e bom senso. E isto mergulhou-me numa confusão maior.

-E, de súbito, no centro do grupo, vimos a figura do Mestre. Ao ouvirem isto, algumas mulheres desataram a chorar nervosamente. Impacientei-me. Mas o ancião, com voz imperativa, ordenou silêncio. - Era Ele! E saudou-nos, dizendo: «A paz seja convosco».

Preferi não fazer perguntas. Primeiro tinha de ouvir a versão de Madalena.

Depois disse-nos: «Na comunhão do reino não haverá nem judeu nem gentio. Nem rico nem pobre. Nem homem nem mulher.

Nem escravo nem senhor. Vós também sois chamadas a proclamar a boa nova da libertação da Humanidade pelo evangelho da união com Deus no reino dos céus. Ide pelo mundo inteiro anunciando este evangelho e confirmando os crentes nesta fé. Sempre que fizerdes isto, não vos esqueçais dos doentes e dai alento aos tímidos e temerosos. Estarei sempre convosco até aos confins da Terra». - E, dito isto, desapareceu. Nós, como já sabeis, caímos de joelhos, mortas de medo. Suponho que perdi os sentidos. O resto já o sabeis.

Terminada a exposição, fez-se um profundo silêncio.

Evidentemente, Maria estava muito afectada. Eu diria que muito mais do que das vezes anteriores. A sua atitude era até diferente. Havia passado da euforia, dos gritos e da luta contra os cépticos a uma introversão e melancolia impróprias do seu temperamento. Chorava, sim, mas doce e sossegadamente.

Não mostrava desejo de falar ou de comunicar com alguém. Era muito estranho.

Mas eu precisava de esclarecer aquele manicómio. Que teria querido dizer com aquilo das aparições em Betânia?

Será que continuavam a repetir-se as supostas visitas do Ressuscitado? Aquilo não tinha pés nem cabeça.

Os evangelhos não dizem nada de possíveis materializações de Jesus em casa de Marta e de Maria, nem daquela terceira e duvidosa presença diante de Madalena e das outras que a acompanhavam. É claro que também nesse aspecto eu não confiava nos evangelistas. Se Maria e as outras não estavam a mentir e não eram vítimas de uma alucinação, as palavras do Filho do Homem, e o facto em si de se fazer ver só por mulheres, eram sumamente interessantes e significativos. Repito: se fosse verdade a presença do Rabi, a confirmação do papel das

mulheres na pregação do Evangelho do Reino fora escamoteada pelos homens. Assim, clara e categoricamente. E não era de estranhar, dado o secundário, quase infantil e menosprezado lugar das mulheres na sociedade de então e dos séculos seguintes. Eis um testemunho que, se houvesse sido publicado, talvez tivesse alterado os esquemas estreitos, mesquinhos e machistas das igrejas em relação às mulheres.

Desta vez respeitei o silêncio de Maria. E, pegando no braço de José, saímos da casa. Eram muitas as perguntas que eu lhe queria fazer. A minha pressa desapareceu. O rumo inesperado dos acontecimentos daquele agitado domingo fez com que eu me esquecesse temporariamente dos planos da missão. Se as supostas novas aparições fossem reais, o que é que interessava localizar e seguir os pastores de Emaús? Jesus de Nazaré era capaz de se apresentar no lugar menos esperado. Tinha de manter os olhos bem abertos. Deixar-me guiar pela intuição e, naturalmente, tentar reconstituir aquela charada.

Passeámos durante muito tempo sob o tecto de cedro trabalhado dos claustros. As mulheres, mais sossegadas, continuavam com os seus cânticos. Um criado veio ter connosco, oferecendo-nos uma deliciosa e reconfortante taça

de vinho tinto doce, aromatizado com mel.

A verdade é que o bom José não soube dar-me muitas explicações sobre o assunto de Betânia. Estava ocupado noutras tarefas quando, por volta das quatro e um quarto dessa tarde, os criados lhe anunciaram a visita de Maria Madalena. Vinha de casa de Marta e Maria, na pequena aldeia do leste. Segundo parecia, depois da sua segunda visão no horto, e do seu novo e sonoro fracasso com os apóstolos, tomou a decisão de ir a casa de Lázaro a fim de lhes dar as notícias de que ela fora, em parte, protagonista.

Algumas horas antes, como eu já sabia, David Zebedeu passara pela casa de José de Arimateia, para ir buscar a mãe, Salomé, e despediu-se de todos, dirigindo-se para o mesmo destino de Madalena. Quando esta chegou a Betânia, os rumores sobre o túmulo vazio já circulavam pela povoação. Os numerosos peregrinos e caminhantes tinham-se encarregado de os divulgar e já eram conhecidos pelas irmãs do Ressuscitado e pelos membros da família de Jesus que se haviam hospedado naquela quinta. - Não sei muito bem – comentou José de Arimateia -, mas imagino que os irmãos do Mestre também duvidaram das palavras de Madalena.

O facto é que, por volta da hora sexta (mais ou menos meio-dia, quando Maria conversava com os de Betânia, aconteceu outra vez. José de Arimateia deteve-se diante da caixa em que guardava as suas valiosas pedras ovais e esféricas e o vaso de diatreta encontrado na Germânia e, durante alguns segundos, encerrou-se num pesado silêncio.

Depois como que tentando convencer-se a si próprio, murmurou:

- Mas nessa ocasião não foi visto por mulheres assustadiças.

O ancião, com grande surpresa minha, terminou o seu curto relato – por sua vez tomado do de Madalena – infõrmando-me que a testemunha dessa aparição (a terceira, segundo a

minha contabilização) tinha sido Tiago, um dos irmãos do Nazareno.

Este facto ainda confundira muito mais José de Arimateia. De facto, Tiago era um homem muito sensato e correcto. Maria, apesar da sua natural loquacidade, mostrara-se um pouco indecisa quando teve de descrever a visão.

- Pelos vistos – acrescentou José -, o encontro com Jesus foi muito particular.

A segunda visão de Betânia – sempre segundo o ancião – teria ocorrido algumas horas depois. Passava já da hora nona (mais ou menos quinze horas). José falava por ter ouvido dizer, como no relato anterior. Mesmo assim, este quarto acontecimento – considerado apenas cronologicamente – parecia tê-lo afectado tanto ou mais que o de Tiago. A razão era muito simples: essa nova aparição do Filho do Homem, também em casa de Lázaro, fora compartilhada por Marta, Maria, a família do Galileu e por David Zebedeu e sua mãe, que, segundo parecia, acabavam de chegar à aldeia.

Eu conhecia um pouco o carácter frio e sóbrio do chefe dos correios e compreendi, tal como o meu amigo, que David não era pessoa fácil de enganar ou sugestionar. O facto deixou-me perplexo. Ao interessar-me pelas circunstâncias desta última presença e pela possível mensagem de Jesus, o ancião encolheu os ombros. Maria Madalena – que também presenciara o incrível acontecimento – quase não se tinha referido a ele.

Santo Deus! O labirinto começava a tornar-se um pesadelo.

Madalena, nesse caso, vira e ouvira o Ressuscitado. Quatro vezes! Depois estavam aqueles homens – Tiago e David – dignos de toda a confiança. E as minhas convicções sobre o fenómeno das aparições começaram a desmoronar-se. Já não estava tão seguro de tudo ser pura imaginação, fruto da neurose de mulheres emocionalmente perturbadas ou simples alucinações, individuais ou colectivas. Confesso

honestamente: a minha mente, em branco, negou-se a raciocinar. Talvez fosse melhor assim. A única coisa que, suponho, me animou a continuar naqueles momentos difíceis e confusos foi o rígido sentido da minha educação militar. Agora, mais do que nunca, tinha de conservar a calma e a frieza.

É claro que era obrigatória a minha ida a Betânia. Embora figurasse no programa do Cavalo de Tróia, decidi antecipá-la.

Os encontros com David e com o irmão de Jesus eram vitais.

Estava decidido a pôr em ordem a teia de aranha que me envolvia e, graças aos céus, consegui-lo-ia. Mas antes – pois claro! - ainda teria de aguentar mais sustos.

Suponho que foi uma falha da minha memória. Nunca me tinha acontecido. E embora não entre nos meus cálculos justificar-me, aquele lapso e o que me aconteceria pouco depois, quando estava a ponto de entrar no cenáculo, foram totalmente alheios à minha vontade. Irei por partes.

Por volta das dezoito horas, em pleno caminho de volta a casa dos Marcos, apercebi-me que não tinha perguntado pelos irmãos de Emaús. Atribuí o esquecimento às emoções e à velocidade frenética a que se davam os acontecimentos. Com a casa à vista detive-me, colocando-me o dilema: que fazer? Aventurava-me pela Estrada de Jafa, no encalço dos pastores, ou permanecia na residência de Elias, à espera da suposta aparição aos amigos do Nazareno? Avaliei as minhas possibilidades. A noite cairia pelas dezoito horas e vinte e dois minutos. Na realidade, como diziam os hebreus, já quase não se distinguia uma linha branca de outra negra.

Se fosse atrás de Cléofas e de Jacob precisaria – com sorte - de cerca de hora e meia para fazer os onze quilómetros que me separavam da povoação dos vimeiros. Isto é, por muito que corresse – e o escuro não me facilitaria as coisas -, a noite surpreender-me-ia a meio do caminho. A pele de serpente e os ultra-sons da vara eram uma boa protecção. No entanto, o Cavalo de Tróia recomendava não correr riscos.

Sobretudo os desnecessários. Não sei se já comentei o problema dos caminhos de Israel naquela época. Os ladrões, bandoleiros, mendigos famintos, escravos fugitivos e sicários, ou revolucionários que se constituíam em partidas contra os romanos ou contra as hostes da numerosa família herodiana, eram uma legião nas estradas e azinhagas. Sobretudo nas da parte oriental. Isso aconselhava nunca viajar de noite e muitíssimo menos sozinho.

Por outro lado, o facto de não conhecer fisicamente os pastores e a possibilidade de me cruzar com eles em plena caminhada acabou por me fazer desistir. O mais prudente e prático seria esperar pelos acontecimentos na companhia dos Marcos. Apesar de tudo, pensei, enquanto batia à porta, se conseguisse estar presente na que é referida como a última aparição do Ressuscitado naquele domingo, os objectivos da missão estariam em grande parte satisfeitos.

Alguém, do outro lado da porta, me obrigou a identificar-me. Só então, e com medidas de segurança exageradas, pude entrar na casa. Fiquei alarmado com aquela mudança. Que se estaria a passar? Depressa o comprovaria por mim mesmo.

O facto é que, entre os Marcos e os criados, reinava uma agitação especial, uma mistura de nervosismo e de alegria incontida. Ao princípio não percebi muito bem tão contraditória situação.

O dono, de volta do campo, recebeu-me no pátio com o tradicional beijo da paz. Correspondi-lhe com outro beijo na

face e, durante alguns minutos, tive de suportar, sorridente, as suas paternais repreensões. O meu presente – disse – era tão régio quanto desnecessário. Maria, a esposa, veio libertar-me, censurando o bom Elias pela sua tagarelice e falta de tacto para com um amigo. Vi que estava feliz.

Obrigou-me a sentar num dos tamboretes estrategicamente espalhados à volta da fogueira, sobre a qual balançava uma caçarola de cobre com quase meio metro de diâmetro. O enorme caldeirão estava suspenso de uma corrente que, por sua vez, estava fixada numa das vigas de madeira calafetada que cruzava o pátio a céu aberto. O cheiro que vinha da panela fez-me lembrar que há muitas horas que eu não comia nada. (Na realidade, mil novecentos e quarenta e três anos).

Não vi João Marcos. A mãe dele continuava a mexer o guisado e, enquanto o anfitrião me servia uma generosa taça de vinho do Hébron, perguntou-me se eu estava a par das notícias que circulavam em Jerusalém. Respondi-lhe que em parte, e ela, desejosa de me transmitir a sua alegria, foi-me contando alguns dos rumores que já conhecia. Mas os meus pensamentos estavam no andar superior e com o pretexto de dar uma olhadela ao guisado, aproximei-me de Maria Marcos e perguntei-lhe como estavam os amigos de Jesus. A senhora recolheu o seu quase permanente sorriso, resumindo a situação com uma palavra:

- Abatidos!

Levantando os olhos para o andar onde continuavam encerrados, sugeriu que podia comprová-lo por mim mesmo.

O aroma das lentilhas a ferver, sabiamente condimentadas com cebola e louro, distraiu-me momentaneamente. A mulher apercebeu-se e, curiosa, perguntou-me se eu estava com fome.

Reconheci que tinha muita, apesar de ter almoçado tanto, menti-lhe, e tão cedo que sessenta corredores não teriam

conseguido alcançar-me. Maria sorriu, reconhecendo o velho adágio hebreu e, depois de provar as fumegantes lentilhas na ponta da sua colher de pau, chamou um dos criados para que me acompanhasse ao andar superior. Levando uma concha do mar em que flutuava uma espécie de lamparina de azeite, o fiel criado foi à minha frente em direcção ao sítio onde se encontravam os 10.

Naquele momento, o longo e triste som do sofar – um chifre de bode – anunciou o fim do dia. O luar de Nisan não tardaria a brilhar no sereno céu da Cidade Santa. Naquele momento não me pareceu grave. Agora sei que tenho de o contar. Aconteceu ao subir os dez ou quinze degraus de pedra que conduziam ao cenáculo. Foram só uns segundos. De repente a minha visão enevoou-se. Pareceu-me ter perdido a noção do tempo e do espaço. Tudo foi vertiginoso. Tive de apoiar-me na parede e, instintivamente, fazer várias respirações rápidas e profundas.

Sacudi a cabeça sem compreender. Um suor frio empapou as minhas têmporas, e imediatamente a obnubilação cessou. Que me tinha acontecido? Refeito daquela estranha tontura, tranquilizei-me atribuindo-a às quase dezassete horas de constante ir e vir sem comer qualquer alimento. Dias depois, na terceira ida ao módulo, compreenderia que aquela indisposição passageira era devida a razões mais sérias. Mas falarei disso a seu tempo.

O criado bateu três vezes com o nó dos dedos, e logo a seguir se ouviu uma voz do outro lado da porta: - Quem é?

- Um crente! - respondeu o criado.

Ainda não havia saído do meu espanto quando ouvi e identifiquei o ranger do pau que trancava a porta a ser tirado. A porta foi entreaberta e, comprovada a identidade do criado, o discípulo – um dos gémeosdeixou-nos entrar. O meu gentil acompanhante retirou-se e, em seguida, Judas Alfeu, como se a sua vida dependesse disso, foi trancar de

novo a porta. Observei-o entre o atónito e divertido. Qualquer levita ou guarda do Templo teria podido abri-la com um pontapé. Mas o terror daquela gente era tanto que pareciam cegos. Será que a absurda e quase grotesca contra-senha teria servido para alguma coisa na hipótese de a casa ser invadida pelos inimigos?

Deus do céu! Que diferença abissal no ambiente dos dois andares! Em baixo, os seguidores de Cristo estavam praticamente convencidos da sua ressurreição. A esperança e o júbilo eram um dado físico palpável. Ali, a tão poucos metros, entre os grandes do reino, encontrei só desolação. Que mal e tão sumariamente foi esta dramática situação registada pelos evangelistas!

A meia dúzia de lâmpadas de azeite que alumiava a sala fora reduzida, a muito custo, a duas precárias e insuficientes chamazitas. Uma na parede da direita e a outra em cima da mesa em forma de U. Nos primeiros momentos tive problemas para identificar as pessoas. A visão era limitadíssima. O apóstolo que nos abrira a porta e João Zebedeu acolheram-me de imediato, bombardeando-me com perguntas. Pareciam os únicos com um mínimo de vitalidade naquele quadro decepcionante.

Enquanto me aproximava de um divã desocupado, fui respondendo com monossílabos e sem a menor precisão. Pelo que consegui captar, o jovem João Marcos informara-os acerca da evolução dos acontecimentos, embora ignorassem os de Betânia e, é claro, o recentíssimo acontecimento em casa de José de Arimateia. Prudentemente, não fiz a menor alusão a estes factos.

O meu papel continuava a ser o de um observador e por nada deste mundo eu podia, nem devia condicioná-los. Suponho que esta minha extrema sobriedade os terá defraudado. Durante alguns minutos, deixaram-me em paz. Os meus olhos, novamente acostumados à difícil penumbra, percorreram a sala tentando distinguir os ali enclausurados e

adivinhar os seus estados de espírito.

Tudo continuava mais ou menos como quando os deixara. Talvez pior. Simão, o Zelota, reclinado no seu assento e de cara para a parede. Parecia adormecido. Simão Pedro, sentado ao pé do irmão, com a cabeça apoiada entre as suas grossas mãos e resmungando sem cessar. Os outros, reclinados nos bancos avermelhados ou dormitando no soalho. Dois deles – o segundo gémeo e Mateus Levi – ressonavam beatífica e ritmadamente.

Pareceu-me a atitude mais inteligente. Tiago, o irmão de João, foi talvez quem mais me deixou preocupado naquela minha primeira vista de olhos. Tinha ido sentar-se no fundo do salão, recostando-se contra a parede. Num inabordável silêncio, matava o tempo numa tarefa que hoje poderia fazer estremecer os cristãos mas que na altura, dadas as circunstâncias e a sua deplorável concepção dos acontecimentos, nada tinha de estranho.

Mecânica e pacientemente, fazia passar a lâmina da sua espada sobre uma pedra negrusca que, provavelmente, continha coríndon granulado, que afiava melhor a arma. Agora sei que o som sibilante – o único que quebrava aquele ambiente carregado, juntamente com o ressonar e os cochichos de Pedro e de André – era na verdade, o melhor resumo dos pensamentos dos ali presentes. Só importava a sobrevivência.

Estava há pouco mais de um quarto de hora na sala quando, talvez cansado de aguentar as lamentações do irmão, André – o que fora o chefe dos apóstolos – se veio sentar ao meu lado. E mantivemos uma interessante e esclarecedora conversa.

Sobretudo para mim. O sofrimento daquele pescador, como o da maioria dos seus companheiros, era digno de compaixão. O galileu, solícito e agradecido pela oportunidade de poder descarregar a sua angústia e os seus

receios, foi respondendo às minhas perguntas. Era verdade que tinham discutido a ideia de fugirem da cidade. Mas o medo que tinham do Sinédrio, não me cansarei de insistir nisto, era total. E, por unanimidade, decidiram fazê-lo de noite. Era inacreditável! Conheciam, não haja dúvida, os insistentes rumores que circulavam em Jerusalém.

Rumores contraditórios, é verdade, mas que, na sua maioria, estavam de acordo com o possível e milagroso fenómeno do regresso à vida do saudoso Mestre. No entanto, nem um tivera a coragem de sair às ruas e interrogar as pessoas. De facto, a ida de Pedro e João ao túmulo apenas servira para aumentar as dúvidas, as agressões verbais e o pânico de uma possível prisão. Se Caifás foi capaz de pôr termo à vida de Jesus, pensavam eles com razão, que tipo de benevolência podemos esperar nós, os seus seguidores?

André lamentou-se também pelo pouco valor que até então tinham dado ao excelente serviço de David Zebedeu e os seus correios. Agora, apesar de João Marcos e algumas mulheres os manterem informados, compreendiam a importância daquele trabalho. Tenho de ser sincero mais uma vez. O abatimento e a tristeza daqueles pobres e infortunados discípulos eram tão grandes que pouco faltou para que eu os pusesse a par do que sabia.

Pouco a pouco, quase sem nos apercebermos, André e eu fomos revendo a situação pessoal de cada um dos presentes. O antigo chefe dos apóstolos – que se sentia muito aliviado pelo facto de ter sido exonerado da sua responsabilidade em momentos tão difíceis – elogiou sem rodeios João Zebedeu.

Foi o único a manter a fé na ressurreição de Jesus. Recordou-lhes cinco vezes as promessas do Rabi e – sempre segundo o meu informador – noutras três ocasiões referiu-se às palavras do Mestre sobre a data exacta do seu regresso à vida: ao terceiro dia. Bartolomeu sentiu-se especialmente reconfortado com a insistência obstinada de João. Mas,

segundo parecia a juventude do Zebedeu tirara seriedade e gravidade àquelas palavras cheias de esperança. E o grupo acabou por ignorá-lo ou dizer-lhe que se calasse.

Tiago, um dos mais racionais, absorto no trabalho de afiar o seu gladius, tinha apoiado, a princípio, a sugestão de irem todos juntos ao túmulo e comprovar o que lhes tinha sido contado pelas mulheres, por Simão Pedro e pelo seu próprio irmão. É preciso chegar ao fundo do mistério, chegou a dizer de manhã. Contudo, perante as exigências de Bartolomeu, e de mais alguns, de não aparecerem em público para assim não exporem as suas vidas, como lhes pedira o Mestre, o Zebedeu acabou por ceder, encerrando-se naquele triste mutismo.

Limitou-se, como a maioria, a esperar os acontecimentos, muito desiludido, isso sim, diante do inexplicável comportamento de Jesus. - Inexplicável comportamento?. - perguntei-lhe, sem compreender. André, baixando o tom da voz, fez-me ver que não eram tão estúpidos e que, naturalmente, perante a avalancha de notícias sobre as aparições do Rabi, muitos pensavam que essas misteriosas presenças do Mestre podiam ser reais. Mas, nesse caso, por que motivo Jesus não se apresentava primeiro aos eleitos? Que razão havia para que o fizesse a umas mulheres tontas e inúteis, cujo papel na evangelização do reino era publicamente reconhecido como nulo?

- Tens de concordar connosco – sentenciou, convencido -, que, se Jesus tivesse ressuscitado de entre os mortos e decidido tornar-se visível, fá-lo-ia primeiro, e antes de mais nada, aos seus amigos mais íntimos. A nós.

Olhei para ele, surpreendido. André falava absolutamente a sério. Eis outro pormenor habilmente esquecido pelos evangelistas; homens, ao fim e ao cabo.

Depois do que acabava de escutar não pude deixar de ouvir também as outras explicações com algum tédio e indiferença.

Bartolomeu, com a sua típica conduta sempre indecisa, não conseguia definir-se. Nunca negou a possibilidade de Jesus ter ressuscitado mas também não se declarou a favor. Animou os seus irmãos, é verdade, mas apenas num nível puramente humano.

- Quanto a Simão o Zelota – André apontou para o divã onde Simão continuava deitado -, é como vês. Ainda não abriu a boca. Parece estar aterrorizado. Pelos esclarecimentos do pescador deduzi que o simpatizante dos zelotas se negara a participar nas discussões. O seu conceito de reino caíra por terra. Num momento de lucidez chegou a intervir na polémica, assegurando com uma perigosa carga de pessimismo que, realmente, o facto da discutível ressurreição do Rabi não vinha alterar a situação.

Ele, pelo menos, sentia-se incapaz de ver em que medida o pouco provável regresso à vida do Crucificado alteraria a desonrosa situação geral. Tal como o Galileu previra, precisaria de muito tempo para vencer a decepção, o medo e a ruína moral. O caso de Mateus Levi, docemente ausente graças ao sono, também reflectia a sua particular idiossincrasia. Segundo André, o seu único problema eram as finanças. Como já comentei, David Zebedeu entregara-lhe a bolsa com o dinheiro da comunidade e, desde esse momento, o seu velho espírito de cobrador de impostos impusera-se sobre o resto. Não deu uma opinião sobre a discutida ressurreição.

Não era coisa que o preocupasse naqueles momentos. A sua obsessão era a falta de um chefe hábil e capacitado para levar adiante o projecto do reino e as contas. «Não tomarei decisões», resumiu Mateus «antes de ir dormir, enquanto não vir Jesus face a face».

Sem querer, Mateus descobrira o seu subconsciente, reconhecendo que acreditava – ou queria acreditar – na ressurreição do Rabi. Os gémeos de Alfeu, como sempre, eram um caso à parte. As suas únicas preocupações sérias tinham sido de carácter doméstico: comida, entrincheiramento da porta, contra-senha, etc.

- Só numa ocasião – manifestou André com um sorriso de benevolência – se atreveram a dar a opinião, e porque forçados por uma pergunta directíssima de Filipe. «Nós», disseram, «não percebemos muito bem toda essa história do sepulcro vazio e da ressurreição de Jesus, mas a nossa mãe diz que falou com o Mestre, e acreditamos nela».

Não fiz mais comentários sobre os gémeos ingénuos mas fiéis.

Filipe, falador e chalaceiro, fizera jus à sua fama de brincalhão e tagarela incorrigível. Foi quem mais participou nas discussões, andando sem cessar de um lado para o outro da sala.

André fez um gesto de censura, perante o que qualificou de dúvidas infantis do seu companheiro. Pelos vistos, a máxima preocupação de Filipe, o intendente, repetida até à exaustão durante toda aquela tarde, era a de saber se Jesus – depois de ressuscitado – continuaria ou não com as marcas fisicas da crucificação.

Como vemos, não era só Tomé – refugiado na aldeia de Betfagé – o único que tinha curiosidade por uma coisa tão banal. É claro que os outros nove, embora o ouvissem de bom grado e com paciência não tiveram em muita consideração as reflexões mórbidas de Filipe. Simão Pedro, em especial, mostrou-se corrosivo para com o inocente apóstolo.

Deixar o irmão de André para o penúltimo lugar daquele exame apressado não foi casual. Eu tinha um interesse especial em Pedro. A sua personalidade contraditória, e tudo o que ele vivera desde a prisão de Jesus de Nazaré mereciam

uma análise pormenorizada e o mais racional possível.

A sua conduta naquele domingo – creio-o sinceramente – não foi mostrada na sua verdadeira dimensão. E é preciso conhecê-la para o compreendermos e compreender a sua gigantesca tragédia interior. O fogoso pescador da Galileia – isso eu percebi – fora passando, durante as horas que se seguiram à prisão e crucificação do seu Amigo, pelas seguintes fases: tristeza, desalento e medo.

Na madrugada do primeiro dia da semana, ao tomar conhecimento do sepulcro vazio e da suposta aparição de Jesus, sentiu irritação e um cepticismo brutal, e tudo isto mergulhado num pavor acrescido da polícia do Sinédrio. Depois, ao comprovar por si próprio a veracidade do sepulcro vazio, teve dúvidas também espantosas que foram perfeitamente controladas e dominadas até ficarem reduzidas à teoria do roubo do cadáver. Mas as notícias e os rumores sobre novas aparições continuaram a multiplicar-se, e Simão Pedro – que desejava como ninguém o regresso do seu Senhor – foi evoluindo para uma posição ao mesmo tempo mais maleável e mais perigosa.

Com o passar das horas, sem muita força para negar com a tenacidade dos primeiros momentos, o atormentado apóstolo chegou a dizer: «Se ressuscitou e falou com as mulheres, porque é que não aparece aos seus apóstolos?» E um lamentável pensamento começou desde então a cristalizar no seu coração. André estava convencido – assim ouvira dizer a seu irmão – de que Simão Pedro se sentia culpado.

- Porquê? - interrompi-o, sem saber onde ele queria chegar.

André abanou a cabeça como se estivesse diante de uma criança.

- E tu ainda perguntas, Jasão?

Lançou um olhar complacente ao irmão e continuou:

- Fugiu como todos nós e, além disso, renegou-O.

Compreende-se que se sinta mal.

Começava a perceber a nova obsessão do rude pescador. O que seria confirmado por André. Simão Pedro – apesar do relativo e passageiro consolo que significou para ele a menção do seu nome numa das aparições – caíra no erro de pensar que o Filho do Homem não se apresentava diante dos escolhidos por culpa da sua quádrupla traição no pátio de Anás, o sogro do sumo sacerdote.

Por outro lado, para acabar de baralhar ainda mais a sua mente confusa, continuava a não querer aceitar o testemunho das mulheres. A alternativa e o pânico de ser feito prisioneiro mantinham-no encurralado. Pouco antes, quando o vira cochichar com André, Pedro tomara uma decisão: estava disposto a separar-se do grupo apostólico. Só assim – pensava o aturdido discípulo -, supondo que Jesus tivesse realmente ressuscitado, se daria a ansiada aparição do Mestre aos seus.

Fiquei perplexo.

- Tenciona, realmente, ir-se embora?

O irmão assentiu com resignação.

- E nada nem ninguém conseguirá que ele mude de ideias – insistiu. Disso, sim, estava seguro. Aquele que mais tarde viria a ser uma das cabeças do movimento cristão era lento e tardo nas decisões, mas, uma vez tomadas.

- E quando pensa ele partir?

André não tinha a certeza.

- Não mo disse, mas imagino que esta mesma noite.

Para mim era claro que Simão Pedro estava a ser vítima de uma crise neurótica aguda. Bastava vê-lo e saber das suas mudanças contínuas, complexas e absurdas, para perceber que atravessava o que hoje poderíamos definir como uma forma clínica de neurose: angústia histérica, fóbica ou obsessiva.

Talvez fosse uma mistura da primeira e da última. O estado de espírito do meu companheiro – André – talvez fosse um dos mais estáveis: aliviado pela sua libertação como chefe daqueles homens e prudentemente esperançado. A sua grande preocupação naquele momento era Pedro. Somente Pedro. Do apóstolo ausente – Tomé – praticamente não falámos.

De certa forma contagiado pela inquietação de André, fui ter com Pedro. Sentei-me ao lado dele e, durante breves minutos, pus-me a observá-lo. Qualquer psiquiatra se sentiria feliz – e eu também – se pudesse fazer ao pescador um teste ou questionário que servisse para medir o grau de neurose e ansiedade: Cattell, NAD, Hamilton, SriSy, Taylor, etc. Mas isso evidentemente, teria sido um pouco comprometedor. No entanto, decidi tentar. Mais adiante. A experiência poderia ser apaixonante. De momento, contentei-me com uma ligeira exploração de algumas das suas constantes vitais. Passei-lhe um braço pelos ombros e, procurando transmitir-lhe todo o meu afecto e simpatia, tentei animá-lo. Quase não olhou para mim.

E percebi logo algumas características dos indivíduos dominados pela neurose: uma grande rigidez perceptivo-motora e pouco controlo corporal. Faltava-me um terceiro elemento e, num tom de cumplicidade, de forma a que os outros não me ouvissem, perguntei-lhe se a luz o incomodava. Negou com a cabeça e, de imediato, censurou os irmãos por terem apagado as luzes. Tal como já suspeitava, a sua adaptação sensorial à visão no escuro era muito fraca. (Outro sintoma indicador do grave momento que atravessava) Notei que o seu ritmo respiratório tinha altos e baixos e, recordando-lhe a minha condição de curandeiro, tomei-lhe o pulso. Consentiu sem muita vontade. Efectivamente, a sua excitação nervosa acelerava-lhe o ritmo cardíaco, com uma possível elevação da tensão arterial. A condutância cutânea parecia muito alta.

Apalpei-lhe os antebraços e o fluxo sanguíneo revelou-se muito acelerado 1. Se eu tivesse tido acesso a uma análise de sangue, talvez tivéssemos encontrado um aumento de colinesterassa.

- Tens frio?

- Um pouco.

A verdade é que não havia motivo. A temperatura ambiente no exterior era moderada – talvez uns doze ou catorze graus -, mas na sala era um pouco mais elevada. Aquela sensibilidade especial de Pedro ao frio e ao cansaço eram novos sintomas que vinham enriquecer o meu diagnóstico provisório. E, embora eu saiba que este quadro biológico deva ser utilizado com prudência no momento de tomar uma decisão, era revelador de uma insuficiência energética geral e de um estado de hiperactivação ou elevado drive ou ansiedade, próprio do que hoje chamamos stress.

- O que é que eu tenho, Jasão?

A voz enrouquecida do apóstolo mergulhou-me numa tristeza indescritível. Os olhos dele, como os de João e Simão, o Zelota, estavam inchados, vermelhos pela falta de sono e pelas lágrimas, e marcados por umas olheiras horríveis.

Senti tanta vontade de lhe dizer a verdade naquele momento! Anunciar-Lhe o que lhe reservava o destino e, assim, aliviar o seu sofrimento e o meu. Mas o meu trabalho não era esse. E, dando-lhe umas palmadas nas costas, apenas me saiu uma resposta vaga e nada reconfortante:

- Trata-se de um mal-estar. Passageiro.

O bom Pedro tentou retribuir com um sorriso. Mas não conseguiu. Escondeu o rosto nas mãos peludas e calejadas de pescador, e começou a soluçar entre estremecimentos intermitentes.

Tive de me retirar, maldizendo o código moral a que estava

sujeito. Mas, de repente, umas pancadas na porta tiraram-me do meu aturdimento.

A reacção do grupo foi fulminante e digna de ter sido narrada pelos evangelistas.

Tiago Zebedeu pôs-se em pé de um salto, brandindo a espada.

Pedro, com os olhos desfigurados pelo medo, foi entrincheirar-se atrás do divã, não conseguindo sequer, no seu nervosismo, desembainhar o gladius. João e os gémeos, lívidos, não moveram um único músculo. Bartolomeu, na pressa de fugir para o fundo da sala escura, pisou o seu próprio manto e caiu de bruços no soalho. Filipe correu a despertar Mateus Levi, e André, tão pálido e indeciso como os restantes, permaneceu sentado, paralisado pelo terror. Eu, é claro, também me assustei. E, reunindo toda a minha serenidade, pus-me de lado, encostando-me à parede da direita. Por pouco tropeçava no divã de Simão, o Zelota. O seu estado de prostração era tão grande que nem ouviu as pancadas.

Evidentemente, o que estava do outro lado da porta não sabia ou não recordava a contra-senha. No meio do silêncio e do rumor de uma ou outra respiração entrecortada, o intruso, bateu com mais força na porta, fazendo estremecer os assustados discípulos. Tiago Zebedeu, mais frio e audacioso que os seus amigos, deu uns passos sem fazer barulho e aproximou-se da porta. Pôs-se a um lado, levantou bem alto a sua arma afiada e, com a mão direita, disse a André que destrancasse a porta. Numa grande tensão, o irmão de Pedro cammhou devagarinho até à tranca e, quando ia tirá-la com um pontapé, uma voz aguda e familiar deixou-nos perplexos. Era João Marcos!

Um suspiro de alívio ecoou no cenáculo, ao mesmo tempo que alguns dos amigos de Jesus se precipitavam para a porta. Mas Tiago. O filho do trovão, com a espada no ar,

obrigou-os a recuar.

- Pode ser uma armadilha!

Então, André, ajudado por Mateus Levi, procedeu a desimpedir o acesso. O rapaz entrou de rompante na sala. Suado e ofegante, a gesticular e apontando para o exterior, tentava articular as palavras. Mas era tão grande a sua excitação que precisou de alguns segundos para o conseguir. Desconfiados, os gémeos, seguindo a direcção indicada pelo benjamim, voltaram a cabeça para o exterior. Mas logo se viraram para os ansiosos companheiros, encolhendo os ombros. De facto, não havia ali ninguém.

Passado o falso alarme, os discípulos, profundamente irritados, repreenderam o rapaz. Mas João Marcos, sem lhes prestar atenção, foi sentar-se num divã. Por fim, lá conseguiu dizer:

- Viram-no!. Outra vez!

Pensei que se referia à última suposta presença de Cristo em casa de José de Arimateia. Voltei a enganar-me. E, tão perplexo como os outros, ouvi dos lábios daquela criança outra novidade não menos singular e incrível. Este foi o seu atabalhoado relato:

- Foi por volta das quatro e meia. Na casa de Flávio. Foi visto por mais de quarenta gregos.

André ajoelhou-se diante do moço e pediu-lhe calma. João Marcos engoliu em seco e disse que sim com a cabeça. Foi inútil. O coração estava a ponto de lhe saltar pela boca. - E disseram-me – continuou com os olhos cheios de luz – que lhes falou.

Os apóstolos, amontoados em torno do aturdido correio, devoravam-no com os olhos atentos a cada gesto e a cada palavra. Alguém que os visse naquela altura juraria que eles não eram homens cépticos e mdecisos. Eu mesmo cheguei a duvidar. Pedro, sobretudo, com a boca aberta e o olhar

ausente, esfregava nervosamente as mãos, concordando ritmadamente com a cabeça a cada uma das explicações do rapaz.

É uma enorme, ainda que momentânea alegria, fez-me tremer de emoção.

- E que disse Ele? - explodiu, impaciente, João Zebedeu.

- Não me lembro.

A decepção estampou-se nos rostos e alguns murmuraram um palavrão que me nego a transcrever. Mas João Marcos era tão sincero quanto eficiente. Assim, vasculhando entre as pregas da sua túnica, tirou um pedacinho de barro cozido – provavelmente os restos de um cântaro ou de uma tigela – no qual, com caracteres mal traçados, copiara as palavras – ou supostas palavras – do Galileu nessa nova aparição.

Orgulhoso, mostrou aquela espécie de ostraca e, adoptando um tom solene leu as letras mal feitas com alguma pedra ou objecto pontiagudo:

- A paz seja convosco. Ainda que o Filho do Homem tenha aparecido na terra entre os Judeus, trazia o seu ministério a todos os homens.

O rapaz parecia ter problemas com a sua própria escrita apressada.

- Que mais?

Os incrédulos apóstolos agitaram-se nervosos.

- Ah, sim! - disse João Marcos. - Já entendo. Trazia o seu ministério a todos os homens. No reino do meu Pai não há nem haverá judeus nem gentios. Todos sereis irmãos. Os filhos de Deus.

- Essa última coisa não está bem – sentenciou Mateus.

João Marcos releu o pedaço de argila e, levantando os olhos para o impaciente grupo, repetiu:

- Todos sereis irmãos, Os filhos de Deus – Foi isto que me

disseram que Ele afirmou.

Aquele possível erro de transcrição – tão próximo e ainda quente, era muito simbólico. Se o voluntarioso benjamim dos Marcos não fora capaz de copiar com precisão algumas palavras do Mestre, que podia esperar-se de textos redigidos dezenas de anos mais tarde e por pessoas que nem sequer tinham conhecido ou ouvido os ensinamentos do Rabi da Galileia?

- Está bem!. Está bem! Continua!

- . Ide, portanto, pelo mundo inteiro espalhando este evangelho de salvação, como o recebestes dos embaixadores do reino e eu vos receberei na comunhão da fraternidade dos filhos do Pai na fé – e na verdade O mensageiro ficou calado.

- E que mais? - insistiram vários dos presentes.

- Mais nada – esclareceu João Marcos. - Despediu-se e desapareceu. Os discípulos trocaram alguns olhares, interrogando-se em silêncio. Ninguém se atreveu a pronunciar-se em primeiro lugar. Enquanto voltavam para os seus assentos, a atmosfera electrizante alcançou o seu ponto máximo e um espontâneo comentário depreciativo foi o suficiente para que surgisse a discussão.

- Gregos!

Não sei muito bem quem pronunciou aquela palavra. Também não me senti atingido. Não havia razão. O facto é que Simão Pedro num segundo, como um furacão, com as mãos atrás das costas e sem deixar de andar de um lado para o outro, se impôs de novo como cabecilha dos recalcitrantes.

- Porquê aos pagãos?.

João Zebedeu, paladino dos que acreditavam na ressurreição do Mestre, censurou Pedro pelo comentário tão pouco caridoso.

E logo a seguir, enredaram-se no velho círculo vicioso de

ressurreição sim, ressurreição não e porquê primeiro a mulheres estúpidas e infiéis impuros. Já era muito mau que se tivesse apresentado às hebreias antes que aos eleitos do reino, mas aquilo dos gregos – argumentavam os incrédulosultrapassava todas as medidas. Os gritos, as acusações mútuas e os desaforos foram aumentando, transformando aquele lugar numa jaula de disparates onde só se respirava mal-estar.

Cansado e deprimido, tirei João Marcos daquela loucura e desci para o pátio. O ar fresco da noite reconfortou-me. Maria e os criados continuavam felizes, entregues à tarefa da preparação do jantar. Peguei na mão do rapazinho e passeámos calmamente junto das heras e dos perfumados jasmins que enfeitavam o alto muro da direita. Soube assim que Flávio era um pagão, morador em Jerusalém e velho conhecido de Jesus.

Quanto aos gregos, segundo as informações do benjamim, eu tivera já a oportunidade de conhecer muitos deles no Átrio dos Gentios, durante o almoço em casa de José de Arimateia e na quinta de Getsémani. Segundo parecia, eram os mesmos que tinham assistido à prisão do Filho do Homem e que, juntamente com Pedro e João Zebedeu, se lançaram contra Malco e os levitas. Senti-me tão frustrado que não quis tirar conclusões. Se todas aquelas histórias eram verdadeiras, a minha missão começava a ser um estrondoso fracasso. Bastava rever a cronologia das supostas presenças do Galileu naquele domingo para reconhecer que não tivera muita sorte. Chegava sempre tarde.

Primeiro, ao alvorecer, no primeiro encontro da Madalena e das quatro mulheres no horto de José. Onde estava eu? Perdido em problemas estúpidos.

Depois, na segunda e não menos suposta visão da Madalena, pelas nove horas e trinta e cinco minutos, a poucos metros mas ausente, imerso no exame dos panos mortuários.

Às doze horas, enquanto Ele aparecia em Betânia, preparava-me para sair do berço.

Às quinze horas e trinta minutos, aproximadamente, na quarta aparição – também em casa de Marta e Maria – eu andava estupidamente ocupado no câmbio do ouro para trocos.

E que dizer da quinta visão, ocorrida, segundo as testemunhas, pelas dezasseis horas e trinta minutos e na casa do ancião de Arimateia! Se não me tivesse entretido no assunto do aço de Damasco.

Em relação à sexta – a dos gregos – que talvez tenha tido lugar poucos minutos depois da de Maria Madalena e das restantes hebreias, apanhou-me, como se sabe, em pleno lar de José. Tendo em conta que desistira da sétima – a dos irmãos de Emaúse da qual ainda não tivera notícia, que me restava? Apenas a do cenáculo.

Pobre de mim! A corrida de obstáculos em que se havia convertido a minha perseguição particular do ressuscitado estava prestes a sofrer outro incrível fracasso.

Por volta das dezanove horas e trinta minutos, um dos criados libertou-me destes pensamentos tão negativos. O jantar estava pronto. Apesar dos protestos da dona da casa, colaborei no transporte das tigelas de madeira, cheias de um apetitoso e fumegante guisado de lentilhas, ao qual Maria acrescentara uma pitada de jeezer, uma variedade de alecrim silvestre.

Era curioso. Ignorando olimpicamente as opiniões controversas dos amigos íntimos do Mestre, a família – feliz e convencida da realidade da ressurreição – decidira fazer uma grande celebração. Aquele jantar, na realidade, era uma das primeiras manifestações do regozijo e da fé dos verdadeiros crentes. E, além do delicioso primeiro prato, Maria e os seus tinham-se esforçado por aprimorar o pequeno banquete com uma das especialidades da mãe de João Marcos: os bolinhos

de mel. Num fornilho ao lado, à medida que consumíamos as lentilhas, a mulher, com a ajuda de um criado, ia fritando num tacho grande de ferro porções de uma massa, previamente elaborada, à base de farinha, levedura, mel, ovos e leite de cabra.

Alternadamente, ao mesmo tempo que desapareciam os bolinhos dourados e estaladiços, completava a sobremesa com outros fritos não menos deliciosos: uns pastéis, também de farinha perfumada com cominhos, canela, hortelã e até bocadinhos de lagosta. Estas iguarias, bem como várias bandejas cheias de figos secos, tâmaras e cidra, foram sucessivamente levadas para o cenáculo.

Instalei-me numa ponta da mesa em U e tive de submeter-me previamente ao protocolo da lavagem dos pés. Os criados cumpriram diligentemente as normas obrigatórias da hospitalidade oriental. E embora alguns discípulos não estivessem com humor para aquelas abluções a verdade é que a suculenta ceia fez com que se esquecessem das suas divergências, reunindo-se todos em volta da mesa e devorando em silêncio os manjares que iam chegando do pátio. Cada um, também de acordo com o costume, devia lavar as suas próprias mãos. Bastava a direita.

Acenderam todas as lâmpadas de azeite e, talvez com a generosa intenção de amenizar as angústias e tensões dos apóstolos, Elias mandou trazer da adega um espesso e excelente vinho tinto, rico em álcool e tanino, e previamente coado.

Seguindo uma moda greco-romana e a pedido de cada um, o anfitrião foi adicionando nalgumas taças de bronze e latão pitadas de canela, tomilho e até flores de jasmim. Isto servia para aromatizar o vinho. Os mais prudentes – a minoria – preferiram misturar àquele vinho do Sul da Judeia apenas água.

Os outros talvez com uma vontade muito humana de aliviar

as suas mágoas, beberam várias taças, sem mais acompanhamento e ajuda que as generosas doses de lentilhas ou de bolos.

Tiago Zebedeu, Simão Pedro, os gémeos e Mateus Levi seguindo também as normas da boa conduta, libertaram-se previamente das respectivas espadas, que repousaram cintilantes ao longo da baixa mesa de madeira. Simão, o Zelota, foi o único que nada provou. João Marcos, que se sentou com o pai e comigo junto aos nove, ofereceu-lhe uma tigela. Mas o discípulo recusou amavelmente.

Durante dez ou quinze minutos apenas se ouviu na sala o surdo entrechocar das colheres de madeira mergulhando nas lentilhas, o barulho que faziam ao mastigar o alegre e cantante borboteio do vinho a ser constantemente despejado nas taças de metal estanhado e, como não podia deixar de ser, os obrigatórios arrotos.

Elias procurou, sem êxito, animar a reunião, falando das boas notícias procedentes das suas propriedades na Galileia e que concretamente na colheita do linho, eram altamente promissoras. (Este trabalho, que costumava realizar-se nos meses de Março e Abril, consistia em cortar as plantas rente ao solo para não estragar os talos, sendo utilizadas depois – quando já estavam secas – no florescente negócio da confecção de tecidos e cordas).

Com a maior das descortesias, os comensais não prestaram qualquer atenção ao dono da casa, ocupados como estavam em satisfazer a sede e o apetite. João Zebedeu e Pedro não conseguiam libertar-se facilmente do peso que tinham sobre si. Petiscaram aqui e ali, e, aparentando não terem vontade de comer, deitaram-se nos seus divãs.

Pelas oito horas da noite, Simão Pedro, que não conseguia esquecer os acontecimentos do dia, pôs-se de pé, visivelmente perturbado. Ou muito me enganava ou estava com outra crise.

Deu uns passos, bateu com o punho num tapete que pendia da parede e, virando-se para a mesa em U, permaneceu alguns minutos com o olhar fixo e vidrado na chama ambarina duma lâmpada de azeite. Nenhum dos presentes lhe prestou a menor atenção. Melhor dizendo, nenhum não. André e eu, que seguíamos os seus movimentos trocámos um olhar de preocupação. Conhecíamos as intenções dele de desertar do grupo e perguntámo-nos se não teria chegado o momento.

De súbito, sem se despedir e sem dar qualquer explicação, encaminhou-se para a porta, que continuava entreaberta.

Esperei pela reacção de André. No entanto, o irmão de Pedro nada fez. Empalideceu. Encheu a taça e, lentamente, bebeu o vinho de uma só vez.

Senti-me confundido mais uma vez. Aquilo não estava nos Evangelhos. Cumpriria o pescador a sua promessa de fugir da cidade? Devia lançar-me atrás dele? Ou seria melhor permanecer na sala à espera dessa última e teórica aparição, tão esperada por todos, incluindo eu próprio?

Preocupado, reparei no manto e no gladius hispanicus de Simão. Tinham ficado sobre o divã e a mesa, respectivamente.

Isso tranquilizou-me. Talvez viesse buscá-los. Mas, e se não o fizesse? Passados uns quinze minutos, o meu desassossego foi crescendo. Compreendi que tinha agido mal. Aquela situação, precisamente por ser nova, e por se tratar de quem se tratava, tinha prioridade. Por isso, pondo de lado a certamente próxima, mas sempre hipotética, aparição citada pelos evangelistas, optei pelo seguro: seguir o pescador.

Pedi licença a Elias para me retirar, mas, quando estava prestes a fazê-lo, a inesperada intervenção de André reteve-me por uns momentos. Tão impaciente quanto eu, aproveitou uma entrada dos criados para lhes perguntar pelo irmão. Um criado tranquilizou-nos aos dois. O galileu andava no pátio, a passear. Talvez tenha mudado de ideias, disse eu para

comigo, ao mesmo tempo que – contrariado – procurava apressadamente uma desculpa que me justificasse o facto de já não me ir embora.

Os céus quiseram que o meu pequeno amigo João Marcos, perspicaz como poucos se levantasse do seu banco e viesse ter comigo para me perguntar onde pensava eu passar a noite. Não soube o que responder. Na verdade, eu ainda nem tinha pensado nisso. Perante a minha indecisão, o pai do benjamim interveio, fazendo o resto. Ofereceu-me a sua casa e, com a maior das facilidades – reconheço-o -, convenceram-me a aceitar a sua hospitalidade. Recusei por pura cerimónia e, finalmente, agradeci, encantado, voltando para o meu lugar na mesa. Eram vinte horas e trinta e cinco minutos. Novos factos insólitos estavam a ponto de nos deixarem espantados.

Mas antes de tentar transcrever o que vivemos naquela sala – oxalá o Todo-Poderoso continue a dar-me luz e força para isso -, por apenas uma vez, e em benefício desta simples narração, pressinto que devo prescindir da ordem cronológica dos acontecimentos. E assim farei. Naquela noite, quando os ânimos se acalmaram, mantive uma longa conversa com Pedro. Foi assim que soube o que lhe passava pela cabeça quando aconteceu o que aconteceu.

Tanto André como eu tínhamos razão para nos sentirmos preocupados com a sorte do perturbado pescador de homens.

Continuávamos todos no cenáculo, mas Simão, que queria fugir mas tinha medo de ser reconhecido pelos espiões ou pelos levitas de Caifás, estava decidido a sair de casa quando a noite deixasse desertas as ruas de Jerusalém. E, sem vontade de voltar para o salão, refugiou-se no pátio.

Os criados, com efeito, viram-no passear ao longo do muro, com as mãos atrás das costas e de cabeça baixa. Porém, respeitando a dor e o silêncio de Simão, retiraram-se pouco a pouco.

Naqueles momentos de dor – segundo me confessou o apóstolo -, os remorsos pela sua traição eram insuportáveis. O seu complexo de culpa era tão grande que chegou a pensar na morte.

Estava convencido que perdera o seu lugar como embaixador do reino. A isto era preciso acrescentar a sua íntima convicção de que Jesus – se é que realmente havia ressuscitado – não apareceria aos seus enquanto ele ali estivesse. No entanto, e sem saber como nem porquê, foram também surgindo no seu coração outras recordações repletas de esperança. Viu os olhos do Mestre, cheios de ternura, quando, ao sair do palacete de Anás, olhou para ele durante uns breves segundos. E igualmente lhe veio à memória a mensagem que Jesus dera às mulheres: «Ide dizer aos meus apóstolos e a Pedro».

- Não sei o que me aconteceu, Jasão mas desatei a chorar.

No fundo era muito simples. Simão Pedro, apesar das suas violentas e disparatadas reacções, amava o seu Amigo e Senhor.

Dominara durante muitas horas o seu ardente desejo de crer nas promessas do Filho do Homem. Mas, finalmente, um raio de luz iluminou o seu desespero e, enquanto caminhava pelo pátio, a sua fé adormecida triunfou. - Não sei como foi, Jasão, mas, de repente, parei, apertei os punhos e, levantando os olhos para as estrelas, gritei: Creio que ressuscitou de entre os mortos! E vou dizê-lo aos meus irmãos! Feito este esclarecimento, voltemos ao cenáculo e à hora já mencionada: vinte e trinta e cinco.

Recordo-me de me ter servido de uma taça daquele espesso vinho do Hébron, assim que me sentei. Ia levá-la à boca, quando um ciclone humano, um terramoto ou um possesso – não tenho palavras para descrever aquilo – empurrou a porta, enchendo a sala com os seus gritos, saltos e gargalhadas. Era Pedro! Ficámos sem respiração. Até Simão,

o Zelota, assustado, se levantou do seu divã.

- Vi o Mestre!

Foi a primeira frase que consegui entender. O galileu, com o rosto iluminado e os seus olhos azuis a dançarem nas órbitas, corria enlouquecido em volta da mesa em U.

- Eu vi-o!

Os apóstolos pareciam ter perdido a fala e a cor dos seus rostos. Tiago Zebedeu, ágil como um felino, ao ver Pedro irromper na sala com tanto estrondo e aparato, foi logo pegar na espada, convencido de que alguém perseguia o pescador.

Mas Simão, à beira da loucura ou de um colapso cardíaco, continuava a saltitar entre os divãs e, com os braços no ar, a gritar:

- Eu vi o Mestre!

Sinceramente, quando o vi naquele estado, pensei que fora muito brando no meu diagnóstico.

À terceira volta, André e Mateus agarraram-no, segurando-o.

Os outros correram logo em auxílio do transtornado galileu.

Isso era o que nós todos pensávamos. Mas estávamos enganados.

Simão estava perfeitamente bem. O seu pulso, que tomei imediatamente, estava aceleradíssimo. A respiração também.

Mas, segundos depois ao ouvi-lo, não tive outro remédio senão ceder perante a realidade. Aquele alvoroço todo era unicamente devido à sua alegria.

- Eu vi-o!. Ele esteve no jardim!

Depois de o obrigarmos a sentar-se num divã, Elias, pedindo-lhe calma, ofereceu-lhe uma taça de vinho. Simão agarrou-se a ela com ambas as mãos e bebeu-a sofregamente.

- Digo-vos que o vi! - exclamou de repente, engasgando-se.

André sacudiu-o pelos ombros e, gritando-lhe a um palmo da cara, ordenou-lhe que não fosse criança e se deixasse de tolices. Foram momentos de um silêncio tenso. O pescador, compreendendo o paradoxo da sua situação, dominou os nervos.

Deixou o vinho sobre a mesa e, afastando suavemente o irmão, contou o ocorrido com um autodomínio que ainda hoje me surpreende.

- Eu estava no pátio a passear e decidido a renunciar à minha missão no reino quando apareceu diante de mim a figura de um homem. Não o reconheci, mas reconheci a sua voz.

A voz. Aquele pormenor voltava a repetir-se. Porque será que nenhuma das testemunhas parecia reconhecê-lo pelo físico mas sim pela voz?

. E aquela voz familiar falou-me. E disse-me: Pedro, o inimigo queria possuir-te, mas eu não te abandonei.

Os seus lábios vermelhos e carnosos abriram-se num sorriso interminável e feliz. Olhou para nós, um a um, e, pedindo a nossa compreensão, abanou afirmativamente a sua cabeça grande e redonda. Mas ninguém respondeu.

Então disse-me: Eu sabia que no teu coração não me havias renegado. Por isso te perdoei antes de mo pedires. Agora é preciso deixar de pensar em nós próprios e nas dificuldades que se apresentam. Prepara-te para levar a boa nova do evangelho àqueles que se encontram nas trevas. Não te preocupes pelo que possas conseguir no reino. Melhor, vê o que é que tu podes dar aos que vivem na terrível miséria espiritual. Está preparado, Simão, para o combate de um novo dia, para a luta contra o obscurantismo espiritual e as nefastas dúvidas do pensamento natural dos homens.

- Acreditai em mim! - acrescentou Simão ao ver as caras de

espanto e incredulidade dos companheiros. - Depois disso, aquele Homem e eu passeámos pelo pátio durante mais de cinco minutos, recordando coisas do passado. E falámos também do presente e do futuro. Depois, ao despedir-se, voltou a dizer-me: «Adeus, Pedro, até te ver junto dos teus companheiros».

Depois daquela visão, Simão ficou uns minutos no pátio como que hipnotizado. Quando compreendeu que vira e falara com o Galileu, foi a correr – louco de alegria – para o andar de cima.

- E como desapareceu?

- Como estás seguro de que era o Mestre?

- Viste as feridas?

- Não o terás confundido com algum criado de Marcos? O turbilhão de perguntas dos discípulos foi inevitável. E Simão Pedro, com a boca aberta e sem saber a quem responder, acabou por baixar os olhos, consciente de que estava a ser objecto das mesmas dúvidas e suspeitas que ele próprio manifestara ao longo de todo o dia. E vi-o chorar amargamente.

A partir desse momento, o desiludido pescador negou-se a pronunciar qualquer palavra.

Como era previsível, a nova aparição veio agitar o rescaldo das divisões anteriores. Mas, curiosamente, pouco a pouco, a maioria dos apóstolos começou a ceder, dando o seu apoio ao hermético e silencioso galileu. E talvez tivessem deixado de ter dúvidas se não fosse a súbita, fria e impiedosa intervenção de André. Com expressões muito bem calculadas, lembrou aos presentes as fantasias do seu irmão, capaz de ver coisas irreais, até mesmo sobre as águas.

Associei logo esta afirmação com uma das passagens evangélicas mais famosas e misteriosas: Jesus a caminhar sobre as águas do lago de Tiberíade. O que teria querido

insinuar o antigo chefe dos apóstolos? E, no mais íntimo do meu coração, fiz o propósito de o averiguar. Mas esta é uma história que talvez eu conte mais adiante.

André, com uma dureza implacável, imprópria dele continuou a dirigir-se aos companheiros, com a única e manifesta finalidade de fazer com que se esquecessem das tolices de Simão. Este sentiu-se ferido no mais profundo de si e, levantando-se do divã, foi para um canto da sala. Só os gémeos tiveram a delicadeza e a coragem de ir para junto do humilhado pescador, consolando-o e dizendo em voz alta – de forma a que todos os pudéssemos ouvir – que eles acreditavam, sim, e que a mãe deles também vira o Senhor.

O irmão de Pedro olhou depreciativamente para os Alfeus e, cada vez mais enfurecido, prosseguiu no seu empenho de conseguir apagar das mentes dos apóstolos as supostas aparições do galileu.

Mas o fogoso discurso de André ver-se-ia subitamente frustrado.

Em parte alegrei-me. O impertinente discurso do antigo chefe dos apóstolos estava a fazer estragos. Ao princípio ouvimos um pequeno tumulto. Vozes de homens e um ou outro breve mas agudo grito de mulher. O irmão de Simão Pedro titubeou. Elias virou-se para a porta e João Marcos, que brincava com um punhado de caroços de tâmaras, fazendo sobre o tampo da mesa a cabalística palavra Yeshus ou Jesus, mas que naquela língua significava também Yah (Javé e saúde). apagou com a mão o querido nome do seu ídolo, com medo de que fossem os guardas do Templo.

Ficámos em silêncio, e alguns discípulos, a um sinal de Tiago Zebedeu, empunharam as armas. Elias indignou-se. E, com um gesto autoritário, recordou-lhes que estavam em casa dele e que não permitia violências de nenhuma espécie. O alvoroço foi-se tornando mais nítido. Ouviram-se novas vozes e passos a subirem as escadas de acesso ao andar onde nos

encontrávamos.

Tiago e mais alguns puseram-se de pé, maldizendo os gémeos por não terem trancado a porta. Mas já era tarde.

Umas mãos fortes empurraram bruscamente a porta e apareceram logo dois indivíduos que eu ainda não tinha visto em nenhuma das minhas explorações. Atrás deles, entre cochichos mal contidos adivinhavam-se as pequenas silhuetas de Maria a mulher de Elias, e de outras mulheres.

Interpretei o gesto do filho do trovão e dos outros, atirando os gladius para cima da mesa, como um novo falso alarme. Depois de uns segundos de hesitação, o anfitrião fez um gesto convidando os homens a entrarem. Quando se aproximaram da fraca e amarelada luz das candeias, vi pelas suas roupas que deviam ser pastores ou, talvez, guardadores de porcos.

Pastores?

O meu pulso descontrolou-se. Seriam aqueles os irmãos de Emaús? Um dos recém-chegados sentou-se ao lado do dono da casa, enquanto o seu companheiro e as mulheres – entre as quais reconheci Maria Madalena – se colocavam em volta da mesa. Os homens, como acontecera com Simão Pedro um pouco antes, respiravam agitadamente. O suor corria-lhes abundante pela testa, fazendo brilhar o rosto queimado e as negras barbas revoltas. Pareciam cansados. Um deles, o que permanecia de pé, tirou o grosso e impermeável capote de pele de camelo que trazia aos ombros, deixando-o no chão. A peça era tão rígida e pesada que ficou direita, na vertical, sobre o soalho. Nos meus treinos eu tivera conhecimento destes capotes, feitos de propósito para o frio e a chuva e que costumavam ser fabricados nas terras da Cilícia e da Anatólia.

Entre o cinto de couro que cingia uma túnica grosseira de lã distinguia-se o cabo de um enorme punhal. Da mesma forma que o seu companheiro, o desconhecido protegia as pernas

até aos joelhos com polainas feitas de tiras de couro escuro e ensebado. (Aquele costume fora introduzido pelos romanos que, por sua vez, o tinham importado da Gália) Não havia dúvida.

O cheiro a bodum que encheu a sala em poucos minutos, e que parecia fluir de cada centímetro quadrado daqueles indivíduos, confirmou o meu primeiro pensamento: eram pastores; os controversos pastores da Judeia. - E então? - perguntou Elias, dando a entender que esperávamos uma explicação por tão brusca invasão.

O que estava sentado, um pouco mais loquaz que o outro, começou por apresentar-se. Segundo parecia, salvo um ou dois dos presentes, ninguém os conhecia. Disse chamar-se Cléofas. O acompanhante era Jacob, o seu irmão mais novo.

Senti um estremecimento. Estava a ponto de ouvir outras das supostas – ou já não devia empregar este termo? - aparições do Mestre.

Depois de um prolixo preâmbulo, no qual procurou agradar aos ali reunidos, assegurando que acreditava em Jesus e que por esse motivo fora expulso de uma sinagoga da sua aldeia – Ammaus -, o pastor explicou a razão da sua presença em Jerusalém. Como bons fiéis que eram tinham assistido aos sacrifícios, às cerimónias e demais festejos da Páscoa. Nessa mesma tarde, faltando umas duas horas para o pôr do Sol, partiram de casa de José de Arimateia em direcção à sua povoação, distante, como afirma Lucas, uns sessenta estádios.

Umas duas horas antes do pôr do Sol? Fiz contas. E cheguei à triste conclusão de que os dois tinham partido da residência de José de Arimateia entre as quatro e as quatro e meia. Tendo em conta o tempo necessário para atravessar Jerusalém, era muito provável que Cléofas e Jacob chegassem ao caminho de Emaús antes das cinco da tarde. Digo triste conclusão, porque eu entrei naquela casa alguns minutos

depois. Mas vamos ao que importa.

Os discípulos tinham acompanhado as longas explicações e circunlóquios dos dois irmãos sem saber aonde eles queriam chegar. Numa dada altura da exposição, levantei os olhos à procura dos de Maria Marcos ou de Maria Madalena, que estava atrás de mim, e só consegui vislumbrar o olhar da esposa de Elias. A mulher, sorrindo, fez-me uma das suas típicas piscadelas de cumplicidade. Ela sabia alguma coisa.

O caso é que, pelo que consegui captar na linguagem arrevesada do rude pastor, quando se encontravam quase a meio caminho – isto é, a uns cinco quilómetros da cidade de Jerusalém – Jacob e Cléofas matavam a solidão da caminhada falando sobre a notícia do dia: o túmulo vazio. Discutiram.

Ele sentia-se inclinado a acreditar no que as mulheres diziam sobre a figura de um ressuscitado. Jacob, pelo contrário, pensava que tudo isso era uma fraude.

- E assim, conforme nos íamos aproximando da vila – resumiu ele – saiu-nos ao encontro um homem.

Um murmúrio propagou-se entre todos os presentes.

- Um homem? E como era?

Agradeci a pergunta oportuna do impulsivo Filipe.

Cléofas olhou para a esquerda procurando quem lhe fazia a pergunta. Então descobri umas cicatrizes profundas que lhe marcavam a sobrancelha e o pómulo direitos. Aquele antigo corte vazara-lhe o olho. Parecia a marca de umas garras.

- Um homem!.

A resposta do pastor foi assim, simples e contundente.

Aquilo fez-me pensar. Eu não tinha perguntado a Pedro sobre esse particular, mas nem o galileu nem o homem de Ammaus tinham feito referência alguma à estranha transparência mencionada por Madalena e as outras mulheres.

- Queres dizer que era um homem de carne e osso e vestido como nós? João Zebedeu, irritado com a nova questão do intendente, censurou-o sem contemplação, ordenando-lhe que não interrompesse o pastor.

Cléofas não sabia o que fazer. E, perante os gestos generalizados de impaciência, optou por continuar o seu relato.

. A nós pareceu-nos um homem. Cobria-se com um manto leve e cor de vinho.

João Marcos, atento a tudo, sobressaltou-se quando ouviu tal descrição. A cor habitual do manto do seu Mestre era efectivamente, aquela. Mas isso não queria dizer nada. Mantos desse tom de cor havia-os aos milhares em Israel.

. Eu já tinha visto o Rabi, perdão – desculpou-se ruborizando-se -, o falecido Rabi. Comi com Ele várias vezes e sei como era. Alguns apóstolos entreolharam-se, intrigados.

Não se recordavam de Cléofas e, muito menos ainda, que ele participasse nalguma refeição com o Nazareno. Tive a impressão de que duvidavam da veracidade das palavras do pastor. Não era por acaso que tinham fama de mentirosos.

. No entanto – continuou ele, pensativo -, não o reconheci.

Aquilo era de mais. Nem uns pastores, habituados a distinguir o gado a longas distâncias, tinham conseguido identificar o suposto Jesus?

- Acompanhou-nos durante um bocado e, de repente, sem mais nem menos, desconcertou-nos com a seguinte pergunta: «Que palavras dizíeis entre vós, tão sérios, quando me aproximei?» O meu irmão e eu, perplexos, detivemo-nos, olhando para ele sem acreditarmos no que acabávamos de ouvir. Como sabia aquele homem o que nos preocupava? E eu disse-lhe: "É possível que vivas em Jerusalém e não conheças os acontecimentos que se deram?" E ele perguntou: "Quais acontecimentos?"

"Se desconheces esses factos", disse-lhe eu um tanto mal-humorado, "és o único na cidade que não está a par dos rumores referentes a Jesus de Nazaré, que era um profeta rico em palavras e obras diante de Deus e do povo. Os chefes dos sacerdotes e os dirigentes judeus entregaram-no aos romanos, exigindo a sua crucificação. Mas isto não é tudo", acrescentei, convencido de que, com efeito, aquele forasteiro nada sabia sobre o Mestre. "Muitos de nós esperávamos que Ele libertasse Israel do jugo dos gentios. Além disso, hoje estamos no terceiro dia após a sua crucificação e algumas mulheres assustaram-nos, dizendo que tinham ido de manhã cedo ao sepulcro e que encontraram o túmulo vazio. E estas mesmas mulheres repetem com insistência que falaram com Jesus e sustentam que Ele ressuscitou de entre os mortos. Quando o contaram aos homens, dois discípulos foram a correr ao túmulo e também viram que estava vazio. " João Zebedeu, radiante, concordou com um gesto da cabeça.

E Jacob, avançando até junto da mesa, interrompeu o irmão.

- Diz-lhes toda a verdade.

Cléofas franziu o rosto.

- Bom – consentiu contrafeito -, ele, depois das minhas explicações sobre a ida dos apóstolos ao sepulcro, comentou, para vergonha dos dois: Mas não viram Jesus.

Jacob deu-se por satisfeito, voltando para o seu lugar, junto do manto de pele de camelo. Não voltou a falar.

- Continuámos a caminhar – prosseguiu o conturbado pastor -, e, depois de algum tempo em silêncio, aquele homem voltou a falar e disse-nos: «Como sois lentos a compreender a verdade! Se dizeis que o motivo da vossa discussão eram os ensinamentos e as obras desse homem, vou esclarecer-vos, já que estou mais habituado a esses ensinamentos. Não vos lembrais do que sempre disse e pregou Jesus: que o seu reino não era deste mundo e que todos os homens são filhos

de Deus? Por isso, tendes de encontrar a libertação e a liberdade na alegria espiritual da comunhão fraterna do serviço afectuoso neste novo reino da verdade do amor do Pai celestial».

Cléofas emudeceu. E, com alguma timidez, começou a interrogar os presentes.

- Que terá querido ele dizer com essas palavras complicadas? Elias sorriu com carinho, pedindo-lhe que não se preocupasse agora com aquela questão. A memória do pastor era excelente, mas não o seu entendimento.

- Ele continuou a falar. E disse: «Não vos lembrais de como o Filho do Homem proclamou a salvação de Deus para todos os homens, curando os enfermos e os aflitos e libertando os que estavam atados pelo medo e que eram escravos do mal? Não sabeis que este Homem de Nazaré avisou os seus discípulos de que teria de ir a Jerusalém e de que o entregariam aos seus inimigos, que o condenariam à morte, ressuscitando ao terceiro dia?

Não lestes as passagens das Escrituras relativas a este dia de salvação dos judeus e gentios, onde se diz que nEle todas as famílias da Terra serão, em verdade, benditas, que ouvirá o grito suplicante dos necessitados e que salvará as almas dos pobres que buscam a sua ajuda e que todas as nações o qualificarão de bendito? Não ouvistes que este libertador aparecerá à sombra de uma grande rocha, num país desértico? Que alimentará o rebanho como um verdadeiro pastor, acolhendo nos seus braços os cordeiros e levando-os docemente ao colo? Que abrirá os olhos aos cegos espirituais e libertará os presos do desespero para a plena liberdade e luz?» Ao ouvir aquelas últimas palavras, Simão Pedro saiu do seu canto escuro e juntou-se ao grupo com timidez e curiosidade.

«Que todos os que moram nas trevas verão a grande luz da salvação eterna? Que curará os corações destroçados,

proclamará a liberdade dos cativos do pecado e abrirá as portas da prisão aos escravos do medo e do mal? Que levará a consolação aos aflitos e estenderá sobre eles a alegria da salvação, em lugar da dor e da opressão?

Que será o desejo de todas as nações e a alegria perpétua dos que buscam a justiça? Que este Filho da Verdade e da rectidão se levantará sobre o mundo com uma luz que cura e um poder de salvação? Que perdoará os pecados aos seus fiéis? Que buscará e salvará os extraviados? Que destruirá os fracos, mas que levará a salvação a todos os que têm fome e sede de justiça?

Não ouvistes que os que crêem nEle gozarão da vida eterna? Que estenderá o seu espírito sobre toda a carne, e que este Espírito da Verdade será em cada crente um manancial de água viva, mesmo na vida eterna? Não compreendestes a grandeza do Evangelho do Reino que esse homem vos deu? Não vedes quão grande é a salvação de que vós beneficiais?» O pastor fez outra pausa, sem dúvida por causa do peso de muitas daquelas ideias, estranhas e inatingíveis para o seu curto entendimento. Eu não tive, simplesmente, outro remédio senão ficar pasmado. Se o rude Cléofas – que não sabia ler nem escrever – era capaz de inventar frases como as que eu acabara de ouvir, de duas uma: ou era um génio ou um louco iluminado.

É claro que também podia considerar-se uma terceira solução: que estivesse, naturalmente, a dizer a verdade. - Não nos atrevemos a abrir a boca – lamentou-se o judeu. - Que podíamos nós responder, pobres miseráveis guardadores de animais? E assim chegámos à aldeia. A noite aproximava-se a oriente e pedimos-lhe que ficasse connosco. Mostrámos-lhe a nossa humilde choça e, embora parecesse ter intenção de continuar o seu caminho, acabou por aceitar. Jacob e eu, nervosos e felizes por tão distinta companhia, esmerámo-nos na ceia: o melhor pão, o melhor queijo e o melhor vinho. Sentámo-nos à mesa e, à luz da lâmpada de

azeite, entreguei-Lhe o pão de trigo. Pedi-lhe desculpa. Estava um pouco duro. Mas o homem sorriu e, partindo-o com toda a facilidade, abençoou-o, dando-nos um pedaço a cada um.

- Pela minha santa mãe, que Deus tem! - os olhos do mocetão ficaram húmidos. - Então é que me apercebi! Era Jesus! E, quando eu disse, depois de dar uma cotovelada ao meu irmão, É o Mestre!, desapareceu.

Desta vez fui eu quem quebrou o silêncio que caíra sobre a sala. - Desapareceu? Queres dizer que saiu pela porta? Cléofas negou com a cabeça. E, enxugando as lágrimas com a encardida manga de lã da sua túnica, disparou sem muito entusiasmo: - Desapareceu da nossa vista! Não sei como, mas fê-lo.

Outra onda de murmúrios e cochichos propagou-se entre os discípulos e as mulheres.

- Não era de estranhar que os nossos corações ardessem inquietos enquanto caminhávamos para a povoação. - Cléofas parecia falar consigo próprio. - Ele abria as nossas inteligências. A exposição do pastor terminaria com mais alguns pormenores finais e sem transcendência de maior: suspenderam a ceia e saíram precipitadamente de Ammaus, decididos a dar a notícia aos fiéis, amigos e seguidores do Rabi da Galileia. Tinham vindo a correr sem respirar até Jerusalém, indo primeiro a casa de José de Arimateia, que não estava em casa, e foram à de Maria Madalena e outras mulheres, que os aconselharam e acompanharam até onde nos encontrávamos.

O resto já todos sabiam.

Acabado o relato de Cléofas, Elias pediu a um criado que servisse aos pastores o que eles quisessem. Mas Cléofas, levantando-se, agradeceu as atenções do anfitrião dizendo-lhe que, uma vez que estava cumprida a missão deles, tinham de regressar à aldeia. O trabalho não podia esperar.

Passadas as nove horas da noite, foram-se embora.

Fiquei à espera dos acontecimentos. Não tinha forças para nada. Até já perdera a conta das visões. Sentia-me desmoralizado e incapaz de pôr ordem nos meus pensamentos. Por estas razões, quase não prestei atenção às palavras de Maria Madalena, que veio ratificar a boa nova dos pastores com a já conhecida aparição do Mestre em casa de José de Arimateia.

Desta vez participaram na inevitável discussão Maria Marcos, as mulheres que vinham com Madalena e até a criadagem. A unanimidade era quase total. Com excepção de André e de Simão, o Zelota – pasmados de espanto -, os restantes felicitavam-se e comentavam os pormenores das últimas visões. João Zebedeu, num impulso de alegria, começou a dançar, enquanto Filipe e Bartolomeu esvaziavam as já esgotadas jarras de vinho. Durante dez ou quinze minutos, aquilo foi uma festa na qual eu próprio me vi obrigado a fazer coro com palmas. Talvez o mais emocionante tenha sido a reacção de Simão Pedro.

Assim que os irmãos de Ammaus se foram embora, atirou-se aos pés de Madalena e, gemendo como uma criança, pediu-lhe perdão. A rapariga, estupefacta, obrigou-o a levantar-se e abraçou-o com a aprovação e alegria de todos. A festa, no entanto, duraria pouco tempo. Uma má notícia entrou de repente na sala, trazida pelo próprio José de Arimateia.

Foi como se caísse um raio. Ao ver o rosto grave daquele membro do Sinédrio, imóvel à porta, os risos, as palmas e os abraços afectuosos foram desaparecendo, dando lugar a um silêncio embaraçoso. Passava-se qualquer coisa. Qualquer coisa grave. Todos o sentimos. O rosto de José, como o de qualquer amigo ou simpatizante de Cristo, deveria apresentar outra expressão.

O de Arimateia deixou que Elias se aproximasse. Então, perante a inquietação geral, sussurrou-lhe qualquer coisa ao

ouvido. O dono da casa encarou-o sem compreender mas, obedecendo, fez um gesto e os criados e as mulheres retiraram-se. Maria Marcos, discreta e submissa, pegou na mão do filho e fechou a porta atrás de si.

A seguir, obedecendo às indicações de José, alguns apóstolos trancaram novamente a porta, reforçando-a com um divã. No meio de um silêncio de morte – suponho que muitos dos presentes começavam a imaginar qual a natureza da informação que o membro do Conselho do Sinédrio trazia -, os íntimos do Mestre, exceptuando Simão, o Zelota, sentaram-se em torno do U. José sentou-se no divã de honra. Recusou a taça de vinho que lhe oferecera um dos gémeos e, escondendo as mãos entre as dobras do grosso manto negro, olhou entristecido para os nove apóstolos.

- Pouco depois do pôr do Sol – começou ele ante a mal dissimulada expectativa de todos -, tive conhecimento de uma reunião urgente e secreta de Caifás e dos seus. Alguns rostos voltaram-se, lívidos. Uns mais, outros menos, sabiam o que isso poderia significar.

- Suponho que estais bem informados sobre o conjunto de notícias e rumores que circulam pela cidade desde as primeiras horas da manhã. Alguns discípulos assentiram em silêncio.

- Bem, esta é a situação. O sumo sacerdote, o sogro e os saduceus, escribas e demais fanáticos tiveram total conhecimento do túmulo vazio, de algumas visões das pessoas que dizem tê-lo visto e de não sei que concentração na Galileia.

José de Arimateia devia estar a falar de uma das mensagens de Jesus quando disse que precederia os seus no caminho para a Galileia. Mais uma vez, como sempre, os boatos e os rumores, à força de circular, acabavam irreconhecíveis.

- Nessa assembleia, segundo os meus confidentes, foram

tomadas, entre outras, as seguintes medidas, que têm muito a ver convosco: primeira, todo aquele que citar ou comentar (em público ou em privado) os assuntos do sepulcro vazio ou da ressurreição do Mestre será expulso das sinagogas.

Os apóstolos protestaram.

- Segunda.

Elias pediu silêncio.

- Segunda – repetiu José, adoptando maior solenidade -, aquele que disser que viu ou falou com o Ressuscitado. Será condenado à morte. Uma exclamação geral de repulsa e desconcerto pôs ponto final nas graves notícias trazidas por José de Arimateia. E a anterior alegria daqueles homens esfumou-se por completo. Lentamente, os comentários e os protestos foram-se extinguindo e o medo pairou de novo sobre os seus corações.

- Esta última proposta – declarou o de Arimateia numa tentativa inútil para animar os amigos de Jesus -, não pôde ser submetida a votação. - Porquê? - interveio Elias que, junto com Mateus Levi, Simão Pedro e Tiago Zebedeu, parecia não ter perdido a serenidade. José esboçou um sorriso irónico.

- Pelos vistos, perante o fluxo contínuo de notícias sobre as aparições (não só a mulheres, mas também a judeus honestos e a gregos valorosos), o medo apoderou-se da assembleia e mais do que um teve de correr a sua casa para mudar de roupa.

A brincadeira não foi bem recebida. O pior que podia acontecer era Caifás e os seus esbirros verem-se ultrapassados pelo seu próprio terror. Nesse caso, os que estavam ali juntos, e muitos mais, podiam considerar-se homens mortos. Com razão anota João Evangelista que as portas estavam fechadas, com medo dos judeus.

- Tendes – concluiu José – de sair da cidade. E quanto

antes! Simão Pedro opôs-se. E lembrou aos seus irmãos as palavras do Mestre no pátio: «Adeus, Pedro, até te ver junto dos teus companheiros».

André rejeitou a sugestão do irmão.

- Quem poderia saber quando se efectuaria essa aparição, supondo, rematou, repisando as sílabas, que tudo isso seja verdade

Tiago Zebedeu, Mateus e Elias manifestaram o seu acordo com a proposta de José, alegando que, além disso, faltava o Dídimo (Tomé). A justa observação confundiu, a princípio, Simão Pedro, mas este, recompondo-se, insistiu em que não deviam sair do cenáculo. E, em mais um dos seus clássicos arrebatamentos, apontou para as espadas que estavam em cima da mesa, jurando pela sua vida e da sua família que não voltaria a trair o seu Mestre.

Pôs-se de pé e, com as veias do pescoço inchadas, vociferou:

- Não! Nunca mais!. Ninguém me obrigará a fugir de novo! João Zebedeu aplaudiu o seu fogoso amigo, enquanto André, gritando mais alto do que Pedro, lhe chamava visionário e totalmente louco. A disputa aumentou de tom. José e Elias eram incapazes de restabelecer a calma e o bom senso. Pouco faltava para uma cena de pancadaria quando, no meio daquela balbúrdia, as chamazitas das seis ou sete lâmpadas de azeite oscilaram violentamente, como que atingidas por um repentino vento gelado. E a sala ficou às escuras.

Depois daquilo, numa rápida ligação com o módulo, vim a saber que as chamas se tinham apagado por volta das vinte e uma horas e trinta minutos.

O medo, como uma martelada – confesso-o -, deixou-me pregado ao assento. Foi tão rápido e inesperado que ninguém conseguiu reagir. Eu também senti aquela espécie de brisa gelada. E os outros, pelo que averiguei depois, estiveram de acordo comigo ao descrevê-la como um milhão

de agulhas a entrarem na pele.

Incrivelmente para mim, para Eliseu e para todos os membros do Cavalo de Tróia, que tiveram conhecimento deste facto, a pele de serpente que me protegia falhou. Como eu dizia, foi instantâneo. Quando ficámos às escuras, as maldições e os impropérios cessaram. E antes de voltarmos a abrir a boca, uma cintilação fez-nos voltar o olhar para o fundo da sala.

Concretamente, para o sítio oposto à parede de entrada. Por causa das densas trevas, aquela espécie de ziguezagueante, infinitesimal e azulada faísca eléctrica destacou-se no ar como um relâmpago na mais negra das tempestades. Devo ter ficado lívido. Dos outros não posso falar: não os via. O raio azul metálico surgiu mais uma vez. Mas, agora – oh, meu Deus, faltam-me as palavras!. -, desta vez a cabeça da faísca fendeu a escuridão, desenhando uma figura. Humana! A minha garganta ficou completamente seca. O meu coração, o meu cérebro, os meus pulmões, todo o meu ser, negaram-se a funcionar. Nunca soube se estive vivo ou morto.

Com uma precisão matemática – como se fosse governada por um computador – a faísca, acabado o seu mágico percurso, desapareceu. E ali ficou, nascida do escuro, uma silhueta de homem, maravìlhosamente contornada por uma linha violeta muito subtil.

E como se uma cascata de luz, também violácea, se derramasse de um ponto indeterminado do cérebro daquele ser, assim se foi completando a figura. Quando toda a sua estrutura ficou completa e cheia de luz mate, apareceu diante dos nossos olhos a massa de um homem luminoso. Lamento. Não tenho outra qualificação. Talvez fosse o medo. Não sei. Ou talvez a ausência de sombras e dos naturais relevos. O certo e verdadeiro é que não consegui reconhecê-lo. Era, parecia, a réplica de um ser humano. Um adulto de cabelos compridos, barba recortada e túnica até aos pés. Mas,

insisto, talvez tudo isto apenas sejam suposições minhas. É sempre a posteriori.

Tive a impressão de que o tempo e o espaço estavam congelados. De repente, os braços daquele ser de luz moveram-se. Numa situação tão crítica é difícil precisar ou fixar pormenores tão insignificantes, mas juraria que, à medida que levantava os braços em sinal de saudação, várias taças e espadas que estavam na curvatura do U – o ponto mais próximo da aparição – se entrechocavam e caíam no chão.

Como num sonho, aquela forma violácea falou. Foi uma voz familiar que me eriçou até ao último pêlo. Era incrível. A voz não vinha de um ponto concreto – presumivelmente da parte superior – mas de todas e de nenhuma parte ao mesmo tempo.

Enchia a sala, perfurando a minha mente como um sabre. Que pena não me ter ocorrido ligar o meu ouvido direito! Eliseu teria sido uma valiosa testemunha. Mas o meu companheiro estava absorto nas tarefas de investigação dos panos mortuários.

- A paz seja convosco!

Era Ele! O seu timbre de voz. Mas a sua figura. Porque não conseguira reconhecê-la? - Porque estais tão assustados, como se se tratasse de um espírito? Os comentários que agora acompanham este acontecimento foram, logicamente, fruto das minhas reflexões posteriores. Naquele momento não pensava, não respirava. Só via e sentia. O caso é que as primeiras palavras da visão – como poderia defini-la melhor? - não tinham muito sentido. Era lógico que qualquer ser humano sentisse não medo, mas terror!

- Não vos disse que os principais sacerdotes e dirigentes me entregariam à morte, que um de vós me trairia e que eu ressuscitaria ao terceiro dia? Jesus de Nazaré – porque tinha de ser Ele – foi baixando os braços lentamente.

. Então – prosseguiu a voz -, porquê tantas discussões e dúvidas acerca do que disseram as mulheres, Cléofas, Jacob ou o próprio Pedro? E agora que me vedes, ides crer em mim? Ninguém respondeu. Quem, em seu pleno juízo, o teria feito?

- Um de vós ainda está ausente. Quando vos juntardes mais uma vez e souberdes com segurança que o Filho do Homem ressuscitou, ide para a Galileia.

Partir para o norte? Outra vez aquela ordem.

- Tende fé em Deus! Tende fé uns nos outros! Assim entrareis no novo serviço do reino dos céus.

O ser fez uma brevíssima pausa. Era espantoso! Havia matizes no timbre da sua voz!

- Permanecerei em Jerusalém até estardes em condições de partir para a Galileia. Deixo-vos em paz.

E numa fracção de segundo, toda a figura de luz se esfumou, recolhendo-se sobre si mesma, até ficar apenas um ponto brilhante, branco como o mais potente dos arcos voltaicos, no lugar que devia ser ocupado pelo suposto cérebro do não menos suposto homem. Depois, também esse ponto se diluiu. E na retina dos meus olhos continuou vivo, oscilando em cada movimento das pálpebras, como quando se olha fixamente para o disco solar. Do resto que aconteceu naquela sala na noite de domingo, 9 de Abril do ano 30 da nossa Era, quase nada posso dizer.

Não sei se entretanto passara um minuto ou uma hora. A verdade é que alguém começou a gritar. Foi como um detonador. Contagiados, todos nos precipitámos em direcção uns aos outros, procurando-nos na escuridão com os braços estendidos. Eu fui o primeiro.

Tropeçámos nos divãs, na mesa e uns nos outros, rolando como bolas sobre o soalho. Um pânico irracional – quase químico – explodiu em (toda a sua magnitude. Alguns choravam. Outros riam nervosamente. José e Elias, entre gritos e recomendações de calma e tranquilidade,

empurravam à direita e à esquerda, procurando, suponho, a porta. De nada me serviu a minha preparação nem a frieza que demonstrara noutras ocasiões.

Deixara-me dominar pelo medo. E como mais um naquele histérico enredo humano, acabei por gatinhar como um coelho assustado e chocar frontalmente com uma parede. A pancada com a cabeça deixou-me inconsciente.

Agora, só de pensar nas consequências fatais que aquela pancada podia ter causado, fico logo a tremer. Se tivesse fracturado a cabeça, talvez este diário não existisse. Foi uma importante lição para mim. A primeira coisa de que me lembro é do rosto choroso de João Marcos e, também entre brumas, as mãos solícitas de Maria, sua mãe, molhando a minha testa com uma esponja.

Tentei levantar-me. Mas uma dor aguda, entre as sobrancelhas, fez-me desistir. Apertei os punhos e, fechando os olhos, tentei acalmar-me e recordar.

- Que aconteceu?

- Uma má pancada – respondeu uma voz.

De súbito, ao compreender que tinha perdido o meu cajado, desenvencilhei-me dos meus amigos e levantei-me. Lancei um olhar à minha volta. Continuava no cenáculo. Os candeeiros de azeite brilhavam de novo e os discípulos, em silêncio, observavam-me dos seus assentos. Aos tombos, com as mãos sobre o enorme hematoma que crescia na minha fronte, fui aproximando-me da poltrona que eu ocupara durante a aparição.

A vara estava no chão, meio escondida pela mesa. Mas detive-me. O meu instinto, embora bastante afectado, funcionou. Não podia levantar suspeitas. Depois daquele percalço, se o meu primeiro impulso consistisse em localizar e recolher uma vulgar vara de peregrino, os meus atentos e sagazes observadores talvez começassem a fazer perguntas.

Devia agir com naturalidade. Assim, aparentando uma enorme ansiedade, fui examinando as taças que continuavam em cima da mesa.

- Não, Jasão!. Agora não te convém beber.

Era Maria. E com grande doçura, ajudada pelo rapaz, levou-me para um banco desocupado. Pegou numa moeda, um denário de prata, meteu-a num cântaro de mel e, seguidamente, colocou-a num pano que molhara numa mistura de vinho, azeite e aloés púrpura. Um dos criados pôs o denário em cima do hematoma, enquanto a senhora o segurava com o pano, atando a venda na zona occipital da minha cabeça. Senti um certo alívio.

Peguei-lhe nas mãos e beijei-as. Era um costume desconhecido dos hebreus e Maria, desconcertada, ficou toda ruborizada.

Por recomendação sua, deitei-me no divã, repousando durante alguns minutos. Fechei os olhos e logo aquela figura de luz e aquela voz regressaram à solidão e à escuridão do meu coração.

Tentei racionalizar o fenómeno. Seguramente, pensei, tudo foi devido à extrema tensão em que estávamos, Não podia enganar-me a mim mesmo. Admitindo que a visão tivesse sido uma consequência dos nossos nervos ou de um stress passageiro, como explicar o repentino apagar das lâmpadas de azeite? Na situação

generalizada de medo em que os apóstolos já se encontravam, não fazia sentido que os atemorizados apóstolos, num mais que duvidoso movimento alucinatório colectivo, tivessem deitado mais achas na fogueira e apagado, simultânea e inconscientemente, as chamas. Não, isso era demasiado confuso.

Além disso, havia o vento gelado. Nenhum dos presentes sabia da minha protecção cutânea. Se eles tivessem sido capazes de provocar aquele tipo de brisa, isso não implicava

que eu a sentissse. No entanto, afectou todo o meu corpo.

Quanto à cintilação e ao incrível traçado da faísca, o que é que se podia dizer? Supondo – e era supor muito – que algum dos amigos tivesse algum tipo de poder mais ou menos paranormal, e aceitando que tivesse sido capaz de criar ou construir uma materialização ou fantasmogénese, porque teria de o fazer de uma forma tão sofisticada e seguindo um processo que, de certo modo, me fez recordar os complexos sistemas da holografia?

E se me inclinasse para um holograma, quem, no século I, estaria em condições de fazer o que só a partir de 1947, com Dennis Gabor, seria conhecido e desenvolvido? Onde estava o laser, necessário para este tipo de imagens em relevo? E no caso de ter usado uma luz branca em vez de uma luz coerente – quer através de uma lâmpada incandescente quer através da luz solar – deparava-me com o mesmo problema, sem contar que naquele momento, nove e meia da noite, já estava totalmente escuro em Jerusalém.

* A holografia ou fotografia por reconstrução de frentes de onda foi inventada por Gabor, em 1947. A princípio, teve outra finalidade: o melhoramento do poder de resolução do microscópio electrónico. Só por volta de 1960, graças a Juris Upatnieks e Leith, da Universidade de Michigan, é que foi possível ampliar a descoberta de Gabor. Aproveitando o laser, por exemplo, conseguiu-se pela primeira vez a construção de imagens holográficas de objectos reflectores tridimensionais.

(N. do M)

Se a aparição se devesse a um médium, eu só tinha de lhe dar os parabéns. Além de conseguir uma bela figura com uma luminosidade que não podia enquadrar-se nos limitados conhecimentos da época, aperfeiçoara os seus trabalhos com uma voz, que saía de todos os lados. Além disso, e tenho de o dizer claramente eu nunca acreditei nessas materializações espectaculares a que os entendidos em parapsicologia chamam ectoplasmia. (Segundo especialistas como Geley, Crookes, Crawffor e outros, o ectoplasma seria algo assim

como uma substância nebulosa, esbranquiçada, com uma estrutura fluida e filamentosa que alguns médiuns são capazes de expelir pela boca, ânus, seios, ventre, etc, quando dizem estar em transe.

Esse ectoplasma aparece algumas vezes sob a forma de uma estreita faixa serpenteante ou adquire as mais diversas configurações humanas ou de animais) E digo que não creio em tais superstições porque, embora a mente do homem disponha efectivamente de um poder tão extraordinário como desconhecido, de um ponto de vista puramente científico não tem lógica que uma energia mental – adimensional ou espiritual e submetida, portanto, ao indeterminismo quântico – possa transformar-se num ente dimensional e material, como no caso dos repugnantes ectoplasmas. Não, aquela explicação foi descartada.

Talvez durante algum tempo me inclinasse a pensar que tudo resultara de uma alucinação colectiva. Mas de que tipo? A psiquiatria esforça-se por descrever algumas, como já disse mais atrás. Estaria perante uma mistura de alucinação visual auditiva? Estas últimas – as auditivasocorrem entre os doentes psicóticos; em especial entre os esquizofrénicos. O indivíduo distingue com nitidez o seu pensamento de outras vozes – quase sempre reprovatórias – que o invadem, reforçando o sistema delirante. É verdade que, noutros casos, essas alucinações são desagradáveis, aparecendo num quadro de delírio erótico ou místico. Nas esquizofrenias, essas vozes interiores ou exteriores dão todo o tipo de ordens, provocando mesmo situações-limite que podem chegar ao suicídio ou ao homicídio.

Também não era este o caso. Das treze pessoas que estavam no salão naquele momento, suponho que a maioria era normal.

Duvido que houvesse algum esquizofrénico ou doente de delírios crónicos. Como explicar então a hipótese da alucinação auditiva? Absorto em tais pensamentos, apercebi-

me de outra penosa circunstância. Levantei-me como que impelido por uma mola. Maldição!

E sorri para os meus botões, chamando-me a mim mesmo desastrado. Não utilizara os sistemas electrónicos introduzidos pelo Cavalo de Tróia na vara de Moisés! Aquilo, sim, teria projectado alguma luz sobre tão grande enigma. Como ser humano que sou – que ganharia eu ocultando-o? - justifiquei-me imediatamente. Alguém disse uma vez que só os deuses não se justificam.

Foi impossível. Como é que eu podia ligar os transductores naquelas circunstâncias?. Tudo foi tão inesperado e fulminante!. Nem sequer sabia onde estava o cajado. Além disso, o medo paralisara-me.

Para quê continuar? Era claro que eu tinha fracassado. E registei o facto, para a ocasião seguinte. Mas, haveria uma segunda oportunidade?

Soerguido sobre o divã, reparei então noutro pormenor que quase havia esquecido. Sim continuava ali. Levantei-me devagar e pegando num dos lampiões de barro, fui andando até à curva da mesa. Continuavam no chão, esquecidas, duas taças de metal e uma espada. A memória não podia enganar-me. Aqueles objectos? Depois de chocarem outros tinham caído do U. Mas como, alguém os teria empurrado?

Levantei os olhos, aproximando a luz da penumbra que envolvia aquela parte da sala. Tentei recordar. Eu estava na extremidade esquerda da mesa em U, (vista da porta). O ser formou-se defronte à curvatura e a um metro e meio ou dois metros daquele sector da mesa. Curioso! Os únicos objectos que se tinham deslocado e caído no soalho eram os que estavam nesse segmento do U. Outras duas taças – também metálicas – estavam tombadas mesmo na borda da mesa. Procurei não tocar em nada. Ajudado pela lâmpada de azeite fui percorrendo todo o comprimento do U. As espadas e os copos do centro e das pontas continuavam de pé, tal e qual

como os tínhamos deixado antes daquilo.

É uma ideia – ou foi um pressentimento? - devolveu-me as esperanças. Nem tudo parecia perdido.

O primitivo sistema da moeda deu resultado. Pouco depois exceptuando uma dor de cabeça latente, senti-me em condições de reatar o meu trabalho. Os discípulos dormitavam, esgotados por tantas emoções intensas. As mulheres e José tinham-se retirado e, procurando não fazer muito barulho, pedi a um dos gémeos que destrancasse a porta. O ar e a frescura da noite reanimaram-me definitivamente. A fogueira do pátio continuava a aquecer o caldeirão vazio e, ao pé das chamas distingui a robusta silhueta de Simão Pedro. Estava na companhia do dono da casa e de João Marcos. Dialogavam em voz baixa e com uma serenidade invejável. Não me atrevi a interrompê-los. Assim deslizando entre os jasmineiros, fiz a ligação auditiva. No módulo não havia novidades. Melhor dizendo, havia, sim, mas eram de carácter científico. Falarei delas a seu tempo.

Eliseu confirmou-me a hora. Dez horas e quarenta e cinco minutos. Isso significava que eu estivera inconsciente durante trinta minutos, aproximadamente. É claro que preferi ocultar-lhe o acidente da parede e o ainda inexplicável fenómeno do ser de luz. E, por prevenção pedi-lhe que me chamasse ao amanhecer.

De pé, com a cabeça meio escondida entre os ramos e pendente da transmissão, não me apercebi da chegada silenciosa de João Marcos. Tocou-me suavemente nas costas e assustei-me.

- Com quem falas? Que língua é essa? O rapaz deve ter ouvido algumas das minhas palavras – em inglês e, logicamente perguntou espantado e com curiosidade.

- Estava a rezar. - respondi um tanto pálido. - Sempre o faço – improvisei – num dialecto da minha terra natal, Tessalónica, É uma koinél que tu não conheces.

** Talvez já o tenha mencionado. Não me lembro. O grego utilizado pelos comerciantes daquele tempo – a koiné – era uma espécie de língua internacional. Era um grego deformado, que se impôs sobre as línguas da região: ático, jónico, dórico, eólico, etc. As palavras difíceis foram eliminadas, pondo de lado as particularidades das declinações e conjugações.*

Usavam-se as construções analíticas com proposições de preferência às formas sintéticas do grego clássico, tendo absorvido numerosos vocábulos estrangeiros; sobretudo latinos.

(N. do M)

Aquele pequeno incidente também nos serviu de lição. Embora o meu irmão e eu costumássemos conversar em koiné ou aramaico galileu – fundamentalmente com o propósito de praticar -, a partir de então, tanto as ligações auditivas como as conversas directas, dentro e fora do berço, foram feitas nas línguas do tempo e do lugar em que nos encontrávamos. Antes de me reunir com Simão Pedro e Elias Marcos, o benjamim, um pouco ruborizado, insinuou-me que ele também tinha uma coisa para mim. Olhei para ele intrigado.

Que lhe teria ocorrido agora? Colocando diante dos meus olhos um saquito de pano descolorido, fê-lo oscilar suavemente no cordãozinho branco e imaculado que o fechava. - O que é?

- Uma coisa poderosa e secreta – respondeu em tom misterioso. Aguardei uma explicação. Mas antes disse-me que me inclinasse. E ao fazê-lo, passou a laçada sobre a minha cabeça. E o saquito, de apenas cinco centímetros de comprimento, ficou pendurado sobre o meu peito. - Isto livrar-te-á das febres terçãs e dos espíritos malignos que espreitam sob as sombras das alcaparras, figueiras e sorveiras rasteiras. Mas, olho vivo! Não te servirá se caíres sob a sombra de um barco. - E o que é que me pode acontecer se cair sob a sombra de um barco?

O miúdo abriu os seus grandes olhos negros, olhando para mim como se tivesse diante dele um perfeito cretino.

- Corres o risco de ver o diabo!

Fiz um grande esforço para não soltar uma gargalhada. A

superstição entre aquela gente era tão variada como arreigada. Ao ponto de o Talmude dedicar longas passagens a tais questões e às formas de combater as influências malignas.

Apalpei o conteúdo do amuleto e agradeci-lhe efusivamente, pedindo-lhe que perdoasse a minha ignorância.

- Como estrangeiro – disse-lhe -, ainda não estou muito a par desses grandes perigos.

Ao que parecia, e segundo o benjamim, o seu presente continha os seguintes ingredientes mágicos: Sete espinhos de sete palmeiras. Sete aparas de sete vigas. Sete pregos de sete pontes. Sete cinzas de sete fornos e sete pêlos de sete cães velhos.

- Ah! - exclamei, aliviado.

E sem mais demora, fomo-nos juntar à serena tertúlia de Simão Pedro e do anfitrião. No decorrer da mesma, como já disse, tomei conhecimento do que havia sentido o pescador momentos antes da aparição. E fui também informado das últimas decisões do grupo apostólico. Ninguém abandonaria Jerusalém.

Na manhã seguinte, dois discípulos – seguindo a recomendação do ressuscitado na sua última materialização – dirigir-se-iam a Betânia em busca de Tomé. Tentariam convencê-lo a deixar o seu isolamento e a juntar-se aos outros. Uma vez conseguida a reunificação dos onze, partiriam para o Norte: para a Galileia. Eu não disse nada, naturalmente, mas supus que essa tentativa de convencer e atrair o renitente Tomé iria tropeçar em sérios inconvenientes. Segundo o Evangelho de João, oito dias depois daquele estranho fenómeno – chamemos-lhe aparição

- registado no cenáculo, os onze, por fim, realizaram o seu desejo de finalmente estarem juntos. Não o podiam saber ainda, mas essa seria a segunda aparição de Jesus aos seus

embaixadores. Uma aparição que, é claro, eu não pensava perder e da qual felizmente, extrairíamos algumas conclusões inesperadas. A propósito, e apesar de não ter nenhuma importância, não consigo entender por que razão três dos quatro evangelistas não se referiram a esta nona e última aparição do Mestre, naquele histórico dia do chamado Domingo da Ressurreição. Apenas João fala dela e misturando palavras e gestos do Filho do Homem que correspondem à segunda presença no cenáculo, com Tomé incluído. Mas não quero precipitar-me.

Falarei dessa aparição – ocorrida no domingo seguinte – 16 de Abril – no momento preciso, e não será difícil descobrir como foi igualmente manipulada com a introdução de frases que Cristo jamais pronunciou e que, no tema da confissão dos pecados, acabariam por se cristalizar noutra fórmula tão mágica quanto falsa.

A casa de Elias Marcos, embora sóbria, encerrava influências helénicas e romanas, com pormenores de um requinte que me surpreenderam.

Era já alta madrugada quando decidimos recolher-nos. Na verdade, eu estava esgotado. Simão Pedro, que parecia transformado, despediu-se de Elias e de mim dando-nos o beijo da paz. O homem não se esquecera das minhas palavras de consolo e do meu precário exame como médico. Ao princípio, obcecado com a ideia de não causar incómodos, insinuei ao meu anfitrião que eu podia descansar junto ao borralho. O meu manto já tinha servido em ocasiões semelhantes. Elias zangou-se. E, puxando por mim, resmungando perante as ideias malucas daquele pagão, obrigou-me a entrar pela porta pela qual eu vira entrar e sair Maria durante a minha primeira visita à mansão.

Encontrei-me diante de um longo corredor, estreito e alto iluminado nas suas extremidades por um candeeiro pendurado nas paredes de tijolo. Elias tirou o que estava à entrada e convidou-me a segui-lo. Àquela hora – deviam ser

três horas da madrugada, pouco mais ou menos – a casa dormia pacificamente.

Em vinte passos percorremos o corredor de tijoleiras de barro cozido, detendo-nos diante da última das cinco portas que contei na parede do lado esquerdo. Na parede oposta, frente a frente, abriam-se outras tantas portas de escura madeira de carvalho, cuidadosamente polidas com uma espécie de verniz.

Marcos fez-me sinal para que segurasse a lâmpada de azeite e, pegando no grosso molho de chaves que levava ao pescoço, procurou a que servia. À terceira ou quarta tentativa, a fechadura rangeu e o meu amigo empurrou a porta e entrou no quarto. Mostrou-mo e, antes de se retirar, do umbral da porta, indicou-me o quarto que ficava em frente, dizendo-me que ali era a casa de banho. E com um cortês «a paz seja contigo», fechou a porta atrás de si.

O pequeno quarto, sem janelas, era extremamente simples.

Ergui o candeeiro de bronze e as sete chamazinhas projectaram outras tantas sombras serpenteantes sobre os móveis: uma arca de madeira de azinheira, uma cama alta e, evidentemente, muito pequenina para o meu metro e oitenta centímetros de estatura, um jarrão de barro com um esplêndido ramo perfumado de brancos jasmins e, também sobre a arca,

uma bandeja cuidadosamente tapada com uma gaze. Ao destapá-la, adivinhei a mão de Maria, a dona da casa. Sorri, agradecido.

Ao lado de uma jarrinha repleta de compota doce estava uma tigela com figos secos e nozes descascadas, primorosamente cercadas de mel quase preto, que brilhou como um diamante à luz do candeeiro.

A cama era soberba. Havia sido feita com madeira branca de pinho, formando um par de felinos, desmesuradamente estirados, cujas cabeças constituíam os pés. Não havia

colchão. No seu lugar, sobre um trançado de lona, três mantas de lã esponjosa e várias almofadas de penas. O travesseiro, grande azar meu, era um apoio de cabeça de alabastro. Provei as nozes, apenas por cortesia, e não toquei na compota. Embora as condições higiénicas da casa e da família fossem dignas de elogio, as normas da missão, nesse aspecto, eram rígidas. Rendido, deixei-me cair na cama, depois de apagar seis dos sete orifícios do candeeiro onde assomavam outras tantas torcidas ou grossos pavios de linho que eram as mechas. E um adocicado aroma de azeite – típico das casas judaicas – foi invadindo o aposento, empurrando-me para um plácido sono reparador.

Às cinco horas e quarenta e dois minutos, pontual como sempre, Eliseu devolveu-me à realidade.

- Está a amanhecer – anunciou-me, eufórico. - A temperatura desceu um pouco. Os sensores exteriores marcam oito graus centígrados. Pela leitura do anemocinemógrafo deduzo que temos em cima um cadim (vento de leste). O tubo de Pitot assinala rajadas com velocidades até trinta nós. O céu continua limpo, com uma visibilidade praticamente ilimitada. A meio da manhã terei concluído as análises. Isto é incrível, Jasão! Espero-te para o chá? Câmbio.

Agradeci a informação e a piada. E prometi voltar à base-mãe o mais rapidamente possível para recolher os panos mortuários.

Antes devia cumprir o combinado com Civilis, o chefe da Fortaleza Antónia. Por volta da hora terça falaríamos com o procurador. A entrevista podia ser positiva para ambas as partes. Na nossa longa permanência nas altas terras do Norte – na Galileia – todo o apoio oficial seria pouco. Quanto ao supersticioso Pilatos, o que eu tinha em mente enchê-lo-ia de admiração. Estive a ponto de passar ao largo. Mas a curiosidade foi mais forte.

Durante o primeiro salto, as numerosas entradas no berço

aliviaram as minhas necessidades fisiológicas. Nesta segunda exploração – e não falemos na terceira (que nem Eliseu nem eu podíamos então prever) – a coisa foi diferente. Eu não dispunha do dispositivo para a eliminação das fezes 1 e, obviamente, tive de obrar nos lugares mais estranhos e, às vezes, em circunstâncias comprometedoras. O caso é que, ao empurrar a porta em frente ao meu quarto, descobri o que aquelas gentes chamavam, com tanto pudor como eufemismo, o lugar secreto.

* Como se explica pormenorizadamente no volume anterior, Eliseu teve de ser submetido a uma delicada operação: a inserção no recto de uma sonda diminuta, preparada para recolher as fezes. Estas, previamente tratadas com jactos de água a 38oC, eram sugadas por um dispositivo miniaturizado que foi acoplado às suas nádegas. Desta forma, os excrementos eram decompostos nos seus elementos químicos básicos. Parte era gelificada e transformada em oxigénio e hidrogénio. O resto, sob a forma de gás, era lançado para o exterior. (N. Do A)

A casa de banho, de uns cinco metros quadrados, era toda forrada de mármore númida, de finíssimos veios negros. Só o tecto aparecia nu, engessado e com três grossas vigas de sólida madeira de azinheira de Bacá. À direita da porta, ao longo da parede, abria-se uma espaçosa banheira – quase uma piscina – elevada um metro e meio acima do nível do solo. Umas escadas muito íngremes, cobertas com esteiras, como o resto da casa de banho, facilitavam o acesso. No extremo oposto, no canto esquerdo, o pavimento tinha sido esburacado.

Aproximei-me cheio de curiosidade. Era um pequeno poço de uns trinta centímetros de diâmetro que comunicava, pelo que consegui aperceber-me, com um sistema de esgotos, já então existente no Templo e áreas adjacentes da parte baixa da cidade. A retrete – porque era disso que se tratava – fora rodeada com um estrado quadrado de madeira com quase cinquenta centímetros de lado, e que se elevava ligeiramente sobre o mármore. Muito perto da sanita – à mão, como se costuma dizer -, numa canastazinha de fibra de palmeira, amontoavam-se várias esponjas. Estas, juntamente com a

água depositada nas pias que se alinhavam na parede, deviam constituir os utensílios para a necessária higiene depois de se fazer as necessidades.

Um grande armário e uma série de prateleiras feitas na parede completavam o recinto. Naqueles vãos, em perfeita ordem, o utente da casa de banho podia encontrar de tudo: desde barrilhas e natrão, que faziam as vezes do nosso sabonete, até pedra-pomes e uma infinidade de frasquinhos de vidro e cerâmica, com cosméticos e perfumes: póch para as sobrancelhas e pestanas, e a que os romanos chamavam stibium (uma substância de cor azul-escura à base de chumbo); folha de al-kenna, que produz uma cinza de tonalidade amarelo-escura, e que servia para as mulheres pintarem as unhas e a palma das mãos; sikra para os lábios e faces; macerações de lírio em azeite; ónix, também chamado unha perfumada; nardo e o não menos fresco e fragrante perfume de cinamomo e bálsamo de Jericó. Além disso, pentes de madeira e osso, colheres, espátulas e paletas de marfim para colocar os cosméticos e vários espelhos redondos de metal polido com cabos de madeira primorosamente trabalhados. As afiadas facas largas, que deviam servir para o dono da casa fazer a barba, ocupavam apenas um cantinho entre semelhante arsenal feminino. Como nos nossos dias, a invasão das mulheres de então nas casas de banho era algo bem aceite pelos homens.

Mas o que mais me chamou a atenção daquele lugar secreto foi um pequeno cartaz, pendurado numa das paredes. Dizia mais ou menos isto: «Quanto mais permaneceres aqui, mais longa será a tua vida».

Minutos mais tarde, ao cumprimentar Elias, interroguei-o sobre aquela legenda. E o homem, sorrindo zombeteiramente, assegurou-me que era um adágio extraído do Talmude.

- O Berakoth (LV) – acrescentou em tom de troça – conta, até, que o velho rabi chegava a deter-se até vinte e quatro

vezes em outros tantos lugares secretos, no caminho entre a sua casa e a escola onde ensinava.

Depois de me arranjar um pouco e purificar o meu hálito com um dos dentífricos de uso comum naquela época – uma pimenta de cheiro que se mastigava como os grãos de anis – examinei a minha testa. O hematoma havia baixado consideravelmente.

Com prudente optimismo, depois de lançar um último olhar àquela casa de banho de luxo, dirigi-me para o pátio.

As trombetas dos levitas já tinham anunciado o novo dia.

Como também era habitual, a dona da casa e a criadagem já andavam nas lides domésticas há bastante tempo. Entre canções, iam acabando de moer o trigo. Maria Marcos deixou de torrar o grão e veio ver a minha testa. Devolvi-lhe o denário e o pano e ela, esfregando as mãos de satisfação, voltou para a prancha abaulada onde se coziam as apetitosas bolas de flor de farinha.

Havia tempo de sobra. Por isso aceitei, com imenso prazer uma caneca de leite de cabra a ferver e sentei-me junto à fogueira. A manhã, como dissera Eliseu, estava fria.

Passei revista à minha roupa e ao saco com os quadros astrológicos e, após uma longa reflexão sobre o que acontecera no dia anterior despedi-me da família, elogiando e agradecendo a sua hospitalidade. Como eu supunha, passariam ainda uns quantos dias até poder estar com eles outra vez. Maria fez-me prometer que não abandonaria Jerusalém sem antes ir a sua casa e passar umas horas a falar-lhe da minha família. A minha família? Os homens como eu – sempre sós, permanentemente descontentes e atormentados – não conhecem outra família além do suplício da solidão. Mas como explicar-lhe isto?

Elias abraçou-me como a um irmão e, com um «até logo», lancei-me às já movimentadas ruas da Cidade Santa.

O cadim, com efeito, forte, frio e seco, fustigava Jerusalém. O ar e o céu pareciam um cristal. Protegi-me com o manto e, depois de informar o módulo de que me dirigia para o quartel-general romano e que talvez viesse a precisar dos serviços do Pai Natal, comecei a andar em direcção à Porta dos Peixes.

A nova e luminosa segunda-feira, embora um pouco mais calma que o domingo, seria igualmente rica em surpresas e experiências.

10 DE ABRIL, SEGUNDA-FEIRA

Embuçado no manto, não os vi. Mas ouvi os seus risos e os seus comentários. Voltei-me e descobri junto de um muro lateral da residência dos Marcos um grupo de hebreus que gesticulava e apontava para a parede entre gargalhadas sonoras. Ao aproximar-me, calaram-se e afastaram-se com uma pressa suspeita. Ao olhar para as pedras fiquei indignado, compreendendo a sua maledicência. Alguém, aproveitando a noite garatujara com cal umas enormes letras insultuosas que, supus, eram dirigidas aos seguidores do Mestre e aos que – como nesse caso – lhes davam abrigo.

Ladrões.

Era o que estava escrito. Não era o primeiro graffiti que eu via nas paredes de Jerusalém. Os judeus daquela época, como os cidadãos de Pompeia ou do Palatino, gostavam muito desta forma gratuita e clandestina de protesto, que remontava a tempos muito antigos. (Como vemos, «não há nada novo sob o Sol».

Na base do Palácio dos Asmonianos, por exemplo, chamara-me a atenção uma daquelas inscrições, assinada, até, pelo seu autor: «Simão e a sua casa arderão no Inferno». O aramaico incorrecto – obra talvez de algum pedreiro

descontente – estava assinado por um tal Pampras. Noutros lugares, sobretudo nas muralhas e nos arcos das pequenas pontes sobre o Tiropéon, viam-se sentenças mais atrevidas, quase sempre contra o jugo dos odiados romanos: «Poncio, cattivo (Pôncio, o mau», parodiando o insulto que os habitantes de Capri dirigiam ao perverso imperador então reinante: Tibério.

«Pôncio, o escravo de Sejano, Saduc e Judas de Gamala não estão mortos, Soldado, [referindo-se sem dúvida aos legionários de Roma], a tua vida vale dez asses»? 2. Este não era, naturalmente, o único meio de expressão do povo. Além dos arautos oficiais, as notícias voavam de boca em boca, graças aos vendedores ambulantes, bufarinheiros e mendigos errantes. A fonte ou o poço públicos, onde iam regularmente as mulheres e os rebanhos, eram outros dos focos de informação em toda a Palestina. Esta forma simples e rápida de difundir as boas e más notícias era conhecida por uma expressão muito plástica: «a asa do pássaro».

Naturalmente, suspeitei desde o princípio que a autoria de semelhante canalhice podia estar ligada – directa ou indirectamente – ao sumo sacerdote e aos seus fanáticos saduceus. Entre os rumores que cruzavam Jerusalém de ponta a ponta desde as primeiras horas da manhã de domingo, havia um que apresentava especial afinidade com o graffiti em questão: o que assegurava que os discípulos de Jesus haviam roubado o cadáver do Rabi, aproveitando o facto de os guardas terem adormecido. Bastava ouvir aqueles boatos e comentários dos cidadãos – judeus ou gentios – para ver que só acreditavam naquelas notícias os de má fé. Nem o mais ingénuo na cidade admitia que a legião romana pudesse ser ludibriada de maneira tão grotesca.

Mas a campanha de intoxicação – como se diria no século XX – fora meticulosamente planificada pelo Sinédrio. Ou, para sermos mais exactos, pelos leais a Caifás e seu sogro. Aquela nova medida de desprestígio público de Jesus e da

sua gente nasceu certamente na reunião realizada na tarde anterior e da qual nos informara José de Arimateia. Não me enganava. À medida que fui avançando para a parte alta da cidade, outras

* Numa das minhas ligações à nave, o Pai Natal confirmaria que um fariseu com o nome de Saduc e um tal Judas de Gamala, chamado o Galileu, ambos simpatizantes ou membros do grupo de extrema esquerda dos zelotas ou "zelosos, incentivaram uma revolta contra os romanos no ano 6 da nossa Era, por motivo – segundo A Guerra dos Judeus (II, 118) – de um recenseamento. O motim foi esmagado, mas os zelotas, que contavam com a simpatia do povo, continuaram a praticar o terrorismo individual e a guerra de guerrilhas. Feriam e matavam os infiéis e traidores, armados com um punhal que os latinos chamavam sica. Daí derivou o qualificativo "sicários. S. Paulo conseguiu escapar por pouco. (Actos, XXIII, 14). (N. Do M)

* Este graffiti talvez procedesse de uma época anterior.

Possivelmente do reinado de Augusto, durante o qual a paga diária de um legionário romano era idêntica à estabelecida por César: 225 denários anuais ou o equivalente: 10 asses por dia.

Tácito (Ann, I 17, 6) explica que a revolta dos soldados no ano 14 foi devida a esta paga tão baixa. (N. Do M)

pinturas recentes, nas paredes do terreiro de Xisto, na parte baixa do grande muro ocidental do Templo e na rua dos pórticos do mercado de cima vieram confirmar a minha convicção. O povo, à medida que as ia descobrindo, amontoava-se perto delas, divertindo-se e engalfinhando-se em várias discussões violentas. Também não é verdade que todo o povo estivesse contra o Galileu. Nas discussões havia opiniões para todos os gostos. Algumas, muito corajosas e sensatas. Perante o argumento da vigilância romana – numa fuga vergonhosa para os da Fortaleza Antónia – a maioria ficava calada, reconhecendo que era tudo muito estranho. Mas o medo, como em todas as épocas, era livre, e a maioria não tinha o menor desejo de perder a vida ou o seu património para defender uns galileus esfarrapados. Esta era a expressão mais repetida nos graffiti que cheguei a ler.

O naggar designação em aramaico do carpinteiro de obras externas ou, mais genericamente, do construtor de casas] da Galileia, dizia uma daquelas inscrições, não morreu € numa

mordaz segunda frase mal intencionada esclarecia-se: «Está convalescente no lago, onde "aparecerá" a rameiras e a bastardos».

Não há dúvida que os inimigos também tinham conhecimento das notícias sobre uma futura presença do Filho do Homem nas terras do Norte, precedendo os seus. Os andrajosos galileus, dizia outra, «roubaram o seu rei. Roma sabê-lo-á.

Ladrões! Impuros! A sombra da lei perseguirá os andrajosos filhos do círculo dos gentios». (Assim era também conhecida a Galileia) Talvez me tenha entretido excessivamente. Mas, na minha opinião, valeu a pena. Destas expressões nos muros da Cidade Santa também nada dizem os evangelistas e, no entanto, foram mais um factor – e de clara importância – na difusão da maior notícia de todos os tempos. Os amigos e os fiéis a Jesus de Nazaré souberam desde o princípio dessa suja manobra do Sinédrio, e isso contribuiu também para aumentar o medo e para continuarem, no caso dos dez, no andar de cima da casa dos Marcos, sem se atreverem a sair à rua. Pouco antes da hora terceira, um dos sentinelas do parapeito oeste da Antónia escoltava-me até ao túnel da fachada principal da fortaleza.

Ali, junto ao posto da guarda, voltou a repetir-se a cena que eu vivera com José de Arimateia no meu primeiro encontro com o procurador. Um optio consultou a tabuinha encerada em que registavam os nomes dos visitantes do dia, bem como as audiências previstas, e, com um sorriso, antecipando-me às intenções do romano, entreguei-lhe o meu cajado e levantei os braços para a revista de rotina. Desta vez não foi necessário.

Na boca do túnel distingui a robusta figura de Civilis, o comandante da guarnição.

Saudou-me com o braço estendido e o optio, condescendente, franqueou-me a passagem, dizendo-me que estava tudo bem e que podia passar.

Civilis, sem capacete e sem a cota de malha, protegia-se do frio da manhã com a bela e longa capa cor de granate. Nunca o vi sem armas: a espada do lado esquerdo (ao contrário da tropa) e um pequeno punhal com um cabo em forma de antílope em pleno salto.

Apercebeu-se dos sinais do meu hematoma mas, discretamente nada perguntou. E atravessámos em silêncio o pátio quadrado de tão tristes recordações. Tudo transpirava rotina. Os soldados de infantaria que não estavam de serviço reviam, como noutras ocasiões os seus uniformes. Alguns, com a simples e curta túnica vermelha de lã ou abrigados com os seus pesados capotes de campanha, jogavam aos dados nas lajes de dura pedra calcária acinzentada. Desta vez não havia cavalos junto à fonte da deusa Roma. Ao passar junto do marco de pedra ao qual Cristo fora amarrado revi as imagens dos açoites, com o estômago às voltas.

Ao pé da polida escadaria de mármore branco que conduzia ao vestíbulo e ao gabinete oval de Pilatos, o centurião cruzou-se com outro oficial. Civilis bateu amistosamente na couraça musculada de couro com o seu inseparável uitis ou vara de videira e o camarada deteve-se. Em latim e com evidente satisfação, recordou-lhe que tudo devia estar preparado para a marcha do dia seguinte. Alegrei-me pela oportunidade da minha entrevista. Pelos vistos – concluída a festa judaica da Páscoa - o procurador e as forças que o acompanhavam regressavam a Cesareia, sede do representante de César naquela área da província da Síria, à qual pertencia a Judeia.

Surpreendeu-me não ver as sentinelas junto à porta lavrada do gabinete do governador. Eu pensara até àquele momento que seria lá o nosso encontro. Civilis, quando se apercebeu da minha atrapalhação fez-me um sinal. Eu segui-o até ao

fundo do vestíbulo rectangular. Ao chegarmos à parede de mármore cipriota do lado direito, colocou-se em frente de um singular adorno: um escorpião de bronze, com cerca de quarenta centímetros de comprimento, cravado na parede com uma grossa barra cilíndrica de ferro que o mantinha ligeiramente separado da superfície da parede. Representava o oitavo signo do Zodíaco: o do imperador Tibério.

O oficial agarrou na cauda do brilhante aracnídeo e puxou-a com força.

O bloco de mármore rangeu e, admirado, vi como uma parte da parede girava sobre um eixo oculto, deixando a descoberto uma portinhola de apenas um metro de altura.

O oficial dispôs-se a entrar. Olhou para mim e, como único esclarecimento, comentou: - Coisas do velho Herodes.

E um negro túnel surgiu diante de nós.

Enquanto penetrávamos num passadiço escuro, com o queixo quase colado às coxas, pensei que as palavras de Civilis se referiam a alguma extravagância de Herodes, o Grande, que foi quem remodelou a Antónia sobre o velho castelo dos Asmonianos.

Aquele invento de uma porta secreta só podia ser coisa do criado idumeu. Assim que entrei no túnel, pareceu-me ouvir atrás de mim uma rápida sucessão de cliques. As trevas e a estreiteza daquele sítio não me permitiram descobrir a origem do ritmado ruído metálico, mas deduzi que se tratava do mecanismo para fechar a parede. Talvez um velho sistema de roldanas e pesos que, assim que se abre o alçapão reage automaticamente, começando a fechar gradual e inexoravelmente.

Quando já tínhamos percorrido uns vinte metros, meio asfixiado pela falta de oxigénio, uma pancada seca ressoou no húmido corredor. A parede acabava de voltar à sua posição original, sepultando-nos.

O facto de o centurião não se ter detido nem ter feito qualquer comentário tranquilizou-me relativamente. Aquele não era o lugar mais apropriado para terminar os meus dias.

Mas os meus receios dissiparam-se imediatamente. Civilis parara e eu, estupidamente, fui tropeçar nele. Não disse nada.

Abriu uma portinhola de uma madeira fraca e carunchosa, e a luz feriu-me os olhos. Quando consegui levantar-me estava atrás de uns grossos cortinados de cor púrpura. O oficial deixou-me passar e entrámos numa espécie de sonho. Jamais pude imaginar um luxo semelhante. O passadiço secreto conduzira-nos a uma sala quadrada – uma espécie de tetrastilum -, a céu aberto e com umas duzentas colunas semi-salientes numas paredes das mais variadas e refulgentes tonalidades. O tecto era formado por largas lonas púrpuras com cerca de vinte metros de comprimento, estendidas de uma coluna a outra. Com o Sol no alto, filtrariam os raios, projectando um resplendor avermelhado sobre o pavimento de mármore. No centro erguia-se um pequeno repuxo – agora seco – em forma de uma grande concha e com seis pias de mármore em forma de taça, onde caía a água.

Na parede virada para sul – no lado oposto à que escondia a saída do passadiço – tinham sido abertas janelas estreitas e altas, com vidraças, das quais se podia contemplar o Santuário do Templo e grande parte do Átrio dos Gentios.

Entre esta espécie de ameias e o repuxo alinhavam-se três mesas de marfim, muito baixas, repletas de manjares que, à primeira vista, não identifiquei. Mais do que mesas pareciam arcas pequenas. E, a um lado, uma alta e belíssima lâmpada de pé, de alabastro translúcido rematada por três flores de loto, nas quais ardiam outras tantas mechas de azeite.

Pouco a pouco, à medida que eu ia observando, reparei que o procurador - ou talvez a mulher – sentia uma atracção especial pelos móveis e adornos egípcios. Na parede

ocidental, em cima dos respectivos pedestais, eram exibidos – no centro – um barco faraónico prodigioso, em papiro e com incrustações de pedras multicolores e, de um lado e do outro, duas cabeceiras funerárias, também de origem egípcia. A da esquerda, dobrável e em marfim, enfeitada com duas cabeças do génio protector Bes. A outra, uma peça valiosíssima de pasta vítrea azul-opaco, com um friso de ouro decorado com os dois signos duplos da vida divina.

Entusiasmado com estes possíveis vestígios do reinado de Tutancámon – que eu não conseguia entender como haviam chegado às mãos do governador – não me apercebi da presença de Pilatos. Civilis tocou-me com o seu uitis e voltei-me logo, descobrindo um Pilatos rejuvenescido e jovial que me saudava com o braço estendido. Correspondi ao cumprimento com uma leve inclinação de cabeça e ele recusando todo o protocolo, aproximou-se de mim, sacudiu-me os braços e riu-se das minhas correrias matinais pelos montes de Jerusalém. Era claro que o obeso Pilatos tinha sido informado pelo seu fiel comandante.

- Com que então viste o sepulcro vazio.

Pilatos, que ostentava um belo manto cor de jacinto, dando várias voltas ao tronco, e uma túnica de lã até aos pés não esperou pela minha possível resposta. Com os seus olhos azuis e salientes fixos na cabeceira funerária que eu acabava de admirar, murmurou como para si mesmo:

- Única!. Gostas, Jasão?

Ia dizer-lhe que sim e perguntar pela origem de tão magnífica peça quando, deslizando para o centro da sala, levantou os braços e, girando sobre si mesmo como um pião, exclamou em voz alta:

- Roma há-de invejar-me quando souber das minhas inovações! Civilis e eu trocámos um olhar.

Depois, voltando para onde eu estava, pegou-me no braço, obrigando-me a acompanhá-lo. Apontou para as colunas e,

sem dissimular o seu orgulho, foi enumerando as excelências da construção:

- Olha para isto! Cada quinze são de porfírita encarnada, de Cipollino e de Povanazzeto. E os mármores? Obrigou-me a tocar nas paredes enquanto ele cantava a procedência dos luxuosos materiais:

- O negro, da ilha de Milo! Os finórios de Roma chamam-no mármore de Lúculo. Numídia! Eubeia! Tenaro!. Mas, com a mesma euforia com que havia arremetido ao informar-me das suas inovações arquitectónicas – dominado pelo seu frágil e instável temperamento -, assim se apagou também aquela explosão de orgulho pessoal. E, ajeitando nervosamente a peruca ruiva, foi directamente para as mesas. Deixou-se cair pesadamente sobre as grandes almofadas e, uma vez bem sentado, olhou para nós perplexo. Agitou as mãos, ordenando-nos que seguíssemos o seu exemplo e o centurião e eu procurámos imediatamente um assento diante do procurador. O seu rosto, branco, inchado e redondo como um escudo, iluminou-se ao reparar nos manjares. Abriu os lábios num sorriso carregado de gula, fazendo brilhar os seus três dentes de ouro.

- Oh, miolos de pavão real!

Pegando numa dose, engoliu-a sem mastigar. Nem Civilis nem eu nos atrevemos a imitá-lo. Mas Pilatos, enquanto remexia numa travessa de passarinhos fritos, ordenou-nos que começássemos.

- Então o milagre do sepulcro – lançou-me de rompante, repetindo quase literalmente as palavras que eu pronunciara no pátio de Antónia na presença do comandante – é só o princípio de uma série de factos surpreendentes. .

Civilis, impassível, nem sequer olhou para mim. Agarrou numa pata de cabrito e começou a devorá-la com volúpia.

Eu tinha de agir com extrema cautela. Estava disposto a informá-lo de alguns acontecimentos futuros – baseados nas

minhas prospecções como áugure -, mas naturalmente, a troco de algo.

E, seguindo uma velha táctica, fiz-me rogado. Percorri distraidamente os olhos pelos alimentos e, apontando para duas bandejas de prata, perguntei sobre a natureza do seu conteúdo.

Pilatos, astuto e divertido, aceitou o jogo.

- Fígado de cavala, e isto é moreia. Tudo importado directamente das costas de Gades.

Desculpei-me, alegando que o meu estômago não resistiria. E o procurador continuou a decifrar-me o pequeno-almoço: -. Também tens aperitivos: ouriços do mar, ostras de Tarento, bolotas marinhas (brancas ou negras) tordos com espargos da Sicília ou se preferires, rins de veado, pasta de peixe, pães de Piceno e, para sobremesa, figos de Malta, tâmaras ou passas do Levante.

Ficou sério. Julguei que me ia fazer mais perguntas. Mas não. Bateu as palmas com força e, de imediato, por uma porta estreita camuflada junto dos cortinados, apareceu um dos criados. Não foi preciso aproximar-se. Aos gritos e por entre alguns insultos, repreendeu-o pelo lamentável esquecimento do vinho. Minutos depois, o mesmo criado estava de volta com uma pequena ânfora de metal dourado. Encheu as taças e, deixando o recipiente num suporte de ferro, retirou-se mudo e pálido. - Saúde! Prova-o, Jasão. Tu és comerciante de vinhos. Adivinhas de onde é?

Senti-me apanhado. Embora eu tivesse sido treinado como provador dos mais apreciados vinhos da região mediterrânica, a minha perícia neste assunto ainda deixava muito a desejar.

- Mosela?. - aventurei, depois de o cheirar e saborear um bochecho.

- Chipre! - rectificou, com uma ponta de ironia.

Com o meu prestígio profissional arruinado, optei por ir directo ao assunto que me levara à fortaleza.

- Sim, estimado governador – anunciei com gravidade. - O assunto do túmulo vazio é só o princípio. - O túmulo vazio!

- explodiu Pilatos. - Esses fanáticos querem tornar-me louco.

Sabes o que andam a apregoar as ratas do Sinédrio? Fingi que não sabia.

- Que os meus soldados adormeceram! Mas isso não é o pior.

Ainda por cima têm o descaramento de caluniar a legião, murmurando que os discípulos desse Jesus roubaram o seu cadáver. Sabes qual é o castigo por adormecer durante a guarda?

Naturalmente que eu sabia. Eu próprio presenciei uma dessas brutais execuções por espancamento.

-. Os meus agentes informaram-me do dinheiro que Caifás pagou a cada um dos seus cobardes guardas para calarem o bico: duzentos ases, Jasão! O pagamento de vinte homens! Disso não falam, claro! Cuspiu os ossinhos do passarinho frito que estava a comer e, maldizendo os sacerdotes, continuou: - Filhos de mil rameiras! Mentem, subornam e, para cúmulo, envolvem os meus homens nisto!

- Tu sabes que os teus

legionários não fugiram – repus, conciliador. - Eu estava lá.

Pilatos mostrou-se muito interessado por aquela circunstância.

Brincou durante um momento com o falo que tinha pendurado ao pescoço e avisou-me, sem rodeios, que não abusasse da sua amizade.

- Não minto, excelência. Podes confrontar a minha versão com a dos teus soldados.

Quando acabei a exposição dos factos que eu presenciara

na quinta, os meus acompanhantes olharam um para o outro abertamente. E o comandante concordou categoricamente. - Então – perguntou, nervoso -, achas que ressuscitou? Encolhi os ombros e Civilis aprovou a minha sensata resposta.

- O que te posso dizer, isso sim, ilustre governador é que um acontecimento tão misterioso é só o princípio de uma cadeia de sinais. Pilatos arregalou os olhos.

- Já consultaste os astros?

Apressei-me a mostrar-lhe os quadros astrológicos, dando-lhe a entender que descobrira coincidências enigmáticas e preocupantes. Atemorizado, refugiou-se noutra taça de vinho.

Prevendo o indispensável auxílio do computador central, carreguei dissimuladamente no meu ouvido direito.

Eliseu respondeu logo:

- Okay. Tudo pronto. O Pai Natal à espera. Fico à escuta.

Câmbio. - Vejamos – anunciei-lhe com uma teatralidade que ainda hoje me espanta -, em primeiro lugar quero que repares nos seguintes factos prodigiosos. O número nove aparece suspeitosamente. Repetido. Guiado pelo Pai Natal e pela Providência – não posso entendê-lo de outra forma – aquilo que no princípio era uma brincadeira inocente acabou por nos desconcertar: a Pilatos, ao centurião, a Eliseu, e a mim. Nem falemos.

- Repara. Ontem foi dia nove. E as aparições do ressuscitado durante esse mesmo dia também foram nove. - Nove visões? Pilatos ignorava este dado. Por isso olhou com precaução para o comandante.

- Segundo as minhas notícias – continuei sem saber exactamente aonde podia ir parar -, Jesus de Nazaré nasceu no nono mês do ano. Levantei os olhos para as lonas, fingindo consultar a minha memória. Na realidade, a memória que entrou em acção foi a do computador do módulo. Poucos segundos depois, o meu irmão – sem dar crédito ao que

surgia no monitor – exclamou:

- Incrível, Jasão! Segundo o calendário romano e os dados do banco do Pai Natal, Jesus nasceu no ano setecentos e quarenta e sete, que soma nove!.

-No nono mês – repeti – da sua gestação, do ano setecentos e quarenta e sete.

O procurador, contando com os dedos gordurosos, fez o mesmo cálculo que nós. - Sete mais quatro são onze. Que somados a sete. São dezoito. A casualidade – ou não o seria? - deslumbrou Pilatos.

- Por Zeus! Nove!

O oficial abanou a cabeça, desautorizando aquela comédia.

Mas o governador, que tinha bem presente o meu vaticínio acerca do estranho fenómeno solar da manhã de sexta-feira, não fez caso dele.

- Continua!

Eliseu veio em minha ajuda.

- Acho que devemos estar loucos, Jasão, mas repara só no que leio no monitor. Seguindo o calendário de Roma, o actual ano

* Sabíamos que a morte do rei Herodes, o Grande, tinha ocorrido no ano 750, segundo o cômputo romano. Jesus nasceu três anos antes (no menos 7 da Era Cristã). (N. Do M)

trinta corresponde ao setecentos e oitenta e três do mesmo cômputo imperial. (O ano zero não se contabiliza). E sete mais oito mais três são, outra vez, nove. Continua por aí. O Pai Natal está à procura de possíveis coincidências entre o número nove, o governo ou a vida de Pilatos e outros acontecimentos futuros, também ligados à vida de Cristo ou dos seus profetas. Câmbio.

Transmiti esta última descoberta ao meu cada vez mais desolado amigo e, por pura intuição, somei os anos de Jesus

naquele ano: 36. (Completá-los-ia oficialmente em Agosto, embora já os tivesse, tendo em conta o período de gestação)

- Outra vez o nove – disse-lhe eu forçando a situação.

Pilatos resumiu o que já expuséramos:

- Nascimento ligado ao nove. A sua vida soma nove, e também o ano da sua morte.

- E a sua ressurreição foi no dia nove! - rematei.

- Jasão, escuta! - a voz de Eliseu forneceu-me mais dois dados, também ligados ao nove. - A suposta desaparição ou ascensão do Galileu aconteceu, ou acontecerá, a dezoito de Maio, quinta-feira. Também, somado, dá nove! E eis outra curiosa casualidade: sabemos que o governo de Pilatos terminou (ou terminará) no ano setecentos e noventa e dois, ou ano trinta e seis da nossa Era. Dá sempre nove! Aí tens uma ponta para amarrar o teu amigo! Sorte! Continuo atento.

Demónios! Aquilo era de mais para ser uma série de coincidências. E, embora eu não desse muita importância à chamada numerologia, ou ciência dos números tão próxima da Cabala hebraica, propus-me – mergulhar na simbologia de tais números. Que é que tinha a perder? Tratava-se de uma simples e inocente curiosidade. Deus do céu! O que fui descobrindo encheu-me de espanto.

Escolhi a segunda informação: a do fim da procuradoria de Pilatos. Mas como utilizá-la sem o ferir e sem violar o código do Cavalo de Tróia? Foi o próprio e pusilânime governador que me deu uma deixa com a sua pergunta seguinte:

- O nove! E o que é que isso tem a ver comigo? Simulei uma certa resistência.

- Fala ou prendo-te!

Inclinei a cabeça em sinal de assentimento. Aquele louco era capaz de cumprir a sua ameaça.

- Os astros indicam que o teu destino vai estar, a partir de

agora, irremediavelmente ligado à recordação desse Homem. E ao nove. - Explica-te com clareza! - exigiu sem contemplações.

- Os sinais prodigiosos que começaram a produzir-se – argumentei, preparando-lhe uma armadilha – estender-se-ão até às terras da Galileia e por um período de quarenta dias.

Talvez lá possamos conversar com mais calma e com novos elementos de julgamento.

- Galileia? - o governador dirigiu-se a Civilis. - Não são estas as notícias que os nossos espiões trouxeram?

* O Major, nos seus escritos, não revela quais foram estas descobertas". Mas, tal como eu, o leitor não terá muitas dificuldades para – guiado pela numerologia" e pela Cabala – as encontrar sozinho. Como o meu amigo, o Major, eu também fiquei atónito. (N. Do A.)

O centurião manifestou a sua concordância.

- Queres fazer-me crer que o Galileu voltará a aparecer no Norte? - É o que os astros dizem – menti descaradamente. - E abusando da tua confiança, dir-te-ei ainda mais: talvez tu mesmo ou Procla, tua mulher, o possais ver.

Ao ouvir o nome de Cláudia Prócula ou Procla empalideceu.

Pilatos estava a par das inclinações da esposa pelos ensinamentos e pela figura do Mestre. E, receando os assuntos mágicos ou divinos, não a contrariava. O sonho da distinta romana, pouco antes da condenação de Jesus, continuava impresso no débil espírito daquele homem. Alguns dias mais tarde, durante a nossa acidentada e intensa campanha exploratória no Norte da Palestina, Eliseu e eu teríamos a sorte de conhecer Procla, os pormenores do sonho e as inquietações sinceras que nela despertara o Filho do Homem.

- Um momento. Não me confundas com os teus ardis. Vamos por partes. Que dizem os astros acerca do meu destino? Cedi em parte.

- Em troca desejo solicitar da tua magnanimidade um

pequeno favor. Civilis fez uma careta.

- Diz lá – concedeu o governador, resignado.

- Tenho ouvido dizer que na Cesareia vive um centurião cujo criado foi milagrosamente curado (à distância) pelo Ressuscitado. Quero ir até lá e preciso de uma autorização tua para o interrogar.

- Concedido!. Com uma condição.

O desejo do governador veio facilitar os meus objectivos.

- A entrevista tem de ser feita na minha presença e na de Procla. Correspondi com uma vénia exagerada.

- E então?

- Terás de permanecer muito atento ao nove – esclareci, na medida em que me foi possível. - Se os astros e as minhas observações não estiverem erradas, o teu governo desaparecerá num ano que some nove.

Aquilo deixou-o estupefacto. Eu sabia, como já disse, que o ano da queda política de Pôncio Pilatos seria o ano 36 da nossa Era 1 ou o 789 (ab Urbe Condita UC) da cronologia romana. Naturalmente, joguei com vantagem. O ano a que me referia devia ter sido calculado pelo calendário cristão: algo então inexistente e impensável. Pilatos deve ter recordado que nos encontrávamos em 783 – cuja soma dá nove – e, a tremer, beijou o falo de marfim, na tentativa de conjurar o malefício que acabava de cair sobre o seu espírito. - Mas há mais.

* Pilatos foi destituído do seu posto como governador por Caio, chamado Calígula, na sequência de um grave erro político. Poucos anos depois da morte de Jesus, numerosos samaritanos juntaram-se em torno de um suposto messias, que lhes prometera descobrir os vasos sagrados enterrados por Moisés num dos montes da Samaria. Pilatos soube desta concentração multitudinária no monte Garizim e mandou atacar os samaritanos, levando a cabo uma carnificina. Perante as acusações de judeus e samaritanos, Vitélio, supremo governador da Síria, enviou-o para Roma, mas, durante a viagem, Tibério viria a falecer. O novo imperador, Calígula, desterrou Pilatos para as Gálias. (N. Do M)

O Pai Natal – genial – descobrira outra casualidade que fez aumentar o meu prestígio como adivinho e deixar o meu interlocutor embasbacado.

- Continuando com o nove e com os acontecimentos prodigiosos que vejo nos astros chamo a tua atenção para algo que também foi profetizado pelo Rabi de Nazaré e que, segundo todos os indícios, preocupará Roma. Noutro ano que deverá somar nove, esta província levantar-se-á contra o Império.

(Embora tivesse o especial cuidado de não mencionar a data exacta – 819 romano, ou 66 depois de Cristo – estava a referir-me, obviamente, à insurreição da Primavera do citado ano de 66, que marcaria o princípio do fim de Jerusalém.

Nessa data, como se sabe, o procurador Cássio Floro requisitou um elevado tributo em ouro do Templo judaico, provocando graves alterações. O croel Floro enviou as suas tropas contra o povo, matando três mil e seiscentos judeus. Os rebeldes hebreus responderam à matança apoderando-se da zona do Templo e assaltando Massada. Com as armas tiradas à guarnição romana dirigiram-se de novo para Jerusalém, sitiando e aniquilando as forças da Antónia. Floro fugiu e a guerra estendeu-se a todo o Israel. Depois da fracassada incursão de Céstio Galo, governador da Síria, em terras da Judeia, Nero encarregou o prestigiado general Vespasiano de submeter a província rebelde. O resto é bem conhecido) Era incrível, mesmo para Eliseu e para mim. Desde o momento em que Jesus vaticinou o cerco e a destruição da Cidade Santa - ano 30 – até acontecer aquela primeira insurreição – ano 66 -, passariam outros trinta e seis anos. Isto é, um número cuja soma seria outra vez nove. - . E não ficará pedra sobre pedra Suponho que estarás a falar da profecia sobre a destruição de Jerusalém.

O governador voltou a surpreender-me. Os seus agentes também o tinham informado devidamente das manifestações públicas do Mestre. O que me aliviou a consciência.

No entanto, mostrou-se céptico em relação à hipotética sublevação dos judeus.

- Fanfarronices! - resumiu, enquanto voltava a bater palmas, chamando os criados. - O nosso exército é o mais poderoso do Mundo.

A pista que eu acabava de dar – um ano que devia somar nove - continuou flutuando no coração do procurador. O moço aproximou-se do seu senhor e este, dizendo-lhe que se agachasse, sussurrou-lhe uma coisa ao ouvido. O criado retirou-se e Pilatos, retomando o fio da conversa, perguntou-me:

- Em todas as guerras e calamidades (tu deves saber isso melhor do que eu) se produzem sinais que as anunciam. Poderias adiantar-me algum?

Tomou a minha atrapalhação como uma resistência natural a não tentar os deuses ou o destino. Assim, com a sua habitual presunção, acrescentou que estava disposto a recompensar-me generosamente. Não era essa a minha intenção. Mas dissimulei e aceitei a oferta, insinuando-lhe que a melhor recompensa era contar com o seu apoio e beneplácito. Sentiu-se tão lisonjeado pela minha falsa adulação que chegou até a prometer-me uma escolta permanente enquanto eu andasse no Norte.

Recebi do módulo informações de sobra relacionadas com a questão do meu já incondicional amigo.

- Vou abrir uma excepção. Um dos primeiros sinais mais importantes que precederão e se mostrarão antes da queda e destruição desta cidade – proclamei, seguindo os textos de Flávo Josefo na sua obra A Guerra dos Judeus – será uma estrela, formando uma espada flamejante que, durante um ano, brilhará dia e noite à vista de todos os habitantes de Jerusalém.

- Um cometa? - interveio, maravilhado.

A verdade é que eu não podia responder a semelhante pergunta. Talvez Josefo estivesse a referir-se à passagem do Halley, registada também pelos astrónomos chineses. A aproximação máxima desse cometa naquele tempo foi no dia 25 de Janeiro do ano de 66. No entanto, não pode ter sido observado durante tanto tempo. Seriam dois cometas ou o historiador judeu romanizado estaria a descrever outro fenómeno celeste?

- E nos astros – continuei, perante o cepticismo de Civilis e a progressiva curiosidade do governador – lê-se também que uma luz muito forte será visível para o povo no altar e em volta do próprio Templo, um pouco antes da primeira rebelião. Mas estas teimosas gentes não acreditarão no aviso do céu. E haverá mais. Um boi parirá um cordeiro no meio do Templo 2.

Perante uma tolice tão evidente, o comandante, atacado por um súbito ataque de riso, engasgou-se.

- E à porta oriental – prossegui com a maior solenidade -, para a qual, como sabes, são precisos vinte homens para ser fechada aparecerá

misteriosamente aberta, sem intervenção de mão humana. Por último, para não te cansar mais, pouco antes do fogo e da morte, toda a Jerusalém ficará espantada e comentará ao ver os muitos carros que correrão pelo ar 4.

Eu podia ter acrescentado mais sinais – os textos de Josefo são excepcionais nesse aspecto -, mas pareceu-me desnecessário. Pilatos estava boquiaberto.

* Flávio Josefo escreveu textualmente: «aos oito dias do mês de Abril, às nove da noite, surgiu tanta luz em volta do altar e do templo que até parecia que era um dia muito claro, e isto durou uma longa meia hora». (N. Do M) 2 Na sua mesma obra – A Guerra dos Judeus (XII) – assegura no mesmo sentido: «Neste mesmo dia, e na mesma festa, um boi que traziam para sacrificar pariu um cordeiro no meio do templo». (N. Do M)

3 «A porta oriental do templo interior, - continua no mesmo parágrafo, - sendo de cobre, muito grande e muito pesada, que só podia ser fechada cada noite por vinte homens, e que tinha os ferrolhos todos de ferro e as aldrabas muito altas,

que entravam num buraco de uma pedra muito grande que estava no umbral da porta, apareceu aberta uma noite às seis horas sem que ninguém se tivesse aproximado dela». (N. Do M) 4 Josefo narra assim este facto surpreendente: «Poucos dias depois das festas, aos vinte e um dias do mês de Maio, um outro sinal incrível apareceu a todos muito claramente. Talvez o que quero dizer fosse tomado por fábula se não vivessem ainda alguns dos que o viram, e se não tivessem acontecido os fins e as mortes tão grandes como os sinais: porque, antes do pôr do Sol, apareceram no ar muitos carros que corriam em todas as direcções e esquadrões armados, passando pelas nuvens espalhadas por toda a cidade: porque no dia da festa a que eles chamam Pentecostes, depois de os sacerdotes terem entrado de noite na parte do Templo mais fechada, para fazerem, como era costume, os sacrifícios, sentiram ao princípio um certo movimento e ruído e, prestando atenção para ver o que seria, ouviram de súbito uma voz que dizia: "Vamo-nos daqui"» (N. Do M)

A presença no tetrastilum de dois criados tirou-o do transe.

Enquanto um abria espaço entre os restos daquela comezaina, o que recebera a ordem colocou em cima de uma mesa uma bandeja de madeira. Nela vi uma caixinha de osso trabalhado, um martelo pequenino e uma taça de prata de boca larga. Vi que havia no seu interior um punhado de pérolas. O procurador despediu-os com um grunhido. Esforçou-se por chegar a tão estranha encomenda, mas o seu abdómen, duro e pesado como um odre cheio de pez, resistiu. As sucessivas tentativas agitaram-lhe o estômago e arrotou cavernosamente. Por fim, conseguiu o seu objectivo e, destapando a caixinha, sorriu, satisfeito. Pegou logo numa pérola, examinou-a entre os seus dedos curtos e roliços e, com um suspiro de resignação, colocou-a sobre a toalha. O centurião encheu as taças e, com a maior naturalidade, como se se tratasse de um costume rotineiro, agarrou no martelo e deu uma terrível martelada na pérola. O nácar branco acinzentado – de bom oriente, sem dúvida – cintilou tristemente. Com mais duas ou três marteladas, a peça ficou pulverizada. Civilis, serviçal, foi recolhendo o pó com a ponta do punhal, deitando-o no vinho, que agitou e ofereceu ao seu chefe.

- Saúde!. Lá se vão mil sestércios!

Pôncio bebeu até à última gota e arrotou novamente.

Compreendi. Se não me falhava a memória, as pérolas – que mais não são do que uma aragonita – contêm uma percentagem elevada de carbonato de cálcio (oitenta e quatro por cento), uma substância orgânica que dá cor a conquialina (treze por cento), e água (285 por cento). O carbonato de cálcio é um sal e usa-se habitualmente como antiácido, absorvente e antidiarreico. Supus que o efeito antiácido da pérola aliviaria a sua pesada digestão. E, lembrando-me de que é insolúvel em água e álcool, atrevi-me a recomendar-lhe que, no futuro, o tomasse directamente. O procurador desconhecia a minha faceta de curandeiro e, entre os vapores do vinho, propôs-me que passasse a fazer parte da sua equipa de médicos.

Prometi pensar na sua proposta tão atractiva assim que acabasse os negócios que reclamavam a minha presença na Galileia. O encontro estava a chegar ao fim. Mas, antes de nos despedirmos, Pilatos, numa demonstração de agradecimento, pôs nas minhas mãos a misteriosa caixinha de osso. Olhei para ele sem compreender. - Abre-a! É para ti, com o meu reconhecimento.

Repeti a vénia e, intrigado, obedeci.

O estojo continha uma esmeralda com uma anémona talhada.

Examinei-a entre vivas mostras de alegria e gratidão. O embriagado governador encheu-se de orgulho e satisfação. O que procurei ocultar foi, é claro, a minha decepção. Ao pegar nela e deixar que os raios do sol a iluminassem, apercebi-me de que se tratava de uma hábil falsificação. Sem dúvida, um crisopraso.

Mas, como disse, tive muito cuidado em não contrariar o ufano anfitrião.

Prometeu receber-me em Cesareia – de acordo com o combinado e, depois de lhe pedir licença para interrogar a

patrulha que montara guarda no sepulcro do Nazareno, Civilis e eu retirámo-nos.

Na verdade, a minha entrevista com seis dos dez soldados – quatro estavam de serviço nas torres – também não trouxe novos dados sobre o acontecimento. Civilis, sempre presente, prestou uma inestimável ajuda. Mas os legionários não souberam explicar o que acontecera. Ninguém se aproximara do lugar e ninguém deslocara as pedras. Isso ficou claro. Quanto ao desmaio colectivo, silêncio. Não houve nenhum, como era de esperar, que me soubesse dizer porquê. As cabeças foram invadidas por um fortíssimo zumbido e caíram por terra, como mortos Quando voltaram a si, alguns vomitaram. Foi tudo o que pude extrair deles.

Por volta da hora sexta – ao meio-dia -, despedi-me do centurião e enveredei pelo caminho do Norte, rumo ao topo do monte das Oliveiras. Sentia-me satisfeito. Acelerei o passo, desejoso de conhecer as descobertas do meu irmão acerca dos panos mortuários.

O vento uivante de leste favoreceu-nos de certo modo. As pessoas não se arriscavam a sair da cidade. E a minha segunda entrada no berço foi rápida e sem contratempos. Pelas doze horas e trinta minutos – quase vinte e quatro horas depois de ter saído dele -, consegui ver, com a ajuda dos crótalos, a estrutura do módulo, luminosa, firme e altiva na clareira pedregosa, como uma bandeira de paz de outro tempo e de outros homens.

O meu irmão, sem mais demoras, passou a informar-me. Era já muito o que havia descoberto e mais ainda o que iria surgindo com o passar dos dias.

Agora, por estritas razões de economia e eficiência, mencionarei apenas algumas destas descobertas. Teremos tempo para voltar ao assunto. Espero. Um dos dados que não quero passar em claro é o do peso, textura e dimensões do lençol que serviu para envolver o cadáver do Filho do Homem.

Exactamente: 234 gramas por metro quadrado. Isto é, observando os seus 436x 110 metros, obtivemos um total de 1123 quilogramas. O tecido, opaco e espesso, mostrou-se muito irregular, tanto na fiação como na textura. Esta era tipo sarja – também conhecida na actualidade como espinha de peixe -, com uma média de quarenta fios por centímetro quadrado na urdidura e trinta na trama.

Eliseu contabilizou vinte e sete inserções por centímetro. Com a ajuda do microscópio – e em ampliações até cinco mil vezes -, confirmou a natureza da fibra: linho, com presenças solitárias e escassíssimas de algodão do tipo herbaceum.

Possível procedência: o centro comercial de Palmira, a dez dias de Jerusalém.

Talvez estas informações possam parecer pouco importantes.

Porém, na nossa opinião, são importantes. Especialmente porque estão de acordo – eu diria que são o mesmo – com as análises realizadas sobre o sudário ou Sindon, que se guarda na cidade de Turim. Assim, categórico, Como diria o Mestre: «Quem tiver olhos para ver que veja».

* Como o grande especialista T. Walsh já esclareceu, a sarja só começou a ser tecida na Europa já o século xlv ia bem avançado. No Egipto e em Palmira, pelo contrário, este tipo de sarja – tanto de lã (Antinoe, no Egipto) como de linho (Palmira, no Nordeste da Palestina) – era trabalhada há muito tempo. Quanto aos pedacinhos, de algodão encontrados no tecido

- como diz Raes – também era conhecido no Médio Oriente no tempo de Jesus. Nas ampliações foi possível apreciar perfeitamente o tipo de sarja: de quatro" em espiga. Num fio da urdidura encontraram-se três de trama por cima e um por baixo. (N. Do M)

Graças ao microscópio Ultropack e às sofisticadas técnicas espectrofotométricas de que dispúnhamos no berço, foi possível identificar e confirmar no lençol resíduos de urina, suor, bem como outros compostos orgânicos, fundamentalmente unguentos. Seria prolixo e esgotante enumerar a constelação de dados resultantes destas

prospecções. Limitar-me-ei, por conseguinte, e já que estes escritos têm uma finalidade somente descritiva, a constatar aquelas descobertas que chamaram a nossa atenção. Por exemplo falando da urina – presente entre os fios do lençol devido, sem dúvida, ao relaxamento dos esfincteres -, a sua concentração era muito grande, com um considerável índice de potássio, um excesso de açúcar e, até, resíduos de proteínas, derivadas, certamente, da mioglobina. Resumindo, uma urina muito ácida 2, sinal de algo que já sabíamos: o tremendo sofrimento daquele Homem durante a sua Paixão e Morte.

** Na toxicologia forense, as técnicas espectrofotométricas são muito úteis. Fundamentam-se no estudo dos espectros de absorção. Ao contrário dos de emissão, que são produzidos por corpos incandescentes, os primeiros são devidos à absorção de determinadas radiações. O espectroscópio consiste num prisma que recebe – por uma fenda – a luz do foco luminoso.*

Esta é decomposta ao atravessar o prisma numa série de linhas que constituem o espectro de emissão do foco. Mas as vibrações luminosas, ao atravessarem certos corpos, são em parte absorvidas, diferenciando-se a luz transmitida da primitiva. Esta absorção é variável, segundo a substância e, em muitos casos, totalmente característica. Por meio de um espectrofotómetro e um espectrocolorímetro podemos realizar uma determinação quantitativa fácil e exacta das substâncias que impregnavam o linho: suor, urina, sangue etc. O Cavalo de Tróia escolheu para esta fase da missão o espectrofotómetro de Beekman (modelo DB), de duplo feixe. O raio procedente da fonte luminosa desdobra-se em dois feixes: o de referência e o de amostra. . O primeiro atravessa a célula de referência. O segundo passa sobre a célula que contém a amostra (neste caso, dado que não podíamos danificar o lençol). Depois, os dois feixes juntam-se e alcançam o detector. Uma vez colocada a amostra, o detector mede o grau de desequilíbrio entre os dois raios. Basicamente, o nosso aparelho era composto pelos seguintes elementos: uma fonte (para os comprimentos de onda de luz visível – quatro a sete mil e quinhentos angstroms – utilizou-se uma lâmpada de tungsténio). Para o ultravioleta e infravermelho, a fonte de radiação foi uma lâmpada de hidrogénio ou um Nerst, respectivamente. As moléculas de hidrogénio, estimuladas electricamente, emitem uma radiação ultravioleta. A de Nerst era uma barra de óxido de zircónio, óxido de cério e óxido de tório, que aquece electricamente entre mil e mil e oitocentos graus emitindo uma radiação infravermelha. Um monocromador que consiste num filtro de luz que permite a passagem do comprimento de onda desejada e absorve a radiação restante, a qual perturbaria a análise. Uma célula de amostra, das produzidas in vitro para o espectro visível (em cloreto de sódio para o infravermelho e em quartzo para o ultravioleta). E um detector: uma fotocélula que transforma a energia radiante em eléctrica. Esta fornece a leitura directa sobre um quadro indicador ou sobre um

gráfico. Tudo isso, naturalmente, ligado ao computador central. (N. Do M)

2 Na urina expulsa diariamente por um adulto saudável, em condições normais (numa quantidade que oscila entre os mil e trezentos e os mil e seiscentos centímetros cúbicos), obtêm-se novecentos e sessenta por mil de água e quarenta de elementos sólidos: ureia, vinte e três por mil; cloreto de sódio, onze por mil; ácido fosfórico, 23; ácido sulfúrico, 13; ácido úrico, 05, e o resto é constituído por ácido hipúrico, leucomaínas, urobilina e sais orgânicos.

Pois bem, do nosso ponto de vista, a grande acidez da urina de Jesus – muito acima da média normal – podia ser consequência do seguinte processo: no exercício muscular realizado em presença de oxigénio, ou sem ele, O suor, mais abundante que as amostras de urina, era inequívoco. Os níveis de cloro e potássio, sobretudo, mostraram-se igualmente elevados. (Também detectámos um pouco de colesterina, ácidos gordos e vestígios de albumina e ureia) Os resíduos das glândulas sudoríparas, sebáceas, etc, eram outro sinal inequívoco da rigidez cadavérica, que afecta, em primeiro lugar os órgãos de músculos lisos. Por outro lado, não conseguimos encontrar vestígios de esperma. (Nos enforcados, como é sabido, costuma dar-se com frequência) Embora o tivéssemos constatado pessoalmente as experiências com espectrofotometria de absorção e as levadas a cabo com o sistema de cromatografia de gases, forneceram-nos as provas definitivas e científicas de que aquele lençol envolvera um cadáver com evidentes manifestações de putrefacção primária.

(Muitos cientistas e historiadores ainda hoje continuam a interrogar-se se Jesus de Nazaré morreu realmente na cruz

** (continua a nota) o glicogénio desagrega-se na cadeia metabólica até formar ácido pirúvico. Este, captando um ião de hidrogénio (H"), forma ATP (adenosina trifosfato) e ácido láctico. O ATP, como se sabe, é um fornecedor de energia para a actividade. Melhor dizendo, a única fonte de energia. Por cada duas unidades de ácido láctico formam-se três de ATP, que são a fonte energética na ausência de oxigénio (metabolismo anaeróbico). Mas o ácido láctico não pode permanecer como ácido no sangue e, por isso, une-se aos bicarbonatos: ácido láctico mais CO3HNa = lactato sódico mais CO3H (bicarbonato de sódio). O ião bicarbonato (CO3H-) une-se a um ião de hidrogénio, produzindo anidrido carbónico e água. Assim, surge no sangue uma grande acidose que obriga – para ser compensada*

- à eliminação de iões de hidrogénio pela urina, tornando-a mais ácida.

No entanto, na presença de oxigénio (metabolismo aeróbico) o ácido láctico entra no ciclo de Krebs, onde, na presença de O2, produz CO2 e HzO, que são facilmente eliminados pelos pulmões e pela urina, respectivamente. Na presença de oxigénio, uma molécula de glicogénio produz trinta e oito de ATP. (N. Do M)

** A cromatografia, também em toxicologia forense, é um método muito eficaz. Graças a ela é possível separar substâncias orgânicas e inorgânicas, quer em grandes quantidades quer em proporções microscópicas. No nosso caso, a análise foi qualitativa. A cromatografia pode ser definida como um método de análise em que um diluente ou um gás favorecem a separação de substâncias por migração diferencial, a partir de uma estreita zona inicial num meio poroso ou absorvente.*

As substâncias assim separadas podem ser identificadas posteriormente por meios analíticos. Entre as técnicas utilizadas em cromatografia, o Cavalo de Tróia escolheu a chamada cromatografia de gases". Para a levar a cabo foi preciso um aparelho especial constituído por quatro elementos básicos: uma fonte de fornecimento da fase móvel gasosa, um bloco de injecção uma coluna e um detector.

A fonte de fornecimento do gás portador era um cilindro de aço que o mantinha sob pressão. O gás utilizado foi o hidrogénio. O bloco de injecção era um dispositivo para a vaporização das substâncias voláteis, bem como para a introdução de amostras no aparelho. Quanto à coluna, era formada por um tubo de aço inoxidável preenchido com um sólido poroso e inerte, impregnado de um líquido com elevado ponto de ebulição. O suporte sólido era constituído por diatomito. Por último, o detector era um dispositivo automático que registava a presença de diferentes componentes. O nosso era do tipo densidade gasosa, que mede a diferença entre a densidade do efluente gasoso e o de uma coluna de comparação através da qual só passa azoto. O detector estava ligado a um registador potenciómetro, que inscrevia automaticamente um cromatograma no qual se elevavam, sobre uma linha de base, os picos correspondentes aos componentes da amostra analisada. A altura do pico e a sua área correspondem quantitativamente àqueles componentes. Neste caso foram utilizados como amostra vários fios, que em nada danificaram a integridade do tecido. (N. Do M)

ou se a ressurreição não foi mais do que uma súbita reanimação de um corpo gravemente ferido)

Encontrámos também alguns cabelos – dos quais falarei dentro em pouco – e que, juntamente com os exames realizados ao suor e, obviamente, aos coágulos de sangue, nos permitem crer que o tipo sanguíneo do Rabi da Galileia era AB.

Entre os resíduos de origem natural – partículas de pó, mineralógicas (especialmente de calcário cenomaniano, margocalcário, senoniano e arenito) e fragmentos isolados de tecidos vegetais – conseguimos identificar um elemento que, meses depois do nosso regresso definitivo a 1973, pôde ser descoberto sobre a urdidura do Sudário de Turim, confirmando assim as nossas fundamentadas suspeitas, no sentido de que ambos os lençóis são a mesma peça. Estou a referir-me aos grãos de pólen. Talvez pela nossa experiência e pela lógica falta de tempo, o inventário feito por Eliseu foi mais curto que o apresentado pelo grande palinólogo e

reconhecido criminalista, Max Frei, da Suíça. Com a ajuda do microscópio óptico – que pena não termos disposto de um electrónico -, foi possível identificar grãos de pólen de plantas do deserto, em especial das regiões do Neguev (íris e túlipas vermelhas), das que abundavam na floresta da Jordânia e, até, das que atapetavam os estratos sedimentares das terras altas do Norte; sobretudo, das encostas que dão para o lago de Tiberíade.

Quando tive conhecimento das investigações do senhor Frei, apressei-me a enviar-lhe os nomes e as características de alguns dos espécimes de pólen encontrados por nós. A informação, por ser, logicamente, anónima, talvez tivesse sido interpretada como obra de um brincalhão. O facto é que nunca vim a saber se o palinólogo teve a oportunidade de aprofundar as suas interessantes descobertas, comprovando a presença do pólen, que lhe anunciei poder detectar da mesma forma com que já conseguira distinguir outras quarenta e oito plantas2.

Estou certo de que, no futuro, quando a Igreja Católica der luz verde para a investigação directa do Sudário de Turim, tudo o que aqui fica escrito poderá ser ratificado. Bastaria varrer superficialmente o linho para que a palinologia referendasse as minhas palavras. Naturalmente, o que nós não conseguimos encontrar foram grãos de pólen de regiões por onde, ao que parece, andou o Sudário: Turquia, França, Itália, etc.

* Entre os tipos de pólen encontrados pelo Cavalo de Tróia, recordo-me dos seguintes: Iris Haynei, que costuma existir no monte Gilboa, a oeste dos agora conhecidos por montes Golã, e no leste da região da Samaria; Orchis sanctus, de floração tardia e que crescia, , justamente, naquele mês de Abril; Centaurea eryngioides, da qual já se fala no Génesis (3, 18) e que era muito abundante na Judeia e na Samaria; Iris Bismarckiana, muito frequente nas montanhas que rodeiam Nazaré; Amygdalus communis, que anunciava a Primavera e que também é citado na Biblia (Génesis, 43, 11, e Jeremias 1, 11); Anthemis melanolepis e Acacia tortilis, também das zonas desérticas de sul e de leste. (Naturalmente, estes nomes científicos são relativamente modernos) (N. Do M) .

2 Na noite do dia 23 de Novembro de 1973, Max Frei, com a ajuda do professor Guio, teve acesso ao Santo Sudário de Turim, conseguindo doze

amostras de pó, de uma superfície de duzentos e quarenta milímetros quadrados. Valeu-se, para isso, de fitas suspensas especiais, sem tocar na parte da imagem.

Nos estudos seguintes conseguiu identificar quase meia centena de plantas, representadas por outros tantos tipos de pólen.

Entre estes destacavam-se dezasseis, quase exclusivos das regiões desérticas e da alta concentração de salinidade do mar Morto (halófitos). Havia, é claro, outros espécimes das estepes da Anatólia, França e Itália. (N. Do M.)

Quanto aos cabelos encontrados no pano, assim como a mecha que consegui ocultar, depois da selvagem flagelação a que foi submetido o Mestre durante os interrogatórios no Pequeno Sinédrio, merecem uma atenção especial. Depois de os submeter a um exame preliminar – servindo-nos, fundamentalmente, do microscópio Ultropack – e a outros estudos complementares, a fim de estabelecer índices, estado das células e das medulas, bem como dos componentes orgânicos e inorgânicos, confirmámos o que já sabíamos. E surpreendemo-nos com outras informações que desconhecíamos.

Os cabelos presos no linho – lisos e de diâmetro uniforme – eram, na sua maioria, da cabeça. Encontrámos também alguns ondulados e de diâmetros variáveis (três centímetros de comprimento e sessenta micros em média), que procediam, possivelmente, do tronco ou de algum membro. Alguns apresentavam um claro traumatismo – falta do bulbo da raiz, como no caso da mecha -, o que demonstrava claramente que tinham sido arrancados.

Embora não precisássemos de o confirmar, o índice medular inferior a 030, a rede aérea finamente granulada e as células medulares, invisíveis sem dissociação, demonstraram que se tratava de cabelo humano. (Nos animais, por exemplo, o índice medular é superior a 050) Após ter feito um corte transversal do pêlo e uma inclusão de celoidina, apareceram dados suficientes para resolver o problema da raça: branca. Através dos exames morfológicos, o estudo da cromatina de Barr e da fluorescência do cromossoma Y, vimos também uma coisa que não precisávamos de demonstrar: os cabelos eram

de um homem e de uma fortíssima e marcada masculinidade. (Em geral, como os médicos legistas sabem, os cabelos femininos são mais grossos que os dos homens. Um cabelo com diâmetro superior aos oitenta micros, por exemplo, corresponde quase sempre a uma mulher.

Por outro lado, não costumam ter medula e as pontas aparecem geralmente desfiadas pelo pentear).

Ao mergulhar no estudo dos compostos orgânicos mais abundantes, fomos encontrar os normais: queratina e melanina.

Entre os menos abundantes estavam as vitaminas, o colesterol e o ácido úrico. Quanto aos elementos inorgânicos, além dos habituais – silício, fosfatos, chumbo, etc. -, descobrimos índices elevados de ferro e iodo. Naquele momento não o soubemos interpretar. Movidos pela curiosidade, recorremos até a uma análise por activação neutrónica. Esta técnica torna-se muito eficaz, dado que a composição mineral dos cabelos pode ser devida aos hábitos alimentares, à profissão, ao lugar em que se vive e à exposição a uma determinada contaminação ambiental. Não havia dúvidas. As propriedades físicas daquelas amostras – densidade, índice de refracção, bi-refringência, etc. - davam a entender que Jesus de Nazaré estivera em contacto durante longos períodos de tempo com o mar ou com algum lugar ou elemento onde houvesse muito iodo. Em relação à alta contaminação em ferro, de onde poderia proceder? Só uma

* A chamada cromatina de Barr", ou cromatina sexual, é o cromossoma X inactivo que aparece de forma condensada nos núcleos interfásicos. Esta cromatina sexual do cabelo já foi investigada por Schmid em 1967, Culberton, em 1969, e Egozcué, em 1971. (N. Do M)

estreita ligação continuada a minas forjas ou fornos poderia explicar uma anomalia tão estranha. Mas sobre este assunto, como tantos outros relacionados com a vida de Cristo, não tínhamos qualquer informação. Algum tempo depois viríamos a esclarecer estas duas incógnitas. Com efeito, os resíduos de iodo e ferro nos cabelos do Galileu estavam plenamente justificados.

Também descobrimos claros sintomas de um progressivo encanecimento do cabelo (não podemos esquecer que Jesus morreu quando contava quase trinta e

seis anos de idade e que, naquela época, podia ser considerado como estando na fronteira da maturidade. A média de vida oscilava ao redor dos quarenta ou quarenta e cinco anos).

Ao submeter o lençol a um bombardeamento por activação neutrónica apareceram sinais de algum tipo de afecção bucal (possivelmente cárie) e resíduos de algo que nos intrigou muito: uma doença aguda, muito distante no tempo (talvez durante a infância), que apontava para uma sintomatologia de carácter viroso. (Numa das minhas longas entrevistas com os membros da sua família, em especial com Maria, sua mãe, tive conhecimento de que Jesus, quando ainda era muito pequenino sofrera de uma perturbação intestinal: talvez uma disenteria).

A análise do sangue que manchava o lençol reservou-nos também várias surpresas. Para começar, a nitidez das marcas – quase perfeitas – deixou Eliseu atónito. Eu já tivera a oportunidade de observar aquele fenómeno tão singular no interior do sepulcro e também para mim era inexplicável. Se o corpo fora separado do lençol – e isso era evidente -, porque é que isto não fez com que os coágulos e fiozinhos de sangue ficassem

** O Cavalo de Tróia utilizou também, nas suas investigações, o chamado AAN (Análise por Activação Neutrónica). Este processo permite estudos não destrutivos. Além disso, com o AAN conseguem-se análises múltiplas de elementos presentes.*

Isto é, consegue-se determinar com grande precisão quantidades que oscilam entre 10 b e 10 yg. Com uma só radiação neutrónica é possível também estabelecer a identidade, de quinze a dezoito elementos presentes na amostra e nos já referidos níveis de 206 e 109. (No caso de que estamos a falar foi suficiente a utilização de poucos milímetros quadrados da superfície sanguinolenta do tecido) Fundamentalmente, a nossa metodologia consistiu no seguinte: os elementos submetidos ao bombardeamento neutrónico tornaram-se radioactivos, de acordo com as suas características nucleares, por pressão de um neutrão, emitindo, em consequência, radiações a, B e y. Por último, utilizámos as radiações gama, que possuem uma energia característica para cada elemento. Portanto, a presença de um elemento é detectada através da identificação por radiações gama. No que se refere à quantidade é fácil fixá-la através da medição da intensidade da radiação gama, comparada com a de um padrão. A nossa análise procurou sobretudo os conteúdos de natureza mineral do sangue (macroelementos e oGgoelementos), de acordo com as tabelas científicas de Geigy. Ao todo, conseguimos localizar iodo, cloro, bromo, potássio, sódio, zinco, ferro, fósforo, cálcio, cobre, enxofre, estanho, flúor, silício, magnésio e chumbo. (A ordem está relacionada com o volume encontrado nas amostras) Estas foram submetidas a radiações neutrónicas com um microejector alimentado pela nossa pilha nuclear Snap. O primeiro bombardeamento foi de dois minutos, com um fluxo equivalente a 45x10Z neutrões por centímetro quadrado o que permitiu determinar núcleos com semiperíodos de transformação compreendidos entre as dezenas de segundos e centenas de minutos. Um segundo bombardeamento" de quase cento e vinte minutos e um fluxo de lx 10" neutrões por centímetro quadrado localizou e transformou os núcleos de mais longo semiperíodo de

transformação. Para a experiência de espectrometria gama foi utilizado um cristal semicondutor tipo Gelli de 35 cc unido a um analisador-elaborador Laben 701. (N. Do M)

esborratados? Quando se tira um pano de uma ferida provoca-se sempre um borrão.

Mas isso não era tudo. O sangue, em lugar de penetrar e empapar os fios do lençol, correra por entre a trama, trespassando o tecido. Ao princípio atribuímos isto a um processo de fibrinólise. (A permanência do Nazareno na cruz fez com que grande parte das feridas secasse, transformando os pontos e os derrames de sangue em coágulos. As malhas da fibrina actuaram como uma espécie de muro, que reteve as descargas de glóbulos vermelhos. Essa fibrina pode, provavelmente ter depois amolecido devido à desidratação do cadáver e aos álcalis produzidos pela humidade amoniacal). O doutor Barbet já escrevera sobre este fenómeno, afirmando que, talvez, no ambiente húmido da gruta, o sangue seco tivesse amolecido, dando lugar a uma pasta mais ou menos mole, que acabou por impregnar o linho e dar origem a decalques de grande nitidez. Mas esta hipótese tinha alguns inconvenientes.

Por exemplo: a grande hemorragia causada pela descida da cruz e durante a trasladação do cadáver para o sepulcro. Nesta inevitável manipulação do cadáver o sangue retido numa das cavas saíra pela ferida da lança e escorrera, devido à gravidade, por toda a zona dorsal, à altura dos rins. Este grosso fio não teve tempo para secar ao ar livre e, no entanto, também não empapara os fios da mortalha num processo normal de capilaridade. Todas as manchas de sangue examinadas pelo meu companheiro eram superficiais. A explicação da fibrinólise não era, portanto, convincente. Em síntese, não pudemos ou não soubemos esclarecer o fenómeno. A não ser que isso tivesse, é claro, alguma relação com o assunto também obscuro e complexo das manchas

douradas. Mas vou deixar este tema apaixonante para o fim.

Foi a crua realidade que tínhamos diante de nós – o misterioso desaparecimento do corpo de Jesus – que nos obrigou a rever tudo e com extrema cautela. Sangue incluído. Estávamos conscientes de que aqueles coágulos tinham pertencido ao Homem da Cruz mas, com a pressa de desfazer o enigma, submetemo-lo também às mais variadas provas de laboratório.

Quase setenta e duas horas depois da morte, o sangue daquele tecido apresentava uma típica coloração vermelho-escura.

Nalgumas partes começara a ficar escuro. Eliseu tirou várias amostras, raspando os coágulos com uma paleta de alumínio – devo recordar que não podíamos destruir o pano nem submetê-lo a uma maceração, nem mesmo em água, como teria sido aconselhável numa prova de cristais de Teichmann – e efectuou os ensaios preliminares e concludentes do sangue, as provas de identificação como amostra humana, de individualidade, grupo sanguíneo, sexo, etc.

* Outro dos inconvenientes que fez com que duvidássemos do processo de fibrinólise foi a dificuldade em considerar a liquefacção da fibrina de uma forma geral e simultânea em todas as manchas do sudário. Os doutores Vignon e Barbet são partidários da formação desses decalques, única e exclusivamente quando a fibrina está a meio da dissolução. Nem antes nem depois. Tudo depende, portanto, de um momento muito concreto que, no caso a que nos referimos, duvidamos muito que se tenha registado de forma generalizada e idêntica para cada fiozinho de sangue, coágulo, etc, das duas faces do linho, Muito forçado e improvável. (N. Do M.)

Tanto a prova de benzidina como a microscopia para detectar hematias foram positivas. A espectroscopia foi igualmente de grande ajuda. Ao Ultropack, as hematias

apareceram como montes de moedas. Ainda se encontravam relativamente bem conservadas, sendo possível a verificação das suas formas ainda que não os seus núcleos, que as definiram claramente como humanas. (Às vezes, as pequenas hematias de cordeiro podem ser confundidas com eritrócitos do homem. Os camelos, por exemplo, têm hematias ovais ou elípticas não nucleadas, e os pássaros, peixes, répteis e anfíbios têm eritrócitos semelhantes, mas nucleados)

A detecção última de proteína humana foi verificada seguindo a prova da precipitina.

Na sondagem da hemoglobina – praticada utilizando uma técnica especial de diferenças espectrográficas – conseguimos estabelecer, entre outros, pormenores como a idade (incluindo o período fetal: 441 meses; de novo aparecia o misterioso nove), a especificidade da espécie e algumas características patológicas, como, por exemplo, uma anemia hemorrágica e secundária, a que não demos muita importância, dado que, provavelmente, se devia à perda considerável de sangue durante as torturas e a execução.

A fim de não me perder em complicadas e prolixas explicações técnico-científicas, que não são o objectivo básico deste diário, vou concluir o assunto do sangue com outra descoberta: o grupo sanguíneo de Jesus de Nazaré, que foi considerado do tipo AB.

Entre os muitos métodos existentes para conseguir este objectivo, escolheu-se o chamado teste de Nickolls-Pereira, que permite uma identificação segura e excelente em manchas secas, seguindo o princípio de aglutinação mista2.

Este grupo sanguíneo – AB – é proporcionalmente escasso entre os brancos, embora não seja estranho ou anormal. (Sirva de comparação a estatística efectuada pouco antes da operação

- em 1972 – entre grupos humanos de raça branca em países como a França e Inglaterra: quarenta e sete por cento

pertencia ao grupo O; quarenta e dois por cento ao A; oito por cento ao B e, por último, três por cento tinham grupo AB).

* O meu companheiro levou a cabo dois tipos de provas preliminares: a já referida da benzidina e a mais fidedigna, à base de fenolftaleína. Com a primeira, a presença do pigmento sanguíneo apresentou logo a clássica cor azul intensa. Mas, conhecendo a potencial natureza carcinogenética da benzidina, foi feita a prova da fenolftaleína (cento e trinta miligramas), de hidróxido de potássio (13 gramas) e água destilada (cem mililitros). Depois de ferver até ao seu branqueamento. Deitou vinte gramas de pó de zinco durante a ebulição e algumas gotas de peróxido de hidrogénio (vinte volumes). A cor rosa resultante demonstrou, mais uma vez, que se tratava de sangue. É claro que podíamos ter continuado com outras provas mais concludentes, mas para o Cavalo de Tróia isto era suficiente. (N. Do M).

2 Um dos fios extraído do tecido foimergulhada em soros anti-A e anti-B. Depois de lavada a amostra, foi tratada com células de prova A, B e O, detectando-se assim as aglutininas absorvidas. Como as hematias estavam secas – processo que destrói a aglutinabilidade, ainda que não o seu antigénio – conseguimos o mesmo fim, demonstrando a capacidade para absorver as aglutininas dos soros de reserva e assim diminuir a sua força anti-A e anti-B, da mesma forma que com os outros tipos de genes. (N. Do M)

Como é fácil de adivinhar, ao descobrirmos o grupo sanguíneo do Mestre, fomos invadidos por uma grande excitação. De acordo com os princípios mendelianos acerca da hereditariedade – elaborados por Bernstein -, um gene de um grupo sanguíneo só pode aparecer numa criança se esse gene também estiver presente num dos pais (ou em ambos). Que significava isto? Algo que, repito, nos encheu de emoção. Entre os planos do Cavalo de Tróia figurava também, uma vez identificado o grupo sanguíneo do Filho do Homem,

a tentativa de descobrir o da mãe. (O falecimento de José anos atrás tornava impossível determinar o grupo sanguíneo do pai terreno de Jesus) No entanto, se conseguíssemos obter uma pequena amostra do sangue de Maria, um exame genético-biológico exaustivo poderia aproximar-nos do de José. E, embora possa parecer uma blasfémia, do ponto de vista puramente científico, o facto hipotético de encontrarmos genes comuns aos do Nazareno nos seus respectivos progenitores (tanto do tipo A como do B), talvez pudesse fornecer-nos muita luz sobre o tão controverso dilema da concepção virginal de Maria. Sei que para muitos cristãos só a menção deste projecto significará uma aberração.

A fé diz-lhes que Jesus foi concebido por obra e graça do Altíssimo. Contudo, embora eu partilhe esta recusa natural, também é verdade que a Ciência – quando se situa ao serviço da procura da Verdade – se transforma num instrumento maravilhoso que só pode ratificar o que, segundo as Escrituras, é palavra de Deus. Entendo que o medo da Verdade pode ser uma das piores fraquezas do homem. Por isso aceitámos tão delicada e apaixonante missão. Naturalmente, como cientistas, partimos da única base de que podíamos partir: não ter em consideração a teórica origem divina do Mestre. E concentrámo-nos no estudo como se se tratasse de mais um ser humano, sujeito, em princípio, às já referidas leis da hereditariedade 1. Eu, convencido da divindade do meu amigo Jesus, talvez tenha sido quem mais sofreu com esta experiência. Mas o resultado valeu a pena. E falarei dele – longamente – na sua devida altura.

Por último, os exames das amostras de sangue confirmaram o que já descobriramos nos estudos dos cabelos de Cristo. Mas corrigido e aumentado. A questão do sexo, como já disse, foi espectacular. Eliseu pôs em prática a metodologia de Zech, demonstrando que as manchas com fluorescência Y positiva – encontradas no sangue do Nazareno – correspondiam a um indivíduo do sexo masculino, com uma acentuada masculinidade.

Algo que, como já disse, não era preciso demonstrar em laboratório 2.

* Naquela altura da investigação, e de acordo com as tabelas universalmente aceites sobre a hereditariedade, só podíamos contemplar as seguintes possibilidades, sempre com base no grupo sanguíneo descoberto (AB): progenitores A e B = filhos possíveis: O, A, B e AB. Progenitores AxAB = filhos A, B, ou AB. Por último, progenitores AbxAB = filhos A, B ou AB. Cabia, portanto, a probabilidade teórica de Maria e José serem A, B ou AB, entre os cálculos mais normais. (N. Do M).

2 Em 1969, Zech demonstrou que a porção distal do cromossoma Y tem uma acentuada fluorescência, depois de tingido com quinacrina. Posteriormente, observar-se-ia que há homens normais que não têm fluorescência. Repief descobriria uma incidência negativa em 1/458 dos recém-nascidos masculinos. Phillips comprovou oitenta e seis por cento de leucócitos com corpos Y fluorescentes no homem e meio por cento na mulher. (N. Do M)

E, para acabar esta apressada revisão de algumas descobertas realizadas no tecido mortuário – ver-me-ei obrigado, certamente, a voltar a elas quando escrever acerca das aventuras sensacionais que nos foi dado viver nas fases seguintes da missão -, referir-me-ei àquela que, do meu ponto de vista, foi a mais incrível e transcendental. Esforçar-me-ei por economizar explicações técnico-científicas, procurando ir ao âmago da questão. Vamos ver se consigo.

Como tenho vindo a repetir, além das marcas de sangue, o tecido surpreendeu-nos também com umas manchas de cor dourada, de natureza desconhecida, e que constituíam uma réplica ou cópia - faltam-me outra vez as palavras – do corpo que cobrira. As sucessivas investigações – à base de chapas fotográficas em diferentes frequências do espectro, processos de digitalização da imagem e todo o tipo de explorações com o microdensitómetro, microscópio de efeito túnel, etc. - lançaram três grandes realidades científicas: as manchas em questão constituíam um negativo fotográfico autêntico, tal como hoje o podemos entender 1. Além disso, a intensidade da figura gravada variava em relação inversa à distância linho-cadáver. E, como se tudo isto não fosse suficiente, o estudo das nuvens superficiais de electrões das faces internas do lençol (as que apresentavam as manchas em questão), veio demonstrar que o desaparecimento misterioso do corpo do Filho do Homem tinha muito a ver com a manipulação do conceito de tempo.

Não foram necessárias muitas comprovações ao microscópio para ver que a imagem tinha um carácter muito superficial: só haviam sido afectadas as camadas mais externas do linho. Por uma espécie de chamuscadura generalizada. Aquilo confundiu-nos ainda mais. Que acontecera no interior do sepulcro? Como explicar racional e cientificamente que um cadáver tivesse podido queimar o lençol que o cobria? E continuámos a aprofundar, cada vez mais confusos e admirados. A incrível réplica em negativo do corpo de Jesus era absolutamente estável. Com muito cuidado, submetemo-la a altas e baixas temperaturas, bem como à acção da água, mas foi inútil. Não houve mudanças nem alterações. Além disso, de acordo com as técnicas de análise de Fourier, descobrimos que não existia um único sinal de direcção. Já sabíamos, pela lógica e pela exploração microscópica, que as manchas não continham resíduos de pigmentos de nenhum tipo de tinta: nem mineral nem vegetal nem muito menos sintéticos. As chapas com radiações infravermelhas acabaram

por confirmar isso. Aquilo – meu Deus!

- nada tinha em comum com uma pintura. E começámos a intuir a possível origem da imagem. Mas não quisemos precipitar-nos.

** Eis outro dado que coincide com o que foi observado até ao momento no Sudário de Turim. Secondo Pia descobri-lo-ia em 1898. As nossas placas apresentavam – nas películas negativas*

- o positivo, da imagem que tínhamos diante dos olhos, no linho. Para espanto nosso, aquele negativo fotográfico – impensável no século I – reunia todas as características que hoje atribuímos a essas imagens: tanto a luz como a sombra e a posição direita-esquerda apareciam invertidas. Além disso, as manchas rarearam à radiação ultravioleta numa clara resposta fluorescente. Que poderia ser tudo aquilo? Como é que se podem dar circunstâncias tão extraordinárias num tecido de linho? A verdade é que só essa descoberta teria merecido toda a nossa atenção. (M do M).

A digitalização das duas grandes manchas – a frontal e a dorsalconverteu a imagem em milhões de dígitos. Só o rosto projectou um total de cento e sessenta mil sinais luminosos.

O estudo dessa transformação demonstrou que a imagem continha uma informação, oculta. Uma informação que – confessamo-lo humildemente – quase não foi decifrada. De momento ficámos presos ao facto indiscutível de se tratar de uma imagem tridimensional.

A pergunta-chave, e final de todo aquele labirinto era apenas uma. Inconscientemente, fomo-la formulando desde os primeiros passos da investigação: o que, ou quem, fora capaz de modificar a textura superficial das faces internas do lençol até formar uma imagem tão singular? Sei que parece coisa de

loucos, mas a resposta surgiu, em parte, quando explorámos as superficies das manchas douradas com o providencial microscópio de efeito túnel. No nosso caso, ao contrário do que afirmava o fisico Wolfrang Pauli - «a superfície foi inventada pelo diabo -, a superficie foi a porta que nos abriu o caminho da Divindade».

Tentei encontrar uma explicação, embora não fosse fácil.

Para Pauli, a sua frustração partia de um facto que, na época, era quase um princípio físico inalterável: a superfície de um sólido era a fronteira entre este e o mundo exterior. Em parte tinha razão. Enquanto um átomo situado no interior de um corpo sólido aparece rodeado por outros átomos, o da superfície

* Como já indicara o doutor Vignon no princípio do século em relação ao Sudário de Turim, a intensidade da imagem nele estampado varia inversamente à distância tecido-corpo. Por outras palavras, quanto mais perto do cadáver estava o linho, mais escura era a mancha". Os nossos instrumentos referendaram este postulado certeira e matematicamente. Isto significava que fora encerrada na imagem uma informação sobre a distância em níveis de intensidade variáveis da imagem ao linho. Mas, em pleno século I? Ao transformar as intensidades das manchas em graus de relevo vertical, obtivemos, atónitos, a reconstituição matemática de uma figura em relevo. Incrível! Que conseguimos deduzir de tudo isto? Em primeiro lugar, que a formação daquela imagem era uniforme e independente das qualidades superficiais do cadáver. Segundo que o tecido devia estar relativamente liso no momento da formação da imagem.

Terceiro, que os processos utilizados para mudar a intensidade das manchas ou actuaram uniformemente ou não actuaram. A tridimensionalidade tem de ser uma característica distintiva, dado que não existe distorção quando a imagem é transformada em relevo vertical. E talvez uma das conclusões não menos importantes: essa imagem

maravilhosa não pode ter sido fruto do contacto; isto é, da acção de vapores amoniacais nnguentos, etc. Se tivesse sido desta forma, a descoloração do tecido só teria ocorrido nas zonas onde o lençol tivesse tocado no corpo.

Um contacto directo teria provocado que a imagem em questão aparecesse plana na parte superior com uma elevação vertical idêntica para todas as zonas de contacto. Mas não era nada disto que se passava com o enigmático linho. Era muito mais. Como explicar que as impressões dorsal e frontal apresentassem o mesmo grau de intensidade? Pela lógica, um cadáver com oitenta centímetros cúbicos repousando sobre o linho subjacente deveria ter produzido uma marca ou sinal" muito diferente da registada no pano superior. No entanto, as duas imagens são idênticas.

Só havia uma explicação: que o corpo, no momento da formação da imagem, estivesse no ar, em plena levitação. Mas esbarrávamos novamente com um impossível científico: nenhum corpo – e menos ainda o de uma pessoa morta - pode elevar-se por si mesmo. A não ser que. Não: era demasiado fantástico. Do que estamos convencidos, isso sim, é de que, com o tempo, quando essa informação, codificada na imagem puder ser estudada em profundidade, a Humanidade se surpreenderá perante dados novos e arrepiantes sobre o que hoje se entende – ou não se entende – por ressurreição. Será apenas uma questão de tempo, embora eu saiba que nessa altura já não estarei vivo. (N. Do M)

- como explicaram perfeitamente os ilustres especialistas Ged Binnig e H. Rohrer – pode interagir com outros átomos da mesma superfície ou com os que estiverem imediatamente abaixo dela. Como consequência, as propriedades da superfície de um sólido divergem drasticamente das do interior. Assim, os átomos da superfície colocam-se com frequência numa ordem geométrica diferente da dos outros átomos do sólido, minimizando a energia total do sistema.

Em virtude deste tipo de processo, as estruturas superficiais possuem tal complexidade que resistiram, até, a uma descrição teórico-experimental precisa. Mas, graças ao excelente microscópio de efeito túnel, é possível explorar essas diabólicas superfícies dos sólidos, vendo até os átomos um a um.

Foi isto, para empregar termos infantis, aquilo que o meu irmão fez no módulo. A ele se deve o que, em princípio, poderia ser o primeiro passo na já imparável carreira da investigação científica em torno da ressurreição do Mestre.

Talvez as gerações futuras de cientistas lhe façam justiça. , Cada ponta de tungsténio do microscópio de efeito túnel foi percorrendo a amostra. (Neste caso, naturalmente, o tecido de linho. Mais exactamente, as superfícies nas quais se desenhava a fantástica imagem de um corpo martirizado)2.

* Este aparelho, preparado pela IBM, pode decifrar estruturas que tenham apenas uma centésima parte do tamanho do átomo.

Como se sabe, o microscópio óptico não tem capacidade para captar estruturas atómicas. (A média do comprimento de onda da luz visível é cerca de duas mil vezes maior que o diâmetro típico de um átomo que, como se recordará, é da ordem de três angstrons. Uma destas unidades de comprimento equivale a um décimo milésimo milionésimo de metro) Isto é, tentar visualizar um átomo ou uma estrutura atómica com luz visível seria como pretender descobrir gretas da grossura de um cabelo humano num campo de ténis, atirando bolas para a sua superfície e observando a sua deflexão. Não quero entrar em pormenores técnicos da estrutura de um microscópio de efeito túnel", mas mencionarei algumas características importantes que possibilitaram a nossa descoberta. A diferença principal em relação a outros microscópios consiste em não utilizar partículas livres. Portanto, não precisa de lentes nem de fontes especiais de electrões ou fotões. A sua única fonte de

radiação são os electrões ligados que já existem na amostra que é examinada. Para compreender melhor este princípio, imaginemos os electrões ligados à superfície da amostra como a água de um lago. Da mesma forma que parte da água se infiltra no terreno, formando correntes subterrâneas, também alguns electrões da superfície da amostra fogem" desta, dando origem a uma nuvem de electrões em torno da amostra. De acordo com a física clássica – e continuo a basear-me nos escritos de Binnig e Rohrer – esta nuvem, não deveria existir, porque a reflexão no limite da superfície confina as partículas dentro dela. No entanto, isto não é assim na mecânica quântica, onde cada electrão se comporta como uma onda: a sua posição não está bem definida. É como se se esfumasse. Isto explica a existência de electrões mais além da superfície da matéria. A probabilidade de encontrar um electrão diminui rapidamente – de forma exponencial – com a distância da superfície. Este efeito é conhecido como efeito túnel", dado que os electrões parecem cavar túneis para lá da sua fronteira clássica. (N. Do M)

2 O nosso, microscópio de efeito túnel", em vez dos dois eléctrodos que habitualmente possuem esses aparelhos, fora rectificado da seguinte forma: o Cavalo de Tróia substituiu um dos eléctrodos pela amostra a investigar (o sudário), e o segundo por uma ponta afiada como uma agulha. Por último, trocou-se o revestimento isolante rígido por outro não rígido.

Neste caso, o vazio. Deste modo foi possível passar a ponta pelos contornos da superfície da amostra. (N. Do M)

Enquanto a ponta varria o lençol, um mecanismo electrónico de realimentação foi medindo a corrente de túnel, mantendo o esporão a uma distância constante das nuvens atómicas da superfície. Esse movimento da ponta foi lido e armazenado pelo Pai Natal, aparecendo, simultaneamente, num ecrã directamente ligado ao computador central. Assim se obteve uma imagem tridimensional da nuvem na superfície. Para que

possamos fazer uma ideia desta maravilha, um comprimento de dez centímetros na mancha, ou imagem, representava uma distância de dez angstroms na superfície, conseguindo-se aumentos até cem milhões de vezes.

Pois bem, assim que se delineou a topografia anatómica da imagem o Pai Natal quase enlouqueceu. A composição das nuvens que flutuavam sobre aquelas zonas do tecido era basicamente diferente das do resto do lençol que não tinha este tipo de manchas douradas. Mas o dado revelador – o que nos transtornou

- foi-nos dado pela posição dos eixos ortogonais dos swivels da colónia quântica. Estavam alterados! Algo ou alguém os manipulara, colocando-os num agora que não correspondia ao dos restantes swivels do tecido. Estes, como era lógico e natural, estavam orientados para o momento presente. Aqueles, pelo contrário, conservavam uma inversão axial que nós conhecíamos bem.

Não estou autorizado a revelar a tecnologia utilizada para reconhecer este tipo de mudanças nas anteriormente definidas e familiares unidades quânticas elementares a que chamamos swivels. No fundo, isso é o menos. O que é verdade, e transcendental, é que estávamos diante de um acontecimento único. A partir daí, com a ajuda do computador central, fomos ligando as pontas e chegámos à conclusão – tão teórica como provisória, naturalmente – que explicaria com alguma lógica o desaparecimento misterioso do cadáver de Jesus. Os swivels de todas as nuvens atómicas da superfície da imagem estavam estacionados – e continuo a usar palavras excessivamente pueris – num agora que, naquele momento (Abril do ano 30), poderia ser definido como futuro. Mais exactamente, um hipotético Abril do ano 35.

Que significava esta descoberta? Só encontrámos uma explicação satisfatória: o corpo do Mestre devia ter sido submetido a um processo intenso e infinitesimal de

aceleração da sua natural decomposição. Se esta, de acordo com as características do lugar de enterro, da constituição fisiológica do cadáver e de outros parâmetros bem conhecidos dos médicos legistas, tivesse seguido um curso normal e humano, a transformação dos restos mortais em pó teria levado um tempo cronológico variável. Dependendo desses factores, teria sido necessário cerca de cinco anos (!) para ficar reduzido a cinza. Cinco anos! Exacta e casualmente a inclinação que apresentavam os eixos dos swivels. Muito suspeito. Por razões fáceis de imaginar, o mecanismo promotor dessa aceleração da putrefacção afectara ligeiramente as superfícies do lençol que estavam em contacto directo com o corpo. O resto, pelo contrário, como já antes se disse, não sofreu alteração alguma. Verificado este facto incrível, a pergunta imediata não podia ser outra: Quem, ou o quê, alterara tão drasticamente o curso evolutivo da decomposição do cadáver do Senhor?

É evidente que, ao encontrar-se a cripta perfeitamente encerrada, era necessário procurar a possível origem no interior da mesma. Por outro lado, ninguém naquela época podia sonhar com uma tecnologia capaz de mover os ângulos dos swivels.

Precisámos de algum tempo para obter resposta a uma pergunta tão decisiva. E, embora a solução não viesse pelos caminhos que desejávamos – os da Ciência -, a origem da mesma merece-nos todo o crédito.

Hesitei. Deveria contar esta parte da missão? Deixaria para mais tarde? Finalmente, pensei que, apesar de que o momento próprio para o contar extensa e profundamente há-de chegar, me sinto obrigado a dizer já alguma coisa.

Uns dias mais tarde, nas altas terras da Galileia, no decurso de uma das conversas inesquecíveis com o Ressuscitado

- disse bem: conversas – recebemos uma explicação para o

fenómeno que nos intrigava. Pelo que consegui deduzir, não há tecnologia no mundo capaz de medir ou detectar as forças espirituais que foram directamente responsáveis pela liquidação do corpo do Rabi. E talvez tenha usado as palavras incorrectamente. Talvez fosse melhor ter escrito entidades espirituais e não forças. «Quem tiver ouvidos para ouvir que ouça». Isto foi o que nos disse, e assim me limito a transcrevê-lo: «a aceleração quase instantânea do processo de putrefacção do suporte corporal do Mestre foi assunto alheio ao Filho do Homem. Foi iniciativa dos seres celestiais que presenciaram o acto da ressurreição. Foram eles que – uma vez consumada a ressurreição – removeram as pedras que tapavam a entrada da cripta. Mas ninguém os viu».

É, Até aqui o que, de momento, posso dizer.

Isto, por sua vez, mudou o nosso conceito da Ressurreição propriamente dita. Adiantei-o timidamente em páginas anteriores. Mas como resumi-lo com clareza? Os cristãos, que acreditam na Ressurreição, identificam-na e associam-na com o sepulcro vazio e a ausência do cadáver de Jesus. Têm razão, mas só em parte. Por simples dedução, depois da nossa descoberta no módulo, era difícil acreditarmos que um fenómeno tão singular pudesse ficar circunscrito à simples – ainda que quase mágica – dissolução no tempo de uma matéria orgânica. Mesmo para nós, pobres ignorantes era demasiado grosseiro e prosaico. Tinha de haver mais alguma coisa.

Algo de sublime de ordem sobrenatural, de acordo com o poder e a personalidade do Enterrado. Logicamente, também não o pudemos medir com o nosso instrumental. Como já disse, não existe ainda ciência humana que se atreva a isso. Foi o próprio Cristo quem nos insinuou o sucedido. E mais uma vez comprovámos como a intuição raramente se engana. Oxalá nos deixássemos guiar por ela com mais frequência.

A RESSURREIÇÃO – com maiúsculas – do Filho do Homem fora algo anterior e independente do facto físico da

aceleração do tempo cronológico. Por outras palavras: quando essas entidades adimensionais – encarregues da ressurreição de todos os mortais – levaram a cabo o seu trabalho de dissolver em décimas ou centésimas de segundo os sagrados restos mortais do Galileu este, por um poder que escapa à nossa mente, já tinha regressado à Vida. A verdadeira Vida: a de ordem espiritual.

Mas faltam-me os conceitos, e as palavras tornam-se insuficientes. Será mais prudente deixar as coisas como estão.

A Ressurreição, definitivamente, deve ser vista em duas fases. A primeira e mais importante: a auto-ressurreição de Jesus de Nazaré para uma ordem mais complexa que a da densa matéria corporal. Uma ordem à qual – segundo as suas palavras

- todos nós somos chamados depois do trânsito da morte. A segunda: a aceleração física da putrefacção do cadáver. Este último passo não teve praticamente nada a ver com o primeiro, como já referi. Foi uma delicadeza ou um sentimento de respeito dos súbditos celestes do Criador que não queriam ver o corpo que servira para a encarnação do seu chefe degradar-se sob os efeitos da decomposição natural. Pensando bem, acho que foi o mais acertado. Não quero nem pensar o que teria acontecido com os ossos do Mestre se chegassem a cair nas mãos dos seus fiéis seguidores.

E para encerrar estes assuntos de índole mais ou menos científica, quero que conste uma coisa que pode ser esclarecedora e comprovatória de tudo o que afirmei até agora, muito especialmente da nossa descoberta na superfície das manchas douradas. Sei que o dia em que a ciência puser um microscópio de efeito túnel sobre o Sudário de Turim, as diferenças nas estruturas e na distribuição das nuvens atómicas que flutuam directamente sobre a imagem, em relação ao resto do linho, abrirão um novo caminho nas investigações e, de passagem, demonstrarão que não somos

um sonho.

Ao conhecer estas coisas, o meu espírito fortaleceu-se. E embora a minha mente cartesiana – como a de qualquer cientista – continue a não querer aceitar o que não for previamente provado em laboratório, a intuição veio novamente sustentar a minha fé, cambaleante e anémica. Naquele anoitecer de segunda-feira, dia 10 de Abril do ano 30, concluídos os trabalhos, Eliseu e eu, emocionados, caímos de joelhos perante a majestosa imagem do sudário de linho: sem dúvida, e emendando Einstein, a sombra de Deus. Em silêncio, pedimos luz e força para prosseguirmos a dura mas fascinante missão que nos fora cometida. O nosso pedido deve ter sido ouvido, a julgar pelo que nos foi dado viver.

Depois de beijarmos o lençol, dispusemo-nos a descansar. Naquele gesto, o meu irmão percebeu também o cheiro familiar que eu captara no interior do sepulcro, quando me inclinei sobre a mortalha. E soube identificá-lo logo. Era o mesmo que se registava na nave de cada vez que se produzia uma inversão de massa, com a consequente manipulação dos eixos dos swivels. Um cheiro de difícil definição que talvez seja remotamente parecido com o incenso queimado.

No dia seguinte, recuperado o microfone e analisados os panos mortuários, começaria uma nova etapa da operação. Na realidade, um antigo, e até àquele momento fracassado, projecto: investigar o fugidio corpo glorioso do Galileu.

DE 11 DE ABRIL, TERÇA-FEIRA, A 14 DE ABRIL, SEXTA-FEIRA

Daqueles dias – de terça a sexta – guardo uma lembrança doce e serena. Nas nossas agitadas aventuras, tanto nas que eu vivera até àquele momento como nas que o destino nos reservava a Eliseu e a mim, os dias passados na aldeia de Betânia foram os únicos de alguma maneira repousantes. E fizemos bem ao desfrutar deles e recuperar as forças. O que nos esperava a partir de segunda-feira, dia 17 desse mesmo mês de Abril, iria ser tão esgotante quanto imprevisto. Mas vamos lentamente, como é meu costume. Ajustando-nos ao estabelecido no plano do Cavalo de Tróia, assim que clareou naquela manhã de terça-feira, 11 de Abril, pus-me a caminho.

As quatro ou cinco horas de sono não tinham sido suficientes, mas considerei-me satisfeito com o pequeno-almoço à americana que, solícito como uma mãe, o meu irmão teve a bondade de me preparar. O café e as batatas – naquele tempo desconhecidos em Israel – foram uma bênção. Com os panos mortuários prudentemente ocultos sob a minha túnica, dirigi-me para a quebrada onde tinham sido atirados pelo servo do Sinédrio.

As condições meteorológicas não variaram naquelas horas. As rajadas do vento leste continuavam a soprar incessantemente, dobrando as colunas de fumo dos animais sacrificados no Templo, escurecendo e empestando a cidade com um cheiro desagradável a carne queimada. Nessa ocasião – em plena luz do dia – a descida pela encosta ocidental do monte das Oliveiras e o cruzamento do desfiladeiro do Cédron, não tiveram o perigo da minha primeira incursão, na madrugada de domingo. Contornei a cidade pela muralha norte e, quando me encontrava relativamente próximo do pequeno bosque de alfarrobeiras – cujas flores de um vermelho-vivo me serviram de guia e referência -, senti uma sensação especial.

Voltei-me, mas nada vi de suspeito. Encolhendo os ombros, continuei a caminhar. No entanto, aquele estranho desassossego - como se alguém me seguisse – não

desapareceu. Receoso de que se tratasse de algum esbirro do Sinédrio ou, até mesmo, um agente do procurador, cheguei a esconder-me entre as moitas, decidido a tirar dúvidas. Não o consegui: Talvez esteja a tornar-me excessivamente receoso, tranquilizei-me. Dias depois comprovaríamos com espanto que a suposta perseguição fora real, o que nos forçou até a antecipar a descolagem do berço, rumo à alta Galileia.

Além disso, continuei eu com os meus raciocínios enquanto deslizava em silêncio para o fundo da escarpa, que interesse poderia ter para Pilatos ou para Caifás e sua gente seguir um "inocente e infeliz" comerciante grego?, O incidente desapareceu rapidamente da minha memória. Coloquei os panos no lugar onde os encontrara, procurando envolvê-los como a um embrulho tal como tinham sido colocados pelo criado do sumo sacerdote. Tudo devia manter uma aparência de normalidade.

Como se ninguém tivesse tocado neles desde aquela manhã de domingo. Assim o exigia o nosso código.

Antes de abandonar aquele lugar, enquanto contemplava a mortalha, não pude evitar pensamentos tentadores que, suponho, não teriam agradado a Curtiss. Era uma lástima que aquele tesouro – carregado da evidência física e constatável do além - se perdesse ou fosse destruído. Ergui os olhos para o límpido céu azul, vendo com inquietação o voo planado de algumas aves de rapina. Talvez corvídeos. Era verosímil que elas chegassem a descobrir a trouxa de panos e fossem atraídas pelo forte cheiro a ácido sulfídrico, outro dos sinais da decomposição cadavérica do corpo do Senhor. Nesse caso, lamentável, aquela relíquia valiosa poderia ficar seriamente danificada.

E se eu não fizesse caso das normas do Cavalo de Tróia? Que aconteceria se, em vez de os ignorar, entregasse os panos aos amigos mais íntimos do Rabi?

Pus-me de cócoras diante da mortalha e, durante alguns minutos, enquanto acariciava o tecido, lutei comigo mesmo. No fundo, era tão simples. Bastava passar por casa de Marcos ou de José de Arimateia e deixá-la nas mãos de qualquer um dos dois. Mais ainda, continuei a pensar, dominado por um crescente entusiasmo, este seria um presente esplêndido para a família do Ressuscitado

O meu objectivo seguinte, como já disse, era Betânia. A fazenda de Lázaro. Porque não aproveitar semelhante oportunidade e evitar o risco de o sudário se perder? Peguei nele outra vez e levantei-me. Mas, no derradeiro instante, o meu sentido de responsabilidade impôs-se. Mesmo correndo o risco de se estragar ou, o que era muito pior, de se perder para sempre, eu não tinha o direito de interferir na flecha da História. E, com grande pesar, coloquei os panos entre a ramagem, procurando – isso sim – que o forte vento não os arrastasse. Pus algumas pedras à volta, escondendo-os debaixo de uns gamões de cheiro tão nauseabundo que logo o do linho desapareceu totalmente. E com o Sol a subir sobre os cerros de Moab, desandei o caminho e fui para o alto do monte das Oliveiras.

A minha passagem pelo lado sul da clareira onde estava a nave foi aproveitada pelo meu companheiro de aventuras e desventuras, para me recordar que iria dedicar aquele dia e os seguintes a um estudo mais profundo dos dados recolhidos nas investigações sobre o sudário, e que eu não me deveria esquecer, embora ele se encarregasse de avivar a minha memória, do meu regresso ao módulo, previsto para sexta-feira, dia 14. Os preparativos para a última etapa da exploração eram sumamente complexos.

- A propósito – anunciou Eliseu, quando ia dar por terminada a ligação -, o Pai Natal e eu descobrimos outra espantosa coincidência ou acaso (como tu chamas a estas coisas), relacionado com o nove. Eliseu sabia da minha ardente curiosidade e, divertido, deixou-me com água na

boca. Não consentiu em adiantar-me nada do que ele e o computador central tinham descoberto. (Depois confessar-me-ia que a descoberta fora, única e exclusivamente, obra do Pai Natal) Aquela deixa de Eliseu fez despertar em mim a lembrança do curioso assunto dos nove e da vida de Jesus de Nazaré, e estes pensamentos e elucubrações encurtaram a minha descida pela encosta oriental.

Não conseguia compreender o porquê daquela coincidência. Ou não seria uma coincidência? Um nove marcava o nascimento do Rabi. Outro nove, a sua própria existência e, para já, um terceiro nove, a sua morte, ressurreição e ascensão ou desaparecimento da Terra: 999. Que pena eu não ser um perito na Cabala ou em numerologia para decifrar aquele enigma! A única coisa que eu então sabia era que o 999 era um número oposto ou contrário ao apocalíptico 666, de S. João, que era múltiplo de três – outro símbolo esotérico da Trindade – e que, segundo os meus poucos conhecimentos o move foi considerado pelos iniciados como o número da Humanidade ou do Homem. Seria verdade o que o antigo provérbio diz: «Deus goza do número ímpar e tudo o que é trino é perfeito?» A súbita visão da branquíssima aldeia de Betânia devolveu-me à realidade. E o meu coração, tal como os meus passos, viu-se alegremente acelerado. Nem Marta nem Maria sabiam do meu regresso e isso tornava ainda mais excitante a fase seguinte da minha observação. O meu regresso foi acolhido com surpresa. Na minha despedida eu dera uma explicação a Marta, a senhora, dizendo que tinha de fazer uma viagem madiável. E assim seria de facto. Mas, perante a impossibilidade de lhe explicar a natureza daquela viagem, agora, ao ver de novo as irmãs, não tive outro remédio senão pedir desculpa, alegando uma mudança repentina de planos. Este motivo foi perfeitamente compreendido e elogiado pela nova chefe da família do Ressuscitado. (Lázaro, como já se disse, tivera de fugir precipitadamente para leste – para Filadelfia -, por causa das ameaças de morte de Caifás) O motivo foi apenas

a prisão e execução do Mestre.

Marta e Maria – em especial a primeira – passaram da surpresa a um vivo contentamento. Os seus corações, sobretudo a partir dos factos ocorridos na fazenda durante a manhã de domingo, estavam transbordantes de esperança. David Zebedeu também se congratulou pela minha chegada, mostrando-se muito interessado pelos últimos acontecimentos. É claro que os ali reunidos estavam a par das aparições de Jesus nas casas de José de Arimateia, de Flávio, da família Marcos e da que se dera no caminho de Jerusalém para Emaús.

A feliz circunstância de me encontrar presente na última manifestação do Rabi foi-me muito útil. Nos dias seguintes ao da minha chegada à fazenda de Lázaro – cumprindo o plano do Cavalo de Tróia – eu deveria levar a cabo uma intensa investigação em torno da juventude e dos anos não menos obscuros que precederam a vida pública do Filho do Homem. O facto providencial de Maria, a mãe de Jesus, estar naquela casa, com vários irmãos carnais do Rabi, era uma coisa que eu tinha necessariamente de aproveitar. Por outro lado, as pesquisas e indagações iam ser decisivas – como se veráface à última etapa do nosso trabalho na Galileia.

O meu seguimento constante do Nazareno nas suas últimas horas foi visto pela família e pelos amigos de Cristo como uma prova definitiva do meu amor e dedicação ao Condenado. E os seus corações, de certo modo agradecidos, abriram-se de par em par para as muitas, e por vezes delicadas perguntas que eu fazia.

Tiago, sobretudo, que adorava o irmão mais velho, e com o qual partilhara penas e alegrias, foi uma fonte de informação a que nunca serei capaz de dar o devido valor. Mas tentarei não perder o fio da cronologia.

Para dizer a verdade, quando pus os meus pés em casa do amigo ressuscitado de Jesus de Nazaré, as opiniões sobre o

regresso à vida do Galileu não eram de todo uniformes. Eu explico. Em casa estavam, juntamente com as donas, David Zebedeu e Salomé, sua mãe; Maria e o seu segundo filho, Tiago – já citados – e mais quatro irmãos do Rabi: José, Simão, Jude, ou Judas, e a mais nova de Nazaré, Rute. Por antigos e complexos motivos que explicarei no momento oportuno, parte da família terrena de Jesus não partilhava as suas ideias e os seus ensinamentos. Daí que, ao ser desonrado publicamente se reavivassem de novo os velhos receios acerca das ânsias de grandeza do primogénito de Maria, pondo uns contra outros. Uma situação, enfim, tão vulgar quanto humana na vida das pessoas.

A segunda aparição do Ressuscitado em Betânia – a quase todos os ocupantes da casa naquela altura – rectificara em grande parte as várias posições. Apesar de tudo, as dúvidas continuavam a pairar no espírito de alguns dos irmãos de Jesus. Não negavam a realidade da estranha presença, mas, repletos das ancestrais crenças judaicas sobre a morte, diziam que aquilo que tinham visto talvez fosse uma refa: uma espécie de sombra que – de acordo com essas ideias – era a única coisa que se mantinha depois da morte, e a qual até se podia invocar, tal qual como se diz no Livro I de Samuel (XXVIII).

(Este texto narra como, a pedido do rei Saul, a bruxa de Endor conseguiu tornar visível a sombra de Samuel) Para os hebreus daquele tempo, as refaim ou sombras dos mortos viviam no seol ou região das trevas e das sombras da morte, como cita Job. No Antigo Testamento – como é o caso de Job, XIV, 13 – faz-se uma alusão directa ao seol, especificando que está tão longe da terra dos homens que nem sequer a cólera de Javé chega até lá. A morte – e isto é importante para entender a postura ; daqueles homens – era o fim. Com ela tudo se acabava. É o que se re pete mais de cem vezes nos livros sagrados do Antigo Testamento. Quando o anjo da morte citado no Talmude depositava as gotas do fel amargo

– primeiro sinal, sem dúvida, da putrefacção – entre os lábios do defunto, arrebatava-lhe a alma e desaparecia. Era o último sinal: a ruach ou alma ou sopro da vida subia – como diz o Eclesiastes (III) – aos céus. E a respiração cessava. A partir da presença do anjo da morte, começava a decomposição do corpo ou bachar, transformando-se em pó.

* Como cita Rops nos seus estudos, certas lendas rabínicas defendem que esse abismo metafísico – o seol – poderia ser também uma realidade física e tangível, ao qual se teria acesso removendo uma grande rocha que se encontra no centro do Sancta Santorum, no Templo. Para outros, pelo contrário, as refaim do seol não são nada, não fazem nada, não sabem nada e não podem nada. O conceito mada seria o contrário de existência. No livro de Isaías XXXVIII, 18), o próprio profeta chega a gritar a Javé: «O seol não te pode louvar». é preciso ter em conta que para um judeu medianamente piedoso, deixar de louvar o Senhor era quase como ser reduzido a nada. Por conseguinte, o próprio seol não podia ser considerado como um lugar de prémio ou de castigo. O Eclesiastes (XLI, 18) di-lo claramente: «No seol não recriminarão a tua vida».

Naturalmente, nem todos partilhavam desta crença no seol.

Outros rabis falaram do lugar destinado a cada justo, mencionado também no Salmo XLI. Se a vida do defunto tivesse decorrido de acordo com a lei, o anjo da morte gritava: «Preparai um lugar para este justo». (N. Do M)

* Ainda que possa parecer incrível, as crenças dos hebreus acerca da morte eram muito pobres – apesar de tão ricas noutros aspectos materiais e espirituais. Quase asfixiantes para um espírito medianamente sensível. Quanto à ressurreição, como acho que já referi noutra ocasião, a lei não se pronunciava com clareza. Deixava livre escolha a cada seita.

Cada qual podia acreditar nela ou não. Assim, por exemplo,

a casta dos Saduceus negava-se categoricamente a aceitar a ressurreição dos corpos. Não está no Pentateuco, diziam eles nas suas acesas e contínuas polémicas com os seus mais directos adversários: os Fariseus. Os Samaritanos apoiavam este argumento. Quanto ao povo chão preferia, como sempre, consolar-se com a poética possibilidade de um além, mais complacente que a sua dura existência. Alguns mestres ou rabis tinham tido a preocupação de pregar esta esperança. Gamaliel, entre outros, edificou a sua crença na ressurreição e no prémio ou castigo divinos, com base em citações soltas dos profetas (Isaías, XXVI, 19, ou Ezequiel, XXXVIII), do Deuteronómio (XXXI, 16) ou em aforismos, como aquele que diz: «E depois da minha pele se ter desprendido da minha carne, na minha carne contemplarei a Deus». (Job, XIX, 26).

Em suma esta confusão nada contribuiu para assentar as coisas. O cepticismo de alguns membros da família de Nazaré – tal como acontecera com os discípulos – era tão rígido em relação à ressurreição de Jesus que até durante o sábado discutiram a necessidade de honrar a memória do Crucificado com um mínimo de decência e dignidade. Falou-se da celebração no primeiro dia da semana (domingo) do chamado pão de luto, citado por Oseias (IX, 4) e Ezequiel (XXIV, 17) e que era uma espécie de refeição fúnebre com que a família do morto obsequiava parentes e amigos. Maria, mãe de Jesus, manteve-se à margem. Não só porque não estivesse de acordo (ela acreditava na ressurreição), mas pelo facto de, como mulher, não ter voto na matéria em decisões deste tipo.

A princípio, devido ao enterro precipitado e pouco regular do Mestre, os mais exigentes no cumprimento da lei hesitaram sobre se deviam deixar crescer a barba e o cabelo desordenadamente, rasgar as vestes e deitar cinza na cabeça, tal como manda o Talmude para casos de morte. Finalmente levaram-no à prática. E as polémicas foram tão

ácidas como intermináveis. Era lógico. Marta, sua irmã Maria, a mãe de Jesus, Salomé e o filho David acreditavam que o Rabi tinha regressado do mundo dos mortos. Porquê submeterem-se então às exigências do luto oficial?

Do ponto de vista estritamente exegético – aceitando de momento a realidade de uma ressurreição – os Judeus sentiam-se perdidos. Deveriam celebrar-se rituais fúnebres por uma pessoa ressuscitada? Oito horas depois do falecimento, uma vez lavado e ungido com perfumes, era costume levar o cadáver do lugar onde morrera – em geral em padiola de féretro aberto para a sepultura.

Concluída a cerimónia da trasladação, o costume obrigava os familiares a reunirem-se para o pão de luto. Podia beber-se, mas com moderação. Seguidamente, os que não tinham podido assistir às exéquias, faziam as habituais visitas de condolências. O tratado Baba bathra (Talmude) dizia que, neste caso, deviam levantar-se sete vezes dos seus assentos, saudando a família outras tantas vezes. (N. Do M)

O mais provável seria, se não se tivessem dado as aparições em Betânia – em especial a segunda – os cépticos (para os chamar de uma forma caridosa) terem avançado com os preceitos estipulados pela lei para estes casos. Isto é, um luto de trinta dias; destes, nos três primeiros estava proibido o trabalho, não se devendo sequer responder a uma saudação.

Também não podiam tomar banho nem fazer a barba nem levar filactérias para a oração. E, se fossem rigorosos no cumprimento das normas, vestiriam roupa velha e suja. (Dava-se o caso de viúvas fiéis que, no momento da morte do esposo, colocavam um saq ou tanga de pele de camelo em sinal de penitência e com ele viviam o resto da vida) Graças a Deus, o Mestre ressuscitou. Mas, como estávamos a ver, até depois de morto foi motivo de escândalo e contradição.

E, o que era mais doloroso e incompreensível: no seio da sua própria família.

Quando recebi uma informação completa sobre estes assuntos, não pude deixar de sentir uma sensação de repulsa em relação aos evangelistas pelo muito que omitiram para crentes e não crentes.

O meu coração, no entanto, recuperou a sua força ao ouvir os relatos das aparições dos lábios das mesmíssimas testemunhas.

Nessa manhã, a meu pedido, Tiago levou-me ao lugar onde assegurava ter visto o seu irmão ressuscitado. Dirigimo-nos para as traseiras da casa, para o frondoso horto com cerca de quatrocentos metros de comprimento e, ao chegar diante da rocha onde estava o sepulcro familiar, o galileu apontou com a mão esquerda para o ponto exacto onde – segundo ele – se formara a figura de Jesus. Deixei-o falar à vontade: . Seria pela hora sexta [meio-dia]. Estávamos todos muito nervosos pelas notícias da possível ressurreição do meu irmão.

Os rumores circulavam sem cessar. Eu, na verdade, tinha as minhas dúvidas. Fui testemunha dos seus prodígios e sinais e aceitava os seus ensinamentos. Mas, daí a considerá-lo o Messias e a acreditar no seu regresso à vida. Olhou para mim à procura da minha compreensão.

- Suponho que era lógico. - continuou, afastando os olhos acastanhados para a pedra que tapava a entrada do sepulcro. - Agora sei que estava enganado.

- Que foi que aconteceu? - interrompi, ao ver que ele estava prestes a cair num imperscrutável silêncio. - Sim, claro. A aparição – disse, voltando a si. - Olha, quando os ânimos começaram a exaltar-se, decidi sair de casa. E vim para aqui.

Não sei porquê. Naqueles momentos, enquanto meditava sobre estas coisas, chegou Maria, a de Magdala. Só soube isto depois. E, ainda com mais excitação, ela começou a contar a Marta e à irmã e a toda a família o que vivera e

presenciara na plantação de José. Pelos vistos, quando Madalena acabou, alguns dos meus irmãos saíram à minha procura. Jude chegou a ir até Betfagé. Mas ninguém pensou em olhar para esta parte do jardim. Foi então que aconteceu.

** As filactérias – tradução grega dos tefilin – eram e são uns estojos negros e quadrados, de pequena dimensão, fabricados com pele de animais puros. Neles se metiam passagens do Exodo e do Deuteronómio, escritas em pergaminho.*

O estojo era amarrado à palma da mão com correias igualmente negras. (N. Do M)

Aquele homem feito – no dia dois desse mesmo mês de Abril completara trinta e dois anos – estremeceu. Apesar da sua corpulência, quase tão notável como a de Jesus, apercebi-me do seu esforço para conter as lágrimas.

-. Foi como uma sensação. - e tremeu, cruzando os seus braços peludos. - É tão difícil de explicar! Tu compreendes-me, não é verdade? Respondi que sim. Tirei a minha capa e cobri-o com ela. O cadim, imperativo, fustigava, agitando as árvores com rajadas sibilantes e frias. Sugeri que fôssemos para casa, mas ele negou-se.

. Foi como se alguém me tocasse no ombro.

Voltou a tremer intensamente. Mas eu não soube a que atribuir esses estremecimentos. Seria pelas condições atmosféricas desagradáveis ou pelas suas electrizantes recordações?

- Dei meia volta e vi-o.

- O quê?

- Fez-me lembrar uma nuvem. Ou talvez fumo. Não sei. Era uma massa brumosa que, partindo da cabeça, foi modelando uma figura. Espantado, não tive forças para fugir. E, pouco a pouco, a nuvem converteu-se num homem. O nervosismo começou a travar-lhe a língua. Tentei ajudá-lo. - Tens a

certeza de que era fumo?

Os finos lábios de Tiago abriram-se. Mas não conseguiu responder. Concordou sem dizer palavra e, depois de encher os pulmões com o vento de leste, gaguejou:

- Fumo. Sim.

Imóveis diante da pedra da cripta funerária ficámos os dois em silêncio. Tiago tentou compor os negros, lisos e longos cabelos, onde já brilhavam muitos brancos, e, dominando-se, continuou: - A figura então, falou-me. E disse: «Tiago, chamo-te para o serviço do reino. Junta-te seriamente aos teus irmãos e segue-me».

- Reconheceste-o?

Abanou a cabeça negativamente. E eu não quis acossá-lo com novas perguntas.

- Mentir-te-ia se dissesse que sim. Era impossível. Aquilo nada tinha a ver com o Jesus que eu conheci em vida. Era outra coisa. Uma névoa? Fumo? Uma nuvem?. Só a voz.

Pensei adivinhar o que ele estava para me dizer.

- Ao ouvir o meu nome, Tiago, então soube que era Ele.

A voz. Era significativo que as pretensas testemunhas das aparições estivessem de acordo na mesma coisa. Quando se deu aquela terceira presença, Tiago não podia ter ainda conhecimento de uma coisa tão subtil. Maria Madalena chegou à fazenda quando o irmão de Jesus já tinha saído para o horto.

No entanto, coincidia com ela, com as outras mulheres, com os pastores de Emaús, com Simão Pedro, com os discípulos e comigo próprio. Demasiada coincidência para suspeitar de uma maquinação.

- Era a voz dele, Jasão! A de sempre!

- E que fizeste?

- Aturdido e morto de medo pensei em prostrar-me a seus

pés.

Apontou para a erva sobre a qual tinha aparecido o ser de névoa.

- Meu pai e meu irmão! Foi a única coisa que fui capaz de dizer. Mas, quando eu me ia a deitar para o chão, Jesus pediu- me que continuasse de pé. Desta vez, as lágrimas – imparáveis – bloquearam-lhe a garganta. Foi ocultar o seu rosto contra a pedra sepulcral e, durante um bocado, gemeu e desabafou como uma criança. O profundo sentimento daquele galileu – mistura talvez de alegria, perturbação e remorso pelas suas velhas dúvidas – acabou por invadir também a minha alma, enchendo-a de uma terna compaixão.

- Então passeámos – acrescentou, uma vez recomposto.

- Para onde?

- Não me lembro com exactidão. Talvez em direcção à casa.

Das nove presenças que eu conseguira contabilizar no domingo, três apresentavam aquela variante: o passeio com a testemunha. (Primeiro Tiago pelo horto. Depois os pastores, durante mais de cinco quilómetros, e, finalmente, Simão Pedro, no pátio dos Marcos) Muito interessante. Sob todos os aspectos. - Falámos durante alguns momentos sobre as coisas que tinham acontecido e as que.

Tiago interrompeu as suas explicações. Olhou-me de soslaio e, dando um salto na narração, continuou: . Hão-de vir.

Era claro que acabava de ocultar alguma coisa. Insisti mas foi inútil. A única coisa que consegui que me dissesse foi que o Mestre o tinha informado sobre certos factos que iriam acontecer no futuro e dos quais não devia falar, por agora.

Resignei-me em parte. A que acontecimentos se terá referido o ser de névoa? A morte do próprio Tiago, ocorrida catorze anos mais tarde (no ano 44 da nossa Era)? Talvez à necessidade de o seu irmão de sangue escrever o seu

próprio testemunho? (Anos mais tarde apareceria um evangelho que a Igreja Católica classificaria entre os apócrifos e que é conhecido como Proto-Evangelho de S. Tiago 1. Ter-lhe-ia anunciado os acontecimentos da Galileia ou falar-lhe-ia do seu ministério activo como embaixador do reino e do qual quase não há registo nos textos canónicos?

Passado um bocado – retomou a sua narração – despediu-se, dizendo: «Adeus, Tiago, até que vos saúde a todos juntos». E deixei de o ver.

Havia dois pontos que me interessavam: quanto tempo caminharam? Como desapareceu?

À primeira questão, o segundo filho da família de Nazaré respondeu com precisão:

- O tempo que se gasta num passeio calmo de um estádio e meio, aproximadamente.

** O Proto-Evangelho de S. Tiago, atribuído a Tiago Menor – assim era chamado o irmão de Jesus para o distinguirem do outro Tiago, o Zebedeu – é um dos apócrifos mais antigos. O texto actual foi fixado por Tischendorf, utilizando para tal cerca de vinte textos diferentes. Basicamente, conta a vida de Maria até ao nascimento de Cristo, as maravilhas que o acompanharam e a matança dos inocentes. Possivelmente, data dos séculos II e iv e, francamente, não é muito crível. (N. Do M)*

Os Judeus recorriam a estas comparações. Deduzi que tinham caminhado cerca de duzentos e oitenta metros; isto é, de três a quatro minutos.

O outro assunto foi mais complexo.

- De repente deixei de o ver.

Não houve maneira de o fazer sair disto.

. E fui a correr para casa, aos gritos: Acabo de ver Jesus! Falei com Ele! Estivemos a conversar! Não morreu! Ressuscitou!. Jude, o meu outro irmão voltou de Betfagé e

acreditou nas minhas palavras. - E os outros? Encolheu os ombros.

- A princípio, duvidaram. Eu também teria duvidado. Agora, como tu viste, estão convencidos.

Agachei-me e examinei a erva. Naquele sítio, segundo Tiago, pusera os seus pés o Ressuscitado. Dali lhe falara. Mas não encontrei qualquer marca que revelasse que a erva, por exemplo, de um palmo de altura, tivesse suportado um peso de oitenta quilos. Estava direita e brilhante. Era evidente que ao não manipular conceitos vulgares e correntes, tudo era possível. Até mesmo que o ser de fumo não pesasse nada. No entanto, continuei, persistente, deveria ter dobrado aqueles caules tão frágeis.

- Tens a certeza de que foi aqui?

O homem ouviu sem compreender. Desviou os olhos para a pedra do sepulcro e, como se buscasse referências, colocou-se no sítio onde se encontrava naquele preciso instante. Por fim, afirmou categoricamente:

- Absoluta!

Era desconcertante. Os sítios por onde tínhamos caminhado apresentavam uma erva logicamente calcada. O espesso tapete vegetal do horto – pisado e levantado – mostrava claramente os nossos trajectos. No círculo ocupado pelo Mestre, pelo contrário, não vi uma só folhinha pisada.

De repente, ao reparar na espada de ferro, sem bainha, que Tiago trazia sob o cinto, lembrei-me do estranho acontecimento na casa dos Marcos. A minha pergunta deixou-o perplexo. Fechou os olhos, como se estivesse a reconstituir a cena, e, acariciando a barba farta e grisalha, forneceu-me um dado importante:

- Agora que o dizes. É verdade que senti algo estranho na barriga. Era como se me puxassem para Ele.

Era suficiente. O singular fenómeno da atracção dos

objectos de ferro parecia repetir-se. E tive isso bem presente, sobretudo quando tive de utilizar a vara de Moisés.

De caminho para casa Tiago fez um comentário que depois, ao conversar com David Zebedeu, seria plenamente ratificado. - Até esse momento – manifestou com satisfação – Jesus tinha sido visto por mulheres nervosas e pouco credíveis. Mas, como sentenciou David, agora é diferente: Também foi visto por um homem valente. Compreendi o orgulho do irmão do Nazareno – realmente era verdade: Tiago era um indivíduo valente – e a sua atitude para com as mulheres depreciativa. Essa era a triste realidade da sociedade judaica de então. Como já disse em páginas anteriores, as mulheres não contavam para quase nada.

Enquanto nos reuníamos com o resto da família, decidido a ouvir a segunda das aparições, censurei-me a mim próprio por não ter dado maior credibilidade aos escritos de Paulo. O Cavalo de Tróia, quando estudou todas as aparições crísticas, fixou-se também na citação do apóstolo de Tarso (I Coríntios, 15, 5-9). Diz-se nesta passagem que Jesus se mostrou a Tiago.

Mas a ordem em que apresenta estas aparições – primeiro a Cléfas, depois aos doze e a mais de quinhentos irmãos e, por último, a Tiago – não nos pareceu correcta, pelo que rejeitámos aquelas pistas.

Enfim, já não tinha solução. De qualquer forma, agora que o refiro, parece que os cristãos não se aperceberam de outro pormenor muito curioso. Paulo cita esta aparição a Tiago – supõe-se que seja o irmão de Jesus -, mas os evangelistas oficiais não. Porquê? Será que a não consideraram importante? Ou será que havia um ressentimento oculto e uma rejeição da figura do irmão do Rabi, talvez por não ter revelado a misteriosa mensagem do Ressuscitado? É claro que depois do que vira e ouvira, por que motivo deveria eu estranhar este novo silêncio nos Evangelhos canónicos? Coisas mais graves me reservava o destino, que também não

foram registadas.

Já faltava muito pouco para o almoço e, na companhia de Tiago, sentei-me à espaçosa mesa que ocupava o centro da grande sala rectangular, onde já tinha entrado outras vezes.

Num canto, como sempre, estralejavam alguns troncos que alimentavam a lareira. As mulheres foram servindo o primeiro prato: uma espécie de sémola ou puré quente, feita à base de grossos grãos de trigo moído. (Lembrou-me de certo modo, embora não pelo sabor, a polenta, dos Italianos) Quando nós, as vinte e tantas pessoas, já tínhamos à nossa frente a dose respectiva, Tiago – o mais velho dos homens presentes – pôs-se de pé. Todos o imitámos. E, com palavras simples, agradeceu os alimentos que íamos comer: - Senhor, dai-nos o necessário.

Quando nos sentámos, o alvoroço, o sorver tumultuosamente a sopa e as exclamações formavam um todo. Notei a falta de Marta. Mas, poucos minutos depois, apareceu na sala com um cesto de vime cuidadosamente tapado com um pano. Olhámos uns para os outros enquanto ela procurava assento, e a senhora baixou os olhos, ruborizando-se. Naquele momento – sou mesmo estúpido! - não me apercebi nem da razão da sua perturbação nem porque mudara de roupa e de penteado. A grosseira túnica castanha que ela trazia quando me recebera de manhã tinha desaparecido. Em vez disso vestia um lindo chaluk ou túnica de seda bordada, de um verde-azeitona deliciosamente brilhante.

Naquele tempo, a seda era muito pouco utilizada. Chegava com as remotas caravanas do Oriente e era caríssima. Os ombros estavam cobertos com uma espécie de xaile de lã branca, atado com cordões entrançados da mesma cor.

Também o cabelo tinha sido mudado. O lenço escuro que trazia na cabeça na altura em que cheguei tinha sido suspeitamente esquecido. E a senhora apresentou-se com um

novo penteado: o cabelo preto, com o risco ao meio, caía sobre o peito, com as pontas dobradas para fora, com dois estudados caracóis. O seu rosto largo ficava assim enquadrado

e estilizado. Uma quase imperceptível sombra de malaquita nas pálpebras completava a maquilhagem, dando maior profundidade aos seus olhos de azeviche. Estava realmente bonita.

É claro que a súbita e aparentemente inexplicável transfiguração de Marta não passou despercebida às mulheres, que não deixaram de cochichar e fazer insinuações matreiras.

Eu, insisto, fui o último a saber. Por uns momentos, enquanto me explicavam os pormenores da segunda aparição, pedi que fosse David Zebedeu a contar. O irmão dos filhos do trovão aceitou com prazer. Com a seriedade que o caracterizava, resumiu assim o sucedido:

- Aconteceu pouco depois de chegarmos a casa. Como recordarás, depois de enviar os mensageiros com a notícia da ressurreição do Mestre, passei pela mansão de José para trazer a minha mãe, Salomé e dirigimo-nos para Betânia. Não passaria muito da hora nona [três da tarde], quando, aqui mesmo, quase como agora, nos encontrávamos a rever os acontecimentos que todos conheceis e, de repente, alguém gritou. Os presentes, apesar de ele já ter contado aquilo várias vezes, detiveram até o movimento das colheres de madeira. Fez-se um silêncio eloquente e pesado.

- A porta, essa que vês aí, estava aberta, como neste momento, e, ao ouvir os gritos, os olhares dirigiram-se para onde apontavam os dedos. Era um homem. Olhava para nós de fora da sala. Talvez a um passo do umbral. A sua figura, alta e atlética, recortava-se contra a claridade do pátio.

- Um momento – interrompi-o -, tens a certeza que estava fora da sala?

O Zebedeu moveu a cabeça afirmativamente.

- Nem dentro nem sob a ombreira da porta. Fora! E todos pudemos ouvi-lo. Levantou o braço esquerdo e saudou-nos: «A paz

seja convosco». Ficámos mudos. Mas Ele continuou: «Saudações para os que estiveram perto de Mim na carne e na comunhão dos meus irmãos e irmãs no reino dos céus. Como pudestes duvidar? Porque haveis esperado tanto para seguir de todo o coração a luz da verdade? Entrai para a comunhão do Espírito da Verdade no reino do Pai».

David calou-se.

- Isso foi tudo?

A minha pergunta não agradou. Mas Zebedeu, compreensivo, concluiu: - Quando já estávamos meio recuperados do susto, alguns levantaram-se e correram para o abraçar. Mas ele esfumou-se.

Serviram o segundo prato: ovos cozidos com um apetitoso acompanhamento à base de favas cruas, muito tenras, e uns bolbos e raízes do género das estáquidas.

O almoço animou-se de novo e, entre uma e outra colherada, fui discutindo com David e com as restantes dezanove testemunhas vários pormenores que me interessavam.

- Então, se dizeis que alguns dos presentes se levantaram e tentaram abraçá-lo é porque era de carne e osso.

Zebedeu, sagaz, recordou-me que não dissera nada disso. E acrescentou:

- Era um homem. As suas vestes eram como as nossas. Mas quem pode realmente garantir que tinha sangue e ossos como os nossos?

Tiago deve ter lido o meu pensamento. Assim, intervindo na conversa, esclareceu: - Como sabes, eu também estava presente quando isso aconteceu. E posso garantir-te que

aquele corpo não era como o fumo ou a nuvem que te descrevi.

- Via-se o pátio através do corpo?

Os que estavam à mesa olharam uns para os outros. Todos concordaram que não. - Alguém o viu formar-se pouco a pouco, como aconteceu com Tiago?

As respostas foram igualmente negativas. Quando a descobriram, a figura estava completa; como a de um ser humano, insistiram.

- Naturalmente – observei com segundas intenções -, também não o reconheceram.

Ao princípio, David e os outros olharam para mim atónitos.

Logo a seguir, desataram a rir.

Interroguei Zebedeu com o olhar. A que é que tinham achado tanta graça?

- Querido Jasão – explicou-me David em tom benevolente -, pensas que somos cegos? - Como?. - retorqui admirado. - Então.

- É claro que o reconhecemos. Era Ele.

Não insisti. David Zebedeu era um excelente observador e homem pouco dado a visões ou fantasias. Além disso, havia mais dezanove testemunhas.

Continuei a comer em silêncio, um pouco envergonhado por causa das minhas perguntas, aparentemente infantis. Tudo aquilo era confuso para mim. Porque é que nas primeiras aparições – às mulheres e a Tiago – e nas últimas daquele domingo -, incluindo a que eu vivi – o corpo do Ressuscitado não apresentara o aspecto e a morfologia de um humano normal? Era inútil continuar a procurar uma explicação racional. Na melhor das hipóteses, talvez encontrássemos a resposta nas próximas aparições. Mas isso ainda vinha longe.

De repente, lembrei-me das palavras de José de Arimateia, recomendando que tanto Maria Madalena como as outras testemunhas não tornassem públicas as aparições em casa de Lázaro.

Enchendo-me de coragem, interroguei Tiago sobre esse particular. Suponho que muitos dos presentes agradeceram a minha pergunta. Também eles desejavam esclarecer o porquê dessa recomendação.

Tiago não cedeu.

- Tenho de ser fiel à promessa que fiz ao meu irmão e Senhor. Esta frase encerrou a questão.

Marta, oportuna, suavizou a tensão momentânea. Pegou no cesto e, cantarolando qualquer coisa que não entendi muito bem, mas que provocou o bom humor e a descontracção, foi distribuindo umas bolinhas cor de chocolate. Quando chegou ao pé de mim, com o rosto afogueado como uma papoila, colocou seis no meu prato. Duas mais que aos restantes. Agradeci-lhe a gentileza e, curioso e preocupado diante do que ia comer, perguntei quais os ingredientes daquilo.

- Amido, extraído por cozedura, recoberto com mel e perfumado com essência de rosas e alfóstico.

Provei, intrigado. Sabia a bombom! Fez-me lembrar os bombons a que os orientais chamam lukum. Foi uma sobremesa deliciosa.

Mas o meu trabalho na fazenda de Betânia estava só ainda a começar. Os meus olhos e o meu coração fixaram-se naquela silenciosa hebreia de olhar atento, de cabelos negros e lisos cobertos com um grande lenço preto: Maria, a mãe de Jesus. A Senhora.

Eram tantas as questões e perguntas que eu tinha para lhe fazer! Eram tantas as minhas dúvidas, que não sabia por onde começar!. E no decurso daqueles dias – felizes e sossegados -, sempre com o apoio dos filhos, tive a

maravilhosa oportunidade de ir desvendando uma infinidade de informações relacionadas com os seus anos em Nazaré e com o seu primogénito, que enriqueceram o que eu já sabia e já contei. Que acontecera ao longo da juventude de Jesus de Nazaré? Por que motivo os evangelistas ignoraram esses quase trinta e dois anos anteriores à sua vida de pregação? Seria porque o Filho do Homem nada fizera durante aquele período tão longo?

Como terá sido a sua educação? Quem foram os seus amigos? Quais os seus problemas e angústias? Viveu sempre na pequena aldeia de Nazaré? Quando e como teve consciência de quem era, na realidade? Porque se lançou a percorrer as estradas? Estas e mil perguntas mais ficariam completamente satisfeitas durante a minha estada em Betânia, a partir da nossa expedição à Galileia e na terceira aventura, que – antecipo já – foi livre e voluntariamente assumida por Eliseu e por mim. Se adio agora a narração de tudo o que tivemos a oportunidade de conhecer sobre a vida adulta do Mestre é, simplesmente, porque entendo que tão fascinante e longo capítulo se enquadra melhor e mais oportunamente entre as aventuras e correrias destes exploradores pelas altas terras do Norte.

Dito isto, vou continuar a relatar os acontecimentos que tive a sorte de viver a partir de sexta-feira, 14 de Abril desse ano 30 da nossa Era. De acordo com o planeado pelo Cavalo de Tróia, eu devia voltar ao berço antes da décima aparição, prevista para oito dias depois de domingo, 9 de Abril. Mas.

NOTA DO AUTOR

Como talvez o leitor esteja lembrado, no volume anterior

desta obra – Operação Cavalo de Tróia – eu fazia uma referência àquilo que o Major acaba de expor. Nos seus escritos, o oficial da USAF, depois de uma conversa de três horas e meia em casa de João Zebedeu, em Jerusalém, na manhã de sábado 8 de Abril, com Maria, a mãe do Mestre, fazia interessantíssimas revelações acerca do nascimento e da infância de Jesus de Nazaré. Como digo numa nota de rodapé, por razões de ordem técnica, vi-me obrigado a deixar para mais tarde esse relato. Penso que este é um bom momento para o incluir.

E antes de seguir adiante, uma advertência que não quero deixar de fazer: como afirmei no principio de Operação Cavalo de Tróia II, alguns pontos que vamos expor a seguir são tão agudos que eu recomendaria aos leitores com ideias e principios religiosos excessivamente conservadores que abandonem a leitura.

Cumprido este sincero esclarecimento, passemos a essa parte dos documentos.

. A partir daquele momento – oito horas da manhã, aproximadamente – e depois de João Zebedeu lhe ter explicado quem eu era e por que motivo estava ali, Maria aceitou com prazer falar-me de Jesus, dos seus primeiros anos em Nazaré, das suas viagens pelo Mediterrâneo e da morte num acidente de trabalho do seu esposo, o construtor e carpinteiro chamado José. Tentando pôr ordem nas minhas ideias e nos milhares de temas que se agitavam na minha cabeça, comecei por lhe perguntar sobre o nascimento do Gigante. Mas, poucos minutos depois, compreendi que devia recuar na História. O tão debatido assunto da concepção virginal do Filho do Homem intrigava-me de uma maneira especial. Ou, para ser mais preciso, sentia curiosidade por conhecer a versão da própria pessoa.

Como será fácil de adivinhar, Maria não podia intuir o que sobre ela e o seu primogénito os evangelistas escreveriam bastantes anos mais tarde. Tendo em conta que o

falecimento da Senhora – assim a chamarei a partir de agora – ocorreria um ano depois, mais ou menos, da morte do seu Filho, a versão do Evangelho aramaico de Mateus (escrita talvez uns dez ou quinze anos depois do ano 30) podia ser, perfeitamente, um relato do que ele ouvira. Por outras palavras, Cavalo de Tróia nutria sérias dúvidas sobre o que disseram Mateus e Lucas acerca destas questões. Seria real a pretensa e antinatural concepção da Senhora? Ter-lhe-ia aparecido um anjo, como rezam as Escrituras?

A fim de não ferir os seus sentimentos com perguntas cruas e directas

- pelo menos neste terreno delicado – fui conduzindo a conversa por vias bastante próximas, de forma a que fosse ela própria a abordar, espontânea e singelamente, a questão. O estratagema deu resultado. Assim, soube que Maria e José se conheceram quando este como carpinteiro e pedreiro, trabalhava na ampliação da casa dos pais da então quase menina Miriam (verdadeiro nome de Maria). A adolescente, que tinha uns onze anos de idade, foi levar água a José. Era a primeira vez que se viam. E surgiu uma atracção mútua. Embora já o tenha dito em páginas anteriores, os costumes dos judeus daquele tempo eram muito diferentes dos de hoje. A partir dos doze anos e meio, coincidindo com a primeira menstruação, a menina adquiria a condição de mulher, podendo passar – pelo casamento - da tutela do pai para a do esposo. (E às vezes não se sabia o que era pior)

Os esponsais – uma etapa que na actualidade poderíamos traduzir mal por noivado – prolongaram-se durante dois anos.

Quando José fez os vinte e um anos, a segunda fase do ritual hebraico – o casamento propriamente dito – foi celebrado com todas as honras e, como mandava a tradição, na casa de Maria.

O contrato foi assinado numa quarta-feira, dado que Maria

era donzela, e em meados do mês de Março do ano menos oito da nossa Era. (A lua cheia trazia boa sorte) Como dote, ou mohar, Joaquim, o pai da noiva recebeu o estipulado pela Lei – cinquenta siclos de prata – e a totalidade dos móveis da nova casa dos recém-casados. Ao contrário do que acontece nos nossos dias, na altura não era o pai da prometida que arcava com o dote. Era ele quem o recebia do noivo ou do pai deste.

Portanto, Maria tinha treze anos quando entrou em casa do esposo e este, como já disse, vinte e um.

A Senhora sentiu prazer ao recordar aqueles tempos. E falou-me com grande carinho da casa nova de Nazaré, construída por José e seus irmãos, no sopé dos cerros que dominavam a comarca do Tabor e de Nain.

Antes de continuar quero chamar a atenção para esta data: Março do ano menos oito. Nesse mês tiveram lugar as bodas dos esposos. A Senhora deteve-se com prazer na descrição da modesta casa em que iniciaram a sua infeliz vida de casados.

(Por ocasião do nosso segundo salto no tempo, terei oportunidade de voltar a este curioso e interessante capítulo do mobiliário e dos costumes do casal).

Suave, prudentemente interessei-me também por José. Como era? Que tipo de carácter tinha ele? Qual era o seu aspecto físico? Maria, sorridente, só teve elogios para o seu falecido esposo. Esta foi a sua descrição:

- Era um homem de maneiras doces. Moreno. Olhos negros.

Forte e trabalhador incansável. Os seus antepassados (pai, avô bisavô, etc) foram carpinteiros, construtores pedreiros e ferreiros. Ao princípio dedicou-se à carpintaria de obra.

Depois entrou nos negócios da construção. Pensava mmuito e falava pouco. Era extremamente fiel aos costumes e práticas religiosas do meu povo. Demasiado, para o meu

gosto. A dolorosa situação de Israel, sob o jugo estrangeiro, apoquentava-o. A sua família era, como a nossa, numerosa: oito irmãos e irmãs. Quando o conheci era alegre, mas, à medida que o tempo foi passando (sobretudo a partir dos primeiros anos de casados), tornou-se taciturno e passou por uma grande crise espiritual. Pouco antes da sua morte, quando a nova ocupação como construtor começava a melhorar a nossa situação económica, sentiu um alívio considerável e o seu espírito recuperou outra vez. Foi inevitável. Ao abordar a morte de José não resisti à tentação e perguntei-lhe em que circunstâncias se dera.

* No direito judaico, o matrimónio constava de dois momentos ou fases bem distintas e intimamente ligadas: os esponsais e o casamento ou bodas. Quando os jovens decidiam unir-se para toda a vida entravam no primeiro estádio. Na realidade, já eram considerados como esposos; no entanto, a união definitiva, tal como determina o Deuteronómio, só se dava quando o noivo tomava a esposa de sua casa (XX, 7). Apesar disso, os esponsais não podem ser vistos como um simples noivado.

Levavam em si mesmos o selo de um autêntico contrato matrimonial". Até ao ponto de uma mulher que fosse surpreendida em adultério – estando no período dos esponsais" - poder ser repudiada e executada. Parece que era um costume tolerado, embora mal visto, os esposos terem relações sexuais, como marido e mulher, antes das núpcias propriamente ditas.

Estas tinham lugar quando a noiva ou esposa era levada para a casa do marido. As festas chegavam a durar sete dias, às vezes mais. (N. Do M)

Foi numa terça-feira, 25 de Setembro do ano 8 da nossa Era.

Jesus tinha catorze anos. Ao entardecer desse dia fatídico, um mensageiro levou uma notícia trágica à oficina onde

trabalhava Jesus. O seu pai na Terra caíra do alto de uma obra, na vizinha cidade de Séforis, estando gravemente ferido. O primogénito de Maria acompanhou o enviado até ao domicílio da família, comunicando a infeliz notícia à mãe. Jesus queria ir a correr para junto de seu pai, mas a Senhora proibiu-lho. Foi Tiago, irmão de Jesus, quem a acompanhou até à residência do governador, onde, segundo parecia, se dera o que hoje chamamos um acidente de trabalho. Jesus, contrariado, teve de ficar em Nazaré, cuidando da casa e dos pequenos. Quando Maria chegou a Séforis, José já tinha falecido. Levaram o cadáver para a aldeia de Nazaré e lá foi sepultado, no dia seguinte, dia 26, no sepulcro dos seus antepassados. Por acaso, vivera trinta e seis anos: a mesma idade do Filho.

Na ocasião deste acontecimento, Jesus conhecera Herodes Antipas, um dos filhos de Herodes, o Grande: a raposa detestável e degenerada que, vinte e dois anos depois, tentaria interrogá-lo. Mas esta é outra história que deverei contar no futuro. Já que falámos de José, atrevi-me a perguntar pela sua suposta ascendência davídica. No Evangelho de Mateus (1, 1-16) está indicada a genealogia de Jesus e, nela, como é bem claro o pai carnal de Cristo aparece como descendente directo do rei David. Devo confessar que a Senhora ficou muito surpreendida com a minha insólita pergunta.

- E como é que tu sabes isso?.

- Então é verdade. - disse eu, fugindo à pergunta de Maria.

- Não, não é.

A sua explicação deixou-me atónito. José, logicamente, já lhe tinha falado disso. Mateus, mais uma vez, foi mal informado. Tudo partia de um antepassado de José – por parte do avô paterno – que foi adoptado por um tal Zadoc, o qual, esse sim, era descendente directo de David. Este antepassado de José, órfão, foi acolhido por Zadoc, e daí o

erro. A partir de então (sexta geração antes de José), os sucessores receberam o falso título de nascidos ou pertencentes à casa de David.

Mais adiante, quando descrever o que aconteceu na segunda exploração, falarei dos erros cometidos nas genealogias que são atribuídas a Jesus de Nazaré. A maior parte dessas listas de antepassados – como muitas profecias messiânicas – são posteriores à vida do Galileu e, por conseguinte, adaptadas aos factos de que Jesus foi protagonista. Na realidade, a verdadeira descendente directa do rei David era a Senhora. A sua linhagem, pelo que ela me explicou, perdia-se na mais antiga nobreza, tendo entre os seus antepassados mais remotos representantes de hititas, sírios, egípcios, fenícios e, até, gregos. Para os que querem ver em Maria uma mãe representativa da Humanidade, este é, sem dúvida, um dos esteios em que podem basear a sua pretensão.

** Efectivamente, seis gerações antes de José – segundo o texto de Mateus – aparece um tal Sadoc ou Zadoc, que gerou Aquim. Este gerou Eliud e este, por sua vez gerou Eleazar.*

Este gerou Matan e Matan gerou Jacob. E este foi o nome do pai de José, esposo de Maria. (N. Do M)

Poucas mulheres judias daquele tempo tinham no seu sangue uma mistura tão nobre de raças. De acordo com o seu carácter, embora a morte do marido lhe causasse uma dor corrosiva, Maria não exteriorizou nunca a sua profunda tristeza e solidão.

Suponho que irá surgindo de forma natural. Mas, mesmo assim, não vou perder a oportunidade e vou comentar o que considerar importante em relação ao temperamento da Senhora. Os cristãos de quase todos os tempos parecem ter forjado uma imagem de Maria de acordo com as suas próprias crenças, conveniências e interesses. Assim, ao longo destes dois mil anos, não é difícil encontrar textos

abençoados pelos Papas, pelos Santos Padres da Igreja Católica ou pelos ilustres teólogos, nos quais se atribuem à mãe do Senhor rótulos tão absurdos e tão pouco reais como os de virgem permanente, mulher submissa e tímida, exemplo de virtudes humanas e divinas, co-redentora, medianeira entre Deus e o género humano, concebida sem pecado original, e eu sei lá quantos atributos mais, elogiáveis mas duvidosos.

Os próprios acontecimentos que irei contando serão a melhor prova de que a Senhora era uma mulher hebreia inteligente, mas, como qualquer ser humano, com defeitos e limitações.

Alguns, como o seu sentido profundo de nacionalismo, farão tremer os cristãos que parecem viver nas nuvens.

Passo a passo, pelo que fui captando e pelo que recolhi de quantos conviveram com ela, cheguei à conclusão de que Maria era uma mulher alegre. Não se deixava vencer pelo desânimo.

Com uma força vital invejável e uma liberdade mental que a obrigavam a exprimir os seus sentimentos e as suas opiniões aberta e claramente, Sem rebuços, Sem rodeios, Sem hipocrisia.

Ao contrário de José, a Senhora tinha nos genes aquilo a que hoje chamaríamos sentido liberal da vida. A sua filosofia era esta: respeitar todas as convicções e credos. Mas também era teimosa e obstinada. Esta postura criou-lhe vários desgostos.

Sobretudo durante a juventude de Jesus.

Analisando o carácter do filho, deduzia-se que grande parte dos seus dons de educador e condutor de massas e a sua capacidade característica para a justa indignação tinham sido herdados da mãe. Do pai, pelo contrário, tinha a amabilidade e úma compreensão maravilhosa da fraqueza da natureza humana. Às vezes, Jesus ficava pensativo e com um

ar de tristeza diante dos homens que o rodeavam. Essa forma de ser tinha, sem dúvida, uma relação muito íntima com o temperamento de José.

Mas, na maioria das vezes, o Galileu mostrava-se tão optimista e decidido como a mãe. Penso que não me engano se disser – em jeito de síntese – que o carácter da Senhora reinava com clareza no do seu primogénito. De José herdou também o seu amor ao estudo das Escrituras hebraicas. Maria soube infundir-lhe – talvez inconscientemente – um sentido natural de respeito e liberalidade.

As duas famílias – a de José e a de Maria -, além de gozarem de uma posição económica desafogada, podiam ser consideradas famílias cultas, tendo em conta o baixo nível da população em geral. A Senhora, depois do falecimento do esposo, teve sobretudo a preocupação de que os seus filhos recebessem a instrução necessária. Ainda hei-de voltar a isto, mas também me surpreendeu a extraordinária habilidade desta mulher para a arte da tecelagem. Foi uma tecedeira excepcional. Jesus sempre vestiu túnicas e mantos feitos por ela. Quanto aos seus dotes como dona de casa e mulher previdente – qualidades que foi obrigada a desenvolver perante a situação económica angustiante em que a família ficou depois da morte de José -, falarei disso por ocasião da nossa visita à Galileia.

- Então as vossas núpcias ou bodas foram no mês de Março do ano setecentos e quarenta e seis.

(Obviamente utilizei o calendário romano) A Senhora concordou, ainda que sem saber onde eu queria chegar. - Conversando com uns e com outros – acrescentei, procurando dissimular – tive conhecimento também de um acontecimento prodigioso, ocorrido antes do nascimento de Jesus.

- Referes-te ao do anjo?

- Perdoa a minha incredulidade, mas.

- Compreendo, Jasão – sussurrou, resignada. - Não é a

primeira vez que alguém duvida de mim.

Eu tinha de ser extremamente cauteloso. Por isso, fiz as perguntas pondo nelas os meus cinco sentidos.

- Quando foi?

- Uma tarde, em meados do oitavo mês, em pleno marjesvanl.

(Isso queria dizer Novembro)

- Recordas o dia exacto?

- Não.

Pareceu-me estranho que uma mulher não guardasse na sua memória uma data tão notável.

. Encontrava-me na casa de Nazaré, ocupada nas tarefas da casa. José não tardaria a chegar. De súbito, ao lado de uma mesa baixa de pedra, vi-o. Era um jovem muito bonito. Com luz a toda a sua volta. Disse que se chamava Gabriel.

- Estou interessadíssimo em saber o que te disse.

Exactamente. Isso sim, tinha ficado gravado no seu coração.

- As suas palavras foram estas: Venho mandado por Aquele que é o meu Mestre, a quem deverás amar e manter. A ti, Maria, trago boas ; notícias, já que te anuncio que a tua concepção foi ordenada pelo céu. A seu devido tempo serás mãe de um filho, a quem porás o nome de Yehosua [Jesus ou "Javé salva"] e que instaurará o reino dos céus na Terra e entre os homens. Disto, fala só a José e a Isabel, tua parente,

* Entre os judeus de então, o ano começava na Primavera.

Concretamente, no mês de Nisan, que correspondia quer ao nosso Março quer a Abril. Este ciclo de culto inspirava-se no calendário babilónico. A seguir ao desterro, o povo de Israel adoptou também os nomes dos meses babilónicos: Iyyar era o segundo mês (Abril-Maio), Sivan o terceiro (Maio-Junho), Tammuz o quarto (Junho-Julho), Ab o quinto (Julho-Agosto), Elul o sexto (Agosto-Setembro), Tisri o sétimo (Setembro-Outubro), Marjesvan o oitavo (Outubro-Novembro), Kisleu o nono (Novembro-Dezembro), Tebet o décimo (Dezembro-Janeiro), Sabat o décimo primeiro (Janeiro-Fevereiro) e Adar o décimo segundo e último mês do

ano (Fevereiro-Março). O ano era lunissolar, com doze meses de vinte e nove ou trinta dias e um mês suplementar cada dois ou três anos para compensar o atraso do ciclo lunar sobre o ano solar. (N. Do M)

a quem também apareci e que em breve dará à luz um menino que se chamará João. Isabel prepara o caminho para a mensagem de libertação que o teu filho proclamará com força e profunda convicção, aos homens. Não duvides das minhas palavras, Maria dado que esta casa foi escolhida para morada terrena deste Menino do Destino. Recebe a minha bênção. O poder do Altíssimo sustentar-te-á. O Senhor de toda a Terra estenderá sobre ti a sua protecção

A minha perplexidade foi aumentando. Aquelas palavras não tinham qualquer relação com as de Lucas (1, 26-39). Como se verá, Maria não era virgem no sentido que parece querer-lhe dar – a todo o custo – o evangelista 1. Era impossível, porque as bodas, repito, já tinham sido celebradas em Março: oito meses antes da chamada anunciação! Na minha opinião os relatos, supostamente sagrados, sobre o acontcimento foram deformados e desnecessariamente circunscritos a uma situação – a virgindade física da Senhora – que envolvia o nascimento do Senhor numa auréola de mistério e divindade, muito própria dos Orientais. Algo que em nada afectava a transcendência da missão do Filho do Homem. Mas tentarei ir por partes.

No citado Evangelho de Lucas (versículos 31 a 33) está escrito: [] «conceberás no teu ventre [diz o anjo a Maria] e darás à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus». À luz da lógica, é incongruente

** as forças do Céu – que dificilmente contrariam o curso normal da Natureza – programarem uma concepção em pleno período de esponsais. Porquê criar problemas desnecessários? Se o tema da concepção misteriosa de Jesus ia ser uma fonte de polémicas, receios e desgostos na própria família de Nazaré, porque se deveria deitar mais achas na fogueira com uma concepção extemporânea?*

A informação de Lucas está errada até no pormenor da gravidez de Isabel, prima afastada de Maria. Segundo o texto de Lucas, Gabriel apareceu à Senhora no sexto mês da concepção não menos misteriosa de Isabel. Quando perguntei a Maria acerca da gravidez da sua prima, da aparição de Gabriel também a ela e sobre o nascimento de João, chamado o Baptista as datas não coincidiram com as de Lucas. O anjo – apresentou-se a Isabel nos últimos dias do mês de Junho desse mesmo ano menos oito. Isto é, na altura em que o enviado celeste apareceu pela segunda vez – a Maria -, Isabel estava grávida de cinco meses e não de seis, como escreve o evangelista. (João nasceria a 25 de Março do ano seguinte: menos sete)

No seu Evangelho, Lucas insiste várias vezes na palavra «virgem»:] «No sexto mês foi enviado por Deus o anjo Gabriel a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um homem chamado José, da casa de David; o nome da virgem era Maria » Em tão poucas linhas encontram-se dois erros: uma virgem desposada com um homem chamado José e da casa de David. Quanto ao resto da passagem em questão, também está cheio de modificações ou de erros. Por exemplo, referindo-se a Jesus Lucas põe na boca do anjo: «e o Senhor Deus dar-lhe-á o trono de David». Jamais houve qualquer referência a tal trono. Para quê? A missão do Mestre era outra e Ele encarregar-se-ia de o repetir durante a sua vida várias vezes. Lucas, que escreveu o seu Evangelho muitos anos depois da morte de Maria, não foi bem informado, ou, talvez se tenha deixado levar pelas correntes que pretendiam exaltar tudo o que se relacionava com Jesus, incluindo uma mãe permanentemente virgem. Algo que ia contra todos os costumes e normas da sociedade judaica de então. (N. Do M)

De qualquer forma, com toda a delicadeza de que fui capaz, insisti no assunto tão íntimo da sua virgindade na altura em que o anjo apareceu. A resposta foi categórica:

- Naturalmente que estava casada com José e naturalmente também mantínhamos relações conjugais normais.

A Senhora não podia compreender o porquê daquelas perguntas.

Ignorava, obviamente o que dela se escreveria anos depois.

No que se manteve firme foi na concepção não humana do seu primogénito. Aceitei a sua palavra. Quem melhor do que ela para saber se Jesus tinha sido fruto ou não da sua união matrimonial com José? Nesta altura da missão já não tenho dificuldade em aceitar que Deus possa levar a cabo um acto semelhante. No século xx já começámos a assistir a outros fenómenos que seriam mágicos para as pessoas do tempo de Cristo ou da Idade Média: a inseminação artificial ou os bebés-proveta, para citar dois exemplos. - E qual foi a reacção de José perante o anúncio do anjo? A Senhora sorriu, mostrando-me aqueles esplêndidos dentes brancos e regulares. Fez um gesto malicioso com as sobrancelhas e disse: - Primeiro, esperei.

Na minha estupidez, não me apercebi do sentido da afirmação.

- O quê? - perguntei estupidamente.

Maria corou.

- Que poderia ser?. Tinha de me certificar de que a visão do anjo não fora um sonho mau ou qualquer coisa parecida. Poucas semanas depois, quando já tinha a certeza da minha maternidade, falei com ele. - E que disse ele?

- O meu esposo sempre teve grande confiança em mim. Mas como era de esperar, sentiu-se mal. Desassossegado. Não conseguiu dormir durante vários dias. Mas, isso sim, nunca me acusou de nada impuro. Duvidou, é claro, da história de Gabriel. No entanto, pouco a pouco, acreditou nas minhas palavras.

Surgiram então outros problemas. Animei-a a que mos contasse.

- Para José, o mais difícil não era eu ter visto ou ouvido um mensageiro dos céus, ou mesmo que o Altíssimo (bendito seja o seu nome!) operasse em mim semelhante milagre. O que o transtornou foi o facto de um menino nascido de uma família humana ter um destino divino. No entanto, depois de reflectir e, sobretudo, depois do seu sonho, mudou e aceitou os factos.

- Um sonho? - intervim, como se nada soubesse.

- Sim, uma noite acordou sobressaltado. E contou-me que um mensageiro brilhante lhe tinha dito o seguinte: «José, apareço-te por ordem dAquele que agora reina nos céus. Recebi o encargo para te dar instruções sobre o filho que Maria vai ter e que será uma grande luz neste mundo. Nele estará a vida e a sua vida será a luz da Humanidade. De momento irá para o seu povo. Mas este aceitá-lo-á com dificuldade. A todos os que o acolherem ele revelará que são filhos de Deus». Depois desta experiência dramática, deixou de duvidar.

Fiquei em silêncio. Aquela versão também não se assemelhava à do evangelista Mateus. No capítulo 1, versículos 19-25, diz textualmente o escritor sagrado: «E José, seu esposo, sendo justo e não a querendo difamar, resolveu repudiá-la em segredo. Assim o tinha ele planeado quando o anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos, dizendo: "José, filho de David não temas receber Maria como tua esposa, porque o que nela foi concebido é do Espírito Santo.

Dará à luz um filho, a quem tu porás o nome de Jesus, porque Ele salvará o seu povo dos seus pecados. Tudo isto aconteceu para que se cumprisse o oráculo do Senhor por meio do profeta: "Eis que a Virgem conceberá e dará à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Emanuel", que traduzido significa "Deus connosco». Despertando José do sono, fez

como o anjo do Senhor lhe tinha mandado, e aceitou a sua mulher.

E não a conhecia, até que ela deu à luz um filho, e pôs-lhe o nome de Jesus

A passagem em questão está cheia de manipulações possíveis, quer do próprio Mateus quer dos que copiaram a sua versão original: a aramaica que, como já disse, se perdeu. Se José era justo – poder-se-ia argumentar – porque ia ele repudiá-la em segredo? A justiça, naquele tempo, era interpretada como cumprimento rigoroso e justo da lei. Isso significava o divórcio imediato e, talvez, a lapidação de Maria. Segundo problema: se Mateus tivesse consultado Maria, dificilmente se teria atrevido a pôr na boca do anjo o qualificativo de filho de David para o esposo da Senhora.

Terceiro: mesmo aceitando que Maria e José se tivessem encontrado durante o período dos esponsais, porquê ficar espantado com a gravidez se as relações sexuais na primeira fase eram toleradas? É claro que na versão original não se diz que Ele salvará o seu povo dos seus pecados. O evangelista, como judeu que era, supondo que tenha tido acesso ao verdadeiro texto da mensagem, ignora a semiacusação do anjo ao povo – o seu – que aceitá-lo-á com dificuldade.

Por último, a respeito das supostas profecias sobre o Messias e a virgindade de sua mãe. Tendo em consideração as lacunas, manipulações e contradições de que fora testemunha, tudo era possível. Até mesmo, como já disse, que fossem interpolações muito posteriores à vida de Jesus, para fazer encaixar a desnecessária virgindade. Não sou teólogo, nem quero ser. Mas, no meu curto entendimento, faço apenas uma simples pergunta: porque é que a Igreja Católica e os cristãos se empenham em defender o tema secundário e intranscendente da virgindade permanente de Maria?

A única coisa vital em tudo isto – essa é a minha forma de ver – são os frutos ou o resultado final: a maravilhosa maternidade da Senhora. Por outras palavras: Jesus. Dando por admitido que a concepção foi de carácter misterioso ou divino, que importância tem que tenha sido virgem ou não, antes, durante e depois da gestação? Quando me interessei pelas reacções das famílias de José e de Maria em relação ao nascimento do menino do destino, como fora chamado por Gabriel, a Senhora - na sua resposta – pôs em evidência a grave confusão que se criou entre aquelas pessoas acerca do verdadeiro papel que viria a desempenhar o Mestre:

- Os meus dois irmãos, as minhas duas irmãs e toda a minha família – comentou com mágoa – receberam a notícia com cepticismo. Ninguém acreditou que o meu filho fosse realmente o Messias esperado. Este foi, sem dúvida, um erro grave. Em nenhuma das duas mensagens celestes – na de Gabriel e na do sonho de José – se menciona sequer que Jesus fosse o Messias, ou o Libertador, ou que Deus lhe fosse dar o trono de David, como pontualiza Lucas. Os Judeus esperavam o Messias, é verdade. Mas não de origem divina! A convicção popular associara-o a um guia ou libertador político, que faria da Palestina uma nação forte e poderosa.

A péssima interpretação das palavras dos anjos viria a ser uma fonte interminável e terrível de conflitos entre os que conheceram Jesus, incluindo sua mãe e seus irmãos. Mas não quero agora meter-me neste espinhoso e fascinante problema. Quando examinarmos o comportamento de Maria durante a juventude do seu Filho, haverá tempo para comprovar tudo o que digo.

Os inimigos de Jesus tinham razão numa coisa: o Rabi da Galileia não podia ser o Messias. Se a origem do Mestre era divina – como ele próprio se encarregou de afirmar pública e categoricamente -, o seu papel devia ser outro, mas não o de libertador do povo de Israel. Hoje, todos nós que conhecemos a mensagem de Cristo estamos de acordo com essa premissa.

Jesus de Nazaré foi um libertador, mas de outra ordem. Tal como anunciou Gabriel. É mais uma prova de que os seus imediatos colaboradores não entenderam a ampla missão de esperança do Galileu: difundir a mensagem de irmandade entre todos os homens e a graça de serem filhos do Pai. Se tivessem compreendido, não haveria motivos para Lucas e Mateus insistirem tanto no banal e político sentar-se no trono do rei David. Mas continuemos com os factos, tal como eles se deram cronologicamente.

Esse ano menos oito (746 do calendário de Roma) não provocou mais sobressaltos ao casal de Nazaré. A vida continuou na sua rotina. E a Senhora, que guardava no coração o anúncio de Gabriel sobre a gravidez da sua prima Isabel, foi convencendo o marido para que a deixasse ir à Judeia, a sul, visitar a sua familiar. - Não foi fácil – esclareceu Maria -, mas, finalmente, José concordou. E, em Fevereiro do ano seguinte, pude abraçar a minha prima. As duas estavam impacientes por se verem e trocar as suas experiências. Realmente, a obra de Jesus na Terra foi iniciada pelo seu primo afastado, João, cuja história, quando a conheci da boca da Senhora, dos mais íntimos do Baptista e, sobretudo, quando o conheci a ele, me encheu de perplexidade.

Que pouco sabemos deste gigante de dois metros de altura e coração sensível!

Zacarias, o pai de João, era sacerdote. Isabel, a mãe, estava entroncada num dos grupos mais prósperos do ramo de Maria. Embora estivessem casados há muitos anos, certos problemas – a que me referirei a seu devido tempo – haviam frustrado as tentativas do casal para ter filhos.

A aparição de Gabriel a Isabel ocorreu, como já disse, nos últimos dias do mês de Junho do ano 8 antes da Era Cristã.

(Maria e José já estavam casados há mais de três meses) – Que disse o anjo a Isabel?

- A aparição foi ao meio-dia. Gabriel disse-lhe assim:

«Enquanto o teu marido, Zacarias, oficia diante do altar, enquanto o povo reunido reza pela vinda de um salvador, eu, Gabriel, venho anunciar-te que em breve terás um filho que será o precursor do Divino Mestre.

Pôr-lhe-ás o nome de João. Crescerá consagrado ao Senhor, teu Deus, e, quando for grande, alegrará o teu coração, dado que levará almas para Deus. Anunciará a vinda dAquele que cura a alma do teu povo e é o libertador espiritual de toda a Humanidade. Maria será a mãe desse menino e também aparecerei a ela».

- Mas – perguntei, sem poder travar a minha curiosidade, recordando a passagem de Lucas (1, 5-24) em que se conta a história da mudez de Zacarias – o anjo não se apresentou também ao esposo da tua prima? A Senhora, que não conseguia habituar-se às minhas perguntas esquisitas, olhou para mim com estranheza. - A Zacarias? Que eu saiba, não. Só foi visto por Isabel.

Então, disse para comigo próprio, e todo esse complicado assunto de Lucas?

- É verdade que ele não ficou mudo?

O meu aparente gracejo fez sorrir Maria, que, se não fosse a tristeza que a dominava, talvez tivesse soltado uma grande gargalhada. - Zacarias nunca sofreu de um mal desses.

Mudei de tema. Estava claro que o evangelista se deixara levar pela imaginação, ou talvez as suas investigações não tivessem sido correctas. Embora houvesse também uma terceira possibilidade: que Zacarias se tivesse apropriado da aparição do anjo, acrescentando e modificando a seu bel-prazer. Não devemos esquecer que estávamos no reino dos homens e que as mulheres não contavam para nada.

A Senhora completou a informação, garantindo que a sua prima só falou do anjo com o marido. Mas este, céptico, só começou a acreditar quando Isabel apresentou os primeiros sinais de estar grávida. - Considerando a idade avançada da

minha prima – sublinhouera lógico que Zacarias não soubesse o que fazer. Mas, do mesmo modo que José, nunca pôs em dúvida a fidelidade da mulher. Tudo acabaria quando, seis semanas antes de dar à luz, o meu primo teve um sonho impressionante. Então convenceu-se de que aquele filho era também obra divina e que seria na verdade um precursor do meu Jesus. João nasceria em Judá, a 25 de Março desse ano 7 antes da nossa Era. A alegria dos pais foi indescritível. E, ao oitavo dia, como mandava a lei, foi circuncidado. Um sobrinho de Zacarias partiria de imediato para Nazaré, com a notícia do nascimento.

Aquela visita à aldeia de Judá, uns sete quilómetros a sul de Jerusalém, nos montes, foi muito importante para ambas.

Tanto Isabel como Maria fortaleceram as respectivas convicções ao ouvirem-se uma à outra. Três semanas mais tarde, a futura mãe de Jesus regressava a Nazaré, feliz, e definitivamente convencida. Mas os seus problemas, na realidade, começariam com o nascimento do menino do destino.

Pode parecer incrível, mas pouco faltou para que o nascimento de Jesus se desse em Nazaré. Se Maria tivesse sido realmente uma mulher submissa – tal como apregoam muitos cristãos – não teria havido a viagem a Belém. Eu vou explicar.

Quando lhe perguntei sobre as circunstâncias que rodearam o nascimento de Jesus, a Senhora recordou com saudade as suas discussões com José. Vendo o meu espanto, esclareceu:

- Quando chegou à aldeia a ordem para o recenseamento, o meu marido preparou tudo para a viagem até Belém. Mas sozinho. Sem mim. Eu sabia muito bem que não era preciso eu ir em pessoa para o recenseamento. José estava autorizado a inscrever toda a família. Essas eram as suas intenções. Mas disse-lhe que não.

- Porquê?

- Tinha medo de ficar sozinha e, sobretudo, de que nascesse o menino durante a sua ausência. Além disso – precisou com uma pitada de malícia -, Belém ficava muito perto de Judá e era uma ocasião excelente para visitar Isabel outra vez. E assim o casal – como acontece também nos nossos dias – enredou-se numa grande discussão. José, mais prudente, tentou convencê-la a ficar em Nazaré. Ele tinha muita razão. A gravidez já estava em fim de tempo e não convinha, naquele estado, meter-se nos caminhos da Palestina. A concepção de Jesus, segundo os cálculos aproximados da mãe, ocorreu por volta do dia 15 de Novembro. A partida dos dois para a aldeia de Belém foi ao amanhecer do dia 18 de Agosto do ano menos sete da nossa Era (747 do calendário romano). Isto é, tinham passado nove meses.

No entanto, tenaz e decidida, conseguiu impor-se e o esposo não teve outro remédio senão ceder. De nada serviram as recomendações nem as proibições.

- E, alegres como crianças, juntámos provisões para três ou quatro dias e partimos para Belém.

Corria o alvorecer do dia 18 de Agosto. O casal tinha na altura uma mula e nela carregaram a bagagem. A jovem grávida, que ia fazer catorze anos de idade, montou o animal e José, segurando as rédeas, iniciou a pé uma caminhada que se prolongaria por dois dias e algumas horas. A boa memória da Senhora permitiu-me reconstituir o essencial da viagem.

O esposo, bom conhecedor dos perigos que ameaçavam os viajantes, escolheu a rota mais curta, ainda que não a mais cómoda: a do Jordão 1.

No primeiro dia chegaram ao monte Gilboa. Ali, nas margens do rio, acamparam e passaram a noite. - Recordo que os nossos pensamentos e o tema constante de conversa – precisou Maria – era o filho que estava para nascer. José

continuava a censurar a minha loucura. Ele tinha muita razão. Não sei o que seria de nós se o pequeno nascesse ao pé daquela montanha.

* Na Palestina de então, os caminhos que a sulcavam de norte a sul, bem como os que a atravessavam de oriente a ocidente, não eram fáceis. Entre os primeiros havia três grandes rotas: a de Sefela, que ia dar à cadeia montanhosa do Carmelo; o Jordão, que era muito incómodo durante os meses de calor; e a mais usada, Samaria, muito escarpada, e que os judeus de estrita observância religiosa procuravam evitar a todo o custo. (O contacto com os Samaritanos era motivo de impureza) Se não fosse o estado delicado de Maria, talvez José se tivesse decidido por esta última. (N. Do M.)

No dia seguinte, de madrugada, retomaram o caminho. Maria encontrava-se perfeitamente. Almoçaram ao pé do monte Sartaba, sobranceiro ao vale do Jordão, e, ao anoitecer, entraram na cidade de Jericó. Não tiveram problema para encontrar uma pousada.

- Depois do jantar, José, outros peregrinos e eu falámos de muitas coisas: da odiosa ocupação romana, de Herodes, do recenseamento e suas nefastas consequências para o povo e até da influência de Jerusalém e Alexandria como centros de estudo e cultura judaicos. No dia 20 de Agosto, também ao alvorecer, enfrentaram a última etapa da viagem. Avistaram Jerusalém perto do meio-dia e, depois de visitarem o Templo, prosseguiram viagem para sul: para Belém. - A que hora chegaram?

- Pouco antes do pôr do Sol.

Aquela parte da narração foi igualmente esclarecedora.

- A pousada estava a abarrotar – continuou a Senhora – e, como a noite avançasse rapidamente, dirigimo-nos a casa dos parentes do meu marido. Foi impossível. Todos os quartos estavam também ocupados. Desiludidos e cansados, voltámos ao albergue. Não sabíamos o que fazer. Ali informaram-nos que, devido à grande afluência de viajantes, tinham decidido desalojar os estábulos situados no flanco da rocha, mesmo debaixo da pousada. - Para que serviam esses estábulos? Maria observou-me, indecisa. Mas,

compreendendo que eu era estrangeiro, não fez caso daquela pergunta tão absurda. - Para que poderiam servir? Para os animais das caravanas e para armazéns de cereais. - E que aconteceu? A Senhora reparou na minha impaciência.

- Porque estás tão interessado, Jasão?

Desta vez respondi com a verdade.

- Interessa-me tudo (absolutamente tudo) o que se relaciona com o Mestre.

Agradeceu-me com um sorriso e continuou.

. Ora bem, José amarrou a mula no pátio e, carregando com os fardos (a roupa, a comida e o resto), ajudou-me a descer as escadas que conduziam à gruta. Montámos as lonas que nos serviam de tenda diante de umas manjedouras e preparámo-nos para descansar. Estávamos exaustos. - Suponho que se sentiam mal instalados.

A Senhora abriu os seus olhos verdes em forma de amêndoa e, surpreendida, foi ela que perguntou: - Porquê? Dizes isso por ser um estábulo? Não, meu filho. Pelo contrário, sentíamo-nos felizes por ter encontrado um lugar tão silencioso e agradável. Depois de jantar, José comentou que pensava ir imediatamente recensear-se, mas, como eu te dizia, sentia-me muito cansada. E, de repente, começaram umas dores muito fortes. O meu marido assustou-se e deixou o recenseamento para outra altura.

- Dores fortes? - retorqui, imaginando que talvez se tratasse das primeiras contracções.

- Sim, espantosas. Depois tornaram-se mais fáceis de suportar. Mas já não conseguimos dormir durante a noite toda.

- De quanto em quanto tempo tinhas essas dores?

- Já não me lembro bem. Acho que de meia em meia hora, mais ou menos.

A descrição podia corresponder perfeitamente ao processo

natural de dilatação do canal cervical, fechado durante a gravidez. Cada uma daquelas dores pressionaria a parede superior do útero contra o colo uterino, preparando assim o deslizamento do bebé. (Como se sabe, normalmente o útero encontra-se firmemente apoiado no fundo da pélvis) – Foi então que se deu a ruptura das águas 1?

- Oh, filho, não me lembro!. Já passaram quase trinta e seis anos! Do que não me esqueço é de que estava muito assustada.

Algumas mulheres ficaram comigo e confortaram-me. Uma delas até pôs o ouvido na minha enorme barriga, (estava gordíssima!) e disse que ouvia o menino. Coisas de mulheres! - Em que momento chegou a hora?

- Ao alvorecer comecei a sofrer mesmo a sério. As dores tornaram-se mais intensas e frequentes. Pouco antes da hora sexta doze horas] pensei que ia morrer. As dores vinham uma atrás da outra2 Ajudaram-me a encurvar as costas e uma mulher pôs-me um lenço na boca, ordenando-me que o mordesse com força. Outras duas agarraram-me nos pulsos e incitavam-me a fazer força. Bendito seja Deus! Tive tanto medo!. Arquejava, gritava e suava!

- Não te lembraste do anjo?

- Nem do anjo nem de nada. Nesses momentos é difícil pensar.

- E José?

- Ao meu lado, branco como a cal, tentando animar-se. O pobre estava mais aterrorizado que eu. Passou as horas a molhar um pano em água fria e a colocá-lo na minha testa. Não consenti que se separasse de mim. As leis. Ora! A exclamação de Maria estava justificada. Naquele tempo, entre os judeus, era muito frequente o pai ser proibido de estar presente no parto. Tinha de esperar no exterior ou noutro lugar até lhe anunciarem o nascimento. Assim se fazia desde tempos imemoriais, cumprindo o versículo de Jeremias:

«Maldito aquele que felicitou o meu pai dizendo "nasceu-te um filho varão", e o encheu de alegria!» (XX, 15). Já disse que a Senhora tinha um sentido muito liberal da interpretação religiosa. . Por fim, por volta do meio-dia, apareceu a cabeça. Eu estava no limite das minhas poucas forças. E o meu filho veio ao mundo.

** O líquido fetal, logicamente, não pode ser comprimido, e ao derramar-se contribui para dilatar as membranas para o ponto de menor resistência. Geralmente, depois da dilatação das membranas, pressionando o canal cervical, a cabeça do feto vem atrás, dilatando ainda mais a passagem. É muito possível que essa ruptura das águas, como se denomina popularmente essa perda do líquido fetal, se tenha dado em Maria durante aquela noite de 20 de Agosto. (N. Do M)*

2 Esta descrição poderia enquadrar-se na última fase das dores. Talvez se dessem com intervalos de cinco minutos. Em cada contracção, as fibras musculares da parede uterina comprimem mais a cavidade, preparando assim a saída do bebé, que cada vez dispõe de menos espaço. Entre duas contracções, o normal é haver uma pausa. Nesses momentos, entra sangue fresco na placenta e as palpitações do bebé recuperam a sua frequência e intensidade. (N. Do M)

As mulheres lavaram-no e, depois de o esfregarem com sal, embrulharam-no nas fraldas e entregaram-no ao pai 1.

- Talvez não te lembres, mas, quando conseguiste pensar, o que é que te veio à cabeça?

- A primeira coisa que fiz foi examinar o meu bekor. Era lindo, com uma abundante cabeleira negra e enrugadinho como uma passa. Era perfeito. E senti-me feliz.

(Com a palavra bekor designava-se o primogénito. Ao ser varão, a alegria da família chegava ao máximo. Pelo contrário, se fosse menina era recebida com tristeza e indiferença).

Não pude evitá-lo. Ao ouvir as explicações da Senhora senti

uma grande ternura. Jesus nascera como qualquer menino. Quanto teria dado para assistir a um parto tão histórico! Nenhum dos acontecimentos milagrosos que contam as tradições e os Evangelhos apócrifos sobre a Natividade do Senhor parecem verdadeiros. Repito: aquele bebé tão especial veio ao mundo como todos nós.

Mas não me posso esquecer de outro dado interessante: a data desse nascimento. Segundo estas notícias, Jesus de Belém nasceu às doze horas do dia 21 de Agosto do ano menos 7, ou 747 do calendário de Roma. Uma data incompreensivelmente esquecida pelos evangelistas e que, com o passar dos séculos, seria fixada no mês de Dezembro do ano um. Tudo um duplo erro 2.

** O costume de esfregar o recém-nascido com sal baseava-se na crença de que, assim, a pele adquiria consistência. Quanto ao facto de o entregarem primeiro ao pai, era um rito de reconhecimento e legitimidade. O normal era o pai, ao receber o bebé, colocá-lo sobre os joelhos. Se estivesse um avô presente, esse privilégio era-lhe cedido a ele tal como se dizia no Génesis (l, 23). (N. Do M)*

** Muito provavelmente, a adopção por parte da Igreja do dia 25 de Dezembro como festividade do Natal (refiro-me à Igreja do Ocidente) remonta aos séculos Iv ou v da nossa Era. A opinião mais comum e aceite baseia este facto na institucionalização do cristianismo a partir do imperador Constantino, que deu grande impulso à expansão e consolidação pública definitivas*

da religião dos cristãos. Parece muito provável que a Igreja florescente tivesse decidido transformar, uma das celebrações pagãs de então na Natividade do Senhor. Embora haja divergência de critérios a este respeito, pode pensar-se que a celebração pagã que serviu para a mudança foi a do Sol invicto ou as Angeronalias ou Divalias, todas elas festas romanas.

Estas últimas realizavam-se no dia 21 de Dezembro. Segundo Varrão (l, l, 6, 23), era oferecido um sacrifício à deusa na cúria Aculeia. Ao que parece, eram festas estabelecidas, o mesmo que Dea Dia, nos dias mais curtos do ano (solstício), e que anunciavam a renovação do ano ou a «vitória do Sol». (Os dias, com efeito, começavam a ser mais longos) A Igreja do Ocidente (a do Oriente nunca celebrou o Natal; só a Epifania), segundo os especialistas, pode ter trocado a festa que comemorava o nascimento ou chegada e vitória do Sol triunfante" pelo nascimento do verdadeiro Sol: Jesus de Nazaré. Nas célebres homilias do papa S. Leão Magno (ano 450) já se fala desta festa cristã moderna do dia 25 de Dezembro.

Como já referi nalguns livros meus – e não vou agora entrar nisso -, nem os costumes pastorais daquela época nem a meteorologia da Palestina permitiam que os pastores guardassem o rebanho ao ar livre nos meses de Dezembro, Janeiro e Fevereiro.

Quanto ao segundo erro a que se refere o diário do Major – a marcação do nascimento de Cristo no ano um -, eu também estou de acordo. Não pode ter sido assim. O padre Igartua, jesuíta, na sua excelente obra Los Evangelios ante la Historia (p. 73), leva a cabo um estudo pormenorizado sobre esta falha,)(nota interrompida)

É claro que, embora nem merecesse ser dito, não havia naquele lugar nenhum animal (os tradicionais boi e asno) durante o parto. E sinto muito em frustrar também os que sempre acreditaram nas aparições dos anjos aos pastores dos arredores da aldeia de Belém. Pelas informações de Maria, ninguém estranho foi, para além dos seus amigos e parentes, para conhecer o Menino.

O evangelista Lucas, segundo parece, inventou toda essa bonita história dos coros celestiais e do anúncio aos pastores. A única visita que, naturalmente, deixou um bocado confuso o casal de Nazaré foi a dos sacerdotes de Ur,

identificados como Magos. Mas isso aconteceu quando Jesus já tinha três semanas de vida. E também não foi como conta Mateus (21-12). Antes disso ocorreriam outros factos não menos curiosos. Embora pense que, como médico, devesse omiti-lo, farei uma concessão e falarei de passagem sobre o tema, também polémico, da virgindade de Maria depois do parto. O ideal, naturalmente, teria sido fazer um reconhecimento. Mas isso não foi possível nem eu me teria prestado a

* (continua a nota)

reconhecida por todos os historiadores e que faz com que transportemos um considerável atraso no calendário oficial.

Eis o estudo de J. M. Igartua: 1. Jesus nasceu no tempo de Herodes, o Grande, segundo os mesmos evangelhos (Mateus, 2, 1, e Lucas, 1, 5). Mas Herodes morreu antes do ano 1, logo é necessário antecipar a data do nascimento de Cristo.

2. Em que ano morreu Herodes? Conseguiu-se a data precisa pelo historiador judeu Flávio Josefo. Eis os seus dados: o ano em que Herodes começou a reinar está fixado por ele, conforme a contagem grega existente, na 184a Olimpíada, sendo o intervalo de cada Olimpíada de quatro anos, o que dá um total de 736 anos. Determina o ano pelo consulado romano contemporâneo de Calvino e Assínio Polião (Ant. Jud, XIV, 14, 5).

Mas ainda não se pode estabelecer a Era cristã, pois não temos ainda um dado que relacione os dois cálculos cronológicos. 3. A duração do reinado de Herodes é estabelecida pelo

historiador Josefo em "trinta e quatro anos depois de ter matado Antígono [seu opositor], e desde que recebeu o reinado dos romanos, trinta e sete anos". (Ant. Jud, XVII, 8, I, e 8e11. Jud, I, 33, 8). A morte ocorreu no quinto dia após ter mandado matar o seu próprio filho Antípatro. Mas continuamos na mesma incerteza acerca da correlação com a

era cristã de Dionísio, o Exiyuo [a actual]. Os 736 anos gregos das Olimpíadas [na 184a Olimpíada, segundo Josefo] correlacionam-se com os anos romanos, restando vinte e três, pois, segundo

Varrão, a fundação de Roma foi no ano 23 das Olimpíadas, e correspondem assim a 736 – 23 = 713 ab UC. Como Josefo acrescenta que Herodes reinou trinta e sete anos, somando estes aos 713 temos 750 ab UC para o ano romano da sua morte.

Como fazer corresponder agora com a era cristã este ano 750 ab UC da morte de Herodes? 4. Providencialmente, um dado quase perdido no conjunto permitiu estabelecer a correspondência.

Josefo narra (Ant. Jud, XVII) um assalto dos extremistas religiosos ao Templo, contra as insígnias romanas, dirigido por dois doutores da lei e executado por jovens audazes, não mais de um mês antes da morte de Herodes.

Este, que mesmo doente ainda tinha arrebatamentos cruéis, mandou queimar vivos os dois doutores e alguns jovens assaltantes, e nesse mesmo dia da execução – diz Josefo - "houve um eclipse da lua", que foi interpretado como sinal celeste contra Herodes, acrescendo que a sua morte ocorreu quase na Páscoa. Ora bem, os astrónomos modernos identificaram esse eclipse da lua, visível na Judeia, no ano 4 antes de Cristo, no dia 13 de Março. Temos assim um dado já certo de correlação: o ano da morte de Herodes, o Grande, foi o ano -4, antes de Cristo, e o nascimento de Jesus teve de ser, de acordo com o que se recorda nos Evangelhos da sua vida, e portanto antes do -4.

Se acrescentarmos o cálculo de dois anos que fez o próprio Herodes em Mateus, quando mandou matar os meninos com menos de dois anos, estaremos no ano -6. E assim se calcula, com bastante precisão, que o nascimento de Jesus foi no ano -6 ou -7 da Era cristã" (N. Do A)

ele. Entre outros motivos, porque a evidência saltava à vista.

Adiantando-me aos acontecimentos, direi que a Senhora teve mais filhos, tal como se afirma nos próprios Evangelhos: Marcos 3, 20-21, 30-35; Mateus 12, 46-50, e Lucas 8, 19-21.

(Dos seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas, bem como das suas irmãs, falam também os habitantes de Nazaré em Marcos 6, 3, e Mateus 13, 55-56, para não citar João (212 e 7, 3-5). O próprio evangelista Mateus, em 1, 25, encerra o assunto quando afirma: E não a conhecia, até que deu à luz um filho, e lhe pôs o nome de Jesus (A expressão conhecer

significa, em termos bíblicos, ter relações sexuais) E voltamos ao velho problema. Porquê esse medo ou pudor, ou escrúpulos, de numerosos sectores da Igreja Católica em aceitar que a Senhora pudesse ter mais descendência, como era costume nas famílias normais daquele tempo? Estes moralistas e hipercríticos do alheio não ignoram que, no tempo de Jesus, a esterilidade era quase uma maldição divina.

As famílias tinham de ser numerosas. Isso era o normal e bem visto. Se partirmos do pressuposto que o casal de Nazaré foi em tudo um casal comum e normal, por que motivo esses cristãos se empenham em corrigir a própria Natureza, convertendo José e Maria em dois seres humanos ilógicos e quase à beira da aberração? Parte dessa triste deformação mental de que ainda sofrem muitos cristãos em relação a este assunto deve ser procurada num papa de nefasta memória: São Sirício, elevado, ainda por cima, à santidade.

O tal Sirício (384-398) chegou a escrever a este respeito, numa carta dirigida a Anísio, bispo de Tessalónica, no ano da graça de 392, o seguinte: «Na verdade, não podemos negar ter sido com justiça repreendido aquele que fala dos filhos de Maria, e com razão sentiu horror Vossa Santidade de que do mesmo ventre virginal de que nasceu, segundo a carne, Cristo, pudesse ter saído outro parto.

Porque não haveria escolhido o Senhor Jesus nascer de uma virgem, se tivesse julgado que esta havia de ser tão incontinente que haveria de manchar com sémen de união humana o seio onde se formou o corpo do Senhor, aquele seio, palácio do Rei eterno. Porque aquele que isto afirma, outra coisa não afirma senão a perfídia judaica dos que dizem que não pôde nascer de uma virgem. Porque aceitando a autoridade dos sacerdotes, mas sem deixar de opinar que Maria teve muitos partos, com mais empenho pretendem combater a verdade da fé 1».

É quase impossível introduzir em tão poucas linhas tanto

absurdo e desatino, fruto não se sabe se de um carácter doentio ou de um grau de demência altamente preocupante. O desprezo de Sirício – recuso-me a colocar antes do nome o qualificativo de santo – pela maternidade e pela extraordinária manifestação de amor que pressupõe o acto sexual, afigura-se-me quase épico.

Como tantas vezes, o homem congratula-se por corrigir a obra do Altíssimo. O trágico está na visão mesquinha daquele papa ter continuado a imperar até aos nossos dias. Por sorte, numerosos teólogos, exegetas e cristãos de mente mais aberta

* De !a virginidad de la B. V. M. (Cst, 681 Bs; Jf, 261; Pl131177 B; Msi, III, 675 A; Hrd, I, 859 C s), onde se ataca o erro de Bonoso. (N. Do M)

e racional começaram a questionar o problema, chegando à importante conclusão de que o vital não é Maria ter sido virgem ou não, mas a grandiosa e bela realidade da sua maternidade. Embora saiba que alguns rasgarão as suas vestes, eis aqui os filhos que se seguiram ao primogénito de Maria e dos quais me irei ocupando pouco a pouco: Tiago, nascido na madrugada do dia 2 de Abril do ano 3 antes da nossa Era; Miriam ou Maria, nascida na noite de 11 de Julho do ano menos 2; José, nascido na manhã de quarta-feira, 16 de Março do ano 1; Simão, na noite de sexta-feira14 de Abril do ano 2; Marta, nascida a 15 de Setembro do ano 3; Jude ou Judas, quarta-feira, 24 de Junho do ano 5. (por causa desta gravidez, Maria caiu enferma); Amos, nascido na noite de domingo, 9 de Janeiro do ano 7; Rute, na noite de quarta-feira, 17 de Abril do ano 9 da nossa Era. (Foi filha póstuma. José, seu pai, falecera no ano anterior) Juntamente com o seu irmão mais velho – Jesus -, fazem um total de nove filhos. (De novo aparece o misterioso nove).

Mas deixemos para outra altura a inevitável polémica sobre os irmãos do Filho do Homem. Na aldeia de Belém em breve se daria um acontecimento que alteraria a bússola da

Humanidade.

- No mundo também há gente boa.

Assim resumiu Maria o facto providencial da mudança de morada do casal e do bebé.

No dia seguinte ao nascimento de Jesus, o seu pai na Terra cumpriu a sua obrigação recenseando a família.

- E não com muita vontade. - esclareceu a Senhora.

A razão era simples. Os recenseamentos escondiam uma inconfessada intenção por parte de Roma: ter os seus súbditos controlados, a fim de aumentar os impostos, na medida do possível. Na província da Judeia, a resistência do povo e do próprio Herodes tinham atrasado esta ordem de Augusto em mais de um ano: o edicto do César foi promulgado em Março do ano menos 8 (exactamente no mês em que se casaram Maria e José). O recenseamento na Palestina não foi efectuado antes do ano menos 7.

O facto é que, por mediação de um homem que tinham conhecido durante a sua estada em Jericó, José conseguiu fazer amizade com outro viajante que dispunha de um quarto na pousada de Belém. Este, compreensivo e compadecido, aceitou trocar o seu alojamento pelo da família.

- Foi um bom homem. - suspirou Maria.

Dessa forma – até terem um lugar na casa dos parentes de José -, o casal e o filho desfrutaram de um lugar mais próprio do que um estábulo. A sua permanência no albergue prolongar-se-ia pelo período de três semanas.

Desde o primeiro momento, a Senhora preocupou-se em amamentar Jesus. E esta amamentação – por razões que esclarecerei em pormenor mais adiante – prolongar-se-ia durante mais de dois anos.

Como também era de supor, Maria apressou-se a avisar a sua prima do feliz acontecimento. No dia 23 desse mesmo mês de Agosto enviou-lhe um correio. A resposta de Isabel foi

imediata, convidando José a ir ao Templo para dar a notícia a Zacarias. E o entusiasmado pai não tardou a ir a Jerusalém.

Pelo que deduzi das explicações da minha informadora, o casal de Judá e o de Nazaré estavam convencidos – tanto naquele momento como durante muitos anos – que Jesus seria o libertador político dos judeus, e João, o seu braço direito e chefe dos ajudantes. Não me cansarei de insistir neste facto.

E como mais uma prova do que afirmo – saltando até a ordem cronológica dos acontecimentos – vou expor um facto ocorrido no ano 11 da nossa Era, quando Jesus tinha já dezassete anos de idade. Creio que vale a pena alterar momentaneamente a cronologia, se com isso se consegue uma visão mais exacta dos pensamentos e sentimentos da Senhora e sua família em relação ao papel de Jesus. Os cristãos, como poderá deduzir-se do que vou contar a seguir, têm uma recordação errada e cândida de Maria. As coisas não foram como gostaríamos que tivessem sido.

Naquela altura – ano 11- Jesus crescia em Nazaré. Em todo o território de Israel começara a desenvolver-se um sério movimento anti-romano. A agitação em Jerusalém e na Judeia contra o pagamento dos impostos foi-se alargando até chegar também ao Norte: à Galileia. Entre a população surgiu um partido nacionalista, clandestino mas poderoso, que, com o tempo, daria lugar a toda uma organização guerrilheira que já havia praticado algumas acções bélicas no ano 6, com um chefe chamado Judas de Gamala, vulgo o Galileu. Eram os zelotas, que tinham pressa de se tornar independentes de Roma e que não queriam esperar a vinda do Libertador, ou Messias. A sua filosofia podia resumir-se em duas palavras: rebelião política.

Pois bem, este grupo apareceu na Galileia, fazendo adeptos.

Entrou também em Nazaré, e, dada a liderança e o brilho

do jovem primogénito de Maria foi um dos primeiros objectivos principais dos nacionalistas judeus. O futuro Mestre ouviu-os, mas negou-se a entrar nas suas fileiras. Aquela decisão influenciou muitos jovens da terra, os quais – já fiéis seguidores da atraente personalidade de Jesus – acabaram por rejeitar os zelotas. E aqui surge o incrível: Maria, que partilhava plenamente as ideias dos nacionalistas, sentindo uma rejeição absoluta pelo jugo de Roma, lutou com todas as suas forças e os seus argumentos para que Jesus aceitasse e entrasse para o partido. O filho opôs-se e a Senhora, inflexível, chegou a recordar-lhe a promessa que ele fizera a José e a ela própria quando regressaram de Jerusalém, depois da famosa escapadela do rapaz, aos doze anos. (O primogénito, devido àquele incidente, aceitaria a ordem dos pais de acatar em tudo as suas disposições).

Ao ouvir a palavra insubordinação, o filho pôs a mão no ombro de Maria e, fitando-a nos olhos, disse-lhe: Mãe, como podes pensar isso?

A Senhora retractou-se das suas palavras, consequência da sua tensão, mas continuou a insistir – ajudada por Simão, um dos irmãos, e por Tiago, seu outro filho – na necessidade de Jesus reconsiderar a sua negativa e tornar-se zelota, abraçando assim a nobre causa nacionalista. Esta crise somada a outros acontecimentos posteriores, levariam a que o Filho do Homem estabelecesse a sua residência na vizinha povoação de Cafarnaum.

As cisões e polémicas tornaram-se insuportáveis e Jesus viu-se obrigado a partir. Mas vou deixar as coisas assim. Os capítulos da juventude e idade adulta do Mestre são tão importantes e sugestivos que merecem um tratamento à parte. Como se vê, a ideia da Senhora acerca da missão do seu filho não era muito clara.

No seguimento da visita de José a Zacarias surgiria uma história curiosa e até divertida que vou contar. Mas antes,

como contraponto ao que verdadeiramente aconteceu na apresentação de Jesus no Templo, vejamos primeiro o que sobre esse particular escreve Lucas:

«Quando se concluíram os dias da purificação deles, segundo a lei de Moisés, levaram Jesus a Jerusalém para o apresentarem ao Senhor, segundo o que está escrito na lei do Senhor: "Todo o varão primogénito será consagrado ao Senhor"; e para oferecerem em sacrifício "um par de rolas ou dois pombos", conforme o que está escrito na lei do Senhor.

E eis que havia em Jerusalém um homem chamado Simeão; este homem era justo e piedoso, e esperava a consolação de Israel; e o Espírito Santo estava nele.

Tinha-lhe sido revelado pelo Espírito Santo que não veria a morte, sem ver primeiro o Cristo do Senhor. Conduzido pelo Espírito, veio ao Templo; e, quando os pais levaram o menino Jesus, para cumprirem o que mandava a lei a seu respeito, ele tomou-o em braços e louvou a Deus, dizendo: "Agora, Senhor, podes, segundo a tua palavra, deixar partir o teu servo em paz, porque os meus olhos viram a tua salvação, que preparaste à vista de todos os povos, uma luz para iluminar os gentios e glória do teu povo, Israel».

O seu pai e a sua mãe estavam admirados com as coisas que dele se diziam. Simeão abençoou-os e disse a Maria, sua mãe: «Este foi colocado para queda e elevação de muitos em Israel, e para ser sinal de contradição – e uma espada atravessará a tua alma! - a fim de se descobrirem as intenções de muitos corações».

Havia também uma profetisa, Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser, de idade avançada; depois de casar, vivera sete anos com o seu marido, e permanecera viúva até aos oitenta e quatro anos; não se afastava do Templo, servindo a Deus noite e dia com jejuns e orações. Como apareceu naquela mesma ocasião louvava a Deus e falava do menino a todos os que esperavam a redenção de Jerusalém (2, 22-39). Agora

descreverei os factos tal como me foram contados.

De facto, Moisés ensinou ao povo eleito que cada filho primogénito – por ordem de Javé – pertencia a Deus. Mas, em vez de ser sacrificado como noutras culturas pagãs, podia ser resgatado pelos pais, mediante o pagamento simbólico aos sacerdotes de cinco siclos. Outra lei mosaica estabelecia que as mães deviam ir ao Templo depois do parto, a fim de cumprirem o ritual da purificação. No tempo de Cristo, era costume juntar as duas cerimómias numa só.

Foi por isso que Maria, José e o menino foram a Jerusalém, dispostos a cumprirem as normas religiosas estabelecidas. (A verdade é que nunca percebi muito bem a que impureza se referia Javé) Alguns dias antes, - ia-me esquecendo, os pais de Jesus tinham cumprido igualmente o requisito obrigatório da circuncisão do menino. E foi-lhe posto – oficialmente – o nome de Yehosua, que significa Javé salva. (Talvez não tenha importância, mas Jesus nunca foi chamado Jesus, mas Yehosua, Rabi e Mestre).

Onde é que eu ia?. Ah, sim, o casal entrou no Templo, fez as compras e o sacrifício obrigatório e, quando iam apresentar o bebé aos sacerdotes aconteceu uma coisa que os deixou perplexos. Um homem e uma mulher levantaram os braços à passagem do cortejo, apontando para o casal que levava Jesus.

Então, o homem – um ancião chamado Simeão e habitante da Judeia – entoou um cântico original. Dizia assim: Bendito seja o Senhor, Deus de Israel. Pois visitou-nos e resgatou o seu povo. Levantou o seu cálice para cada um de nós, na casa do seu servo, David.

Livra-nos dos nossos inimigos e da mão dos que nos odeiam. Tem misericórdia dos nossos pais e recorda a sua santa aliança: o juramento a Abraão, nosso pai. O que nos permitirá, depois de nos livrar da mão dos nossos inimigos, servi-lo sem medo, com santidade e rectidão diante dele todos os dias da nossa vida.

Sim, e tu, filho da promessa, serás chamado o profeta do Altíssimo, já que irás diante do Senhor para estabelecer o seu reino, para dar a conhecer a salvação do seu povo, na remissão dos seus pecados. Gozai da misericórdia do nosso Deus, pois a luz do alto nos chega para iluminar aqueles que se encontram nas trevas e na sombra da morte. Para conduzir os nossos passos pelo caminho da paz. E agora, deixa o teu servo partir em paz, Senhor, segundo a tua palavra. Os meus olhos viram a tua salvação, que colocaste diante de todos os povos. Uma luz para iluminar até os gentios e a glória do teu povo, Israel.

Tal situação, como é natural, perturbou Maria e desconcertou José. De regresso a Belém, ambos concordaram que aquilo tinha sido tão exagerado quanto prematuro. E interrogavam-se como fora possível o ancião ter adivinhado que o filho deles era o Messias. Algum tempo depois saberiam a verdade. Isabel contá-la-ia à prima, mostrando-lhe até o texto do cântico que o seu marido, o sacerdote, tinha guardado. Zacarias era um velho conhecido de Simeão e da mulher que também levantara os braços à passagem de Jesus.

Chamava-se Ana. Era da Galileia e gostava de poesia. Ambos, Ana e Simeão, iam assiduamente ao Templo. Faziam companhia um ao outro e, com o tempo, tinham feito uma boa amizade com Zacarias. A verdade é que este – que ardia em desejos de revelar o seu segredo sobre João e Jesus – acabou por contar tudo ao ancião e à poetisa. O esposo de Isabel sabia antecipadamente em que dia iriam José e a Senhora ao Templo. E pôs-se de acordo com Ana e Simeão

para que, à passagem do menino, levantassem os braços em sinal de saudação e reconhecimento. Para essa ocasião a poetisa fez um poema e Simeão encarregou-se de o declamar.

Esta foi a simples história, da qual se poderiam tirar proveitosas conclusões. Em especial, no que se refere ao evangelista já citado, Lucas, que talvez tenha ouvido uma versão muito deformada pelos anos, tomando-a por boa. Nem Ana era profetisa, nem Simeão falou de nenhuma espada que atravessasse o coração de Maria, nem as palavras eram de sua autoria, nem fora levado pelo Espírito ao Templo naquela ocasião, nem tomou o menino nos braços.

E eu interrogo-me de novo: quantas passagens da vida de Jesus não terão sofrido a mesma sorte? Se o Altíssimo continuar a abençoar-me com a sua luz e a sua força, talvez chegue a contar as nossas experiências e aventuras nas aldeias de Belém e Judá, e nas quais – graças à sua bondade – pudemos comprovar muitos dos factos que agora descrevo de forma apressada.

Outros dos acontecimentos singulares de que fui informado pela Senhora referia-se aos famosos Magos. Maria não saía da sua surpresa.

- Como é que tu sabes – perguntou-me ela – todas essas coisas?

Mas continuemos com o que importa.

Também neste assunto teve alguma coisa a ver o bom e linguareiro Zacarias. Eu teria dado o que fosse preciso para o conhecer. Mas, quando nós chegámos à Palestina (ano 30), o velho sacerdote – que devia andar pelos setenta ou oitenta anos – já tinha morrido.

Tudo começou com a aparição na cidade caldeia de Ur 1 de um misterioso educador religioso que, ao que parece, informou uns sacerdotes-astrólogos daquela cidade de um sonho que tivera e no qual lhe fora anunciado que a luz da

vida estava prestes a aparecer no mundo, sob a forma de menino e entre os judeus.

A Senhora continuou o seu relato nos seguintes termos: [) Os sacerdotes puseram-se a caminho e, depois de várias semanas de pesquisas em vão por toda a cidade de Jerusalém, quando já estavam para desistir e regressar à sua pátria, encontraram no Templo o meu primo Zacarias. Este disse-lhes que, de facto, o Messias nascera em Belém. Indicou-lhes o lugar onde nos encontrávamos naquele momento e foram prontamente com os seus presentes. Depois partiram e não os voltámos a ver.

A visita dos caldeus não passou despercebida ao rei Herodes. Os seus espiões e confidentes estavam em toda a parte. E mandou-os chamar. Os sacerdotes de Ur já tinham estado com José e Maria e, de facto, confirmaram ao idumeu o nascimento do rei dos judeus. A notícia abalou o medroso e já decrépito Herodes, o Grande. Mas os Magos – possivelmente por desconhecimento – não lhe souberam dar muitas referências.

Apenas que o menino nascera de uma família que acabava de chegar a Belém para o recenseamento. O rei, astuto, despediu-os com uma boa bolsa de dinheiro, pedindo-lhes que o procurassem, para que ele também o pudesse conhecer e adorar, dado que – como disse – ele também estava convencido de que o seu reino era espiritual e não temporal ou transitório.

Mas os três sacerdotes não voltaram. Então Herodes, desconfiado, continuou a matutar naquele incómodo assunto do outro rei. Sabia que era um usurpador e que arrebatara o trono ao rei legítimo: Antígono 2. Enquanto reflectia sobre

* Embora haja dúvidas a este respeito, a cidade de Ur foi identificada como a pátria de Abraão. O Génesis (11, 31) diz que o pai do famoso patriarca Taré, emigrou para Haran saindo de Ur dos Caldeus, uma grande cidade suméria situada perto do golfo Pérsico. (N. Do M)

*2 No ano 39 a. C, Herodes, o Grande, vindo de Itália, entrou em Israel com um exército de mercenários. Durante dois anos enfrentou Antígono, o monarca

legítimo, que tinha os Judeus do seu lado. Jerusalém cairia nas suas mãos depois de dois meses e meio de assédio. Milhares de hebreus foram executados e Antígono foi enviado sob prisão para Antioquia, onde seria decapitado pelo célebre Marco António. A sua morte pôs ponto final aos cento e três anos de legítima dinastia dos Asmonianos. (N. Do M)

estas coisas chegaram novas notícias. Os seus agentes trouxeram-lhe informações do que acontecera no Templo durante a apresentação do menino. Até lhe deram parte do cântico entoado por Simeão. Herodes explodiu, qualificando os seus espiões de inúteis, por não terem localizado os pais do recém-nascido. E destacou novos agentes, encarregues da missão específica de localizar a família de Nazaré. Desta vez, Zacarias agiu providencialmente. Ao tomar conhecimento das manobras do rei avisou José e ele próprio – temendo pelo seu filho João – saiu de Jerusalém, permanecendo junto de Isabel e longe de Belém. Perante a grave ameaça de Herodes, Maria e José ocultaram o bebé em casa dos parentes que tinham em Belém. - A situação foi angustiante – comentou a Senhora, estremecendo ao recordar aqueles momentos. - Os nossos recursos esgotavam-se rapidamente e vendo o perigo que corríamos, José duvidava se devia procurar trabalho e ficarmos naquele sítio.

Um ano depois, desesperado pela busca infrutífera dos seus esbirros e suspeitando que o menino continuava oculto em Belém, Herodes ordenou o registo imediato e sistemático de todas as casas e a passagem à espada de todos os meninos varões, com menos de dois anos, que conseguissem encontrar. Por sorte, entre os que rodeavam Herodes havia alguns que acreditavam na vinda do verdadeiro libertador de Israel. Um deles conseguiu avisar Zacarias. Este avisou José, e, nessa mesma noite, o casal saiu de Belém a toda a pressa.

Em total solidão e com os recursos proporcionados por Zacarias, a família dirigiu-se para o Egipto. Concretamente, para a populosa cidade de Alexandria, onde José tinha familiares.

A matança atingiu dezasseis meninos. Era o mês de Outubro do ano 6 antes da Era Cristã. Jesus tinha então catorze meses de idade.

Alguns exegetas modernos puseram em dúvida a realidade histórica deste infanticídio. Examinando a trajectória de Herodes, o Grande, chega-se à triste conclusão de que a crueldade do usurpador era tal que esta acção encaixa perfeitamente na sua conduta habitual. Vejamos alguns exemplos que, no meu entender, justificam o que digo: a partir do ano 37 a. C, o reinado de Herodes converter-se-ia num pesadelo.

Foram executados quarenta e cinco partidários de Antígono, pertencentes às famílias mais nobres. A sua vingança não se deteve nem diante do Conselho Supremo. Numerosos anciãos e escribas foram também executados e desterrados. A sua desconfiança atingiu até a própria familia. Em Jericó, por ordem sua, foi assassinado, durante o banho o seu cunhado Aristóbulo III que na altura tinha apenas dezassete anos de idade. Depois ordenou o assassinato da sua esposa Mariamme e da sua mãe, Alexandra. Por último, tirou a vida a dois dos seus filhos.

Formou um autêntico exército de espiões e informadores, que semearam o terror, provocando um contínuo banho de sangue. No seu testamento chegou a incluir uma cláusula secreta segundo a qual – assim que morresse – milhares de dignitários de Israel deveriam ser reunidos no hipódromo e mortos à espada. Deste modo, explicava o próprio Herodes, «o pranto e o luto pela minha morte será muito maior».

Como já vimos, pouco antes da sua morte, o odiado servo idumeu" - assim era chamado pelo povo – mandou queimar vivos vários doutores da lei e os guerrilheiros (possivelmente, zelotas) que tinham assaltado o Templo, deitando por terra as águias e os escudos de Roma.

Antes de entrarmos nessa outra etapa ignorada da vida de

Jesus – a sua estada no Egipto -, quis desfazer algumas dúvidas que continuavam na minha mente.

- Não foi um anjo que avisou José em sonhos que tinha de fugir de Belém?

Maria retorquiu imediatamente:

- Sim. Um anjo chamado Zacarias o meu primo.

Mateus falhara outra vez. E tive de aceitar a repreensão da Senhora, que qualificou a minha imaginação de febril e possuída por demónios malucos.

Sorri para comigo. No fundo, a admoestação devia ser dirigida ao confiante e singular evangelista.

A segunda questão foi recebida com idêntica perplexidade.

- Uma estrela?

- De facto – insisti -, dizem que aqueles sacerdotes de Ur foram guiados por uma estrela muito brilhante.

- Ouvimos qualquer coisa, sim, mas nós não vimos nada tão extraordinário. Talvez José, se estivesse vivo, pudesse dar-te mais pormenores. Tenho muita pena.

Tive de me conformar. A história da não menos célebre estrela de Belém ficou em suspenso. Mais tarde, como já referi, na nossa exploração nas colinas a sul da Cidade Santa, essa e outras incógnitas ficariam desvendadas. Por exemplo, a sangrenta matança dos inocentes. Como foi levada a cabo? Salvaram-se mais meninos além de Jesus. Como reagiu a aldeia perante o brutal extermínio?

Mas ainda havia tantos temas por tratar.

Que aconteceu em Alexandria? Quanto tempo permaneceram na cidade egípcia? Como foram as viagens de ida e volta? Como foram aqueles primeiros anos da vida de Jesus? - O tempo urgia e concentrei as minhas perguntas na fuga para o Egipto. . .

[NOTA DO AUTOR

O destino parecia troçar novamente de mim e dos meus propósitos. Pela segunda vez, e por idênticas razões – de rigoroso carácter técnico, sou obrigado a interromper aqui a informação do Major sobre a infância e juventude do Mestre.

Espero que o resto possa ver a luz no futuro. Peço desculpa.

Prosseguirei agora até ao fim dos documentos.

* Perante tão grande mar de sangue e destruição, como duvidar da historicidade da chamada matança dos inocentes de Belém. Se alguma coisa lhe havia custado muito na vida era precisamente o trono que usurpara. De nenhuma maneira podia deixar que algum rei lho arrebatasse. E menos ainda o prometido libertador" (N. Do M)

14 DE ABRIL, SEXTA-FEIRA

Como é possível que a vida de um ser humano possa ruir em minutos? Naquela sexta-feira, 14 de Abril, tal como havíamos planeado, saí da fazenda de Lázaro e subi ao alto do monte das Oliveiras, disposto a pôr em andamento a última fase da missão em terras de Jerusalém. Ia feliz e profundamente satisfeito com a informação recolhida em Betânia. Os meus conhecimentos sobre a juventude e idade adulta do Mestre foram copiosamente enriquecidos. E a minha visão das coisas melhorou. Não há nada como a informação para entender e amar.

O nosso plano era o seguinte: nessa sexta-feira comprovação dos preparativos para o segundo lançamento da nave. Se tudo acontecesse como tínhamos imaginado, na semana seguinte sairíamos da base-mãe para voarmos até ao Norte, até ao local previamente estabelecido por Cavalo

de Tróia na Galileia. Dali passaríamos à que considerávamos a última etapa da exploração e que abrangia dois objectivos básicos – o acompanhamento das aparições de Jesus e toda uma série de comprovações em relação à sua infância e juventude em Nazaré e arredores – e outros objectivos secundários.

Mas tudo mudou em poucos segundos.

Entrei no módulo às dez horas e vinte minutos. Nunca me esquecerei. Eu tinha reparado em algo de anormal nas últimas ligações. A voz do meu companheiro soava ligeiramente apagada.

Atribuí isso ao cansaço ou, talvez, à sua demolidora solidão.

Assim que o vi e reparei no seu rosto consumido, compreendi que algo de grave estava a acontecer. Pensei mesmo que talvez tivesse desmaiado. Ao fechar a escotilha, produziu-se um silêncio violento. Não quis forçá-lo e esperei.

Parecia hesitar. Olhou para mim fixamente durante vários e intermináveis minutos e, por fim, os seus olhos ficaram húmidos. Tive de ser eu a dar o primeiro passo. Pus as mãos nos ombros dele e disse-lhe que falasse.

- O que aconteceu? Alguma coisa vai mal?. É a nave? Negou com a cabeça cada uma das minhas palavras.

- Então?.

- Estamos tramados! - explodiu.

Não compreendi o significado daquela explosão.

- Que se passa com o berço?. Fala, por amor de Deus! Eliseu enxugou as lágrimas e sentando-se diante dos comandos, digitou no computador central. Observei cada um dos seus movimentos, convencido de que durante a minha ausência, o módulo sofrera algum dano irreparável. Mas não. Não era esse o problema.

Nesse mesmo instante, no monitor, foi desfilando uma série

de dígitos esverdeados.

Concluída a operação, apontou para o ecrã, dizendo-me que fosse eu próprio a ver.

Depois de uma leitura atenta e nervosa, apenas consegui exclamar:

- Deus do céu!. Então, tu.

E, sem esperar a possível explicação de Eliseu dei meia volta, abri o armário onde os técnicos do Cavalo de Tróia

tinham aparafusado a misteriosa caixa de aço de quarenta centímetros de lado e que estava ligada ao Pai Natal. Tal como supunha, estava aberta.

E vieram-me à memória as palavras do general Curtiss: Tenho muita pena. "Isso" é material reservado. Altamente secreto Nenhum de nós dois havia esquecido a enigmática urna metálica. Mas Eliseu, morto de curiosidade, ou por um pressentimento, adiantou-se às minhas intenções, desvendando o trágico segredo.

Nunca lhe perguntei como tinha conseguido abri-la. Isso agora era o menos importante. A realidade – ao mesmo tempo triste e providencial – estava ali, diante dos meus olhos.

Compreendemos as boas intenções do general ao não nos querer revelar o conteúdo e a finalidade da caixa. De que serviria assustar-nos. O facto é que o Cavalo de Tróia, como ficou dito a seu tempo descobrira uma possível alteração no tecido nervoso, em consequência do processo de inversão de massa dos swivels. Curtiss informara-nos disso e nós aceitámos, livre e conscientemente, continuar com a missão. Apesar de tudo, os cientistas de Edwards – com a cumplicidade do chefe da operação – tinham introduzido na nave uma experiência que serviria para comprovar as suas suspeitas. Ligada directa e intimamente ao computador

central, aquela experiência – juntamente com os dados fornecidos pelos dispositivos RMN, ajustados ao nosso crânio – tinha mostrado que os receios dos especialistas eram fundados.

Dentro da caixa estavam dois tubos de plástico incombustível, cheios de drosophilas de Oregon, umas moscas pequeníssimas de três milímetros (num só grama podem entrar mil desses exemplares) e cuja composição celular – uniforme – as torna adequadas para os ensaios e estudos sobre o envelhecimento. No fundo das provetas tinham sido colocadas soluções de açúcar e levedura de cerveja com alto poder vitamínico para servir de alimento às drosophilas.

Numa espécie de teste que tinha alguma semelhança com o da geotaxis negativa, o Pai Natal tinha vindo a examinar o comportamento das moscas antes, durante e depois da inversão axial dos eixos dos swivels. Na proveta da esquerda havia cinquenta moscas velhas (de oitenta e quatro dias de idade) e na da direita, o mesmo número, mas com exemplares novos (com sete dias). Por serem constituídas, como já disse, por um único tipo de células – do mesmo modo que os neurónios -, eram ideais para se tentar compreender o que acontecia no mais íntimo dessas células. Talvez assim se pudesse descobrir o nosso mal e o hipotético remédio.

** De acordo com as teorias dos doutores Warburg, Harman e Miquel, entre outros, os estudos e as experiências com ratos e drosophilas indicam que, entre as alterações mais importantes provocadas pelo envelhecimento ao nível subcelular, figuram: inclusões intranucleares, invaginação da membrana nuclear, acumulação do pigmento lipofuscina e diminuição do número de ribossomas e mitocôndrias.*

O pigmento, que é um dos efeitos do envelhecimento mais intensamente estudado, em grande parte tem a sua origem nas mitocôndrias que, como se sabe podem sofrer uma degradação das membranas com participação das enzimas

lisossómicas. Esta desorganização estrutural, em última análise, era do que Eliseu e eu sofríamos, e é acompanhada de uma grande variedade de alterações bioquímicas, entre as quais se destacam uma diminuição da síntese de proteínas, uma tendência para a oxidação dos aminoácidos sulfurados e uma depressão da oxidação intramitocondrial dos lípidos. (N. Do M)

Evitarei explicações demasiado científicas. A questão – a gravíssima questão – era o facto de o Pai Natal ter detectado o problema, armazenando-o na sua memória. Pode ser resumido assim: durante os processos de inversão das partículas subatómicas, qualquer coisa – que não chegámos a identificar com toda a certeza – provocava uma mutação ou perda de ADN nuclear nos neurónios do nosso cérebro. O resultado era um envelhecimento generalizado, irreparável e progressivo – eu diria até galopante -, de toda a rede de neurónios 1. Por outras palavras: estávamos condenados a uma rápida degeneração fisiológica, em consequência da morte em massa dos neurónios.

De acordo com os cálculos do computador aplicáveis de certo modo ao cérebro humano, essa perda de colónias de neurónios podia ser estimada numa percentagem que andava à volta dos dez por cento anual. Isto é, considerando que o número teoricamente aceite como fronteira limite, antes de cair no envelhecimento cerebral patológico (com manifestações clínicas), é de oitenta e cinco por cento, a nossa margem de vida activa – ou relativamente activa – foi fixada pelo Pai Natal em nove anos e poucos meses 2. Isso, em última análise,

** Tínhamos registo da inactivação do ADN da mitocôndria, causa quase segura da degeneração mitocondrial e, por sua vez, do envelhecimento final. Miquel, por exemplo, nas suas experiências na NASA, havia adiantado que essa inactivação do ADN poderia ser causada – em geral – pelos produtos nocivos (radicais livres e peróxidos de lípidos) que têm*

origem na mitocôndria durante a produção de energia através da respiração celular.

Segundo esta teoria, o envelhecimento humano e animal seria uma manifestação do desgaste e uma consequência inevitável da falta de equilíbrio entre os processos desorganizadores e regeneradores nas células diferenciadas. Infelizmente, nós conhecíamos os efeitos, mas não a causa, ou as causas, dessa mutação, ainda que tudo parecesse apontar para o consumo mortal de radicais livres dos neurónios durante o processo infinitesimal de inversão de massa.

*De facto, as drosophilas jovens – com mais capacidade de consumo desse oxigénio activado – tinham morrido mais rapidamente e em mais proporção que as velhas durante o processo de inversão dos eixos dos swivels. A chave, em suma, devia estar nos radicais livres. (N. Do M) *2 De acordo com as medições de Von Economo e Koskinas, o total de neurónios de um ser humano adulto e normal atinge a quantidade astronómica de catorze mil milhões! As nossas perdas anuais, com base*

nesse número, foram calculadas em pouco menos de mil e quatrocentos milhões. Isto é, para entrar na perigosa fase de morte ou Hquase-morte, cerebral faltavam-nos apenas uns nove anos e meio. Num adulto, a partir dos vinte anos e em condições normais, essas perdas foram fixadas nuns 36.500.000 neurónios. Como qualquer especialista em anatomia humana sabe, o córtex cerebral recobre, formando uma camada de substância cinzenta, a superfície dos hemisférios cerebrais, exceptuando as partes que se mantiveram rudimentares, como é o caso da Kárea coroideia". Constitui, portanto, uma camada contínua que forra não só as partes das circunvoluções que são visíveis à superfície como também as faces laterais e o fundo dos sulcos.

A sua superfície é, portanto, consideravelmente mais

extensa do que faz pensar o aspecto exterior do cérebro. Esta superfície, avaliada por métodos planimétricos, seria, para um indivíduo adulto, de duzentos e vinte mil milímetros quadrados. (Quer dizer, um quadrado com cerca de meio metro de largura). Destes, só um terço corresponde à superfície das circunvoluções, enquanto os dois terços restantes pertencem às faces laterais e ao fundo dos sulcos. Esta espessura" do córtex varia muito de uma zona para outra: de menos de 2 a 45mm, considerando-se uma média de 25 mm. Aceitando esta média e a superfície indicada anteriormente, o seu volume" seria de cerca de quinhentos e sessenta centímetros cúbicos. Como o seu peso específico seria de 1038, teríamos um peso de cerca de 581 gramas. O córtex é formado principalmente por células nervosas e fibras que são prolongamentos destas mesmas células ou procedentes de outras que se situam noutras zonas do sistema nervoso. (nota interrompida)

era o que nos restava de vida. Agora compreendia o porquê das escamas do meu corpo, o desmaio de Eliseu e a minha fugaz perda dos sentidos em casa dos Marcos. Havia sempre a esperança – muito vaga, mas esperança, enfim – de que a ciência descobrisse um remédio para a nossa situação crítica.

(O grande cientista Miquel, do Ames Research Center da NASA, em Moffett Field, Califórnia, faria por esses anos ensaios com uma substância – o bromureto de etídio – que deu um excelente resultado com as drosophilas, prolongando-lhes a vida até vinte por cento. Mas nós, logicamente, não éramos drosophilas. Ainda) A meu pedido, o monitor ligado ao Pai Natal forneceu o mesmo balanço trágico, com a agravante de que as necessárias inversões de massa futuras poderiam provocar novas mutações.

Sábia e correctamente programado, o nosso fiel amigo, o computador, concluiu o seu veredicto com uma coisa que nós

já sabíamos: Só mantendo o consumo de oxigénio em níveis prudentemente baixos nas mitocôndrias das suas linhas germinais se poderá atenuar a perda da capacidade mitótica da célula e assim diminuir o risco de mais alterações na informação genética Isso significava sujeitarmo-nos a uma vida praticamente vegetativa.

Desanimados, caímos numa profunda prostração.

Penso que a incrível ideia sugerida por Eliseu no decorrer de tão longa e penosa noite não foi improvisada naquelas últimas horas de sexta-feira, 14 de Abril do ano 30. Deve ter nascido muito antes. - Visto que estamos marcados – explicou ele procurando a minha concordância -, porque não ir até ao fim nesta aventura

E, sem esperar pela minha opinião, abriu o coração, lamentando-se da sua má sorte naquela endiabrada missão. Ele tinha muita razão. Já mo tinha insinuado em Massada e noutras conversas no hotel de Jerusalém: não tivera a oportunidade de ver nem ouvir o Mestre. - Porquê? - perguntou-se a si próprio. - Porquê?

- Talvez na Galileia. - comentei, recordando-lhe que a exploração ainda não terminara e que faltava o acompanhamento das aparições de Jesus no lago.

O meu irmão reconheceu que tudo aquilo era possível, mas a sua ideia ia muito mais longe. E, ao expô-la – longe de a rejeitar – fui-me apaixonando por ela. O que tínhamos a perder? O rol das nossas vidas respectivas acabava de ser dramaticamente fixado em mais nove ou, com sorte, dez anos.

Vendo bem, quando voltaríamos a ter uma oportunidade como aquela?

- Nunca! Tu sabes que, se conseguirmos voltar, seremos afastados do serviço activo. Para sempre.

*(continua a nota)

O elemento nobre corresponde a células nervosas ou neurónios.

Contando o número de células existentes num quadrado de córtex de 1 mmx25 mm de espessura, os mencionados cientistas – Economo e Koskinas – estabeleceram o seu número em sessenta e três mil, que, multiplicadas pela superfície total (duzentos e vinte mil milímetros quadrados) daria a quantidade já referida de catorze mil milhões de neurónios. Destes, oito mil milhões corresponderiam a células grandes e médias e o resto a pequenas. Se colocássemos todas essas células juntas, ocupariam um volume de cerca de 204 cm, com um peso insignificante de vinte e um gramas! É assombroso que o homem pense" com um peso tão desprezível. (N. Do M)

Apesar de tudo, pedi-lhe tempo. Precisava de pensar. Tinha de avaliar os prós e os contras. Compreendeu, mas suplicou-me que tomasse uma decisão antes de o módulo levantar voo para a Galileia. Prometi.

A ideia não era outra senão ampliar, por nossa conta e risco, o tempo daquela segunda exploração, vivendo os quase quatro anos da vida pública de Jesus, passo a passo e colados ao Mestre!

É difícil descrever o entusiasmo do meu companheiro quando me vendia a sua ideia.

- Estás a ver?. Poderíamos conhecer muitos dos seus segredos. Segui-lo-íamos no deserto. Investigaríamos os milagres. Será verdade que transformou a água em vinho? Como terá escolhido os doze apóstolos? Quem era João Baptista? Porque não fez qualquer coisa para o salvar? Terá realmente caminhado sobre as águas? Já imaginaste, Jasão? É claro que sim.

Do ponto de vista técnico, a proposta era viável. Bastava manipular mais uma vez os swivels. Mas isso podia significar mais riscos para o nosso cérebro já tão castigado.

Em Massada não tinham que saber desta aventura extra. Quanto ao berço, fora apetrechado nesta viagem com elementos e equipamentos suficientes para aceitar aquele fascinante desafio. Tudo, em última análise, dependia de mim. Eliseu compreensivo, adiantou-me que no caso de uma decisão negativa, aceitá-la-ia e regressaríamos ao nosso tempo de acordo com o plano do Cavalo de Tróia. E tenho de confessar que aquelas últimas horas foram as mais difíceis da minha vida.

16 DE ABRIL, DOMINGO

Ainda que seja só por uma vez, devo felicitar-me e felicitar os meus instrutores pela preparação que me deram. Apesar do que sabíamos acerca do nosso destino, nada foi alterado no programa da operação. Ao alvorecer de sábado, 15 de Abril, ambos nos tínhamos esquecido da nossa tragédia comum e mergulhámos na complexa preparação da próxima descolagem do berço, do voo para as imediações do lago Tiberíade e da descida no novo ponto de contacto. Reprogramámos o Pai Natal e, quando tudo ficou pronto, fizemos uma última revisão exaustiva do plano da exploração propriamente dito. Assim, como se nada tivesse acontecido, vimos passar o sábado.

Pelas seis horas da manhã seguinte – dezoito minutos depois do nascer do Sol -, saí do módulo e pus-me a caminho de Jerusalém. Os dados meteorológicos colhidos na nave mudaram visivelmente. Já não estava vento de leste, agora substituído por uma suave brisa de noroeste que pressagiava frentes de tempestade não muito distantes. A temperatura no cimo do monte das Oliveiras desceu para 7 graus C. Isto, muito provavelmente, foi a causa do espesso nevoeiro que me recebeu e que avançava

velozmente, varrendo a base-mãe e o monte do sul no sentido este-sudeste. O forte calor do dia anterior tinha

aquecido o ar, tornando-o menos denso. Este trepara pelas encostas – num movimento anabático típico -, condensando-se e dando origem a tão incómoda neblina. O vale do Cédron, pelo contrário, estava limpo. Protegendo-me do frio com o meu grande manto, escolhi o caminho que levava à Porta Dourada, no muro oriental do Templo.

Atravessei o Átrio dos Gentios, ainda quase deserto, e, sem pressa, dirigi-me para a casa dos Marcos. A cidade, como todos os dias, começava a despertar para o ritmo habitual de moer o grão. Não tínhamos muitos dados sobre a segunda aparição de Jesus de Nazaré aos seus. João diz no seu Evangelho que foi oito dias depois da primeira, que ocorrera na noite do último domingo, 9 de Abril. Se o evangelista não estava enganado, essa nova presença aconteceria no primeiro dia da semana; isto é, na segunda-feira. E, por prudência, decidi apresentar-me em Jerusalém vinte e quatro horas antes. O meu plano não era complicado. Assim que entrasse em casa do meu bom amigo Elias Marcos, tentaria averiguar o paradeiro de Tomé, o discípulo desertor. Seguidamente, tentaria encontrá-lo e conversar com ele. Era o único com quem eu não conseguira ter uma conversa sobre os últimos acontecimentos. Depois, se possível antes do pôr do Sol, voltaria à cidade e esperaria pela segunda-feira.

Mas, como quase sempre, tudo sairia ao contrário.

Os meus projectos naufragaram quando assim que atravessei a porta da residência dos Marcos, vi Tomé no pátio a aquecer-se ao pé da fogueira, e devorando o pequeno-almoço. Maria, a restante família, os discípulos e, sobretudo, o benjamim da casa receberam-me com o melhor dos sorrisos. A mãe do rapaz, assim que me viu, deixou no chão o tabuleiro de madeira que levava à cabeça com massa fermentada para fazer pão, e pôs-se a observar a minha testa. A verdade é que nem eu mesmo me lembrava da pancada. Tive de lhe prometer que não me ia embora, pelo menos antes do esposo dela voltar. E, com prazer aceitei uma

tigela de madeira com leite de cabra a ferver e muita nata. Ao sentar-me diante de Tomé, procurei observá-lo dissimuladamente. Os acontecimentos agitados e frenéticos daquela longa semana – contando a minha primeira exploração – não me tinham permitido, como teria sido meu desejo, estudar a fundo cada um dos doze. Que sabia eu das suas vidas, das suas famílias, dos seus desejos e inquietações? Praticamente nada.

Só conhecendo os seres humanos os podemos comprender e amar. E Tomé, como os restantes, era um mistério. Com a sua compleição reduzida mas atlética, e pelo pouco que fui apanhando aqui e ali do seu carácter, talvez se enquadrasse no temperamento enequético descrito por Kretschmer, Mauz e Minkowska. Isto é, um homem pouco nervoso, que reagia com parcimónia aos estímulos, de falar lento e cadenciado – eu diria que era mesmo um filósofo -, com uma invulgar tendência para a perseverança. Muito trabalhador, lógico-analítico e de uma higiene pessoal que se destacava. Sirva como exemplo o facto sintomático de ser, ao contrário dos seus irmãos, o único que trazia sempre as unhas limpas e o cabelo perfeitamente penteado e atado em rabo de cavalo.

Olhou para mim várias vezes, mas nada disse. Limitou-se a baixar o seu rosto muito moreno, quase egípcio, estendendo a palma das mãos

para o reconfortante calor da lareira. Tomé não conseguira vencer a sua timidez, agravada pelo estrabismo do seu olho esquerdo.

Nem sequer tentei fazer-lhe qualquer pergunta. Não achei que fosse o momento oportuno. Parecia mergulhado em reflexões complexas. E, pensando bem, dirigi-me para o andar superior.

Lá continuava o grupo todo. O ambiente geral era muito diferente do dos dias anteriores. Havia optimismo e só se falava nos preparativos para a viagem até à Galileia. Vários

daqueles homens, em especial os irmãos Zebedeu, Simão Pedro e André, tinham os seus familiares nas povoações das margens do lago e estavam ansiosos por vê-los de novo. João fez-me mil perguntas sobre a sua mãe e David, o seu outro irmão, que eu deixara em casa de Lázaro. E aproveitei a ocasião para lhe perguntar sobre o estado de Tomé. O Zebedeu abanou a cabeça, preocupado. Era o único que continuava a resistir à ideia já aceite da ressurreição do Mestre. - Ontem, sábado – explicou-me o jovem Zebedeu -, Pedro e eu, cansados de esperar, decidimos ir à sua procura. João Marcos tinha-o visto em Betânia e para lá nos dirigimos. Por volta das nove ou nove e meia da noite demos finalmente com ele. Estava em casa de Simão, o leproso. Mas tivemos muita dificuldade em convencê-lo a regressar à cidade.

- Porquê?

- A morte do Rabi deixara-o, e ainda está, perturbado. E não faz senão repetir a mesma pergunta: Porque é que se deixou matar? Na sua angústia, segundo o pouco que conseguimos que nos dissesse, foi para o monte e lá passou a semana toda.

Assim que amanhecia, saía de casa de Simão e errava como um espírito pelas colinas que rodeiam Jerusalém. Nem sequer tomava banho.

E João acompanhou aquela afirmação com um gesto de incredulidade. Sim, devia estar realmente muito abatido para se esquecer até do seu meticuloso asseio pessoal.

. Conheço Tomé – continuou com indulgência – e sei que, no fundo, ele desejava voltar para junto de nós. Mas é tímido e certamente esperava que fôssemos nós a dar o primeiro passo e a pedir-lhe que viesse. Como fizemos. Vou dizer-te um segredo.

Pedro estava disposto a trazê-lo à força. Mas não foi preciso.

- Exactamente, porque o foram buscar? O Zebedeu olhou

para mim, espantado.

- Então tu não sabes? Estavas aqui quando Jesus se apresentou e nos disse que partíssemos para o Norte.

- Sim, claro – fingi -, não me lembrava. A viagem. E quando será a partida?

- Amanhã, ao amanhecer. Primeiro passaremos por Betânia.

Seguramente irão connosco Maria, a mãe do Mestre, e outros familiares. Quanto à minha mãe e a David, não sei que planos têm.

Eu é que podia esclarecer aquele ponto. Pelo que ouvira em Betânia, David tinha planeado ficar com Marta e Maria e, uma vez concluídos os negócios delas, acompanhá-las até Filadelfia (a actual cidade de Amã), onde se juntariam ao seu irmão Lázaro.

- E o que é que pensa Tomé sobre as aparições do Rabi? O meu jovem amigo voltou a abanar a cabeça, dando-me a entender que não havia nada a fazer.

- É teimoso e frio, e diz que tem de ver para crer.

Nessa mesma tarde, pouco antes do jantar, o céptico discípulo juntou-se aos dez e, como era de prever, enquanto devorávamos o excelente guisado de borrego com lentilhas feito por Maria, alguns apóstolos começaram a falar sobre a última presença de Jesus e a misteriosa convocação para a Galileia.

Tomé ouviu-os em silêncio mas, no fim, sem poder aguentar mais, disse-lhes que estavam loucos. A polémica aumentou outra vez e alguém mencionou as mulheres, lembrando-lhe que também elas o tinham visto. Para Tomé, aquilo foi o cúmulo. Na sua aversão ao sexo feminino

- consequência quase certa da sua timidez e do defeito na vista -, investiu com azedume contra Maria Madalena, recordando até as palavras dos profetas no Antigo Testamento:

- Essas são todas ridiculamente vaidosas, voluptuosas e perversas, como diz Isaías.

Eu não conhecia a misoginia do galileu e acompanhei a discussão entre divertido e atónito. Cheias de duplicidade, segundo Jeremias e Ezequiel, e gulosas, preguiçosas, ciumentas e quezilentas. Assim são as mulheres! - sentenciou Tomé. - Além disso, andam a escutar atrás das portas.

E, todo excitado, concluiu o seu parecer sobre as mulheres com um velho e mordaz aforismo, muito popular entre os rabis:

- Será que não conhecem o que pensou o Altíssimo, bendito seja o seu nome, quando decidiu, em má hora, criar a mulher? Escutem, ingénuos. De que parte do homem a tirarei? - interrogou-se o Omnipotente. - Da cabeça? Não, seria demasiado orgulhosa. Do olho? Não, seria demasiado curiosa. Da orelha? Também não – reflectiu Javé, bendito seja o seu nome! - escutará atrás das portas. Da boca? Seria uma tagarela. Da mão? Não, porque seria pródiga. Por fim, pegou numa parte do corpo, muito escura e muito escondida, na esperança de a fazer modesta Mas, como vêem, saiu-se mal.

Os discípulos protestaram energicamente, saindo em defesa de Maria Madalena e das outras.

Mateus Levi, um dos mais instruídos, respondeu-lhe com outro apólogo, atribuído ao rabi Gamaliel: - Um imperador disse a um sábio: O teu Deus é um ladrão: para criar a mulher precisou de roubar uma costela a Adão quando estava a dormir. Como o sábio tivesse dificuldade em responder, a filha deste tomou a palavra e ripostou: Trago uma queixa. Uns ladrões entraram em casa durante a noite, roubaram um lavatório de prata e deixaram no seu lugar um lavatório de ouro. E o imperador respondeu: Assim tivesse eu todas as noites visitas desse género! E Mateus sentenciou:

- Pois bem, foi isso que o nosso Deus fez. Tirou ao primeiro homem uma simples costela, mas, em compensação, deu-lhe

uma mulher.

Os presentes riram-se e aplaudiram entusiasticamente. Tomé, sem se perturbar, limitou-se a deixar bem claro que ele não acreditaria nessa patranha da ressurreição enquanto não visse o Mestre e não tocasse com os dedos nas feridas dos cravos.

O destino estava a ponto de pregar-lhe uma partida.

Creio que os cronómetros do módulo deviam indicar as dezoito horas, aproximadamente. Os criados dos Marcos já tinham acendido há muito tempo as lâmpadas de azeite e estávamos em pleno jantar. Desta vez, a pedido dos íntimos de Jesus, a dona da casa concordara em antecipar a última refeição daquele domingo, 16 de Abril. O grupo tinha intenção de madrugar e era lógico que tentasse recuperar as forças antes da longa viagem até à Galileia.

Mas surgiu o que ninguém podia prever.

Recordo-me de que, seguindo o meu costume, me tinha ido sentar num divã ao fundo da mesa. Tomé estava reclinado entre Pedro e Bartolomeu, no mesmo braço do U em que eu comia e conversava calmamente com João. Ainda ressoavam na sala os ecos da polémica quando, de repente, as chamas amareladas dos candeeiros oscilaram ligeiramente.

Fez-se um silêncio de morte, Instantâneo. E suponho que o mesmo calafrio que me percorreu dos pés à cabeça atingiu igualmente os outros onze. Mais do que um ficou com a colher de madeira a meio caminho entre o prato e a boca. Houve um relampejar vertiginoso dos olhares e os corações quase que pararam.

Desta vez, alertado pela dolorosa oscilação das lâmpadas, agarrei no cajado, disposto a tudo.

Não tive de esperar. Diante de mim, como que saindo do outro lado da parede, avançou uma figura alta e corpulenta, meio esfumada pela penumbra da sala. As chamas

recuperaram a verticalidade e eu, espantado, senti que o meu coração se partia em dois. O homem – porque desta vez não houve fenómenos luminosos

nem estranhos – deteve-se entre os divãs ocupados por Tiago e Mateus Levi, em frente do lugar de Tomé.

Era Ele! Trazia as suas vestes habituais: manto cor de vinho e a túnica branca imaculada. Acho que fui o único que se pôs de pé, impelido por uma descarga feroz de adrenalina. Os outros, apanhados de surpresa, nem reagiram. E, com os nervos à flor da pele, sem sequer reparar nos crótalos, liguei os dispositivos da vara de Moisés, sobretudo o squid, apontando às cegas para aquele corpo. Absolutamente humano! Foi essa, pelo menos a minha impressão. Era o mesmo Jesus que eu conhecera ainda vivo! Mas, como podia ser Ele se eu o tinha visto morto? Os meus olhos cravaram-se no seu rosto, nos seus cabelos, no seu tronco, nos seus braços, nas sandálias. Tudo era normal! Normal? Meu Deus, que loucura! Além disso, por onde tinha entrado?

E ao colocar-se diante dos discípulos, mudos e quase hipnotizados, saudou-os assim:

- A paz seja convosco.

Não havia dúvida. Era a voz dEle. E articulava as palavras como qualquer ser humano. O seu rosto estava sério.

- Esperei uma semana – continuou, movendo a cabeça por todo o comprimento da mesa e abrangendo assim a todos com o olhar

** O squid era um sistema sofisticado destinado à medição das interferências quânticas supercondutoras, capaz de registar variações mínimas de natureza magnética. Mas hei-de falar disso mais adiante. (N. Do M)*

- até que estivésseis todos juntos, para aparecer de novo e vos dar mais uma vez, a ordem de correr o mundo divulgando o evangelho do reino.

O tom era suave, Repousado. Não me apercebi de qualquer sinal de artifício nem sonoridade ou eco metálico que

pudesse trazer suspeitas sobre a origem da voz.

- Repito-vos: assim como o Pai me enviou ao mundo, eu vos envio. Do mesmo modo que revelei o Pai, vós ides espalhar o amor divino, não só com palavras, mas também com a vossa vida quotidiana. Envio-vos, não para amar as almas dos homens, mas para amar os homens. Não basta que proclameis as alegrias do céu. É preciso também demonstrar as realidades espirituais da vida divina na vossa experiência diária. Sabeis pela fé que a vida eterna é um dom de Deus. Quando tiverdes mais fé e o poder do alto (o Espírito da Verdade) tiver penetrado em vós, não ocultareis a vossa luz. Aqui, atrás das portas fechadas, dareis a conhecer a toda a Humanidade o amor e a misericórdia de Deus. Por medo, fugis agora diante de uma experiência desagradável. Mas, ao serdes baptizados pelo Espírito da Verdade, ireis felizes e contentes propagar as novas experiências da vida eterna no reino do Pai.

Por uns instantes, desviei os olhos da aparição – ou não deveria chamá-la assim? - concentrando-me, na medida em que mo permitia a minha perturbação, na activação dos ultra-sons e da teletermografia, que se mostrariam também de notável utilidade naquela primeira análise, apressada, daquele homem incrível.

- Podeis ficar aqui ou na Galileia durante um curto período

- disse-lhes Ele, baixando ligeiramente o timbre da voz. - Assim podereis refazer-vos do golpe da transição entre a falsa segurança da autoridade do tradicionalismo e a nova ordem da autoridade dos factos, da verdade e da fé nas realidades supremas da experiência viva. A vossa missão no mundo baseia-se no que eu vivi convosco: uma vida revelando a Deus e em torno da verdade de que sois filhos do Pai, como todos os homens. Esta missão concretizar-se-á na vida que levareis entre os homens, na experiência afectiva e viva do amor a todos eles, assim como eu vos amei e servi. Que a fé ilumine o mundo e a revelação da verdade abra os

olhos cegos pela tradição. Que o vosso amor destrua os preconceitos gerados pela ignorância. Ao aproximar-vos dos vossos contemporâneos com simpatia compreensiva e uma entrega desinteressada conduzi-los-eis à salvação pelo conhecimento do amor do Pai. Os Judeus exaltaram a bondade. Os Gregos, a beleza. Os Hindus, a devoção. Os antigos ascetas, o respeito. Os Romanos, a fidelidade. Mas eu peço a vida dos meus discípulos. Uma vida de amor ao serviço dos seus irmãos na carne.

Após este discurso, o Mestre fez uma breve pausa. E concentrando nos olhos de Tomé aquela mágica luz e aquela força aguda que os seus olhos continuavam a irradiar, disse-lhe sem ar de censura: - E tu, Tomé, que disseste que não acreditarias a não ser que me visses e pusesses os teus dedos nas feridas dos cravos dos meus pulsos, agora me vês e me ouves.

Olhei de soslaio para o espantado discípulo. Estava lívido.

- Apesar de não veres nenhum sinal dos cravos.

Jesus acompanhou aquelas palavras com um movimento dos braços.

Levantou-os até as palmas da mão ficarem à altura do rosto e, por efeito da gravidade – outro pormenor a ter em conta – as amplas mangas deslizaram para baixo. Os antebraços e pulsos, de facto, não apresentavam cicatrizes ou sinais das torturas sofridas. Os olhares de todos – como os de um só homem – fixaram-se nos membros superiores do Rabi, que ficou uns segundos na mesma posição. Foi desconcertante! A sua pele estava limpa, com os mesmos pêlos abundantes de antes e com as veias perfeitamente marcadas.

- pois agora vivo sob uma forma que tu também terás quando deixares este mundo – retomou o seu importante esclarecimento.

- Que dirás aos teus irmãos?

O próprio Jesus respondeu à sua pergunta:

- Reconhecerás a verdade, pois, no teu coração, já tinhas começado a crer, apesar de manifestares insistentemente a tua incredulidade. É este precisamente o momento em que as dúvidas começam a desmoronar-se. Tomé, peço-te que não percas a fé.

Crê. Sei que crerás com todo o teu coração.

Ao ver os pulsos do Mestre e ouvir estas palavras, Tomé levantou-se do divã e caiu de joelhos no soalho. E, assustado, exclamou: - Creio, meu Senhor e meu Mestre! Foi a única vez que vi Jesus sorrir. Foi um sorriso fugaz mas claro. E o homem replicou:

- Tu creste, Tomé, porque me viste e ouviste.

Bem-aventurados nos tempos vindouros.

Gelou-se-me o sangue nas veias. Jesus girou ligeiramente o rosto, fitando-me nos olhos. E repetiu: -. Bem-aventurados nos tempos vindouros os que acreditarem sem me terem visto com os olhos da carne, nem ouvido com os ouvidos humanos!

Um misto de emoção, medo e vontade de gritar inundou a minha alma, deixando-me como morto.

Concluídas estas frases históricas caminhou para a ponta da mesa em que eu estava e, ao chegar ao pé de mim voltou-se para as espantadas testemunhas. E os sistemas electrónicos da vara conseguiram examiná-lo a todo o comprimento e a toda a largura das suas costas. Então, em jeito de despedida, comunicou-lhes:

- Agora, ide todos para a Galileia. Ali vos aparecerei muito em breve.

Voltou-se novamente para mim, sorriu-me e caminhou devagar, sem pressa, para a penumbra da parede por onde o víramos entrar. E deixámos de o ver. Simplesmente, dissipou-se. E eu, com os dispositivos ligados, continuei de pé, como uma estátua, tão absorto, perplexo e confuso como os outros.

Nem sequer me apercebi da imediata e tumultuosa confusão que explodiu na sala. Claro que, ao regressar à nave e fazer a leitura do squid e dos restantes sistemas ultra-sónicos de ressonância magnética nuclear e teletermográficos, a minha surpresa foi ainda maior. Aquele corpo, entre outras características incompreensíveis, tinha duas que iam contra todos os princípios físicos estabelecidos: não tinha sangue nem aparelho digestivo.

Deus do Céu! Dai-me forças para continuar o meu relato!

Incompreensivelmente para mim, os documentos do Major terminam aqui. E como o leitor pode ver, repentinamente. Como se alguma coisa ou alguém tivesse impedido a sua continuação.

No fim da última e patética súplica – Deus do Céu! Dai-me forças para continuar o meu relato! - o meu amigo introduz umas frases enigmáticas. Eis o texto completo:

VÊ, ENVIO O MEU MENSAGEIRO DIANTE DE TI MARCOS 12

HAZOR É O SEU NOME E AS SUAS ASAS LEVAR-TE-ÃO AO GUIA MARCOS 620 O NÚMERO SECRETO DAS SUAS PENAS É O NÚMERO SECRETO DO GUIA, O QUE HÁ-DE PREPARAR O TEU CAMINHO

Ignoro, por agora, o seu significado. Mas imagino que deve ter uma estreita relação com o resto do Diário. Esse é, pelo menos, o meu desejo mais ardente. E suplico a todos os que lerem este enigma tão intrincado e conseguirem decifrá-lo, que se dignem informar-me. A minha ânsia e o meu interesse pela figura e pela mensagem de Jesus de Nazaré não começaram senão a despertar.

Com a minha gratidão.

Fim do II volume

Sobre o Autor

J. J. BENÍTEZ

é um dos mais populares escritores espanhóis da actualidade. Nascido em Setembro de 1946, em Navarra, foi jornalista antes de se dedicar à literatura. A sua primeira obra, Existió otra Humanidad, foi editada em 1975, seguindo-se, entre mais de duas dezenas de best-sellers célebres, OVNiS: SOS. A la Humanidad (com mais de 80 mil exemplares vendidos) e El Enviado (mais de 100 mil exemplares). Com Operação Cavalo de Tróiaobra que, só em Espanha, conta já com mais de 700 mil exemplares vendidos -,

J. J. Benítez aventura-se abertamente no sugestivo universo dos romances-testemunho centrados em factos que têm permanecido ocultos ou esquecidos.

Próximo volume:

Operação Cavalo de Tróia III

A continuação deste best-seller:

Revelações extraordinárias sobre a infância de Cristo.

Digitalização

Amadora, Junho de 1996

Formatação e Conversão em PDF

Edu Lopes, Maio de 2004